

**UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Biociências – RIO CLARO**

Programa de Pós-Graduação em Educação

**O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO MORAL POR MEIO DA
TÉCNICA DA DISCUSSÃO MORAL: estudo realizado com alunos do
Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Portuguesa**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação

Autor: Taciana Belluci de Araujo
Orientadora: Profa. Dra. Áurea Maria de Oliveira

Setembro – 2009

370.114 Araujo, Taciana Belluci de
A663d O desenvolvimento do raciocínio moral por meio da
técnica da discussão moral: um estudo realizado com alunos
do Ensino Fundamental na disciplina de Língua Portuguesa /
Taciana Belluci de Araujo. - Rio Claro : [s.n.], 2009
306 f. : il., tabs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Áurea Maria de Oliveira

1. Educação moral e cívica. 2. Construção do raciocínio
moral. 3. Fábulas italianas. 4. Literatura. I. Título

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

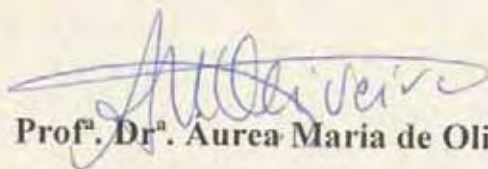
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

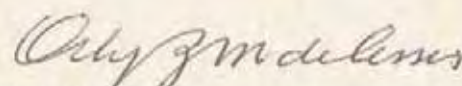
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO defendida em 03/09/2009

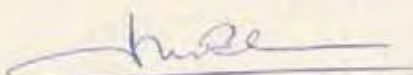
“O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO MORAL POR MEIO DA TÉCNICA DA DISCUSSÃO MORAL: Estudo realizado com alunos do Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Portuguesa”

TACIANA BELLUCI DE ARAÚJO

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof.^a. Dr.^a. Áurea Maria de Oliveira


Prof.^a. Dr.^a. Orly Zucatto Mantovani de Assis


Prof.^a. Dr.^a. Dalva Maria Bianchini Bonotto

Aos meus pais, Ricardo e Neusa, por todo o carinho e compreensão demonstrados durante a execução dessa pesquisa.

Agradecimentos

Como já dizia o filósofo Aristóteles, “jamais poderemos ser suficientemente gratos a Deus, aos nossos pais e aos nossos mestres”.

Portanto, agradeço a Deus pela força embutida na sua proteção durante todos os momentos importantes de minha vida, inclusive durante a execução desta dissertação. Sem a proteção e a força divina, não conseguiria elaborar um trabalho que tanto me proporcionou satisfação e prazer com a sua concretização.

Agradeço aos meus queridos e tão amados pais e irmã por serem tão cúmplices em todos os momentos destinados à realização desta pesquisa.

Agradeço à querida orientadora Profa. Dra. Áurea Maria de Oliveira, pela “áurea” orientação nesse trabalho e por apresentar-me e difundir tão bem a teoria construtivista do desenvolvimento moral.

Agradeço à direção e coordenação da escola em que a pesquisa foi realizada por serem tão solícitos e prestativos na execução da coleta de dados desta pesquisa.

Agradeço aos meus queridos alunos por cooperarem e se interessarem tanto por este trabalho de pesquisa.

Agradeço ao meu querido amigo e companheiro de trabalho, Flávio, por me apresentar o universo mágico das “Fábulas Italianas”, de Ítalo Calvino. Sem dúvida, a escolha dessa obra como instrumento na execução da coleta de dados dessa pesquisa cooperou para o seu êxito e riqueza cultural.

Agradeço à Secretaria do Estado da Educação pela ajuda de custo viabilizada pelo “Programa Bolsa Mestrado”, durante o período de execução da pesquisa.

Enfim, agradeço à vida por me proporcionar um momento de satisfação pessoal tão maravilhoso com o término deste trabalho de pesquisa.

Se ages contra a justiça e eu te deixo agir, então, a injustiça é minha
Mahatma Gandhi

Resumo

É visível a preocupação com um modelo de Educação que tenha como princípio a formação da cidadania. Surge, portanto, no meio escolar, a necessidade de se produzir ações que focalizem o ensino de valores morais, dentro desse contexto, uma vez que aos educadores e a todos os agentes envolvidos com a Educação é atribuída a tarefa de se educar ética e moralmente os indivíduos. E este é o interesse desta pesquisa, que apresenta uma alternativa de intervenção pedagógica que culmina na prática da discussão de dilemas morais encontrados no enredo das Fábulas Italianas, compiladas por Ítalo Calvino em 1954. Os objetivos que permearam todo o desenrolar desta pesquisa foram: identificar o nível evolutivo da noção de justiça em que se encontram os sujeitos participantes, de acordo com as teorias de Piaget e Kohlberg, em duas classes do Ensino Fundamental (uma experimental e outra de controle), dentro de uma instituição pública de ensino e verificar se o trabalho pedagógico com o enredo de algumas fábulas italianas, por meio da técnica da discussão moral, implica em uma evolução qualitativa no nível do raciocínio moral. Para tanto, os sujeitos participaram de um pré-teste que corresponde às respostas dadas aos dilemas de Kohlberg. Posteriormente, participaram da intervenção pedagógica e, por último, realizaram o pós-teste com os mesmos questionamentos aplicados no pré-teste. A análise qualitativa dos dados baseou-se nesses depoimentos fornecidos pelos sujeitos, tendo o cuidado de acompanharmos o raciocínio e a estrutura de seu pensamento, caracterizando o seu estágio de raciocínio moral antes e depois de todo o trabalho de intervenção pedagógica, relacionando-os sempre com as teorias de Piaget e Kohlberg e com a teoria da análise de conteúdo de Bardin (1977). Observou-se, ao final dessa pesquisa, que os sujeitos que participaram da Classe Experimental obtiveram uma evolução qualitativa considerável no seu nível de raciocínio moral perante os sujeitos da Classe de Controle.

Palavras-chave: desenvolvimento moral. educação moral. fábulas italianas. literatura. dilemas morais.

Abstract

It is clearly identifiable the existence of a strong concern towards the existence of an Education model that aims for citizenship development. As a consequence, the school environment holds the need for actions that focus on the teaching of moral values, considering that educators and other teaching-related agents have the difficult task of teaching their pupils both ethic and morally.

The present research attempts to introduce an alternative pedagogical intervention which results in the discussion of moral dilemmas taken from the plot of Italian Folktales, compiled by Italo Calvino in 1954. One of the objectives pursued throughout this research was: to identify the level of justice maturity of each participant according to Piaget and Kohlberg theories in two groups of Secondary school (being one the experimental group and other the control group) from a public school. The second objective was to assess the pedagogical work with the plot of some Italian folktales - through moral discussion method - as a means of qualitative evolution in the level of moral reasoning. In order to achieve this result, the participants sat for a pre-test which fits Kohlberg dilemmas' answers. Afterwards, they were involved in a data gathering process during the period of pedagogical intervention and in the end, they sat for a post-test involving the same questions previously applied in the pre-test. The datum qualitative analysis was based on the testimony provided by participants. During the analysis, the reasoning and the structure of their thinking were closely observed in order to qualify their stage of moral reasoning before and after all the work of pedagogical intervention, applying Piaget and Kohlberg theories as well as the theory of content analysis by Bardin (1977). At the end of this research, it was observed that all the experimental group participants achieved a superior moral reasoning qualitative evolution in comparison to the evolution that the control group participants had achieved.

Key words: moral development, moral education, Italian tales, literature, moral dilemmas.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO 1	10
1.1 A noção de justiça: objeto de estudo	17
1.2 A técnica da discussão moral de Blatt: situando o problema de pesquisa e os objetivos do estudo	26
2. QUADRO TEÓRICO.....	28
2.1 O desenvolvimento do juízo moral: síntese das idéias de Piaget	28
2.2 Síntese das idéias de Kohlberg sobre o raciocínio moral	34
3. METODOLOGIA	39
3.1 O método clínico piagetiano e as idéias de Kohlberg e Blatt	39
3.1.1 O método piagetiano	39
3.1.2 A metodologia de Kohlberg	40
3.1.3 A técnica da discussão moral de Blatt	42
3.2 Etapa Exploratória: estudo piloto	45
3.3 A trajetória da pesquisa	47
3.3.1 Caracterização do ambiente e a opção pelo local da pesquisa	47
3.3.2 O contato com a escola, a conversa inicial com os pais e com os sujeitos da pesquisa	49
3.4 Procedimentos Metodológicos	50
3.4.1 O pré e o pós-teste: classe experimental e de controle	50
3.4.2 A intervenção pedagógica	52
3.4.2.1 A seleção das fábulas	52
3.4.2.2 As etapas da intervenção	53
3.5 A análise dos dados	60
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	61
4.1 Pré-teste: classe experimental e de controle	61
4.1.1 Classe Experimental: análise dos depoimentos	61
4.1.2 Classe de Controle: análise dos depoimentos	77

4.2 Intervenção Pedagógica: discussão dos dados.....	88
4.2.1 Apresentação e discussão da plenária	89
4.2.1.1 Fábula 01: discussão moral	89
4.2.1.2 Fábula 02: discussão moral	96
4.2.1.3 Fábula 03: discussão moral	109
4.2.1.4 Fábula 04: discussão moral	112
4.3 O pós-teste: Classe Experimental e Classe de Controle	116
4.3.1 Classe Experimental: análise dos depoimentos	116
4.3.2 Classe Experimental: análise dos depoimentos	128
4.4 Apresentação e discussão dos dados	137
4.4.1 Pré-teste e pós-teste na Classe Experimental	137
4.4.2 Pré-teste e pós-teste na Classe de Controle	143
4.5 Dados comparativos entre os resultados obtidos no pré e no pós-teste	147
4.5.1 Classe Experimental	147
4.5.2 Classe de Controle	148
Considerações Finais	150
6. Referências Bibliográficas	152
7. Anexo 01 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	159
Anexo 02: Dilemas aplicados tanto no pós-teste quanto no pré-teste	160
Anexo 03: Respostas dos sujeitos da Classe Experimental no pré-teste	163
Anexo 04: Respostas dos sujeitos da Classe de Controle no pré-teste	190
Anexo 05: As fábulas utilizadas no trabalho de discussão moral na íntegra	210
Anexo 06: Transcrição das plenárias de discussão	215
Anexo 07: Respostas dos sujeitos da Classe Experimental no pós-teste	266
Anexo 08: Respostas dos sujeitos da Classe de Controle no pós-teste	288

CAPÍTULO 1

*A paz é fruto da justiça
Is, 32,17*

Introdução

Ao nos remetermos a uma educação de cunho moral, é impossível não nos lembrarmos que, durante muito tempo, esta se restringiu a associação de discursos que normatizavam e modelos a serem copiados, por meio da repressão e do castigo. Menin (2002, p.93) elucida essa afirmação ao explicitar que essa concepção apresentava “[...] posturas doutrinárias com as quais se acreditava que um conjunto de valores, considerados fundamentais, deve ser transmitido pronto a todos”.

Abreu & Filho (2006, p.126) contribui para a compreensão do raciocínio da autora ao ressaltar que, durante o período militar, houve foi uma tentativa de enquadrar o comportamento das pessoas dentro de um padrão social que foi constituído pelo Estado, afirmando que a disciplina de “moral e cívica foi uma doutrina elaborada, ao lado da Segurança Nacional, e fazia parte do projeto de construção de um “Brasil Grande” ou “Brasil Potência”, tal como desejavam os militares”. Nesse sentido, as reformas educacionais propostas durante este período investiram na formação de professores que viessem a perpetuar o sistema de dominação. Ou seja, os dirigentes militares desejavam a manutenção do regime ditatorial e para que os estudantes fossem adequadamente inseridos no planejamento cívico e técnico da Educação, foi necessário o investimento no processo de doutrinação do futuro profissional da educação. Nesse âmbito, as práticas morais e cívicas resumiram-se, apenas, a desfiles, ao culto aos símbolos da pátria e à constituição do Centro Cívico no interior do cenário educacional com o claro objetivo de transmitir a impressão de que existia a preocupação com uma vivência democrática. Nos bastidores, entretanto, castrou-se todas as idéias contrárias às da Segurança Nacional e muitos educadores, em função de posicionamentos ideológicos, “foram calados para sempre, outros se exilaram, recolheram-se à vida privada, ou, até mesmo, mudaram de profissão”. (ibidem, 2006, p. 129-130)

Ao findar esse período negro de nossa história e com a promulgação da Nova Carta Constitucional em 1988, apesar da resistência em relação ao termo Educação Moral, é visível a preocupação com um modelo educacional, que tenha como princípio a formação da cidadania. O Artigo 3º e o Artigo 205 da Constituição Brasileira afirmam que a Educação deve visar ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira¹ (LDB), em consonância com os artigos constitucionais, reafirmam os princípios básicos de que a Educação deve almejar, além da transmissão de conhecimentos específicos e habilidades, o processo de construção de valores morais, procurando a formação da cidadania. (OLIVEIRA, 2006, p. 20) Nesse sentido, a autora ainda completa que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados por uma equipe pedagógica do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), afirmam que o objetivo da Educação Básica deve ser a formação para a cidadania e “elegeram como princípios norteadores para a ação educativa: a dignidade da pessoa humana, a igualdade de direitos, a participação e a co-responsabilidade pela vida social”. Ou seja, os textos oficiais do Ministério da Educação e do Desporto explicitam de forma clara que o objetivo da Escola é “a formação de um cidadão crítico, capaz de participar social e politicamente na comunidade em que vive” (BRASIL, 1998, v.08, p.21, apud OLIVEIRA, 2006, p.140), transformando-a. E, ao se tornar capaz de transformá-la, torna-se capaz de “compreender e exercer seus direitos e deveres, repudiando as injustiças, respeitando a si mesmo, ao outro e a vida; adotando, em seu cotidiano, atitudes de solidariedade, fraternidade e generosidade”. (ibidem, 2006, p.141).

Torna-se necessário evidenciar que, de acordo com os documentos oficiais do MEC, a instituição escolar não pode ser a única a educar moralmente e nem deve ser considerada onipotente nesse processo. Entretanto, a Escola agrega pessoas oriundas dos mais diferentes agrupamentos familiares e sociais e, portanto, com diferentes valores, costumes e hábitos, transformando-a em um espaço no qual existem “[...] valores que podem convergir ou conflitar com os que circulam nos outros meios sociais que os indivíduos freqüentam ou a que são expostos”. E, por essa razão, “deve [...] assumir explicitamente o compromisso de educar os seus alunos dentro dos princípios morais e éticos”. (PCN Ética, 1997, p.63). O que significa que durante o Ensino Fundamental, espera-se que os alunos sejam capazes de

¹ A Lei No. 9.394/96 afirma em seu

Artigo 1º. – A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Artigo 2º. – A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Artigo 3º. – O ensino será ministrado com bases nos seguintes princípios [...] (inciso IV) respeito à liberdade e apreço à tolerância [...].

Artigo 32º. O ensino fundamental com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Inciso II) a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; (Inciso III) o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição do conhecimento e habilidades e a formação de atitudes e valores; (Inciso IV) o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

“posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas”. (BRASIL, 1998, Introdução, p.55) Para tanto, é necessária a reflexão de que “a ética e a moral dizem respeito às reflexões sobre as condutas humanas” (BRASIL, 1998, v.8, p.31) e esses temas trazem a proposta de que “a escola realize um trabalho que possibilite o desenvolvimento da autonomia moral, condição para a reflexão ética”. (BRASIL, 1998, v.8, p.32)

Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) , vinculados à Nova LDB, visam estabelecer diretrizes para o currículo do Ensino Fundamental e Médio, ao mesmo tempo em que se constituem como referência nacional, seja para a prática educacional, seja para as ações políticas no âmbito da educação. Os conteúdos a serem ensinados estão dispostos em dois grupos. Primeiramente, o das áreas de conhecimento, que são: Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira. Composto o segundo grupo estão os conteúdos organizados em temas transversais: Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural e Saúde.

Surge, portanto, a necessidade de se produzir ações que focalizem o ensino de valores morais, dentro do contexto escolar, uma vez que aos educadores e aos demais agentes da Escola é atribuída, formalmente, por meio dos documentos oficiais, a tarefa de educar moral e eticamente crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar. Dentro desse contexto, no qual a Escola se transforma em um espaço educativo comprometido com a formação da cidadania, é fundamental que o educador tenha o conhecimento necessário para que possa “encaminhar, nas diferentes áreas de conhecimento, reflexões sobre os princípios que fundamentam os valores, objetivando a construção da cidadania no espaço escolar”. (BRASIL, 2007, v.8, p.66).

A formação, entretanto, de um sujeito autônomo, enquanto meta da educação, não pode ser alcançado por uma simples transmissão verbal. É importante assinalar que o trabalho didático na perspectiva da ética e da moral não se esgota na compreensão de princípios que devem ser ensinados, ou seja, o professor deve criar um ambiente propício ao trabalho com valores morais, além do conteúdo específico de sua área, por meio da organização de situações didáticas que visem à efetivação de uma educação que priorize a construção dos princípios éticos. O ambiente escolar, por sua vez, deve transformar-se em um espaço de vivência desses princípios que fundamentam os valores morais (Delval & Enesco, 1994). Nesse sentido, o ensino da moral e da ética deve estar inserido nos conteúdos das disciplinas, em seus vários componentes curriculares, de tal forma que a Escola venha a

[...] adotar uma atitude profundamente crítica e construtiva em favor do desenvolvimento dos valores éticos fundamentais, ajudando os alunos a adquirirem uma atitude moral, de ruptura frente ao estabelecido que não nos agrada e de criação e invenção do que está para se estabelecer, com vista a um projeto de vida, individual e coletivo, mas belo e digno. (LUCINI, 1994, apud YUS, 1998, p.25)

Ou seja, o ambiente escolar deve propiciar reflexões sobre as diversas faces das condutas humanas e possibilitar o desenvolvimento da autonomia moral, com um professorado preparado e engajado nessa conquista visando à construção de uma atmosfera moral de modo que o currículo fique impregnado de valores morais (YUS, 1998). Nas palavras do autor, o educador é o elemento que deve

[...] criar um clima de confiança mútua e amenizar as condutas discrepantes, determinar as regras de conduta que facilitem a perspectiva moral, tornar responsável a classe ou o grupo, iniciar as normas morais do grupo e o conjunto de sanções, instituir um contrato e segui-lo, respeitar as normas morais de outros grupos, sem renunciar por isso às próprias. (idem, p.78)

No Brasil, algumas pesquisas tiveram como objeto de estudo investigar o nível evolutivo do julgamento moral de professores; verificar a relação entre a formação docente a transformação da prática pedagógica; analisar a concepção do conceito de autonomia no discurso do educador (LUKJANENKO, 1995; VINHA, 1997; DIAS, 2005).

Partindo do pressuposto de que o nível do julgamento moral de educadores pode influenciar as relações interindividuais estabelecidas em sala de aula, Lukjanenko (1995) entrevista, em sua dissertação de Mestrado, vinte professores do Ensino Fundamental e Médio, da cidade de Itatiba, localizada no interior de São Paulo. O trabalho dessa pesquisadora resultou na prática de entrevistas semi-estruturadas, acerca do julgamento moral. Com base no pressuposto piagetiano, a pesquisadora utilizou-se de fichas de observação e das respostas dadas pelos entrevistados. Após a coleta dos dados, foi feita uma análise qualitativa dos resultados, tendo o cuidado de acompanhar o raciocínio e a estrutura de pensamento dos sujeitos, caracterizando-os de acordo com os estágios de julgamento moral, encontrados na teoria kohlberguiana, e relacionando-os, sempre, com os pressupostos da teoria de Piaget (1932). No final de sua pesquisa, os profissionais entrevistados foram classificados em três níveis de julgamento moral, de acordo com as relações (de coação e de cooperação) estabelecidas por eles em suas salas de aula. A hipótese primeira da pesquisadora foi confirmada: os professores com um nível de julgamento moral mais elevado proporcionam

um ambiente mais cooperativo de trabalho aos seus alunos do que aqueles com um nível de julgamento moral menos elevado.

Aliar o nível de julgamento moral à prática do professor em sala de aula também foi assunto de interesse de Dias (2005). Com o intuito de analisar as concepções sobre autonomia moral de educadoras que atuam na Educação Infantil a pesquisadora analisou os depoimentos de 15 profissionais atuantes na Educação Infantil, entre elas, professoras, auxiliares e professoras orientadoras, de oito creches públicas da cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. A escolha por tais profissionais foi aleatória, porém, segundo o critério de disponibilidade dos sujeitos participantes. As participantes eram todas do sexo feminino, com idades entre 21 e 46 anos, responsáveis pela educação de crianças de cinco anos e meio, em média, e possuíam formação profissional de nível Médio ou Superior, com média de 6,8 anos de atuação profissional em unidades de educação infantil. À luz do referencial teórico construtivista sobre a educação moral e construção da autonomia, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, individuais, gravadas em fitas-cassete para uma análise posterior. Os conteúdos registrados nas entrevistas foram transcritos logo após a realização de cada uma das entrevistas. De posse dos dados, a pesquisadora procedeu a uma análise qualitativa de categorização dos dados e a uma análise de conteúdo, que seguiu os seguintes passos: ordenação dos dados recolhidos do questionário das entrevistas; classificação dos dados, a partir do entrelaçamento das questões teoricamente elaboradas; e categorização dos dados, a partir das respostas das professoras. Partindo do pressuposto de que a forma como as educadoras concebem o fenômeno de construção moral pode influenciar as suas ações educativas e, por conseqüência, as suas práticas, a pesquisadora constatou, no resultado de sua pesquisa, que, majoritariamente, as participantes expuseram concepções abstratas e individualizadas sobre autonomia e educação moral. Segundo a pesquisadora, a prática das educadoras encontrou-se formada por concepções de autonomia e de educação moral, construídas por um grupo que, por possuir um perfil específico, apropriou-se de conceitos e crenças sobre formas de educar que lhes são próprios, construídos ao longo de sua formação acadêmica e de suas práticas e procuram, nesses mesmos conceitos, a elaboração de sua prática pedagógica. Dada essa constatação, os resultados dessa pesquisa apontam para a necessidade de que seja feita, por parte de programas de formação, ou por parte das profissionais, uma reflexão sobre os fundamentos da educação moral que se pretende autônoma, considerando-se as especificidades da criança pequena.

Vinha (1997), em sua dissertação de Mestrado, desenvolveu um programa de formação de professores, com a duração de um ano, com o objetivo de aperfeiçoar este

profissional, com vistas à modificação de sua prática docente, de modo a cooperar para o desenvolvimento moral de seus alunos. Primeiramente, houve a seleção dos sujeitos que vieram a compor o quadro de participantes da sua pesquisa. Para tanto, a pesquisadora usou como critério de seleção os profissionais que já trabalhavam com o PROEPRE², um programa de formação de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. A autora elegeu como participantes de sua pesquisa os profissionais da cidade de Leme/SP, localizada próxima a Campinas, que atuassem na rede pré-escolar municipal. Para a obtenção de dados, criou-se um curso dividido em quatro módulos, totalizando 60 horas de estudo, nas quais foram abordados os seguintes tópicos: o desenvolvimento da moralidade infantil na perspectiva piagetiana; a relação professor-aluno e os procedimentos da educação moral. Além da informação teórica, o trabalho visou à realização de uma supervisão direta do trabalho desses profissionais e organizou reuniões pedagógicas, nas quais foram discutidas as relações teoria-prática pedagógica. Os resultados da mesma indicaram que os sujeitos que fizeram parte do grupo experimental da pesquisa apresentaram mudanças fundamentais na maneira de relacionar-se com seus alunos e que estes também progrediram no que diz respeito à construção da autonomia moral.

Nucci (2000), em seu artigo, discute pesquisas e teorias atuais sobre o desenvolvimento moral infantil que oferecem uma base a partir da qual se possam construir programas educacionais e afirma que é preciso entender o processo de desenvolvimento moral para que possamos construir abordagens educacionais que interajam com o crescimento sócio-moral das crianças. Dessa forma, em seu trabalho, conceitos de moralidade são estruturados a partir de concepções subjacentes de justiça e bem-estar. Porém, o autor atenta para o fato de a moralidade, muitas vezes, ser confundida com convenção social. Nesse sentido, pode-se inferir que os mundos morais dentro dos quais as pessoas conduzem suas vidas são afetados por informações e por variáveis contextuais que se inserem nas avaliações que as pessoas produzem acerca de atitudes particulares. Portanto, para o pesquisador, até mesmo os indivíduos que foram julgados dentro do referencial de Kohlberg como estando em estágios mais avançados de raciocínio moral podem ser sensíveis a pressões sociais e contextuais em sua leitura do significado moral das ações. Ao final de seu trabalho, o autor oferece sugestões

² O PROEPRE (Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental) foi um curso de extensão universitária para professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, elaborado pelo Laboratório de Psicologia Genética da UNICAMP, fundamentado na Psicologia Genética Piagetiana e no construtivismo pedagógico. O curso todo contou com uma carga horária de 240 horas-aula de teoria e prática pedagógica e 80 horas de acompanhamento em sala de aula.

de como construir esses programas, levando em conta as complexas interações entre valores morais e não-morais e que ultrapassem a mera doutrinação das crianças.

A relação entre a organização do ambiente sócio-moral e o desenvolvimento moral foi analisada por Paulino (2001) e Vinha (2003). Paulino (2001), em sua dissertação de Mestrado, selecionou, aleatoriamente, crianças de ambos os sexos, na faixa etária de 6 a 7 anos, provenientes de dois tipos de ambientes escolares: o primeiro, baseado em relações autoritárias, e o segundo, baseado em relações de cooperação. É necessário acrescentar que os professores que ministravam aulas no segundo ambiente, o baseado em relações de cooperação, tiveram, em sua formação, um embasamento teórico e prático da teoria piagetiana, devido à implantação do PROEPRE, um programa de formação continuada de professores, já supracitado nesse texto. Após a seleção dos indivíduos, foram utilizadas as provas de diagnóstico do comportamento operatório da teoria de Piaget, no intuito de verificar um paralelo entre as estruturas cognitivas e morais dos sujeitos; quatro dilemas morais, divididos em dois blocos que atenderam a dois requisitos da pesquisadora: constatar a solidariedade entre os pares e a solidariedade na presença da autoridade.

De acordo com os dados apresentados, e após um trabalho de intervenção em que a autora solicitou aos seus participantes que representassem por desenho um dos dilemas por seu critério de escolha, verificou-se que houve uma evolução na disposição dos sujeitos para ser solidário. A interpretação dos dados dessa pesquisa não pretendeu, segundo a autora da pesquisa, classificar os sujeitos em solidários ou não, mas, possibilitar que se organizem ações visando à construção de atitudes virtuosas.

Vinha (2003), em sua tese de Doutorado, buscou analisar como os estudantes de duas classes do 3º ano do Ensino Fundamental, pertencentes a escolas públicas, sendo uma delas caracterizada por um ambiente cujas relações eram autocráticas e a outra pautada por relações democráticas, resolviam seus conflitos interpessoais. Para tanto, a pesquisadora efetuou 26 sessões de observação, nas quais procurou examinar as diferenças no ambiente de ambas as classes, ou seja, na maneira como ocorriam as relações interpessoais, a forma como se deparavam com os conflitos sociais e, principalmente, como as próprias crianças lidavam com os mesmos. Para avaliar como interpretavam e resolviam os conflitos hipotéticos, foram sorteadas seis crianças de cada classe e apresentadas, para cada uma, situações-problema, envolvendo conflitos interpessoais e atividades com desenhos de manifestações de conflitos comuns na escola.

Ao final da pesquisa, apesar de os sujeitos pertencerem ao mesmo nível sócio-econômico e possuírem a mesma faixa etária, encontrou-se, na classe cujo ambiente é

autocrático, um menor desenvolvimento com relação aos níveis de entendimento interpessoal na resolução de conflitos hipotéticos e nas interações entre os pares. Estes participantes, segundo a pesquisadora, tendiam a relacionar-se de forma pouco harmoniosa, competindo sempre, entre si, e as estratégias utilizadas quando se deparavam com conflitos eram mais impulsivas, auto-centradas e pouco elaboradas. Na outra sala, de ambiente tido como democrático, pela pesquisadora, constatou-se tanto ao resolver as situações-problema propostas quanto nas interações sociais um maior desenvolvimento. Nesta sala, as relações entre as crianças eram mais harmoniosas e recíprocas, e, durante os conflitos, os sujeitos negociavam de forma mais elaborada, empregando diferentes estratégias que levavam em conta os sentimentos e os pontos de vista dos outros, demonstrando maior empenho para buscar alternativas de soluções que fossem satisfatórias para os envolvidos.

1.1 A noção de justiça: o objeto de estudo

La Taille (2000) defende a idéia de que a noção de justiça não somente participa da gênese de toda a moralidade, como também apresenta traços de caráter essenciais à construção da personalidade moral. O pesquisador, no que se refere à educação moral, vê a virtude justiça como um tema rico e sugestivo para a reflexão de crianças e adolescentes. Tal perspectiva está anunciada em toda a obra de Piaget e Kohlberg, como também, no trabalho desenvolvido por Vinha (2006). A autora vê a ação e o julgamento moral como inter-relacionados e pautados em princípios universais como a justiça. E, ainda, afirma que a construção desse conceito é favorecida por uma educação que enfatiza a reflexão, a tomada de decisão e a resolução de conflitos, a escolha autônoma e a vivência dos princípios ou valores que se pretende ensinar. O tema da justiça é, portanto, de grande interesse para estudos com crianças e adolescentes em idade escolar.

A justiça envolvendo a temática ambiental foi assunto da pesquisa de Lourenço & Kahn (2000). Esses dois pesquisadores portugueses chamam a atenção para a importância do estudo da justiça, relacionado à educação ambiental e alerta que esse tipo de educação deve estar inserido numa perspectiva teórico-construtivista. Para chegar à tal conclusão, selecionaram 120 sujeitos e os dividiram em grupos de 30, sendo 15 meninos e 15 meninas, cursando o que, no Brasil, chamamos de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. As médias de idade eram: 10 anos e cinco meses para o primeiro grupo, 13 anos e seis meses para o segundo, 16 anos e oito meses para o terceiro e 19 anos e 4 meses para o quarto grupo. Os estudantes foram recrutados em instituições públicas e particulares da cidade de Lisboa, Portugal, e provinham, na sua maioria, de famílias de classe média.

Cada participante da pesquisa foi entrevistado individualmente, por meio de um roteiro semi-estruturado, contendo 42 perguntas agrupadas em seções, enfocando a poluição das águas portuguesas, a poluição do ar, os incêndios nas florestas e a degradação da terra pelo corte sistemático de árvores na região em que viviam. Todos os temas enfocados na entrevista eram de conhecimento de todos os estudantes que viviam naquela região e passavam por vários problemas que envolviam essas questões. Segundo os autores da pesquisa, os participantes desse estudo expressaram diferentes concepções sobre como viver em harmonia e justiça com a natureza, concepções estas que vão desde uma harmonia física e concreta, baseada em atos isolados de tipo negativo ou positivo, até uma harmonia estrutural e filosófica, baseada nas idéias de totalidade, equilíbrio, proporção e composição entre as partes.

Fujisawa (2002), com o intuito de investigar o desenvolvimento da noção de justiça em crianças com base nos estudos de Piaget, selecionou 4 crianças, na faixa etária de 8 a 13 anos, sendo três do sexo feminino e uma do sexo masculino. Dois participantes freqüentavam a terceira série, um a quarta série e o último, a sétima série do Ensino Fundamental. O grau de escolaridade dos pais dessas crianças era o Nível Superior. A pesquisadora realizou uma entrevista semi-estruturada coletiva, envolvendo cinco histórias padronizadas, extraídas dos estudos de Piaget (1932), como procedimento de coleta das informações e, posteriormente, os dados foram analisados qualitativamente. Os resultados obtidos na entrevista, por meio de histórias padronizadas, evidenciaram que os participantes estão na fase de autonomia ou de cooperação, com tendência predominante à igualdade em seus julgamentos. Apesar de importante para os estudos sobre moralidade, o corpus dessa pesquisa é muito pequeno para diagnosticar que as crianças com essa mesma característica estão nessa mesma fase, com relação ao seu julgamento.

Dell'Áglio & Hutz (2001) investigaram o uso de princípios de justiça distributiva em crianças e adolescentes no Sul do Brasil. As pesquisadoras selecionaram 680 crianças, metade de cada sexo, divididas em três faixas etárias: 240 crianças de cinco a sete anos incompletos, 220 crianças de 9 a 11 anos incompletos e 220 crianças de 13 a 15 anos incompletos. Todos eram alunos de escolas públicas da rede estadual e municipal da cidade de Porto Alegre/RS e o nível sócio-econômico da amostra era médio-baixo a baixo. Para a coleta dos dados, foram construídas quatro mini-histórias em que cada uma delas representasse uma situação diferente, que envolve sempre dois personagens, meninos de uma mesma turma, que pintam alguns quadrinhos a pedido da professora. Na primeira, um dos personagens pinta quatro quadrinhos, enquanto que o outro dois, apresentando uma situação de diferença de

quantidade de trabalho realizado (maior e menor número de quadrinhos pintados). Na segunda, um dos personagens pinta dois quadros com capricho e o outro pinta a mesma quantidade de quadros, mas sem vontade, apresentando uma situação de diferença de qualidade na execução do trabalho. Na terceira história, não há diferença nem na quantidade e nem na qualidade da produção. A quarta é similar à segunda: um dos personagens pinta três quadros com capricho e o outro pinta a mesma quantidade de quadros, mas sem vontade, apresentando também uma situação de diferença de qualidade na execução do trabalho. Esta condição, por apresentar o mesmo número de quadros usados nas histórias um e três permite controlar o efeito da proporcionalidade introduzida na história dois. Cada uma delas é acompanhada de um desenho de acordo com a situação apresentada. O instrumento foi aplicado individualmente a cada participante e a mini-história selecionada era contada ao mesmo tempo em que a figura era envolvida. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Para o levantamento dos dados, foram estabelecidas categorias para classificação do princípio de justiça distributiva apresentado na primeira resposta e para as suas justificativas. Como resultado, as autoras dessa pesquisa identificaram diferenças na utilização dos princípios de justiça distributiva por faixa etária em todas as situações.

Com a intenção de investigar a injustiça racial em crianças em idade escolar, Godoy (2001) em sua pesquisa de Mestrado, procurou identificar estereótipos raciais e a possível correlação destes com o nível de julgamento moral e a noção de justiça entre crianças escolarizadas. Para tanto, escolheu 32 crianças entre 7 e 10 anos, de nível sócio-econômico menos privilegiado, brancos e não-brancos, as quais participavam de atividades específicas na tentativa de identificação de estereótipos depreciativos em relação ao próprio grupo e a outros. A pesquisadora realizou entrevistas clínicas que possibilitaram a auto-identificação e indicação de pertinência a um determinado grupo, e entrevistas para avaliação do tipo de raciocínio moral, de concepção de justiça e injustiça. A partir da apresentação das situações-problema em narrativas com conteúdos sócio-morais, algumas vezes, complementadas com figuras, foi possível analisar o tipo de raciocínio presente nos julgamentos emitidos pelos sujeitos. Foram quatro situações apresentadas: duas delas continham enredo que apresentavam estereótipos raciais e ao juízo moral foi, inicialmente, realizada separadamente para, a partir desses resultados, verificar a existência de correlação entre os mesmos.

Carbone & Menin (2004) apresentaram um relato sobre duas pesquisas que buscaram investigar como os alunos do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e particulares do município de Presidente Prudente, localizado no interior de São Paulo, representam situações de injustiça na escola, bem como seus agentes e quais são os tipos de

ações mais freqüentes que eles cometem. Nesse sentido, dois conjuntos de dados foram analisados: respostas obtidas por meio de questões abertas, incluídas num questionário aplicado a 480 alunos, no ano de 1999, em alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e da 1ª série do Ensino Médio, as quais foram selecionadas para análise, as respostas que tiveram a escola como local de injustiça. O segundo grupo a ser analisado era composto de respostas de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental e as questões tratavam de injustiça na escola. Essa amostragem foi coletada no ano de 2003. As pesquisadoras efetuaram uma análise teórica da pesquisa e utilizaram as abordagens da Psicologia do Desenvolvimento Moral de Piaget e Kohlberg na análise qualitativa dos dados.

Comparando as duas pesquisas, a de 1999 e a de 2004, conclui-se que, em nenhuma das séries, a escola aparece como uma “comunidade justa”, como propunha a teoria kohlberguiana e que prevalecem os casos de justiça retributiva e legal. Como principais agentes de injustiças aparecem, primeiramente, o professor, perante seus alunos e, em segundo lugar, os alunos, entre eles mesmos. Os alunos de escolas particulares apontaram mais o professor como agente de injustiças que os de escolas públicas. Entre estes, as injustiças entre alunos foi mais citada. Os alunos de escola pública se posicionaram contra regras escolares que se opõem às necessidades deles, com mais veemência que os de escola particular.

Cunha et all. (2004) também se interessou por essa temática. Com o objetivo de averiguar a noção de justiça retributiva entre dois grupos de alunos, que cursavam a 5ª e a 6ª série do Ensino Fundamental, mais precisamente, entre os alunos indisciplinados e disciplinados e observar nos dois grupos a prevalência dos dois tipos de sanções: expiatórias e por reciprocidade. Um dado que chama a atenção nessa pesquisa foi o fato de os autores contarem com a ajuda de 25 professores que responderam a um questionário sobre quais alunos eles consideravam disciplinados e quais consideravam indisciplinados, pedindo, também, que eles definissem esse conceito. Os alunos mais apontados por estes profissionais foram incluídos na amostra, totalizando 27 alunos considerados indisciplinados e 27 disciplinados. Durante o período de observação da pesquisa, verificou-se que os professores partem de várias categorias para definir a disciplina e a indisciplinidade dentro do contexto escolar e as categorias priorizadas foram: comportamento, aprendizagem e motivação para com os estudos. A indisciplinidade foi definida pelas suas causas. Para os alunos, houve preferência de categorias entre alunos disciplinados e indisciplinados. Quanto à atribuição de valor, a grande maioria considera que ser indisciplinado é ruim. Portanto, este conceito de indisciplinidade ainda não é um valor positivo, que exprime justiça, para os adolescentes e, também, não houve

diferença qualitativa relevante nas respostas dos sujeitos, ditos disciplinados ou indisciplinados, quanto à atribuição de uma sanção expiatória ou de uma sanção por reciprocidade.

Souza (2008), ao investigar os modelos organizadores elaborados por jovens desde uma perspectiva de gênero, numa situação de conflito interpessoal na escola, selecionou 400 jovens de 15 a 21 anos, de escolas públicas e particulares, de dois estados brasileiros: Mato Grosso (MT) e São Paulo (SP). O pesquisador solicitou que os sujeitos que participaram da amostragem de sua pesquisa respondessem, por escrito, a quatro questões sobre os sentimentos, pensamentos e sobre o dever de algumas personagens apresentadas (meninos e meninas), diante de uma situação (sofrida ou realmente presenciada) de discriminação de gênero ou de sexo (homofobia) na escola, que envolvesse justiça e injustiça. Para a análise das respostas, o pesquisador utilizou-se do referencial teórico piagetiano e, dessa forma, foi analisada a perspectiva de gênero na resolução de conflitos a partir do sexo das personagens, considerando as variáveis sexo e estado brasileiro em que viviam os participantes do estudo. O resultado da pesquisa mostrou que as representações de gênero têm papel extremamente relevante no modo como os jovens e as jovens resolvem conflitos interpessoais envolvendo a noção de justiça na escola, marcando a produção de um estereótipo nas relações sociais entre homens e mulheres no ambiente educacional.

Menin (1999) não se limitou ao estudo de justiça e injustiça dentro do ambiente escolar. Foram selecionados 20 adolescentes, de 12 a 17 anos, da cidade de Presidente Prudente/SP, que foram notificados a comparecer na promotoria pública por terem se envolvido em infrações como: furtos, uso de dinheiro falso, brigas e direção sem habilitação e que estavam todos em idade escolar variada. Com o objetivo de apresentar algumas tendências atuais de pesquisa sobre concepções de justiça, principalmente na França e que utilizam conceitos e metodologias relacionados à teoria de Piaget e Kohlberg sobre o desenvolvimento da moralidade e à teoria das representações sociais, a pesquisadora questionou os jovens da sua amostragem por diversas formas: por meio de associações livres a questões sobre atos criminosos mais frequentemente cometidos em nossa sociedade. Tais jovens foram entrevistados, individualmente, no fórum da cidade de Presidente Prudente/SP, após terem sido ouvidos pelo promotor público.

A entrevista foi estruturada num roteiro, contendo questões, na maioria abertas, que abordaram os seguintes tópicos: caracterização geral do participante: idade, escolaridade, ocupação, profissão dos pais, renda familiar, motivo da queixa no fórum ou conhecimento prévio sobre alguma instituição ligada à justiça; associações livres ligadas à palavra justiça,

lei, injustiça, juiz; questões sobre leis, sua definição, motivos para obedecê-la, sua plasticidade e situações onde pode ser correto desobedecê-las; historietas adaptadas cujo enredo envolve um conflito cognitivo-moral; avaliação de uma lista de vinte e uma infrações diversas segundo uma escala de gravidade, pontuada de zero a quatro e questões sobre identificação e definição de situações injustas, a fim de se identificar que critérios o participante utiliza e em que situações, para considerar que uma injustiça ocorreu. As primeiras análises da pesquisa apontam sugestões para próximos trabalhos na área, principalmente no sentido de serem investigadas variáveis como classe social, escolaridade e mídia, e suas influências nas representações de justiça.

Carita (2004), com o intuito de averiguar a qualidade do ambiente da aula enquanto facilitador do desenvolvimento moral dos estudantes, selecionou 202 estudantes, com níveis de escolaridade distintos, de ambos os sexos e que viviam tanto na zona urbana quanto na zona rural de Lisboa, Portugal. Para tanto, recorreu-se a duas entrevistas sendo uma delas semi-estruturada, construída com vista a recolher informações junto dos participantes sobre os processos de conflito na aula, sobre a situação que se designou real e sobre uma situação imaginada pelos estudantes. Outra entrevista procurou avaliar a competência de negociação interpessoal. Para análise das respostas de seus participantes, a pesquisadora recorreu à análise de conteúdo e a uma análise comparativa, com recurso aos tratamentos estatísticos adequados à natureza das variáveis e aos objetivos da pesquisa.

O retrato geral apresentado pelos estudantes, como resultado desse estudo sobre a natureza das relações de conflito dominantes na aula, sublinha a prevalência de soluções não produtivas, ou, na melhor das hipóteses, de soluções intermediárias. É interessante observar que se verificou certa adaptação do tipo de soluções mobilizadas e, desse modo, do tipo de relações que proporcionam o desenvolvimento moral dos estudantes.

O que é justo diante de uma situação que envolve o cumprimento de uma promessa, dizer a verdade, fidelidade à palavra empenhada e sentimento de culpa também foi assunto alvo de estudos contemporâneos acerca do desenvolvimento da moralidade. Silva (2004) investigou a influência da fidelidade à palavra empenhada entre escolares, evidenciando, entre os sujeitos participantes dessa pesquisa o que é justo e o que não é justo. Para tanto, o pesquisador selecionou 186 informantes de ambos os sexos, com idades de 6, 9 e 12 anos, de nível sócio-econômico desfavorecido, da cidade de Assis, interior de São Paulo, e que estavam matriculados no Ensino Fundamental de Escolas Públicas. Para tal feito, o pesquisador utilizou-se de dilemas morais em que os sujeitos eram obrigados a optar por um princípio, justificando, sempre, na sua resposta, o que considerava mais justo, com relação à

fidelidade à palavra empenhada. A coleta dos dados seguiu o modelo da entrevista clínica de Piaget e os dados foram analisados por meio do mesmo referencial teórico. No resultado de sua pesquisa, Silva (2004) infere que a idade e o envolvimento interpessoal dos sujeitos não interferem nos julgamentos e há o predomínio de uma visão circunscrita ao universo masculino e outra ao feminino e a maioria dos escolares optou pela ética da justiça.

Loos, Ferreira & Vasconcelos (1999) buscaram identificar possíveis diferenças na emergência do sentimento de culpa, envolvendo o que é justo e o que não é justo, em crianças provenientes de grupos distintos. Os pesquisadores selecionaram 32 crianças, na faixa etária de 6 a 12 anos, do sexo masculino, oriundas de famílias de baixa renda da cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco. Do total de sujeitos selecionados, 16 pertenciam a uma escola situada na zona norte da cidade e os outros 16, a uma instituição pública estadual que faz atendimento a crianças de ambos os sexos em situações de abandono, risco social e pessoal, na faixa etária de 0 a 10 anos, em regime provisório. As crianças foram entrevistadas uma única vez e solicitada a realizar três tarefas ligadas ao julgamento do sentimento de culpa, relacionando-o ao que é justo e ao que não é justo. Os pesquisadores utilizaram tarefas de checagem do reconhecimento de emoções, julgamento de personagem em situação de dano acidental e intencional, e relato de episódio pessoal, envolvendo culpa, além de entrevista exploratória dos modelos de moralidade com os quais convivem as crianças. No resultado da pesquisa, foram encontradas concepções distintas de culpa, classificadas nos níveis “ser apontado como culpado”, “ter culpa” e “sentir culpa”. A idade dos sujeitos determinou tais concepções, enquanto o grupo de origem não se mostrou significativamente influenciador, talvez porque os dois grupos compartilhem diversas características. A contribuição mais importante deste trabalho foi possibilitar a discussão em torno das diferentes concepções de culpa, mostradas pelas crianças e que apontam para a possibilidade de um trabalho que culmina na evolução da noção de justiça dos sujeitos participantes.

Dias et al. (1999) estudaram como era desenvolvida a noção de justiça em crianças que escolhiam entre cumprir uma promessa ou dizer a verdade em três dilemas hipotéticos, em que eram obrigados a optar pelo que seria mais justo em cada uma das situações. Os dados para esta pesquisa foram obtidos de cinco amostras de crianças, duas dos Estados Unidos e três do Brasil. A primeira amostra consistia de 65 crianças recrutadas em uma escola de Ensino Fundamental afiliada a uma universidade da cidade de Nova Iorque. Aproximadamente, metade das crianças tinha de 6 a 8 anos e a outra metade entre 10 e 12 anos. Para testar a generalidade dos dados, foram entrevistadas crianças, também, da cidade

de Recife/PE. A segunda amostra consistiu de 41 crianças, sendo 19 de 6 a 8 anos e 22 de 10 a 12 anos, recrutadas em escolas particulares de Recife/PE. Em acréscimo, 23 crianças de uma terceira amostra, morando em orfanatos de Recife, também foram individualmente entrevistadas. Cada criança recebeu três dilemas, um de cada vez. Em todos os três, uma criança fictícia deparava-se com o dilema de “o que é mais justo em cada caso, dizer a verdade ou manter a promessa”. O sexo do protagonista da história combinava com o sexo da criança entrevistada. Estas histórias foram organizadas de modo a exemplificar contextos diferentes para dilemas entre manter a promessa e dizer a verdade. Após ler a história, pedia-se à criança uma recapitulação da mesma a fim de checar sua compreensão. A criança deveria, então, escolher entre dois cursos de ação e justificar a sua escolha. Depois disso, o entrevistador introduzia um dos tipos de contra-sugestão. As crianças foram alertadas para a necessidade de sigilo sobre a tarefa realizada, pedindo-se para não falarem com outras crianças que ainda não tinham sido entrevistadas.

Devido ao fato de pouca diferença ter sido encontrada entre as duas condições de sugestão e porque esta variação não era central nessa proposta de pesquisa, apenas a condição de sugestão forte foi incluída na terceira e quarta amostras. As razões apresentadas pelas crianças para suas escolhas iniciais de verdade/promessa eram codificadas e categorizadas em categorias não mutuamente exclusivas: referência a figuras de autoridades, amizade/empatia, promessa/verdade, conseqüências sociais ao protagonista e razões não elaboradas. Foram observados dois níveis de mudança de resposta para a contra-sugestão: uma mudança total de uma escolha de verdade para promessa ou vice-versa, e uma mudança parcial de uma escolha de estar indecisa para incerteza ou para uma posição de compromisso. As descobertas com essa pesquisa concluem, ainda, que julgamentos morais refletem a interação entre os processos mentais da criança, as características do dilema e a situação social na qual o julgamento moral é expresso.

Oliveira (1994), em sua tese de doutorado, buscou demonstrar a importância de uma intervenção pedagógica no processo de construção da moralidade infantil, por intermédio da Literatura Infantil, como elemento desencadeador da reflexão moral. Para tanto, a autora selecionou crianças com idades entre seis e seis anos e nove meses, de ambos os sexos, regularmente matriculadas em uma escola municipal de educação infantil, da classe pré-escolar, do período matutino, do município de Monte Mor/SP. Foram criadas duas situações experimentais: a dramatização e a apresentação posterior das imagens gravadas em vídeo. Ao discutir, refletir e questionar a conduta das personagens, os sujeitos desta pesquisa tiveram que julgar as ações das mesmas, procurando solucionar os conflitos existentes, sem o receio

de virem a ser punidos e sem a intenção de virem a ser recompensados. A discussão foi realizada sob forma de questões semi-estruturadas, visando provocar uma reflexão, por parte do grupo, sobre os conflitos cognitivo-morais existentes em cada texto. Para tanto, foram intercalados níveis de justiça retributiva e distributiva, pertinentes a cada história. Foi feita uma análise qualitativa do julgamento do sujeito sobre um determinado valor, evidenciando o nível de justiça que este se encontra, frente a uma determinada ação infracionária e não suas decisões frente a um problema real. A autora ressalta, nos resultados de sua pesquisa, que houve progressos, entre os sujeitos, porém, dentro de um mesmo estágio e que o fato de não ter havido uma evolução no nível de justiça não significa que não houve uma evolução qualitativa no sentido de analisar, refletir e verbalizar os juízos morais

A Literatura, um dos conteúdos a ser trabalhado dentro da disciplina de Língua Portuguesa, possui muitas obras que possibilitam ao educador criar conflitos cognitivo-morais por intermédio de situações hipotéticas nas quais o educando tenha que tomar posições e confrontar a escolha de um determinado valor sobre outro, possibilitando, dessa forma, as trocas de pontos de vista entre pares, auxiliando-os a aprofundarem suas reflexões, ao mesmo tempo em que trabalham seus sentimentos e emoções, valorizando suas idéias e as dos colegas, favorecendo o escutar e o argumentar, calcado no respeito mútuo, o que irá promover o desenvolvimento da autonomia, do respeito ao próximo e às diferenças individuais.

O presente trabalho de pesquisa objetiva na Literatura um recurso pedagógico importante para a organização do trabalho com uma ação pedagógica voltada para a evolução da noção de justiça e, conseqüentemente do raciocínio moral hipotético. Isso porque é possível selecionar textos nos quais a caracterização das personagens permita o desencadear de uma reflexão moral. A seleção de textos a serem trabalhados é de extrema importância e isto não quer dizer que “deve haver o uso de textos como expediente para ensinar valores morais”. (BRASIL, 1998, v.2, p.18). O texto deve servir de instrumento para “fazer com que o aluno se posicione de maneira crítica, responsável e construtiva, nas diferentes situações, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas”. (BRASIL, 1998, v.2, p.7). Dessa forma, a utilização desse recurso pedagógico requer dinamismo e reflexão com o intuito de propiciar um ambiente adequado ao julgamento das ações das personagens, bem como a discussão sobre determinadas condutas e contextos, visando a evolução do julgamento moral (no plano do pensamento moral teórico, e não no plano da ação moral) e, conseqüentemente, a evolução de um nível de raciocínio menos elaborado para outro mais complexo e estruturado.

1.2 A técnica da discussão moral de Blatt: situando o problema de pesquisa e os objetivos do estudo

Blatt (1979), orientado por Kohlberg, em sua tese de Doutorado, em 1975, criou a técnica de discussão de dilemas morais em grupo com o intuito de buscar uma integração entre a teoria de desenvolvimento moral, elaborada por Kohlberg, à prática educativa, em sala de aula. Para tanto, o pesquisador utiliza os dilemas morais hipotéticos elaborados pelo seu orientador e os apresenta numa plenária de discussão em grupos, promovendo o confronto de opiniões entre os participantes.

Fundamentado na teoria kohlberguiana, o pesquisador justifica a utilização dessa técnica de discussão de dilemas, afirmando que o confronto de opiniões sobre as ações das personagens propicia a ocorrência de conflitos cognitivo-morais no e pelo grupo, o que exige a busca de argumentos dos participantes para justificar, questionar, discordar, posicionar, coordenar diferentes perspectivas sobre uma mesma ação moral da personagem. É essa busca para se fazer entender, implica na busca de princípios éticos que fundamentam as ações, o que significa ir mais além do que, simplesmente, identificar o nível de julgamento moral, por meio da técnica de discussão moral, a organização de um ambiente propício à evolução do nível do julgamento moral. O estudo de Blatt (1979) prescreve três pontos essenciais para este tipo de educação moral que visa à construção, por parte dos sujeitos, dos valores morais:

O desenvolvimento do julgamento moral pode corresponder a uma intervenção educacional; o desenvolvimento estimulado não é efeito temporal de aprender “respostas corretas”, e sim, como se constatou, posteriormente, é tão duradouro como o desenvolvimento natural do pensamento, e uma vez adquirido, se estende a vários outros dilemas não tratados em sala de aula; o desenvolvimento estimulado se produz quando a intervenção estabelece as condições que promovem o crescimento. (BLATT, apud KOHLBERG, POWER & HIGGINS, 1989/97, trad. nossa. p.26)

A partir da técnica da discussão moral, elaborada por Blatt, refletimos sobre a possibilidade da organização de uma ação pedagógica, na disciplina de Língua Portuguesa, com as Fábulas Italianas, compiladas por Ítalo Calvino. A opção pelas “Fábulas Italianas”, compiladas por Ítalo Calvino (2006) deve-se ao fato de estes textos apresentarem uma complexidade muito grande na construção psicológica das suas personagens, que não são nem boas e nem más, inserindo-as num contexto similar ao cotidiano das pessoas comuns, o que possibilita a operacionalização da técnica da discussão moral, visando à evolução qualitativa do raciocínio moral. Dessa forma, o problema de pesquisa proposto neste estudo é: a

discussão moral sobre os princípios que permeiam as ações das personagens, contidas nas Fábulas Italianas compiladas por Ítalo Calvino, no contexto da sala de aula, possibilita uma evolução qualitativa no raciocínio moral?

Os objetivos que permearam todo o desenrolar dessa dissertação foram, respectivamente:

- a) verificar se o trabalho pedagógico com o enredo de algumas fábulas italianas, por meio da técnica da discussão moral, implica em uma evolução qualitativa no nível do raciocínio moral.

CAPÍTULO II

2. Quadro Teórico

2.1 O desenvolvimento do juízo moral: síntese das idéias de Piaget

A forma como as pessoas adquirem respeito pelas regras sempre foi objeto de estudo para muitos pesquisadores, entre eles, psicólogos, sociólogos e filósofos. Piaget (1932, 1977, 1994) desenvolveu uma pesquisa com o objetivo de compreender o juízo moral do ponto de vista da criança, descrevendo o processo de construção da noção do respeito à regra e os dois tipos de relação social que regem esse processo, a coação e a cooperação, explicitando a influência desses conceitos no processo do desenvolvimento moral. Interessante pontuar a constatação de que o processo do desenvolvimento moral está centrado na construção da noção de justiça (assunto alvo dessa pesquisa), conceito este definido pelo autor como uma regra racional necessária para manter o equilíbrio entre as relações sociais, as quais, por sua vez, devem ser democráticas, pautadas no princípio do direito, da igualdade e da equidade. A moral, portanto, é entendida pelo pesquisador como “um sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras”. (Ibidem, 1977, p.11)

Para compreender ao certo como a criança constrói o respeito pela regra, o pesquisador elegeu o jogo de bolinhas de gude como o cenário para sua coleta de dados, porque, segundo sua perspectiva, este jogo é semelhante a uma instituição social, pois deriva de costumes e contém regras e normas que devem ser obedecidas e respeitadas por todos os jogadores. Assim como as regras sociais, as regras do jogo de bolinhas comportam variações quanto ao local e ao tempo em que o jogo é jogado e nunca houve apenas uma maneira de jogá-lo. As crianças escolhem um processo que deve ser respeitado por todos, antes de começar a jogar e, durante a sua realização, há uma série de regras especiais que podem e devem ser discutidas, de acordo com a necessidade dos parceiros, sendo que as inovações somente serão aceitas se atenderem a uma necessidade geral, após discussão e consenso do grupo.

É dentro deste contexto que Piaget (1932/77) verifica como o indivíduo apreende para si o caráter obrigatório de uma regra (tanto do jogo, quanto uma regra social) e constata que essa consciência varia de acordo com a idade e com a compreensão que a criança tem desta norma. Neste processo, o indivíduo tende a reestruturar seu raciocínio, descentralizando o seu pensamento e compreendendo que as regras são necessárias para

regular as relações sociais, as quais, por sua vez, estão atreladas à evolução qualitativa da noção de justiça.

Com a finalidade de compreender como ocorre a evolução desse processo, o autor observou o jogo de bolinhas, elaborou um histórico sobre todas as suas modalidades e variações, selecionou uma modalidade e estruturou um interrogatório sobre o como jogam (prática da regra) e porque o fazem dessa maneira (consciência da regra). Constatou a presença de estágios evolutivos referentes à prática (à maneira como as crianças de diferentes idades se adaptam e aplicam as regras), e à consciência da regra (à maneira como as crianças de diferentes idades compreendem o caráter obrigatório dessa regra). Na Prática da Regra constatou a ocorrência de 04 (quatro) estágios evolutivos: Motor e Individual (de 0 a 2 anos); Egocêntrico (de 3 a 6 anos); Cooperação (de 7 a 11/12 anos); Codificação das Regras (a partir dos 12 anos) e, no que se refere a Consciência da Regra identificou 02 níveis evolutivos Consciência da Regularidade (0 a 4 anos) e Consciência da Obrigação/Obediência (5 a 9 anos), que antecedem a Consciência da Regra (a partir dos 10 anos). É importante enfatizar que existe uma interconexão entre os níveis evolutivos da Prática e da Consciência da Regra, o que significa que tratá-los separadamente é, apenas, um recurso didático para desvelar os conceitos e os estágios evolutivos subjacentes a eles.

Quadro 01: A inter-relação entre a Prática e a Consciência da Regra

Nível de Consciência da Regra	Estágio Evolutivo da Prática da Regra
Consciência da Regularidade (abrange todo o estágio Motor e Individual (1º. Estágio) + a metade inicial do Egocentrismo (2º. Estágio))	Motor e Individual (de 0 a 2 anos)
	Egocêntrico (de 3 a 4 anos)
Consciência da Obrigação/Obediência	Egocêntrico (de 5 a 6 anos)
	Cooperação (de 7 a 9 anos)
Consciência da Regra	Cooperação (de 10 a 11/12 anos)
	Codificação das Regras (a partir dos 12 anos)

A Consciência da Regularidade (0 a 4 anos, aproximadamente) caracteriza-se pela fase mais egocêntrica da criança, em que não ocorre a diferenciação sobre o que vem do seu eu e o que vem do seu mundo social. O sujeito não percebe a si mesmo e não distingue o que lhe é interno do que lhe é externo, mesmo quando se dedica a julgar algo, o que acarreta uma obediência totalmente passiva à ordem ou à regra estabelecida por uma autoridade. Nesta fase, mesmo não sabendo distinguir o que vem do seu exterior e o que vem do seu interior, a criança está acostumada a obedecer a certas regularidades, que podem ser impostas a ela ou não, como a hora de dormir, de comer, de acordar, a alternância dos dias e das noites, etc. É a descoberta da existência dessa regularidade que faz com que a mesma evolua o seu julgamento para a obediência à regra imposta pelo adulto. É comum, nas crianças que se

encontram neste estágio, a crença na Justiça Imanente. Como elas não discernem o que é interior do que é exterior, acreditam na existência de sanções automáticas que emanam das coisas, da natureza ou de objetos inanimados, ao fazer um julgamento. Há a crença no sagrado, no divino, em que o castigo é imediato e tem a sua origem no objeto, na divindade ou na força da natureza. Esse tipo de raciocínio ocorre nos primeiros anos de vida da criança. Piaget (1932/77) acredita que a crença na Justiça Imanente seja fruto da coação adulta e afirma que esse tipo de julgamento só desaparece por meio da experiência moral, quer dizer, com a descoberta da imperfeição dos pais e/ou de algum adulto, com o sofrimento de uma injustiça, e com o próprio desenvolvimento intelectual.

Este nível de consciência abrange todo o primeiro estágio da prática da regra (motor e individual) e avança até a metade do segundo estágio (egocêntrico). No primeiro estágio evolutivo da Prática da Regra, a criança manipula o objeto em virtude de seus próprios desejos e de seus hábitos motores. Os esquemas permanecem estranhos a qualquer direção de conjunto e o jogo permanece individual, permitindo que se fale em regras motoras, mas não em regras coletivas. No segundo estágio evolutivo, o egocentrismo surge como uma conduta intermediária entre as condutas socializadas e as puramente individuais, o qual se caracteriza pelo respeito místico à regra, que é vista como sagrada, eterna, imutável. A origem da regra implica no surgimento do comportamento de imitação. Ao imitar a regra do exterior, sozinha, a criança não se preocupa com os parceiros e se os tem não se preocupa em vencê-los e muito menos em uniformizar a maneira de jogar. Joga para si e todos podem ganhar ao mesmo tempo, isto porque ganhar não significa vencer os demais, mas sim, jogar para si próprio.

A Consciência da Obrigação/Obediência (5 a 9 anos) apresenta como característica a submissão da criança à regra, imposta pelo adulto. É necessário esclarecer que o sentimento de obrigação só aparece quando a criança aceita as imposições de adultos pelos quais ela demonstra respeito. Abrange o final do segundo estágio da prática da regra (egocêntrico) e vai até a metade do terceiro estágio (cooperação). A criança pertencente a este nível evolutivo compreende as regras enquanto sagradas, intocáveis e não aceita modificações. Isso ocorre porque até os oito anos, segundo a teoria do pesquisador, a criança possui um pensamento egocêntrico, o que faz com que seu raciocínio se deforme, impedindo que haja a reflexão a partir da perspectiva do pensamento do outro. Essas características são típicas do realismo moral, fase do desenvolvimento, definida pelo autor como uma “tendência em considerar os deveres e os valores a eles relacionados como subsistentes em si, independentemente da consciência e impondo-se, obrigatoriamente, quaisquer que sejam as circunstâncias às quais o indivíduo está preso”. (PIAGET, 1977, p.97). A cooperação, nesta fase, é caracterizada pela

mistura do egocentrismo com o respeito pelo mais velho, ou seja, não se discute os princípios que regem um jogo ou uma relação social, as regras são obedecidas e acatadas porque são oriundas do mais velho.

Nessa fase, embora a noção de justiça continue a estabelecer uma relação direta com a sanção, a crença na sanção automática (Justiça Imanente) cede, aos poucos, espaço para a construção da necessidade de haver proporcionalidade entre o ato praticado e a sanção (Justiça Retributiva), a qual pode ser concebida de forma expiatória (nas crianças menores) ou por reciprocidade (nas maiores). A criança mais nova, ao atribuir uma sanção expiatória como melhor maneira de se punir (Justiça Retributiva), comprova estar na fase, denominada pelo pesquisador de realismo moral, a qual é definida como “uma tendência em considerar os deveres e os valores a eles relacionados como subsistentes em si, independentemente da consciência e impondo-se, obrigatoriamente, quaisquer que sejam as circunstâncias às quais o indivíduo está preso”. (ibidem, 1977, p.97) As crianças, ao efetuar um julgamento moral sobre as ações hipotéticas de um personagem, atribuem-lhe uma sanção expiatória e não percebem a inexistência da relação entre a punição e a infração cometida. Estes sujeitos acreditam que a única forma de se prevenir a repetição de um ato infracionário seja por meio de uma punição severa e, nesse caso, quanto mais severa a punição, melhor será a probabilidade de recorrência do ato infracionário. Este tipo julgamento ocorre porque o pensamento da criança é egocêntrico e, por essa razão, ela consegue, tão somente, avaliar apenas o resultado observável da ação infracionária e não a intenção que desencadeou o ato. Dessa forma, um garoto que quebra dez copos sem querer deve ser castigado mais severamente do que um garoto que quebra um copo de propósito.

A Consciência da Regra (nove anos em diante) define-se pela existência do respeito para com a regra, desde que construída mediante consenso mútuo. Ou seja, a criança ao obter várias informações sobre o jogo, sente a necessidade de descobrir e elaborar regras fixas e comuns aos elementos do grupo. Conforme a visão de Piaget, este fato marca o início do processo de interação da criança com o meio físico e social no qual está inserida. Abrange a metade final do terceiro estágio da Prática da Regra e absorve todo o quarto estágio. O terceiro estágio da Prática da Regra (Cooperação) distingue-se por apresentar, enquanto particularidade, a exigência de haver entre os integrantes do grupo a observação de regras comuns. O processo evolutivo do conceito de cooperação é muito interessante: surge, num primeiro momento, a compreensão de que as regras são necessárias, válidas e devem ser respeitadas no e pelo grupo, mesmo sendo desconhecida em seus pormenores. O autor, ao

explicitar as características desse estágio evidencia que no início ocorre tão somente o interesse social pelo jogo e o que é chamado de cooperação nada mais é que a mistura entre o egocentrismo com o respeito pelo mais velho. Ou seja, os princípios ou a validade dos princípios que regem o jogo, ou uma relação social, não são discutidos, pois estas regras são transmitidas e/ou imposta por alguém. Essa concepção do conceito de cooperação evolui para a compreensão de que existe uma variedade de regras, nas diferentes instituições sociais, assim como na organização dos vários grupos sociais, as quais normatizam as relações sociais e devem ser respeitadas. No caso do jogo de bolinhas, a criança conhece a variedade de regras existentes e compreende a importância de eleger uma norma, que seja conhecida e respeitada por todos os integrantes do grupo.

A partir dos 12 anos, o sujeito empenha-se no exercício de explorar o conteúdo da regra, validando-a, num primeiro momento, e, depois, transformando-a, construindo novas regras. Agora ocorre a preocupação com o princípio que rege a norma, cada detalhe é objeto de reflexão. Toda alteração e/ou mudança é fruto de uma longa discussão e de um consenso entre pares. É importante ressaltar aqui que a inovação não significa a adoção de regras que ferem o princípio do direito, da igualdade, do respeito. Piaget chama a atenção, nesse estágio, para o indício da construção do conceito de democracia em que a elaboração de um código de condutas pode ser modificado, desde que não haja inovações que possam prejudicar alguém marcando, dessa forma, o início do processo de interação da criança com o meio físico e social no qual está inserida.

Uma vez a regra elaborada pelo grupo, esta deve ser respeitada rigorosamente. As crianças pertencentes a esse estágio efetuam um julgamento pautado na intenção do elemento infrator (sanção por reciprocidade e responsabilidade subjetiva), cuja característica é a relação entre o ato infracionário e a sanção. Agora, a criança, mesmo sentindo a necessidade de punir (Justiça Retributiva), já concebe essa punição de uma forma mais elaborada e, ao atribuir sanções a um ato, costuma julgar o mesmo por meio da sanção por reciprocidade (2º nível evolutivo da Justiça Retributiva). A sanção por reciprocidade se caracteriza pela relação existente entre o ato cometido por um infrator e a sua sanção. A criança que atribui uma sanção por reciprocidade a um ato começa a ter o seu juízo pautado no que Piaget (1932/77) chama de responsabilidade subjetiva, ou seja, ela procura atribuir uma punição, quando julgar necessária, desde que haja uma relação entre a sanção e a falta cometida, o que equivale a uma evolução qualitativa do nível de justiça dentro da Justiça Retributiva.

Em seu estudo, o autor identificou seis tipos de sanções por reciprocidade na conduta de julgamento das crianças: a exclusão momentânea ou definitiva do grupo social; a

conseqüência direta e/ou material do ato; a privação do culpado de uma coisa da qual abusa; fazer ao outro exatamente o que ele fez; a restituição e, por fim, a simples repreensão.

Piaget continua sua argumentação explicitando que a partir dos 11/ 12 anos de idade o sujeito consegue analisar a situação particular de cada um e o julgamento da ação do outro se pauta, agora, no princípio do direito e da igualdade (Justiça Distributiva). E, afirma que a evolução qualitativa da noção de justiça está diretamente relacionada com a construção e a evolução do conceito de igualdade, a saber:

- a) Igualdade enquanto ausência de conflito com a autoridade: a justiça, nesse caso, é vista como lei e o conceito de direito é concebido enquanto direito de obedecer, direito de ser punido porque foi desobedecida à autoridade;
- b) Igualdade enquanto respeito à autoridade: ser justo, às vezes, não condiz com ser obediente, entretanto, o sujeito que vê a igualdade enquanto respeito à autoridade, acredita que a obediência deve prevalecer sobre o direito;
- c) Igualdade enquanto direito: nesse caso, o direito perpassa sobre a obediência e o sujeito já consegue diferenciar o que é ser justo do que é ser obediente. Alguns sujeitos que têm essa percepção preferem acatar a obediência por uma questão apenas de gentileza.

Quando o autor explicita a relação entre a evolução do conceito de igualdade e a noção evolutiva do conceito de justiça, é possível inferir que é a partir dos estágios mais complexos da prática e da consciência da regra que o sujeito torna-se capaz de perceber o outro. Isso ocorre porque houve uma evolução do egocentrismo para a cooperação, em que o diálogo, a argumentação, a capacidade de colocar-se no lugar do outro são fatores determinantes para a evolução da heteronomia para a autonomia. Dessa forma, os níveis evolutivos do conceito de igualdade implicam nos níveis evolutivos do que Piaget (1932/77) chama de Justiça Distributiva.

A partir daí, para o pesquisador, o sujeito já consegue analisar a situação particular de cada um e, para ele, a lei não é igual para todos, porque compreende que são necessárias as circunstâncias que cooperaram ou não para que ocorresse a infração. E, de acordo com esse embasamento de juízo, muitas vezes, o sujeito prescreve que não há a necessidade de uma punição para determinados atos. Quando o punido deve ser o próprio sujeito, por exemplo, ele mesmo se submete a uma autopunição, a uma não-aceitação própria, quando pratica uma ação que não culmina em um bem. Isso acontece porque ao enxergar o outro, ao colocar-se do lugar deste, o sujeito se sente incomodado por fazê-lo mal ou fazê-lo

sofrer. As decisões desse indivíduo estão sempre pautadas na cooperação e o sujeito enxerga, no princípio do direito, que o outro é um sujeito portador dos mesmos direitos que ele mesmo.

A conclusão a que se chega diante da teoria piagetiana acerca do desenvolvimento da moralidade é que é só a partir dos estágios mais complexos, tanto da prática, quanto da consciência da regra, que o sujeito vai reestruturando o seu raciocínio, descentralizando seu pensamento e compreendendo que as regras são necessárias para regular as interações sociais. O conhecimento e o respeito à regra são fundamentais para o desenvolvimento do julgamento dos sujeitos. E é importante ressaltar que esse desenvolvimento não pode ser compartimentalizado, ou seja, é no conjunto dos estágios que ocorre a evolução da noção de justiça.

2.2. Síntese das idéias de Kohlberg sobre o raciocínio moral

Por representar uma inovação no campo do pensamento sobre o desenvolvimento moral, o trabalho de Piaget (1932/77) serviu como base para várias pesquisas sobre este tema. A continuidade de seu trabalho deu-se, principalmente, pelo pesquisador norte-americano Lawrence Kohlberg (1929 – 1987), que, completando o trabalho do primeiro, descreve uma seqüência de níveis na evolução do juízo moral desde a pré-adolescência até a idade adulta. O pesquisador procurou, em seus estudos, analisar como as pessoas utilizavam os mecanismos da razão para elaborar um posicionamento diante de problemas ou assuntos morais e, ainda, se havia ou não avanços qualitativos, de acordo com a idade, na maneira como os sujeitos raciocinavam acerca desses problemas. Para tais constatações, o autor elaborou dilemas morais hipotéticos, cujo enredo contemplava o conflito entre dois princípios éticos. O participante da pesquisa deveria, obrigatoriamente, optar por um dos princípios, ao efetuar o julgamento moral e, naturalmente, justificar sua escolha. A argumentação, as razões pelas quais os sujeitos optavam por A ou B, foram objetos de investigação, cujo conteúdo possibilitou a identificação do nível do raciocínio moral empregado pelo indivíduo.

Torna-se necessário enfatizar que Kohlberg sempre afirmou que, o sujeito não incorpora, passivamente, os valores da sua cultura, ele pode transcendê-la por meio do raciocínio e que, sem dúvida, muitos fatores influenciam sobre a decisão do mesmo. Fatores emocionais, sociais e práticos, tudo deve ser considerado. O que significa que o objeto de análise do discurso do sujeito foi a estrutura de raciocínio utilizada pelo sujeito (forma) e não o conteúdo de suas argumentações (HERSH, 2002)

Na teoria kohlberguiana, foram identificados estágios pelos quais os indivíduos passam para adquirir a maturidade de raciocínio moral. Os estágios implicam diferenças qualitativas no modo de pensar. Duas pessoas que se encontram em estágios distintos podem compartilhar um valor parecido, mas o seu modo de pensar sobre esse valor é que o vai distinguir em sua qualidade. Cada estágio forma um todo estruturado. A partir do crescimento de um sujeito, o mesmo não apenas modifica suas respostas, ele reestrutura todo seu modo de pensar sobre temas, tais como a causalidade, perspectiva e conservação. De modo parecido, no campo moral, uma troca de etapa implica numa reestruturação de como um pensa sobre toda uma série de temas morais.

Os estágios formam uma seqüência variante. Uma criança não pode alcançar um estágio mais elevado de pensamento sem passar pelos estágios mais primitivos, sendo estas integrações hierárquicas, quer dizer, quando o pensamento de uma pessoa se desenvolve de um estágio a outro, o nível mais alto reintegra as estruturas que se encontram nos níveis mais baixos. (HERSH, 2002)

Kohlberg identificou três níveis de moralidade e seis estágios evolutivos: nível pré-convencional (estágio 1 e 2), convencional (estágio 3 e 4) e pós-convencional (estágio 5 e 6).

O Nível Pré-Convencional caracteriza-se como o nível mais elementar com relação à noção de justiça, pois as pessoas inseridas nesse nível de julgamento “não compreendem realmente, ainda, as regras e expectativas convencionais ou sociais, e nem as defende” (KOHLBERG, 1989, p. 73, tradução nossa). A moralidade, para estes indivíduos, está governada por regras externas e tudo que pode acarretar um castigo ou uma punição, é moralmente errado. Segundo Kohlberg (1989), dentro desse nível, encontramos as crianças com menos de nove anos, alguns adolescentes e maioria dos criminosos (adolescentes e adultos). Quanto à relação entre o eu e as expectativas perante a sociedade, o sujeito que possui um raciocínio moral pertencente a esse nível entende as regras e as expectativas sociais como algo externo a ele mesmo. (ibidem, 1989) A esse nível, correspondem os seguintes estágios evolutivos: Estágio 1 (Orientação para a punição e obediência / Moralidade heterônoma) e Estágio 2 (Hedonismo instrumental relativista)

Os indivíduos que se encontram no Estágio 1 têm dificuldades para considerar dois pontos de vista para julgar um assunto moral. Eles não conseguem conceber as diferenças de interesses quando julgam, e aceitam, sempre, a perspectiva da autoridade, considerando, as conseqüências físicas de uma ação, sem ter em conta a intenção do sujeito que praticou a mesma. O ponto de vista desse indivíduo é egocêntrico e ele acredita que a ordem social deve

ser concebida em termos de força, do poder da autoridade e do medo da punição. Dentro desse estágio, estão os indivíduos, os quais, segundo Piaget (1932/77), apresentam características do realismo moral, ou seja, o julgamento moral hipotético pauta-se pela responsabilidade objetiva. Dessa forma, o ponto de vista desse sujeito é extremamente egocêntrico, pois não consegue considerar os interesses dos outros nem reconhece que, muitas vezes, o interesse do outro pode se diferenciar do seu, “havendo uma grande confusão entre a perspectiva de uma autoridade e a perspectiva do próprio sujeito”. (ibidem, 1989, p. 80)

O estágio 2 caracteriza-se pelo fato de os sujeitos admitirem que cada um tem o seu modo de pensar e, conseqüentemente, são portadores dos mesmos direitos. Entretanto, a ação correta é a que satisfaz as próprias necessidades. O sujeito, dentro desse estágio, concebe a cooperação enquanto uma divisão de tarefas (cada um faz a sua parte) e a reciprocidade, nesse caso, é entendida como uma “moeda de troca”: se faço algo por você, você o deve fazer por mim. Para este sujeito, o correto é “satisfazer as próprias necessidades ou interesses num mundo em que é necessário convencer que outras pessoas também são dotadas de seus próprios interesses”. (KOHLBERG, 1989, p.80) O sujeito que se encontra no estágio 2 é consciente de que todos têm interesses próprios e que estes podem não estar, muitas vezes, em comunhão com o seu, porque o bem é relativo, num sentido individualista concreto. (ibidem, 1989)

No nível Convencional, encontra-se a maioria dos adolescentes e adultos de nove a 20 anos. (KOHLBERG, 1989). A base da moralidade, para estes sujeitos é a conformidade com as normas sociais, para que haja a manutenção da ordem, o que é visto como algo muito importante. A ação moral correta encontra-se no comportamento que está de acordo com a norma social e que é bem visto pelas outras pessoas, pois há a pressão do social sobre esta pessoa. Quanto à relação entre o eu que se encontra neste estágio e a sociedade, o primeiro se identifica com as regras e as expectativas dos outros, especialmente das autoridades e, até mesmo, as interioriza. (KOHLBERG, 1989) Neste nível estão inseridos os seguintes estágios:

Estágio 3 (Moralidade do bom garoto, de aprovação social e de relações interpessoais) e Estágio 4 (Orientação para a lei e para a Ordem).

O estágio 3 caracteriza-se pela “necessidade de ser uma boa pessoa aos próprios olhos e aos olhos dos demais”. (KOHLBERG, 1989, p.80) Há a busca por uma conduta estereotipada, em que as intenções e a aprovação dos demais são muito importantes. Nesse caso, ser bom é manter relações de confiança, respeito e, principalmente, gratidão. Este sujeito possui a capacidade de assumir o papel das pessoas com as quais tem mais ligação,

entretanto, ao tentar resolver um conflito utiliza sempre a lei de Talião: “olho por olho, dente por dente”. Estar bem, para este sujeito “é viver de acordo com o que esperam as pessoas próximas, como um filho, irmão, amigo”. (ibidem, 1989, p.80) Ser bom é importante e significa preocupar-se com os demais e manter relações mútuas de confiança, lealdade, respeito e gratidão. Este sujeito tem necessidade de ser uma boa pessoa aos próprios olhos e aos olhos dos demais, é um indivíduo consciente dos sentimentos, dos acordos e expectativas comuns, que já prevalecem sobre os seus interesses individuais, é capaz de relacionar pontos de vista diferentes, colocando-se no lugar do outro, mas ainda não considera uma perspectiva generalizada de um sistema social. (ibidem, 1989)

O estágio 4, por sua vez, destaca-se pela compreensão de outras perspectivas, além da sua, e a conduta correta consiste em realizar o próprio dever, mostrando, sempre, respeito pela autoridade e pela ordem social, que foi estabelecida para o bem de todos. A justiça, no julgamento dos sujeitos que se encontram nesse estágio, não é mais uma questão de relações entre indivíduos e sim de uma relação do indivíduo com o sistema, deixando de ser, assim, uma questão de escolha pessoal moral. O sujeito, nesse estágio, considera a si mesmo e aos outros como parte de um sistema social mais amplo, em que as pessoas devem cumprir com seus deveres e com suas obrigações de modo que fique preservada a ordem social vigente. O indivíduo desse estágio, segundo Kohlberg (1989), procura cumprir com os deveres com os quais ele mesmo está de acordo, defende as leis, a menos que estas entrem em conflito com outros interesses sociais estabelecidos, devendo haver sempre a contribuição do sujeito para com a sociedade, o grupo e as instituições. O sujeito, dentro desse estágio, “adota o ponto de vista do sistema que define as regras e considera as relações individuais em função de seu lugar perante a sociedade”. (KOHLBERG, 1989, p. 81, tradução nossa)

O nível Pós-Convencional é o último e mais evoluído nível de julgamento, segundo a teoria kohlberguiana. Porém, este nível de julgamento “é alcançado por uma minoria de adultos, e, em geral, só depois de completar os vinte anos de idade”. (KOHLBERG, 1989, p.73, tradução nossa) Os indivíduos que se encontram nesse estágio entendem e aceitam as regras da sociedade, mas essa aceitação se baseia na formulação e aceitação dos princípios morais que sustentam essas regras. Por outro lado, na maioria das vezes, esses princípios conflitam com as regras da sociedade e, nesse caso, os indivíduos passam a julgar de acordo com os seus princípios de consciência e não pelo que é convencional. A moralidade, nesse caso, é determinada por princípios e valores universais, o que permite que estes sujeitos examinem criticamente a moral da nossa sociedade. Quanto à relação entre o eu e a sociedade, este sujeito diferencia o que é do seu eu e o que vem das

expectativas dos outros e define seus próprios valores em função de princípios escolhidos por ele mesmo, sem pressão da autoridade e das regras a qual está envolto. (ibidem, 1989) A perspectiva de julgamento pós-convencional “é a perspectiva de um sujeito que tem um compromisso moral ou respeita as normas em que se deve basear uma sociedade boa e justa”. (ibidem, 1989, p.75, tradução nossa) A este nível, correspondem dois estágios: Estágio 5 (A Orientação para o Contrato Social) e Estágio 6 (Princípios Universais de Consciência).

Para o sujeito que se encontra no estágio 5, a ação correta é definida em termos de direitos gerais e a lei é, tão somente, o instrumento para o aprofundamento de seus valores morais, que podem e devem ser transformados, no decorrer da vida, de acordo com a necessidade da vida em sociedade. O indivíduo pertencente a este estágio é capaz de fazer o esboço de um projeto sobre uma sociedade ideal onde a obediência à lei é vista como parte de um contrato entre o cidadão e a sociedade, prevalecendo sempre o direito, os deveres, a responsabilidade, a igualdade e a justiça. Este sujeito é consciente de que as pessoas têm diversos valores e opiniões e que a maioria dos valores e das regras são relativos ao próprio grupo, as quais devem ser respeitadas, sem dúvida, em benefício de uma imparcialidade, porque fazem parte de um contrato social. Entretanto, alguns valores e direitos não relativos, como, por exemplo, o direito à vida e à liberdade de expressão, será defendido em qualquer sociedade. (KOHLBERG, 1989) A perspectiva desse indivíduo vai além da perspectiva da sociedade. (ibidem, 1989, p.81, tradução nossa), pois este indivíduo demonstra-se consciente dos valores e dos direitos que se fizeram presentes anteriormente aos laços sociais, integra as perspectivas mediante mecanismos formais de acordo, contrato de imparcialidade objetiva, considera os pontos de vista morais e legais. (ibidem, 1989)

No estágio 6, o raciocínio moral atinge o seu ápice. O sujeito segue princípios éticos escolhidos por ele mesmo, as leis e os acordos sociais particulares são, normalmente, válidos porque se baseiam em tais princípios. (KOHLBERG, 1989) O sujeito, que se insere neste estágio, ao julgar um ato, acredita na validade dos princípios éticos universais e defende que é somente a partir desses princípios que derivam os acordos sociais. A ação correta, para o sujeito desse estágio, se baseia nos princípios éticos, os quais são construídos por ele mesmo e, nesse caso, o respeito às leis e aos acordos sociais são válidos porque estão apoiados em princípios universais que refletem justiça, igualdade de direitos de todos e o respeito pela dignidade do indivíduo. A moral, nesse caso, pauta-se na equidade e na reciprocidade (distribuição dos direitos e deveres) e a obrigação moral é baseada em termos de justiça.

CAPÍTULO III

3. Metodologia

3.1 O método clínico piagetiano e as contribuições de Kohlberg e Blatt

3.1.1 O método piagetiano

Quanto à origem da expressão “método clínico”, Delval (2002, p.54) explica:

A expressão método clínico foi usada pela primeira vez em 1896, por L. Witmer, psicólogo norte-americano, que foi aluno de Wilhem Wundt. O método clínico servia para prevenir e tratar anomalias mentais de indivíduos, entre elas crianças com dificuldades escolares normais [...]. Na medicina, a clínica constituiu-se em ramo das ciências médicas que compreende outras disciplinas, com a finalidade prática para estudar um organismo doente e poder devolvê-lo ao seu estado normal. Mas no caso da psicologia normal e do estudo do pensamento das crianças, foi Piaget quem introduziu o método clínico, dando-lhe um significado muito distinto que só guarda uma semelhança distante com suas origens.

Piaget, ao apropriar-se desse método para a construção de sua metodologia de pesquisa, fixou-se na análise das justificativas elaboradas pelos sujeitos participantes do estudo e continua sua argumentação, explicitando que o método clínico piagetiano consiste, basicamente, em conversar com as crianças para tentar apreender qual o encaminhamento do raciocínio dos seus pensamentos. Em outras palavras, constitui-se em um procedimento de entrevistas, com coleta e análise de dados, em que se acompanha o pensamento do sujeito, com uma intervenção sistemática, elaborando sempre novas perguntas, a partir das respostas dadas, avaliando sempre a qualidade e a abrangência dessas respostas, transformando-o em um instrumento de avaliação dinâmico, interessante, revelador, criativo e reflexivo, tanto para o entrevistador, quanto para o entrevistado. Ou seja, o método caracteriza-se pela “intervenção constante do experimentador em resposta à atuação do sujeito, com a finalidade de descobrir os caminhos que segue o seu pensamento, dos quais o mesmo não tem consciência e que, portanto, não pode tornar explícitos de maneira voluntária” (DELVAL, 2002, p. 53).

Piaget dedicou um tempo de suas pesquisas a um profundo estudo sobre o julgamento da moralidade infantil e esse trabalho tornou-se um marco referencial na história da reflexão humana sobre esse assunto. Neste estudo, o pesquisador observava crianças em seus comportamentos e atitudes com relação às regras do jogo de bolinha de gude, entre meninos. Todo o interrogatório feito por Piaget em “O julgamento moral na criança” (1932) buscou responder a duas questões mais específicas: 1º) Como os indivíduos se adaptam pouco a pouco às regras do jogo e como observam essas regras em função de sua idade e de seu

desenvolvimento mental? 2º) Que consciência as crianças tomam da regra, isto é, que tipos de obrigação essa consciência resulta para elas, sempre de acordo com as idades e com o domínio progressivo da regra? (PIAGET, 1932/77)

Na primeira parte do interrogatório, perguntou aos mesmos como era o jogo de bolinhas, quem ensinou, quais eram as regras do jogo e solicitou que o ensinassem a jogar. A seguir, com o objetivo de identificar como os participantes apreendiam o caráter obrigatório da regra do jogo, iniciou o questionamento sobre a possibilidade de inventar uma nova regra, assegurando-se que a mesma fosse realmente nova, e não apenas desconhecida pelos participantes. As respostas variaram de acordo com a idade do sujeito: os mais novos não consideraram a possibilidade de mudança e os mais velhos afirmaram que é possível desde que a regra “não seja imoral”. Diante desses dois grupos de respostas, desencadeou-se todo um diálogo com o objetivo de explicitar, no raciocínio dos mesmos, quais os motivos invocados para a aceitação ou não dessa nova regra.

Ao final desse primeiro momento de coleta e análise dos dados, o pesquisador identificou a existência de estágios evolutivos na Prática e na Consciência da Regra, estágios estes que subsidiaram todos os outros momentos da pesquisa relacionados com o como o sujeito compreende a regra social e moral, como concebe o conceito de respeito, autoridade, obediência, justiça apresentando agora, não uma situação real, mas, trabalhando com histórias hipotéticas nas quais existiam conflitos na relação adulto-criança e criança-criança e, ainda, histórias em que ao invés do conflito explícito nas interações sociais, havia apenas uma distorção da realidade.

Esses dilemas foram submetidos aos participantes da pesquisa, dois a dois, e no final perguntava-se: o que fariam? A ação foi justa ou injusta? Como puniriam o elemento infrator? A partir da resposta dada, engendrava-se uma nova questão com o objetivo de desvelar o como as crianças compreendiam o conceito de respeito, autoridade, obediência, cooperação, justiça, direito, igualdade.

3.1.2 A metodologia de Kohlberg

Ao coletar os dados para sua pesquisa, Kohlberg adaptou o método piagetiano, sob forma de entrevista semi-estruturada. O pesquisador elaborou dilemas morais hipotéticos, os quais foram apresentados a uma população de adolescentes e adultos e, a partir do conflito cognitivo-moral existente nos vários dilemas, o participante teria que optar pela permanência de um dos princípios éticos subjacentes ao dilema. A opção envolve, necessariamente, uma

justificativa e, ao analisar o conteúdo contido nas justificativas, Kohlberg identificou a existência de estágios evolutivos no raciocínio moral, vistos no capítulo II desta dissertação.

A teoria de Kohlberg é estrutural e hierárquica e os estágios refletem a maneira sobre a qual o sujeito efetua o julgamento da ação, o que não significa que agiria ou não da mesma forma em situação semelhante. Nesse caso, não há uma preocupação com o comportamento moral do sujeito, mas, sim, com a análise sobre a forma como o sujeito raciocinou acerca de uma resposta dada. Nesse sentido, uma pessoa pode ser classificada em qualquer um dos estágios, tanto dizendo que roubar um remédio para salvar uma vida é certo, ou dizendo que é errado. O importante é o raciocínio para se chegar a esse julgamento. Dessa forma, explicita-se a importância dada às justificativas emitidas às respostas das perguntas contidas nos questionários semi-estruturados de Kohlberg.

Para tanto, em seus últimos estudos, o autor considerou uma combinação de dois métodos para avaliar as respostas dos indivíduos na sua pesquisa: o psicométrico, que é uma técnica que envolve testes objetivos que levam a um resultado numérico e o hermenêutico, que visa à interpretação qualitativa do que é dito por alguém. O primeiro método refere-se a uma avaliação quantitativa do que foi dito, e o significado do segundo vem da palavra “hermenêutica”, que deriva do nome do deus Hermes, da mitologia grega, o intérprete de todos os outros deuses. Portanto, “a hermenêutica é a ciência da interpretação ou o método de pesquisa utilizado para entender-se uma realidade por meio da interpretação”. (BIAGGIO, 2006, p. 34)

Nesse momento de resignificação da sua teoria, passando a avaliação de suas entrevistas a ser uma atividade interpretativa, Kohlberg tem contato com as idéias de Habermas (1989), filósofo da escola de Frankfurt, e passa a ver a atividade de interpretação assim como o filósofo a via, ou seja:

é apenas à medida que o intérprete apreende as razões da pessoa que responde à entrevista, que ele entende o que essa pessoa poderia ter querido dizer. O intérprete entende o significado do texto apenas à medida que ele vê por que o autor se sentiu no direito de afirmar certas coisas, de reconhecer certos valores e normas como certos. (HABERMAS apud BIAGGIO, 2006, p. 34)

Dessa forma, com uma nova vertente de análise para as respostas dadas à sua entrevista, surge a necessidade de Kohlberg e seus colaboradores reformularem alguns aspectos da sua teoria, dentre os quais destacamos:

- a) a distinção entre forma e conteúdo: na primeira formulação da teoria kohlberguiana, os estágios (vide quadro teórico) do julgamento moral eram

avaliados em termos de conteúdo das respostas dadas pelos sujeitos, ou seja, eram avaliados por meio de respostas diretas que os sujeitos davam às perguntas feitas na entrevista. Já, nesta nova postulação da teoria, deu-se muita importância, também, à forma como foram dadas as respostas. (COLBY & KOHLBERG, apud BIAGGIO, 2006) Assim, a classificação de uma pessoa em um determinado estágio não depende do que ela responde ao ser indagada se alguém deve ou não roubar um remédio, quer dizer, não depende do conteúdo de sua resposta, e sim do raciocínio disponibilizado por essa pessoa ao justificar tal resposta, isto é, à forma como a resposta foi dada. Aliar a análise do conteúdo à análise da forma como foi dada uma resposta é de fundamental importância para que se possa inserir um sujeito dentro dos estágios da teoria kohlberguiana;

- b) a integração hierárquica entre os estágios: dentro da teoria kohlberguiana, um estágio superior integra e completa as estruturas de pensamento encontradas nos estágios inferiores. Assim como na teoria piagetiana, na kohlberguiana, os estágios mais primitivos de pensamento, ao se fazer um julgamento, não são simplesmente abandonados, mas sim incorporados e reformulados a outras formas de julgamento para alcançarem a forma de pensamento condizente com a dos estágios mais evoluídos e estruturados. Rest (1989) apud Biaggio (2006), um dos colaboradores de Kohlberg relata, em sua pesquisa que os indivíduos mantêm uma hierarquia cumulativa de compreensão dos estágios de julgamento moral. Dessa forma, os indivíduos tendem a compreender o raciocínio que se enquadre em estágios iguais ou inferiores aos seus, e não conseguem entender um tipo de raciocínio que esteja mais que um estágio acima do seu.

3.1.3 A técnica de discussão moral de Blatt

A partir da década de 70, Kohlberg e seus colaboradores investiram na aplicação da sua teoria à prática, procurando a evolução do julgamento moral. O objetivo da intervenção pedagógica, elaborada por Blatt (1979), consistia em estimular o nível de julgamento moral dos estudantes a uma etapa seguinte. Mas a conquista desse objetivo foi questionada. Contudo, o pesquisador, ao demonstrar que as vantagens conquistadas com a sua nova metodologia se mantiveram constantes, sem reforço algum de intervenção, pôde

argumentar contra a crítica inicial de que o nível de raciocínio moral adquirido após a prática de seu trabalho pudesse decrescer. Essa demonstração ocorreu da seguinte forma: três meses depois de seu trabalho de intervenção junto a um grupo de jovens, Blatt (1979) voltou a examinar os integrantes de sua amostragem e descobriu que 64% dos sujeitos haviam avançado um nível completo de raciocínio moral, segundo a teoria kohlberguiana. Além disso, repetiu o seu método em quatro séries do que chamamos Ensino Fundamental de escolas públicas. Esses estudantes foram divididos em três grandes grupos: os que se reuniram com Blatt para as discussões morais dirigidas pelo professor durante 18 encontros, aqueles que se reuniam em discussões morais dirigidas por pares durante um mesmo período e outros que fizeram parte de um grupo de controle. Ao final de seu trabalho, o grupo dirigido pelo professor demonstrou uma vantagem de amadurecimento do raciocínio moral perante os outros grupos que quase não demonstraram diferenças nos escores iniciais e finais. Em um estudo feito um ano mais tarde, o mesmo grupo dirigido pelo professor manteve sua vantagem sobre os outros. (BLATT, 1979)

Fundamentado na teoria kohlberguiana, o pesquisador justifica a utilização dessa técnica de discussão de dilemas nas noções de conflito moral, em que pode haver incerteza e discordância de opiniões a respeito de situações problemáticas. O pesquisador assegura, ainda, que deve haver a apresentação de modos de pensamentos um estágio acima do nível em que o indivíduo se apresenta e isso é conseguido, facilmente, por meio do trabalho em grupo, em que participam indivíduos que se encontram em estágios distintos um dos outros. Para tanto, segundo o pesquisador, deve-se proporcionar oportunidades para o surgimento do conflito cognitivo, a assunção de papéis e o acesso a uma forma de raciocínio moral mais elaborada que a do sujeito.

Biaggio (2006) justifica a popularidade e eficácia desse método pelo fato de o mesmo não utilizar a doutrinação e nem o relativismo. Segundo a autora, o método não doutrina porque visa promover o desenvolvimento das estruturas utilizadas para a tomada de decisão, o que faz com que o sujeito, ao julgar, não utilize da adesão de um conjunto de valores, crenças religiosas ou morais e evita o relativismo porque prescreve os estágios ordenados de forma hierárquica, de maneira que um estágio superior é melhor e mais justo do que o estágio precedente.

Outro ponto de fundamental importância nesta prática criada por Blatt (1979) consiste na postura do educador que mediará a discussão moral. Biaggio (2006), ao mencionar a técnica criada por Blatt, enfatiza que o educador, ao utilizar-se da discussão moral deve estar atento para não tecer críticas aos julgamentos, efetuados pelos alunos, sobre a ação das

personagens, assim como cuidar para não deixar transparecer que existem respostas corretas. Segundo a pesquisadora, “o papel do líder da discussão, conforme Kohlberg, é modelado em Sócrates, que engajava seus discípulos em um diálogo moral no qual pontos de vista conflitantes eram examinados e uma solução era proposta”. (Biaggio, 2006, p.46) Dessa forma, assumindo essa postura, o educador tende a respeitar os seus alunos, quando os orienta para o questionamento moral e procura as melhores condições de sala de aula para essa investigação.

YUS (1998, p.199) corrobora o pensamento da autora ao afirmar que as “discussões devem ser levadas num clima acolhedor, de confiança, com certa habilidade de trabalho em grupo e boas atitudes para a comunicação, como a escuta, aceitação mútua, etc”. Segundo esse autor, há três posturas distintas que definem a atuação dos professores diante da técnica de discussão moral: a postura neutra, postura intervencionista e a postura intermediária.

Na postura intervencionista, “o professor explicita intencionalmente sua própria opção e trata de influir sobre os alunos para que se decantem até ela”. (YUS,1998, p.201), quer dizer, ao adotar essa postura, o professor tende a apresentar uma opinião a mais sobre uma situação-problema, e pode chegar até mesmo a persuadir o seu aluno, de forma racional e emotiva, ocorrendo a doutrinação. Segundo o autor, a postura intervencionista admite vários graus, desde o mais suave (quando o professor, simplesmente, explicita a sua opinião) até ao que podemos chamar de “lavagem cerebral”, o que acarretaria o doutrinamento por meio de uma persuasão, seja esta racional ou emotiva. Dessa forma, essa postura pode trazer como desvantagem o fato de o professor parecer um doutrinador perante o aluno, trazendo como inconveniente a pouca participação dos mesmos.

Na postura neutra, “o professor tratará de evitar que suas próprias opiniões ou crenças diante do tema influam nos alunos” (p.201). Portanto, nesse caso, a sua intervenção se limitará, basicamente, aos aspectos metodológicos do processo de debate ou, em todo o caso, o professor poderá intervir somente sobre o conteúdo, explicando as diferentes opções com relação a uma controvérsia apresentada no dilema moral, pondo à disposição do seu aluno quaisquer fontes de informação para qualquer uma das opções que o mesmo adotará, procurando a máxima objetividade possível ao relatá-las. Para o autor, essa opção traz a vantagem de que tudo é elaborado pelos alunos, porém, afirma, que esta postura pode ter o inconveniente de que os educandos não alcancem os objetivos desejados.

A postura intermediária absorve tanto a neutralidade quanto a intervenção, e a união desses dois conceitos tem a vantagem de que os objetivos estão um pouco mais

assegurados do que com a neutralidade. Porém “há o inconveniente de que não há tanta elaboração por parte dos alunos, como no caso da neutralidade”. (YUS, 1998, p.201)

Neste trabalho, ao desenvolvermos as atividades relativas ao processo de intervenção pedagógica, por meio da técnica da discussão moral, procuramos adotar a postura intermediária, concebendo a intervenção pedagógica não como um meio do educador emitir a sua opinião como algo indiscutível, mas sim, explicitá-la enquanto uma estratégia que tem por objetivo promover o confronto de opiniões divergentes; desequilibrar um pensamento homogêneo e desencadear o diálogo, a reflexão e a argumentação visando à elaboração de um nível mais elaborado do raciocínio moral. E para isso selecionamos quatro fábulas compiladas por Ítalo Calvino, em 1954, cujas ações das personagens possibilitam desencadear uma discussão moral.

3.2. Etapa exploratória: estudo piloto

A realização dessa etapa foi necessária para que pudéssemos testar o instrumento, ou seja, como organizar o trabalho com a técnica da discussão moral. Além disso, também foi necessário experienciar as situações de registro dos dados. Ao organizarmos a etapa exploratória da pesquisa, selecionamos três fábulas e, durante esse trabalho, percebemos alguns entraves na utilização dos instrumentos, assim como algumas dificuldades dos alunos no trabalho com as fábulas. As dificuldades dos alunos foram:

- a) posicionar-se diante das ações das personagens devido à ausência de uma reflexão individual anterior e não compreensão da perspectiva da personagem. Redirecionamos essa ação e introduzimos um momento de reflexão individual, antes da discussão em pequenos grupos;
- b) discutir em pequenos grupos as ações das personagens. Tendo em vista que os agrupamentos eram determinados pela pesquisadora, os sujeitos não se mostravam à vontade para argumentar com o colega que não tinha muita intimidade. Então, considerou-se, diante da dificuldade apresentada, a possibilidade de propiciar um espaço no qual os sujeitos se agrupassem entre si, de acordo com suas afinidades, e as discussões em grupo tiveram muito mais êxito;
- c) expressar a sua opinião, durante a plenária, respeitando a voz e a vez do colega, assim como a grande dificuldade em colocar-se no lugar da personagem e julgar as ações sob a perspectiva dela sem que a sua se

perdesse. As alternativas encontradas para buscar solucionar esses problemas foram:

- após a discussão em pequenos grupos, inserimos a dramatização da fábula para que o educando viesse a exercitar-se na ação de colocar-se no lugar da personagem e avaliar a situação sob a ótica da mesma;
- a reorganização do ambiente durante a plenária. Antes, as carteiras estavam dispostas uma atrás da outra, então, modificamos a organização espacial e as mesmas foram colocadas em círculo, com o objetivo claro de propiciar o contato, frente a frente (olho no olho), o que facilitou imensamente o escutar e o falar, um de cada vez.

Os entraves na utilização dos instrumentos foram:

- a) locomover-se com a câmera na sala de aula para gravar todas as discussões dos sujeitos, no interior dos grupos. Diante dessa constatação redirecionamos a ação e optamos por colocar a filmadora, em uma base fixa, na sala de aula, de tal forma que apenas a discussão de um dos grupos fosse totalmente registrada. E, a forma que encontramos para garantir o registro de todos os alunos foi o rodízio dos grupos próximo ao local onde estava a filmadora. Esse rodízio foi feito entre os grupos, ou seja, a cada discussão de um texto, registrava-se um grupo diferente;
- b) o grande ruído da sala, ocasionado pela discussão em grupos impedia a gravação nítida das argumentações. Nesse sentido, foi possível redirecionar a forma de documentar esses registros. O gravador acompanhou a filmadora no registro das discussões dos grupos. Então, na impossibilidade de compreender os dados contidos em um dos instrumentos, recorriamos ou a filmadora ou ao gravador para que nenhum dado fosse perdido. Nesse sentido, ganhamos em qualidade, ao transcrever as argumentações dos sujeitos, durante o processo de intervenção.

A partir dessas observações coletadas durante essa etapa exploratória redirecionamos o trabalho de intervenção pedagógica. A princípio, nossa proposta diferenciava-se da proposta de Blatt porque não estávamos propondo a discussão moral dos dilemas hipotéticos elaborados por Kohlberg, mas, sim, a discussão moral a partir das ações das personagens das Fábulas Italianas compiladas por Ítalo Calvino. Entretanto, nesse grupo

de alunos, os participantes apresentaram algumas dificuldades que impediram a ocorrência da discussão moral, conforme descrito acima, e, reorganizamos as etapas do processo de intervenção. Ou seja, ao invés de leitura e discussão moral foi necessário inserirmos: trabalho individual; trabalho em grupo; dramatização e plenária (discussão moral).

3.3. A trajetória da pesquisa

3.3.1 Caracterização do ambiente e a opção pelo local da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental (Ciclo I e II) e Médio, na cidade de Piracicaba, interior do Estado de São Paulo. A Unidade Escolar localiza-se, na zona periférica da cidade, próxima à zona rural, atendendo a uma clientela que reside tanto no bairro em que está localizada a escola, quanto a alunos que moram na zona rural. A organização do espaço físico da escola, em 2007, era, respectivamente, 12 (doze) salas de aula de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental (Ciclo II), no período matutino; 11 (onze) salas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (Ciclo I), no período vespertino e 05 (cinco) salas de Ensino Médio no período da noite. Em 2008, o espaço físico e o agrupamento de alunos foram organizados conforme informações contidas no quadro a seguir:

Tabela 01: salas de aula contidas na escola X número de alunos em cada sala de aula

Ano	Período	Salas de aula	Número de alunos/série
2007	Vespertino	1ª série: 03 2ª série: 03 3ª série: 03 4ª série: 03	1ª série: 073 alunos 2ª série: 085 alunos 3ª série: 087 alunos 4ª série: 087 alunos
	Matutino	5ª série: 03 6ª série: 03 7ª série: 03 8ª série: 03	5ª série: 093 alunos 6ª série: 096 alunos 7ª série: 095 alunos 8ª série: 098 alunos
	Noturno	1º ano: 02 2º ano: 02 3º ano: 01	1º ano: 054 alunos 2º ano: 052 alunos 3º ano: 043 alunos
2008	Vespertino	1ª série: 01 2ª série: 03 3ª série: 03 4ª série: 03	1ª série: 039 alunos 2ª série: 075 alunos 3ª série: 083 alunos 4ª série: 088 alunos
	Matutino	5ª série: 03 6ª série: 03 7ª série: 03 8ª série: 03	5ª série: 092 alunos 6ª série: 095 alunos 7ª série: 098 alunos 8ª série: 105 alunos
	Noturno	1º ano: 02 2º ano: 02 3º ano: 02	1º ano: 050 alunos 2º ano: 053 alunos 3º ano: 049 alunos

A opção por desenvolver este trabalho nessa unidade escolar deve-se ao fato de que a pesquisadora atua, nessa U.E., como professora de Língua Portuguesa, em caráter

efetivo, há quatro anos e desde 2006, é professora dos sujeitos da pesquisa. O fato de já estar inserida na instituição há quatro anos, implica na existência de um elo de confiança entre a pesquisadora e os integrantes dessa comunidade educacional, o que foi visto, por nós, como um facilitador para o desenvolvimento desse estudo, tendo em vista o tempo escasso que temos no programa de pós-graduação para cumprir créditos com as disciplinas obrigatórias, optativas, mais os créditos complementares e mais a realização da pesquisa. Dessa forma, não nos restou alternativa a não ser optar por desenvolver o trabalho em uma unidade educacional na qual os vínculos de confiança já estavam construídos. A opção por outra instituição educacional implicaria no investimento de um tempo maior para o contato com várias escolas e vários professores (até que houvesse o aceite) e depois teríamos, ainda, todo o trabalho inicial de construção de um elo entre pesquisadora-sujeito da pesquisa, o que demandaria um período mais longo até que pudéssemos dar início à coleta de dados.

Torna-se necessário esclarecer que esta opção está pautada, também, em procedimentos científicos que permitem a um professor ser um pesquisador que não só apreende, mas também compreende a prática reflexiva, construindo-a em seu processo. É comum, em pesquisas atuais, estudos e investigações que valorizam metodologias de pesquisa que incluam professores como co-protagonistas nos procedimentos de pesquisa e de autoformação, como o que ocorre nesta pesquisa. André (1999, p.263) ressalta que “esse tipo de pesquisa tem tido um papel muito relevante quando utilizada no contexto da formação continuada” e que muitos trabalhos são extremamente bem conduzidos, atingindo resultados importantes em termos de ação, de modificação de uma situação e que estas considerações nos levam a pensar numa didática da formação, que tenha como referência o adulto aprendiz, respaldado nas questões da prática docente e da realidade educacional, que ao mesmo tempo se orienta para a efetivação de um projeto institucional.

Por outro lado, há desafios que devem ser citados quando falamos do uso da pesquisa-ação, ligada à formação continuada de docentes. O primeiro deles é o desafio epistemológico que vê a formação de professores por meio do ato da pesquisa como um assunto muito recente, não havendo tempo suficiente para a consolidação dos conhecimentos acumulados nesse âmbito. Há, também, o desafio metodológico, que, segundo André (1999), diz respeito à natureza da investigação-ação, em que não se diferencia um pesquisador-professor de um professor-pesquisador. Quanto a esse desafio, há que se tomar cuidado para não se criar uma hierarquia de papéis, atribuindo mais ou menos valor a uma ou outra forma

de envolvimento na pesquisa. E, por último, a autora cita o desafio ético que englobam os critérios do que se deve ou não ser publicado num trabalho de pesquisa.

3.3.2 O contato com a escola, a conversa inicial com os pais e com os sujeitos da pesquisa.

Realizamos uma reunião com a direção e com a coordenação pedagógica da escola com o intuito de explicar o projeto de pesquisa e solicitar autorização para a realização da mesma. Foi esclarecido que a pesquisa tinha por objetivo verificar em que nível do desenvolvimento do conceito de justiça, segundo a teoria de Piaget e Kohlberg, os alunos da 6ª série se encontravam e se uma intervenção pedagógica, pautada na discussão moral, implicaria em uma evolução qualitativa da noção de justiça. A equipe de gestão fez duas solicitações, após a emissão do aceite para a realização do trabalho:

- a) a diretora da escola solicitou a apresentação de um projeto, esquematizando como seria o trabalho dentro da sala de aula, juntamente com os textos que seriam trabalhados com os alunos durante esse processo, pois este é um procedimento constante da escola, quando se trata de uma ação didática fora do conteúdo planejado anualmente. Solicitação essa que foi prontamente atendida por nós;
- b) a coordenadora pedagógica, por sua vez, solicitou que o referencial teórico fosse apresentado aos professores, durante as reuniões de HTPC, com o intuito de propiciar aos docentes a oportunidade de conhecer as etapas evolutivas da moralidade rumo à autonomia. Dessa forma, nas reuniões de HTPC das duas semanas posteriores, discutimos as linhas gerais sobre o referencial teórico acerca do desenvolvimento da moralidade.

Um mês antes do início da coleta de dados foi feita uma reunião com os pais dos alunos que viriam a ser os participantes da pesquisa, a fim de explicar o trabalho que seria realizado, elucidar as dúvidas sobre a coleta de dados e solicitar autorização para que seus filhos pudessem atuar como sujeitos da pesquisa (ver cópia do parecer do Comitê de Ética do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro-SP, anexo 01, pág 160). Durante a conversa foi explicado que os dados coletados fariam parte de uma pesquisa de Mestrado em Educação, que visava à construção da noção de justiça dos sujeitos participantes. Muitos pais desconheciam a existência de um curso de Mestrado, porém, após a explicação, demonstraram-se solícitos à participação de seus filhos na pesquisa. Todos os alunos da

Classe Experimental (turma **A**³) tiveram a autorização dos pais, mas, na Classe de Controle (turma **B**), quatro pais não autorizaram a participação de seus filhos.⁴

Os alunos também foram informados sobre a pesquisa e, nesse sentido, lhes foi explicado que as atividades que seriam realizadas, em breve, fariam parte da coleta de dados de um estudo que iria consistir na dissertação de Mestrado da professora-pesquisadora. Vários questionamentos surgiram a respeito do que é um Mestrado, quais professores da escola haviam feito Mestrado, se todas as faculdades tinham o curso de Mestrado. Constatou-se que muitos ignoravam a existência de um curso de Pós-Graduação e não entendiam o motivo de “ter que se estudar tanto”, porém, mostraram-se extremamente solícitos e empolgados com o trabalho a ser realizado.

3.4. Procedimentos Metodológicos

Organizamos o processo de coleta de dados em três momentos distintos: pré-teste, período de intervenção pedagógica (técnica da discussão moral) e pós-teste. Na classe de controle, efetuamos apenas a aplicação do pré-teste e do pós-teste. Os dados relativos ao pré-teste foram coletados em setembro de 2007 e os relativos ao pós-teste, coletados em junho de 2008.

3.4.1. O Pré e o Pós-Teste: classe experimental e de controle

Selecionaram-se três dilemas morais (ver anexo 02, pág.161) elaborados por Kohlberg e adaptados por Lukjanenko (2005), em sua dissertação de Mestrado, cujos protagonistas são colocados em uma situação de conflito cognitivo-moral ao ter que optar entre dois princípios éticos para resolver um problema: preservação da vida *versus* preservação da propriedade (dilema1); respeito à palavra empenhada *versus* respeito à autoridade (dilema 2); direito à vida *versus* direito à decisão sobre a vida perante a Lei (dilema 3). Os dilemas apresentados aos sujeitos possuem desdobramentos a partir do conflito inicial, a saber: dilema 1, 1A e 1B; dilema 2, 2A; dilema 3, 3A e 3B, os quais foram apresentadas separadamente.

Os dilemas, adaptados por Lukjanenk o (2005), utilizados na íntegra durante o desenvolvimento dessa pesquisa, foram aplicados pela pesquisadora, com o intuito de garantir

³ As letras utilizadas para a designação das classes não correspondem às letras utilizadas pela escola para fazer referência às mesmas salas. Este foi um procedimento utilizado para garantir o anonimato dos sujeitos.

⁴ Os alunos, cujos pais não autorizaram a participação na pesquisa, vivenciaram todo o processo pedagógico de discussão, mas os dados obtidos não foram incorporados neste estudo.

a maior fidedignidade possível dos dados. Tanto o dilema inicial, quanto seus desdobramentos foram transcritos em papel sulfite e entregues ao sujeito, mediante as seguintes orientações:

- a) as respostas são individuais e não serão permitidas trocas de idéias durante a execução da tarefa proposta;
- b) este trabalho não é um teste de inteligência ou de conhecimento, o que se pretende saber com ele é exatamente o que os participantes pensam sobre as ações das personagens nas diferentes situações em que são colocadas;
- c) não é necessário colocar o nome, mas, para que se possa analisar todas as questões de uma única pessoa, é necessário um tipo de identificação, então, foi designado que colocassem no canto da folha F ou M, acrescido da idade (F12 = sujeito feminino, 12 anos; M14 = sujeito masculino, 14 anos).

As aulas no ensino fundamental são computadas em minutos, o que significa que foram utilizadas três aulas duplas (100 minutos/dia) para a realização desta etapa. Tornou-se necessário esclarecer que os alunos ausentes em uma das etapas da aplicação do pré e do pós-teste, assim como aquele cujo responsável não autorizou a participação na pesquisa, não terão seus depoimentos analisados, entretanto, não foram impedidos de participar do processo.

A classe experimental é composta por 28 (vinte e oito) alunos e classe de controle por 25 (vinte e cinco) alunos, entretanto, participaram do pré-teste apenas 25 alunos da classe experimental e 22 alunos da classe de controle, conforme dados contidos nas tabelas a seguir:

Tabela 02: participantes do pré-teste (sala experimental e sala de controle) - setembro de 2007

Classe	Total/alunos /sala			Sujeitos da pesquisa			Observações
	No.	M	F	M	F	No.	
Experimental	28	10	18	10	15	25(*)	Três sujeitos do sexo feminino não estiveram presentes no dia da aplicação do pré-teste (***)
Controle	25	13	12	10	12	22(**)	Três sujeitos do sexo masculino não estiveram presentes no dia da aplicação do pré-teste (****)

(*) Todos os alunos da Classe Experimental entregaram, assinado pelos pais, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, viabilizando a participação dos mesmos no processo de coleta de dados dessa pesquisa, porém, durante os dias da aplicação do pré-teste, três sujeitos estiveram ausentes e não terão seus depoimentos analisados. (***) A Classe de Controle era composta de 30 alunos, porém, apenas 25 deles entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos pais e/ou responsáveis, viabilizando a participação dos mesmos na coleta de dados dessa pesquisa. Três destes alunos se ausentaram no dia da coleta de dados do pré-teste e não tiveram seus depoimentos analisados. (****) Sujeitos ausentes no dia da aplicação do pré-teste na Classe Experimental: S5F12, S10F11, S28F12. (*****) Sujeitos ausentes no dia da aplicação do pré-teste na Classe de Controle: S19M12, S22M12, S25M12.

Tabela 02A: participantes do pós-teste (sala experimental e sala de controle) - junho de 2008

Classe	Total/alunos /sala			Sujeitos da pesquisa			Observações
	No.	M	F	M	F	No.	
Experimental	28	10	18	09	13	22(*)	01 sujeito do sexo masculino e 05 sujeitos do sexo feminino não estiveram presentes no dia da aplicação do pós-teste (**)
Controle	25	13	12	08	08	16(*)	05 sujeitos do sexo masculino e 04 do sexo feminino não estiveram presentes no dia da aplicação do pré-teste (***)

(*) Estão excluídos da análise do pós-teste os sujeitos que não estiveram presentes durante a aplicação do pré-teste e os que se ausentaram na aplicação do pós-teste. (**) Sujeitos ausentes no dia da aplicação do pós-teste na Classe Experimental: S2F13, S5F13, S7M13, S10F12, S13F14, S28F13. (***) Sujeitos ausentes no dia da aplicação do pós-teste na Classe de Controle: S7F13, S9M13, S12F13, S13F13, S14F13, S19M13, S22M12, S24M13, S25M12.

O total de depoimentos analisados, no pré e no pós-teste, excluindo os alunos que não entregaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado e os que se ausentaram durante a coleta de dados do pré-teste serão, respectivamente: 21 na sala experimental (um aluno não foi autorizado pelo responsável para participar do estudo) e 16 na sala de controle.

3.4.2. A intervenção pedagógica

3.4.2.1. A seleção das fábulas

Na sala experimental, no período de março a junho de 2008, ocorreu o trabalho com a técnica de discussão moral, por meio das Fábulas Italianas, compiladas por Ítalo Calvino. Para cada fábula, foi necessária uma semana de trabalho (6 horas/aula de 50 minutos cada uma) com todas as etapas. Nesse sentido, os sujeitos que participaram de todo o processo de intervenção, assim como os sujeitos que participaram do trabalho com até 03 fábulas, desde que tenham participado de toda a coleta de dados do pré e do pós-teste, terão seus depoimentos analisados nesse estudo.

As fábulas selecionadas (ver anexo 03) para a coleta de dados desse trabalho foram: “A velha da horta” (CALVINO, Fábulas Italianas, p.423), “Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro” (idem, p. 301), “Corcunda, manca e de pescoço torto” (idem, 278), “Yufá e a estátua de gesso” (idem, p. 434). Estas fábulas foram selecionadas, dentre as diversas outras contidas na obra de Ítalo Calvino por apresentar conflitos envolvendo princípios éticos e morais, e, principalmente, por apresentarem situações passíveis de julgamentos pelos sujeitos.

Quadro 03: Identificação dos princípios éticos subjacentes ao enredo das fábulas

Fábula	Princípio (s) Ético (s)	Situações/ações propícias à discussão moral
A velha da horta	Respeito à propriedade Respeito à vida Respeito à palavra empenhada	Punição; vingança, sanção
Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro!	Respeito à propriedade, respeito à palavra empenhada	Punição, perdão, sentimento de confiança
Corcunda, manca e de pescoço torto ⁵	Justiça, direito e igualdade	Sentimento de vingança; punição
Yufá e a estátua de gesso	Respeito ao patrimônio público, respeito à autoridade, respeito à propriedade	Obediência, sanção

3.4.2.2. As etapas da intervenção

Os participantes dessa pesquisa vivenciaram, durante o trabalho com as fábulas, quatro etapas: reflexão individual; a discussão em pequenos grupos; a dramatização e a plenária.

Etapa 01: o trabalho individual

Assim como fez Blatt com a proposição da discussão moral por meio dos dilemas, nesta pesquisa foi proposta a discussão por meio das situações vividas pelas personagens das fábulas e, para a proposição da discussão, organizou-se um questionário semi-estruturado, com o objetivo de: provocar uma reflexão sobre as razões subjacentes às ações das personagens; desvelar, no discurso do educando, a concepção de justiça.

As fábulas foram transcritas parcialmente, como nos dilemas, e a cada desdobramento foram propostas questões que deveriam ser respondidas individualmente. Primeiramente, durante esta etapa, foi feita a leitura, separadamente, em voz alta, da fábula, dividida em momentos, pela professora-pesquisadora. Durante a leitura, os alunos se surpreendiam a cada atitude das personagens, porém, sempre havia alguém que conseguia fazer uma analogia da situação vivida pela personagem com situações vivenciadas por eles mesmos na vida real. Após essa atividade, solicitou-se aos alunos que recontassem a história com o objetivo de verificar se houve a compreensão do enredo. As questões foram entregues uma a uma, como na atividade com os dilemas, e as respostas foram entregues à professora-pesquisadora. As questões propostas, a cada fábula, foram transcritas no quadro a seguir:

⁵ Houve a necessidade de adaptarmos alguns trechos do enredo desta fábula com a finalidade de levantarmos subsídios que pudessem auxiliar na discussão dos conflitos morais existentes no enredo. A fábula adaptada e a fábula na íntegra podem ser encontradas no anexo deste trabalho.

Quadro 04 – fábulas x questões propostas

Fábula	Questões propostas para a reflexão individual
A velha da horta	<ol style="list-style-type: none"> 1. As duas mulheres entraram numa propriedade alheia, em busca de alguma coisa para comer, pois estavam com muita fome. É certo o que elas fizeram? Por quê? 2. É justo a velha querer vingar-se das mulheres? Por quê? 3. Uma das comadres, na hora do desespero, fugiu e deixou a companheira com a velha. Nessa condição, foi certo o que essa comadre fez? Por quê? Caso não concorde, que outra atitude a comadre deveria ter tomado? Por quê? 4. Pensando na melhor forma de punir as comadres, a velha cogitou a hipótese de dar três tipos de punições: que as comadres deveriam ficar presas, na cadeia, por 3 anos; que as comadres deveriam ajudar a velha a plantar, colher e a vender as couves por 2 anos, sem ganhar nada por isso; que a velha deveria comer as comadres, ou seja, a pena de morte. Se você tivesse que escolher entre essas três punições, qual você acharia mais justa? 5. A mulher promete à velha que quando o filho que está na sua barriga, menino ou menina, ao completar 16 anos, seria entregue a ela. A mulher deve cumprir essa promessa? Por quê? 6. Se houvesse oportunidade de entregar uma pessoa estranha para a velha no lugar do seu filho, para escapar da promessa, você entregaria? Por quê?
Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro	<ol style="list-style-type: none"> 1. O garoto infringiu duas regras: não respeitou as normas da escola e foi expulso; não foi fiel a palavra empenhada a Nani-ogro e foi castigado. As punições que o garoto recebeu, foram justas? Se você fosse a mãe o que teria feito? E se fosse Nani-ogro, como agiria diante da desobediência do garoto? 2. Por que, na sua opinião, o garoto desobedeceu as regras? Se você fosse o garoto, teria agido da mesma forma ou agiria de forma diferente? Por quê? 3. O estalajadeiro ludibriou Toni e tomou-lhe o cavalo e o guardanapo. Foi correta a atitude do estalajadeiro? Se você fosse o estalajadeiro, agiria da mesma forma? Por quê? 4. O que aconteceu com o estalajadeiro e com a mãe de Toni, ao entrarem em contato com a clava? Foi justo ou injusto o que aconteceu? 5. Vamos imaginar que você fosse, em tempos diferente: o diretor da escola, a mãe de Toni, Nani-ogro, o estalajadeiro. Qual teria sido sua atitude em relação ao Toni?
Corcunda, manca e de pescoço torto	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que levou o rei a debochar da velhinha? Se você estivesse no lugar do rei, faria o mesmo? 2. E se estivesse no lugar da velhinha, o que sentiria se alguém o tratasse da mesma forma? Por quê? 3. Por que uma filha do rei estava corcunda, a outra com o pescoço torto e a terceira manca? Foi justo acontecer isso com as filhas? Por quê? O que o rei sentiu ao vê-las daquele jeito? Por quê? Se você fosse o rei, acharia justo acontecer isso com as filhas? Por quê? 4. Se você fosse o rei e visse que a camareira era a velhinha que ele havia debochado no dia anterior, o que você sentiria? Por quê? 5. Se você fosse o rei, o que faria com a camareira? Por que isso seria justo? E se você fosse a camareira, acharia justa a punição que o rei lhe mandou aplicar? Por quê? 6. O rei pensou em três formas de punição para a camareira: a) jogá-la num poço para ela passe o resto de sua vida lá; b) pedir para que os guardas a espancassem para que sofresse bastante; c) pedir para que a velha trabalhe num hospital, auxiliando as pessoas portadoras de necessidades especiais. Qual das três punições seria mais justa? Por quê?
Yufá e a estátua de gesso	<ol style="list-style-type: none"> 1. Yufá agiu certo ou errado ao não vender às pessoas que conversavam com ele? No lugar de Yufá, como você agiria? 2. Yufá agiu certo ou errado ao destruir a estátua? 3. Vamos fazer de conta que Yufá não vendeu o tecido a uma estátua, mas sim, a uma pessoa real. Na hora de efetuar o pagamento, essa pessoa se recusa a fazê-lo. Enfurecido, Yufá pegou uma enxada e lhe deu uma pancada, matando-a. É justo tirar a vida de alguém por causa de uma recusa em pagar a compra de um tecido? E se ao invés de um tecido fosse um carro ou uma casa? Seria justo tirar-lhe a vida? Se você fosse Yufá, como agiria diante desta situação? 4. Yufá agiu certo ou errado, ao pegar o ouro que estava dentro da estátua? Se você estivesse no lugar de Yufá, o que faria? Por que isto seria justo? 5. A mãe de Yufá agiu certo ou errado ao pegar o ouro das mãos de seu filho e pedir para que ele não comentasse isso com ninguém? Vamos fazer de conta que você é a mãe e/ou

	<p>o pai de Yufá, agiria da mesma forma? Justifique.</p> <p>6. Um juiz, ao saber do acontecido, decidiu levá-los a julgamento e, ao término deste, ficou em dúvida sobre qual seria a melhor punição para Yufá e sua mãe. Para Yufá, o juiz estava em dúvida entre: A) condená-lo a um ano de prisão, a ser cumprido em cárcere privado; B) condená-lo a um ano de prisão, a ser cumprido em cárcere aberto, sob a forma de trabalho voluntário na restauração de monumentos históricos; C) conversar, simplesmente, com Yufá, explicando-lhe as razões do porquê não é permitido destruir um patrimônio público. Para a mãe de Yufá, o juiz estava em dúvida entre: a) condená-la a dois anos de prisão, em cárcere privado; b) conversar com a mãe, explicando que esta não é a forma correta de educar Yufá; c) autorizar o poder público a apropriar-se do dinheiro encontrado dentro da estátua e utilizá-lo em benefício da comunidade; d) reconstruir a estátua que seu filho quebrou.</p>
--	---

Etapa 02: discussão em pequenos grupos⁶:

Os grupos foram formados pelos próprios alunos, de acordo com suas afinidades. Com o intuito de registrar as ações de cada grupo, solicitamos que cada agrupamento fosse identificado com um nome fantasia e que os elementos do grupo permanecessem o mesmo durante todo o processo de trabalho com as fábulas. Obtivemos, então, os seguintes agrupamentos:

Quadro 05: identificação dos grupos

Grupo	Integrantes (*)
Boys and Girls	S2F12, S19F12, S11F12, S25F12, S1M12
Anjinhos	S15M12, S20M13, S26M12, S18M13, S7M12, S8M12
GDSA	S17F12, S21F12, S27F12, S9F12, S5F12
BDC	S23F12, S28F12, S3F12, S14F13, S10F11
Will Power	S22F12, S16F12, S6M12, S24M12, S4F12, S13F13

(*) É necessário ressaltar que, embora S2F12, S5F13, S7M13, S10F12, S13F14, S28F13 estejam inseridos nos grupos, seus depoimentos durante a intervenção pedagógica não foram analisados porque estiveram ausentes em uma das etapas do pós ou do pré-teste.

Logo depois da denominação dos grupos, a professora-pesquisadora solicitou que justificassem, oralmente, o motivo da escolha de tal nome. O primeiro grupo disse que iriam se chamar “Boys and Girls”, porque esse era o nome de uma música de um cantor norte-americano o qual gostavam e que a letra falava de meninos e meninas dentro da escola, e, como o grupo era formado tanto por meninos quanto por meninas, acharam esse nome adequado. O segundo grupo se autodenominou “Anjinhos” justificando que, como no ano passado não haviam apresentado um “bom comportamento” durante as aulas de Português e

⁶ Inicialmente, foi colocado um gravador no meio de cada grupo para que nenhum dado fosse perdido. Entretanto, com o barulho das discussões, foi impossível a transcrição desses dados, tendo em vista que os gravadores capturavam sons de todos os grupos. Durante esse período, a câmera ficava num ponto estratégico, que pudesse filmar todos os alunos da sala nesse processo, mas também não capturava o que os alunos falavam durante a discussão em grupo. Na tentativa de sanar esse problema, colocou-se apenas um gravador no grupo que, posteriormente, iria dramatizar a fábula, e a câmera foi posta muito perto desse grupo, evidenciando, apenas, a discussão do grupo e não da sala toda. Essa foi a alternativa encontrada pela pesquisadora para que, pelo menos, os dados de um dos grupos fossem coletados sem margem de erros em cada fábula.

que gostariam muito de mudar o comportamento durante o ano: iriam se comportar como “anjinhos”. O terceiro e o quarto grupo apresentaram a mesma justificativa para a construção do nome do grupo: as letras que formam o nome dos grupos compõem as iniciais dos nomes dos sujeitos participantes de cada grupo. O quinto e último grupo disse que aprenderam a expressão “will power” durante uma aula de inglês, gostaram do significado dessa expressão (força de vontade) e gostariam de denominar o grupo com tal nome.

Enquanto estavam discutindo nos pequenos grupos, observou-se que muitas crianças nunca justificavam a opção que faziam a respeito de algum questionamento e, por essa razão, tornou-se necessária a intervenção da professora-pesquisadora, no sentido de garantir que o processo de intervenção ocorresse de fato. Para tal êxito, a professora-pesquisadora via como alvo da sua intervenção, nesse momento, o grupo que iria dramatizar a fábula num próximo momento.

Para o trabalho da discussão em grupos, foram necessárias duas horas-aula de 50 minutos cada uma, e o tempo destinado à discussão e à resposta dos grupos variava de acordo com a necessidade da discussão de cada questão, ou seja, algumas questões levaram mais tempo para serem discutidas. Os participantes da pesquisa, ao realizarem essa etapa do trabalho, foram informados de que a discussão no grupo: a) teria que iniciar e finalizar no tempo da aula, ou seja, essa atividade não seria retomada na aula seguinte⁷; b) iria abordar as mesmas questões propostas na atividade de reflexão individual e que cada elemento do grupo deveria expor o seu pensamento, ouvir a argumentação dos colegas e discutir as razões pelas quais concordam ou discordam dos posicionamentos apresentados no grupo.

Nessa etapa, foram entregues aos grupos de alunos os mesmos questionamentos entregues na aplicação da reflexão individual com o objetivo de propiciar a oportunidade para a troca de perspectivas, a coordenação de pontos de vista divergentes, a estruturação do diálogo e a construção da argumentação. Nesse sentido, as discussões nos pequenos grupos foram pautadas nas reflexões individuais, entretanto, os alunos não tinham em mãos as respostas emitidas no momento anterior, com o intuito de evitar a simples leitura das respostas já elaboradas, o que poderia implicar na ausência de uma discussão.

Etapa 03: a dramatização: o trabalho com a assunção de papéis

Após a discussão em pequenos grupos, ocorreu a dramatização do texto com o objetivo de organizar um momento no qual o educando vivenciasse a perspectiva da

⁷ Quando a fábula era muito extensa, no caso da fábula “Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro!” adotou-se o procedimento do recorte de situações, designadas como etapas. Durante a aula, discutia-se a etapa 1 e no encontro seguinte a etapa 2 mantendo sempre a orientação de que a discussão deveria iniciar e terminar no tempo da aula.

personagem. É importante ressaltar aqui que a dramatização se constitui em um corpus extremamente relevante para um trabalho com o processo de construção de valores, visto que este procedimento, com crianças maiores, proporciona a oportunidade necessária à assunção de papéis. Tal experiência propicia o trabalho com a diminuição do egocentrismo e, conseqüentemente, com a construção da capacidade de colocar-se no lugar do outro, vivenciando, hipoteticamente, seus conflitos e compreendendo suas ações. Torna-se necessário esclarecer que o fato de experienciar a perspectiva do outro não significa aceitar a atitude da personagem. Ao assumir um papel, ou seja, um personagem, a pessoa vivencia um contexto novo, e mesmo que parecido ao seu cotidiano real, não é de fato o mesmo. Essa experimentação edifica um leque de perspectivas sob inusitados ou rotineiros acontecimentos.

Segundo CANDIDO (1976), “a personagem não perde, portanto, a sua independência, não abdica de suas características pessoais” (p. 97). Isso proporciona um encontro entre experiências próprias da pessoa, somadas às novas a serem interpretadas. Tal encontro gera uma complexidade interior de inquietações, questionamentos, comparações e por fim, tomada de decisão, diante das escolhas em que teve conhecimento. Dessa forma, o ato de dramatizar proporciona experiências que podem contribuir para o crescimento integrado do indivíduo sob vários aspectos, inclusive no aspecto da moral, “pois proporciona o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática” (BRASIL, 1998, v.6, p.84). Em outras palavras, o trabalho com dramatização tende a oportunizar a vivência de valores, proporciona discussões entre atitudes consideradas adequadas e/ou inadequadas e, conseqüentemente, o desenvolvimento da capacidade de reflexão, hipotetização e argumentação.

Durante o período de intervenção, por uma questão de tempo, essa atividade foi realizada com apenas um grupo, ou seja, para cada fábula, havia a dramatização de apenas um grupo, de tal forma que todos tiveram a oportunidade de vivenciar essa etapa. O grupo que iria apresentar a dramatização foi informado com antecedência para que houvesse a preparação dos integrantes (ensaios, busca de artefatos para compor o cenário e as personagens, entre outras providências que os alunos julgassem necessárias). Os ensaios foram realizados em período oposto ao da aula, dentro da instituição e sem a supervisão da pesquisadora. O grupo indicado para a dramatização se ausentava da sala, no início da aula, por 10 minutos, para que pudessem se trocar e incorporar as personagens. Esse tempo quase sempre foi respeitado pelos grupos e não houve grande transtorno quanto a esse aspecto. As apresentações foram filmadas e fotografadas e não houve nenhuma intervenção durante o processo de dramatização.

Quadro 06: grupo X sujeito X fábula dramatizada

Grupo	Sujeito	Fábula Dramatizada
Boys and girls	S2F12, S19F12, S11F12, S25F12, S1M12	A velha da horta
Anjinhos	S15M12, S20M13, S26M12, S18M13, S7M12, S8M12	Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro! (momento 1)
GDSA	S17F12, S21F12, S27F12, S9F12, S5F12	Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro! (momento 2)
BDC	S23F12, S28F12, S3F12, S14F13, S10F11	Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro! (momento 3)
Will Power	S22F12, S16F12, S6M12, S24M12, S4F12, S13F13	Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro! (momento 4)
Boys and Girls	S2F12, S19F12, S11F12, S25F12, S1M12	Corcunda, manca e de pescoço torto
Anjinhos	S15M12, S20M13, S26M12, S18M13, S7M12, S8M12	Yufá e a estátua de gesso

Etapa 04: plenária

Após a dramatização da fábula pelo grupo, ocorreu a plenária de discussão com o grupo todo. O objetivo foi ampliar o número de pessoas discutindo o mesmo assunto, posicionando-se diante das ações das personagens, coordenado diferentes perspectivas no grupo e confrontando a percepção do grupo sobre a ação da personagem com a percepção dos integrantes que vivenciaram as ações da personagem.

Para a discussão, organizaram-se as carteiras em círculos de tal modo que todos pudessem visualizar o elemento que estava argumentando e/ou contra-argumentando. As questões propostas pautaram-se nos conflitos e/ou ações que já haviam sido objeto de reflexão individual e em grupos. Foram colocados gravadores em pontos estratégicos da sala, para que pudessem captar as falas dos indivíduos. A câmera também foi posta de modo que pudesse filmar a atividade. A pesquisadora, ao perceber a necessidade de retomar o foco da discussão, intervinha com questões objetivas, confrontando a opinião de um com o do outro de forma que os sujeitos se exercitassem na arte de refletir e argumentar com o intuito de fazer-se compreender pelo outro, ao mesmo tempo em buscavam justificativas para as suas argumentações. A professora-pesquisadora se preocupou para que o momento da discussão moral não ultrapassasse duas horas-aula, destinadas ao exercício da dramatização e da discussão moral.

3.5. Análise dos dados

Os dados coletados no pré e no pós-teste, foram analisados de acordo com as etapas evolutivas do desenvolvimento moral, à luz do referencial de Piaget e Kohlberg. A partir do discurso do sujeito, procuramos identificar as razões subjacentes na resolução dos

conflitos apresentados e, a partir disso, identificar o nível do desenvolvimento do juízo moral no qual se encontra e, conseqüentemente, o nível evolutivo da noção de justiça. A análise das razões apresentadas por essa ou aquela solução para o dilema proposto, seguiu a orientação da abordagem de Bardin (1977) na sua análise de conteúdo.

De acordo com Bardin (1977, p.36) a análise de conteúdo pode ser uma análise de significados e de significantes, quer dizer, pode ser entendida como “uma técnica de investigação que através de uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”. Dentro da análise de conteúdo, existe a análise categorial cuja técnica consiste em classificar os diferentes elementos segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir numa certa ordem no que parece confuso inicialmente. Dessa forma, a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção desse tipo de análise é “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. (BARDIN, 1977, p.38) Inferência, nesse caso, deve ser entendida como uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição, vinculadas a outras proposições, já aceitas como verdadeiras anteriormente. Em outras palavras, procura-se conhecer, com a análise de conteúdo aquilo que está por detrás das palavras que serão objeto de análise, buscando outras realidades por meio do que foi falado ou escrito, no caso dessa pesquisa.

Entre as várias categorias de análise, existente nesse tipo de metodologia, utilizamos a análise da enunciação que, além de se apoiar numa concepção de comunicação como um processo considera que “na altura da produção da palavra, é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações”. (BARDIN, 1977, p.170) Dessa forma, um discurso não é apenas uma transposição de opiniões e de atitudes que existam antes do momento da enunciação. O discurso não é um produto acabado e, durante a sua análise, deve haver um processo de elaboração, com todas as contradições, incoerências e imperfeições que ele comporta. Segundo a autora, “esse tipo de análise é transversal, isto é, recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos”. (ibidem, 1977, p.175) É através desse sistema de categorias criado que se busca, nesta pesquisa, a aplicação das teorias, anteriormente apresentadas. Para que fosse feito o processo de categorização, buscou-se, primeiramente, uma análise lógica dos dados, quer dizer, foi feita

uma análise das proposições e do encadeamento das proposições encontradas nas falas e nas escritas dos sujeitos participantes dessa pesquisa. Para tanto, foi feita a transcrição exaustiva de cada produção dos participantes dessa pesquisa e a escansão do texto, oração por oração, como pode ser verificado no anexo deste trabalho. Após a análise lógica, torna-se necessária a análise seqüencial dos dados. Essa análise põe em evidência a escansão, o ritmo, a progressão do discurso de uma forma mais global. Tanto a análise lógica quanto a análise seqüencial dos dados são duas etapas reveladoras e necessárias para que ao os resultados obtidos seja possível compreender o conteúdo do discurso do sujeito.

CAPÍTULO IV

4. Apresentação e análise dos dados

Torna-se necessário, aqui, retomar o problema e os objetivos dessa pesquisa com o intuito de organizar a apresentação e a análise dos dados coletados. O problema que se propôs investigar nesse estudo foi: a discussão moral sobre as ações das personagens contidas nas Fábulas Italianas, compiladas por Ítalo Calvino, no contexto da sala de aula, possibilita uma evolução qualitativa no conceito de justiça? E os objetivos do trabalho foram, respectivamente: identificar o nível evolutivo do raciocínio moral em que se encontram os alunos, de acordo com a teoria de Piaget e Kohlberg, em duas classes do Ensino Fundamental (uma experimental e outra de controle), dentro de uma instituição pública de ensino; verificar, após o período de intervenção, se houve uma evolução qualitativa no nível do raciocínio moral dos alunos da classe experimental em relação aos alunos da classe de controle.

Durante a aplicação do pré e do pós-teste houve algumas ausências e estes alunos, embora não tenham sido impedidos de participar do processo, não terão seus depoimentos analisados nesse estudo. Na tabela a seguir consta a identificação dos ausentes, tanto na sala experimental quanto na de controle, e o total dos depoimentos que serão analisados nessa pesquisa.

Tabela 03: ausências dos sujeitos no pré e pós-teste X total de depoimentos analisados

Classe experimental	Total	Classe de Controle	Total	Total de depoimentos analisados	
S2F12/13 S5F12/13 S7F12/13 S10F12/13 S13F13/14 S28F12/13	06	S07F12/13 S09M12/13 S12F12/13 S13F12/13 S14F12/13 S19M12/13 S22M12/12 S24M12/13 S25M12/12	09	Classe Experimental	22
				Classe de Controle	16

* Os alunos que não obtiveram autorização dos responsáveis foram automaticamente excluídos

4.1. Pré-Teste: classe experimental e de controle

4.1.1. Classe Experimental: análise dos depoimentos

Organizamos esse item da seguinte forma: identificação do sujeito, análise do conteúdo e discurso nos dilemas propostos na classe experimental e de controle, tabela comparativa entre o nível evolutivo do raciocínio moral dos alunos da classe experimental e da classe de controle.

Identificação do sujeito: S1M12/13⁸

Dilema 1

De acordo com as respostas dadas por este sujeito, Heinz deve roubar o remédio. Entretanto, ao justificar a sua opção afirma que “o farmacêutico queria receber muito dinheiro”. É possível inferir, a partir da fala do sujeito, que o ato de roubar o remédio não está relacionado com o fato de salvar uma vida, mas, sim, com o fato de o farmacêutico querer ganhar dinheiro, muito dinheiro, com o remédio em questão. Ao responder as questões propostas nos itens e e f (É contra a Lei o fato de Heinz roubar? Isso torna o ato moralmente errado? Ou isto lhe faz mal? Por quê? Em geral, as pessoas deveriam tentar fazer todo o possível para a obedecer a Lei? Por quê?), é possível clarificar mais o raciocínio utilizado pelo sujeito. Em um primeiro momento, parece não haver dúvida sobre o roubo, ou seja, se é lícito ou não roubar, mas o ato é entendido como moralmente errado porque o fato de roubar pode gerar, em Heinz, um sentimento de culpa “se ele roubar, ele vai ficar com a consciência pesada”. Poderíamos entender que o conflito cognitivo-moral que está permeando o raciocínio do sujeito pode ser formulado da seguinte maneira: é justo roubar um remédio porque o farmacêutico quer ganhar dinheiro com ele. Ao ser confrontado, no dilema 1A, com o roubo do remédio, por Heinz, o sujeito continua ignorando a causa do ato infracionário e detém-se na perspectiva de que o policial não poderia denunciar Heinz, pautado somente no conhecimento de seu problema e no fato de que o viu correndo próximo ao local do crime. No caso de o policial “ser amigo íntimo” de Heinz, isto deveria impedi-lo de denunciar o ato à Justiça. Entretanto, como houve a denúncia, deve haver a prisão e o julgamento, porém o juiz deveria libertá-lo e, só agora, o sujeito dirige toda a sua argumentação para o fato de que Heinz cometeu o ato ilegal para salvar a vida de sua esposa.

Dilema 2

No dilema 2, a identificação do sujeito com a figura da autoridade e com a obediência às normas impostas pela autoridade é visível em seus argumentos. O sujeito demonstra respeito pela autoridade, desconsidera qualquer atitude que não seja coerente com o que propõe a autoridade, no caso, a mãe, e se preocupa com a imagem dele, explicitando que o fato de não obedecer às regras estipuladas pela mãe faz com que todos não o vejam como um bom filho. A preocupação do sujeito para com a irmã deixa subentendido que o fato de ela ter desobedecido a uma ordem da mãe é muito mais sério do que a consequência que poderia ter a sua atitude. O sujeito reconhece o esforço feito, pela protagonista da história, para conseguir dinheiro e ir ao passeio, e por isso permite que ela infrinja uma lei. Por outro lado, permite que a autoridade mude uma regra e acata sem questionamentos a essa mudança. Uma promessa só deve ser cumprida se estiver em contato com a pessoa a qual se prometeu, caso contrário, não é necessário o cumprimento da promessa. O sujeito vê na mentira e na briga a causa da falta de harmonia entre uma autoridade que impõe uma regra e quem a cumpre. Este raciocínio se confirma nas respostas obtidas no dilema 2A, no qual toda a argumentação também é favorável à autoridade. Percebe-se que em ambos os comportamentos apontados pelo sujeito, o que impera é o respeito pela lei, pela regra imposta pela autoridade: a mentira acontece para desobedecer a uma ordem, a briga acontece porque há opiniões divergentes acerca de uma ordem. O sujeito desconsidera qualquer tipo de violação de regra, se esta foi feita pela autoridade porque sente gratidão por tudo que a autoridade já lhe fez. Nada poderá fazer com que uma lei estabelecida pela autoridade seja desconsiderada. O sujeito observa que as pessoas podem escolher em ser bons filhos ou não e podem escolher se respeitam às ordens dos seus pais (autoridade) ou não. Mas afirma que se o filho acata todas as ordens e regras impostas pelo pai, este é um bom filho, caso contrário, não se torna um filho tão bom. Novamente, é notável o sentimento de gratidão, o que culmina no respeito e na não-violação de uma regra imposta pela autoridade. O sujeito prevê que a autoridade não precisa se preocupar com o desrespeito a uma ordem, porque, pelo fato de o sujeito “dever” várias coisas à autoridade, este deve se submeter a qualquer regra que lhe foi imposta. A promessa deve ser cumprida, mas o sujeito faz uma ressalva de que a promessa só deve ser cumprida se esta for feita junto a uma pessoa conhecida, se não se conhece a pessoa, não se deve prometer nada. O sujeito infere que o filho tem sempre que se preocupar com o posicionamento de seu pai (autoridade), com o que o pai pensa, como age, para não fazer nada para contrariá-lo, porque o filho lhe deve gratidão por tudo o que o pai o fez até hoje. O respeito à autoridade é evidente em todas as respostas do sujeito. Independente da lei ou da regra imposta pela autoridade, o sujeito deve sempre acatá-la, sem nenhuma ressalva ou restrição.

Dilema 3

No dilema 3, O sujeito aceita a infração de uma lei para poupar uma outra pessoa de sofrimento, ou seja, aceita que uma regra seja violada caso o beneficiário e o principal afetado tenha a vida salva. A decisão se a

⁸ O participante do estudo estava com 12 anos quando realizou o pré-teste e com 13 anos quando participou do pós-teste. Por esta razão, está identificado como S1M12/13. Esta identificação será utilizada para todos os depoentes que se encontrarem nesta situação.

regra deve ser ou não cumprida deve ser dividida com pessoas próximas, que demonstrem afeto pelo sujeito, porque elas irão ajudar a fazer o que é melhor. Ao mesmo tempo em que o sujeito aceita que um terceiro, no caso, o marido da mulher, opine sobre a sua decisão de violar ou não uma regra, ele assume que o mesmo deve procurar um outro mecanismo para se evitar essa violação, tendo em vista que o não-cumprimento de uma ordem, no caso, culminaria na morte da mulher. O sujeito só aceita o descumprimento da regra para evitar o sofrimento de alguém. Apesar de ser contra a lei, um ato pode ser moralmente certo, para o sujeito, se este evitar o sofrimento de alguém. O não-cumprimento das regras pode levar as pessoas a não considerarem determinadas situações e não cumprirem as regras quando o cumprimento das mesmas for necessário. O sujeito esquece das respostas em que permitiu a violação de uma regra, e condena o infrator sem considerar a causa da infração da regra (terminar o sofrimento da mulher), como fez nas outras questões. O sujeito desconsidera qualquer fator que leve alguém a violar uma regra. O fato de a violação de uma regra ter tirado a vida de uma pessoa leva o sujeito a desconsiderar qualquer fator que levou o infrator a desrespeitar uma lei. O sujeito acata a idéia da pena de morte pelo fato de o médico ter matado a mulher. E, novamente, reforça a idéia da punição a quem viola uma regra. O sujeito se acomete de que a mulher, pelo fato de estar com muita dor, não tem consciência da gravidade de seu pedido.

Identificação do nível do raciocínio moral de S1M12/13

Embora S1M12/13 tenha apresentado uma preocupação com a preservação da vida, isso ocorreu, no dilema 1, de forma bastante individualista, em que apenas a vida das pessoas com as quais ele mantém laços afetivos deve ser preservada, caso contrário, há inúmeras limitações. No dilema 2, a perspectiva da autoridade sempre deve ser acatada, pois a autoridade sempre tem razão. Nesse sentido, há a preocupação com o que a autoridade pode pensar sobre sua atitude (moral do bom garoto). A delação, no caso, para que seja cumprida a perspectiva da autoridade, é válida, pois este ato está intimamente ligado com o fato de ser ou não um bom filho perante os olhos do responsável. Apesar de apontar a necessidade de quem violou a regra da autoridade, o sujeito não aprova a violação e permite que a autoridade transforme a regra a qualquer momento. Uma promessa, conforme declaração de S1M12/13, só deve ser cumprida se houver um contato contínuo entre as pessoas envolvidas. O ato de não mentir e não discutir com a autoridade faz com que a convivência entre as partes seja melhor. Nesse sentido, para S1M12/13, a autoridade sempre tem razão no estabelecimento de uma regra, ou de uma norma a ser seguida, embora, a autoridade deva respeitar, também, a perspectiva de quem lhe deve obediência. No dilema 3, embora considere, ingenuamente, a intenção de um ato, reconhece na punição severa de um ato a única forma de se fazer justiça, baseando-se na lei de Talião quando diz que alguém que mata, independente da sua intenção, deve pagar com a própria vida. O sujeito sente dificuldades de assumir o papel do outro. Não reconhece o sentimento das partes e deixa claro que o que realmente importa é o cumprimento de uma lei para a boa vivência em sociedade. S1M12/13 percebe o conflito envolvido no dilema 3 e julga um ato infracionário correto, mesmo que este acarrete a morte de um indivíduo, ou de um animal, para acabar com o sofrimento dos mesmos. A decisão de acabar com uma vida ou não deve ser de responsabilidade de quem possui a vida, mas as pessoas que mantêm laços afetivos com a mesma devem opinar e devem buscar outras possibilidades, como por exemplo, *“falar para pesquisar um remédio que não mate”*. O fato de a eutanásia ser aplicada para sanar o sofrimento de alguém torna esse ato moralmente correto, porém o sujeito alerta para que a mesma não seja aplicada sempre, pois, por qualquer motivo banal, a mesma pode ser requerida. No caso da eutanásia, S1M12/13 não vê como crime o ato do médico, pois o mesmo o fez, porque o doente, que não queria sentir mais dor, pediu. Porém, ao considerar a perspectiva de um juiz que vai julgar o caso, S1M12/13 destina que o médico vá para cadeia como uma forma de punição para o seu ato porque todas as pessoas que violam uma lei, só pelo fato de violarem a lei, devem ser punidas e se cometem um delito, cuja consequência é a morte, estas merecem pagar com a própria vida. A moralidade, para o indivíduo, está governada por regras externas. O sujeito tem dificuldade de considerar dois pontos de vista em um assunto moral e não chega a entender as várias expectativas que devem ser compartilhadas num julgamento moral. A perspectiva da autoridade é sempre aceita e só são consideradas as consequências de um ato na hora de julgá-lo. O ponto de vista desse sujeito é egocêntrico e a ordem social é concebida, claramente, por meio do poder da autoridade. A boa conduta, para o indivíduo, é aquela que agrada ou é aprovada pela autoridade, ou seja, o comportamento certo é aquele que agrada os outros, a ação correta é a que satisfaz a sua própria conduta e a das pessoas que tenham alguma ligação afetiva com o indivíduo. Dessa forma, a maioria das características descritas nas respostas dadas pelo indivíduo permite aludirmos à fase em que estão presentes a responsabilidade objetiva, o realismo moral e o valor sagrado da regra. O sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 do julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S02F12/13: seu depoimento não será analisado porque o participante do estudo não esteve presente em uma das etapas do pós-teste, embora tenha participado de todas as outras etapas da intervenção pedagógica.

Identificação do sujeito: S3F12/13

Dilema 1

S3F12/13 aceita a violação de uma lei, se tudo o que se podia ter feito, legalmente, já foi feito para salvar a vida de uma pessoa amada. Caso contrário, pela vida de um estranho, S3F12/13 não violaria uma lei, mas tentaria ajudar, por exemplo, falando para o farmacêutico vender o remédio pelo preço que Heinz pode pagar. S3F12/13 afirma que se deve fazer tudo para salvar a vida de outrem, porque os seres humanos sempre devem “ajudar uns aos outros”, inclusive, infringindo uma lei, mesmo que essa infração gere uma punição. Um amigo íntimo de Heinz, policial, não deve denunciá-lo porque ele violou uma lei para salvar a vida de quem ele ama. Ao decidir se Heinz deve ou não ser punido pelo seu ato, o sujeito prescreve uma sentença a Heinz porque ele violou uma lei, mas reconhece que essa sentença deve ter como objetivo ajudar outras pessoas. Há a necessidade de um contrato social para se estabelecer ordens.

Dilema 2

A violação da regra imposta pela autoridade deve ser delatada pela filha mais velha porque os interesses da mãe são mais convincentes do que os da filha mais nova. O fato de o não-cumprimento de uma regra poder acarretar conseqüências graves para o infrator coopera para a delação desse não-cumprimento. Ao lembrar-se da promessa de uma autoridade, o sujeito enxerga a perspectiva oposta e permite que a autoridade não seja respeitada. Isso acontece porque há uma ligação entre as partes envolvidas numa promessa. Caso contrário, uma promessa não precisa ser cumprida. O respeito pela ordem da autoridade deve ser primordial numa relação e as ordens da autoridade devem ser acatadas, segundo S3F11/32, até o mesmo adquirir maturidade para tomar as suas decisões (o sujeito adquirirá essa maturidade aos 15 anos, mais ou menos). O fato de Joe ter ganhado o seu próprio dinheiro permite que a autoridade seja desrespeitada. Respeitar a autoridade não tem a ver com dar dinheiro à mesma porque o dinheiro foi conquistado por Joe e não pela autoridade. Se fosse a autoridade que tivesse dado o dinheiro a Joe, ele seria obrigado a obedecer. Não é necessário cumprir uma promessa a alguém que nunca mais vai se ver. Amor, não mentir e cumprir uma promessa ajuda em qualquer relacionamento com a autoridade.

Dilema 3

A eutanásia não deve ser feita em nenhuma circunstância porque é contra a lei e S3F12/13 vê na prática desse ato um assassinato, um crime. Pessoas próximas a uma paciente muito doente não devem opinar a respeito da prática da eutanásia e devem, sim, deixar a decisão por conta da paciente doente, já que ela é quem sabe o quanto está sofrendo. A eutanásia praticada em animais também é vista como um crime, pelo sujeito, mas é permitida porque o animal não pode sofrer. O sujeito acredita que deve se fazer tudo para obedecer a uma lei, mas se for preciso burlar uma lei para sanar o sofrimento de alguém, que este ato seja feito. A denúncia, nesse caso, não deve ser feita, tendo em vista a intenção do médico que é acabar com o sofrimento de sua paciente. Apesar de, segundo S3F12/13, o médico ter agido por uma causa nobre, ele merece punição porque ele cometeu um crime. S3F12/13 vê no cumprimento do contrato social a necessidade de se manter a ordem. Para pessoas que matam outras, em benefício próprio, o sujeito prescreve sentença de morte.

Identificação do nível de raciocínio moral de S3F12/13

Em todos os dilemas, o sujeito apresentou contradições nas suas respostas. Primeiramente, admite que uma lei seja descumprida se for para beneficiar uma pessoa a quem se têm laços afetivos, pois a vida de um estranho é desconsiderada, nesse caso, pelo indivíduo. S3F12/13 atua, simplesmente, no sentido de defender os seus próprios interesses e necessidades, mas, ao mesmo tempo em que demonstra um caráter individualista no seu discurso, apresenta características egocêntricas de análise. No dilema 2, o sujeito demonstra certa capacidade de assumir o papel de outras pessoas e não só o da autoridade. Percebe-se que o respeito à autoridade é sempre aliado ao sentimento de gratidão pela mesma. No dilema 3, quanto à eutanásia, S3F12/13, primeiramente, demonstra que as regras estabelecidas pelo contrato social não devem ser descumpridas, mas depois, ao posicionar-se na perspectiva das outras pessoas envolvidas, acata a violação dessa lei. Podemos concluir que o sujeito encontra-se numa fase de transição entre o estágio 2 e o 3 do julgamento moral.

Identificação do sujeito: S4F12/13

Dilema 1

O fato de Heinz amar a sua esposa é de extrema relevância para que ele viole uma lei. Se fosse para salvar a vida de um estranho, Heinz deveria tentar um outro meio para ajudá-lo como tentar conseguir o dinheiro ou falar com o farmacêutico para ele cobrar um preço mais barato pelo medicamento. É importante fazer de tudo para salvar a vida de alguém, mas esse “tudo” tem restrições. É necessário o contrato social para o estabelecimento da ordem.

Dilema 2

É permitido não cumprir a ordem estabelecida pela autoridade e não há necessidade de delação desse descumprimento por haver um sentimento de confiança entre o delator e o delatado. A obrigação de contar ou não sobre o descumprimento da ordem é de quem descumpriu a ordem e de mais ninguém. É importante cumprir uma promessa somente a quem se conhece. O sujeito vê a possibilidade de Joe negar o dinheiro ao pai pelo fato de ele ter ganhado o próprio dinheiro, mas reconhece que o pai sempre lhe deu dinheiro quando ele precisou. A união é o mais importante numa relação familiar. Um filho deve obedecer a um pai até o momento em que sair de casa, não morar mais com os pais.

Dilema 3

O médico deve praticar a eutanásia para sanar o sofrimento da sua paciente e porque ela quer que a faça. O marido da paciente doente deve acatar e concordar com a sua vontade para não gastar mais dinheiro com o tratamento. S4F12/13 vê na prática da eutanásia um ato errado perante a lei, porque isso constitui um assassinato. As pessoas que infringem a lei devem ser punidas sempre, mas, no caso da eutanásia, o médico não deve ser punido porque ele acatou a vontade da paciente que estava sofrendo. Segundo S4F12/13, o médico não se torna criminoso por esse ato porque sua intenção foi boa.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S4F12/13

Na maioria dos momentos, o raciocínio e os argumentos de S4F12/13 apresenta-se individualista e egocêntrico em seus julgamentos, pois a ação correta é sempre a que satisfaz as suas próprias necessidades e, ocasionalmente, a dos outros, sempre a partir de um ponto de vista físico e pragmático. Por outro lado, em algumas circunstâncias, o sujeito julga um ato pela sua intenção e não pela sua consequência e existe a capacidade de assumir o papel das pessoas com as quais se tem mais ligação. Por isso, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito S5F12/13 - O sujeito não estava presente no dia da aplicação do pré-teste e por essa razão foi excluído da pesquisa, embora tenha participado de todo os outros procedimentos de coleta de dados.

Identificação do sujeito: S6M12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio para salvar a sua esposa porque o remédio não vai fazer falta para o farmacêutico. Mesmo se Heinz não amasse a esposa, ele deveria furtar o remédio, esperando que se um dia ele precisasse, a esposa faria o mesmo por ele. O sujeito não roubaria o remédio para salvar a vida de um estranho, porque uma pessoa próxima a esse estranho deverá tomar essa atitude por ele ou ter uma atitude melhor. Deve-se fazer tudo para salvar a vida de outrem porque um dia pode-se precisar que essa pessoa faça o mesmo. Ao reconhecer que Heinz pode perder a esposa se não furtar o medicamento, o sujeito atenta que o ato de roubar é contra a lei e que obedecer a leis é necessário para o estabelecimento da ordem social. Um policial não deve denunciar Heinz porque ele cometeu um crime para salvar uma vida. Apesar de reconhecer a intenção de Heinz, ao salvar a esposa, S6M12/13 infere que Heinz deve pagar por isso porque roubar é crime, para ele aprender a não violar mais uma lei e para ele pensar no que ele fez. Para isso, o sujeito faria Heinz trabalhar para o farmacêutico até ele conseguir pagar pelo preço todo do remédio.

Dilema 2

Judy deve contar a sua mãe que a sua irmã lhe desobedeceu porque uma boa filha não deve guardar um segredo de uma irmã mentirosa. A decisão da mãe não pode ser descatada em momento algum. A promessa não deve ser cumprida a uma pessoa que nunca mais será vista. O mais importante numa relação entre mãe e filha é não mentir porque nunca é permitido desobedecer a uma ordem da mãe. O dinheiro deve ser negado ao pai porque quem trabalhou e ganhou esse dinheiro foi Joe, só que se Joe der o dinheiro para o pai, eles será um filho melhor. Um filho deve sempre obedecer ao pai e o pai sempre deve confiar no filho.

Dilema 3

O dever de um médico é fazer de tudo para salvar a vida de sua paciente. O médico deveria dar um remédio para que parasse a sua dor, mas não matá-la, porque não é esse o dever do médico. Por outro lado, o sujeito esclarece que a decisão de viver ou morrer deve ser da mulher, mas ela deve ouvir a opinião de seu marido, que não vai querer que ela morra. Um cachorro pode ser morto para sanar o seu sofrimento porque,

segundo S6M12/13, é pior ver um cachorro agonizando do que matá-lo. Aplicar a eutanásia é errado porque é contra lei matar uma pessoa, mesmo que ela esteja muito doente. Um médico que sabe do acontecido deve denunciá-lo porque ele cometeu um erro contra lei e para pagar pelo seu erro, o sujeito o puniria com cinco anos de cadeia, justificando que assim ele pensaria no que fez e essa também é a justificativa pela qual S6M12/13 defende a punição para pessoas que infringem a lei para que possamos viver bem numa sociedade. Mas o sujeito não aceita a possibilidade de dar a sentença de morte ao médico porque não foi ele que quis matar a mulher, ele matou porque ela quis porque na verdade, S6M12/13 vê a pena de morte como um crime também porque ela também é contra a lei.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S6M12/13

S6M12/13 mostra-se extremamente individualista e egocêntrico ao relatar que só infringiria uma lei para salvar a vida de uma pessoa a qual ele tenha afetividade. Quanto à pessoa estranha, que uma pessoa próxima a ela o faça. Porém, há um início de reciprocidade no seu discurso: “se ele tivesse no lugar dela, ela faria o mesmo”, mesmo que essa reciprocidade seja pragmática. A obediência à lei é importante para a manutenção da ordem social. Quando é questionado sobre uma punição a Heinz, a sanção não é expiatória: fazer Heinz trabalhar para pagar o remédio que roubou. A obediência à autoridade sempre deve acontecer porque “faz uma boa filha contar e não ficar guardando segredo de uma filha que foi mentirosa”. Essa é a moralidade do bom garoto. O comportamento certo é o que agrada à autoridade. A obediência à autoridade é a solução para uma boa relação com a mesma. Apesar de reconhecer o direito de uma pessoa decidir se quer viver ou morrer, o sujeito opta pela não-infração de uma lei porque é contra lei matar uma pessoa, em qualquer instância, inclusive na pena de morte. Porém, a vida de um animal não é considerada como a de um ser humano, e, para o animal, a eutanásia pode ser feita. Devido a estas constatações, podemos inferir que este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os Estágios 2 e 3 da teoria de julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S07M12/13: seu depoimento não será analisado porque o participante do estudo não esteve presente em uma das etapas do pós-teste.

Identificação do sujeito: S8M12/13

Dilema 1

O fato de o farmacêutico não querer vender o remédio mais barato para salvar a vida da esposa de Heinz quer dizer que ele é uma pessoa egoísta e Heinz deve furtrar o remédio, independente se ele ama ou não a sua mulher, porque o importante é salvar uma vida. A vida de um estranho também deve ser considerada porque ele tem “direito de viver como qualquer pessoa, mesmo que ela não seja da família” para “estar com a consciência limpa”. Porém, o ato de Heinz pode fazer com que a “polícia vá atrás dele”, ou seja, Heinz terá prejuízos com a lei. Um amigo policial não deve denunciar a atitude de Heinz porque isso seria uma traição. O juiz deve fazer com que Heinz faça trabalhos comunitários como forma de punição porque ele infringiu uma lei.

Dilema 2

O direito de ir ao show é mais importante do que a norma estabelecida pela autoridade. O desrespeito à autoridade fica sem importância porque a mãe prometeu e não cumpriu e a filha batalhou para conseguir o dinheiro. Cumprir com uma promessa é de extrema importância. A obediência a uma autoridade deve existir até o filho ter idade suficiente para responder pelos seus atos. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele ganhou o dinheiro sozinho e o pai prometeu que ele podia ir ao acampamento se conseguisse o dinheiro, já que uma promessa sempre tem que ser cumprida. É importante respeitar a autoridade “para não se ferrar depois”.

Dilema 3

A eutanásia não deve ser aplicada pelo médico, pois isso é crime e ele poderá ser preso. Porém, S8M12/13 também reconhece o direito de a paciente querer a eutanásia. A decisão do marido deve influenciar na escolha da paciente porque ele sempre vai querer o seu bem. A vida de um animal também deve ser poupada. Obedecer a uma lei é importante porque “nós temos direitos e temos deveres a cumprir”. Porém, o médico não deve ser denunciado pelo colega de trabalho porque a sua intenção foi acabar com o sofrimento de sua paciente. O médico não deve ser punido porque a sua intenção foi ajudar a mulher. Ele deve ser punido porque ele fez o que não pode e deve ser punido por isso.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S8M12/13

O princípio da vida deve ser respeitado, independente, se a vida é de um ser humano ou de um animal. As leis não devem ser desobedecidas para poder manter as ordens sociais. Deve-se cumprir o dever. O respeito

pela autoridade e o direito, deve-se à manutenção da ordem. Existe a capacidade de assumir o papel das outras pessoas e a punição é necessária para a manutenção da ordem social. Estágio 3 e 4.

Identificação do sujeito: S9F12/13

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio para sua mulher sobreviver, mesmo se ele não a ama “*porque devemos ajudar as pessoas numa situação difícil*”. Segundo S9F12/13, “*não conseguiríamos ver uma pessoa morrendo e não ajudar*”. Portanto, devemos seguir os preceitos de Jesus que nos disse “*Amamos uns os outros*” e devemos ajudar as pessoas mesmo que não sejam da nossa família. Conforme respostas de S9F12/13, todas as leis devem ser obedecidas, mas só no caso de Heinz seria permitida a violação dessa lei. O policial amigo de Heinz não deveria denunciá-lo porque ele cometeu o delito para salvar uma vida. Ao assumir a perspectiva de um juiz, designado a julgar o caso, S9F12/13 leva em consideração a intenção de Heinz e lhe manda cumprir pena fazendo “*serviços comunitários*” por um ano. As leis são importantes para as pessoas “*terem consequência de seus atos*” e “*para se viver em sociedade*”.

Dilema 2

Levando em conta que o ato de mentir para a mãe poderia ter tido uma consequência grave à Judy, Louise, a irmã mais velha, deve contar à mãe, apesar de não ser considerada por S9F12/13 uma filha melhor se fizer isso. É melhor contar para zelar pela segurança de sua irmã mais nova, embora o sujeito reconheça o direito de a irmã mais nova fazer o que bem quiser com o seu dinheiro que ganhou com o próprio trabalho e porque a mãe lhe havia prometido deixar ir ao show e não cumpriu com a promessa. A mãe deve mandar nas ações da filha até que a filha complete 18 anos e possa responder pelos seus próprios atos. No caso do dilema 2A, Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ganhou o dinheiro trabalhando e tem o direito de usufruí-lo da forma que achar melhor, mas se ele der o dinheiro ao pai, este ato lhe tornará um filho melhor aos olhos do pai. Quanto ao pai, é importante que ele cumpra o que promete ao filho se quiser que o filho nunca lhe desobedeça.

Dilema 3

A mulher tem o direito de querer a eutanásia porque está sofrendo muito, mas o médico não pode aplicá-la porque “*não podemos tirar a vida de ninguém*”. O marido deve opinar na decisão da mulher porque “*sua vida vai mudar com a sua morte*” e deve levar em conta que a mulher precisa de pessoas que a apoiem para que ela fique livre da dor. A eutanásia é ilegal, mas não é um ato moralmente errado, pois se ajuda a acabar com a vida de alguém. O médico não deve ser denunciado porque matou a mulher para livrá-la de um sofrimento. Na posição de um juiz que julga o caso, S9F12/13 deixa o médico livre porque “*ele fez o melhor para sua paciente*”. As pessoas “*precisam de limites*” e é importante diferenciarmos um assassino como o Dr. Jefferson de um assassino que mata outras pessoas inocentes em assaltos.

Interpretação do raciocínio moral de S9F12/13

A vida de qualquer pessoa é considerada importante para S9F12/13. O sujeito considera o outro em suas respostas. As pessoas devem cumprir com deveres e obrigações perante as leis, exceto em casos extremos como o de Heinz, onde deve prevalecer o princípio da vida ao da propriedade privada. Um crime é analisado de acordo com a sua intenção. A responsabilidade do sujeito é subjetiva, pois consegue diferenciar “*assassinos*” pela intenção com que matam alguém. Existe a capacidade de assumir o papel das outras pessoas. S9F12 relaciona pontos de vista, mas não considera uma perspectiva do sistema generalizado. Há a postura do bom menino, quando fazer a ação correta deve culminar na obtenção da aprovação dos outros, no caso, do pai de Joe, no dilema 2. Por tais fatos apresentados nas respostas de S9F12/13, ele está entre os estágios 3 e 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S10F11/12 - O sujeito não estava presente no dia da aplicação e por essa razão foi excluído da pesquisa, embora tenha participado de todos os outros procedimentos de coleta de dados.

Identificação do sujeito: S11F12/13

Dilema 1

Heinz deve assaltar a farmácia porque está desesperado. Ele deve roubar, independente se ele ama ou não a mulher, mas não deve se prejudicar para salvar um estranho. A ajuda ao estranho tem limitações. É preciso obedecer à lei, como não roubar, para que as pessoas não façam o que querem. O policial amigo de Heinz deve

denunciá-lo porque roubar é contra lei. O juiz deve suspender a sentença a Heinz e fazê-lo pagar pelo remédio ao poucos. As pessoas que violam as leis devem ser punidas, mas no caso de Heinz, não.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã porque uma filha nunca deve mentir para os pais e isso ia fazer com que Judy não mentisse mais. Essa deve ser a intenção do ato de Louise. Judy deve obedecer à mãe e ir ao concerto de rock numa outra oportunidade. O sujeito reconhece que a mãe foi errada de prometer e não cumprir, mas Judy foi mais errada ainda de ter mentido. Uma promessa sempre deve ser cumprida. O relacionamento entre mãe e filha deve ser pautado na confiança e na verdade, preocupando-se em cumprir o que se promete. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele que batalhou para ter o dinheiro. O pai não tem o direito de pedir o dinheiro a Joe, mas se Joe desse o dinheiro ao pai, ele seria um filho melhor. Não é preciso cumprir uma promessa a um desconhecido. Um filho sempre deve obedecer a um pai.

Dilema 3

É crime dar a droga à mulher porque matá-la seria crime porque é contra lei. A mulher não tem direito de tirar a própria vida, ela deve suportar a dor porque pensa na eutanásia somente na hora do desespero. O marido deve ajudar a mulher na sua decisão. Um animal deve ser sacrificado para não sentir mais dor. Deve-se fazer tudo para obedecer a uma lei porque a lei é justa e nós devemos ser justos. Dr. Rogers não deve denunciar Dr. Jefferson porque ele teve uma boa intenção ao aplicar a eutanásia e um juiz deve deixar Dr. Jefferson livre porque ele matou a pedido da paciente. A punição deve existir para que ocorra a ordem social. Alguém que viola uma lei deve ser punido.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S11F12/13

O sujeito se demonstra muito individualista a julgar o ato de Heinz, pois reconhece apenas os seus próprios interesses. Por outro lado, demonstra o reconhecimento da reciprocidade ao julgar o ato de Heinz, fazendo-o pagar o remédio trabalhando. As normas estabelecidas pela autoridade sempre devem ser obedecidas e há a preocupação em agradar a autoridade. A punição deve existir para o estabelecimento da ordem social e as leis não devem ser desobedecidas para poder manter a ordem social. O sujeito encontra-se entre os estágios 2 e 3 do desenvolvimento moral.

Identificação do sujeito: S12M13/13

Dilema 1

É importante violar uma lei para salvar a vida de alguém a quem temos afetividade. No caso de um estranho, Heinz também deveria roubar porque ele poderia precisar da ajuda desse estranho um dia. Para o sujeito, é válido roubar para ajudar uma pessoa. O policial amigo de Heinz não deve denunciá-lo porque ele não viu Heinz cometer o delito. O juiz deveria dar liberdade a Heinz pelo fato de ele ter roubado para salvar a vida da pessoa amada. O sujeito daria um ano de cadeia para Heinz pagar pelo seu delito.

Dilema 2

A irmã mais velha deve delatar a mais nova porque a desobediência dela poderia ter tido uma grave consequência. Uma boa filha deve contar à sua mãe a desobediência da irmã. É direito da filha não obedecer a mãe porque a mãe prometeu e não cumpriu, mas a filha tem que pensar na ordem da mãe, tem que pensar que ela ficaria sem a camiseta da escola. A filha deve obedecer à mãe porque nasceu da barriga dela e a mãe tem medo da filha se machucar, por isso não cumpriu com a promessa. O pai não tem direito de pedir o dinheiro a Joe, porque Joe trabalhou para ganhar o seu próprio dinheiro, mas se ele desse o dinheiro ao pai, ele estaria fazendo o bem e seria um bom filho. É importante cumprir uma promessa para qualquer pessoa.

Dilema 3

O médico deve dar a droga a sua paciente porque ela já estava morrendo mesmo, não faz diferença que a mulher morra de uma só vez. O mesmo deve acontecer com um animal se ele estiver morrendo. O médico não deve ser denunciado por aplicar a eutanásia porque ele matou a paciente a pedidos dela mesma e porque ela estava sofrendo demais. Por isso, um juiz que analisa o caso deve suspender a sentença ao médico.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S12M13/13

Ao ser questionado se Heinz deve ou não furtar o remédio, o sujeito se apresenta individualista, ressaltando o fato de Heinz roubar para salvar a vida de quem ele ama. Há a presença de reciprocidade pragmática no discurso do sujeito, de que se faz algo por outra pessoa, essa pessoa fará por ele também. O sujeito acredita na equidade das permutas. No dilema 2 e 3, fica clara a conformidade com a ordem estabelecida,

embora, no dilema 2, o sujeito reconheça o direito de uma desobediência e a boa conduta é a que agrada aos pais (autoridade). Por essas razões, o sujeito encontra-se entre dos estágios 2 e 3 do desenvolvimento moral.

Identificação do sujeito: S13F13/14: seu depoimento não será analisado porque o participante do estudo não esteve presente em uma das etapas do pós-teste.

Identificação do sujeito: S14F13/14

Dilema 1

O sujeito acredita que Heinz não deve roubar porque, com certeza, deve ser destino de sua mulher morrer de câncer e Heinz não vai conseguir ajudá-la, esse ato só irá deixá-lo com a “consciência limpa”. Por outro lado, já que Heinz quer se submeter a cometer um crime, ele não deve roubar só em benefício de sua mulher, mas também em benefício de qualquer outra pessoa, porque somos todos “seres humanos e todos temos um coração”, mas ele de procurar não roubar. A solidariedade de Heinz deve servir para todas as pessoas porque ele pode precisar da ajuda de uma dessas pessoas um dia. O ato de Heinz roubar é moralmente errado, porque mesmo que seja para salvar a vida de uma pessoa é “feio”. O policial amigo de Heinz não deve denunciá-lo porque ele não viu Heinz roubando, assim não tem provas suficientes para isso, sem contar que um amigo deve “ajudar os segredos de seu amigo”. Heinz deve ser punido por ter violado umalei, mas trabalhando para o farmacêutico até sanar as suas dúvidas. As pessoas que violam as leis devem pagar pelos seus erros e a punição deve ser feita de uma forma séria e justa.

Dilema 2

A irmã deve calar-se porque um irmão deve guardar segredo de outro e nem tudo devemos contar aos nossos pais, sem contar que o dinheiro é de Judy porque ela trabalhou para consegui-lo e o fato de a mãe não cumprir a promessa é o ponto que culmina na desobediência de Judy. Amor e carinho são importantes na relação de mãe e filha, e a mãe deve ter autoridade sobre uma filha só até a filha completar 18 anos. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele juntou o dinheiro com seu trabalho. Dar o dinheiro não tem a ver com ser um bom filho, pois um bom filho deve respeitar os pais. O fato de o pai ter prometido e não ter cumprido é importante para Joe usufruir do seu direito de ir ao acampamento e negar o dinheiro ao pai e uma promessa sempre deve ser cumprida. Respeito é o que importa numa relação entre pai e filho.

Dilema3

É direito da mulher decidir se deve ou não morrer porque ela é quem sente dor, mas o marido deve participar da decisão da mulher porque a esperança dele nunca deve acabar. O fato de a mulher querer morrer é uma atitude “covarde” porque a morte da mulher seria “não só falta de respeito, não só com o ser humano, mas com o mundo”. A lei deve prevalecer sempre. O juiz deve dar sentença de morte ao médico que aplicou a eutanásia na mulher porque ele matou e, na vida, pagamos por tudo que fazemos.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S14F13/14

Fica clara a presença da Justiça Imanente no discurso de S14F13/14, ao julgar que Heinz não deve roubar o remédio porque deve ser o destino da sua mulher morrer de câncer. Por outro lado, ao considerar a hipótese do roubo, o sujeito apresenta, em seu discurso, o princípio da reciprocidade quando diz que devemos fazer o bem para qualquer pessoa, independente se possuímos, ou não, afetividade por ela. Porém, essa reciprocidade é entendida como “moeda de troca”, sendo pragmática e concreta em que se faço algo por uma pessoa, essa pessoa fará por mim. Acredita-se, assim, na equidade das permutas. O direito sobrepassa à obediência à autoridade. No caso da eutanásia, fica evidente, na sentença que o sujeito determina ao médico, a presença da “Lei de Talião” (olho por olho, dente por dente) em que o juiz deve dar a sentença de morte ao médico. Por tais constatações, este sujeito apresenta-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S15M12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio porque “perder alguém é muito triste e esse alguém é uma pessoa querida por ele”, porque, caso contrário, se fosse um estranho, não vale a pena, apesar de o sujeito crer que Heinz está “fazendo o bem”. O fato de Heinz ser preso faz com que o sujeito evidencie que seu ato é errado. O amigo policial não deve denunciar Heinz porque ele está salvando sua mulher e um juiz deve dar uma sentença de mais ou menos um ano de prisão par que Heinz não roube mais. Todas as pessoas que violam as leis devem ser punidas porque infringiram uma lei.

Dilema 2

Judy não deve desobedecer a mãe porque a verdade “sempre aparece” e o fato de Louise contar à mãe sobre a mentira a torna uma boa filha. Mas o fato de Judy ter ganhado o próprio dinheiro e de a mãe ter prometido dá o direito a Judy de usufruir do próprio dinheiro como quiser. A obediência à autoridade deve acontecer até o sujeito adquirir a maioridade (18 anos). O fato de Joe ter conseguido o dinheiro para o acampamento trabalhando lhe dá o direito de negá-lo ao pai e isso não infere que Joe será um filho pior. O fato de o pai ter prometido que Joe iria ao acampamento e não ter cumprido com a promessa faz com que Joe negue o dinheiro também. É importante cumprir uma promessa “para não ficar feio para a pessoa”. É necessário obedecer a autoridade desde que ela não o mande matar ou roubar.

Dilema 3

É errado o médico aplicar a droga na mulher porque isso é contra lei, mas a mulher tem o direito de querer que seja aplicada a eutanásia. O marido deve participar da decisão da mulher porque “quando se casa, falamos que o homem e a mulher são um só” e um bom marido deveria recorrer a Deus e pedir para que salve a sua mulher. A vida de um animal não vale tal qual a da mulher porque o animal é “irracional”. Deve-se fazer de tudo para obedecer a lei porque pode-se ir preso. Na hora de dar uma punição ao médico que aplica a eutanásia, deve-se levar em conta a intenção do médico para ajudar a sanar a dor do paciente e libertá-lo.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S15M12/13

O sujeito mostra-se individualista e egocêntrico ao inferir que Heinz deve roubar apenas para salvar a vida de uma pessoa querida. A sanção destinada a Heinz é expiatória (1 ano de cadeia) e todas as pessoas que violam uma lei devem ser punidas. Há a preocupação com a postura do bom menino, no dilema 2, em que fazer a ação correta é obter a aprovação do outro. Há limitações na hora de defender o princípio da vida, porque a vida de um animal não deve ser considerada como a vida de um ser humano. É necessária a obediência a uma lei porque se pode ir preso, e a moralidade está governada por regras externas e tudo o que pode acarretar uma punição é considerado errado. Por tais inferências, subentende-se que este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria de julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S16F12/13

Dilema 1

Já que a única solução para salvar a mulher é roubar o remédio, Heinz deve fazê-lo. É necessário salvar a mulher, mesmo que não a ame, porque a pessoa salva irá ser grata a você pelo resto de sua vida. Entre roubar e salvar a vida da mulher, Heinz deve privilegiar salvar a vida da mulher, apesar de termos que obedecer às leis. O fato de o policial ser amigo íntimo de Heinz faz com que ele não cumpra com o seu dever. Heinz deve pagar pelo remédio para ficar livre dessa acusação. As pessoas que violam leis devem ser punidas.

Dilema 2

Louise não deve contar porque Judy confiou nela. Mentir para a mãe é errado e ela ainda é menor de idade e não pode decidir sua vida sozinha. O fato de ter trabalhado dá o direito a Judy de usufruir de seu dinheiro como quiser. Obedecer à mãe é o mais importante na relação mãe e filha. O fato de o pai já ter pagado várias coisas para Joe, permite que o pai exija o dinheiro do filho, mas dar ou não o dinheiro, não vai tornar Joe um filho melhor. O filho deve obedecer a um pai desde que ele não peça para o filho infringir uma lei. O pai deve mandar no filho até que ele complete 19 anos.

Dilema 3

O médico não deve aplicar a eutanásia porque a mulher pode melhorar, mas a mulher deve tomar a decisão final. O marido não deve deixar aplicar a eutanásia porque a obrigação da mulher é querer viver. Matar animais para livrá-los da dor pode porque não é crime, não tem “lei envolvida”, apesar de o sujeito entender que “nem todas as leis são corretas”. O médico deve ser preso por três anos e deve ser impedido de exercer a sua profissão. As pessoas que não obedecem às leis devem ser punidas.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S16F12/13

A infração da lei só pode ocorrer se esta é a última alternativa para se salvar a vida de alguém, mesmo se há ou não afetividade para com a pessoa salva. A autoridade deve ser respeitada se houver um sentimento de gratidão entre as partes. A conduta correta consiste em realizar o próprio dever, mostrando respeito pela autoridade e pela ordem social. O sujeito é capaz de ter em conta não só a perspectiva de duas pessoas, mas

também a da lei. Dessa forma, pode-se inferir que este sujeito encontra-se no estágio 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S17F13/13

Dilema 1

Heinz não deve furtar porque estaria “jogando no mesmo nível do farmacêutico”. É preciso ter paciência porque se Heinz não gostou do que o farmacêutico fez com ele, ele não deve fazer igual ao farmacêutico, porque “o que não queremos que façam pra gente, não devemos fazer para os outros”. Heinz deve ajudar um estranho também porque um dia pode precisar da ajuda desse estranho. Apesar de roubar se contra lei, devem-se “abrir exceções”. Furtar, para Heinz, o tornará um “herói”. As leis foram feitas para o bem das pessoas, mas há casos em que elas devem ser violadas porque são injustas. Deve-se analisar cada caso. O policial amigo de Heinz não deve denunciá-lo porque ele teve uma intenção boa ao roubar. Para S17F13, “*toda história tem dois lados*”, e o juiz deve levar em consideração o fato de Heinz furtar para salvar uma vida e deve estipular “uma sentença de ajudar aos pobres ou a quem precisa”.

Dilema 2

A irmã mais velha não deve trair a confiança da mais nova e contar a mentira da irmã para a mãe. Ela deve conversar com a irmã, deve falar que o que ela fez não foi certo. Mas se mentir para a mãe se tornar um ato freqüente na vida da irmã mais nova, ela deve delatar a irmã. Se a mãe não deixou Judy ir ao show é porque tinha algo errado lá no show, embora Judy tenha o direito de fazer o que quiser com o dinheiro que ganhou trabalhando. Na relação mãe e filha, deve haver confiança em ambas as partes. O pai de Joe, ao pegar o dinheiro do filho, lhe dará um mal exemplo porque Joe tem o direito de negar esse dinheiro ao pai porque ele trabalhou para conquistar o dinheiro. O pai deve cumprir com a promessa que fez ao filho e os dois devem saber “aceitar um não sem brigas”.

Dilema 3

O médico não deve aplicar a eutanásia porque se a mulher tem pouco tempo de vida, ela deve aproveitar esse tempo que lhe resta. A mulher deve deixar o marido opinar a respeito do assunto, mas ele deve aceitar a decisão final que deve ser da mulher, que tem o direito de escolher o que fazer com a vida, embora deva levar em conta que sua decisão pode “arruinar vidas” das pessoas que a amam. A vida do animal não deve ser considerada como a vida da mulher porque “animal não tem sentimentos, não raciocina e age por impulsos”, ao contrário da mulher. A eutanásia é um ato contra a lei, mas não é moralmente errado porque vai acabar com o sofrimento da mulher. A regra é para ser obedecida, assim como a lei, mas toda regra deveria ter uma exceção, assim como a lei.

Interpretação do raciocínio moral de S17F13/13

O sujeito julga Heinz um herói ao cometer o furto para salvar a mulher. Isso evidencia a moral do bom garoto em que há a preocupação em admitir uma conduta que agrada aos outros. A ação correta é a que obtém a aprovação dos demais. O sujeito admite que as pessoas devem cumprir com deveres e obrigações e devem respeitar leis, e a autoridade para que haja uma ordem social estabelecida para o bem de todos. Mas há casos extremos em que há um conflito com as regras sociais existentes, sendo permitida, assim, a infração de uma regra, de uma lei. Portanto, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S18M13/14

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio para salvar sua mulher mesmo que ele não a ame assim como qualquer pessoa. O fato de roubar para ajudar uma pessoa torna o ato menos grave, porque, segundo o sujeito, “tem leis que não são justas”. O policial não deve denunciar Heinz porque ele não tem “provas concretas”. Heinz deve ser libertado porque ninguém o viu roubando. As pessoas que violam leis devem ser punidas porque “descumpriram com um trato”.

Dilema 2

O fato de a mãe ter dito que a filha podia ir ao show e depois ter voltado atrás com a sua afirmação dá o direito a Judy de não obedecer à mãe e ir ao show. Mas se a irmã não contar, Judy vai criar o hábito de mentir para a mãe. Uma filha tem que respeitar a mãe até morrer. Joe deve dar o dinheiro ao pai porque ele é obrigado,

apesar de o sujeito reconhecer que o garoto tem o direito de gastar o dinheiro como quiser porque trabalhou para ganhar o seu próprio dinheiro. O filho sempre tem que obedecer ao pai.

Dilema 3

O médico não deve aplicar a eutanásia porque é ilegal, apesar de a mulher ter o direito de decidir que o que deve ser feito com a própria vida, mas o marido deve fazer parte desta decisão. A vida do “cachorro” não deve ser considerada como a da mulher porque “a lei da mulher é diferente da do cachorro”. A eutanásia é ilegal. Mesmo que a eutanásia foi aplicada pelo médico a pedidos da mulher, ele deve ser punido porque infringiu a lei, mas não com pena de morte.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S18M13/14

O princípio da vida deve ser mais importante que o princípio da propriedade privada no dilema 1. Porém, há uma escala de valores para se considerar este princípio, em que a vida de um ser humano é mais importante que a vida de um cachorro, por exemplo. A conduta correta consiste em realizar o próprio dever, mostrando respeito pela autoridade e pela ordem social estabelecida para o bem de todos. Deve-se cumprir uma promessa. O sujeito é capaz de ter em conta não só a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. Por tais motivos, este sujeito encontra-se dentro do estágio 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S19F12/13

Dilema 1

Entre roubar (que é errado) e perder uma pessoa querida, é melhor roubar, mas ele deve roubar a farmácia só se ele ama a mulher. É necessário seguir as leis para não acontecer “tragédias no mundo”. O policial não deve dar parte de Heinz porque ele não tem certeza que foi Heinz quem roubou o remédio. O juiz não deve dar sentença a Heinz porque ele roubou por “causa nobre”, mas as pessoas que violam leis devem ser punidas.

Dilema 2

A mentira de Judy pode ter tido consequências graves, por isso Louise deve contar a sua mãe. Contar à mãe tem a ver com ser uma boa filha. A filha tem o direito de fazer o que quer com o dinheiro que ela ganhou com o seu próprio trabalho, porque a mãe não cumpriu com o que prometeu. É necessária uma relação de amizade com a mãe, porque a mãe sempre tem autoridade sobre a filha. Joe tem o direito de negar e fazer o que bem entender com o dinheiro ganho com seu próprio trabalho. O pai não pode pegar o dinheiro porque Joe ganhou o dinheiro com seu próprio suor. Dar o dinheiro não tem a ver com ser um bom filho e o filho sempre tem que obedecer ao pai porque ele tem autoridade.

Dilema 3

O médico não tem direito de tirar a vida de uma pessoa mesmo que ela queira. E a mulher também não tem o direito de querer a eutanásia. O marido não deve conceder o pedido da mulher porque ele também seria um assassino. Um bom marido deve tentar salvar a mulher. Matar um animal e um ser humano deve ser considerado crime do mesmo jeito. A eutanásia é contra lei e é errada porque desobedecer a leis é crime. O médico cometeu um crime, então, deve pagar por isso porque as pessoas têm que cumprir as leis. A sentença de morte não deve ser dada a Dr. Jefferson porque matar alguém é assassinato e crime “de qualquer jeito”.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S19F12/13

O respeito ao princípio da vida é mais importante que o respeito ao princípio da propriedade privada. Ao julgar um ato, o sujeito leva em consideração a intenção do infrator. O sujeito é capaz de levar em conta a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. Não há a preocupação em agradar aos outros com sua ação. O princípio da vida é considerado algo que deve ser preservado sempre e ao julgar o caso da eutanásia, o sujeito vê na pena de morte um crime tão grave quanto o praticado pelo médico. A justiça, então, está relacionada com a ordem social estabelecida, não é uma questão de escolha pessoal. O sujeito encontra-se no estágio 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S20M13/14

Dilema 1

O sujeito diz que Heinz não deve roubar a farmácia porque ele pode ser preso e não terá ninguém para salvar sua esposa. O amor à mulher não deve ser motivo para roubar. O sujeito tentaria ajudar as pessoas que precisam, mas sem infringir leis. Não é permitido infringir a lei por motivo nenhum. O policial não deve dar parte de Heinz porque ele não o viu roubar. O juiz deve prender Heinz porque ele pode continuar roubando.

Dilema 2

A irmã mais velha deve entregar Judy porque ela mentiu para a sua mãe, apesar de o sujeito reconhecer que Judy tem o direito de ir ao show porque a mãe prometera e porque ela ganhou o seu próprio dinheiro trabalhando. Deve-se obedecer a mãe em qualquer circunstância. Se Joe desse o dinheiro ao pai, o pai ficaria “orgulhoso” de Joe. É “chato” o pai prometer e não cumprir, mas Joe deve obedecer a ordem do pai e não ir ao acampamento.

Dilema 3

Um médico que aplica a eutanásia age contra seu princípio de ajudar as pessoas, além de infringir uma lei. É para deixar a mulher morrer sozinha e o marido deve ajudar nessa decisão, mas deve deixá-la escolher, porque ela tem o direito de viver ou não. Matar um cachorro que agoniza de dor pode porque não é crime, já um ser humano, não porque é contra lei. O médico deve ser preso porque matou a mulher e deve ter a sentença de morte, porque ele matou a mulher, assim ele aprenderá que não é certo tirar a vida das pessoas.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S20M13/14

A moralidade do sujeito está governada por regras externas e o que pode acarretar um castigo é considerado errado. O sujeito não chega a entender e respeitar normas morais e expectativas compartilhadas. Se a ação é punida, está errada e se não é punida, não está errada. O comportamento certo é o que agrada aos outros e acredita-se na justiça da Lei de Talião, do “olho por olho, dente por dente”. O sujeito encontra-se no estágio 2 e 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S21F12/13

Dilema 1

Roubar, no caso de Heinz, tem uma causa justa, mas ele deve roubar só se for para salvar a vida de sua mulher, porque ele não deve roubar para ajudar a um estranho ou se ele não amasse a mulher. A infração da regra só vale se for para beneficiar alguém da família. O policial não deve denunciar Heinz porque é seu amigo. É importante o estabelecimento de uma lei para que ocorra a ordem social e a punição se faz necessária para quem viola uma lei.

Dilema 2

Louise deve contar que Judy mentiu para sua mãe porque poderia ter acontecido alguma coisa com ela e a mãe gostaria que ela contasse, embora a filha tivesse o direito de usufruir do dinheiro que ela ganhou com o seu próprio trabalho, além de a mãe não ter cumprido com a promessa que fez à filha. Mas uma mãe sempre na manda na filha. Se Joe desse o dinheiro ao pai, o pai iria ficar “orgulhoso” do filho. Ele deve dar o dinheiro ao pai porque o pai “manda em tudo no filho”, embora Joe tenha o direito de fazer o que quiser com o dinheiro. Um pai tem autoridade sobre o filho, mas também deve cumprir uma promessa se a faz para o filho.

Dilema 3

O médico não pode aplicar a eutanásia na mulher porque é contra a lei e o marido da mulher deve ajudar na sua decisão e deve convencê-la a não tomar o remédio porque “iria ficar mal para a família e para o médico”. A vida do animal deve ser considerada assim como a vida da mulher. No caso da eutanásia, um médico deve, sempre, obedecer à lei e deve ser denunciado se a fizer porque cometeu um crime e é necessário que se faça justiça. Ao se posicionar como juiz do caso, o médico deve ser punido porque desrespeitou a lei, mas não com a sua própria morte, porque isto também seria um crime.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S21F12/13

O sujeito se mostra muito individualista e egocêntrico ao dizer que Heinz só deve roubar para salvar a sua esposa se ele a ama. Caso contrário, ele não deve se prejudicar para salvar a vida de um estranho ou de alguém a quem ele não possui afeto. Nesse caso, o bem é relativo e a ação correta é a que satisfaz as próprias necessidades. S21F12 defende os próprios interesses e necessidades e deseja que a outra pessoa faça o mesmo, percebendo, dessa forma, que todos têm interesses a conquistar. O sujeito busca a aprovação da autoridade para fazer a ação correta. Por tais constatações, evidencia-se que este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S22F12/13

Dilema 1

Heinz não deve roubar, deve continuar tentando conseguir o remédio por meios legais. Mas, caso resolva roubar, deve roubar o remédio mesmo que ele não ame a mulher, por consideração, assim como para qualquer outra pessoa porque “às vezes não dá para obedecer a lei”. Heinz não deve ser denunciado porque o policial era seu amigo e não viu Heinz roubar. Um juiz deveria impor a Heinz um pagamento de R\$4.000,00 pelo remédio. Mas, o sujeito considera que algumas pessoas violam as leis “por coisa boa” e elas não devem ser punidas, mas Heinz deve ser punido para que a lei seja cumprida.

Dilema2

Um filho sempre tem que contar a verdade para sua mãe, porque contando, Louise estará ajudando sua mãe, apesar de Judy ter o direito de gastar o dinheiro da forma que quiser porque batalhou para conseguir o dinheiro e porque a mãe lhe prometera ir ao show. A mãe “manda em tudo, ela tem que ser autoritária”. Joe deve negar o dinheiro porque foi ele que trabalhou para consegui-lo e dar o dinheiro ao pai não tem a ver com ser bom filho. Deve sempre haver um sentimento de respeito entre um pai e um filho.

Dilema3

É ilegal matar a mulher, mas também não é certo deixá-la sofrer e ela tem o direito de escolher se quer ou não viver. O marido deve participar da decisão porque ele também a ama, mas tem que aceitar a decisão final dela. Matar uma pessoa é errado, mesmo que ela esteja sofrendo muito. É necessário obedecer a lei. O médico deve ser entregue à Justiça o quanto antes para que ele pague pelo que fez, porque quem desobedece a uma lei não pode ficar impune. Uma pessoa deve pagar pelo que fez de errado, mas não com sentença de morte.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S22F12/13

O sujeito considera que em alguns casos, as leis devem ser violadas, porque não se aplicam com justiça. A ordem social é concebida em termos do poder da autoridade. É necessário que as pessoas que violam as leis sejam punidas para o estabelecimento da ordem social. Sempre que ocorre uma ação, o sujeito entra em conflito com o que prescreve a lei. Se o conflito é com a autoridade, prevalece como justa sempre a ordem da autoridade. É muito claro no discurso de S22F12 que a justiça equivale ao respeito pela autoridade, embora considere, em alguns casos, que a lei possa vir a ser questionada. No momento em que tem que se posicionar, a sua argumentação é sempre favorável ao que propõe a autoridade. Por tais motivos, este sujeito encontra-se no estágio 3 do julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S23F12/13

Dilema 1

O roubo do remédio é permitido porque vai salvar uma vida, independente da vida de quem seja, se de uma pessoa amada ou não, porque é muito bom ajudar aos outros e, também, se Heinz estivesse com câncer, ia aparecer alguém para ajudá-lo porque “não temos que ver o nosso lado e sim o dos outros”, porque se um dia quem ajuda tem algum problema, com certeza, será ajudado. Roubar o remédio deixará Heinz bem por salvar uma pessoa e mal por fazer uma coisa contra a lei. Tudo que é transformado em lei deve ser cumprido por todos. O juiz deve libertar Heinz por falta de provas (ninguém o viu roubar) e porque ele roubou para salvar uma vida.

Dilema 2

A irmã mais velha deve contar à mãe que a irmã mais nova mentiu porque não pode mentir para uma mãe e ela vai ficar com a “consciência pesada”, apesar de seu ato não deixá-la uma filha melhor aos olhos da mãe. Mas Judy também tem o direito de decidir o que vai fazer com o próprio dinheiro, tendo em vista que a mãe lhe prometeu que ela podia ir ao show e depois descumpriu a promessa. Uma filha sempre deve obedecer à mãe. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele deve gastar o dinheiro como ele quiser. Caso Joe queira dar o dinheiro, ele será “um cara bom”, mas não é sua obrigação dar o dinheiro ao pai. Deve-se prometer apenas quando se tem certeza de que poderá cumprir. O pai tem autoridade sobre um filho enquanto o filho “morar no mesmo teto que o pai” e é importante que haja sinceridade na relação pai e filho.

Dilema 3

A eutanásia pode ser aplicada mesmo que seja um crime, porque o médico estará ajudando a sanar a dor de uma mulher, além de ser direito dessa mulher escolher o que quer fazer com a própria vida. O marido deve ajudá-la na decisão porque ele quer o melhor para a mulher e se não existe um remédio que a cure, o marido também deve se decidir pela eutanásia para ajudar a acabar com a dor de sua mulher. A vida de um animal não pode ser julgada como a vida de um ser humano, o ser humano é mais importante, e se for para acabar com o sofrimento da mulher, a eutanásia deve ser aplicada. Há leis que é impossível de serem obedecidas e o médico não deve ser punido porque a mulher iria morrer de qualquer forma. Um juiz deve deixar o Dr. Jefferson livre

porque a intenção dele foi ajudar a mulher. Uma sentença de morte deve ser dada só em casos de estupro e não no caso de Dr. Jefferson.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S23F12/13

O princípio da vida deve ser considerado primordial ao decidir se uma lei deve ser ou não violada. O sujeito acredita na equidade das permutas e há uma reciprocidade pragmática e concreta de que se faço algo por outra pessoa, essa pessoa fará por mim. Procura-se ser “um cara bom” aos olhos dos outros e as boas intenções são importantes na busca da aprovação pelos demais. Porém, a vida de um animal não deve ser vista como a vida de um ser humano. Há leis que podem ser injustas ao serem aplicadas, porém, ao violar uma lei é necessária a punição. Por tais constatações, este sujeito é pertencente a uma fase de transição entre o nível 2 e 3 de julgamento moral, segundo a teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S24M12/13

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio porque ele ama sua esposa, porque se ele não a amasse, ele não teria coragem de não tem um porquê de se sacrificar por ela. Ele não “ia ganhar nada” ajudando um estranho, pois só vale se arriscar por um amigo, por uma pessoa querida. Roubar, mesmo que seja para salvar uma vida é errado porque a lei diz que não pode roubar. Heinz deveria cumprir uma pena de dois anos de prisão em regime aberto porque quem viola uma lei deve ser preso.

Dilema 2

Ninguém pode desobedecer às ordens de uma mãe porque a mãe é uma autoridade. A irmã mais velha não deve contar o que a irmã mais nova fez porque um dia a irmã mais velha pode precisar que a mais nova guarde um segredo seu também. E, além disso, Judy tinha o direito de ir ao show porque a mãe havia prometido e depois voltou atrás na promessa. Uma filha deve ser sincera com sua mãe e uma mãe deve mandar na filha até que ela complete a maioridade. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque não o foi o pai que deu o dinheiro para ele ir ao acampamento. Isso não deve afetar a relação entre o pai e o filho. Mas se o pai falasse “não vai”, Joe deveria obedecê-lo. Os dois devem ser sinceros um com o outro.

Dilema 3

Se for para a mulher descansar, o médico deve dar a morfina e a mulher tem o direito de escolher se quer viver ou não. Um bom marido deve apoiar a mulher e é ela quem deve dar a decisão final. Se há afetividade por um animal, ele não deve ser morto, a questão deve ser analisada como se analisa a vida da mulher. O médico deveria respeitar a lei porque não é qualquer um que teria coragem de dar a morfina à mulher e o médico deve ser denunciado e ter como pena dois anos de prisão porque ele infringiu a lei, cometendo um crime grave.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S24M12/13

A responsabilidade objetiva é declarada no discurso do sujeito ao apresentar-se individualista e egocêntrico ao definir como prioritário o princípio da vida. A vida só é considerada se houver afetividade. O princípio do direito é considerado, mas ao colocá-lo diante do respeito pela autoridade, o que esta designa deve ser sempre obedecido. Por tais fatores, o sujeito encontra-se dentro do estágio 1 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S25F12/13

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio porque ele ama a mulher e não quer vê-la morta e, também, ele pode pagar depois o remédio. Heinz também deveria roubar o remédio para salvar a vida de um estranho, pois um dia ele pode precisar da ajuda desse estranho que está precisando dele agora, mesmo sendo contra lei. Mas temos que procurar seguir as leis porque “a lei é justa e nós deveríamos ser justos” e “Deus quer que sejamos justos”. Um juiz deveria prender Heinz por cinco anos porque senão todos iriam roubar remédios e ele fez uma coisa contra a lei, então, deve ser punido.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã porque mentir é errado para qualquer pessoa, principalmente, para os pais e, caso aconteça alguma coisa com Judy, a mãe deve culpar Louise por não ter contado a verdade. Nesse caso, a mãe ficaria “orgulhosa” de Louise. Numa relação entre mãe e filha de haver “respeito correspondido”. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque ele pode ir ao acampamento um outro dia, porque “o que são R\$40,00 perto

de tudo o que os pais deram na sua vida?”, embora ele mereça ir ao acampamento porque ganhou o dinheiro trabalhando. Um pai deve dar limites a seu filho com uma relação de amor e confiança.

Dilema 3

Embora seja errado, o médico deve dar a droga para a mulher porque ela está sofrendo muito e ela tem o direito de escolher se quer viver ou morrer, embora deva ouvir qual é a opinião do marido e deve saber que ele vai sofrer muito com a sua decisão. A diferença entre sacrificar um animal e uma mulher é que nós escolhemos o que fazer com o animal e a mulher tem livre arbítrio para fazer as suas escolhas, por isso um animal pode ser sacrificado. O ato do médico, perante a lei, é considerado “homicídio”, então é errado. A lei é sempre justa e nós devemos ser justos e obedecê-la. O médico deve ser denunciado, mas a mulher, antes de morrer deve pedir para que a família pague um advogado para defendê-lo. O juiz deve deixá-lo livre, fazendo-o fazer trabalhos comunitários. As leis são necessárias para as pessoas não cometerem tantos crimes. Porém, a sentença de morte não deve ser dada para esse médico porque foi “homicídio doloso”, ele matou a pedidos da mulher, para ajudá-la.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S25F12/13

Há a presença da reciprocidade pragmática no discurso do sujeito, em que a justiça é concebida como “moeda de troca”, onde se faço algo por alguém, esta pessoa o deve fazer por mim. Mas é necessário que sigamos as leis e quem as viola deve ser punido. Há a preocupação em agradar aos outros com sua conduta. É necessário levar em conta a intenção de alguém que infringiu uma lei para julgá-lo. Devido a tais inferências, este sujeito encontra-se dentro do estágio 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S26M12/13

Dilema 1

Heinz deve furtar para sua mulher não morrer, embora esse ato seja errado. Ele deve furtar o remédio caso ame ou não a mulher, e também a um estranho, pois ele está salvando uma vida, porque se um dia ele precisar dessa pessoa, ela vai ajudá-lo. Mas devemos tentar seguir a lei porque senão alguém “pode ser punido, tomar uma multa ou até ser preso”. O juiz devia pedir a Heinz que pagasse o valor do remédio que ele furtou como punição porque ele teve uma boa intenção ao roubar.

Dilema 2

Louise não deve delatar a irmã mais nova porque a mãe não cumpriu com o que prometeu e se a irmã contasse, ela não iria ser uma filha melhor, mas sim uma irmã “cagüeta”. Por isso, deve haver respeito na relação entre mãe e filha. Joe não deve dar o dinheiro ao pai, porque além de o pai querer o dinheiro para ele se divertir com os colegas, ele não quer deixar Joe ir ao acampamento, como havia prometido. O pai também não deve esquecer de respeitar o próprio filho.

Dilema 3

O médico pode matar alguém que pode sobreviver, então, o seu ato é errado. Por outro lado, ele deve acabar com o sofrimento da mulher e o marido deve aceitar a decisão da mesma porque ela tem o direito de escolher o que fazer com a própria vida e o marido deve apoiar porque ele também não quer mais vê-la sofrer. O médico não deve matá-la porque é crime e se você não obedece às leis pode tomar uma punição porque não podemos matar ninguém, mesmo que essa pessoa peça. O juiz não deve dar nenhuma sentença a Heinz porque ele matou para aliviar a dor da mulher. A pena de morte deve ser dada a pessoas que matam sem a intenção de ajudar.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S26M12/13

É levada em conta a intenção de alguém que viola uma lei ao se definir uma punição. O princípio da vida deve ser respeitado e quem viola uma lei, mesmo que seja para salvar uma vida, deve ser punido para que haja a ordem social. O sujeito considera o outro e as pessoas devem cumprir com os seus deveres e obrigações, exceto em casos extremos. Por tais motivos, este sujeito encontra-se dentro do estágio 4 da moralidade de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S27F13/13

Dilema 1

Heinz não deve furtar porque ele pode ser preso, mas ele deve pedir para as outras pessoas o ajudarem. Heinz não deve se arriscar para salvar a vida de um estranho, ele deve tentar outras alternativas de ajuda porque

ele pode ser preso se ele roubar. O policial amigo de Heinz não deve denunciá-lo porque ele sabia do seu problema. As leis foram feitas para se ter “um mundo melhor” e, por isso, devemos cumpri-las, mas ao assumir a perspectiva de um juiz que julga o caso, decide que Heinz deve ser libertado porque agiu em prol da saúde de sua mulher.

Dilema 2

Louise deve contar à mãe que Judy a desobedeceu porque poderia ter acontecido alguma coisa ruim com a irmã que desobedeceu, embora a irmã tenha o direito de fazer o que quiser com o dinheiro que conquistou com o seu próprio trabalho. A autoridade, quando promete algo ao filho, deve cumprir a promessa. Porém, deve sempre haver a obediência do filho com relação aos pais porque eles sabem “o que é certo e o que não é certo”. Joe não deve ir ao acampamento e deve dar o dinheiro ao pai porque ele é grato a tudo que o pai já fez por ele porque o pai “manda nele”, o pai sempre sabe o que é certo.

Dilema 3

Apesar de ser contra a lei, o médico deve aplicar a eutanásia para acabar com a dor de sua paciente, que tem o direito de pedir que lhe aplique a droga. O marido deve “ajudar a mulher na decisão e deve apoiá-la porque ela está sofrendo e não quer mais dar trabalho” para ele. As leis foram feitas para se ter um “mundo bom”, por isso, devemos obedecê-las, mas não no caso da mulher que tem o direito de não querer sofrer mais. Na perspectiva de um juiz do caso, ele deve conceber uma sentença de “3 anos de serviços públicos” ao médico, porque se as pessoas não forem punidas, todas as outras iriam querer fazer o mesmo. As pessoas que matam as outras devem ser mortas para que não matem mais ninguém

Interpretação do nível de raciocínio moral de S27F13/13

Seu ponto de vista é egocêntrico e a ordem social é estabelecida em termos do medo da punição e do poder da autoridade. A punição é necessária, porém, deve-se levar em conta a intenção do ato de quem viola uma lei. A delação deve ocorrer porque a desobediência a uma autoridade por ter consequências graves. Algumas leis podem ser violadas, como no caso da eutanásia, mas é necessária a punição. Há a presença da lei de Talião, mas esta só deve ser aplicada se a intenção de quem tirou a vida de outra pessoa não for boa. Por tais inferências, o sujeito encontra-se no estágio 3 da teoria de julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S28F12/13 – O sujeito não estava presente no dia da aplicação do pré-teste e, por essa razão, foi excluído da pesquisa, embora tenha participado de todos os outros procedimentos de coleta de dados.

4.1.2 Classe de controle: análise dos depoimentos

Identificação do sujeito: S1F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio para salvar a vida de sua esposa, mesmo que ele não a ame e deve ajudar um estranho também, porque um dia ele pode precisar da ajuda desse estranho. O sujeito reconhece que “roubar não é bom” e que o farmacêutico devia vender o remédio a Heinz porque “ele poderia estar ajudando-a (a mulher) a não perder a sua vida”. Roubar é errado, mas o ato de Heinz não se torna errado moralmente, porque com o seu roubo, ele está salvando uma vida. É necessária a punição para as pessoas que violam leis e, para Heinz, também, para que ele aprenda a não roubar mais. Quando indagado se um policial, amigo de Heinz, deveria denunciá-lo, o sujeito não hesita ao responder que este deve cumprir o seu dever e denunciá-lo, pois é necessário que Heinz pague pelo que fez e aprenda a não roubar mais.

Dilema 2

Louise deve contar que Judy mentiu porque mentindo “ela estaria fazendo uma coisa errada”. O ato de Judy não tem a ver com ser uma boa filha, pois se a irmã “se abrisse com a mãe”, ela também poderia “continuar sendo uma boa filha”, embora Judy tenha o direito de gastar o dinheiro da forma que preferir, porque ganhou o dinheiro trabalhando. A mãe “deve estar sempre de olho” na filha, só assim “saberá tudo o que ela faz ou deixou de fazer”. No dilema 2A, Joe deve negar o dinheiro para o pai porque conseguiu com seu próprio esforço. Quando é feita uma promessa, esta deve ser cumprida, e caso não se encontre mais a pessoa a qual se prometeu algo, não é necessário cumprir, pois não é preciso “ter confiança em uma pessoa que nunca verá mais”. Um filho sempre tem que respeitar a autoridade que o pai lhe impõe porque “obedecer é a melhor coisa de um filho com um pai”.

Dilema 3

Aplicar a eutanásia é errado porque não é legal, embora a mulher tenha o direito de pedi-la porque estava com dores muito fortes e não queria sofrer mais. O marido sabe o que é melhor para que sua esposa e deve ajudá-la na decisão final. Um animal também deve ser sacrificado para ficar livre de uma dor. Aplicar a eutanásia é ilegal e moralmente errado, porque o médico estaria matando uma pessoa. Na vida, algumas vezes, não devemos obedecer às leis e devemos tomar nossas próprias decisões. Dr. Jefferson não deve ser denunciado por Dr. Rogers porque a decisão de morrer foi da mulher, embora as pessoas que violam leis devem ser punidas. Porém, a melhor forma de o médico pagar pelo que fez é com a própria morte porque ele matou uma pessoa.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S1F12/13

Inicialmente, o sujeito mostra-se solícito com o outro, consegue se colocar na perspectiva dos demais, mesmo que acreditando na “equidade das permutas”. Percebe-se, no início das respostas desse sujeito, que o bem é relativo e a ação correta é a que satisfaz as próprias necessidades do indivíduo. Ao julgar se o ato de Heinz foi moralmente errado, o sujeito consegue enxergar a intenção de Heinz ao roubar e coloca o seu ato como moralmente errado. Porém, embora haja esse raciocínio, com as demais indagações, o sujeito vê na punição a única solução para que Heinz não roube mais, ou seja, desconsidera totalmente a intenção de Heinz ao roubar e vê na punição, mesmo que não explicita qual, a única solução que fará Heinz pagar pelo seu ato e que o impedirá de roubar mais vezes. Dessa forma, o sujeito apresentou um ponto de vista totalmente egocêntrico, em que a ordem social foi concebida por meio do poder da punição. No dilema 2, fica evidente o respeito pela autoridade, em que este respeito é concebido em termos de força. O sujeito é egocêntrico e aceita a perspectiva da autoridade sem contestação alguma. Só pelo fato de uma ordem ter sido dada pela autoridade já basta para que esta seja cumprida sem nenhuma ressalva. Ao se posicionar como sujeito do dilema 3, o sujeito considera os pontos de vista das pessoas envolvidas, porém, tem dificuldades para conceber as diferenças de interesses das pessoas e considera somente as conseqüências físicas de um ato na hora de estabelecer uma punição. O sujeito acredita na essência da Lei de Talião, olho por olho, dente por dente, ao atribuir a pena de morte ao médico que matou a paciente para livrá-la de um sofrimento. Por tais respostas aos dilemas, este sujeito encontra-se dentro da fase de transição entre o estágio 1 e 2 da teoria do julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S2M13/13

Dilema 1

O fato de o ato de roubar, cometido por Heinz, ser ilegal iria “piorar a situação, porque ele poderia ser preso” e sua mulher muito prejudicada com isso. Se Heinz ama a mulher, ele deve tentar um meio legal para salvá-la e não deve ajudar um estranho porque ele não o conhece. Deve-se fazer de tudo para ajudar às pessoas, desde que se usem apenas meios legais, porque o que Heinz fez é contra lei e “ele pode ter uma vida que nunca desejou na cadeia”. O policial, amigo de Heinz, deve denunciá-lo porque, se não o fizer, ele pode perder seu emprego. É necessária uma sentença a Heinz para ele ter consciência de que “nem todo remédio que tomamos terá um bom efeito”.

Dilema 2

É importante, para Louise, provar que é boa filha, por isso deve delatar a mentira de sua irmã à sua mãe, porque “uma filha faz de tudo para agradar sua mãe”. Judy tem direito de gastar o dinheiro da forma que quiser, desde que não vá ao show e não desobedeça às ordens de sua mãe, embora a mãe não tenha cumprido o que prometeu, e “isso é muito ruim”. Um filho deve se preocupar, verificando se está tudo bem com a sua mãe porque a mãe deve ser rígida e o filho não deve descumprir às suas ordens. Joe deve negar o dinheiro ao pai “porque nessa ocasião, o pai está se aproveitando do filho” e é um direito de Joe gastar o dinheiro porque ele “trabalhou duro”. É importante que um pai cumpra com sua palavra para que haja confiança entre ambas as partes.

Dilema3

O médico não deve matar a mulher, porque ele pode se sentir muito culpado com o passar dos tempos, porque a decisão da mulher pode “ter sido precipitada”. O marido deve opinar apenas na decisão da mulher porque “duas cabeças pensam mais que uma” e o marido deve estar sempre junto da sua esposa. Mesmo quando se mata um animal, pode-se arrepender. Tudo que é ilegal, “não pega bem”, principalmente, a eutanásia para um médico, cuja função primordial deve ser “trazer a vida”. O médico, amigo de Dr. Jefferson, deve denunciá-lo para não correr o risco de ficar sem emprego. É necessária a punição para as pessoas se “conscientizarem do que fizeram”.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S2M13/13

No dilema 1, o sujeito teve dificuldade de considerar dois pontos de vista em um assunto moral, ou seja, considerou apenas as conseqüências de uma ação, sem levar em conta a intenção de quem comete algo ilícito. O ponto de vista do sujeito foi extremamente egocêntrico e a ordem social, para o mesmo, é concebido em termos do medo da punição. Para este sujeito, se uma ação é punida, ela está errada. No dilema 2, a ordem é concebida em termos do poder da autoridade. O comportamento correto está aliado ao que pede a autoridade e a boa conduta é a que agrada esta autoridade e a que delata tudo para a mesma, pois a esta está sempre certa. No dilema 3, mais uma vez, a ordem é concebida em termos de medo da punição, quando o sujeito afirma que o médico deve ser denunciado por outro médico porque o que denunciou pode vir a ficar sem emprego, caso descubram que ele sabia do ato cometido e não denunciou. O sujeito, mais uma vez, não conseguiu considerar dois pontos de vista diferentes, dentro de um assunto moral. Por tais constatações, o sujeito encontra-se dentro da fase de transição entre o estágio 1 e 2 da teoria do raciocínio moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S3M12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio para salvar a vida da mulher se ele a ama ou não, mas não deve fazê-lo para ajudar um estranho, mesmo que isto seja um ato de amor, pois, para um estranho, deve-se cometer atos que sejam legais. Heinz não deve obedecer à lei, mas deve salvar sua mulher. Mesmo que o policial saiba do caso de Heinz, deve denunciá-lo porque teria um gesto de honestidade. Heinz e todas as pessoas que violam as leis devem ser punidas, porém ele deveria ser libertado porque praticou um gesto de amor.

Dilema 2

Louise deve contar a mentira de sua irmã à sua mãe, porém, na relação entre mãe e filha é importante que ambas cumpram as promessas feitas uma para a outra. Porém, Judy deveria obedecer à sua mãe pelo fato de a ordem ter sido dada pela mãe. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque foi ele que trabalhou para consegui-lo, embora o pai tenha o direito de pedir o dinheiro porque ele é autoridade. Um pai deve pensar “no lado do filho também” e deve ser “uma pessoa de uma palavra só”.

Dilema 3

A eutanásia deve ser aplicada na mulher porque ela “deve estar cansada de ficar sofrendo”, embora isso seja errado porque é contra a lei. Ao assumir a perspectiva do marido da mulher, o sujeito afirma que o marido não deve deixar a mulher tomar a decisão e deve ficar ao seu lado, lhe dando apoio para que a idéia da eutanásia não seja considerada. A eutanásia é errada porque é contra a lei. Dr. Rogers não deve denunciar Dr. Jefferson, porque ele é inocente, só cometeu um crime para ajudar a sanar a dor de sua paciente porque ela pediu e “nem tudo que a gente faz está dentro da lei”.

Interpretação do raciocínio moral de S3M12/13

O sujeito apresenta-se extremamente egocêntrico ao considerar apenas a vida de pessoas as quais ele possuiu vínculos afetivos, pois, quando considera a vida de um estranho, o sujeito não ousa desobedecer a uma lei. Nesse caso, a ação correta, para este sujeito, é a que satisfaz as suas próprias necessidades. A denúncia do policial, amigo de Heinz, deve ser feita porque este policial deve ser honesto. Devido ao fato de Heinz ter cometido um ato contra a lei, ele não deve receber uma punição devido ao fato de ter praticado um ato ilícito para salvar a vida de quem ele ama. No dilema 2, o sujeito consegue considerar tanto a perspectiva de uma autoridade quanto a perspectiva de quem tem o direito de ir contra o que foi estabelecido pela autoridade, porém, o sujeito não consegue solucionar o conflito. No dilema 3, assim como no dilema 1, a conseqüência de um ato foi levada em consideração. Porém, o sujeito não apresenta a solução para os casos. Por tais fatos, o sujeito encontra-se no estágio 2 da moralidade de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S4F13/13

Dilema 1

Heinz não deve roubar para salvar sua esposa porque este ato não justifica nenhuma boa intenção. Ele também não deve se prejudicar para salvar a vida de um estranho. O ato de Heinz não é moralmente errado porque ele está salvando uma vida, porém as leis foram feitas para serem cumpridas. O policial deve denunciar Heinz porque é seu dever, que não deve ser influenciado pela amizade que ele tem por Heinz. Apesar de as leis terem que ser seguidas “corretamente”, o juiz deve “liberar Heinz” ou “dar uma pena livre” porque ele roubou para salvar a vida de sua mulher.

Dilema 2

Judy deveria ter obedecido à sua mãe e deveria ter comprado o uniforme. Por isso, Louise deve delatá-la à mãe. O filho que obedece à mãe tem uma relação saudável com ela e a mãe deve deixar Judy de castigo por desobedecê-la. Não é justo o pai de Joe pedir o dinheiro que ele ganhou trabalhando para ele ir se divertir, mas se o filho der o dinheiro ao pai, ele é “generoso” e vai “mostrar o seu lado bom”. Um pai deve ser correto e rígido, se quiser manter a disciplina para com os filhos.

Dilema 3

A mulher tem o direito de querer viver ou morrer porque está sofrendo muito com sua doença. O marido deve tentar compreender a escolha de sua esposa. O animal também deve ser sacrificado porque ninguém “até mesmo o gato” merece sentir dor. As leis existem para serem cumpridas, mas há casos em que o seu cumprimento é impossível de acontecer. O médico não deve ser denunciado por ter aplicado a eutanásia porque foi a mulher quem pediu para morrer. Para o sujeito, Dr. Jefferson é inocente e as pessoas que infringem as leis devem ser punidas de acordo com a intenção com que elas violaram uma lei.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S4F13/13

Para o sujeito, nenhum ato ilícito, como o de roubar, no dilema 1, justifica o fato de o infrator ter tido uma boa intenção ao cometê-lo. Há ordem social é dada por meio do medo da punição, portanto, não é permitido, para o sujeito, arriscar-se por ninguém. As leis foram feitas para serem cumpridas, mesmo que estas não cooperem para que se salve a vida de outrem. As pessoas devem sempre respeitar as leis, porém, no caso de Heinz, ao se estabelecer uma punição para o mesmo, deve-se levar em conta a sua intenção quando infringiu uma lei. No dilema 2, a perspectiva da autoridade está sempre correta. Um filho deve sempre obedecer ao que pede seus pais (autoridade) porque eles estão sempre corretos e, caso haja a desobediência, esta deve acarretar uma punição, sempre. Ao considerar o direito de Joe negar o dinheiro ao pai, tendo em vista que o pai deseja o dinheiro para um divertimento, Joe deve ser generoso para com o pai e deve dar o dinheiro, mostrando o seu lado bom. A autoridade sempre está correta e, também, sempre deve punir a desobediência de um filho. No dilema 3, o sujeito consegue admitir a perspectiva de dois pontos de vista num assunto moral e ainda reflete a necessidade de uma punição, porém, acrescenta que a punição deve ser dada, levando-se em consideração a intenção de quem infringiu uma lei. Dessa forma, para esse sujeito, a base da moralidade é a conformidade com as normas sociais e manter a ordem é muito importante. A ação moral encontra-se no comportamento correto, no que está de acordo com a ordem social. Percebe-se que há a pressão do social sobre as escolhas do indivíduo. Por tais constatações, este sujeito encontra-se no estágio 3 e 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S5F12/13

Dilema 1

Se o marido está junto da mulher, é porque ele a ama, então, deve roubar o medicamento para salvá-la, mas para ajudar um estranho, não. O fato de Heinz roubar o tornará um ladrão e isso é ruim para ele. “Obedecer à lei é obrigatório para todo mundo”. O policial deve dar parte de Heinz porque não pode roubar. Heinz deve ser punido, porque deveria ter pensado, antes de roubar, que ele poderia ser preso.

Dilema 2

Louise deve contar que Judy mentiu. O fato de Judy ter ganhado o dinheiro trabalhando “não foi bom para a sua mãe”, que não poderia ter descumprido a promessa que fez a Judy. O filho não deve desobedecer à mãe e deve ter muito amor por ela. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque foi o pai quem o colocou no mundo. Um filho deve fazer sempre o que o pai falou. E numa relação entre pai e filho, é importante que o filho dê o dinheiro ao pai quando o pai precisar.

Dilema 3

Não é certo aplicar a eutanásia, embora a mulher tenha o direito de “decidir se quer ou não viver”. O marido da mulher deve acalmá-la e não deve deixar que ela tome esse remédio que a mataria. A vida da mulher deve ter a mesma importância que a vida de um animal. O médico não deve dar a droga à mulher porque ele pode ser preso e devemos sempre obedecer às leis. O médico deve ser denunciado porque, com esse ato, tornou-se um assassino, portanto, ele deve ser preso para pagar pelo crime que cometeu.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S5F12/13

Apesar de o sujeito acatar a idéia do roubo, no dilema 1, por este poder salvar a vida de uma pessoa amada, o sujeito apresenta-se egocêntrico ao afirmar que somente devemos nos arriscar para salvar a vida de uma pessoa amada, a do estranho, deve ser desconsiderada neste caso. O fato de Heinz ser visto por outras pessoas como “ladrão” é ruim para ele e se uma lei foi feita, esta deve ser obedecida, sem nenhuma restrição. No caso do dilema 1, a intenção do infrator não foi levada em consideração em nenhum momento pelo sujeito e o fato de ter havido uma infração já deve ser o bastante para que se haja uma punição. O sujeito vê no ato de Judy ter ganhado o próprio dinheiro algo ruim para a autoridade, que, dessa forma, não poderá descumprir uma promessa. Porém, um filho deve respeito à autoridade porque deve acreditar que ser bom, nessa relação, é manter relações de confiança, lealdade, respeito e gratidão para com a autoridade. O fato de a eutanásia ser um crime, esta não deve ser cometida pelo médico de forma alguma. A prática da eutanásia tornará o médico um assassino, porque ele pode ser preso quando desobedece a uma lei. A punição, no caso do dilema 3, é extremamente necessária para que a justiça seja feita. Dessa forma, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S6F12/13

Dilema 1

Se Heinz assaltar a farmácia, ele será preso. Caso resolva assaltar, deve fazê-lo para ajudar a salvar a vida de quem ele ama. No caso da vida de um estranho, deve-se pensar que este estranho, um dia, pode ajudá-lo. É importante salvar a vida de qualquer pessoa, porém deve-se pensar no que prescreve uma lei, porque ele pode ser preso. O policial deve denunciar Heinz para que não seja prejudicado caso fosse descoberto. Heinz deve ser punido, porque infringiu uma lei.

Dilema 2

Louise não deve contar à mãe que sua irmã mais nova lhe desobedeceu porque o ocorrido é problema de Judy e ela mesma deve contar à mãe. Sem contar que um dia Louise pode precisar que Judy guarde um segredo seu. Judy tem o direito de ir ao show porque a mãe lhe prometeu e porque ela conseguiu o dinheiro trabalhando. A autoridade deve ser conseguida por meio de exemplos corretos e se a mãe não dá exemplo à filha, ela “vai para o mau caminho”. Joe não deve dar o dinheiro ao pai porque conseguiu esse dinheiro trabalhando, a não ser que o pai peça o dinheiro para algo muito importante. O pai e o filho devem se ajudar.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher porque ela pediu e porque ela vai morrer de qualquer jeito. O marido deve opinar na decisão da mulher e deve compreendê-la, levando em consideração o fato de a mulher estar prestes a morrer. Um animal que sente dor também deve ser sacrificado. É necessário obedecer às leis para não ficar preso. O médico não deve ser denunciado porque a mulher iria morrer de qualquer jeito. O médico deve pagar pelo que fez, mas não com a pena de morte porque ele atendeu apenas os pedidos da mulher.

Interpretação das respostas dadas por S6F12/13

No dilema 1, fica clara a crença, pelo sujeito, na equidade das permutas, em que se faça algo por você, você fará por mim um dia. A reciprocidade, para este sujeito, é entendida como moeda de trocas. Dessa forma, pode-se falar em um começo de cooperação. A perspectiva de uma lei não pode ser desconsiderada, mesmo quando a infração da mesma torne um ato moralmente correto. A infração de uma lei sempre deve ser punida, embora deva ser levada em consideração a intenção da infração da mesma. No dilema 2, o sujeito não vê na delação a solução dos seus problemas, porque a delação não fará com que a irmã mais nova deixe de mentir para a mãe, e, além disso, a delação fará com que sua irmã deixe de confiar nela. O direito perpassa o poder da autoridade, que, na opinião do sujeito, é conquistada por meio de bons exemplos dados pela mesma. Ao negar o dinheiro ao pai, o sujeito levou em consideração o que o pai iria fazer com o dinheiro e não viu relevância no argumento do pai ao pedir o dinheiro para o filho, que o ganhou. No dilema 3, o sujeito coloca-se na perspectiva da mulher que vai morrer e na perspectiva do médico. O ato do médico não deve ser considerado moralmente errado pelo fato de estar livrando uma pessoa de sua dor. Porém, como este ato é contrário ao que prescreve uma lei, o médico deve ser punido, levando em consideração a sua intenção a praticar a eutanásia. O sujeito teve a capacidade de assumir a perspectiva não só das pessoas, mas também a das leis sociais. A moralidade sobrepassou os laços sociais, nesse caso, e esteve relacionada com as leis. O sujeito considera os indivíduos como parte de um sistema social mais amplo, de modo a preservar a ordem social. Por tais respostas, o sujeito encontra-se no estágio 4 do julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S7F12/13 – O sujeito não esteve presente em uma das etapas do pós-teste, portanto, não terá os seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S8F13/13

Dilema 1

Heinz deve falar novamente com o farmacêutico e pedir para que ele venda o medicamento mais barato porque ele não deve furtrar, mas, caso ele resolva roubar, ele o deve fazer amando ou não a esposa. Quando a vida a ser salva é a de um estranho, Heinz deve ajudá-lo, mas não cometendo um ato ilícito. É importante nos preocuparmos com a vida das outras pessoas para que elas nos possam ajudar um dia. Roubar pode piorar a situação de Heinz. As pessoas devem obedecer à ordem de não violar as leis. Heinz deve ser denunciado pelo amigo policial porque “a polícia deveria fazer a sua parte que seria denunciá-lo”. Quem desobedece a uma ordem deve ser punido, e isso deve acontecer com Heinz porque roubar não é certo.

Dilema 2

A mãe deve saber, por Louise, que Judy mentiu e isso vai fazer de Louise uma boa filha. Embora a mãe tenha prometido deixar Judy ir ao show e Judy tenha ganhado o dinheiro trabalhando, ela não deveria ir sem avisar a sua mãe. Uma filha sempre deve avisar a mãe que saiu e onde foi. Joe deve negar o dinheiro ao pai, mas o pai tem o direito de dizer para Joe lhe dar o dinheiro e para Joe ser um filho bom, ele precisa dar o dinheiro ao pai, apesar de o pai estar “sendo muito folgado”. O pai deve sempre saber o que um filho faz.

Dilema 3

Se o médico não aplicar a eutanásia, a mulher sofrerá a cada dia mais. O marido deve consentir, também, porque esta é a sua vontade porque é ela quem está sofrendo. Um animal também deve ser sacrificado para ser livre da dor. O médico não deve ser denunciado porque ele quis ajudar a mulher. Um juiz deve ser cauteloso ao atribuir uma sentença ao médico, porque, embora as pessoas que desobedecem às leis devam ser punidas, o médico teve a intenção de livrar a mulher da dor com o seu ato.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S8F13/13

Heinz deve roubar somente se não conseguir o remédio, depois de muito tentar, por meios lícitos. E deve arriscar-se apenas para salvar a vida da pessoa amada, caso contrário, não deve infringir uma lei, porém, deve preocupar-se em ajudar a pessoa que precisa. Pelo fato de Heinz ter cometido algo contra a lei, ele deve ser denunciado pelo amigo que é policial e que tem como dever cumprir as leis, já que Heinz desobedeceu a uma lei e deve ser punido por isso. Nesse caso, o sujeito estabelece uma escala de acordo com o grau de afetividade para ajudar ou não a quem necessita. No dilema 2, há a preocupação com a aprovação da autoridade. Nesse caso, o comportamento correto, é o que agrada à autoridade e essa relação deve ser permeada por sentimentos de confiança, lealdade, respeito e gratidão. No dilema 3, o sujeito reconhece a perspectiva da mulher que pede a eutanásia e, por isso, não vê no ato do médico algo moralmente errado. Por isso, afirma que o juiz que julga este caso deve levar em consideração a intenção do médico ao praticar a eutanásia. A justiça, para este sujeito, não é uma questão de escolha pessoal. Transição entre o estágio 3 e 4.

Identificação do sujeito: S9M12/13 – o sujeito não terá os seus depoimentos analisados, pois estava ausente em uma das etapas do pós-teste.

Identificação do sujeito: S10M12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar porque ele estará ajudando a salvar a vida de uma pessoa e não está roubando para “sacanear alguém”. Heinz deve roubar para salvar a vida de sua mulher mesmo que ele não a ame, “pois é uma pessoa que está morrendo e não um bichinho”, mas não deve se sacrificar por uma pessoa que ele nunca tenha visto, ao menos que ele saiba que esta pessoa é “legal”. A lei pode ser violada por “justa causa”. Heinz deve ser libertado porque ele teve uma boa intenção ao roubar.

Dilema 2

A irmã mais velha deve delatar a irmã mais nova à mãe porque a sua desobediência poderia ter tido uma conseqüência grave para ela. Não é contando para a mãe “que se vira uma boa pessoa”, porém a irmã mais velha deve contar porque se um dia essa irmã aprontar, a mais nova irá delatá-la. O fato de a mãe não ter cumprido com a promessa e de a filha ter ganhado o dinheiro para ir ao show com o seu próprio trabalho dá o direito a ela de gastar o dinheiro como quiser. Na relação entre mãe e filha deve haver respeito para evitar brigas. Joe não

deve negar o dinheiro ao pai por gratidão por tudo que o pai lhe deu e deve haver amizade nessa relação porque “assim é melhor para todos”.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher para que ela pare de sofrer e ela tem o direito de tomar essa decisão porque é ela quem está sofrendo, o marido deve ajudar a mulher, apoiando a sua decisão, para que ela pare de sofrer. Nessa ocasião, deve-se desobedecer à lei. O médico não deve ser denunciado porque foi a pedidos da mulher que ele aplicou a eutanásia. Para o sujeito, um juiz não deve prender o médico, mas deve designar que ele faça “trabalhos públicos” para que ele cumpra a sua pena. A pena de morte deve ser dada a estupradores, assaltantes e traficantes para tirá-los do convívio com a sociedade.

Interpretação das respostas dadas por S10M12/13

O sujeito considera intenções diferentes que culminam na violação de uma lei, como ajudar a alguém ou beneficiar-se com um roubo. No caso de sacrificar-se por um estranho, Heinz deve verificar a idoneidade desta pessoa antes de cometer o ato. O sujeito considera a todo momento a intenção de Heinz ao cometer um ato ilícito e por isso livra-o de uma punição. O sujeito, a afirmar que deveria haver a delação, no dilema 2, leva em consideração a consequência que o ato infracionário, para com a autoridade, poderia ter acarretado. A autoridade perde seu poder quando não cumpre uma promessa e isso deu o direito de Judy de gastar o dinheiro como bem quisesse. Sentimentos de gratidão, respeito, devem permear a relação com a autoridade, no caso, o pai e a mãe. No dilema 3, o sujeito acata a idéia de que uma lei deve ser desobedecida para sanar a dor de alguém. Ao designar uma punição ao médico, o sujeito já prescreve uma sanção por reciprocidade, o que demonstra um início de cooperação em sua vida. Não no caso do médico, no dilema 3, mas em casos em que pessoas estupram, assaltam para o seu próprio benefício e traficam, o sujeito prescreve a sentença de morte para que estas pessoas sejam retiradas do convívio com outras pessoas, dentro um sistema social. Neste caso, o sujeito foi capaz de ter em conta não só a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. Nesse sentido, o sujeito encontra-se no estágio 4 do nível de raciocínio moral da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S11F12/13

Dilema 1

Heinz deve furtar para salvar a vida da esposa, mesmo que ele não a ame mais. Porém, ao cometer um delito para salvar uma pessoa desconhecida, Heinz deve ser mais cauteloso porque o estranho pode falar que está com câncer e ser mentira, só para prejudicar Heinz. O ato de Heinz é contra a lei, porém não é moralmente errado, já que Heinz está ajudando a salvar uma vida. A lei deve ser desobedecida “em caso de vida ou morte”. O policial, amigo de Heinz, não deve denunciá-lo porque Heinz “só quis salvar a sua esposa”. O juiz deve dar “uma punição boa para ele”, porque Heinz estava “pensando no próximo”. A mesma sentença não deve ser dada a “alguém que rouba por roubar, ou por ganância”, porque isso não é certo.

Dilema 2

Louise deve contar à mãe que sua irmã mais nova lhe desobedeceu porque poderia ter acontecido algo grave durante essa desobediência. Esse ato demonstra que a filha “tem educação”. Judy tem o direito de gastar o seu dinheiro como quiser porque ganhou com o seu próprio trabalho. Uma mãe deve cumprir o que promete a sua filha, porque, caso contrário, a filha vai acabar desobedecendo à mãe. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele conseguiu o dinheiro trabalhando. Um pai deve prometer e cumprir, porque sua mentira pode magoar seu filho e ele pode desobedecê-lo.

Dilema 3

Um médico não pode matar um paciente, embora a paciente tenha o direito de pedir a eutanásia porque é ela que está doente e sofrendo. A paciente deve levar em conta, quando faz esse pedido, que a sua família vai sofrer muito com a sua morte. O marido da mulher deve apoiá-la porque ela precisa de apoio e o médico deve continuar procurando a cura ou dar-lhe um remédio para a dor. Em caso de vida ou de morte, as pessoas devem desobedecer a uma lei, portanto o médico não deve ser denunciado e, caso for, o juiz deve deixá-lo livre, porque ele cometeu o crime porque se compadeceu com a dor de sua paciente. Deve-se levar em conta a intenção de quem pratica um crime ao puni-lo.

Interpretação do nível de raciocínio moral de por S11F12/13

As pessoas as quais Heinz não tem afetividade devem ser descartadas quando se pensa em infringir uma lei para salva-las, porque, pelo fato de Heinz não conhecê-las, elas podem mentir para ele. E isso faz com que Heinz estabeleça uma escala de importância para ajudar as pessoas. O sujeito reconhece que o ato de Heinz, no

dilema 1, apesar de ser contra a lei, é moralmente correto. E, ao atribuir uma sentença a Heinz, o sujeito vê que esta deve ser diferente da sentença dada por uma pessoa que rouba por motivos que não sejam os de salvar a vida de uma outra pessoa. No dilema 2, quando o sujeito considera a delação da irmã mais velha, o sujeito tem em mente a consequência que o ato da irmã mais nova poderia ter. A delação no caso, tem a ver com o fato de a filha mais velha ter tido uma boa “educação” e não com ser uma pessoa melhor ou pior aos olhos dos outros. A perspectiva da autoridade pode não ser considerada se esta não cumpre uma promessa ou se esta se demonstra egoísta ao prescrever uma ordem. Sentimentos de respeito, mágoa e gratidão devem permear tanto a vida de um pai para com um filho, e a de um filho para com o pai. No dilema 3, o sujeito levou em consideração a perspectiva da preservação da vida. E na hora da punição, deve-se levar em consideração a intenção de um infrator para puni-lo. Esse sujeito julgou os dilemas de acordo com seus princípios de consciência e não pela convenção de uma lei. Para o sujeito, a lei deve ser mantida sempre, exceto em casos extremos nos quais entram em conflito outras regras sociais. Por tais constatações, o sujeito encontra-se no estágio 4 da teoria de raciocínio moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S12F12/13 - O sujeito não esteve presente em uma das etapas do pós-teste, portanto, não terá os seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S13F12/13 - O sujeito não esteve presente em uma das etapas do pós-teste, portanto, não terá os seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S14F12/13 - O sujeito não esteve presente em uma das etapas do pós-teste, portanto, não terá os seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S15F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o medicamento se ele for um homem “bom” para qualquer pessoa, porque, independente se Heinz conhece ou possui afetividade para com essa pessoa, todos têm o “direito de viver”. Em geral, as pessoas devem fazer de tudo para obedecer à lei, porém, no caso de Heinz, foi necessário desobedecê-la. O policial Brown deve denunciar Heinz porque se ele não o fizer, poderá sofrer consequências irreparáveis, já que seu dever é ir de acordo com o que prescreve a lei. Agora, se Brown for muito amigo de Heinz e se souber das dificuldades que o amigo enfrenta, este não deve denunciá-lo. Na perspectiva de um juiz que julga o caso de Heinz, este deve soltá-lo, e, no caso de prescrever uma sentença, deve puni-lo com “serviço público” para que pague pela violação da lei e para que ele possa ajudar a cuidar da mulher dele que necessita da sua ajuda.

Dilema 2

A irmã mais velha deve se colocar no lugar da mais nova e não deve contar à mãe que a irmã mais nova a desobedeceu, porque se ela estivesse no lugar da irmã mais nova, também, não iria querer que fosse delatada por ela. Contar à mãe não indica que a irmã mais velha seja uma boa filha. Ser boa filha tem relação com obedecer ou não à mãe. Judy tem o direito de gastar o dinheiro indo ao show, primeiramente porque o ganhou trabalhando, com seu próprio esforço, e, em segundo, porque a mãe lhe prometeu e não tem o direito, agora, de “desprometer”. Uma promessa deve ser cumprida apenas quando se conhece ou vai-se encontrar a pessoa novamente. Deve-se, sempre, respeitar a mãe só pelo simples fato de ela ser “a sua mãe”, porque mãe sempre sabe o que é melhor. Ao assumir a perspectiva de Joe, no dilema 2A, ele deve dar o dinheiro ao pai pelo fato de o pai já ter dado tudo o que ele já pediu. Na verdade, o pai deve pedir o dinheiro emprestado e deve devolver depois, porque o dinheiro é do filho, que ganhou com o seu próprio trabalho. Joe seria um bom filho aos olhos do pai, caso desse o dinheiro, principalmente, se o pai ou a mãe fosse usar esse dinheiro para comprar alimentos, pois “o filho não vai querer ver o pai e a mãe sem comer”. O pai deve mandar e desmandar no filho e a relação entre eles deve ser permeada por amor.

Dilema 3

O médico deve dar-lhe o medicamento porque ela já não agüentava mais de dor. O marido deve opinar na decisão da mulher, porque ele só pode querer o seu bem e deve saber, também, que ela já não agüenta mais as dores fortes. A paciente tem o direito de viver, mas já que não é isso que ela deseja, que seja feita a sua vontade. A decisão deve ser da paciente. O fato de dar a droga à mulher é ilegal porque “matar é crime”. O médico não deve ser denunciado porque ele fez o que a sua paciente pediu e ela tem o direito de pedir se quer viver ou morrer. Porém, ao assumir a perspectiva do juiz que julga o caso, o sujeito prescreve que o médico deve passar o resto da vida “prestando serviços públicos”, pois fez, apenas, o que a mulher, que sentia muita dor, pediu.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S15F12/13

O sujeito tem em conta não só a perspectiva de duas pessoas (a de Heinz e a do farmacêutico), mas também a das leis sociais, quando diz que o policial deve denunciar Heinz, porque ele cometeu um ato infracionário. A justiça não é mais uma questão de relações entre os indivíduos, no dilema 1, mas entre o indivíduo e o sistema. No dilema 2, o sujeito procura ser uma pessoa leal e agradável aos olhos da autoridade e a relação entre um pai e um filho deve ser permeada pelos sentimento de gratidão. No dilema 3, o sujeito apresenta indícios de cooperação ao apresentar como punição uma sanção por reciprocidade para o médico cumprir. Dessa forma, o sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4.

Identificação do sujeito: S16M12/13

Dilema 1

Heinz não deve furtar o remédio porque ele pode ser preso, mas, caso resolva roubar, deve roubar apenas para a sua mulher, porque ele a ama. É importante que as pessoas tentem fazer tudo que está “dentro da lei”. O policial deve dar parte de Heinz, mesmo sendo um grande amigo, pois essa é a “função dele”. As pessoas que infringem leis devem ser punidas e, no caso de Heinz, o juiz deve prescrever que ele faça serviços comunitários como sentença de seu crime.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã mais nova à mãe pelo fato de a irmã ter mentido à mãe. Porém, o fato de a irmã mais nova ter ganhado o dinheiro com seu próprio esforço lhe dá direito de gastá-lo como bem entender. Não é necessário cumprir uma promessa a alguém que não se conhece a fundo. A filha também deve se preocupar com a “renda” da casa. A mãe deve ser “autoritária”, porque ela sempre tem “autoridade”. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque o pai está precisando, embora tenha direito de usufruir de seu dinheiro que ganhou trabalhando. O pai não deve quebrar a promessa que fez ao filho e isso é o mais importante na relação entre o pai e o filho, embora o filho deva obedecer ao pai porque ele sempre tem “autoridade”.

Dilema 3

A mulher tem o direito de decidir se quer viver ou morrer e o marido tem o direito de participar da decisão da mulher e apoiá-la, caso decida pela eutanásia. O sujeito entende que o ato do médico, ao praticar a eutanásia é ilegal e moralmente errado, porque estaria tirando a vida de uma pessoa. Com isso, o médico deve ser denunciado porque cometeu um crime e deve ser julgado e preso por isso.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S16M12/13

O sujeito mostra-se individualista e egocêntrico ao privilegiar a vida das pessoas as quais ele possui afetividade e aceita sempre a perspectiva da autoridade. Seu ponto de vista é egocêntrico e a ordem social é concebida em termos de força e do poder da autoridade e do medo da punição. Nesse caso, é notória a presença da responsabilidade objetiva, descrita na teoria piagetiana. O sujeito admite a cooperação entre pares, porém desde que cada um faça a sua parte, defendendo sempre seus próprios interesses e necessidades e deseja que o outro faça o mesmo, percebendo, dessa forma, que todos têm interesses a conquistar. Por tais motivos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre o estágio 1 e 2 do julgamento moral da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S17M13/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio porque ele não quer perder a mulher. Ele deve ajudar qualquer pessoa porque “é uma vida de uma pessoa que está em jogo”. É contra a lei o ato de Heinz, mas não é moralmente errado pelo fato de ele estar roubando por amor à mulher. O policial amigo de Heinz deve denunciá-lo por ser esta a sua função como policial, já que Heinz infringiu a lei. Porém, ao assumir a perspectiva de um juiz que julga o caso, o sujeito prescreve que Heinz merece ser preso pelo que fez. Porém, a atitude mais responsável a ser tomada pelo juiz é fazer Heinz “colar e limpar coisas públicas”.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã mais nova porque ela desrespeitou uma ordem da mãe e isso faz de Louise uma filha melhor. Mesmo que Judy tenha ganhado o dinheiro trabalhando, ela deve obediência à mãe, que queria que ela comprasse o uniforme com o dinheiro e a mãe pode achar que Judy vai gastar o dinheiro com “bebida”. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque ele pode gastar o dinheiro com outras coisas mais úteis.

Dilema 3

O médico deve praticar a eutanásia para livrar a mulher da dor, sendo que ela tem o direito de escolher viver ou não. O marido deve ajudar na decisão da mulher porque ama o outro e isso o torna cúmplice da mulher. O ato do médico é ilegal porque ele está matando uma pessoa. O médico não deve ser denunciado pelo amigo. Porém, já que foi denunciado, o juiz deve dar uma sentença ao médico porque ele praticou um crime e, no caso, a pena de morte seria adequada já que o médico praticou um assassinato.

Interpretação das respostas dadas por S17M13/13

No dilema 1, o sujeito é capaz de ter em conta não só a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. A moralidade, para esse sujeito, sobrepassa os laços pessoais e se relaciona com as leis, que não devem ser desobedecidas, exceto em casos extremos, em que ocorrem conflitos entre duas regras sociais vigentes. Há, no discurso do sujeito, no dilema 2, grande respeito pela autoridade, por regras fixas e pela manutenção social. Porém, no dilema 3, o sujeito defende a lei de Talião “olho por olho, dente por dente” para solucionar o caso da eutanásia. Por tais fatos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria do julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S18M12/12

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio, pois já tentou todos os outros meios legais e não conseguiu obtê-lo. O fato de Heinz amar ou não a mulher não faz diferença para o seu ato, ele deve pensar que está salvando uma vida, porém não deve furtar para um estranho. O ato de Heinz é errado perante a lei, porém é moralmente certo, porque está ajudando a salvar uma vida. As pessoas devem obedecer às leis, ao menos que estejam em uma situação como a de Heinz. Heinz não deve ser denunciado pelo amigo policial porque ele conhece a sua esposa e, também, sabe que Heinz tentou ser honesto, ou seja, tentou conseguir o medicamento por meios legais e não conseguiu. Um juiz deve prescrever que Heinz faça “trabalhos públicos” como pena de seu crime.

Dilema 2

Louise não deve contar nada à mãe devido ao fato de Judy ter confiado nela e, caso o faça ela será uma péssima irmã. Judy trabalhou para conseguir o dinheiro e isso lhe dá o direito de gastar o dinheiro como bem entender. A mãe deve cumprir a promessa que fizera a filha, porém, no caso de um estranho, se não o virmos mais, não é necessário o cumprimento da promessa. Numa relação entre mãe e filha é importante a mãe não ser “chata” e a filha não ser desobediente. Joe deve pensar no direito que tem de gastar o dinheiro que ganhou com o seu próprio trabalho, porém deve ter dentro de si o sentimento de gratidão para com o pai que sustenta a casa que ele mora. O fato de o pai ter prometido é importante para a decisão de Joe, principalmente, porque Joe já tem 14 anos. Deve haver amizade na relação entre o pai e o filho e o filho deve obedecer ao pai porque foi ele quem o gerou.

Dilema 3

O médico deve dar a droga já que foi a mulher quem a pediu. O marido não deve opinar na decisão da mulher, porque ele pode se sentir culpado depois e, nesse caso, deve pedir para a mulher agüentar a dor e para o médico não lhe aplicar a droga. O crime é errado e isso vai gerar um sentimento de culpa no médico, que também pode ir preso. O médico não deve ser denunciado porque foi a mulher quem pediu que ele lhe desse a droga e um juiz deve suspender a sentença ao médico porque essa é a melhor opção na opinião do sujeito. A sentença de morte seria correta se dada a alguém que mata um inocente. O médico deveria trabalhar de lixeiro para pagar pelo que fez, já que infringiu uma lei.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S18M12/12

O sujeito demonstra-se individualista ao privilegiar a vida de quem possui afeto à vida de uma pessoa estanha. Para o sujeito, as pessoas têm que cumprir com seus deveres e obrigações perante a lei, exceto em casos extremos, como o do dilema 1. No dilema 2, o sujeito demonstra um sentimento enorme de gratidão para com a autoridade, procurando ser uma pessoa boa, leal, colaboradora e agradável aos olhos dos outros. No dilema 3, o sujeito defende a lei de Talião, como um método eficaz ao médico que aplicou a eutanásia a pedidos de sua paciente. Dessa forma, o sujeito possui a capacidade de assumir o papel das pessoas com as quais se tem mais ligação, mas não consegue dar uma solução completa ao conflito porque persiste na lei “olho por olho, dente por dente”. Por tais constatações, este sujeito encontra-se no estágio 3 no nível de raciocínio moral da teoria kohlberguiana.

Identificação do sujeito: S19M12/13 - O sujeito não estava presente no dia da aplicação do terceiro dilema e por essa razão foi excluído da pesquisa, embora tenha participado de todos os outros procedimentos de coleta de dados.

Identificação do sujeito: S20M12/13

Dilema 1

Se Heinz furtar ele vai cometer um crime e vai acabar preso na cadeia, o que não ajudará em nada a salvar a sua mulher. Heinz deve furtar apenas para pessoas em que ele confia ou que ele ama muito. Deve-se tentar de tudo para obedecer à lei, porque quanto mais se tenta, mais se consegue. O policial não deve dar parte de Heinz porque é seu amigo íntimo. O juiz, ao julgar Heinz, deve pensar que ele roubou apenas para salvar a vida da mulher e não deve deixá-lo preso.

Dilema 2

Louise deve contar à mãe sobre a desobediência da irmã e isso não tem a ver com ser uma boa filha. Não devemos prometer nada a alguém que nunca mais iremos ver. A filha deve ajudar a mãe e deve ficar sempre ao seu lado. E a mãe deve sempre dar carinho e atenção à filha. Joe deve negar o dinheiro porque trabalhou duro para consegui-lo e queria muito ir ao acampamento e, além disso, o pai prometeu e não cumpriu com a sua promessa, o que dá o direito a Joe de negar o dinheiro ao pai. O pai deve sempre ficar ao lado de seu filho, não deve pedir-lhe dinheiro e deve sempre cumprir uma promessa.

Dilema 3

A mulher deve agüentar a dor, porque o ato do médico seria um crime. O marido deve saber qual é a decisão da mulher, porque, caso ela morra, ele deve estar ao seu lado. É ilegal e é crime o médico dar-lhe a droga. Deve-se fazer de tudo para obedecer à lei porque pode-se ir preso. O médico, amigo de Dr. Jefferson, não deve denunciá-lo porque ele apenas fez a vontade da mulher que estava sofrendo muito com a dor. O juiz não deve dar uma pena a Dr. Jefferson porque ele aplicou a droga para matar a mulher porque ela pediu e porque ela estava com muitas dores.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S20M12/13

Para o sujeito, sempre se deve cumprir o dever e a justiça não é mais uma questão de relações entre indivíduos, mas entre o indivíduo e o sistema. A justiça, para S20M12 está relacionada com a ordem social estabelecida, não é uma questão de escolha pessoal moral. Porém, no dilema 2, o sujeito demonstra um grande respeito pela autoridade e por regras que ela impõe para a manutenção da ordem social. No dilema 3, o sujeito é capaz de ter em conta não só a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. Por tais fatos, este sujeito encontra-se no nível 4 de julgamento moral na teoria de Kohlberg.

Identificação do indivíduo: S21M12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio para salvar a vida de sua mulher e não deveria se arriscar caso não a amasse, embora seja sempre muito bom ajudar o próximo, porque quem ajuda o outro sempre é ajudado. Se Heinz não furtasse o remédio a mulher iria morrer, então, apenas nesse caso é válido desobedecer à lei, mesmo que isso acarrete uma punição. O policial, amigo de Heinz, não deve denunciá-lo por ser seu amigo. O juiz deve prescrever que Heinz faça algum tipo de trabalho comunitário para pagar pelo que fez, porque levá-lo preso não seria correto.

Dilema 2

Um irmão deve sempre ajudar o outro, por isso, Louise não deve delatar a sua irmã mais nova. Contar a desobediência da irmã à mãe tem a ver com ser uma boa filha ou não, embora Judy tenha o direito de gastar o dinheiro como quiser porque ela o conseguiu trabalhando. Não é importante cumprir uma promessa a quem não vamos ver mais. É importante que uma filha não brigue com sua mãe. Joe deve negar o dinheiro porque seu pai não cumpriu com a promessa que fez a ele, além de ele ter conseguido o dinheiro para o acampamento trabalhando. O pai tem autoridade sobre o filho e deve ser sempre bom com o filho.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher para ela não sofrer mais e ela tem o direito de escolher se quer viver ou não. O marido e a mulher devem tomar a decisão juntos e mesmo que a decisão dele seja diferente da

dela, ele deve respeitar a decisão da mulher. Temos a obrigação de viver, mas no caso da mulher, ela está sofrendo muito, então, tem o direito de pedir a eutanásia. O amigo médico de Dr. Jefferson não deve denunciá-lo porque amigo não denuncia um outro amigo. No caso do julgamento, Dr. Jefferson deve ser impedido de praticar a medicina, mas não deve ir preso.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S21M12/13

No dilema 1, o sujeito acredita na equidade das permutas, havendo uma reciprocidade pragmática e concreta, em seu discurso, de que se faço algo por outra pessoa, essa pessoa fará por mim. No dilema 2, o sujeito até admite a existência da cooperação, porém desde que cada um faça a sua parte e defende sempre os próprios interesses e necessidades e deseja que o outro faça o mesmo, percebendo, dessa forma, que todos têm interesses a conquistar. No dilema 3, o sujeito considera o outro, relaciona pontos de vista diferentes, mas não considera uma perspectiva num sistema generalizado. Por tais constatações, infere-se que este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria de julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S22M12/12 - O sujeito não estava presente no dia da aplicação do segundo dilema e por essa razão foi excluído da pesquisa, embora tenha participado de todos os outros procedimentos de coleta de dados.

Identificação do sujeito: S23F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio porque “quem ama faz sacrifício por amor” e deve se arriscar somente pela mulher que ele ama. Devemos obedecer à lei porque uma “lei é certa”. Heinz não deve ser denunciado porque “ele fez o bem para a sua mulher”. O juiz deveria suspender a sentença a Heinz, mas deveria fazê-lo trabalhar na farmácia até que conseguisse pagar o medicamento ao farmacêutico. Cada um procura agir e fazer com que sua consciência fique limpa e foi isso que Heinz fez.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã mais nova à mãe porque o que a irmã fez foi muito feio. É importante o fato de Judy ter conseguido o próprio dinheiro trabalhando, mas ela não deve desobedecer à mãe para ir a um show de rock. A mãe descumpriu o prometido porque viu que o dinheiro seria mais bem empregado para comprar o uniforme. A mãe deve ser a melhor amiga da filha. Joe deve ser grato ao pai pelo fato de o pai ter dado dinheiro para ele quando ele precisava, portanto, deve dar o dinheiro ao pai. O fato de dar o dinheiro ao pai, faz com que o pai seja o melhor amigo de Joe. Um pai conhece muito bem o seu filho e deve haver muito amor e carinho na relação entre eles.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher porque ela está sofrendo demais e, assim, “ela descansaria”. O marido não deve opinar na decisão da mulher, porque só ela sabe o quanto está sofrendo, mas deveria ficar perto dela nas horas mais difíceis. Ela tem o direito de não querer viver mais para parar de sofrer. Uma lei é sempre “justa e digna”, mas o juiz não deve prescrever uma pena a Dr. Jefferson, deve deixá-lo livre porque ele fez o bem não para ele, mas para a mulher.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S23F12/13

O sujeito demonstra-se extremamente individualista ao afirmar que devemos infringir uma lei e nos arriscarmos somente se nosso ato favorecer a alguém que amamos. Para o sujeito, a ordem social é concebida em termos do que prescreve a lei. No dilema 2, o sujeito busca a aprovação da autoridade e procura ser sempre uma pessoa grata à mesma. No dilema 3, a moralidade sobrepassa os laços pessoais e se relaciona com as leis, que não devem ser desobedecidas para poder manter a ordem social. Por tais constatações, o sujeito encontra-se numa fase de transição entre os níveis 3 e 4 da teoria do julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S24M12/13 – O sujeito não esteve presente em uma das etapas do pós-teste, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S25M12/12 - O sujeito não estava presente no dia da aplicação do primeiro dilema e por essa razão foi excluído da pesquisa, embora tenha participado de todos os outros procedimentos de coleta de dados.

4.2 A intervenção pedagógica: discussão dos dados

As etapas desenvolvidas no processo de intervenção foram necessárias para que a discussão moral, tal qual proposta por Blatt, se concretizasse, optamos, nesse item, pela inclusão, no corpo do texto, apenas pela apresentação e discussão dos dados coletados durante a plenária de discussão com o grupo todo. Em todas as sessões de plenária, a pesquisadora, de posse das questões propostas no questionário individual e na discussão em grupos, formulou perguntas com intencionalidade no que se refere ao princípio ou à ação moral discutida, porém, conduzindo as discussões de forma não-diretiva, preocupando-se em coordenar as discussões num clima acolhedor.

O momento da discussão moral se apresentou como um “poder adquirir” uma informação ampla sobre o tema, e a professora-pesquisadora se assegurou de sua correta compreensão e assimilação. Este foi um dado importante a ser preservado na pesquisa, pois Kohlberg (1989) apud Biaggio (2006) afirma que o indivíduo ao ser solicitado para refletir sobre diferentes conflitos cognitivo-morais hipotéticos coloca em atividade estruturas do pensamento que poderão estar disponíveis no momento em que se defrontar com situações reais do cotidiano, as quais exigirão uma tomada de decisão e esta traz consigo um princípio ético. Para tanto, a pessoa deve assumir papéis, ou seja, o papel do outro, analisando os fatos e dessa maneira, compreender as “conseqüências” da opção selecionada e julgar as ações.

As situações comuns do cotidiano, quando dramatizadas, tornam-se vivas, assim como as experiências que, direta ou indiretamente, todos possuem. Tendo como ponto chave a assunção de papéis, acrescida das experiências de vida que o adolescente já carrega consigo, no que se refere ao âmbito das relações interpessoais, a discussão moral ganha espaço de acordo com a condução, por parte do professor, de questionamentos que instiguem o aluno à reflexão e argumentação, diante das encenações assistidas e também, assumidas.

4.2.1. Apresentação e discussão da plenária

4.2.1.1. Fabula 01: discussão moral

Após a dramatização da fábula “A velha da horta”, a professora-pesquisadora, com a intenção de envolver os alunos na trama, apresentou o primeiro questionamento para a discussão: *“Vamos imaginar que era um ano de seca, um ano de carestia e essas duas comadres saíram à procura de algo para comer, elas não tinham nada pra comer, e, de repente, viram uma horta toda bonita, cheia de couves e pensaram nos pratos mais gostosos que elas poderiam fazer com as couves. Foram lá, entraram e roubaram. As comadres agiram certo ou errado? Essa tentativa de levar os alunos a sentirem como era o momento em*

que as ações das personagens ocorriam foi de extrema importância para que pudessem se posicionar diante de um fato.

No momento em que a professora-pesquisadora questionou a sala, apenas um sujeito levantou a mão: *“Ah, eu tava (=estava) com fome”* (S25F12/13). A pesquisadora ainda pergunta se há não havia outro meio para se conseguir o alimento e S25F12/13 responde: *“Ah, dá pra pedir, mas se não tivesse ninguém em casa, tipo, se elas não soubessem que lá morava a velha, que ninguém ia notar, daí eu pegava”*. Nota-se que a gravidade do ato do roubo está na descoberta desse ato, ou seja, caso o ato não seja descoberto, ele não tem gravidade. Se a ação é vista por outrem, é errada, porém, se não é vista, está certa: *“Porque ninguém ia saber que eu roubei”* (S25F12/13) Ao ser indagado pela pesquisadora se é justo pegar o alimento do outro, o sujeito responde: *“Não, não é justo, mas, assim, a gente tá (=está) passando necessidade, então a gente rouba; ninguém quer pegar alguma coisa por necessidade e ser visto pra ser chamado de ladrão”* (S25F12/13) É clara a preocupação com o olhar do outro na fala do sujeito, pois há a busca da aprovação pelos demais. Certo de que seu posicionamento é correto, o sujeito ainda incita que todos do grupo agiriam da mesma forma e teriam as mesmas preocupações, mas têm vergonha de assumir o posicionamento: *“É, então, ninguém aqui levantou a mão, mas todo mundo faria a mesma coisa, a gente não ia esperar morrer de fome quando tem uma horta cheia de coisas pra você pegar”* (S25F12/13) Neste momento, outro sujeito coloca-se no lugar da velha: *“Mas se estivesse você no lugar da velha, você gostaria que alguém fosse lá, pegasse, o que você daria pros (=para os) seus filhos?”* (S14F13/14) e ainda completa que: *“Ah, eu preferia morrer de fome”* (S14F13/14). Neste momento, o conflito entre o princípio da vida entra em choque com o princípio da propriedade. Um dos sujeitos levanta a questão de que não é permitido roubar: *“Lógico, que eu saiba, não pode roubar”* (S27F13/13). A pesquisadora, nesse momento, indaga o porquê de não se poder roubar e obtém as seguintes respostas: *“É contra a lei e a mulher sofreu pra plantar”* (S27F13/13) É clara a percepção, na fala desse sujeito que o fato de algo ser contra a lei, é errado, porém, o sujeito assumiu a perspectiva de quem sofre o roubo. A justiça, para esse sujeito, está relacionada com a ordem estabelecida e não é uma questão de escolha pessoal. O sujeito considera o outro como parte de um sistema social em que as pessoas devem obedecer às leis de modo a preservarem a ordem social. Outro sujeito levanta a hipótese de as comadres terem roubado as couves, agindo de má fé: *“Ah, ela não teve dinheiro pra comprar pão, o pulmão”* (= o sujeito refere-se ao fato de as comadres terem gastado dinheiro para comprar o pão para dar ao cachorro e o pulmão para dar ao gato, enganando-os, enquanto as mesmas roubavam as couves) (S26M12/13). Nesse

momento, S27F12 completa que nada justifica o ato do roubo, nem a necessidade, nem a malandragem e ainda completa, fazendo alusão a um acontecimento de sua própria vida: *“O meu pai passou fome, mas ele nunca foi roubar, eles eram 7 irmãos, eles ia na feira (= eles iam à feira), tinha uma feira perto da casa deles, ainda eles morava lá no “Inferninho”(= bairro muito pobre da cidade), lá na Vila Resende, ele ia lá no Bom Peixe (=supermercado localizado em um bairro próximo ao centro da cidade), eles enfrentava (=eles enfrentavam) uma fila e pedia (=pediam) e o homem dava pra eles, o homem guardava porque sabia da necessidade, mas nunca roubaram”*. Nesse momento, outros se posicionavam favoráveis ao que disse S27F13/13: *“Professora, vamos supor, eu posso morar num sítio longe, algum lugar. Que nem a S27F13/13 falou que o pai dela saía e ia num lugar bem longe pra pedir pra pessoa, eu não acho certo roubar, tem que pedir pra pessoa”* (S15M12/13). Ao ser indagado do porquê não é certo roubar, S15M12/13 completa: *“A gente pode ir pra cadeia, alguém que a gente conhece pode ver, isso é muito chato, por coisa tão pequena, que não vai adiantar muito, não é uma bolacha que ia resolver o meu problema”*. Nesse momento, é clara a preocupação desse sujeito com a sua imagem perante os outros e um ato torna-se errado porque acarreta uma punição, ou seja, se a ação é punida, está errada e se não é punida está certa, havendo a busca da aprovação dos demais. Essa foi a preocupação de outros sujeitos também: *“Ah, professora, e se na hora que ele tivesse roubando ele for preso?”* (S26M12/13). Ao ser indagado sobre a possibilidade de não ser pego roubando, o sujeito completa: *“Ah, se ele rouba uma vez e não dá nada (=se ele rouba uma vez e não é descoberto, não é punido), vale”* (S26M12/13). Nesse momento, fica claro que o fato de se ter roubado apenas uma vez torna o ato menos grave do que o de quem rouba várias vezes. A quantidade de vezes e o tamanho do prejuízo acarretado pelo roubo é o que define a sua gravidade para S26M12/13.

Nesse momento, um sujeito discorda da opinião de S26M12/13: *“Não, ele vai ter consciência pesada”* (S14F13/14). A pesquisadora pede para o sujeito clarificar o que vem a ser “consciência pesada”: *“Ah, é se sentir mal, arrependido”* (S14F13/14). Esse recurso é de extrema importância já que leva o sujeito ao raciocínio do que se está sendo falado. Outros sujeitos quiseram definir o que viria a ser “consciência pesada”: *“Me sinto muito mal, ué”* (S27F13/13)

Os sujeitos foram questionados pela professora-pesquisadora acerca de um ato certo ou errado. O que vem diferenciar um ato certo de um ato errado para os sujeitos participantes dessa plenária? *“É, a gente sabe que uma coisa é errada porque a gente vai*

preso” (S25F12/12) A justiça, para esse sujeito está relacionada à punição. Se uma ação acarreta punição perante a lei, está errada, se não acarreta punição perante a lei, está certa. Entretanto, surgiram argumentos divergentes: *“Não, porque a mulher batalhou, foi ela que plantou, ela vai colher, então não é justo, não fui eu que batalhei pra ter a horta”* (S14F13/14) Nesse momento, a professora-pesquisadora indaga se todas as leis são justas e as respostas são diversas: *“Não”* (S18M13/14), *“Lógico, vou ser preso”* (S15M12/13). Outro fator que coopera para a gravidade de um ato, na opinião dos sujeitos é a quantidade de vezes em que foi praticado um ato ilícito: *“Professora, ela não roubou uma vez, elas roubaram duas, três”* (S14F13/14). Outro fato que chama a atenção é as comadres terem roubado mais de uma vez estar ligado ao fato de não terem sido punidas desde a primeira vez em que praticaram o roubo: *“Porque elas não foram punidas da primeira vez”* (S14F13/14) É clara a presença da Justiça Retributiva no julgamento desses sujeitos, em que há a necessidade da punição para um ato ilícito: *“Porque senão a pessoa não vai sentir que fez uma coisa mal (=má, que a deixe desconfortada)”* (S14F13/14) A pesquisadora, na tentativa de promover um conflito no sujeito, indaga sobre a possibilidade de se ficar com a “consciência pesada”, como o mesmo sujeito já havia afirmado, quando se pratica um ato errado, e o sujeito, nesse momento pensa e responde: *“É, ... você me pegou”* (S14F13/14) e completa: *“É, se a pessoa for do bem (=tiver uma boa índole), acho que não precisa punir, ela sabe que, tipo, fez alguma coisa errada”* (S14F13/14) Nesse momento, o sujeito vê a punição pelo ato ilícito na culpa sentida.

Logo depois, na fala de um dos sujeitos é possível identificar o conceito de reciprocidade enquanto moeda de troca *“A gente não deve fazer pros outros o que a gente não quer que os outros faz (=façam) pra gente”* (S26M12/13), *“É, porque e se um dia, vamos supor, depois que acabar a carestia, e você consegue plantar uma coisa pra vender e alguém começa a roubar de mim, porque eu roubei mais pra frente”* (S25F12/13). Posteriormente, aparece, também, a crença na Justiça Imanente, em que a justiça é obra de Deus ou de uma força sobrenatural: *“Pode ser a mesma pessoa ou outra pessoa. Deus ta (=está) vendo”* (S15M12/13). O fato de Deus “ver” o que acontece já basta para que sejamos punidos: *“Porque Deus ta (=está) vendo e Ele faz as pessoas más pagarem”* (S15M12/13). Ao ser indagado sobre a forma que se dá a justiça divina, o sujeito responde: *“Ah, Ele manda as coisas acontecerem”*, *“É porque não tem explicação”* (S15M12/13). Este sujeito acredita na existência de sanções automáticas, que emanam das próprias coisas, da natureza física e dos objetos inanimados. Há também a crença no divino, no sagrado e é esta é sempre acompanhada pela existência da sanção automática.

Depois dessa discussão, apareceu o conflito da vida versus o cumprimento de uma lei, na fala de um sujeito: *“É, nunca vai ser justo, mas naquela hora, todo mundo roubaria. Às vezes, tem que ir contra a lei”* (S14F13/14), *“Eu não acho, eu prefiro morrer que roubar”* (S27F13/13), *“Acha, eu prefiro roubar do que morrer”* (S26M12/13), *“Eu não ia suportar viver sabendo que eu fiz uma coisa tão errada”*. (S27F13/13) Nesse momento, um dos sujeitos indagou o fato de as leis serem justas ou não: *“É, nem toda lei é tão justa assim”* (S14F13/14). De acordo com o discurso desse sujeito, o mesmo considera o outro, e acredita que as pessoas devem cumprir com seus deveres e obrigações perante a lei, exceto, em casos extremos, pois entende as leis enquanto instrumentos flexíveis para o aprofundamento dos valores morais. Um dos sujeitos, na hora da argumentação, cita o dilema de Heinz, já visto pelos mesmos no momento do pré-teste: *“Mas, professora, só que, assim, que nem aquela história lá que a gente leu do homem que roubou o remédio pra mulher dele. Ele também deu prioridade pra vida. Lógico, todo mundo ia fazer isso. A vida é muito mais importante do que as posses de uma pessoa. A gente não ia ver uma pessoa morrer assim”* (S25F12/13). Nesse momento, um sujeito levantou a questão de que, muitas vezes, há uma escala de valores para se considerar primordial o valor à vida: *“Tem gente que vive do lixo pra não roubar. Que nem, ela falou da história do homem do remédio, mas se eu roubar da velha, eu posso privilegiar a minha vida, mas eu posso matar a velha que depende da couve pra comer.”* (S15M12/13)

Quando indagados se as comadres mereciam ou não uma punição, um dos sujeitos se posicionou contrário a esse ato: *“Porque eu só consigo ver o lado delas, que elas estavam passando fome”* (S11F12/13). Quando os sujeitos optaram por uma punição, houve quem se compadecesse com a situação das comadres e tentasse amenizar a pena dada: *“Eu me vingaria, tipo, não maltratando elas”* (S20M13/14) e depois, o mesmo sujeito se incomoda com o fato de ter pronunciado a palavra “vingança” e se redime: *“É, teria, vingar acho que é muito, tipo, é forte falar, mas elas mereciam uma punição”* (S20M13/14) Para esse sujeito há uma diferença qualitativa entre vingar-se e punir alguém por algum ato errado cometido. Outro sujeito explicita que a vingança é necessária para que o ato ilícito não aconteça novamente: *“Se não se vingar, daí você deixa quieto (= e você não retribuir o ato), daí outro dia, ela vai lá e rouba de novo, daí vai deixando quieto, já viu.”* (S26M12/13) O sujeito, dessa forma, acredita que a punição funciona como sanção eficaz para que não haja mais a repetição da prática de um ato infracionário.

Por outro lado, a maioria dos sujeitos agiu com a responsabilidade subjetiva ao delimitar se há ou não a necessidade de uma punição às comadres, considerando a intenção de quem praticou o ato, juntamente com a sua consequência: *“Ai, eu acho assim, dá vontade de se vingar, mas só se a gente se pôr no lugar dela, ver alguém passando fome. No meu caso, eu sentiria que não é certo. Eu acho que eu deveria ajudar, eu ajudaria, mas se eu não soubesse da história, eu não ajudaria, eu se (=me) vingaria”* (S27F13/13), *“Ela tem que ter piedade, não ia fazer falta pra ela e ia me ajudar a matar a minha fome, mas acho que ela tinha que conversar comigo que não é certo”* (S26M12/13)

Ao serem questionados sobre deixar ou não um amigo em apuros para se salvar, as respostas foram quase unânimes ao afirmar que não é correto o ato da comadre, que fugiu, deixando sua companheira nas garras da velha. Porém, um dos sujeitos, trouxe o momento da fábula e comparou-o a um momento vivido por ele e por outros participantes na vida real: *“Ah, dona, esse povo só fala. Esses dias, eu tava dando uma volta de bicicleta, eu, S21M12/13, S20M13/14, e um menino da outra classe e uns 7 pessoal (=mais ou menos 7 pessoas) vieram roubar nós, eu tava sozinho, o S20M13/14 e o menino da outra classe voltaram, o S21M13 e o outro saíram correndo. (risos) Tipo, se vamos sair, fazer alguma coisa junto, tem que ficar até o final. Que nem meu pai fala. Se você veio comigo, ele não vai voltar com uma outra pessoa”* (S18M13/14). Porém, o garoto que fugiu, presente no dia, tentou justificar seu ato: *“Porque não é justo, mas eu fiquei com medo dos cara roubar a minha bicicleta, se rouba o S18M1/143, o pai dele vai lá e dá outra, a minha não, meu pai não tem dinheiro pra me dar outra”* (S20M13/14). Nesse momento, mais uma vez aparece a crença na equidade das permutas, na fala de um dos sujeitos: *“Não, porque é assim, você tem sempre que ajudar o que você puder pra você também ser ajudado quando você precisar. Você pode pensar, tipo, não, eu não vou fazer isso, deixar ele na mão porque eu não vou precisar dele. Vai um dia lá na frente, o mundo dá voltas, você pode precisar daquela pessoa e daí aquela pessoa pode não te ajudar”* (S25F12/13), *“É, professora, a gente tem que ajudar as pessoas porque um dia a gente pode precisar deles”* (S25F12/13)

Nesse momento, um dos sujeitos argumentou contra o sentimento de egoísmo e individualidade presente na fala de S25F12/13: *“Professora, por exemplo, ta, eu e a S23F12/13, nós somos amigas, eu vou salvar a S23F12/13 só porque amanhã eu posso precisar dela ou eu vou salvar ela porque minha consciência vai ficar limpa?”* (S14F13/14) Nesse momento, a professora-pesquisadora sentiu necessidade de que esse sujeito clarificasse

a idéia de se ter “uma consciência limpa”: *“Consciência limpa, eu não sei explicar, mas eu ter feito uma coisa digna, certa, pra eu não me arrepender amanhã”* (S14F13/14)

Num próximo momento, a maioria dos sujeitos argumentou a existência de outro meio mais eficaz de se punir as comadres, que não seja comendo-as, pois, segundo alguns sujeitos: *“Uma vida vale mais que uma morte”* (S26M12/13) e a conversa, o diálogo poderia ajudar tanto as comadres, quanto à velha a encontrarem uma solução para o problema. Logo após esta inferência, a professora-pesquisadora apresentou três formas diferentes de punição às comadres, sendo duas delas sanções pautadas na reciprocidade (que as comadres deveriam ajudar a velha a plantar, colher e a vender as couves por 2 anos, sem ganhar nada por isso; que a velha deveria comer as comadres, ou seja, a pena de morte). e uma delas, considerada sanção expiatória (que as comadres deveriam ficar presas, na cadeia, por 3 anos), e pediu aos alunos que escolhessem qual seria a sanção mais justa para aquele momento: *“Eu posso ta errada com a minha opinião, mas eu acho que ela devia ficar 3 anos na cadeia, sabe por quê?”* (S14F13/14), *“Ah, tem tantas histórias aí de mãe que rouba porque os filhos tão (=estão) passando fome e vai (=vão) pra cadeia. Porque que é errado, só porque a velha vai plantar, a velha plantou tudo sozinha, a velha pode plantar tudo outra vez, mas ela, se estiver na cadeia, ela vai refletir: “nossa, eu to aqui, eu podia ta lá fora”, ela vai pensar no que ela fez e fica olhando: “nossa, eu to aqui no meio dessas pessoas que roubaram”* (S14F13/14) Esse sujeito vê no sistema carcerário, um meio eficaz que promove a reflexão em alguém que praticou um ato errado, quer dizer, o sujeito defende a sanção expiatória como um método eficaz. Nesse momento, outros sujeitos expõem a sua descrença no sistema carcerário, enquanto um método eficiente na recuperação de criminosos: *“Ah, hoje as pessoas que vão pra cadeia se revoltam mais ainda”* (S26M12/13), *“Não, serve só pra tirar a pessoa do meio da população, só que isso não é suficiente”* (S25F12/13), *“É, porque elas não sentiram o ato, não viram como é duro plantar. Só vão lembrar que a velha colocou elas na cadeia”* (S26M12/13) Porém, a maioria dos sujeitos optaram pelas sanções por reciprocidade: *“Eu acho que devia ajudar a velha, dona, por causa que se desse 3 anos de cadeia pras comadres, a velha também deveria ser presa porque assassinou a outra”* (S18F13/14), *“Não, só que se ela trabalhar na horta seria uma punição porque daí, se ela fosse presa, a velha ia ficar mais irritada ainda porque a velha ia ter que plantar tudo o que as comadres roubaram”* (S25F12/13)

Quando um dos sujeitos cita um episódio real, em que um indivíduo é preso porque roubou uma manteiga dentro de um supermercado, um dos sujeitos infere que *“Ah, eu*

acho que ela tinha que ser presa porque saiu no jornal que o moço roubou uma manteiga e foi preso” (S21F12/13) E, ao ser indagado se foi justo o que aconteceu com esse indivíduo, o sujeito afirma: “Mas é a lei, se vale pra um, vale pra todos” (S21F12/13) Para este sujeito, a conduta correta consiste em realizar o próprio dever, mostrando respeito pela autoridade (lei), porque acredita que esta foi feita para o estabelecimento da ordem social: “Não, a lei foi feita pra ser seguida” (S21F12/13). O ponto de vista desse sujeito é egocêntrico e a ordem social é concebida em termos do que prescreve a lei, que, para o sujeito, é sempre justa.

Ao serem indagados sobre a pena de morte como um meio eficaz de punição, os sujeitos apresentaram as seguintes argumentações: *“É melhor deixar ela na cadeia até a velhice dela” (S26M12/13), “É que nem na “A vida de David Gale”, aquele filme que você passou pra gente. Nem sempre a pena de morte funciona pra quem cometeu crime” (S15M12/13), “É, não sei. Também a pessoa tem que ter a chance de pensar no ato que ela fez, né, professora” (S15M12/13) Nesse momento, alguns sujeitos voltaram a defender o cárcere como um método eficaz de punição, porque, segundo os sujeitos, promove a reflexão: “É, e se essa pessoa na cadeia, se arrepender e virar do bem?(=se redimir dos seus erros?)” (S26M12/13)*

O fato de a mãe ter prometido a vida da própria filha para se salvar das garras da velha chamou a atenção de muito sujeitos, provocando a indignação dos mesmos: *“A mãe não tem coração (=não tem sentimentos)” (S23F12/13), “Ai, professora, o meu filho tá pagando (=sofrendo as conseqüências), sendo que ele nem sabe o que eu fiz?” (S14F13/14) Ao serem indagados sobre o valor de uma promessa, os sujeitos argumentaram que: “Você prometeu, você tem cumprir pra qualquer pessoa. Promessa é promessa” (S27F13/13), “Por causa que assim, ela roubou a couve por causa de fome, isso eu sei, mas assim, vai colocar o filho, que não tem nada a ver, se ele não roubou, não fez nada, vai colocar o filho assim. Essa promessa, pra mim, não deveria ser cumprida” (S21F12/13)*

4.2.1.2. Fábula 02: discussão moral

Ao serem indagados se o garoto merecia ser punido pelo que fez, a resposta, num primeiro momento, parecia unânime: *“Claro, professora, vai bagunçar na escola, claro que não!” (S25F12/13), “Porque escola é pra você aprender, entender as coisas que você não sabe, não pra ficar bagunçando, se comportando mal.” (S25F12/13), “Professora, ele vai pra escola, fica dando febre em todo mundo, nos professores,(= atrapalha com conversas) até que ele se ferra (=ele sofre as conseqüências), tem que ser punido”*

(S26M12/13), *“É, professora, às vezes, ela deixou de fazer alguma coisa, ou ela podia botar ele pra trabalhar e ajudar na casa, mas ela quis que ele estudasse e ele apronta, não ta certo”* (S14F13/14) Percebe-se que, mesmo sem serem questionados, os sujeitos fizeram questão de se colocar no lugar do outro, que não se beneficiou com a atitude do garoto e logo apareceu, na fala dos sujeitos, a necessidade de punição: *“Tem que ser punido, sim”* (S25F12/13) e dentre as prováveis punições apresentadas, destaca-se: *“Nossa, eu ia bater”* (S25F12/13), *“Pra aprender a dar valor nas coisas, na escola, sem estudo ninguém é nada”*, *“Professora, pega (=veja) as pessoas que são ricas, que tem dinheiro, que se deram bem, todas estudaram muito”* (S25F12/13) Houve uma indignação por parte de S25F12/13 com relação ao fato de o garoto do enredo da história não ter querido aprender, não ter querido estudar, porém, houve a indagação, por parte da professora pesquisadora quanto à melhor forma de punir o garoto e se a solução apresentada (a mãe bater no filho) resolveria o problema: *“Não, eu não acho que é a melhor forma, mas eu ia ficar com vontade de fazer isso, eu ia sim”*, e, nesse instante, houve um momento de reflexão por parte dos sujeitos: *“Não, eu não acho que é a melhor forma, mas eu ia ficar com vontade de fazer isso, eu ia sim”* (S25F12/13), *“Não tem que bater de jeito nenhum”* (S14F13/14) É perceptível a recusa por uma sanção expiatória, que, de acordo com o ponto de vista do sujeito não resolveria o caso, tendo em vista que uma punição funciona como método para se refletir num ato e, apanhando, o garoto não refletiria acerca de sua atitude: *“Porque se eu faço uma coisa, a minha mãe vem e me bate, às vezes, dependendo da idade, eu não sei porque eu to apanhando, não adianta”* (S14F13/14), *“Porque eu vou ficar revoltada, é assim com a minha mãe, se ela me bate, eu fico com raiva e faço de novo”* (S14F13/14). Nesse momento, um dos sujeitos coloca-se no lugar do garoto e tenta compreender qual foi a sua intenção ao praticar um ato de desobediência à sua mãe: *“Ele fez também, pode ser, professora, pra chamar atenção da mãe dele, não é?”*, *“Porque assim, ai, meu Deus, às vezes, a mãe trabalha muito, às vezes gosta mais de outros filhos, ou parece que gosta, não sei, aí o filho quer chamar atenção”*. (S23F12/13). Neste momento S14F13/14 rechaça totalmente o uso da sanção expiatória (bater no garoto): *“Por isso que tem que conversar”*.

Porém, nesse caso, a solução dada por S14F13/14 não foi bem aceita pelos sujeitos que defendiam a prática da sanção expiatória para o caso: *“Ah, mas aí também vai acostumar mal.”*, *“Acostumar mal, dona, se ele não apanha, vai querer fazer de novo”* (S15M12/13). Outra questão foi levantada nesse momento por um dos sujeitos: deve-se punir o garoto, sabendo que foi a primeira vez que ele desacatou a ordem da mãe e foi expulso da escola? A necessidade de punição surge por meio da quantificação de vezes em que um ato

infracionário foi cometido, assim como ocorreu na fábula “A velha da horta”: *“Assim, acho que da primeira vez, ela bater não é certo, mas se ele voltasse pra escola, e fosse expulso de novo aí tinha que dar um coro, nele”* (S21F12) Todavia, esse tipo de sanção expiatória causa medo e, segundo os sujeitos, o garoto poderia não cometer mais o ato de desobediência à mãe, porque esse tipo de sanção, com o medo provocado, se tornaria um meio eficaz para a educação do garoto: *“Por que ele vai ficar com medo de apanhar de novo e não vai fazer mais”* (S21F12/13) Em outro momento, o fato idade chamou atenção. A sanção expiatória, bater, foi apontada como um método eficaz como correção de uma criança de pouca idade, porque, segundo os sujeitos, as crianças menores não conseguem compreender o que fazem de errado: *“Não só por isso, pra ensinar que o que ele fez foi errado. Se a gente conversa com uma criança, bem pititica (=com pouca idade), ela não vai entender”* (S27F12/13), *“É que só assim aprende”* (S15M12/13), *“Você não tem irmão pequeno, por isso que você fala isso, criancinha tem que apanhar porque ela só obedece se fica com medo. É assim com meus irmãos”*(S25F12/13), *“Pode até ser, mas só se for com criança muito pequena, que não fala”* (S23F12/13).

Logo depois, indagados sobre a necessidade de punição ao garoto pelo fato de ter sido expulso do colégio, as respostas foram unânimes na necessidade da punição, porém as justificativas se diversificaram: *“Porque escola é lugar de estudar não de bagunçar”* (S26M12/13), *“É, professora, porque ele não ficou dormindo em casa, é bem melhor”* (S18F13/14). Neste momento, a professora pesquisadora dirige-se ao aluno que interpretou o menino durante a dramatização da cena e o indaga a respeito de seus sentimentos no momento em que foi expulso da escola: *“E você, S15M12/13, que interpretou o garoto, o que você sentiu quando foi expulso do colégio?”* Neste momento, percebeu-se que o sujeito colocou-se no lugar do menino e traduziu em palavras o seu sentimento durante a cena: *“Eu me senti feliz”, “Eu achava o colégio muito chato”, “Mas não é certo fazer bagunça pra ser expulso”*. E, ao ser indagado sobre o sentimento para com a sua mãe, a resposta do garoto foi: *“Ai, eu achei que ela ia conversar comigo e que ia me bater mesmo”*. Porém, ao ser indagado se essa atitude foi justa, o sentimento do garoto para com a ocasião foi: *“De bater até que foi, mas de expulsar de casa não”, “É muito fácil quando seu filho apronta você manda ele pra fora, fez, tem que cuidar”* (S15M12/13). Nesse momento, houve outras manifestações: *“Sem contar que ele pode conhecer um monte de gente má, traficante, ladrão e pode se influenciar, pode virar um deles”* (S26M12/13) Percebe-se como a atividade da plenária e da dramatização foi um instrumento de grande importância, que possibilitou aos sujeitos o colocar-se no lugar do outro e sentir dos mais variados sentimentos perante as situações de conflito existentes. Logo

após, a professora pesquisadora questionou o fato de S15M12/13 ter acatado o “bater” como algo justo na educação do garoto da história e ele justificou da seguinte forma: *“Por que eu ia ficar com medo”, “Pra ele não aprender a fazer mais”* (S15M12/13) Mais uma vez, a sanção expiatória é entendida como um meio de punição eficaz, porque gera o medo no sujeito e esse medo o impossibilitará de cometer o mesmo erro outras vezes. Nesse momento, houve um questionamento da professora pesquisadora sobre essa justificativa dada pelo garoto, com a finalidade de o mesmo refletir acerca da sua resposta: *“Não ia fazer mais porque você aprendeu que o que você fez foi errado ou não ia fazer mais porque ia ficar com medo de apanhar de novo?”*. Nesse momento, vários sujeitos da sala refletiram sobre a pergunta apresentada e tivemos várias concepções: *“Acho que de apanhar”* (S15M12/13), *“Então, sua punição não resolve, menino”* (S14F13/14). É notável a importância desse momento para o nosso trabalho, tendo em vista que um dos sujeitos percebe que a punição que gera medo pode não ser um meio eficaz na correção da personagem da história.

Logo após esse momento de reflexão, a professora-pesquisadora voltou-se ao sujeito que interpretou Nani-Ogro na história, indagando-o a respeito da atitude tida com o menino, que roubava peras de sua propriedade para se alimentar, e mesmo assim, o acolheu: *“Ai, dona, não, eu achei ele um coitado”, “Ele tava comendo, não tava zuando (=brincando) com a pêra”* (S26M12/13). Neste momento, o sujeito privilegia o princípio da vida ao da propriedade privada, pois se compadeceu da situação do garoto e não se importou com o fato de o garoto ter invadido sua propriedade e roubado algumas peras para comer. Porém, outros sujeitos, que não participaram do momento da dramatização, discordaram de S26M12/13: *“Eu acho, ele tava roubando, ele podia pedir”* (S22F12/13), *“Eu também acho que ele tinha que pedir, não chegar catando (=pegando sem a permissão do dono) tudo que ele vê”* (S27F12/13) Porém, o sujeito que interpretou o garoto não mudou de opinião, pois, ao posicionar-se no lugar do menino do texto, sentiu algo diferente dos outros participantes da plenária: *“Eu acho que eu fiz certo, dona, de conversar, senão eu não ia saber o que tinha acontecido com ele”, “Se eu tivesse batido nele, ou sei lá, expulsado, eu não ia saber que ele tava com fome, que a mãe dele tinha expulsado ele”* (S26F12/13)

Porém, outros sujeitos alertaram para o fato de acolhermos alguém que não conhecemos, pois transpuseram a situação para os dias de hoje em que violência, assaltos, permeiam a vida dos sujeitos: *“É, mas você não pode abrir o seu portão pra todo mundo”, “Não, não é isso, foi legal, mas eu não faria isso, ele podia ter um revólver, me atacar”* (S15M12/13), *“Porque ele vai sempre achar que vai ter alguém pra ajudar e vai continuar aprontando”* (S22F12/13) Todavia, mesmo com o alerta dado por S15M12/13, houve sujeitos

que se colocaram no lugar do garoto e se compadeceram da situação e conseguir sentir um certo altruísmo nessa situação: *“Mas se você ficar com preconceito? Você não vai ajudar as pessoas por causa disso?”* (S14F13/14)

Durante o momento 2 da fábula, a discussão moral partiu de outra situação-problema. O fato de Nani-Ogro ter acolhido o garoto, depois de ser expulso e o mesmo tê-la desobedecido quando foi visitar a mãe. Foi justa a atitude do menino? O sentimento de gratidão bastaria para que ele a obedecesse? Quando entra em conflito a obediência pela autoridade e a curiosidade, o que deve prevalecer? Esses questionamentos permearam toda a discussão desse momento. Ao indagar o sujeito que representou o garoto durante a dramatização, pelo fato de ter desobedecido Nani-Ogro, as respostas foram as seguintes: *“Olha, eu não senti vontade, mas eu acho que ele sentiu, assim porque ele vivia desobedecendo ela, a mãe”* (S17F13/13) Nesse momento, podemos perceber que o ato da dramatização cooperou para que esse sujeito tenha vivido e tenha sentido algo diferente do que sentiria naturalmente. Logo após, percebe-se na fala do sujeito que o rechaço para com a atitude do garoto deve-se ao sentimento de gratidão que o menino deveria ter, segundo S17F13/13, para com Nani-Ogro, que representava uma autoridade na história: *“Ah, porque ela deu abrigo, deu comida, por dois anos, não seria justo, né?”*.

Logo depois, questionou-se o sujeito que interpretou Nani pelo fato de a personagem da história ter sentido vontade de espionar as ações do menino e a resposta de S27F13/13 foi a seguinte: *“Senti, por causa que eu fiquei com medo, né, dele fazer alguma coisa errada, fiquei mesmo espionando ele”, “Raiva, muita raiva”, “Porque eu mandei ele fazer, faça só quando ele tivesse chegando na casa da mãe dele e ele foi lá no meio da estrada e fez”*. O fato de o garoto ter desobedecido as ordens de Nani cooperou para que o sujeito tivesse um sentimento de “raiva” para com o menino. Nesse momento, alguns sujeitos se manifestaram em defesa do garoto e do sentimento de curiosidade: *“Pra saber se era verdade o que a Nani tava falando, que o burro fazia dinheiro”* (S26M12/13), *“Eu queria saber se era verdade”* (S22F12/13), *“Ah, eu queria saber se ia dar certo pra eu não apanhar da minha mãe”* (S3F12/13). Porém, novamente o sentimento de gratidão esteve presente na fala dos sujeitos que condenaram a atitude do garoto: *“Ah, ela colocou ele dentro da casa dela, deu comida, deu tudo. Daí ela ainda tentou ajudar ele e ele pisou na bola”, “Porque pra ele agradecer ela de tudo que ela fez, ele tem que obedecer, mas a curiosidade falou mais alto”* (S23F12) Ao serem indagados do porque existir esse sentimento de gratidão para com Nani, o sujeito que interpretou a personagem na dramatização inferiu: *“Não, de jeito nenhum, nem por curiosidade, a Nani é autoridade, ela sabe o que é bom”*. O respeito pela autoridade

deve-se ao fato de o sujeito acreditar que a mesma é detentora da sabedoria e saber sempre o que é bom. Outros sujeitos concordaram com essa colocação: *“Porque a Nani é autoridade dele, ela sempre vai ter razão”* (S9F12/13). Percebe-se que só pelo fato de alguém ter autoridade perante outras pessoas, esse fato a torna detentora do poder, e qualquer direito que permita a transgressão de uma regra dita pela autoridade é visto como algo errado. Porém, outro sujeito se manifestou e viu no sentimento de confiança um fator que cooperou para o rechaço do ato de Nani tê-lo espionado: *“Não foi justo, ela tava tentando ajudar ele nesses dois anos, ela tinha que acreditar que ela tinha mudado ele”* (S23F12/13) Nesse momento, um dos sujeitos questionou esse sentimento de confiança: *“Professora, que nem, no caso que a Rafaela perguntou dela, acho que não seria certo, que nem, vamos supor, nossa mãe ficar vendo tudo que a gente faz, mas no caso da Nani, ela foi conferir se o caráter do menino tinha mudado, que ela ficou dois anos com ele, então, eu acho que ele assim, eu acho que ela não ia fazer nada de mal se ele desobedecesse ou obedecesse, porque eu acho assim, foi só pra conferir só”* (S15M12/13) O sentimento de confiança, para esse sujeito existe juntamente com a vigia do sujeito, caso contrário, não há confiança. Neste momento, a pesquisadora indagou sobre o fato de ser mais grave ou não o ato do menino, ele sabendo que estava sendo espionado e as respostas foram as seguintes: *“Assim, dona, ele ia estar desobedecendo do mesmo jeito, ela vendo ou não”* (S23F12/13), *“Ah, dona, se ela ta olhando a gente pensa duas vezes antes de agir, vamos supor, minha mãe dá um carro pra mim, eu não vou fazer certa coisa, correr, na frente dela, mas quando eu tiver com meus amigo, eu vou”* (S15M12/13), *“Não, ele ta olhando é mais grave porque parece que ele ta desafiando. É mais falta de respeito”* (S13F13/14), *“Não, mas o ato é o mesmo”*(S26M12/13).

Quanto à atitude do estalajadeiro, de trocar o burro e ficar com o burro que obrava dinheiro, as respostas foram diversas. Quando questionado sobre a justiça do ato do estalajadeiro, o sujeito que o interpretou no dia da dramatização inferiu: *“Eu senti uma desconfiança, né, é meio estranho um burro fazer dinheiro”, “Deu vontade de ver se era verdade, claro, eu queria ver se era verdade”, “Porque eu queria o dinheiro do burro”* (S9F12/13) Inicialmente, o ato do estalajadeiro foi pautado apenas pelo sentimento de curiosidade, porém ao ser indagado, o sujeito esclarece sobre a vontade de ter o dinheiro que o burro fazia: *“Ai, professora, quem não faria, imagina toda vez que você quisesse um dinheiro, você ia lá e falava pro burro”* (S9F12/13) Porém, o sujeito concorda com o fato de não ser justa essa atitude, embora a fizesse mesmo assim: *“Faria, mesmo achando que não era certo porque eu queria ter o burro só pra mim, pra minha família”* (S9F12/13)

Ao serem indagados do por que o menino ter o burro trocado, apareceu, na fala dos sujeitos, ainda, a crença na Justiça Imanente: *“Dona, eu acho que é castigo por ele desobedecer a Nani-Ogro”, “Ah, de Deus, sei lá”, “Ah, porque todo mundo fala, sabe, tem que, se você faz alguma coisa, Deus vai saber, vai castigar e o que você fez pra outra pessoa vai voltar pra você e isso sempre acontece”, “Deus tá vendo tudo, dona”* (S23F12) Porém, houve outro sujeito que julgou o caso por meio da racionalidade e não acreditou na Justiça Imanente como punição para o ato: *“Eu acho que foi consequência dele, não é nada a ver com Deus. Você tem em troca se você é bom ou mau”, “Porque não é Deus, são as pessoas que escolhem se vão fazer uma coisa ruim ou não”, “É, se você fizer uma coisa boa, vai ser retribuído, se for má, vai pagar”, “É como eu disse, você plantou, você colhe”* (S22F12/13). Nesse momento, percebe-se que a justiça é baseada na igualdade das permutas, vista como uma moeda de troca pelos sujeitos. Nesse momento, S23F12/13 ficou em dúvida a respeito de seu julgamento, depois de os outros sujeitos terem apresentado uma outra perspectiva para o julgamento do caso do garoto: *“Ah, não sei mais nada”, “Dona, não sei, mas eu acho que foi porque ele falou”, “Porque é mais lógico”* (S23F12/13) O mesmo aconteceu com S15M12/13, que no início pautou seu julgamento na Justiça Imanente: *“Deus fez o burro sair das mãos dele porque ele desobedeceu e porque ele falou pro estalajadeiro”*. Porém, no final da discussão, tinha dúvidas: *“Ai, PP, assim eu fico confuso, eu saio dessa aula com a cabeça doendo”* Dessa forma, percebe-se a importância de se proporcionar um momento de reflexão moral no ambiente da sala de aula.

Os sujeitos, com a finalidade de se sentirem menos culpados ao se posicionar no lugar do estalajadeiro, apresentaram alternativas, na tentativa de amenizar a gravidade do seu ato de roubo: *“Então, eu acho que é a mesma coisa que o S26M12/13 falou, só que eu podia pegar, colocar o burro pra fazer dinheiro e colocava o dinheiro perto do burro que não faz dinheiro. Aí ele ia levar o burro que não faz dinheiro e um pouco de dinheiro. Pelo menos, ele ficava com dinheiro”, “É, eu ia ficar com a consciência não muito pesada”, “Ia ficar pensando só um pouco, não como se eu tivesse pegado o burro e trocado, né”* (S15M12/13) Porém, nesse momento, outra alternativa para o contexto de julgamento foi dada: *“Oh, ia ser excesso de roubo isso aí. Porque eu ia pegar uma coisa que não ia ser minha de qualquer jeito. Mas eu podia pegar o balde, encher de dinheiro, levar para minha casa, e poderia deixar o burro”, “Não ia ser tão grave porque eu não ia prejudicar ele”* (S6M12/13), *“Ai, tudo é errado, mas a melhor, pensando assim, a melhor pode ser pegar só um pouquinho de dinheiro e devolver o burro, sim”* (S17F13/13) Percebe-se que os sujeitos estabelecem uma escala de valores para com a gravidade do ato do roubo, sem se importarem

com o ato em si, que é o mesmo, em todas as alternativas apresentadas. Nesse momento, um dos sujeitos refletiu a respeito dessa questão e conseguiu colocar-se no lugar das personagens da história, chegando a seguinte conclusão: *“Se a gente se colocar no lugar do estalajadeiro só, só do estalajadeiro, a gente vai achar justo, mas se a gente pensar no lugar do menino, não é legal. Se a gente fosse o estalajadeiro, a gente não ia conhecer o menino. Se a gente conhecer o menino, a gente não pega. Vamos supor, a S17F12/13 é o menino, eu não sei nada da vida dela, eu vou lá e pego dela, agora, no meu caso, que já sei da história é certo dar o burro e pegar o dinheiro”* (S15F12/13)

Ao serem questionados sobre a atitude da mãe, que bateu novamente no garoto, após ver que o burro não obrava dinheiro e, ainda, sujou toda a sua colcha com estrume, o sujeito que interpretou o papel da mãe na dramatização se expressou: *“Eu bateria nele”, “Achei sim, ele jogou a minha comida fora, sujou, me deu muita raiva, eu bateria nele sim”* (S21F12/13) Novamente, a sanção expiatória é defendida como um meio eficaz de punição ao garoto. Porém, um dos sujeitos se manifestou contrário: *“Ah, mas ela bateu nele porque ela não sabia da situação. Você poderia conversar com ele e descobrir qual era a intenção dele com o burro, o que tinha acontecido, escutar ele”* (S23F12/13) E logo depois, S21F12/13 se mostrou contrária à atitude anteriormente defendida: *“Puxa, porque ela já bateu nele uma vez, ele foi embora, ela sentiu falta, ele voltou, e agora ela bate de novo, não é justo. Tinha que ver o que tinha acontecido primeiro”*. Assim, os sujeitos começaram a pautar o seu julgamento pela responsabilidade subjetiva, em que se leva em conta, ao julgar, a intenção do garoto, ao cometer um ato: *“É, o menino tava tentando ajudar”* (S3F12/13), *“Eu ia mandar ele lavar a colcha e vender o burro pra dar o dinheiro pra mãe”* (S15M12/13), *“Bater não leva a nada”* (S26M12/13), *“Você ia ficar revoltada porque você tava tentando fazer a coisa certa”* (S17F13/13).

No momento 3 da fábula, as indagações seguem da mesma forma que no momento 2, só que agora, com a situação do guardanapo roubado. Ao serem indagados do por que o menino teve o guardanapo roubado, o sujeito que dramatizou o menino dessa vez explicou: *“Acho, porque assim, se eu fosse no lugar dele, eu não ia falar “olha, eu tenho um guardanapo”, mas ele mereceu, sim”, “Porque ele falou e ele provou e no que que ele falou e ele provou, os caras podia até deixar numa boa, mas ele guardou o guardanapo no bolso e foi dormir”* (S4F12/13) Outros sujeitos completaram: *“Eu acho que assim, não tem nada a ver com Deus querer porque Deus, ele gosta de todo mundo igual. Deus não ia querer que uma pessoa morresse, por exemplo, chega a pessoa ao extremo e diz “oh, morreu porque Deus quis”, Deus não quer que aconteça coisas de ruim com as pessoas, então não foi pela*

vontade dele. Porque assim cada ato gera uma reação. Então, assim, não tem nada a ver” (S15M12/13)

Desse modo, houve alguns sujeitos que tentaram justificar a atitude do estalajadeiro de roubar o guardanapo: *“Assim, se a gente se colocasse no lugar do estalajadeiro, a gente podia ajudar ele como uma forma de ele aprender, a gente podia pegar, esconder o guardanapo, e ele ia acordar e ia ver “nossa, cadê o meu guardanapo?”, daí, ele vai lembrar que ele contou. Então, ele vai falar “não, vocês não viram, vocês não viram?”, daí vão falar “não”, daí ele vai ficar meio triste, daí, você fala “olha, tá aqui o seu guardanapo, só que você tem que aprender a não se achar””* (S15M12/13), *“É que nem o S15M12/13 falou seria bem mais justo do que roubar o guardanapo, né, tipo se o estalajadeiro tivesse passado necessidade, quisesse pegar comida, era só ele pedir, tipo, ele dava lição e falava assim “oh, agora, eu to devolvendo o guardanapo, só que eu queria te pedir pra você deixar um banquete pra mim porque eu queria ter comida não só para pôr aqui na estalagem, mas pra eu comer mesmo na minha casa e, como você falou, era uma estalagem humilde, provavelmente, ele passava necessidade, daí ele podia pedir também em troca da lição que ele deu e ele devolve o guardanapo”* (S25F12/13) Porém, outros rechaçaram as suposições apresentadas: *“Ai, Leo, mas o guardanapo é dele. Você vai esconder uma coisa que não é sua, só porque ele falou pro guardanapo servir ele? Você não tem nada a ver com isso, o guardanapo é dele”* (S14F13), *“Ai, eu vou querer o meu, não o dos outros”*(S12M13). Ao serem indagados sobre a melhor forma de a mãe punir o garoto por causa do guardanapo, as respostas foram as seguintes: *“Conversava. Assim, ele fez uma coisa errada, só que ele tem que ver que ele fez uma coisa errada, se ela já bateu da outra vez e não adiantou, tem que pensar em outra alternativa, ele tinha que arrumar outra comida pra mim, pra ta tudo bem. Ela podia conversar com ele e falar pra ele arranjar um trabalho para ele pagar a comida que ele jogou fora”* (S25F12/13), *“Ah, porque eu passei o dia inteiro atrás da minha comida e quando chega lá, ele joga toda minha comida fora. Na hora, eu senti vontade de bater, só que depois que passasse isso, eu ia pensar duas vezes, ia chamar ele e ia conversar”* (S23F12/13), *“Assim, do jeito que eu falei, pra conversar com ele, mas assim, na hora que ele chegou, se eu tivesse assim, no lugar da mãe, também sentiria raiva, sabe.”* (S21F12/13). Embora alguns sujeitos tenham se pautado na sanção expiatória como forma de punição, já conseguiam enxergá-la, agora, como um método não-eficaz porque não promovia a reflexão do culpado acerca da infração cometida. Começa-se, dessa forma, pautarem-se na responsabilidade subjetiva para julgar uma ação.

Depois de toda a discussão acerca das desobediências do garoto, o sujeito que interpretou Nani-Ogro, que recebeu o garoto novamente em sua casa, foi indagado acerca do sentimento existido no momento em que viu o garoto chegando novamente: *“Ai, eu vi assim, que ele tava fracassando, né, que tudo que ele fazia não dava certo, fiquei com dó”*, *“Bater, não, acolher ele de novo, porque fiquei com dó dele”*, (S23F12/13) E, ao ser indagado do por que dar uma clava a Toni, o sujeito respondeu: *“Ah, porque assim ele ia aprender com os próprios atos dele. Não eu batendo nele, mas ele ia ver que desobedecendo não leva a nada”* (S23F12/13). Nesse momento, o sujeito, ao atribuir uma punição ao garoto pensa que essa punição deve ter relação com o ato infracionário cometido para que surja efeito. A opinião dos outros sujeitos foi: *“Pra ele aprender que tudo que ela tava dando é tudo bom, tudo certo. Chegou uma hora que pode ser ruim também, né, no caso e daí precisaria apanhar pra ele ver essas coisas que ela falou”* (S21F12/13), *“Ai, apanhando, só que eu, no meu lugar, eu não queria bater. Só que de um lado, assim, a Nani conversou com ele, só que ele não aprendeu da forma conversando, então tinha que ser da forma batendo mesmo”* (S25F12) Novamente, a sanção expiatória foi defendida como um meio eficaz de punição ao garoto.

Logo depois, perguntou-se ao sujeito que interpretou o garoto o porquê de ter desobedecido às ordens de Nani-Ogro pela terceira vez. E as respostas foram: *“Por ansiedade, curiosidade, eu acho que um pouco de desobedecer mesmo”*, *“Não, porque quando a gente tem que confiar se a Nani falou pra ele agir só na casa da mãe dele, é porque tinha que agir na casa da mãe dele. E como a Nani já tinha acolhido ele, a Nani não queria o mal dele”* (S14F13/14) E ao ser indagado sobre a prevalência do que é mais importante, o sentimento de curiosidade ou a obediência às ordens de Nani, o sujeito interpreta da seguinte forma: *“O respeito e a autoridade da Nani.”*, *“Ele deveria desconsiderar a curiosidade, mas não foi isso que deu vontade”* (S14F13/14) Embora o sujeito saiba que deve privilegiar, nesse conflito, o sentimento de respeito à autoridade, opta pelo seu sentimento de curiosidade, por satisfazer as suas necessidades momentâneas. O restante da turma responde: *“A autoridade”*, *“Na primeira vez até que sim, mas depois tem que confiar na Nani porque ele se ferrou”* (S12M13/13), *“Ai, eu acho que foi porque assim, a Nani avisou, falou, desde a primeira e da segunda vez, a Nani tinha falado que era só pra experimentar quando ele tava na casa da mãe dele e ele desobedeceu e assim, apesar dele saber que ele tava fazendo coisa errada, não, ele parou, ele fez de novo, então, eu acho que ele mereceu”* (S25F12/13), *“Eu acho assim, igual ela tava falando, que a gente tem que mostrar o outro lado da coisa, né, ai, quando ele desobedeceu uma vez, a Nani quis mostrar pra ele, dar uma lição nele, por exemplo, se a gente for mexer numa coisa, de ser xereta, a gente pode ver o lado ruim*

daquela coisa também, não pode tão assim. A Nani quis mostrar o outro lado da coisa. Porque você ser xereta pode também levar a uma coisa ruim” (S14F13/14) Levou-se em conta, nesse julgamento, o fato de o garoto ter desobedecido Nani pela terceira vez e isso faz com que a sanção expiatória seja o melhor método de punição por causar sofrimento no garoto.

Ao serem questionados sobre o fato de Nani dar risada do garoto, enquanto o garoto apanhava da clava, as respostas dos sujeitos foram as seguintes: *“Porque eu senti que eu tava me vingando e que agora ele ia aprender com a minha vingança”* (S23F12/13) O sujeito sentiu vontade de vingar-se do garoto, porém o sentimento de vingança foi diferenciado por outro sujeito do sentimento de punição: *“Como ela iria se vingar se ela acolheu ele?”* (S26M12/13), *“Ai, que nem naquele poema que a professora deu lá, “a mão que afaga também apedreja”, ela pode ter agradado ele pra depois se vingar”* (S25F12/13), *“É, mas ela ajudou ele com o guardanapo e com o burro, até parece que ela queria vingança, claro que não”* (S14F13/14), *“Contente ela não tava, mas contente ou descontente não é sentimento de vingança”* (S15M12/13). A discussão, nesse momento, girou em torno do sentimento de Nani para com o garoto. Alguns alunos acreditavam ser absurda a hipótese de Nani ter um sentimento de vingança para com o garoto, tendo em vista que cuidou dele por tanto tempo e tinha muito carinho pelo menino. Outros acharam que há uma grande probabilidade de existir o sentimento de vingança com relação à Nani. Com relação aos sentimentos de Toni para com Nani, as respostas foram as seguintes: *“Ai, eu me senti assim, humilhada, assim, traída”*, *“É, com vergonha também, né, traído por causa que eu confiava naquela pessoa e ela me traiu.”* (S14F13/14)

Logo após essa discussão, os sujeitos foram indagados se o que Nani fez com o garoto foi justo ou não. As respostas foram as seguintes: *“Ah, por um lado foi porque ele conseguiu o burro e o guardanapo de novo”* (S26M12/13) O uso da sanção expiatória foi válido porque fez com que o garoto conseguisse seus bens de volta. Em *“Ele aprendeu, assim, com os próprios erros”*, *“Eu acho também que ele vai aprender, porque se ele daí, daí, ele ia aprender a não ser curioso, porque daí, como já disseram aqui, ele ia pensar, vamos supor, ah, alguma coisa, não pode ter só o lado bom, pode ter o lado mal também”* (S25F12/13), o sujeito no uso da sanção expiatória a solução para que o garoto não desobedecesse mais a sua mãe. Porém, essa desobediência seria advinda do medo de apanhar?

Quanto a vingar-se do estalajadeiro, as respostas foram as seguintes: *“Eu acho que assim, agora sim eu acho que ele queria se vingar porque eu acho que ele pensou, como que ele perdeu o burro e perdeu o guardanapo, o estalajadeiro já tinha trocado, então, acho*

que ele pensou assim “*ah, vou me vingar pro estalajadeiro aprender uma lição também*” (S15M12/13). Porém, nesse momento houve uma discussão acerca dos sentimentos do garoto para com o estalajadeiro, comparado aos sentimentos de Nani para com o garoto. Os dois sentiram vontade de se vingar? Qual a diferença entre o ato de Nani para com o garoto e o ato do garoto para com o estalajadeiro? “*Eu acho que sim, porque, como o estalajadeiro já tinha roubado dele, na Nani, ele não tinha roubado. Então, acho que na hora ele pensou assim...*” (S15M12/13), “*Por causa que assim, o estalajadeiro era só um moço que ele passava pra dormir, a Nani era a mãe dele, ela tinha sentimento por ele*” (S21F12/13) Nesse momento, o sujeito define a vingança como um querer que envolve sentimentos, enquanto a punição é algo mais racional, que tem como objetivo a reflexão do infrator para que este não viole mais uma regra.

Neste momento, o sujeito que interpretou o estalajadeiro no momento da dramatização se manifestou, com relação ao que sentiu quando a clava começou a bate-lo: “*Ah, eu senti que, assim, que nem, eu roubei o burro e o guardanapo, né, eu senti que, vamos supor, dor porque apanhei, e pensei também na coisa errada que eu fiz, porque eu roubei o burro e o guardanapo, né*” (S20M13/14). Embora o sujeito não tenha se sentido confortável com a situação de apanhar, achou justa a punição. Porém, novamente o conflito entre o sentimento de vingança e o sentimento de punição imperou na discussão: “*É, porque você quer punir pra você tentar fazer a pessoa entender, agora, só que quando você quer punir essa pessoa, você vai tá com raiva dessa pessoa, você vai querer que aconteça uma coisa de mal com essa pessoa, você vê acontecendo alguma coisa de mal com ela, você vai ter o prazer de ver aquilo, porque, porque ela fez alguma coisa de mal com você.*” (S25F12/13), “*Porque eu acho que quando eu vou punir uma pessoa, eu vou punir essa pessoa pra ela saber que ela errou, não por prazer*” (S14F13/14), “*Só que assim, eu só to falando do sentimento de vingança, não tem nada a ver com punir pra ensinar, punir pra ensinar já é outra coisa*” (S25F12/13) Novamente, o sentimento de vingança é interpretado como algo que envolve sentimento, enquanto a racionalidade e a vontade de que a pessoa aprenda com os erros impera no sentimento de punição.

O sujeito que interpretou o garoto, ao ser indagado a respeito de seus sentimentos para com o estalajadeiro, esclarece: “*Ah, sentimento de missão cumprida*” (S14F13/14), “*Ai, acho que pra ele... é um sentimento tudo misturado. Mas não sei explicar*” (S14F13/14), “*Como assim? Ah, eu to batendo nele, aí vem um sentimento de eu estar fazendo uma outra coisa ruim*” (S14F13/14). O sujeito não se encontra num estado confortável ao aplicar uma correção no estalajadeiro porque julga que está fazendo o mesmo

sofrer. Nesse caso, o sujeito sente que a dor provocada pela sanção expiatória pode não condizer com o seu sentimento de punição e apenas com o sentimento de vingança. E novamente a discussão foi pautada pelo conflito entre o sentimento de vingança e o de punição: *“Eu acho que assim, como que cada um tem sua opinião, eu acho que, na minha opinião, eu não sentiria só vontade, assim só o prazer por a pessoa tomar por aquilo que ela fez, eu acho que se ela aprendesse a lição que eu desse pra ela que aquilo era errado fazer, eu acho que com outras pessoas ela não ia fazer, então, podia, assim, simplesmente só ensinar ela...”* (S15M12/13), *“Assim, professora, eu acho que o certo não é se vingar, por exemplo, minha vó foi acusada de roubar na casa de uma mulher que ela trabalhava. Aí, a mulher descobriu que era o filho dela que roubou pra comprar droga, minha vó não quis se vingar, porque ela não gostaria que fizessem isso com ela. Daí, hoje, minha vó tem o emprego dela, é super feliz, ganha até mais que nessa casa”*, (S23F12/13) Nesse momento inferiu-se que o sentimento de vingança não vale a pena, pois leva a outros sentimentos ruins. Porém, nesse caso, a o princípio da reciprocidade é visto como uma moeda de troca entre os sujeitos: *“Assim, se uma pessoa faz só coisas boas, só vai acontecer coisas boas com ela”*, *“Ah, já, mas, acho que nem sempre, mas eu acho que a gente pode ir acreditando nisso. O que a gente plantou a gente vai colher”* (S14F13/14)

Logo depois, a discussão gerou em torno da atitude do garoto para com a mãe. Foi justo o garoto bater na própria mãe? O que ele deveria fazer naquele momento? *“Eu acho que não, porque ele podia, assim, ele tava na porta, tinha uma portinhola aberta, dava pra ela ver ele, ele podia muito bem falar assim “olha, mãe, deixa eu provar pra você”, não provar com o burro, porque ele podia ser cobiçado pelas outras pessoas que vissem ele, mas ele podia falar assim, ai, podia mostrar o guardanapo, daí a mãe dele ia acreditar”* (S15M12/13), *“Não é justo bater”* (S23F12/13), *“Não justifica a gente bater na nossa mãe”* (S14F13/14), *“Dona, que nem a gente tava discutindo no grupo, daí o S12M13/14 falou assim que se fosse ele, ele bateria na mãe dele porque ela teria que sentir o que ele sentiu, daí eu falei que se não fosse a mãe, ele não estaria vivo, assim, independente de ele ta certo e a mãe ta errada, nunca se bate na mãe, por isso”* (S23F12/13) Nesse caso, a aplicação da sanção expiatória não foi justa pelo fato de o menino bater em alguém a qual ele possui afetividade, a quem ele deve gratidão, caso contrário, seria uma atitude justa para a maioria dos sujeitos: *“Não é justo eu bater na minha mãe”* (S14F13/14)

4.2.1.3. Fábula 03: discussão moral

Nesta fábula, as situações problemas foram originadas por meio do princípio do respeito ao próximo e sobre a crença na Justiça Imanente como forma de punição. Inicialmente, os sujeitos foram indagados a respeito da primeira cena apresentada no enredo da fábula: o rei rindo da velha que era corcunda, manca e de pescoço torto. Nesse momento, a professora pesquisadora perguntou ao aluno que havia dramatizado o rei o que ele havia sentido naquele momento e as respostas desse sujeito a esse questionamento foram as seguintes: *“Vontade de dar risada”, “Porque é estranho ver uma pessoa assim”, “Porque nasceram ou ficaram assim por algum motivo”* (S1M12/13/13) E nesse momento houve o questionamento acerca do sentimento tido pelo sujeito: *“E é justo eu dar risada de uma pessoa assim?”* E a resposta do sujeito foi: *“Justo não é, mas é engraçado”, “Só teria dado risada, só, sem ser na frente da velhinha”, “Porque ela ia ficar chateada se eu fizesse como o rei, coitada, ela não tem culpa de ser assim”* (S1M12). Embora o sujeito tenha tido vontade de zombar da velhinha, reconhece que, com esse ato, o sofrimento do outro, pois consegue colocar-se na perspectiva da velhinha. Neste momento, houve outras manifestações: *“Eu também ia dar risada”* (S26M12/13), *“Eu teria dó dela, né, você vê uma pessoa deficiente, dá dó dela, vontade de ajudar.”* (S6M12/13), *“Assim, posso até dar risada, mas não vou dar risada por causa que ela tem esse problema, vou dar risada porque é meio estranho você ver”* (S18M13/14), *“Sentiria dó de ver ela naquele estado, me colocaria um minuto no lugar dela, sentiria o que ela sentiu”* (S14F13/13), *“PP, eu não riria, porque assim, uma deficiência da pessoa, quando você vê uma pessoa deficiente, a gente não ri dela, por mais que essa deficiência seja engraçada, porque ninguém gostaria de ta no lugar dela”* (S25F12/13) É notório o compadecimento pela situação da velhinha. Nesse momento, os sujeitos conseguiram colocar-se no lugar do outro e se sentirem mal pelo ato do rei para com a velha.

Ao assumir a perspectiva da velhinha, o sujeito que a interpretou expressou seus sentimentos na hora da dramatização: *“Muito ódio, fiquei P da vida (= muito irritada)”*, *“Porque assim, quando uma pessoa ri de você, você nunca vai gostar. Você vai ficar super bravo, vai se sentir magoado porque ela não queria ser assim, ela tava com uma deficiência”* (S25F12/13) Nesse momento, aparece o sentimento da raiva por parte da velha. Nesse momento, um dos sujeitos levantou a hipótese de que todos na idade em que se encontravam, 12 e 13 anos, zombariam da velha, porém com a cautela de não deixá-la perceber, porque se encontravam numa idade em que atitudes como essa era comum: *“Acho que não, mas a gente, na nossa idade, leva tudo na brincadeira, dona”* (S18M13/14)

Ao serem indagados sobre os motivos que levaram as filhas aparecerem daquele jeito no dia depois que o rei zombou da velha, as respostas se diversificaram: *“Ah, vai saber se a velhinha não fez nenhuma macumba (= feitiço)”* (S25F12/13), *“Assim, é ela jogar uma praga, ela joga algum mal, ela quer o mal, não sei”* (S26M12/13), *“Bom, eu acho que todas as coisas de Deus existe aqui, eu acho que quando o rei foi e deu risada da velhinha, acho que Deus deu um castigo pra ele, usando as filhas dele e não com ele”* (S23F12/13). Nesse trecho de nossa plenária, ficou muito clara a crença na Justiça Imanente por parte de quase todos os sujeitos, porque acreditavam que a justiça vinha de algo divino ou até mesmo que ela seria fruto de magia. Porém, houve quem discordasse dessa posição: *“Eu acho que é porque se você faz o bem, você vai receber o bem, se você faz o mal, você vai receber o mal”* (S27F13/13), *“Pode ter a certeza que essas pessoas que mata, rouba, que um dia elas têm. Igual um colega do meu pai tava contando pra mim, ele falou que o filho dele tava roubando, ele foi roubar uma casa, tomou um tiro e morreu”* (S27F13/13), *“Dona, o mundo é feito de trocas, ou você dá, ou você recebe”* (S18F13/14). Esses sujeitos concebem a cooperação enquanto uma divisão de tarefas, e a reciprocidade nesse caso, é entendida como uma moeda de troca em que se faço algo por você, você o fará por mim.

Um sujeito contestou o fato de serem as filhas a pagar pelo ato do pai. Segundo a maioria dos sujeitos, o pai deveria pagar pelos seus atos de desrespeito para com a velha: *“Ah, dá raiva, né, porque, tipo assim, se foi uma praga da velha, por exemplo, foi o rei que deu risada, não foram as filhas dele, acho que ele que tinha que pagar, não foi justo”* (S2F12/13), *“Não foi justo acontecer com as filhas porque o rei tava zombando da velhinha, então, como foi injusto acontecer com as filhas, deveria ter acontecido com ele, não com elas, ainda por cima, ele tá errado porque ele quer julgar a camareira”* (S6M12/13). Um dos sujeitos levantou a hipótese de que o rei estava sendo punido, mesmo que o ocorrido tenha sido com suas filhas, porque ele sofre vendo as suas meninas naquele estado: *“Ele sofreu vendo as filhas daquele jeito, mas a velhinha também sofreu quando ele caçoou dela”* (S26M12/13), *“Às vezes, era porque eram filhas dele, viu elas crescerem, ele gostava delas”* (S25F12/13)

Neste momento, S1M12/13, que interpretou o rei no momento da dramatização expressou seus sentimentos, naquele momento, quando viu suas filhas manca, de pescoço torto e corcunda: *“Raiva e remorso. Raiva de acontecer isso com as minhas filhas e remorso por ter caçoado da velha e ter acontecido com as minhas filhas”*. Nesse momento, a discussão pautou-se no “olhar o estranho” e “olhar quem possuímos afeto” e as respostas foram as seguintes: *“É mais fácil a gente magoar um estranho do que um familiar, porque*

assim, a gente não tem laço com a pessoa então se a gente vai magoar ela, assim, pode ser que a gente nem volte a ver mais ela” (S25F12/13) Todos concordaram com a suposição de S25F12/13.

Numa das suposições, um sujeito levantou a hipótese de ser o “destino” das filhas ficarem daquele jeito: *“Eu acho que foi o destino que deixou elas assim, mas eu não sei como ocorreu, por causa que foi uma coisa que o rei falou que teve que voltar pra filha dele, não pra ele ver e entender que não era pra ter feito*” (S21F12/13) Nesse momento, uma questão se fez presente: quem determina o destino? E as respostas de um dos sujeitos foi a seguinte: *“Eu acho que nós mesmos, a gente tem livre arbítrio, então cada ato, se eu faço uma coisa, outra pessoa pode fazer outra coisa, depende da escolha*” (S25F12/13) Embora tenhamos um assunto que pudesse ser alvo de um julgamento pautado na Justiça Imanente, o sujeito interpretou a questão de forma racional.

Nesse momento, o sujeito que interpretou a camareira (velha) foi questionado acerca do sentimento de punição e de vingança para com o rei: *“Não das filhas dele. Eu senti vontade de me vingar dele, só que daí, como ele gosta das filhas, só que assim, eu como pessoa, faria ele ficar manco, corcunda e de pescoço torto e ainda faria mais uma coisa pra ele*” (S25F12/13) E a forma de punição apresentada para o rei foi a seguinte: *“Merece passar fome, ficar pobre*” (S25F12/13) O sujeito viu a necessidade de uma punição, porém de uma punição expiatória que causasse dor e sofrimento ao rei. Enquanto isso, o sujeito que interpretou o rei, decide por vingar-se da velha: *“Ah, sei lá, mandar ela trabalhar pra mim pra sempre*” (S1M12/13) E os outros: *“Eu não teria vontade de fazer nada com a camareira, eu dei risada dela*” (S3F12/13), *“Eu ia bater nela até desentortar (risos)”* (S8M12/13), *“Eu teria vontade de mandar ela embora”*(S9F12), *“Se ela já não fosse manca, corcunda e de pescoço torto, eu ia deixar ela daquele jeito. Eu faria a mesma coisa que ela fez com as filhas*” (S8F12/13) Porém, as serem apresentadas um tipo de sanção expiatória e dois tipo de sanção por reciprocidade aos sujeitos, para que julgassem qual seria a melhor, a maioria dos sujeitos optaram pela sanção por reciprocidade por acreditarem que a mesma possa provocar a reflexão do culpado: *“Eu acho que ajudar as pessoas. Eu acho que não é a mais justa, mas eu acho que seria a menos cruel porque espancar ela, deixar ela presa já é demais*” (S25F12/13), *“Eu também acho que devia colocar ela pra ajudar as pessoas com problemas. Ah, ela ia fazer uma coisa que ia ajudar a sociedade que ela ia ficar mais alegre, sei lá, de ver as pessoas se recuperando*” (S27F13/13), *“Também, só que como ela, velha corcunda, vai ajudar as outras pessoas. Pode até ajudar, mas não muito*” (S1M12/13), *“Nenhuma das opções pra mim, porque foi culpa do rei, ninguém mandou ele dar risada*” (S15M12/13)

Nesse momento, os sujeitos sentiram necessidade de dar uma punição ao rei, o que demonstra uma crença na Justiça Retributiva: *“Se a gente fosse pensar em punição, então o rei também merecia uma punição”* (S26M12/13) E dentre as opções sugeridas, a que mais chama atenção foi: *“Mas o rei já não foi punido com a filha daquele jeito”* (S14F13/14). Percebeu-se, durante o trabalho com essa fábula que os sujeitos conseguiram coordenar dois pontos de vista totalmente diferentes diante de um problema moral, o que os possibilitou de colocar-se no lugar das personagens, procurando ater-se aos seus sentimentos no momento do ocorrido. De fato, essa foi é uma atividade que proporciona a troca de pontos de vista, ocasionando a tomada de consciência dos sujeitos.

4.2.1.4 Fábula 04: discussão moral

Nesta fábula, vários conflitos estão envolvidos: o cumprimento da regra ao pé da letra, o respeito pelo patrimônio público, a apropriação do que não é seu (roubo da panela de moedas), o fato de a mãe ter pedido ao garoto para que ele não contasse a ninguém sobre a panela de moedas. Num primeiro momento, a professora pesquisadora questionou o alunos para o fato do cumprimento da regra ao pé da letra e incitou a discussão a fim de saber se algum deles entenderam como Yufá a ordem da mãe e perguntamos se ele havia agido certo ao vender o tecido à estátua. Obtivemos as seguintes respostas: *“Eu acho que ele agiu errado porque a estátua não fala, não tem movimento, como ela ia pagar ele e as pessoas, as outras pessoas podiam dar o dinheiro pra ele”* (S26M12/13), *“É, num momento, ele obedeceu a mãe dele, mas ele devia ter vendido pra uma pessoa e ter pegado o dinheiro já, acho que ele agiu errado ao não vender às pessoas”* (S15M12/13), *“Ele agiu errado porque, por causa que as pessoas, ela fala assim “ ai, eu vou comprar, não, você fala demais” a mulher vai comprar, a mãe dele falou “vende por 10 reais”, a mulher ia comprar por 10 reais, só que ele “ah, você fala demais”* (S19M12/13). Embora tivessem entendido os motivos que levaram Yufá a vender o tecido para a estátua, nenhum dos sujeitos compreenderia a ordem da mãe da mesma forma que o menino, interpretando-a ao pé da letra.

Depois desse momento, a discussão girou em torno do respeito ao patrimônio público quando a professora-pesquisadora perguntou aos sujeitos se Yufá agiu certo ou errado ao dar uma enxadada na estátua. As respostas foram as seguintes: *“A estátua é um patrimônio, não pode ser destruído, pixado”*, (S25F12/13), *“Mesmo assim, não é dele, ele tem que respeitar”* (S14F13/14), *“Isso é vandalismo!”* (S26M12/13), *“Eu não, mas eu acho que foi certo por causa que ele vendeu o tecido e tinha que ter o dinheiro de volta, já que ele era burro, era um jeito de pegar o dinheiro de volta”* (S21F12/13) Apenas um dos sujeitos que se

manifestou nesse momento acatou o que o menino fez para pegar o dinheiro de volta. Porém, nesse momento, houve quem discordasse: *“Mas se ela fosse uma pessoa de verdade, ele podia ter matado uma pessoa de verdade, ele achava que era”* (S15M12/13) Este sujeito atentou para o fato de o garoto não ter percebido que havia vendido o tecido a uma estátua e que o seu gesto poderia matar uma pessoa. Neste momento, a professora pesquisadora questionou sobre qual a melhor forma de se resolver esse conflito, caso, realmente, a estátua fosse alguém de verdade. Diversas foram as soluções apresentadas: *“Matar, matar, não, mas dar uns tapas na cara, eu daria, viu.”* (S15M12/13), *“Ah, eh, se o homem já é maior, dá um pau em você e boa (= bate em você e tudo fica por isso mesmo)”* (S26M12/13), *“Mas na primeira reação todo mundo ia querer bater, não ia chamar a polícia”* (S21F12/13), *“Mas tem processo pra alguém que fala que não vai pagar”* (S1M12/13). Percebe-se que, mesmo que por impulso, todos procurariam resolver esse conflito por meio da sanção expiatória, visando causar sofrimento ao infrator. Apenas um dos sujeitos sugeriu que esse problema fosse resolvido por meios legais. Ao perguntar ao sujeito o que ele sentiu quando a “estátua” não quis lhe dar o dinheiro, obtivemos as respostas: *“Ah, de dar uma sova nela”, “Ah, porque ela roubou, não quer pagar!”* (S15M12/13) Porém, ao ser indagado se esse era um meio justo de punição o sujeito infere que *“Não, porque não é certo bater nos outros”*. Com a intenção de aumentar o leque de julgamento dos sujeitos, fazendo com que os mesmos transpusessem as emoções vividas na fábula para as da vida real, a professora incita o fato de não ser um tecido, mas sim o dinheiro conseguido por meio da venda de uma casa que a estátua devia: *“Agora, vamos imaginar que não é um tecido, vamos imaginar que a gente trabalhou a vida inteira para construir uma casa para morar. A gente vende a casa e a pessoa que a comprou não nos paga”* e as respostas do sujeito com relação à reação que deveríamos ter foram as seguintes: *“A Larissa falou lá atrás que mesmo batendo não ia devolver o dinheiro, na outra fábula, o cara bateu nele e ele devolveu tudo as coisas, porque a pessoa se apanha, não ia devolver o dinheiro”* (S25F12/13), *“Eu bateria por causa que, oh, fez sacrifício, demorei pra construir, eu queria vender porque eu precisava do dinheiro na hora, por isso que eu vendi”* (S21M12/13), *“Eu partiria pra briga, não, não a ponto de morrer, deixe ele na sarjeta”* (S15M12/13), *“Ele ta devendo, não quer pagar, você vai lá, bate nele e fala, se você não pagar sei lá, até a semana que vem, eu vou bater em você de novo. Aí, ele vai ter que pagar”* (S1M12/13). Percebe-se, novamente, que a sanção expiatória é a escolhida por causar o sofrimento em quem praticou a ação, mas nesse momento, os sujeitos não conseguiram visualizar que “bater” (sanção expiatória) de nada adiantaria a recuperar o tecido.

Logo depois deste momento, a professora-pesquisadora indagou sobre o fato de o menino ter achado uma panela de ouro e se ele tinha o direito de ficar com essa panela. As respostas foram as seguintes: *“Ah, eu acho que tem porque ele precisava do dinheiro da venda, ele precisava daquele dinheiro pra dar pra mãe dele, daí ele vai lá, ele soca a estátua e consegue o dinheiro”* (S25F12/13), *“Eu também pegaria”* (S21F12/13), *“Eu achei o dinheiro, eu não vou pegar?”* (S15M12/13), *“Pegaria porque, vamos supor, eu acho 100 reais no chão, eu vou pegar pra mim, agora, vamos supor, eu não pegaria, vamos supor, tem uma carteira com 100 reais, eu não pegaria se eu sei de quem é o dinheiro”* (S26M12/13) Neste momento, a pesquisadora alertou aos participantes de que o dinheiro se encontrava dentro da estátua e que por esse motivo esse dinheiro pertencia ao domínio público. As inferências a esse respeito foram as seguintes: *“Oh, PP, mas daquele jeito, ele precisava do dinheiro, se ele entregasse, ele não ia ter dinheiro nenhum”* (S25F12/13), *“Devolveria uma parte”* (S15M12/13). Neste momento, um dos sujeitos atentou para o fato de ter alguém os vendo pegar a panela ou não. Percebe-se, na fala do sujeito a preocupação com o olhar do outro perante si mesmo: *“Viu, mas eu achei, quem ia provar que fui eu que peguei a outra parte”* (S15M12/13), *“Claro, podem me dedar”* (S15M12/13) A preocupação, aqui, reside no fato de a infração de uma lei gerar uma punição. Portanto, deixa-se de violar uma lei apenas por medo da punição que este ato pode lhe causar e não porque é um ato infracionário. Neste momento, devido à incitação da professora, um dos sujeitos chegou à conclusão de que esse ato de roubo poderia lesionar a nós mesmos que pagamos impostos, contribuindo para a riqueza dos cofres públicos: *“É de imposto”* (S26M12/13) Neste momento, o bem se torna algo relativo na fala de um dos sujeitos e a reciprocidade é entendida como moeda de troca: *“Tem outra coisa, né, dona, é melhor fazer o bem do que fazer o mal, porque se você fizer o mal, vão fazer o mal pra você também”* (S15M12/13) Um dos sujeitos, nesse momento, atentou para o fato de os políticos roubarem tanto da população em geral, e justificou, assim, a não-devolução do dinheiro aos cofres públicos: *“Ah, fala, devo pra prefeitura, mas como a S25F12/13 disse, eles roubaram o dinheiro de todo mundo”* (S24M12/13) Porém, um dos sujeitos foi além no seu raciocínio e percebeu que o ato do roubo é o mesmo, independente de quem rouba e de quem é roubado, o roubo não deixa de ser um ato ilegal: *“Não, não pegaria, eu to roubando uma coisa que não é só minha, é de todo mundo”, “Elas podem ajudar a melhorar a cidade se devolver, além disso, você pode exigir, saber o que foi feito com o dinheiro. Meu pai disse que tem um site que dá pra ver tudo isso, passou até na televisão. E isso é um benefício pra mim”,* (S14F13/14)

Neste momento, surgiu um impasse durante a discussão: o fato de ser muito dinheiro que o garoto havia pegado. Alguns sujeitos disseram que é importante analisarmos o caso de acordo com a quantidade de dinheiro: “*Gente, nós não estamos falando de uma nota, mas sim de uma quantidade grande de dinheiro*” (S23F12/13), “*Então, a quantidade grande, a gente até devolveria porque é muito*” (S8M12/13). A gravidade do ato do roubo mede-se de acordo com a quantidade que se rouba e se isso acarretará muito prejuízo a quem é roubado.

Ao assumirem a perspectiva de um juiz que julgaria o caso de Yufá e o de sua mãe, foram apresentadas três tipos de punição aos mesmos. Para Yufá, foram sugeridas as seguintes punições: condená-lo a um ano de prisão, a ser cumprido em cárcere privado; condená-lo a um ano de prisão, a ser cumprido em cárcere aberto, sob a forma de trabalho voluntário na restauração de monumentos históricos; conversar, simplesmente, com Yufá, explicando-lhe as razões do porquê não é permitido destruir um patrimônio público. As respostas dos sujeitos foram: “*a c, porque o muleque era burro e não sabia a diferença de um homem e uma estátua*” (S1M12/13), “*Eu acho que a alternativa b é melhor porque imagine uma pessoa quebrar estátua, pegar o dinheiro e depois não querer pagar*” (S4F12/13 “*eu conversaria com Yufá porque a conversa nesse caso prevalece a tudo*” (S14F13/14). Embora alguns sujeitos tenham optado pela sanção expiatória, a maioria deles sugeriram sanções por reciprocidade por julgarem o garoto desinformado e ingênuo e por acreditarem que uma boa conversa, nesse caso, traria mais benefícios morais a Yufá do que qualquer outro tipo de punição.

Quanto à sua mãe, os sujeitos também assumiram a perspectiva de um juiz para julgá-la e também lhes foram apresentadas três punições: condená-la a dois anos de prisão, em cárcere privado; conversar com a mãe, explicando que esta não é a forma correta de educar Yufá; autorizar o poder público a apropriar-se do dinheiro encontrado dentro da estátua e utilizá-lo em benefício da comunidade; reconstruir a estátua que seu filho quebrou. Dentre as alternativas apresentadas, os sujeitos sugeriram: “*reconstruir a estátua que seu filho quebrou, porque assim ela vai sentir o mal que o filho fez e vai querer educar o Yufá e não ensinar coisa que é errada*” (S12M13/13), “*a letra c seria justa, pois as moedas não eram dela. E a letra d seria a mais adequada, pois ela poderia estar chamando seu filho para ajudá-la a reconstruí-la*” (S25F12/13), “*na minha opinião, eu autorizaria o poder público a apropriar-se do dinheiro. Eu acharia mais justo ajudar em benefício da comunidade. E isso é justo porque a mãe também errou*” (S14F13/14). Um dado chama a atenção nesse momento: nenhum dos sujeitos pautou a sua sentença na sanção expiatória, porque acreditaram que deva

haver uma relação lógica entre o ato infracionário e a punição, delimitando sanções por reciprocidade à mãe de Yufá.

4.3 O Pós-teste: Classe Experimental e Classe de Controle

4.3.1 Classe Experimental: análise dos depoimentos

Identificação do sujeito: S1M12/13

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio porque com esse ato ele pode “salvar uma vida” e se essa vida é de sua mulher, mesmo que não a ame mais, o ato deve ser feito, porém, o protagonista não deve se sacrificar por uma pessoa que ele não conhece e ele não sabe se é uma pessoa boa ou não. O ato do roubo é errado, porém, há o agravante de que “o governo não supre as necessidades do ser humano”, o que faz as pessoas cometerem atos ilícitos para salvar a vida de uma pessoa. O policial não deve denunciar Heinz por furto, porque não tem certeza de que foi o seu amigo quem roubou o medicamento, o que ajuda a não-denúncia. Um juiz que julga o caso deve libertar Heinz porque a sua intenção ao roubar foi salvar a vida de uma pessoa. No entanto, há pessoas que merecem ser punidas porque não “pensam” em seus atos. O juiz deve libertar Heinz porque sua intenção foi boa e, além disso, ele precisa ajudar a mulher nesse momento tão difícil.

Dilema 2

Não é justo Louise delatar Judy pelo fato de a irmã tê-la confiado um segredo. Louise não deve se importar com o que a mãe pode pensar se ela não contar, porque a mãe não vai enxergá-la como uma filha melhor só por isso. A irmã mais nova tem o direito de ir ao show pelo fato de a mãe ter deixado, inicialmente, a filha ir ao show e depois ter voltado atrás com a sua concessão. Uma promessa não precisa ser cumprida a uma pessoa que não veremos novamente. Até os 18 anos, a filha deve confiar na mãe. Joe não deve negar o dinheiro ao pai pelo fato de o pai, até agora, ter suprido todas as suas necessidades financeiras, embora o garoto tenha ganhado o dinheiro com o seu próprio trabalho e queira muito ir ao acampamento. Não se deve prometer algo a alguém que não verá mais. O pai deve sempre amar o filho.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à sua paciente porque ela tá pedindo e morrendo aos poucos. O marido da mulher deve opinar na sua decisão e não deve ser conivente como seu desejo de morrer porque ele a ama. Embora a eutanásia seja ilegal, o ato não é imoral pelo fato de ajudar a livrar alguém da dor e as leis devem ser violadas se for para salvar a vida de uma pessoa ou tira-la da dor. Ao assumir a perspectiva de alguém que julga o caso do médico, o sujeito deixa o médico livre porque ele apenas acatou o pedido da mulher. As pessoas que violam leis devem ser julgadas “de acordo com a proporção do roubo”. Roubar uma bala no supermercado é diferente de roubar um banco, pois no caso do banco, o prejuízo é muito maior.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S1M12/13

Inicialmente, o sujeito procura seguir as regras apenas por satisfazer os seus próprios interesses em um mundo onde se deve reconhecer que outros também tem interesses. Para o sujeito, o bem é relativo. Mas também é importante viver de acordo como que as pessoas que o cercam esperam de um bom filho, por exemplo. O sujeito demonstra gratidão perante a autoridade e acredita no desejo de se manter as regras que essa autoridade apóia. Nas respostas do sujeito, o julgamento dá-se pela proporção da consequência de um ato. Por tais constatações, infere-se que esse sujeito encontra-se no estágio 3 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S2F12/13

Este sujeito não teve seus depoimentos analisados, porque não esteve presente nos dias da aplicação do pós-teste.

Identificação do sujeito: S3F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio para salvar a vida de sua esposa, mas só se ele amá-la porque, caso contrário, não vale a “pena correr o risco de ser preso”. Ao ajudar o outro, Heinz deve conseguir o dinheiro, porém sem infringir a lei e é importante ajudar as pessoas, desde que “você não acabe se dando mal”. Atos como os de Heinz são ilegais, porém não são imorais porque salvam vidas e, nesse caso, “a lei deve ser esquecida”, porque, caso contrário, uma pessoa morre. O policial não deve denunciar Heinz porque ele sabe do problema de “amigo” e porque são muito amigos. O juiz deveria liberar Heinz ao tomar conhecimento da sua intenção ao roubar, pois

foi “roubando que ele salvou a vida de uma pessoa” e o caso de Heinz é diferente do caso de pessoas que roubam para “ficarem ricas”.

Dilema 2

Mentir para a mãe é uma coisa muito feia, portanto, Louise deve delatar a irmã e ser uma boa filha, mesmo que a mãe não tenha cumprido com sua promessa de deixar a irmã ir ao show caso ganhasse o dinheiro trabalhando. Numa relação entre mãe e filha é importante não falar mentira e confiar uma na outra porque o filho sempre deve satisfação dos seus atos à mãe pelo fato de a mãe tê-la “colocado no mundo”. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque tem direito de usufruir desse dinheiro, pelo fato de ele mesmo ter conseguido o dinheiro trabalhando, embora o pai o tenha criado até agora. Ser bom filho é ser trabalhador e educado, mesmo que Joe tenha o direito de gastar esse dinheiro como lhe apraz, “quem manda é o pai”, que tem que cumprir com sua promessa. Na relação do pai com o filho deve haver confiança, honestidade e amor.

Dilema 3

A vida da mulher deve estar insuportável, porém o médico deve lembrar que a prática da eutanásia é crime. O marido da mulher não deve participar da sua decisão, deve ficar quieto e deixar que ela tome a decisão. Um animal com muita dor também deve ser sacrificado. Em geral, deve-se fazer de tudo para obedecer às leis para não “acabar preso”, porém, há casos em que a lei é injusta. O médico deve ser deixado livre porque aplicou a droga a pedidos da mulher, embora as pessoas que infringem as leis devam ser punidas para “a sociedade não ficar pior do que já está”. E, no julgamento, deve-se levar em conta a intenção do médico que foi livrar a paciente da dor.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S3F12/13

O sujeito apresenta consciência de seus sentimentos compartilhados, acordos e expectativas e os vê em situação de prioridade sobre os interesses individuais, porém, esse igualitarismo é ingênuo e há a orientação para a troca e reciprocidade. Ser bom é importante e significa ter bons motivos e mostrar interesse e gratidão pelos demais, e obediência à autoridade. O sujeito relaciona pontos de vista diferentes, pondo-se no lugar dos outros. Entretanto, não considera a perspectiva de um sistema generalizado. Por tais fatos, este sujeito encontra-se num período de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S4F12/13

Dilema 1

Não é justo furtar o remédio. Heinz poderia tentar pedir mais uma vez, porém não deve deixar a esposa morrer, mesmo que não a ame e mesmo que seja um estranho porque é “importante ter coragem para se sacrificar pelas pessoas”. Se Heinz deixara mulher morrer, ele vai ficar com a consciência pesada, por isso, deve furtar o remédio, embora seja errado. O policial, amigo de Heinz, não deve denunciá-lo em nome da amizade dos dois e ao assumir a perspectiva de um juiz, o sujeito decide que a sentença deve ser suspensa porque o acusado roubou para ajudar uma pessoa e ele fez o que é certo: “ajudou a salvar a vida de um ser humano”.

Dilema 2

Louise deve guardar o segredo de Judy porque a irmã pode não falar mais com ela, caso saiba de sua delação, e acredita ser importante para a não-delação o fato de Judy ter ganhado o seu próprio dinheiro para ir ao show. O sujeito não faria uma promessa para uma pessoa que ele não fosse mais ver. É importante não falar mentira numa relação entre mãe e filha. Na opinião do sujeito, a mãe deveria ficar mais atenta para saber se a filha iria sair escondido ou não. Joe deve negar o dinheiro para o pai porque conseguiu esse dinheiro trabalhando. Outro agravante que denote o direito de Joe ir ao acampamento é o fato de o pai não ter cumprido com a sua promessa para com o filho. Na relação pai e filho é necessária confiança e cumprir com o que se fala.

Dilema 3

O médico não deve dar a droga à mulher porque é crime e o marido tem todo o direito de não deixá-la morrer, porém, deve “fechar o bico” porque a vida é da mulher e ela deve saber o que fazer. O ato do médico, além de ser ilegal, é também imoral porque ele não está salvando uma vida. Nesse caso, o médico deve ser denunciado pelo seu companheiro de trabalho, porém, ao ser julgado, o médico deve permanecer livre porque ele fez apenas o que a mulher lhe pediu. É diferente de matar “quem não pediu para morrer”.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S4F12/13

O sujeito encontra-se em conformidade com as normas sociais e acredita que manter a ordem é importante. Portanto, há a pressão do social no indivíduo. Há, nas respostas do sujeito, grande respeito pela autoridade e por regras fixas para a manutenção da ordem social. Portanto, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S5F12/13

O sujeito não participou da aplicação do pós-teste

Identificação do sujeito: S6M12/13*Dilema 1*

Se a única solução para salvar a vida da mulher é roubar o remédio, Heinz o deve fazer, mesmo amando ou não a sua mulher. No caso de um estranho, ele não deve se sacrificar porque “caso a polícia soubesse” Heinz iria ser punido. É importante ajudar as pessoas porque se um dia precisarmos, seremos ajudados. O ato de Heinz é ilegal, porém é moralmente certo e é importante obedecer a lei para se evitar a prática da criminalidade. O policial não deve prender Heinz por saber de todos os problemas que seu amigo vem enfrentando. O juiz deve libertá-lo porque ele roubou com a intenção de salvar uma vida, porém deveria ser preso se tivesse agido sem consciência.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã à mãe porque “não é certo ficar escondendo nada”. Com esse ato, Louise deve não só se preocupar em ser uma boa filha, mas também com o ato da irmã. O fato de a mãe ter prometido e não cumprido coopera para que Judy tenha o direito de ir ao show e não é bom fazer um “trato” com uma pessoa desconhecida. A autoridade da mãe deve ser conquistada pelas atitudes da mesma e da filha. Joe deve negar o dinheiro porque trabalhou muito para consegui-lo e o pai não. Porém, o pai vai se sentir “surpreso” ao saber da bondade do filho. Uma promessa deve ser cumprida, porém não é importante cumprir uma promessa a alguém que não se conhece.

Dilema 3

É certo o médico dar a droga à mulher para ela não sofrer mais. O marido deve tentar ajudar a sua esposa, ficando a par da situação e pagando o melhor tratamento num “hospital particular” para ela. Porém, a decisão de morrer ou não deve ser da mulher que não quer ficar sofrendo muito. O ato do médico é ilegal, mas deve cometê-lo porque ajuda a mulher a livrar-se da dor. É importante obedecer às leis para não sermos punidos. O melhor a se fazer, durante o julgamento do médico, é deixá-lo livre porque ele não tem culpa, tendo em vista que foi a mulher quem pediu. As pessoas que infringem as leis devem ser punidas se essa violação acarretar algo muito grave.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S6M12/13

Para esse sujeito, a ação moral encontra-se com a base nas normas sociais e o correto é o que está de acordo com a ordem social, que exerce pressão sobre o indivíduo. O sujeito acredita, também, na equidade das permutas, em que se faço algo por alguém, esta pessoa deverá fazê-lo para mim. É importante a imagem perante as pessoas as quais ele possui afetividade. Por tais inferências, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4.

Identificação do sujeito: S7M12/13

O sujeito não esteve presente nos dias de aplicação do pós-teste.

Identificação do sujeito: S8M12/13*Dilema 1*

Heinz deve roubar o remédio porque sua esposa necessitava do medicamento e porque ele estava salvando uma vida que, no futuro, poderia retribuí-lo com o mesmo gesto. Porém, Heinz não deve roubar o remédio para um doente qualquer e sim ajuda-lo de outra maneira. Roubar é errado, mas deve-se levar em consideração o fato de roubar para ajudar a salvar a vida de uma pessoa necessitada, porém é necessário obedecer às leis para não sermos punidos. O policial não deve denunciar Heinz porque ele sabe que ele tentou conseguir o remédio de todas as formas legais. Embora Heinz tenha agido mal, com a intenção de salvar uma vida, ele deve receber uma sentença para refletir sobre o que ele fez, trabalhando como farmacêutico, por exemplo.

Dilema 2

A irmã deve calar-se porque Judy se esforçou para ganhar o dinheiro. Nem tudo que se delata traz um bem, torna o sujeito “parabenizado”. O fato de a mãe ter prometido e não ter cumprido para que Judy tenha o direito de ir ao show. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele economizou para ter um dia de lazer e o pai deveria ter feito o mesmo. O pai, ao prometer que deixaria o filho ir ao acampamento, deveria lembrar-se de que “promessa é dívida” e tem que ser paga. É necessário que haja respeito e amor na relação dos dois para que não haja brigas.

Dilema 3

Dr. Jefferson não deve aplicar a eutanásia na sua paciente porque poderiam vê-lo como culpado pela morte de sua paciente, tendo em vista que essa prática é crime. Ao agir, deve-se ter inteligência para não se prejudicar. A mulher tem o direito de querer a eutanásia porque a vida é dela. É ilegal essa prática do médico, e também é

imoral porque ele não está ajudando a salva-la. É necessário cumprir as leis por medo da punição, porém o médico deve ser libertado, pois aplicou a droga a pedido da mulher.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S8M12/13

A base da moralidade para o sujeito é a conformidade com as normas sociais e, por isso, manter a ordem é muito importante. o indivíduo leva em conta não só perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. A moralidade sobrepassa os laços pessoais se relaciona com as leis que devem ser obedecidas para se manter a ordem social. Por tais fatos, o sujeito encontra-se no estágio 4 do desenvolvimento da moralidade, segundo a teoria Kohlberguiana.

Identificação do sujeito: S9F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio porque a mulher dele precisa, mesmo que não a ame, porém não deve fazê-lo a um estranho. Deve-se procurar fazer de tudo para salvar a vida de uma pessoa, porém, com algumas restrições quando esta pessoa for um estranho. Roubar não está de acordo com a lei e isso torna o ato moralmente errado, porque a lei é feita para ser obedecida. O policial não deve denunciar Heinz porque ele sabe dos seus problemas e o juiz não deve dar nenhuma sentença a Heinz, pois deve levar em consideração a sua intenção, que foi salvar a vida da mulher, embora quem rouba por quaisquer outra intenção deva ser punido.

Dilema 2

Louise não deve contar porque a sua irmã confiou-lhe um segredo e se ela contar será uma boa filha, mas também será uma péssima irmã. A irmã mais nova tem o direito de ir ao show porque pediu à mãe e a mãe deixou, e, além de tudo, conquistou o seu próprio dinheiro com o trabalho para o seu divertimento. Uma promessa sempre deve ser cumprido, por isso, a filha deve obedecer a mãe e a mãe deve procurar cumprir com o que promete à filha. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele economizou para ir ao acampamento e ele não precisa do dinheiro do pai. O pai deve cumprir a promessa que fez ao filho e todas as outras, porque se a promessa é feita, deve ser cumprida. O pai deve dar limites ao filho, e o filho deve respeito ao pai em gratidão a tudo o que o pai lhe fez.

Dilema 3

É certo dar a droga à mulher para acabar com sua dor e é ela quem deve decidir o que fazer de sua vida, pois é ela quem está sentindo dor, enquanto que seu marido deve apoiá-la para que ela se sinta segura neste momento. Um animal que sofre muito também deve ser sacrificado para não sofrer mais. O ato do médico é ilegal, mas não é moralmente errado, pois é a vontade da própria “vítima”. Há casos em que não devemos obedecer às leis. O médico não deve denunciar o colega de trabalho porque ele viu que não foi o médico quem quis matá-la. Portanto, deve ficar livre, pois é inocente. Quem infringe uma lei deve ser punido, mas não no caso do médico.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S9F12/13

A ação moral, muitas vezes, encontra-se no comportamento correto, no que está de acordo com a ordem social. A conduta correta consiste em realizar o próprio dever, mostrando respeito pela autoridade e pela ordem social estabelecida para o bem de todos. Há uma necessidade grande em ser uma boa pessoa aos próprios olhos e aos olhos dos demais, que representam autoridade. Portanto, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S10F11/12

O sujeito não compareceu nos dias da aplicação do pós-teste

Identificação do sujeito: S11F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio desde que pague o farmacêutico depois. É importante ajudar o próximo, independente de quem seja e se tem afeto ou não por esta pessoa. Roubar é um ato errado, mas é necessário salvar a vida de uma pessoa e, nesse caso, pode-se infringir uma lei, por isso, Heinz não deve ser denunciado pelo seu amigo policial, tendo em vista que ele está violando uma lei para salvar uma vida. O juiz deve suspender a sentença a Heinz porque, levando em consideração a intenção do mesmo ao praticar o ato ilegal e este deve ser julgado de uma forma diferente da dos ladrões que roubam com outras intenções que não são ajudar o próximo.

Dilema 2

Em consideração à confiança que a irmã mais nova depositou em Louise, esta não deve delatar a irmã à mãe e também deve levar em consideração, para isso, o fato de a irmã ter conseguido guardar o dinheiro depois que a mãe lhe prometera deixar ir ao show, porque quem promete tem que cumprir para adquirir a confiança dos

outros. Joe não deve negar o dinheiro ao pai, que sempre cuidou dele e pagou tudo para ele, embora o pai devesse se colocar no lugar do filho e ver como é importante cumprir com o que se diz. Para isso, é necessário que tanto o pai quanto o filho compreendam o jeito de ser de cada um.

Dilema 3

O médico não deve dar a morfina à paciente, porém ela tem o direito de decidir o que fazer de sua vida e seu marido deve apoiá-la na sua decisão. O médico não deve ser denunciado porque ele deu a droga a pedido da mulher e, por isso, um juiz deve deixar Dr. Jefferson livre, embora tenha infringido a lei.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S11F12/13

Há a orientação para uma conduta estereotipada, as boas intenções são importantes para os julgamentos do sujeito e há a busca pela aprovação dos demais. Procura-se ser uma boa pessoa, leal, colaboradora e agradável e é bom manter relações de confiança, lealdade, respeito e gratidão com todas as pessoas que o cercam. Devido a essas constatações, este sujeito encontra-se no estágio 3 da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S12M13/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio, mas também deve pagá-lo depois, porque ele não pode deixar a esposa morrer. Você deve ajudar as pessoas porque um dia você pode precisar da ajuda de uma delas. O policial amigo de Heinz não deve denunciá-lo em nome de sua amizade e um juiz que assume o julgamento do caso deve suspender a sentença porque Heinz agiu errado para salvar uma vida. A lei deve levar em conta a intenção de uma pessoa que a viola. No caso de Heinz, ele deve pagar o farmacêutico, de alguma forma, pelo medicamento roubado.

Dilema 2

Louise não deve trair a confiança da irmã e delata-la a sua mãe porque irmã trabalhou duro para conseguir o dinheiro para ir ao show e porque a mãe lhe havia prometido que deixaria. Por isso, é importante manter uma promessa a alguém que não se conhece bem porque essa pessoa pode não ser de confiança. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele trabalhou para consegui-lo e ir ao acampamento e o pai deve cumprir a promessa que fez ao filho, embora não precise cumprir uma promessa feita a um desconhecido.

Dilema 3

A mulher deve morrer de uma vez ao invés de ficar sofrendo. O marido deve ajudar na decisão da mulher e deve falar pra mulher aplicar-lhe a droga. A lei deveria permitir a prática da eutanásia tanto para seres humanos quanto para animais. O ato do médico não é moralmente errado porque foi a mulher quem pediu que lhe aplicassem a droga. O juiz deve suspender a sentença e deve deixar o médico livre, pois praticou a eutanásia a pedido da mulher. As pessoas que infringem leis devem ser punidas, mas não no caso do médico e, muito menos, delegá-lo uma pena de morte.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S12M13/13 .

O sujeito acredita na sanção por reciprocidade como método de punição que garante a reflexão do infrator e acredita que é bom manter relações de confiança, lealdade, respeito e gratidão, porém a justiça é uma questão de relações entre os indivíduos em que se faço algo por você, você o fará por mim. Por tais inferências, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S13F13/14

O sujeito não participou das aplicações do pós-teste

Identificação do sujeito: S14F13/14

Dilema 1

Heinz não deve roubar porque nunca vai se recuperar da culpa de ter cometido um ato contra a lei. Para o sujeito, o roubo é um ato “horrible”, independente da intenção de quem roubou, pois nada justifica o ato. Heinz não deve furtar pela mulher e muito menos por um estranho, pois só devemos ajudar os outros “na medida do possível”, pois não há como “mudar o destino” das pessoas. O policial deve denunciar Heinz porque é o que exige a sua profissão, mesmo que Heinz seja seu amigo, porque ele violou uma lei e deve pagar por isso. O juiz deve punir Heinz porque ele infringiu uma lei e a lei nos é imposta para cumprirmos o que ela prescreve, por isso o infrator deve ser colocado na cadeia para que possa pagar pelo seu crime.

Dilema 2

Louise deve guardar o segredo da irmã e não deve contar nada à sua mãe, embora devamos obedecer sempre nossas mães. É importante cumprir uma promessa para quem quer que seja e a filha deve obediência à mãe até

chegar na maioridade. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque trabalhou e tem o direito de se divertir. Quando se promete algo, deve-se cumprir. A confiança deve ser a base do relacionamento entre o pai e o filho.

Dilema 3

O médico não pode dar a droga à mulher “porque temos que cumprir com nosso destino como Deus quer”. O marido deve ajudar a mulher a refletir e nunca lhe dar a droga, pois só Deus tem o direito de decidir se alguém morre ou não. Até mesmo um cachorro deve cumprir com seu destino. O ato do médico é moralmente errado porque o dever de sua profissão é salvar vidas, portanto, Dr. Rogers deve denunciá-lo porque ele descumpriu uma regra e todas as pessoas que violam leis devem ser punidas para pensarem mais no seu ato, porém não com pena de morte porque foi a paciente quem pediu para morrer.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S14F13/14

Segundo S14F14, as pessoas devem cumprir com seus deveres e obrigações de modo a preservar a ordem social vigente e a lei deve ser mantida sempre. O sujeito acredita na Justiça Imanente e na força do destino. Ser bom é manter relações de confiança, respeito e gratidão e a moralidade sobrepasa os laços pessoais e se relaciona com as leis, que não devem ser desobedecidas para poder manter a ordem social. Devido a tais fatos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria do julgamento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S15M12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio porque a esposa necessita para sobreviver. É importante fazer tudo que podemos para ajudar as pessoas porque devemos amá-las como “amamos a nós mesmos”. O ato de Heinz não é moralmente errado porque Heinz roubou para salvar a vida de uma pessoa e, se estivéssemos no lugar de quem necessita do medicamento, iria querer ser ajudado. O policial deveria denunciar Heinz, porém nunca devemos fazer isso com um amigo. O juiz deve suspender a sentença a Heinz porque ele infringiu uma lei para salvar uma vida, ou atribuir-lhe uma punição leve, porque infringiu a lei.

Dilema 2

É muito feio ser “dedo-duro”, por isso a irmã não deve contar nada à mãe. Louise deve lealdade à Judy, mas também deve obediência à mãe, então, Louise deve contar somente se a mãe perguntasse. A irmã tem o direito de ir ao show porque ela conseguiu o dinheiro sozinha, trabalhando e a mãe deve cumprir com a promessa que fez a Judy. Não é importante cumprir uma promessa a alguém que não conhecemos. É importante o sentimento de confiança na relação mãe e filha. Joe deve dar o dinheiro ao pai porque o pai é autoridade, embora tenha o direito de ir ao acampamento porque conseguiu o dinheiro trabalhando e pelo fato de o pai ter descumprido uma promessa que havia feito. O filho deve obedecer ao pai porque pai é autoridade e isso o fará um bom filho.

Dilema 3

O médico estará errado ao aplicar a dose excessiva de morfina, pois desobedecerá as leis de Deus e as leis dos homens. O marido deve ajudar a mulher, dando-lhe carinho, embora a mulher tenha o direito de decidir o que fazer de sua vida. A eutanásia também não deve ser aplicada a um animal. Há leis que não são justas e o médico não deve ser punido porque infringiu uma lei, ajudando uma outra pessoa, porém as pessoas devem procurar nunca infringir uma lei.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S15M12/13

O sujeito tem uma crença muito grande na Justiça Imanente e faz questão de viver de acordo com as pessoas que o cercam, pois há uma necessidade de ser uma boa pessoa aos próprios olhos e aos olhos dos demais. O sujeito compartilha sentimentos, acordos e expectativas com os demais. O sujeito procura cumprir com deveres os quais ele esteja comprometido. As leis devem ser cumpridas, exceto quando entram em conflito com outras regras sociais fixas. Por tais constatações, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre o estágio 3 e 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S16F12/13

Dilema 1

Heinz não deve furtar o remédio porque não foi ele quem o fez e, também, o dono da farmácia tem direito de ganhar dinheiro com o remédio. É importante fazer de tudo para ajudar a salvar a vida das pessoas porque elas ficaram eternamente gratas a você. Embora devamos seguir o que prescreve as leis, nem todas são corretas. O policial não deve denunciar Heinz porque é seu amigo e o juiz deve ser muito cauteloso ao atribuir uma sentença a Heinz para ele ficar livre de acusações logo e poder ajudar a esposa.

Dilema 2

Louise deve calar-se porque Judy não estava tão errado ao desobedecer a mãe, tendo em vista que a mãe lhe havia prometido deixar ir ao show caso ela conseguisse o dinheiro e, uma promessa, para o sujeito, deve ser cumprida. Joe não deve negar o dinheiro porque é o pai quem compra todas as coisas de que ele necessita, embora tenha sido Joe que tenha conseguido o dinheiro. Para o sujeito, “promessa é dívida”. É importante que haja respeito na relação entre pai e filho para que o filho não seja castigado.

Dilema3

O médico deve dar a droga à mulher porque ela está sofrendo muito. O marido faz parte da vida da mulher, portanto deve ajuda-la, ficando ao seu lado, porém, quem deve decidir o que fazer de sua vida é a própria mulher, que quer o medicamento para ficar em paz. O ato do médico não é moralmente errado porque vai tirar a mulher da dor. Dr. Rogers não deve denunciar o amigo porque deve levar em consideração a intenção de seu amigo que foi ajudar a mulher a não sofrer mais. O juiz deve suspender a sentença ao médico, porque, muitas vezes, as leis devem ser revistas, de acordo com cada caso.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S16F12/13

O sujeito busca a satisfação dos seus próprios interesses num mundo onde se deve reconhecer que outros também têm interesses. É que, pelo fato de todos ter interesses a satisfazer, os membros de uma sociedade pode entrar em conflito. A reciprocidade para o indivíduo é entendida como uma moeda de troca. É importante estar de acordo com o que a autoridade espera de um bom filho. O sujeito procura cumprir deveres com os quais esteja comprometido e as leis devem ser mantidas, exceto em casos extremos quanto entram em conflito com outras regras. Por tais constatações, este sujeito encontra-se no estágio 4 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S17F13/13

Dilema1

Heinz deve roubar porque não importa o ato que se tem quando há um caso de vida ou morte. Toda pessoa deve ser ajudada, porém, deveríamos ajudar um estranho, roubando, apenas se não tivesse ninguém da família do mesmo que cometesse o roubo, porque as pessoas devem fazer de tudo para respeitar as leis. O policial não deve denunciar Heinz porque ele cometeu um ato necessário para a sobrevivência de sua mulher e ele sabia da dificuldade do amigo. O juiz, ao julgar o caso de Heinz, deve libertá-lo para que ele possa continuar cuidando da esposa, tendo em vista que ele roubou para salvá-la. O caso de Heinz é deve ser julgado diferente de um caso em que se rouba por prazer.

Dilema 2

Louise deve calar-se porque não tem um porquê de a mãe ficar sabendo, pois delatar a irmã seria uma atitude infantil e conseguir o dinheiro trabalhando foi bom para Judy aprender a dar valor nas coisas. Manter uma promessa é uma questão de honra para o sujeito, pois ele gostaria que fizessem o mesmo com ele. Na relação entre mãe e filha é necessário confiança, tentar entender e dar conselhos. Não é justo Joe dar o dinheiro ao pai, já que o garoto já havia planejado o que fazer com o dinheiro e ser bom filho não é fazer tudo o que o pai manda. Joe deveria dar o dinheiro ao pai só em caso de necessidade, não para o seu lazer. Cumprir uma promessa é o mais importante numa relação entre pai e filho.

Dilema 3

O ato do médico é errado e ela deve ter feito alguma coisa no passado que está retornando para ela nesse momento. O marido deve dar sua opinião porque sempre esteve ao seu lado e merece fazer parte desse momento tão importante, dando todo o carinho possível para a mulher. Porém, é a mulher quem deve escolher o que fazer de sua vida, embora não deva pensar em morrer por ser uma “pessoa racional”. Ela deve ter pensamento positivo e calma, que nessas horas são fundamentais para uma decisão certa. Dr. Rogers deve fingir que não viu o ato de Dr. Jefferson para não incriminar o companheiro. Um juiz que julga o caso deve suspender a sentença porque o médico só quis fazer o melhor para sua paciente.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S17F13/13

O bem, para o sujeito, tem a ver com contribuir com a sociedade ou com o grupo o qual está inserido. Para o sujeito, deve-se cumprir deveres com os quais esteja comprometido e as leis devem ser mantidas, exceto em casos extremos, quando entra em conflito com outras regras sociais fixas. Por tais fatos, este sujeito é considerado como pertencente ao estágio 4 da teoria de raciocínio moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S18M13/14

Dilema 1

Heinz não deve roubar, caso contrário, todos que precisam de algo e não tem dinheiro para comprar irão roubar. Roubar é errado porque é crime e o policial deve denunciar o amigo, cumprindo com o seu dever que é estar de acordo com o que prescreve a lei. Porém, um juiz que julga o caso deve suspender a sentença ao protagonista porque sentirá dó de Heinz, embora deva ser punido por ter descumprido uma lei. Mesmo que um roubo deixe Heinz com a consciência tranqüila, é crime e merece uma punição como uns tempos na cadeia, por exemplo.

Dilema 2

Louise deve calar-se porque ela pode acabar prejudicando as duas ao delatar Judy à mãe. Se a mãe estivesse precisando realmente do dinheiro, Judy tinha que dar, embora quando você faz uma promessa, deva cumpri-la. É necessário que haja respeito, carinho e amor na relação mãe e filha. Joe deve negar o dinheiro ao pai, porque é errado o que o pai está fazendo, tendo em vista que ele trabalhou para conseguir o dinheiro e quer usufruí-lo indo ao acampamento. Uma promessa feita a um filho deve ser cumprida. O pai deve ter toda autoridade sobre a vida do filho.

Dilema 3

O médico agirá errado ao aplicar a morfina na sua paciente porque ele não tem autorização do marido. O marido deve opinar nessa situação porque ele faz parte da família e deve tentar ajudar a mulher a não morrer. Um animal também não deve ser sacrificado, mesmo estando prestes a morrer. Dr. Rogers deve denunciar Dr. Jefferson porque ele está moralmente errado, tirando a vida da mulher e as leis foram feitas para serem cumpridas. Por isso, Dr. Jefferson deve ser punido e se a lei prescreve a sentença de morte ao médico, a sentença está correta.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S18M13/14

As leis são necessárias para a manutenção da instituição e para se evitar um colapso no sistema. O sujeito compreende outras perspectivas além das suas e a conduta correta, para ele, consiste em realizar o próprio dever, mostrando, sempre, respeito pela autoridade e pela ordem social. Por tais fatos, este sujeito encontra-se no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S19F12/13

Dilema 1

Furtar o remédio é errado, mas se se está salvando a vida de uma pessoa com esse furto, quem rouba deve ficar livre. Deve-se fazer o bem para as pessoas, e não interessa quem seja essa pessoa, se um estranho ou alguém a quem possuímos algum tipo de sentimento. Roubar é errado, mas ao julgar-se uma ação como a de Heinz, deve-se levar em consideração que o ato do criminoso salvou uma vida, quer dizer, o roubo foi por uma causa nobre e justa. Portanto, um juiz deve suspender a sentença a Heinz e liberta-lo, porque, ao se colocar no lugar do protagonista, o juiz faria o mesmo. Se houver necessidade de atribuir alguma punição, Heinz deve fazer algum serviço comunitário, como trabalhar gratuitamente para o farmacêutico.

Dilema 2

Louise não deve contar à mãe porque a irmã confiou nela. O fato de a irmã ter conseguido o dinheiro sozinha, tendo em vista que a mãe descumpriu um trato que havia feito com Judy dá o direito de a irmã ir ao show. É importante cumprir uma promessa porque “promessa é dívida”. Joe deve negar o dinheiro porque ele o conseguiu com seus próprios esforços, trabalhando. O pai deve cumprir o que falou ao filho. Numa relação entre pai e filho é importante que o filho obedeça ao pai.

Dilema 3

O ato do médico é errado, mas se a mulher quer muito, torna-se certo. O marido deve ajudar a mulher a pensar bem, porque essa é uma atitude que não tem volta e porque ela deve aproveitar da melhor maneira o seu restante de vida. O ato do médico é ilegal e imoral porque não se deve matar ninguém. Dr. Rogers não deve denunciar o amigo porque, em seu lugar, faria o mesmo. Um juiz que julga o caso deve suspender a sentença ao médico porque com esse ato ele livrou uma pessoa do sofrimento. As pessoas que violam leis por maldade devem ser punidas e este não é o caso de Dr. Jefferson.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S19F12/13

O sujeito pauta-se na sanção por reciprocidade a julgar um ato. A justiça não é mais uma relação entre indivíduos, mas sim entre o indivíduo e o sistema, deixando de ser, assim uma questão de escolha pessoal moral. As leis, para esse sujeito, devem ser mantidas, exceto em casos extremos em que elas entram em conflito com outras regras sociais. Portanto, este sujeito encontra-se no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S20M13/14

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio porque a mulher está morrendo e precisa do remédio. Porém, deve roubar o medicamento só para a pessoa que ele ama, porque roubar é crime, embora faça bem para o ser humano, sentir que está salvando a vida de uma pessoa e não é certo desobedecer às leis. O policial não deve denunciar Heinz porque ele é seu amigo. Um juiz deve dar uma sentença a Heinz como ficar 3 meses na cadeia, porque não é permitido roubar e isso o fará pensar duas vezes antes de agir impulsivamente.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã porque ela mentiu para a mãe, sem contar que a mãe passará a ter confiança em Louise. Porém Judy tem o direito de ir ao show porque a mãe havia lhe prometido e quando se promete algo, deve-se cumprir. É importante não mentir num relacionamento entre mãe e filha. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque o pai lhe havia prometido deixar ir ao acampamento e agora volta atrás. Porém, se Joe lhe der o dinheiro, o pai sentirá “firmeza” no ato de seu filho. No relacionamento dos dois deve imperar a verdade.

Dilema 3

É errado o médico dar a dose excessiva de morfina à sua paciente, porém se a mulher deseja tanto, deve dar. O marido deve apoiá-la, porém deve deixá-la decidir o que fazer de sua vida. O ato do médico é moralmente errado porque tira a vida de uma pessoa e é importante obedecer às leis. Um juiz deve deixar o médico livre, porque ele só matou para deixar a mulher livre da sua dor.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S20M13/14

O sujeito concebe a cooperação enquanto uma divisão de tarefas, em que cada um faz a sua parte e a reciprocidade é vista como uma moeda de troca. Porém, a ação moral correta encontra-se no comportamento que está de acordo com a norma social e que é bem visto pelas outras pessoas, pois há a pressão do social pelo indivíduo. Há a busca por uma conduta estereotipada, em que as intenções e a aprovação dos demais são muito importantes. Por tais constatações, este sujeito é inserido numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S21F12/13

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio porque ele precisa salvar a vida de sua mulher. É importante ajudar a salvar vidas, porém, se essa vida for a de um estranho, essa incumbência cabe à sua família, embora seja importante ajudar todas as pessoas que necessitam. O ato de Heinz lhe faz mal porque ele pode ir preso e o policial, seu amigo, tem o dever de cumprir leis, porém, como é amigo íntimo de Heinz, não deve denunciá-lo pelo crime de roubo. Um juiz que julga o caso deve suspender a sentença porque o autor do crime teve a intenção de salvar uma vida e isso deve ser primordial em nossas ações.

Dilema 2

Louise deve calar-se, porém, Judy deve contar a desobediência à sua mãe, porque, assim, a mãe fica mais feliz. Judy tinha o direito de ir ao show porque conseguiu o dinheiro para comprar a entrada trabalhando e porque a mãe lhe havia prometido que deixava nessas condições. Não é necessário cumprir uma promessa a alguém que não vamos ver mais. Uma filha deve toda a obediência à mãe porque ela lhe deu a vida. Joe não deve negar o dinheiro ao pai, porque tudo que ele precisa o pai lhe dá, além de essa atitude deixar o pai muito orgulhoso de Joe. É importante cumprir uma promessa porque se alguém promete algo a você, você iria gostar que essa pessoa cumprisse. É importante que haja amizade na relação do pai com o filho.

Dilema 3

É certo o médico dar a morfina à mulher porque ela tem sofrido muito, embora o seu marido deva dizer ao médico para não dar a droga. A prática da eutanásia não deve ser feita nem com animais. Esse ato é moralmente errado porque acaba com vidas, além de ser muito importante obedecer às leis para vivermos em sociedade. Dr. Rogers deve denunciar o Dr. Jefferson porque a obrigação de um médico é salvar vidas e não matar. Como punição de seu ato, segundo o sujeito, o médico deve ir para a prisão para que não descumpra mais o que prescreve uma lei.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S21F12/13

A ação correta, para o sujeito, é a que satisfaz as suas próprias necessidades e concebe a cooperação enquanto uma divisão de tarefas em que cada um faz a sua parte e a reciprocidade é vista pelo sujeito como uma moeda de troca. A base da moralidade para este indivíduo é a conformidade com as normas sociais, para que haja a manutenção da ordem, o que é visto pelo sujeito como algo muito importante. Ser bom significa agradar a autoridade e estar em conformidade com a lei. Por isso, este sujeito enquadra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S22F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o medicamento porque a mulher estava morrendo sem o seu uso e não faz diferença se ele ama ou não a sua mulher. Agora, se quem estiver precisando for um estranho, Heinz não deve se sacrificar porque não pode se prejudicar para ajudar desconhecidos, embora seja muito importante ajudar o próximo. O ato de Heinz é contra a lei, mas ele roubou para salvar a vida de sua mulher. O policial não deve denunciar Heinz porque é um “super amigo” dele, e um juiz, ao julgar o caso, deveria dar uma sentença a Heinz, fazendo com que ele trabalhasse na farmácia para pagar o medicamento ao farmacêutico, porque ele violou uma lei, porém, Heinz não deve ir preso pelo seu ato, porque deve ser levado em consideração, nesse julgamento, a intenção do infrator.

Dilema 2

Louise deve delatar Judy à sua mãe porque a atitude de mentir não é certa. Judy tem o direito de ir ao show tendo em vista que conseguiu o dinheiro sozinha. Promessa é uma coisa muito séria e não deve ser feita a qualquer pessoa. É importante que uma filha sempre obedeça a sua mãe. Joe deve negar o dinheiro ao seu pai porque ele conseguiu esse dinheiro com os seus esforços e porque o pai lhe havia prometido deixar ir ao acampamento caso ele conseguisse o dinheiro. Quando se faz uma promessa, deve-se cumpri-la por uma questão de “honra”. É muito importante que haja amizade na relação do pai com o filho.

Dilema 3

O médico não deve dar a morfina à mulher, porque ele estará matando-a e seu dever é salvar vidas. A mulher deve saber qual é a opinião do marido a respeito desse assunto e ouvi-lo, porém, uma pessoa não deve viver se não quiser. No caso de um animal, a prática da eutanásia deve ser liberada porque “não dá pra comparar a vida de um humano com a vida de um animal”. O ato do médico é ilegal e moralmente errado porque está tirando a vida de um ser humano. Dr. Rogers não deve denunciar Dr. Jefferson porque ele agiu a pedidos da mulher, e um juiz deve levar isso em consideração e deixar Dr. Jefferson livre de uma sentença.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S22F12/13

O sujeito mostra-se individualista ao atribuir uma escala de valores ao referir-se à vida do ser humano. Para o sujeito, é importante cumprir deveres com os quais se esteja comprometido e as leis tendem a ser mantidas, exceto em casos extremos quando entram em conflito com outras regras sociais fixas. O sujeito assume o ponto de vista do sistema que define papéis e regras, considerando as relações interpessoais como parte do sistema. Por tais constatações, este sujeito encontra-se no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S23F12/13

Dilema 1

Heinz deve cometer o roubo porque vai salvar uma vida com esse ato. As pessoas não devem ajudar somente a quem elas amam, porém, os estranhos, devemos ajudar de uma outra forma, que não roubando, porque quanto mais fizermos o bem, mais receberemos o bem. O ato de Heinz é contra lei, porém é moralmente correto porque está ajudando a salvar uma vida e, nesse caso, a lei não é justa. O policial não deve denunciar Heinz porque é seu amigo, além de não ter provas concretas contra o mesmo. Um juiz que assume o julgamento do caso deve levar em consideração que essa era a única alternativa de Heinz para salvar a esposa, por isso, ele deve ficar apenas alguns dias na cadeia para pagar pelo que fez.

Dilema 2

Louise deve contar à sua mãe porque Judy estava errada ao mentir, e, se fosse o contrário, Judy contaria. Ela tem o direito de ir ao show porque conseguiu o dinheiro sozinha e quando prometemos, devemos cumprir uma promessa e isso não aconteceu com a sua mãe. É importante que haja confiança e honestidade da relação da mãe com a filha. O pai de Joe é muito folgado, por isso, Joe deve negar seu dinheiro a ele, porque ele lutou para conseguir ir ao acampamento, embora o pai nunca tenha negado nada ao filho. Não é importante cumprir uma promessa a alguém que não vamos encontrar mais. É importante haver honestidade e confiança na relação do pai com o filho.

Dilema 3

A mulher está sofrendo muito e seria melhor que o médico lhe desse o medicamento para mata-la porque ela tem o direito de escolher se quer viver ou morrer e seu marido deve ajudar nessa difícil decisão. O ato do médico é ilegal, porém não é imoral porque a mulher pediu para o médico aplicar a droga que a matasse. É importante obedecermos as leis, mas Dr. Rogers não deve denunciar o médico e um juiz deve deixá-lo livre porque a sua intenção foi livrar essa mulher da dor. Portanto, há casos em que uma lei não deve ser cumprida.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S23F12/13

O sujeito reconhece que todos têm interesses a satisfazer e que estes interesses podem entrar em conflito. Nesse caso, o bem é relativo e o sentimento de igualitarismo é ingênuo porque a reciprocidade é vista apenas como uma moeda de troca, em que se faço algo porque você, você o fará por mim. Ser bom para o sujeito é estar de acordo com o que espera a autoridade. Por tais fatos, o sujeito encontra-se num período de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S24M12/13

Dilema 1

Não é certo Heinz roubar o que não é seu, porém, se ele realmente amar a sua mulher, ele deve furtar o remédio para salvar sua vida. Se este ato for beneficiar uma pessoa estranha, não é justo Heinz se sacrificar, embora seja importante ajudar as pessoas necessitadas. Roubar é errado, entretanto Heinz está roubando para salvar uma vida, o que deixa o seu ato moralmente correto. O policial não deve denunciar Heinz porque ele conhece o problema que sua família está enfrentando. Um juiz deve prescrever a pena de um ano de prisão em cárcere privado, porque o crime de Heinz não foi tão grave.

Dilema 2

Louise deve ficar quieta e não deve delatar Judy a sua mãe, porque pode precisar que sua irmã guarde um segredo seu um dia. Judy tem o direito de ir ao show porque economizou dinheiro. Uma promessa não deve ser cumprida a um desconhecido. É importante que uma filha obedeça a sua mãe para que as duas continuem amigas futuramente. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque o pai lhe prometera que ele iria ao acampamento. É importante que o pai e o filho sejam companheiros em quaisquer momentos.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher porque ela pediu e não agüentava mais de dor, embora este ato seja um crime. O marido deve ajudar a mulher a tomar a decisão, embora ela tenha o direito de escolher se quer viver ou morrer. Os animais devem ser tratados como seres humanos porque também sentem dor. Dr. Rogers não deve denunciar Dr. Jefferson porque ele estava acabando com a dor que a mulher estava sentindo. O caso do Dr. Jefferson deve ser julgado de forma diferente de um caso de assassinato, pois deve ser levada em consideração a intenção do médico ao dar a droga para a mulher, por isso, o juiz deve deixar o Dr. Jefferson solto.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S24M12/13

O sujeito admite que cada um tem o seu modo de pensar e, conseqüentemente, são portadores dos mesmos direitos. Entretanto, a ação correta é a que satisfaz as suas próprias necessidades. Portanto, o igualitarismo para esse sujeito é ingênuo. Porém, a moralidade para este indivíduo é a conformidade com as normas sociais para que haja a manutenção da ordem. Portanto, este sujeito encontra-se no estágio 2 da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S25F12/13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio porque é uma questão de vida ou morte. Heinz deve roubar o remédio porque ele ama sua mulher. Caso não a amasse, ele poderia deixá-la morrer e não deve cometer um crime por um estranho, porque é obrigação da família dele o cometer. É importante ajudar as pessoas porque um dia você pode precisar e vai querer ser ajudado. Se a desobediência de uma lei levar em conta a vida de uma pessoa, essa lei deve ser desobedecida. O policial não deve denunciar Heinz porque ele roubou para salvar uma vida. O juiz deve suspender a sentença de Heinz e deve liberá-lo porque deve levar em consideração, no julgamento de seu caso, a sua intenção, que foi salvar a vida da mulher e é diferente de quem rouba só pela ganância de ser ter algo.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã Judy porque ela mentiu para a mãe e isso é errado. Porém, a atitude da mãe de voltar atrás com sua promessa é errada e isso dá o direito a Judy de ir ao show. Uma promessa deve ser cumprida mesmo a um estranho porque se estivéssemos no lugar desse estranho, quereríamos que cumprissem com a promessa. Deve haver confiança no relacionamento entre mãe e filha. Joe deve negar o dinheiro porque o seu pai descumpriu com sua promessa de deixá-lo ir ao acampamento. Se o pai precisasse do dinheiro para algo muito importante, Joe deveria dar, porém, o pai quer o dinheiro para o lazer, assim como Joe. Uma promessa sempre deve ser cumprida, independente para quem se prometeu. É preciso existir confiança na relação do pai com o filho.

Dilema 3

O médico deve dar a morfina à mulher porque ela está sofrendo muito e ela tem o direito de querer morrer por estar sofrendo tanto. O marido dessa mulher deve apóia-la, mesmo que ache o ato da mulher errado, porque só

ela sabe o que está passando. Um animal que sofre também deve ser sacrificado, pois o que acontecerá será apenas a aceleração de algo que é certo que vai acontecer. Devemos tentar cumprir uma lei porque, “na maioria das vezes”, a lei é justa. O juiz deve liberar Dr. Jefferson porque ele ajudou a aliviar a dor da mulher

Interpretação do nível de raciocínio moral de S25F12/13

A ação moral correta, para o indivíduo, encontra-se no comportamento que está de acordo com o que é bem visto pelas outras pessoas, pois há a pressão do social pelo indivíduo. E o bem está também em contribuir com a sociedade. As leis, para esse indivíduo devem ser mantidas, exceto em casos extremos em que elas entram em conflito com outras regras sociais fixas. Por tais constatações, este sujeito encontra-se no estágio 4 do desenvolvimento da moralidade da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S26M12/13

Dilema 1

Heinz não deve deixar a sua mulher morrer, porém, se for para um estranho, ele não deveria furtar o medicamento porque é a família desse estranho quem deve fazer. Devemos obedecer às leis porque caso contrário podemos ir presos. O policial não deve denunciar Heinz porque ele roubou para salvar uma vida. Um juiz, ao julgar o caso, deve estudar um meio que fizesse Heinz pagar por esse remédio, porque roubar é contra a lei.

Dilema 2

Louise não deve contar porque um dia ela pode precisar que sua irmã mais nova não conte um segredo dela a sua mãe. Judy tem o direito de ir ao show porque a mãe não pode voltar atrás com uma promessa. É importante cumprir uma promessa para mostrar às pessoas que você “é um homem de palavra”. É importante que haja amor na relação de uma mãe com sua filha. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque foi ele quem economizou para ir ao acampamento. Ser bom filho é obedecer ao pai e não dar dinheiro. Um pai deve saber qual é o limite de sua autoridade e nunca deve bater no filho.

Dilema 3

O médico deve dar o remédio para matar a mulher porque ela não está mais agüentando de dor e ela pediu. O marido deve opinar na decisão da mulher porque, a partir do momento em que se casou com ela, já começou a fazer parte de sua vida. A decisão de querer viver ou morrer deve ser da mulher. Embora o ato do médico seja ilegal, não é imoral porque está tirando a dor da mulher. Deve-se fazer de tudo para cumprir uma lei, porém, muitas vezes, a lei encontra-se errada. O juiz que julga o caso deve deixar o médico livre porque foi a mulher que insistiu para que ele lhe desse a droga, embora as pessoas que infringem leis devem ser punidas.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S26M12/13

Para o sujeito, deve-se cumprir deveres com os quais se esteja comprometido e as leis devem ser mantidas, exceto em casos em que elas entram em conflito com outras regras sociais fixas. O bem, para o sujeito, está em contribuir com a sociedade. Por tais fatos, este sujeito encontra-se no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S27F13/13

Dilema 1

Heinz não deve furtar o remédio porque o farmacêutico levou muito tempo para fabricá-lo e precisa ganhar dinheiro com a sua invenção. Não precisa amar uma pessoa para salvar a sua vida, um estranho também é um ser humano e deve ser ajudado. Deve-se fazer o que pode para salvar a vida de uma pessoa, porque ela pode ajudar você da mesma forma que foi ajudada. Roubar é errado e vai deixar o sujeito que rouba com a consciência pesada e ele pode ir preso. O policial não deve denunciar Heinz porque não havia outra maneira para salvar a mulher. Um juiz deve libertar Heinz, pois deve levar em consideração a intenção do infrator ao cometer o roubo. As pessoas que violam leis devem ser punidas para o bem da comunidade.

Dilema 2

Louise não deve contar o segredo da irmã à mãe em nome da confiança que sua irmã lhe depositou e, também, porque se ela contar, na primeira oportunidade a irmã também a delatará à mãe. Judy tem o direito de ir ao show porque por ter ganhado o seu próprio dinheiro. Uma promessa deve ser cumprida a qualquer pessoa. Uma filha deve sempre ajudar a sua mãe. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque um dia ele pode precisar e o pai, com certeza, lhe negará e, também, porque toda vez que o filho precisa de dinheiro, o pai lhe dá. É importante cumprir uma promessa, mesmo quando se promete a alguém desconhecido. Um filho deve sempre obedecer ao pai.

Dilema 3

O médico não deve aplicar a droga à mulher, porque ele vai matá-la, o que lhe deixará com a consciência pesada. O marido deve tentar entender a mulher, mas é ela quem deve tomar a decisão final, porque é sua vida que está em jogo, o que torna o ato do médico moralmente certo. É importante tentar obedecer às leis, porém, às vezes isso não deve acontecer. O juiz deve suspender sentença a ser atribuída ao médico porque “ele não tem culpa de nada”

Interpretação do nível de raciocínio moral de S27F13/13 .

O sujeito acredita na equidade das permutas. Porém, a base da moralidade para este indivíduo está de acordo com o que regem as normas sociais, para que haja a manutenção da ordem. A ação moral correta também encontra-se no que está de acordo com o que é bem visto pelas pessoas, pois há a pressão do social sobre este indivíduo. Por tais fatores, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre o estágio 3 e 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S28F12/13

Este sujeito não teve seus depoimentos analisados, porque não esteve presente nos dias da aplicação do pós-teste.

4.3.2 Classe de Controle: análise dos depoimentos**Identificação do sujeito: S1F13***Dilema 1*

Heinz poderia roubar porque sua esposa estava morrendo, mas não devia porque é errado. Ele deve roubar para salvar a vida de uma pessoa da família. Porém, não deve roubar para um estranho, pois este é um ato ilegal e sua consciência vai ficar muito pesada. O policial deve dar parte de Heinz porque ele está fazendo algo contra a lei e um juiz, ao julgar o caso, deve atribuir uma sentença a ele, porque o fato de a esposa estar morrendo não justifica o roubo.

Dilema 2

Louise deve contar à sua mãe porque sua irmã não deveria ter escondido a sua desobediência e, também, Judy mentir para a sua mãe sobre a quantidade de dinheiro que ela tinha e isso não é certo porque, numa relação entre mãe e filha deve sempre haver confiança. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque quando ele precisa, o pai lhe dá. Porém, Joe tem o direito de ir ao acampamento porque conseguiu o dinheiro trabalhando e, além disso, o pai prometera que ele iria, caso conseguisse o dinheiro. Joe deve ajudar o seu pai por gratidão. Uma promessa não precisa ser cumprida a um desconhecido.

Dilema 3

O ato do médico é ilegal e ele não deve dar a morfina à mulher, mesmo que ele queria. O marido da mulher deve dar outras sugestões que não a eutanásia, porque ele deve protegê-la. Porém, a mulher tem o direito de querer viver ou morrer. Um animal, assim como um ser humano, não deve ser sacrificado. O ato do médico é ilegal e é imoral, porque é contra a lei e a sociedade seria melhor se todos obedecessem às leis. Dr. Rogers deve denunciar Dr. Jefferson porque ele desobedeceu à lei e matou a sua paciente. Um juiz que julga o caso do médico deve dar uma sentença a ele porque ele cometeu um erro fatal e não deveria ter feito o que a mulher pediu.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S1F13

Este sujeito não consegue entender e respeitar as normas morais e expectativas compartilhadas. A moralidade está governada por regras externas e o que pode acarretar um castigo é errado. O bem é relativo e a ação correta é a que satisfaz as próprias necessidades do sujeito. Por tais motivos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre o estágio 1 e 2 da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S2M13*Dilema 1*

Heinz não deve roubar o medicamento porque é ilegal. Mesmo amando muito a sua esposa ele não deve ir contra a lei, embora devamos ajudar as pessoas por meio de atos legais, porque podemos ir presos. Deve-se fazer de tudo para obedecer às leis. A obrigação do policial é dar parte de Heinz porque ele deve seguir o que prescreve uma lei, diante de todos os sujeitos. Um juiz deve dar uma sentença a Heinz para ele aprender com os próprios erros e a lei pede para que Heinz seja preso, e para que depois de cumprir sua pena, faça trabalhos comunitários para se arrepender e voltar à sociedade.

Dilema 2

Louise deve contar a desobediência de sua irmã à sua mãe porque uma mentira sempre é descoberta. A mãe tem autoridade para mudar de decisão quando quiser, portanto, a irmã está muito errada ao desobedecê-la. Como já conquistou o dinheiro, a irmã poderia usá-lo para outros fins. Uma filha sempre deve obediência à mãe porque a desobediência acarreta castigo. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque o pai pode oferecer muito mais ao filho depois. O pai é autoridade máxima, portanto, deve ser sempre honrado e respeitado, e pode mudar de opinião quando quiser, por isso.

Dilema 3

O ato do médico é errado porque é ilegal. O marido deve opinar na decisão da mulher, porque depois do casamento, as decisões devem ser tomadas em conjunto e o único que tem o direito de retirar a vida de um ser humano é Deus. É correto obedecer as leis humanas porque, caso contrário, você pode ser punido pelas leis divinas. Dr. Rogers deve denunciar Dr. Jefferson e um juiz, ao assumir o caso deve dar uma sentença ao médico para que ele não volte a cometer erros como esse.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S2M13

A moralidade está governada por regras externas e pela justiça Imanente. O que pode acarretar um castigo é considerado erro. O sujeito tem dificuldade de considerar dois pontos de vista num assunto moral e aceita sempre a perspectiva da autoridade como certa, considerando apenas as conseqüências de uma ação, sem levar em conta a intenção do infrator. A reciprocidade, para o indivíduo, é vista como uma moeda de troca em que se faço algo por você, você o fará por mim. Por tais constatações, o sujeito encontra-se numa fase de transição entre o estágio 1 e 2 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S3M13*Dilema 1*

Heinz não deve roubar o remédio porque é contra a lei roubar e não deve roubar para salvar a vida da esposa, mesmo que a ame e muito menos para salvar a vida de um estranho. É importantíssimo ajudar as pessoas, porém se ele roubar, ele pode ser preso e se você quiser segurança para a sua vida, deve seguir o que prescrevem as leis. O policial deve denunciar Heinz porque é a obrigação dele e Heinz deve ser julgado e preso porque é o que pede a lei. Roubar é contra a lei, mesmo que para salvar uma vida.

Dilema 2

Louise tem que contar sobre a desobediência de sua irmã à sua mãe para o bem de Judy, porque se ela errou agora, vai errar para sempre e ela deve usar o seu dinheiro com outra coisa. Uma promessa deve ser cumprida e é necessário haver sempre respeito na relação entre mãe e filha. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque ele vai ficar com a consciência pesada e além de tudo ele é seu pai, e todo filho deve gratidão ao pai.

Dilema 3

O médico deve aplicar a droga na mulher porque ela vai morrer de qualquer jeito e, com sua atitude, ele vai apenas amenizar a sua dor. O marido da mulher deve apoiá-la porque ela tem o direito de não querer mais viver, tendo em vista que não agüenta mais a dor que sente. Dr. Rogers não deve denunciar Dr. Jefferson porque um dia o mesmo pode acontecer com ele. Portanto, ao assumir a perspectiva de um juiz que julga o caso do médico, o sujeito o deixa livre pois o seu crime “não foi tão forte”.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S3M13

Para o sujeito, a ação correta é a que satisfaz as próprias necessidades e, ocasionalmente, a dos outros, a partir de um ponto de vista físico e pragmático. Seu ponto de vista é egocêntrico e a ordem social é concebida em termos de força e do poder da autoridade e do medo da punição. A reciprocidade é vista como uma moeda de trocas em que se faço algo por alguém, esta pessoa, o fará por mim. Por tais fatos, este sujeito encontra-se no estágio 2 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S4F13*Dilema 1*

Heinz deve roubar para salvar uma vida, mesmo que não ame a sua mulher, porque deve levar em consideração o fato de ela já ter feito parte de sua vida um dia. Porém, ele não deve se prejudicar por um estranho. Com o ato do roubo, Heinz seria visto pelas pessoas como um “herói” e seu ato não deve ser considerado moralmente errado porque roubou para ajudar as pessoas. Na opinião do sujeito, sem lei não há ordem e, por isso, o policial, mesmo sendo amigo de Heinz, deve cumprir o que prescreve a lei e deve denunciá-lo. As leis existem para termos um mundo melhor e Heinz deve pagar o remédio ao farmacêutico, depois, como forma de punição.

Dilema 2

Louise deve calar-se porque o que aconteceu com a irmã foi injusto, tendo em vista que a mãe lhe deixara ir ao show de rock caso ela conseguisse o dinheiro sozinha. Uma promessa sempre deve ser cumprida, menos para um desconhecido. É necessário respeitarmos as pessoas para sermos respeitados. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque ele não deve deixar de se divertir para que seu pai se divirta. Porém, o pai tem o direito de pedir o dinheiro ao filho porque ele “manda” em Joe. Uma promessa deve ser cumprida para se preservar a dignidade da pessoa que prometeu. Um pai deve ser considerado a autoridade máxima dentro de uma família, salvo algumas exceções, como no caso de Joe.

Dilema 3

A mulher está sofrendo muito e pediu para que o médico lhe aplicasse a eutanásia. Portanto, o médico deve ajudar a mulher. Um marido deve ajudar a mulher nessa decisão tão difícil, tendo em vista que ele vive com ela e a ama muito. A vida do cachorro deve ser respeitada assim como a vida de um ser humano, pois ele também sente dor, da mesma forma. O ato do médico não é imoral porque teve a intenção de acabar com a dor que a mulher sentia. Porém, as leis devem ser seguidas para haver ordem. Dr. Rogers não deve denunciar Dr. Jefferson porque deve levar em consideração nesse caso a intenção do médico ao aplicar a droga. Um juiz deve deixá-lo livre porque o caso não foi “tão grave”.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S4F13

A base da moralidade, para o sujeito, é a conformidade com as normas sociais, pois manter a ordem é muito importante. A ação moral encontra-se no comportamento que está de acordo com a ordem social e este comportamento tende a ser certo quando agrada aos outros, buscando sempre a aprovação dos demais. Por tais constatações, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S5F13*Dilema 1*

Heinz deve roubar o remédio porque sua mulher está morrendo. Este ato deve ser cometido mesmo que ele não a ame, porém, não deve se sacrificar pela vida de um estranho. Ao cometer o ato, Heinz deve pensar que se fosse ele que estivesse morrendo, com certeza, alguém iria ajudá-lo. Roubar faz mal para ele, mas faz bem para a outra pessoa, por isso, o policial não deve denunciá-lo, pois deve levar em consideração a sua boa intenção ao cometer o roubo. Heinz deve ser condenado porque as leis existem para termos um mundo melhor, porém não deve ser preso.

Dilema 2

Judy tinha que comprar o uniforme com o dinheiro que foi ao show, embora tivesse o direito de gastar o dinheiro como bem quisesse porque trabalhou para conseguí-lo, e Louise não deve delatar a irmã porque ela também queria ir ao show. Embora uma promessa deva ser cumprida, a mãe sempre detém autoridade sobre a filha e decide o que deve ser feito com o seu dinheiro. Joe não deve negar o dinheiro ao seu pai porque é ele quem sustenta toda a família, embora tenha o direito de acampar com o dinheiro que ganhou com o seu próprio esforço. É importante que um pai sempre cumpra a promessa que faz para o filho.

Dilema 3

O médico está certo em aplicar a eutanásia na mulher porque ela não agüenta mais de dor. Porém, o seu marido deve opinar na decisão da mulher e não deve deixar que o médico lhe dê a droga, embora ela tenha o direito de decidir o que fazer da própria vida. Devemos procurar obedecer as leis. Dr. Rogers deve entregar o Dr. Jefferson, porque ele é o culpado pela morte da mulher e tem que ser punido com pena de morte, porque matou uma moça que estava com câncer.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S5F13

O sujeito procura ser uma pessoa leal, colaboradora e agradável aos olhos da autoridade. Há a busca pela aprovação dos demais e existe a capacidade de assumir o papel das pessoas com as quais se tem mais ligação e busca-se a aprovação destas nas suas atitudes. O sujeito acredita na justiça da lei de Talião, “olho por olho, dente por dente”, quando prescreve a pena de morte ao médico. É bom manter relações de respeito, confiança e gratidão para com a autoridade. Por tais fatos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S6F13*Dilema 1*

Heinz não deve roubar o medicamento porque se ele roubar e for descoberto pode ir preso. Porém, se a sua decisão for roubar só o deve fazer para uma pessoa a qual goste muito, pois ele não deve se prejudicar para

salvar a vida de um estranho. Roubar é contra lei e faz mal porque se pode ir preso. As pessoas devem cumprir o que prescrevem as leis porque podem ir presas. O policial, amigo de Heinz, deve “fazer de conta que não viu nada” e não deve denunciar o amigo, porém um juiz deve levar em consideração a intenção de Heinz ao cometer o ato e deve libertá-lo em seguida.

Dilema 2

Louise não deve contar que sua irmã Judy desobedeceu à sua mãe porque um dia ela pode precisar que Judy guarde um segredo seu. A irmã tem o direito de ir ao show tendo em vista que a mãe lhe prometera e que ela ganhou o seu próprio dinheiro. É necessário que haja sinceridade na relação da mãe com a filha. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque economizou esse dinheiro com a intenção de ir ao acampamento. O menino se esforçou e o pai sabia disso, portanto, ele deve cumprir com o que promete.

Dilema 3

É certo o médico dar a dose excessiva de morfina à mulher que está sofrendo e o seu marido deve opinar nessa decisão porque ele gosta muito dela. Um animal também deve ser sacrificado para ficar livre do sofrimento causado por dores fortes. O ato do médico não é moralmente errado porque é a mulher quem está pedindo ao médico. É importante obedecermos as leis para não irmos presos. Dr. Rogers não deve denunciar seu companheiro de trabalho porque ele realizou a eutanásia a pedidos da mulher. Um juiz deve deixar o médico livre, porque se ela não tivesse pedido, ele não seria um criminoso.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S6F13

A lei deve ser mantida sempre, exceto em casos extremos nos quais entram em conflito duas regras sociais existentes. O sujeito considera a si mesmo e aos outros como parte de um sistema social mais amplo e as pessoas devem cumprir com seus deveres e obrigações. Leva-se em conta a intenção do infrator ao punir. Por tais fatos, o sujeito encontra-se no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S7F13

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S8F12

Dilema 1

Heinz não deve roubar o medicamento, porém deve se esforçar para consegui-lo por meios legais. Mesmo que Heinz ame sua mulher, ele não deve roubar porque não pode correr o risco de ser preso. É importante ajudar as pessoas necessitadas, porém deve haver limitações com relação a essa ajuda. O ato de Heinz lhe fará mal porque ele será preso, por isso é muito bom obedecer às leis. O policial deve cumprir com o seu dever e deve denunciar Heinz. É necessária uma sentença a Heinz para que ele não roube mais, pois deve ser punido para não desobedecer mais às leis.

Dilema 2

Louise deve delatar a irmã à mãe porque ela é muito nova para mentir. Porém, a mãe não deve se exaltar com Judy porque ela não cumpriu com a promessa que fez à filha. É importante que não haja mentira na relação entre a mãe e a filha. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque o pai faz tudo para ele, por isso, é importante o filho ajudar o pai a ir à pescaria, embora Joe tenha o direito de fazer o que quiser com o seu dinheiro. Um pai manda em tudo no filho, se ele for menor de idade. E isso fará com que o pai ame mais o filho por causa de seu empenho em ajudá-lo.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher porque ela não deve sentir mais dor. O marido deve opinar na decisão da mulher e deve ajudá-la a decidir o que será melhor, embora deva ter consciência de que a esposa tem o direito de querer morrer. A vida de um animal deve ser vista assim como a da mulher, porém, deve-se levar em consideração o fato de o animal não poder escolher. O ato do médico é errado porque é contra a lei, mas não custa nada fazê-lo porque a mulher está com muita dor. Um juiz deve deixar o médico livre porque deve levar em consideração a intenção do médico ao praticar esse crime.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S8F12

Há a pressão do social sobre o indivíduo e há, também, a orientação para uma conduta estereotipada. As boas intenções são muito importantes e devem estar de acordo com o que pede a autoridade, pois há a busca da aprovação da mesma. A lei deve ser mantida sempre, exceto em casos extremos, nos quais entram em conflito outras regras sociais morais. Por tais fatos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S9M13

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S10M13*Dilema 1*

Heinz deve furtar o remédio, pois sua esposa está à beira da morte. E seu ato deve ser cometido mesmo que ele não a ame porque devemos ajudar as pessoas, porém, não devemos nos sacrificar tanto pela vida de um estranho, porque um estranho não roubaria por ele. As pessoas que infringem as leis devem ser punidas para que se evitem acidentes. O policial Brown deve denunciar Heinz, pois os dois devem obedecer às leis. As pessoas devem ser punidas para aprenderem a respeitar as leis, porém um juiz deve dar uma sentença “leve” a Heinz.

Dilema 2

Louise deve calar-se porque um dia ela pode precisar que a irmã guarde um segredo seu. Judy tem o direito de ir ao show porque a mãe não “podia voltar atrás com o que prometeu”. Uma promessa não deve ser cumprida a alguém que não veremos mais. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque o dinheiro é inteiramente seu. Porém, Joe deve pensar que o pai pode “desfazer” dele quando ele chegasse do acampamento. Um pai deve ser rígido para o filho não virar “malandro”.

Dilema 3

O médico deve aplicar a droga para a mulher para de sofrer e o seu marido não deve interferir na sua decisão. O ato do médico não é moralmente errado, porque ele quis poupa-la do sofrimento. Um juiz deve suspender a sentença ao médico, tendo em vista que a mulher já ia morrer, ele só a poupou de sentir dor. As pessoas que infringem as leis devem ser punidas, porém o médico não.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S10M13

O sujeito defende seus próprios interesses e necessidades e deseja que o outro o faça o mesmo. A ação moral encontra-se na que está de acordo com o que prescreve a ordem social e a autoridade. A lei deve ser mantida, exceto em casos extremos em que entram em choque outras regras sociais existentes. Por tais constatações, este sujeito encontra-se no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S11F13*Dilema 1*

O farmacêutico foi muito injusto ao não vender o remédio mais barato a Heinz, portanto, Heinz deve roubá-lo para salvar a vida de sua esposa e a de qualquer outra pessoa, porque é muito importante fazer o bem para quem quer que seja. O ato de Heinz não é moralmente errado porque ele ama a esposa e tem que ajuda-la. Dependendo do caso, vale desobedecer a uma lei. O policial não deve denunciar Heinz porque ele estava salvando a vida da sua mulher. As pessoas devem ser punidas de acordo com a intenção com que cometeram um crime. Um juiz deve liberar Heinz, porém deve fazê-lo pagar, futuramente, pelo medicamento.

Dilema 2

Louise não deve contar a desobediência de sua irmã à sua mãe, porém, da próxima vez, deve ir junto de Judy ao show para protegê-la. A mãe vai gostar de saber que Louise ajudou Judy. Judy tem o direito de ir a esse show porque a mãe não cumpriu com a promessa e porque ela conquistou seu próprio dinheiro. É importante não haver mentiras na relação entre a mãe e a filha. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque o pai já dá tudo o que pode ao filho, embora tenha o direito de ir ao acampamento por ter conquistado sozinho o próprio dinheiro. É importante cumprir uma promessa, pois assim, podemos perceber qual o valor de sua palavra.

Dilema 3

Dr. Jefferson deve dar a droga à mulher, porém deve lembrar que esse ato a mataria. O marido deve entender que a mulher está sofrendo e deve tentar deixá-la mais calma nesse momento, porque é ela quem deve decidir o que fazer de sua vida. O ato do médico não é moralmente errado porque a mulher “suplicou” para que lhe desse o medicamento. Às vezes, a lei é injusta. Dr. Rogers não deve denunciar o amigo porque, se estivesse no lugar dele, faria o mesmo. O juiz deve suspender a sentença porque a mulher estava “quase louca de dor”. O médico não deve ser punido, porém, as pessoas que violam as leis devem.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S11F13

O sujeito julga uma ação, levando em consideração a intenção do infrator. Ele considera a si mesmo a aos outros como parte de um sistema social mais amplo e, por isso, as pessoas devem cumprir com seus deveres e obrigações, de modo que preservem a ordem social. A lei deve ser mantida sempre, exceto em casos extremos,

nos quais entram em conflito outras regras sociais existentes. Mediante tais constatações, este sujeito é classificado como pertencente ao estágio 4 da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S12F13

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S13F13

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S14F13

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S15F13

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio porque este foi feito para salvar as pessoas e não para se ganhar muito dinheiro. Heinz não deve se sacrificar por alguém que não ama, quer dizer, não deve se sacrificar por um estranho, porém, é importante tentar ajudar as pessoas. O ato de Heinz é errado e pode prejudicá-lo, caso ele seja descoberto, porque ele pode ir preso. A lei foi feita para ser cumprida, exceto em casos de “vida ou morte”. O policial deve denunciar Heinz, porém deve ajudá-lo a justificar o motivo do roubo. O juiz deve pedir para que Heinz faça “dois anos de serviço comunitário” para ninguém dizer que “não teve punição”. A lei foi feita para ser cumprida.

Dilema 2

Louise deve calar-se porque a mãe não cumpriu com sua promessa e essa foi uma atitude muito errada da mãe. Não se deve voltar atrás com uma promessa e deve imperar a confiança na relação entre mãe e filha. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque quer muito ir ao acampamento. Como o pai trabalha, ele também deveria ter economizado para ir à pescaria. Um pai deve dar muito carinho ao filho para que ele não cresça revoltado.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher porque, de qualquer forma, a mulher iria morrer e não agüentava mais de dor. O marido não deve participar da decisão da mulher porque não iria querer que ela morresse. O ato do médico é ilegal, mas não é imoral porque ela vai morrer mesmo sem tomar o medicamento. O juiz não deve dar a sentença ao médico porque foi a mulher quem pediu para que ele a matasse. Devemos considerar que há pessoas que infringem as leis para salvar outras pessoas.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S15F13

O indivíduo é capaz de ter em conta não é a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. A moralidade sobrepassa os laços pessoais e se relaciona com as leis. Há o respeito pela autoridade sem haver submissão. A lei deve ser mantida sempre, exceto em casos extremos em que entram em conflito outras regras sociais. Por tais motivos, este sujeito encontra-se no estágio 4 do desenvolvimento da moralidade de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S16M13

Dilema 1

Heinz não deve furtar porque o furto é crime. É importante ajudar as pessoas, mas sem se prejudicar. O ato de Heinz vai fazer com que ele sinta sua consciência pesada. Devemos cumprir a lei porque ela está acima de tudo. O policial deve dar parte de Heinz porque o furto é crime. E o juiz deve prescrever uma sentença a Heinz para que ele reflita no seu ato.

Dilema 2

Louise não deve contar o que a irmã fez à mãe porque trairia a confiança da irmã, que tem o dinheiro de ir ao show porque conseguiu o seu próprio dinheiro para tal feito. É importante que haja diálogo na relação da mãe com a filha. Joe deve negar o dinheiro porque trabalhou para consegui-lo. Não é importante cumprir uma promessa a alguém que você não verá mais. Um pai deve ter autoridade sobre o filho desde que o filho dependa do dinheiro do pai.

Dilema 3

O ato do médico é ilegal, mas é certo porque a mulher iria morrer de qualquer jeito. O marido deve opinar na decisão da mulher porque ele gosta dela e não quer que ela morra. O ato do médico é moralmente certo, porque

ele matou para aliviar a dor da mulher. O juiz deve prescrever uma sentença ao médico porque ele violou uma lei, assim como qualquer outra pessoa que infringe o que prescreve uma lei.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S16M13

A moralidade para este indivíduo está governada por regras externas e o que pode acarretar uma punição é considerado errado. Se uma ação é punida, está errada e se não é punida está certa. O ponto de vista deste sujeito é egocêntrico e a ação correta é a que satisfaz as suas próprias necessidades e, ocasionalmente, a dos outros, a partir de um ponto de vista físico e pragmático. Por tais motivos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre o estágio 1 e 2 da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S17M13

Dilema 1

Heinz deve roubar o medicamento e isso será um sinal de que ele gosta muito de sua mulher. Porém, se ele não a ama, não deve se sacrificar, assim como para um estranho. É errado Heinz roubar porque ele pode ser preso e o policial, seu amigo, não deve denunciá-lo justamente por esse motivo. Heinz tornou-se um ladrão com esse ato, portanto, deve ser preso. Pessoas que violam as leis devem ser punidas para que as outras pessoas fiquem seguras.

Dilema 2

Louise não deve contar o segredo de sua irmã à sua mãe porque a irmã lhe deu um voto de confiança e, além disso, a irmã pode “tomar um corretivo” da mãe. Judy tem o direito de ir ao show e gastar o dinheiro como quiser porque a mãe não cumpriu com a promessa que fez à filha e porque ela ganhou o seu próprio dinheiro. Se não formos encontrar uma pessoa novamente, não é necessário que cumpramos uma promessa a ela. Um filho deve sempre respeitar a mãe. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque se ele precisasse de algum dinheiro, o pai lhe daria. Porém, se Joe lhe emprestar, o pai pode não devolver e ele pode não ir ao passeio. Um pai deve mandar no filho até que ele complete 18 anos.

Dilema 3

O médico está certo ao aplicar a droga à mulher, que está morrendo de tanta dor. O marido deve apoiá-la na sua decisão e a mulher deve querer morrer para evitar o sofrimento contínuo de seu marido. O ato do médico é errado porque ele pode ser preso. Dr. Rogers não deve denunciar Dr. Jefferson porque ele apenas atendeu ao pedido de sua paciente. Deve-se levar em consideração a intenção do médico ao dar a dose excessiva de morfina à mulher, portanto, o médico não deve ser preso pelo seu ato.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S17M13

A moralidade, para o sujeito, encontra-se em conformidade com as normas sociais e manter a ordem é algo muito importante. Há a pressão do social sobre o indivíduo e a boa conduta é a que agrada ou ajuda os outros e é aprovada por eles. Há, nesse sujeito, grande respeito pela autoridade, por regras fixas e pela manutenção da ordem social. Por tais fatos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S18M12

Dilema 1

Heinz já tentou todos os meios legais para obter o remédio e não conseguiu, portanto, a única solução é roubá-lo. Porém, não deve se submeter ao roubo caso não ame sua mulher e, muito menos, para ajudar a um estranho. Devemos ajudar as pessoas desde que estejamos dentro da lei. O ato de Heinz é ilegal, mas não é moralmente errado. As leis foram feitas para serem cumpridas. O policial não deve denunciar Heinz porque ele conhece a sua história e sabe qual foi a sua intenção ao roubar o medicamento. As pessoas que infringem leis devem ser punidas para que possamos viver bem em sociedade. O caso de Heinz é diferente do caso de um ladrão que rouba para enriquecer-se.

Dilema 2

Louise não deve delatar a irmã à sua mãe porque Judy economizou o seu dinheiro e não dependeu de sua mãe para ir ao show. Uma promessa não deve ser cumprida a uma pessoa que não veremos mais. É importante haver sinceridade entre uma mãe e uma filha e a mãe é sempre certa numa discussão. Joe deve dar o dinheiro ao pai porque o pai o criou desde criança. O pai tem o direito de pedir o dinheiro ao filho porque ele é pai. Promessa é dívida e deve ser cumprida.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher porque ela pediu e está sofrendo muito. O marido deve opinar na decisão da mulher porque ele, como esposo, exerce “controle” sobre a mulher. Ela tem o direito de querer a morte, pois é

ela quem sente a dor. As leis devem ser obedecidas porque se pode sofrer conseqüências com essa desobediência. Dr. Rogers deve denunciar o amigo porque é contra a lei dar a droga, porém o juiz deve levar em consideração no julgamento do médico que ele é “um homem de bem” e que só violou a lei para aliviar a dor da mulher.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S18M12

É muito claro nas considerações do sujeito que a boa conduta é a que agrada ou ajuda os outros e é aprovada por eles. Há a orientação para uma conduta estereotipada e as boas intenções são muito importantes. O sujeito demonstra respeito pela autoridade, por regras fixas e pela manutenção da ordem social. Este sujeito encontra-se no estágio 3 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S19M13

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S20M13

Dilema 1

Heinz deve roubar o remédio porque a mulher corre risco de morte e deve furtá-lo mesmo que não a ame, porém não deve roubar para um estranho porque ele não sabe se esse estranho é uma pessoa de boa índole ou não. O furto é errado, é crime, porém Heinz necessitava de cometer esse ato para salvar a vida de sua mulher. Devemos obedecer às leis, sempre, para não sofrermos conseqüências. O policial não deve denunciar Heinz porque ele sabe do seu dilema. Heinz não deve ser punido porque não estava furtando para comprar drogas.

Dilema 2

Louise deve contar que sua irmã foi ao show porque não podemos esconder nada dos nossos pais e, assim, Louise garante atenção e o respeito de sua mãe. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque o pai prometeu que ele iria ao acampamento e não cumpriu com sua promessa. Um filho deve fazer, sempre, o gosto do pai. Uma promessa sempre deve ser cumprida para um filho e pai deve fazer de tudo para que Joe seja feliz.

Dilema 3

O certo é não dar a droga à mulher, porém ela está sofrendo demais para continuar vivendo. O marido deve rezar muito pela sua esposa e deve ficar sempre ao seu lado. A mulher tem o direito de decidir o que fazer de sua vida. Dr. Rogers não deve denunciar o amigo porque ele sabe qual foi a intenção do médico ao praticar a eutanásia. O juiz não deve punir Dr. Jefferson e, dependendo da intenção com que se violou uma lei, as pessoas não deveriam ser punidas.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S20M13

O indivíduo é capaz de ter em conta não só a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. A conduta correta consiste em realizar o próprio dever, mostrando grande respeito pela autoridade e pela ordem social estabelecida para o bem de todos. Há um imenso respeito pela autoridade, por regras fixas e pela manutenção da ordem social. Um ato infracionário é julgado por meio da intenção do infrator e não por meio da conseqüência desse ato. Este sujeito encontra-se inserido no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S21M13

Dilema 1

Heinz deve furtar o remédio porque a mulher está à beira da morte. Devemos ajudar as pessoas, mesmo que não a conheçamos, porque é sempre muito importante ajudar o próximo. O ato de Heinz não é imoral porque ele ajudou a salvar a vida de um ser humano e, também, porque ele não roubou para ficar rico, ele roubou para salvar uma vida. É necessário obedecermos as leis para não sermos presos. O policial Brown, amigo de Heinz, deve fazer de conta que não viu o amigo correndo perto da farmácia porque ele é amigo de Heinz. Ao ser julgado, Heinz deveria prestar serviços à comunidade, sem receber remuneração, porque ele não roubou por “safadeza”.

Dilema 2

A irmã mais velha não deve contar nada para a mãe sobre a desobediência da irmã mais nova porque ela trabalhou para conseguir o dinheiro para ir ao show e também porque a mãe lhe havia prometido que iria. Não é necessário cumprir uma promessa a um desconhecido. A mãe deve saber que magoou a filha com o descumprimento da promessa, porém, deve ser a autoridade máxima na família, assim como o pai. Joe deve negar o dinheiro ao pai porque trabalhou para consegui-lo. Contudo, o pai o verá como um bom filho se ele lhe

der o dinheiro e isso é importante, mesmo que o pai tenha descumprido uma promessa. O pai também deve ser autoridade máxima na família e o filho deve respeitar as suas vontades até completar 18 anos.

Dilema 3

O médico deve dar a droga à mulher e a decisão final, nesse caso, deve ser dela mesma porque ela é maior de idade. O marido deve respeitar e acatar a sua decisão. O ato do médico está moralmente certo porque a mulher já não agüentava mais de tanta dor. É importante obedecermos às leis para não irmos presos. Dr. Rogers deve fingir que não viu o que o Dr. Jefferson fez porque a mulher pediu para ele lhe dar a droga. As pessoas que infringem leis para o mal devem ser punidas, porém, as que infringem leis para o bem, não.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S21M13

Para o sujeito, a base da moralidade é a conformidade com as normas sociais e manter a ordem é algo muito importante. A ação moral encontra-se no comportamento correto, há a pressão do social sobre o indivíduo. A boa conduta, para esse sujeito, é a que agrada à autoridade, pois há a busca da aprovação da mesma. O sujeito julga um ato a partir da intenção do infrator e não da sua conseqüência. Por tais constatações, este sujeito encontra-se inserido no estágio 3 da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S22M12

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S23F13

Dilema 1

Se Heinz realmente ama sua mulher, ele deve fazer este enorme sacrifício por ela e deve roubar o medicamento. Porém, se ele não a ama, não o deve fazer, contudo, devemos tentar ajudar as pessoas que precisam. O ato de Heinz é contra a lei, mas nesse caso, a lei deve ser desobedecida. O policial deve cumprir com a lei sempre, porém, no caso de Heinz, não deve denunciá-lo, pois, ao colocar-se no lugar do infrator, faria o mesmo. Portanto, um juiz deve libertá-lo para que ele possa cuidar da sua mulher e nem todos que infringem uma lei devem ser punidos.

Dilema 2

Louise deve contar a desobediência de Judy à sua mãe, porque a irmã mais nova fez uma coisa muito errada. Com este ato, Louise torna-se uma filha melhor aos olhos da mãe. Deve-se cumprir uma promessa, porém, não é necessário esse cumprimento a um desconhecido. “Mãe é tudo”, por isso, deve-se obediência a ela em quaisquer circunstâncias. Joe não deve negar o dinheiro ao pai porque tudo o que Joe precisa o pai dá. O pai, com certeza, iria gostar muito mais de Joe com essa atitude, porque o filho seria muito “obediente”. Um filho deve a máxima obediência ao pai até morar junto com a família.

Dilema 3

É certo dar a dose excessiva de morfina à mulher para matá-la porque ela está sofrendo muito. O marido da mulher, nessa situação, deve ajuda-la nessa decisão, pois ele deve ser um segundo pai na vida de sua mulher, porém, a decisão final deve ser dela, pois ela tem o direito de querer viver ou morrer, já que está sentindo muitas dores. Deve-se fazer de tudo para ajudar as pessoas que precisam e para obedecer as leis, mas, nesse caso, o médico optou por ajudar a mulher, dando o medicamento que a mataria. Dr. Rogers não deve entregar o amigo porque a mulher estava sofrendo muito e ele a ajudou a sanar com sua dor. Um juiz deve deixar Dr. Jefferson livre porque ele teve uma boa intenção ao participar da prática da eutanásia.

Interpretação do nível de raciocínio moral de S23F13

O sujeito procura viver de acordo com o que as pessoas que o cercam esperam de um bom filho, um bom amigo, um bom irmão. Há a necessidade de ser uma pessoa boa aos olhos dos demais, por isso, surge o desejo de manter as regras estabelecidas pela autoridade. O sujeito relaciona pontos de vista pondo-se no lugar do outro. A moralidade, para o indivíduo, ultrapassa os laços pessoais e se relaciona com as leis, que não devem ser desobedecidas

as, porém pode haver o choque das mesmas com outras regras morais. Por tais fatos, este sujeito encontra-se numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Identificação do sujeito: S24M13

Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

Identificação do sujeito: S25M12 Este sujeito faltou nos dias da aplicação do pós-teste e, portanto, não terá seus depoimentos analisados.

4.4 Apresentação e discussão dos dados

4.4.1 Pré-teste e pós-teste na Classe Experimental

Tabela 03: Sujeito X Estágio evolutivo do raciocínio moral na Classe Experimental – pré-teste

Nível de raciocínio moral	Estágio do desenvolvimento moral	Sujeitos	Total
Pré-convencional	Estágio 01	S24M12/13	01
	Transição entre o estágio 01 e 02	_____	
	Estágio 02	_____	
Transição entre o nível pré-convencional e o convencional	Transição entre o estágio 02 e 03	S1M12/13, S3F12/13, S4F12/13, S6M12/13, S11F12/13, S12M13/13, S14F13/14, S15M12/13, S20M12/13, S21F12/13, S23F12/13	11
Convencional	Estágio 03	S18M13/14, S22F12/13, S25F12/13, S27F13/13	04
	Transição entre o estágio 3 e 4	S8M12/13, S9F12/13, S17F13/13	03
	Estágio 04	S16F12/13, S19F12/13, S26M12/13	03

Tabela 03A: Sujeito X Estágio evolutivo do raciocínio moral na Classe Experimental – pós-teste

Nível de raciocínio moral	Estágio do desenvolvimento moral	Sujeitos	Total
Pré-convencional	Estágio 01	_____	
	Transição entre o estágio 01 e 02	_____	
	Estágio 02	S24M12/13	01
Transição entre o nível pré-convencional e o convencional	Transição entre o estágio 02 e 03	S3F12/13, S12M13/13, S20M12/13, S23F12/13	04
Convencional	Estágio 03	S1M12/13, S11F12/13	02
	Transição entre o estágio 3 e 4	S4F12/13, S6M12/13, S9F12/13, S14F13/14, S15M12/13, S21F12/13, S27F13/13	07
	Estágio 04	S8M12/13, S16F12/13, S17F13/13, S18M13/14, S19F12/13, S22F12/13, S25F12/13, S26M12/13	08

De acordo com as respostas de S1M12/13, este sujeito procura satisfazer os seus próprios interesses ou os interesses das pessoas as quais ele possui afeto quando obedece a uma regra. É muito forte, também, em todas as suas declarações, a preocupação com o olhar do outro nas suas atitudes, principalmente quando é a autoridade que está a olhar (moral do

bom garoto). De acordo com as respostas desse sujeito, a moralidade sempre está governada por regras externas. No pré-teste, o sujeito vê a reciprocidade enquanto moeda de torça e acredita na igualdade das permutas. Esse pensamento desaparece durante a aplicação do pós-teste, porém ainda acredita que o julgamento correto é o que agrada aos que estão ao seu redor, principalmente, à autoridade. Portanto, este sujeito apresentou evolução qualitativa no nível de raciocínio moral, que durante o pré-teste encontrava-se numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 e agora, apresenta-se no estágio 3 da teoria do desenvolvimento do raciocínio moral em Kohlberg. No pré e no pós-teste, S3F12/13 demonstra-se individualista, privilegiando, sempre o direito à vida, desde que seja a vida de alguém a quem possui afetividade. O sujeito atua, em todas as suas declarações apenas no sentido de defender os seus próprios interesses e necessidades, porém suas relações, principalmente com a autoridade, estão permeadas por laços de gratidão e confiança. Este sujeito não demonstrou evolução qualitativa no nível de seu raciocínio moral. Além desse dado, é necessário ressaltar que este sujeito só se manifestava, durante a intervenção pedagógica quando era indagado pela professora-pesquisadora.

Durante o pré-teste, S4F12/13, apresentava-se extremamente individualista e egocêntrico, pois a ação correta, de acordo com suas respostas, era a que satisfazia apenas a sua necessidade, e algumas vezes, a necessidade das pessoas as quais ele possuía afetividade. A reciprocidade, para este indivíduo, era entendida como uma moeda de troca, em que se fazia algo por alguém, esta pessoa tinha a obrigação de fazê-lo por ele. Porém, no pós-teste, o sujeito enfatiza a sua necessidade de encontrar-se em conformidade com as normas sociais, porém demonstra muita preocupação com a opinião da autoridade perante um ato. Este sujeito demonstrou evolução no seu nível de raciocínio moral, pois, no pré-teste julga de acordo com o que está prescrito nos estágios 2 e 3 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg e no pós-teste apresenta julgamentos referentes ao estágio 3 e 4 da mesma teoria. Nas respostas dadas ao pré-teste, S6M12/13 demonstrou-se extremamente individualista ao excluir de seu interesse particular a vida de um estranho, porém acreditava na reciprocidade enquanto moeda de troca. Havia, também, a preocupação com a boa conduta perante os outros (moral do bom garoto). Entretanto, no pós-teste, a maioria das suas respostas demonstrou que estar correto perante uma situação é estar de acordo com as normas sociais, e é necessário cumprir a lei para garantir a ordem social, porém, também é evidente a preocupação para com o olhar do outro, da autoridade. Portanto, houve evolução qualitativa no nível de raciocínio moral deste sujeito que julgava de acordo com o que prescreve o estágio 2 e 3 e agora, no pós-teste julga de acordo com o estágio 3 e 4.

Em algumas das respostas de S8M12/13, havia a preocupação com o olhar do outro perante as suas atitudes, porém, o sujeito enfatizava em suas respostas a preocupação com a manutenção da ordem social, que só seria conseguida com o cumprimento de leis e de deveres. No pós-teste, a preocupação com o olhar do outro se torna imperceptível, pois a moralidade, para esse indivíduo sobrepõe os laços pessoais e se relaciona com as leis que devem ser obedecidas. Houve uma evolução qualitativa no nível de raciocínio deste sujeito, pois o sujeito julgava de acordo com o estágio 3 e 4 da teoria de Kohlberg e, no pós-teste, julga de acordo com o estágio 4.

Durante o pré-teste, S9F12/13 procura julgar sempre por meio da responsabilidade subjetiva, em que se leva em conta não só a consequência de um ato, mas também a ação do infrator. Há a preocupação com a aprovação da autoridade perante suas atitudes, para a manutenção da ordem. No pós-teste, há o respeito pela autoridade, há a preocupação com o que a autoridade possa pensar a respeito de um ato cometido pelo infrator, porém deve-se estar de acordo com as leis para podermos manter a ordem social. Não houve evolução qualitativa no raciocínio moral do sujeito

Nas respostas dadas por S11F12/13, durante o pré-teste é evidente a consideração da reciprocidade como moeda de troca, pois o sujeito acredita piamente na equidade das permutas e as normas estabelecidas pela autoridade sempre devem ser acatadas para ser aceito aos olhos das pessoas. No pós-teste, não há nenhuma resposta referente à equidade das permutas enquanto condição para que haja a reciprocidade, porém, a busca pela aprovação dos demais é evidente na maioria das falas do sujeito, que enfatiza essa busca quando diz que nas relações deve haver sentimentos de gratidão e confiança. Houve evolução qualitativa do sujeito, que julgava de acordo com os estágios 2 e 3 da teoria de Kohlberg e agora julga de acordo com o estágio 3.

S12M13/13 acredita na reciprocidade pragmática das coisas e na equidade das permutas, em que se alguém faz algo por ele, ele o deve fazer por este alguém e a boa conduta é a que agrada aos seus pais. No pós-teste, este sujeito esclarece que, nas suas relações, principalmente com a autoridade, é importante que haja o sentimento de gratidão e de lealdade, porém ainda há a crença na equidade das permutas enquanto reciprocidade. Não houve evolução qualitativa.

No pré-teste, S14F13/14 evidencia, em suas respostas, a crença na Justiça Imanente, na reciprocidade enquanto moeda de troca e na determinação da pena de morte, enquanto meio eficaz para uma punição (crença na Lei de Talião). Porém, durante as respostas do pós-teste, este sujeito, embora continue acreditando na Justiça Imanente, defende

o cumprimento de deveres e obrigações para a preservação da ordem social vigente. Há o sentimento de lealdade e gratidão na sua relação com a autoridade, entretanto, a moralidade sobrepassa os laços pessoais e se relaciona com as leis. Houve evolução qualitativa do nível de raciocínio moral deste indivíduo, que passou do estágio 2 e 3 e começou a julgar de acordo com o estágio 3 e 4 da teoria de Kohlberg. Este sujeito apresentou-se muito atuante durante o período de intervenção pedagógica, assim como S15M12/13 que, durante o pré-teste, evidencia, em suas respostas a sanção expiatória como forma de punição eficaz, pois a moralidade, para o indivíduo está governada por regras externas e tudo o que pode acarretar uma punição é considerado errado. Porém, a ação correta é a que agrada aos outros a quem o indivíduo possui afetividade. É importante que a autoridade olhe para este indivíduo com bons olhos. Já, no pós-teste, o sujeito evidencia sua crença na Justiça Imanente (o que não apareceu no pré-teste, porém, evidenciou-se demasiadamente nas falas do sujeito durante a intervenção pedagógica) e a necessidade de estar bem aos olhos dos demais. As leis para este indivíduo devem ser cumpridas, ao menos que entrem em conflito com outras regras morais. Houve evolução qualitativa no raciocínio deste indivíduo do estágio 2 e 3 para o estágio 3 e 4.

Tanto no pré quanto no pós-teste, S16F12/13 demonstra que a conduta correta consiste em realizar o próprio dever, respeitando a autoridade e mantendo a ordem social. Embora cite a reciprocidade como moeda de troca, e se preocupa com a forma que a autoridade o verá, a maioria de suas respostas indica que o sujeito procura cumprir deveres com os quais esteja comprometido e as leis devem ser mantidas sempre. Não houve evolução qualitativa no nível do raciocínio moral, que se encontra no estágio 4. No pré-teste, S17F13/13 evidencia a moral do bom garoto em seu discurso, pois se preocupa demasiadamente com a aprovação dos demais quando age. Porém, admite que as leis devem ser respeitadas e cumpridas para que a ordem social seja estabelecida. Já no pós-teste, o sujeito infere que ser bom tem a ver com contribuir com a sociedade ou com o grupo em que se está inserido. Portanto, houve evolução qualitativa nas respostas dadas por esse sujeito que respondia de acordo com o estágio 3 e 4 e, agora, responde de acordo com o raciocínio do estágio 4.

No pré-teste, S18M13/14 privilegia sempre o princípio da vida, em quaisquer situações. Porém, a vida de alguém o qual o sujeito possui afeto é mais valorosa do que a de outro sujeito, o qual não possua afetividade. O sujeito mostra-se capaz de ter em conta perspectivas de duas pessoas diferentes, juntamente com a das leis sociais. No pós-teste, o sujeito demonstra, em suas repostas que as leis são necessárias para a manutenção da ordem

social e que é necessário que tenhamos respeito por elas e pela autoridade. O sujeito apresentou uma evolução qualitativa nas suas respostas do estágio 3 para o estágio 4.

S19F12/13, tanto no pré-teste quanto no pós-teste, o sujeito sempre leva em consideração para julgar um ato, a intenção do infrator. As leis devem ser sempre mantidas, exceto em casos extremos, em que entram em choque outras regras morais. Portanto, a justiça não é mais uma relação entre os indivíduos e sim entre os indivíduos e o sistema. Não houve evolução no nível de raciocínio deste indivíduo, que se encontra inserido no que prescreve o estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Se uma ação é punida para S20M13/14, está errada e se não é punida está certa. O comportamento certo é o que agrada aos outros. No pré-teste, o sujeito defende a lei de Talião como forma eficaz de punição. No pós-teste, o sujeito acredita na reciprocidade enquanto moeda de troca, quer dizer, na igualdade das permutas e a ação moral está de acordo com o que espera a autoridade. Portanto, não houve evolução qualitativa do nível de raciocínio moral deste sujeito, que se encontra numa fase de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria de Kohlberg. No pré-teste, S21F12/13 mostra-se individualista dizendo que não devemos violar uma lei para salvar a vida de quem não possuímos afeto. A ação correta, para esse sujeito, é a que satisfaz as próprias necessidades. O sujeito defende os próprios interesses e espera que as outras pessoas façam o mesmo, acreditando, assim, na reciprocidade enquanto moeda de troca. Porém, o sujeito busca a aprovação da autoridade para seus atos. Os mesmos princípios são defendidos pelo sujeito durante as respostas dadas no pós-teste, porém, este sujeito não vê mais a reciprocidade enquanto moeda de trocas e não acredita na igualdade das permutas. Portanto, houve evolução qualitativa no raciocínio deste sujeito que deixou de analisar de acordo com o estágio 2 e 3 e passou a analisar de acordo com o estágio 3 e 4 da teoria do julgamento moral de Kohlberg.

No pré-teste, S22F12/13 concebe que a ordem social deve ser estabelecida por meio do poder da autoridade e se o conflito é com a autoridade, sua ordem deve ser mantida. Portanto, há a preocupação em agradar a autoridade. Durante o pós-teste, o discurso do sujeito toma outro rumo ao julgar um ato. Embora este sujeito demonstre individualismo ao estabelecer uma escala de valores ao referir-se à vida de um ser humano, o sujeito, ao julgar, assume o ponto de vista do sistema, que define papéis e regras, considerando as relações interpessoais dos indivíduos como parte do sistema. Portanto, houve evolução nas respostas dadas pelo sujeito do estágio 3 para o estágio 4. S23F12/13 acredita na equidade das permutas e entende a reciprocidade enquanto moeda de troca, tanto no pré quanto no pós-teste. É necessário, para este sujeito, ser uma boa pessoa, demonstrar respeito e gratidão pela

autoridade. Esse raciocínio permeou as suas respostas tanto no pré quanto no pós-teste e se encaixa no que prescreve a fase de transição entre os estágios 2 e 3 da teoria de Kohlberg. O sujeito merece destaque na atuação durante as plenárias de discussão no período de intervenção pedagógica.

S24M12/13 julgou o tempo todo, durante o pré-teste, com a responsabilidade objetiva, pois o sujeito só leva em consideração a consequência de um ato e nunca a intenção do infrator ao cometê-lo. Se uma ação é punida, está errada e se uma ação não é punida, está certa. Já, no pós-teste, o sujeito começa a admitir a reciprocidade enquanto moeda de troca. Portanto, houve uma evolução qualitativa no nível do raciocínio moral deste sujeito do estágio 1 para o estágio 2. No pré-teste, em quase todas as justificativas de S25F12/13, este sujeito entende a reciprocidade enquanto moeda de troca e há a preocupação em agradar a todos com suas atitudes. Porém, no pós-teste, para este sujeito, a ação correta continua sendo a que está de acordo com o que é bem visto pelas outras pessoas, porém, nas suas justificativas, percebe-se que o bem está em contribuir para com a sociedade e as leis devem ser sempre respeitadas, exceto quando entram em choque com outras regras morais. Houve uma evolução qualitativa no nível do raciocínio moral deste sujeito, que raciocinava de acordo com o que prescreve o estágio 3 e passou a raciocinar de acordo com o estágio 4. Este sujeito também foi muito questionador e apresentou-se muito atuante nos dias em que haviam as plenárias de discussão, assim como S26M12/13 que, no pré e no pós-teste, leva em consideração a intenção de um infrator ao infringir uma lei ou uma regra. Porém, é necessário cumprir as leis para a manutenção da ordem social, para isso, a punição se torna necessária. O bem, para este sujeito, está em contribuir com a sociedade. Não apresentou evolução e encontra-se no estágio 4 da teoria de Kohlberg. S27F13/13 apresenta-se egocêntrico e a ordem social deve ser mantida, para esse sujeito, por meio do medo da punição e por meio do medo da autoridade. Sujeitos que violam as leis devem ser punidos e deve-se atribuir como sentença a lei de Talião a um sujeito que tira a vida de outro por maldade. No pós-teste, embora o sujeito continue a acreditar que o bem é o que agrada às pessoas, o sujeito identifica a base da moralidade no que no que está de acordo com as normas sociais. Houve uma evolução qualitativa no raciocínio deste sujeito que julgava de acordo com o estágio 3 e, agora, julga de acordo com a fase de transição entre o estágio 3 e o 4. Este sujeito apresentou-se muito atuante nas discussões morais.

4.4.2 Pré-teste e pós-teste na Classe de Controle

Tabela 04: Sujeito X Estágio evolutivo do nível do raciocínio moral na Classe de Controle – pré-teste

Nível de raciocínio moral	Estágio do desenvolvimento moral	Sujeitos	Total
Pré-convencional	Estágio 01		
	Transição entre o estágio 01 e 02	S1F12/13, S2M12/13, S16M12/13	03
	Estágio 02	S3M12/13	01
Transição entre o nível pré-convencional e o convencional	Transição entre o estágio 02 e 03	S5F12/13, S21M12/13	02
Convencional	Estágio 03	S18M12/12	01
	Transição entre o estágio 3 e 4	S4F13/13, S8F13/13, S15F12/13, S17M13/13, S23F12/13	05
	Estágio 04	S6F12/13, S10M12/13, S11F12/13, S20M12/13	04

Tabela 04A: Sujeito X Estágio evolutivo do nível do raciocínio moral na Classe de Controle – pós-teste

Nível de raciocínio moral	Estágio do desenvolvimento moral	Sujeitos	Total
Pré-convencional	Estágio 01		
	Transição entre o estágio 01 e 02	S1F12/13, S2M12/13, S16M12/13	03
	Estágio 02	S3M12/13	01
Transição entre o nível pré-convencional e o convencional	Transição entre o estágio 02 e 03	S5F12/13	01
Convencional	Estágio 03	S18M12/12, S21M12/13	02
	Transição entre o estágio 3 e 4	S4F13/13, S8F13/13, S17M13/13, S23F12/13	04
	Estágio 04	S6F12/13, S10M12/13, S11M12/13, S15F12/13, S20M12/13	05

Durante as respostas no pré-teste, S1F12/13 demonstrou-se extremamente egocêntrico, não consegue enxergar a intenção de alguém que viola uma lei, pois se preocupa, somente com a consequência que essa violação trouxe. Uma ordem dada pela autoridade deve ser sempre cumprida sem questionamentos e é necessário que acreditemos na igualdade das permutas ao agir, pois, se faço algo por alguém, segundo o sujeito, este alguém o fará por mim. Este mesmo raciocínio acompanha o sujeito durante a aplicação do pós-teste, portanto, não houve evolução qualitativa no seu raciocínio moral, que permanece na fase de transição entre os estágios 1 e 2. O mesmo acontece com S2M13/13, que também tem um ponto de vista egocêntrico e vê a manutenção da ordem social estabelecida somente por meio da

punição. O sujeito acredita na reciprocidade enquanto moeda de troca, tanto no pré-teste quanto no pós-teste. Portanto, não houve evolução qualitativa do raciocínio moral deste sujeito, que continua a julgar de acordo com os estágios 1 e 2 da teoria do julgamento moral de Kohlberg.

Para S3F12/13, a ação correta é a que satisfaz as próprias necessidades, tanto no pré quanto no pós-teste. Seu ponto de vista é sempre egocêntrico nas respostas dadas e a reciprocidade é vista como uma moeda de trocas, porque o sujeito acredita na igualdade das permutas. Este sujeito encontra no estágio 2 do desenvolvimento moral de Kohlberg. S4F13/13, durante o pré e o pós-teste, assume, sempre, sempre a perspectiva da autoridade, que está sempre certa, pois o sujeito preocupa-se muito em agradar a autoridade. Houve também a busca pela aprovação dos demais, porém, o sujeito já concebe a base da moralidade na conformidade com as normas sociais. Por tais fatores, podemos dizer que não houve evolução no raciocínio moral deste sujeito que permanece numa fase de transição entre os estágios 3 e 4. Tanto no pré-teste quanto no pós-teste, S5F12/13 procura ser uma pessoa leal, colaboradora e agradável aos olhos dos outros, porque há a busca da aprovação dos demais, principalmente da autoridade. Nas falas do sujeito, vê-se que as relações devem ser permeadas por gratidão, lealdade e confiança. Dessa forma, percebe-se que não houve evolução no nível de raciocínio desse sujeito, pois todas as respostas, tanto do pré quanto do pós-teste pertencem à fase de transição entre os níveis 2 e 3 da teoria de Kohlberg.

No pré e no pós-teste, a lei deve ser sempre mantida, exceto em casos extremos, em que esta lei entra em conflito com outras regras sociais existentes para S6F12/13, pois o sujeito tem a capacidade de assumir não só a perspectiva das pessoas que o rodeiam, mas também a das leis sociais. Portanto, como não houve evolução no nível de raciocínio desse sujeito, ele permanece no estágio 4.

S8F13/13 se preocupa sempre com a aprovação dos demais com suas atitudes, por isso, há a orientação para uma conduta estereotipada nas relações desse sujeito. Portanto, há a pressão do social sobre as atitudes do indivíduo. As respostas desse sujeito, tanto no pré quanto no pós-teste está concentrada no que chamamos de transição entre os estágios 3 e 4 do desenvolvimento da moralidade de Kohlberg. S10M12/13, tanto no pré-teste quanto no pós-teste, é capaz de ter em conta a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais para julgar um fato. O sujeito defende os seus interesses e necessidades, porém, espera que o outro faça o mesmo para a manutenção da ordem social, pois a ação moral correta está de acordo com o que se prescreve na lei. O sujeito não apresentou mudança qualitativa no nível de raciocínio das respostas dadas, permanecendo, assim, no estágio 4. O mesmo aconteceu

com S11F12/13 que julga os atos de acordo com os seus princípios de consciência e não de acordo com o que é convencionado pela lei, que deve ser mantida sempre, exceto em casos em que esta entra em conflito com outras regras sociais vigentes. Portanto, também, não apresentou evolução no nível de seu raciocínio e encontra-se, ainda, no estágio 4 da teoria de Kohlberg.

Para S15F12/13, a justiça não é mais uma questão de relações entre os indivíduos, mas entre os indivíduos e o sistema, porém, faz questão de que suas relações interpessoais sejam pautadas em sentimentos de gratidão, lealdade e confiança. No pós-teste, o sujeito apresenta respeito pela autoridade, porém, sem demonstrar submissão à mesma e os sentimentos não são mencionados nas relações interpessoais. Por tais fatores, entende-se que este sujeito passou da fase de transição entre os estágios 3 e 4 para o estágio 4 da teoria do raciocínio moral de Kohlberg. Tanto no pré quanto no pós-teste, S16M12/13 demonstra-se individualista e egocêntrico e a ordem social é concebida por meio do medo da autoridade ou por medo da punição. O sujeito admite a cooperação entre pares desde que se faz algo por alguém, este alguém o deve fazer o mesmo. Portanto, não houve evolução qualitativa no nível de raciocínio moral desse sujeito que se encontra numa fase de transição entre os estágios 1 e 2. S17M13/13 não apresentou evolução no nível de seu raciocínio, porque, tanto no pré quanto no pós-teste, seus julgamentos apresentaram características pertencentes à fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria de Kohlberg, tendo em vista que há a pressão do social sobre o sujeito e há a busca da aprovação de sua atitude pelos demais. Porém, a moralidade encontra-se em conformidade com as normas sociais e manter a ordem é muito importante para se viver em sociedade.

No pré-teste, S18M12/12 julga, preocupando-se com as relações de gratidão, lealdade e confiança com relação ao outro, embora admita que as pessoas tenham que cumprir com seus deveres e obrigações perante a lei e acredite na lei de Talião como forma eficaz de punição. No pós-teste, este sujeito continua se preocupando em agradar às pessoas com suas atitudes, demonstra respeito pela autoridade, por normas fixas e pela manutenção da ordem social. Dessa forma, podemos dizer que não houve evolução no nível de raciocínio desse sujeito que age de acordo com o estágio 3 da teoria do desenvolvimento do raciocínio moral de Kohlberg. Para S20M12/13, tanto no pré quanto no pós-teste, sempre se deve cumprir o dever e a justiça não é mais uma questão de relações entre indivíduos, mas entre o indivíduo e o sistema. O sujeito é capaz de ter em conta não só a perspectiva de duas pessoas, mas também a das leis sociais. Um ato infracionário é julgado por meio da intenção do infrator e não por meio da consequência desse ato. Nesse sentido, não houve evolução do nível de

raciocínio moral desse sujeito, que permanece no estágio 4 da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

No pré-teste, S21M12/13 acredita na equidade das permutas, havendo uma reciprocidade pragmática e concreta, em seu discurso, de que se faça algo por outra pessoa, essa pessoa fará por mim. O sujeito até admite a existência da cooperação, porém desde que cada um faça a sua parte e defende sempre os próprios interesses e necessidades e deseja que o outro faça o mesmo, percebendo, dessa forma, que todos têm interesses a conquistar e há a preocupação em agradar os demais. Já, no pós-teste, a base da moralidade é a conformidade com as normas sociais e manter a ordem é algo muito importante. A ação moral encontra-se no comportamento correto, há a pressão do social sobre o indivíduo. A boa conduta, para esse sujeito, é a que agrada à autoridade, pois há a busca da aprovação da mesma. Dessa forma, percebe-se que houve uma evolução qualitativa nas respostas desse sujeito que deixou de julgar de acordo com a fase de transição entre o estágio 2 e 3 da teoria de Kohlberg e passou a julgar de acordo com o estágio 3.

S23F12/13 não apresentou diferença qualitativa no nível de raciocínio moral. Tanto no pré quanto no pós-teste, este sujeito busca a aprovação da autoridade e procura ser sempre uma pessoa grata à mesma, há a necessidade de ser uma pessoa boa aos olhos dos demais, por isso, surge o desejo de manter as regras estabelecidas pela autoridade, porém, em alguns casos, a moralidade sobrepassa os laços pessoais e se relaciona com as leis, que não devem ser desobedecidas para poder manter a ordem social. Por tais fatores, este sujeito encontra-se, tanto no pré quanto no pós-teste numa fase de transição entre os estágios 3 e 4 da teoria do raciocínio moral de Kohlberg.

4.5 Dados comparativos entre os resultados obtidos no pré e no pós-teste
4.5.1 Classe Experimental

Tabela 05: Sujeito X estágio evolutivo no pré-teste X estágio evolutivo no pós-teste na Classe Experimental

Sujeito	Estágio evolutivo no pré-teste	Estágio evolutivo no pós-teste	Resultado
S1M12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 3	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S3F12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 2 e 3	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S4F12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 3 e 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S6M12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 3 e 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S8M12/13	Transição entre o estágio 3 e 4	Estágio 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S9F12/13	Transição entre o estágio 3 e 4	Transição entre o estágio 3 e 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S11F12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Estágio 3	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S12M13/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 2 e 3	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S14F13/14	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 3 e 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S15M12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 3 e 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S16F12/13	Estágio 4	Estágio 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S17F13/13	Transição entre o estágio 3 e 4	Estágio 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S18M13/14	Estágio 3	Estágio 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S19F12/13	Estágio 4	Estágio 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S20M12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 2 e 3	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S21F12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 3 e 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S22F12/13	Estágio 3	Estágio 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S23F12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 2 e 3	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S24M12/13	Estágio 1	Estágio 2	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S25F12/13	Estágio 3	Estágio 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito
S26M12/13	Estágio 4	Estágio 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S27F13/13	Estágio 3	Transição entre o estágio 3 e 4	Houve evolução no raciocínio moral do sujeito

4.5.2 Classe de Controle

Tabela 06: Sujeito X estágio evolutivo no pré-teste X estágio evolutivo no pós-teste na Classe de Controle

Sujeito	Estágio evolutivo no pré-teste	Estágio evolutivo no pós-teste	Resultados
S1F12/13	Estágio 1 e 2	Transição entre o estágio 1 e 2	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S2M13/13	Estágio 1 e 2	Transição entre o estágio 1 e 2	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S3M12/13	Estágio 2	Estágio 2	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S4F13/13	Estágio 3 e 4	Transição entre o estágio 3 e 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S5F12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Transição entre o estágio 2 e 3	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S6F12/13	Estágio 4	Estágio 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S8F13/13	Transição entre o estágio 3 e 4	Transição entre o estágio 3 e 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S10M12/13	Estágio 4	Estágio 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S11F12/13	Estágio 4	Estágio 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S15F12/13	Transição entre o estágio 3 e 4	Estágio 4	Houve evolução no nível do raciocínio moral do sujeito
S16M12/13	Transição entre o estágio 1 e 2	Transição entre o estágio 1 e 2	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S17M13/13	Transição entre o estágio 3 e 4	Transição entre o estágio 3 e 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S18M12/12	Estágio 3	Transição entre o estágio 3	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S20M12/13	Estágio 4	Estágio 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo
S21M12/13	Transição entre o estágio 2 e 3	Estágio 3	Houve evolução no nível do raciocínio moral do sujeito
S23M12/13	Transição entre o estágio 3 e 4	Transição entre o estágio 3 e 4	Permaneceu no mesmo estágio evolutivo

De acordo com os resultados obtidos, tanto na análise do pré-teste quanto na análise do pós-teste, percebe-se que, na Classe Experimental, dos 22 sujeitos que participaram tanto do pré quanto do pós-teste, 14 apresentaram evolução no seu raciocínio moral e 8 permaneceram no mesmo nível em que estavam no pré-teste, de acordo com as respostas dadas aos dilemas de Kohlberg. Durante o pré-teste, na Classe Experimental, havia 01 sujeito que se encontrava no nível Pré-Convencional, 11 sujeitos que estavam na fase de Transição entre o nível Pré-convencional e o Convencional e 10 sujeitos que se encontravam no nível Convencional. Já no pós-teste, o sujeito que inicialmente se encontrava no nível Pré-Convencional, permaneceu no mesmo, porém com uma evolução qualitativa de raciocínio entre os estágios desse nível (passou do estágio 01 para o estágio 02). Na fase de transição

entre o Nível Pré-Convencional e o Nível Convencional, encontramos 04 sujeitos e no Nível Convencional, temos, agora, 17 sujeitos. Dessa forma, percebe-se a evolução qualitativa de 14 sujeitos que participaram da Classe Experimental, o que corresponde a 63,63% dos sujeitos.

Na Classe de Controle, dos 16 sujeitos que responderam ao pré e o pós-teste, encontramos, durante o pré-teste, 04 sujeitos pertencentes ao nível Pré-Convencional quanto ao raciocínio moral, 02 sujeitos se encontravam numa fase de transição entre o nível Pré-Convencional e o Convencional e 10 sujeitos faziam parte do Nível Convencional quanto ao raciocínio moral. Durante o pós-teste, constatou-se que apenas 02 sujeitos apresentaram evolução no nível de seu raciocínio. Um deles evoluiu da fase de transição entre o nível Pré-Convencional e o nível Convencional e o outro, que já se encontrava no nível Convencional, evoluiu apenas de estágio, passando da fase de transição entre os estágios 3 e 4 para o estágio 4. Os sujeitos que apresentaram evolução no nível de raciocínio moral correspondem a 12,5% dos sujeitos que pertenciam à Classe de Controle.

Alguns fatores devem ser levados em consideração para uma análise final dos resultados: a evolução de um nível para outro é mais difícil do que a de estágios, dentro de um mesmo nível de raciocínio moral. Porém, mesmo assim, de acordo com os escores de maturidade de raciocínio, apresentados no pós-teste dessa pesquisa, podemos constatar que a Classe Experimental apresentou uma evolução qualitativa maior no nível de raciocínio moral dos sujeitos do que a Classe de Controle, que não participou do processo de intervenção pedagógica. Desta forma, constata-se o efeito qualitativo obtido com a técnica de discussão moral no contexto em que foi apresentada nessa pesquisa.

Considerações Finais

Entender a Educação como formadora da moral e da inteligência do ser humano é compreendê-la, em outras palavras, como o elemento que pode desenvolver toda a potencialidade existente nesse ser. Por isso, é necessário examiná-la no seu íterim para direcionarmos este homem no mundo. Educar é transformar, é proporcionar, é potencializar, é trabalhar a moral para que o homem saiba o que fazer de sua própria inteligência. A educação gera responsabilidades. A educação moral gera seres sensibilizados, capazes de buscar a sua inteligência para um progresso comum a todos.

Nenhum processo de ensino-aprendizagem é completamente desvinculado da realidade prática da vida, do ponto de vista do uso da inteligência e do ponto de vista moral. Para tanto, a transmissão de valores preocupa a todos interessados no ato de educar, porém, de maneira geral, nem as escolas e nem os pais estão preparados para se unir na prática da Educação para valores. Trazer o tema da moral e dos valores para o espaço escolar significa enfrentar o desafio de instalar, no processo de ensino-aprendizagem que se realiza em cada uma das áreas do conhecimento, uma constante atitude crítica, de reconhecimento dos limites e possibilidades dos sujeitos e este foi um dos propósitos desta pesquisa.

O problema que permeou todo o desenrolar dessa pesquisa foi: a discussão moral sobre as ações das personagens contidas nas Fábulas Italianas compiladas por Ítalo Calvino, no contexto da sala de aula, possibilita uma evolução qualitativa no raciocínio moral dos sujeitos participantes dessa ação?

Procurou-se configurar, assim, com este trabalho de pesquisa, uma proposta de realização de uma educação moral que se apresenta autônoma, proporcionando às crianças e aos adolescentes condições para o desenvolvimento de sua autonomia, entendida como capacidade de posicionar-se diante da realidade, fazendo escolhas, estabelecendo critérios, participando de ações coletivas. O diálogo, calcado no respeito mútuo, durante o período de intervenção pedagógica, apresentado nessa pesquisa, culminou em um estímulo do nível de raciocínio moral dos sujeitos participantes da mesma a uma etapa seguinte, o que cooperou para a construção da autonomia moral desses sujeitos.

Esta é a contribuição prática para a melhoria da Educação, oferecida por esta pesquisa. Acredita-se, dessa forma, que um ambiente rico em estimulações pode provocar um maior número de interações entre os sujeitos, com a oportunidade da assunção de papéis e da discussão moral entre iguais.

Constatou-se, dentro desse processo, que, ao final da coleta de dados dessa pesquisa, 63,63% dos sujeitos da Classe Experimental apresentaram uma evolução qualitativa nos escores da maturidade moral segundo a teoria de Kohlberg, enquanto os participantes da Classe de Controle apresentaram esta evolução em uma proporção bem menor, 12,5%. A maioria dos sujeitos da Classe Experimental passou a julgar atos e ações de acordo com o raciocínio premeditado no que entendemos por estágios 3 e 4 da teoria de Kohlberg. Por tal constatação, inferimos que os sujeitos vivem de acordo com o que esperam de uma pessoa mais próxima, como um filho, um irmão, um amigo. Ser bom, para a maioria dos participantes, é preocupar-se com os demais, manter relações mútuas de confiança, lealdade, gratidão, o que os deixam conscientes dos sentimentos, acordos e expectativas comuns, que prevalecem sobre os seus próprios interesses. Os sujeitos da Classe Experimental, em sua maioria, ao final desta pesquisa, defendiam as leis, salvo em casos extremos em que a mesma entra em conflito com outros deveres sociais e morais estabelecidos, adotando o ponto de vista do sistema que define as regras e considerando as relações individuais em função de seu lugar no sistema. Em função destas constatações, fica em evidência o mérito desta pesquisa, que buscou alternativas que proporcionassem a autonomia dos alunos, e conseqüentemente, a autonomia do ser humano, capaz de julgar a todos com justiça e igualdade.

Porém, foram levantadas outras constatações por meio dos resultados dessa pesquisa, sendo as mesmas passíveis, também, de reflexão: nem todos os participantes da Classe Experimental obtiveram evolução no seu nível de raciocínio moral e pequena porcentagem de alunos da Classe de Controle conseguiram tal evolução. Estes dados corroboram para o surgimento de futuras pesquisas no âmbito da Educação Moral que se pretende autônoma. Sendo assim, outras investigações poderão contribuir para o esclarecimento de questões relativas ao desenvolvimento do raciocínio moral por meio da prática da discussão moral.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Vanessa Kern de & FILHO, Geraldo Inácio (2006) A educação moral e cívica – doutrina, disciplina e prática educativa. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n.24, p.125-134, dez.
- ARAUJO, Ulisses F. (2001) O ambiente escolar cooperativo e a construção do juízo moral infantil: sete anos de estudo longitudinal. *Revista Online Bibl. Prof. Joel Martins*. Campinas, SP, v.2, n.2, p.1-12, fev.
- ARAÚJO, Valéria A. A. de (2000). Cognição, afetividade e moralidade. In: *Educação e Pesquisa*, v.26, n.2, p.137-153
- BALAGUER, Cristina & GIMENO, Neus (1998). Educação em valores na educação infantil. *Aula de Inovación Educativa*, n.70, p.41-45, mar.
- BARBOSA, Evandro (2006) Direito e moral em Kant: sobre sua relação e seus pressupostos básicos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC – RS
- BARDIN, Lawrence. (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa/Portugal, Edições 70.
- BENTO, Paulo Torres (2001) Do lugar da educação para a cidadania no currículo. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, v.14, n.1
- BLATT, M. M. e KOHLBERG, L. (1979) The effects of classroom moral discussion upon children's level of moral judgment. *Journal of Moral Education*, Colchester, n. 4, pp.129-161.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96). Rio de Janeiro: Destaque, 1997
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, (1998). Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (5ª a 8ª série). Brasília: MEC/SEF
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto (1998). Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: MEC/SEF
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto (1998). Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª série). Brasília
- BIAGGIO, Ângela. LAWRENCE KOHLBERG: Ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2006.
- BIAGGIO, Angela M. B. Kohlberg e ‘comunidade justa’: promovendo o senso crítico e a cidadania na escola. IN: *Psicologia Reflex. Crit*, 1997, vol.10, no.1, p.47-69.
- BIAGGIO, Angela M. B. et all (1999) Promoção de atitudes ambientais favoráveis através de debates de dilemas ecológicos. *Estudos de Psicologia*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p.221-238.

BIAGGIO, Angela Maria. (1999). Universalismo versus relativismo no julgamento moral. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v.12, n.1.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. (1978) Um quadro teórico para a Educação Moral. Tese de Livre Docência. Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação – UNESP, Araraquara.

BOTO, Carlota (2001). Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. *Educação e Sociedade*, ano XXII, no.76, outubro.

BUSQUETS, Maria Dolores (1999). Temas transversais em educação: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática.

CALVINO, Ítalo. Fábulas Italianas: coletadas na tradição popular durante os últimos cem anos e transcritas a partir de diferentes dialetos. trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMINO, Cleonice (2003) Ângela Biaggio (1940-2003): um percurso na história do desenvolvimento sócio-moral do Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, p. 1-222.

CARBONE, Renata Aparecida & MENIN, Maria Suzana de Stéfano. (2004) Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p.251-270, maio/ago.

CARITA, Ana (2004) Conflito, justiça e cidadania. *Análise Psicológica*, n.1, XXII, p. 259-267

CASTRO, Lucia Rabello de et all. (2006) A construção da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.11, n.2, p.437-447, mai/ago.

COMTE Sponville. O capitalismo é moral? São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CANDIDO, Antonio. et al. (1976) *A personagem de ficção*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva.

COSTA, Ana Edith Bellico da & OLIVERIA, Conceição Aparecida Araújo (1997) Categorias de conflitos no cotidiano de adolescentes mineiros. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, RS, v.10, n.01

COSTA, Neirimar Cerqueira de Assis. (2003). O teatro como instrumento na construção de valores éticos na educação. Texto de Monografia. *Universidade Federal de Juiz de Fora*, p.1-38

CORDEIRO, Ana Paula, MENIN, Maria Suzana de Stefano & SHIMIZU, Alessandra de Moraes (2006). Ética, preconceito e educação: característica das publicações em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre 1970 e 2003. *Revista Brasileira de Educação*.v.11, n.31, jan/abr.

CRUZ, Manuel Fernández. (1994). Organizar o ensino em torno dos eixos transversais em uma escola de educação infantil. *Aula de Innovación Educativa*, n.32, p.29-33, nov.

CUNHA et all. (2004) Ética e construção de valores. *criticanarede.com*

D'ÂNGELO, Fabio Luiz (2001) Cooperação e autonomia: jogando em grupo é que se aprende. Dissertação de Mestrado, FE - Unicamp

DE LA TAILLE, Yves (2002) Desenvolvimento Moral: a polidez segundo as crianças, IN, Cadernos de Pesquisa, no.114, p.89-119

DE LA TAILLE, Yves (2000) Para um estudo psicológico das virtudes morais. In: Educação e Pesquisa, v.26, n.2, p.109-121

DE LA TAILLE et all.(2004) Ética e educação: uma revisão da literatura educacional de 1990 a 2003. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, v.30, n.1, jan/abr.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco e HUTZ, Cláudio Simon (2001) Padrões Evolutivos na Utilização dos Princípios de Justiça Distributiva em Crianças e Adolescentes no Sul do Brasil. In: *Psicologia Reflexão e Crítica*, 2001, pp.97-106

DELVAL, Juan e ENESCO, Ileana. (1994). *Moral, desarrollo y educación*. Madrid: Grupo Anaya.

DELVAL, Juan. Introdução à Prática do Método Clínico: descobrindo o pensamento das crianças. Trad.Fátima Murad.Porto Alegre: Artmed, 2002.

DIAS, Adelaide Alves. Educação Moral para a Autonomia. IN *Psicologia, Reflexão e Crítica*, v.12, no.2, p.459-478, Porto Alegre.

DIAS, Adelaide Alves. Educação moral e autonomia na educação infantil: o que pensam os professores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, p.370-380

DIAS, Maria da Graça B. B. et all (1999) Raciocínio moral em interação social: um estudo sobre sugestibilidade. *Estudos de Psicologia*, p.199-219

DOMINGUES, José Maurício. (2002) Reflexividade, individualismo e modernidade. *RBCS*, v.17, n.49, junho.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde, LOOS, Helga & VASCONCELOS, Fabíola (1999). Julgamento moral: um estudo comparativo entre crianças institucionalizadas e crianças de comunidade de renda baixa com relação à emergência do sentimento de culpa. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v.12, n.1.

FILHO, Cyro de Barros Rezende & NETO, Isnard de Albuquerque Câmara . A evolução do conceito de cidadania

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-ação sobre a prática docente. *Educação e Pesquisa*. vol.31 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2005

FUJISAWA, Dirce Shizuko (2002) O desenvolvimento dos princípios de justiça na criança. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v.23, p. 39-48, jan/dez

GARCIA, Joe (1999). Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Ipardes*, Curitiba, n.95, jan/abr, p.101-108.

GAVIDIA, Valentin (1996). A construção do conceito de transversalidade. *Aula de Innovación Educativa*, n55, p.71-77, out.

GIDDENS, Antony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LIMA, Vanessa A. A. de. De Piaget a Gilligan: retrospectiva do Desenvolvimento Moral em Psicologia: um caminho para o estudo das Virtudes. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2004, 24 (3), 12-23.

GODOY, Eliete Aparecida de (2001) *A representação étnica por crianças pré-escolares: um estudo de caso à luz da teoria piagetiana*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – Unicamp.

GOERGEN, Pedro (2001) Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa? *Educação e Sociedade*, ano XXII, n.76, out.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin (2004). Identidade do eu, consciência moral e estágios do desenvolvimento: perspectivas para a educação. *Psicologia da Educação*, São Paulo, 19, p.73-89

HABERMAS, Jürgen. (1989) Para o uso pragmático, ético e moral da razão prática. Trad. Márcio Suzuki

HERSH, Richard H., PAOLLITO, Diana P., REIMER, Joseph. (2002) El crecimiento moral: de Piaget a Kohlberg. Madrid, Narcea.

KOHLBERG, Lawrence, POWER, Clark F & HIGGINS, Ann. (1989) La educación moral segun Lawrence Kohlberg. Barcelona, Editorial Gedisa.

KOHLBERG, Lawrence, LEVINE, Charles & HEWER, Alexandra. (1983). Moral Stages: a current formulation and a response to critics. London, Karger.

LEPRE, Rita Melissa. (2005) Raciocínio moral e uso abusivo de álcool por adolescentes. Dissertação de Mestrado. Unesp- Marília/SP

LLOPIS, Carmen (1996) Em busca de uma educação global: os temas transversais. *Aula de Innovación Educativa*, n.51, p.19-23. jun.

LOURENÇO, Orlando & KAHN, Peter (2000). Raciocínio ecológico-moral: um estudo desenvolvimentista numa amostra de sujeitos de Lisboa. *Análise Psicológica*. V.4, n.18, p.425-435.

LORENZO, María Luz. (1998). A educação em valores no Ensino Médio: princípios, estratégias e clima. *Aula de Innovación Educativa*, n.70, p.51-55, mar.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco (2002). Temas transversais: novidade? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.9, n.2. out.

LUKJANENKO, Maria de Fátima Polesi (1995) Um estudo sobre a relação entre o julgamento moral do professor e o ambiente escolar por ele proporcionado. Dissertação de Mestrado, FE - Unicamp

MAIA, Helenice & MAZZOTTI, Tarso (2006) É possível ensinar ética nas escolas? *Revista da Faced*. n.10.

MARQUES, José Oscar de Almeida (2004) Rousseau e os perigos da leitura, ou por que Emílio não deve ler as fábulas. *Revista de Literatura*. Unesp - Araraquara. n.22, p.205-216.

MENIN, Maria Suzana de Stefano (1999). Representações sociais de justiça em adolescentes infratores: discutindo novas possibilidades de pesquisa. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MENIN, Maria Suzana de Stefano (2002) Valores na escola. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p.91-100, jan/jun

NETO, Armando Correa de Siqueira. (2004). Justiça: culpa, punição e desenvolvimento. *Psicologia.com.pt*. Coimbra, Universidade de Coimbra.

NUCCI, Larry (2000) Psicologia moral e educação: para além de crianças “boazinhas”, IN, *Educ. Pesq*, vol.26, no.2, São Paulo.

OLIVEIRA, Áurea Maria de. (1989). O processo de construção do raciocínio moral: estudo realizado com um grupo de adolescentes em fase de escolarização. Unicamp – FE, dissertação de mestrado.

OLIVEIRA, Áurea Maria de. (1994) Literatura Infantil e desenvolvimento moral: a construção da noção de justiça em crianças pré-escolares. Tese de Doutorado, FE – Unicamp

OLIVEIRA, Áurea Maria de. (2006) Educação moral e educação para cidadania. *Educação: teoria e prática*. v.15, n.27, jul-dez

OLIVEIRA, Luis R. Cardoso de. (1995). Da moralidade à eticidade via de questões de legitimidade e equidade. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação – Unb.

PAULINO, Luciene Regina (2001) A construção da solidariedade em ambientes escolares. Tese de Doutorado, FE – Unicamp

PERALTA, Carlos Manuel Ferreira & RODRIGUES, Ana Maria Ribeiro (2006). Juízo moral na adolescência: a psicologia social na senda da psicologia do desenvolvimento através da análise de poemas de canções rock. *Psicologia.com.pt*. Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, p.1-15

PIAGET, Jean. (1994). O Juízo Moral na Criança. São Paulo: Summus Editorial.

PUIG, José Maria. (1998). A construção da personalidade moral. São Paulo: Ática, 1998.

_____ (1998). Ética e valores: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____ Práticas Morais. São Paulo: Moderna, 2004

RUIZ, Maria José Ferreira (2005) Reflexões sobre a moralidade infantil. *Revista Iberoamericana de Educación*. p.1-19

SAPIECINSKI, Marlise (2006). Antígona: a justiça moral e o valor da sabedoria. *Conhecimento Interativo*, São José dos Pinhais/PR, v.2, n.1, p.115-126, jan/jun

SAPIRO, Clary (2000). Teorias em Desenvolvimento Sóciomoral: Piaget, Kohlberg e Turiel - possíveis implicações para a Educação Moral na Educação Médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Rio de Janeiro, v.24, n.3, out/dez.

SILVA, Nelson Pedro. (2004) Estudo sobre a fidelidade à palavra empenhada entre os estudantes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.9, n.2, p.229-242, mai/ago

SOUSA, Pedro Miguel Lopes de (2006) Desenvolvimento moral na adolescência. *Psicologia.com.pt*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, p.1-21

SOUZA, Érica Renata de. (2006). Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. *Cadernos Pagu* (26), jan/jun, p.169-199.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de (2005) Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. In: *Boletim de Psicologia*, Vol IV, no.123, pp.205-232.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de (1998) Temas transversais em educação: base para uma educação integral. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.19, n.62, abril.

SOUZA, Leonardo Lemos de. (2008) Modelos organizadores, gênero e moral na resolução de conflitos entre jovens na escola. Tese de Doutorado. FE – Unicamp.

SOUZA, Leonardo Lemos de & VASCONCELOS, Mário Sérgio. (2003) Modelos organizadores do pensamento: uma perspectiva de pesquisa sobre o raciocínio moral com adolescentes autores de infração. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, n.2, p. 47-49.

TURIEL, Elliot, ENESCO, Ileana & LINAZA, Josexu. (1989). *El mundo social em la mente*. Madrid, Alianza Editorial.

UEMURA, Emiko (1989). O desenvolvimento cognitivo e moral em crianças institucionalizadas: um estudo piagetiano. Tese de Doutorado, FE – Unicamp.

VALENTE, Maria Odete (2001) A educação para os valores. Faculdade de Ciência da Universidade de Lisboa

VAIDERGORN, José. (1987). As moedas falsas: educação, moral e cívica. Dissertação de Mestrado. FE – Unicamp.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez (1987). *Ética*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

VINHA, Telma Pileggi. (1997). O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. Dissertação de Mestrado. FE – Unicamp.

VINHA, Telma Pileggi (2003) Os conflitos interpessoais na relação educativa. Tese de Doutorado, FE - Unicamp

VINHA , Telma Pileggi. (2006). O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: Fapesp

YUS, Rafael. (1998). Temas Transversais: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: Artmed.

YUS, Rafael (1996). Temas Transversais e Educação Global: uma nova escola para um humanismo mundialista. *Aula de Inovación Educativa*, n.51, p.5-12, jun.

Anexo 01: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE)

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96 – Elaborado em 14.02.2005, alterado em 22.03.2006)

Por meio desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidamos o menor, que se encontra sob sua responsabilidade, a fazer parte dessa pesquisa, que tem por objetivo desenvolver a noção de justiça dos participantes, por meio de um trabalho que envolverá leitura e reflexão sobre as atitudes das personagens dos textos lidos. O menor terá que responder um questionário escrito, sobre as ações das personagens das histórias lidas, terá que discutir, individualmente e em grupo, a ação dessas personagens, e, depois dessas atividades, ele apresentará a história em forma de teatro, o que o ajudará na reflexão das atitudes das personagens.

Para tanto, é necessário dizer que as atividades serão filmadas, fotografadas, gravadas e anotadas em um caderno por mim, para que os dados não se percam, visto que estes serão analisados e farão parte de uma pesquisa que será desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP – Rio Claro. Durante a execução das tarefas, todas as informações coletadas serão estritamente confidenciais e somente a professora e a orientadora, responsáveis por este projeto, terão acesso aos dados.

Da mesma forma, é necessário esclarecer que as atividades de pesquisa serão realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa do 2º semestre letivo de 2007, e que os conteúdos a serem trabalhados não prejudicarão em nada o conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa durante a 6ª série.

Assim, a participação nessa pesquisa não acarretará complicações legais para seu (sua) filho(a) e para o senhor (a). Além disso, ambos não receberão encargos adicionais associados à participação nessa pesquisa, ou seja, não haverá pagamento em dinheiro pela participação na pesquisa. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisas com Seres Humanos, conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Eu, atuando como responsável legal por _____, aluno da 6ª série, da Escola Estadual Comendador Luciano Guidotti, da cidade de Piracicaba, entendo que qualquer informação obtida será confidencial. Entendi, também, que a identidade do sujeito da pesquisa não será revelada em nenhuma publicação dessa pesquisa.

Entendo que estou livre para recusar a participação nesse estudo ou para desistir a qualquer momento do mesmo que tenho direito de receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios, e outros, relacionados à pesquisa.

Certifico que li ou foi-me lido o Termo de Consentimento e entendi o que traz o seu conteúdo e que uma cópia deste formulário ser-me-á fornecida. Minha assinatura demonstra que, como responsável legal do menor, participante dessa pesquisa, concordei com sua participação na coleta de dados da mesma, ou seja, declaro ter sido informado e concordo com a participação do (a) mesmo (a) como voluntário a coleta de dados da pesquisa acima descrita.

Piracicaba, 18 de setembro de 2007

Assinatura do responsável legal

Nome do responsável legal: _____

RG: _____ End: _____ Tel: (019) _____

Nome do menor, participante da pesquisa: _____

Título do projeto: O trabalho com a evolução da noção de justiça, junto a um grupo de adolescentes, por meio do julgamento das ações das personagens das “Fábulas Italianas”, compiladas por Ítalo Calvino.

Pesquisador responsável (orientanda): Taciana Belluci de Araujo

Local do desenvolvimento da pesquisa: Escola Estadual Comendador Luciano Guidotti

Pesquisador (orientadora): Profa. Dra. Áurea Maria de Oliveria

Instituto de Biociências – Departamento de Educação

Avenida 24ª no. 1515 – CEP 13506-900 – Rio Claro – SP – Brasil Tel (19) 3526-4100

Departamento de Educação Tel (19) 3526-4245

Eu, Taciana Belluci de Araújo, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto, para o participante e ao responsável legal.

Data: _____ / _____ / _____

Taciana Belluci de Araujo
Pesquisadora Responsável

Anexo 02: Dilemas aplicados tanto no pós quanto no pré-teste

Dilema 1

Na Europa, uma mulher estava quase à beira da morte, devido a um tipo especial de câncer. Havia um remédio que os médicos achavam que poderia salvá-la. Era uma fórmula de *radium* e o farmacêutico que fizera a fórmula cobrava R\$4.000,00 por uma pequena dose de remédio. O marido da mulher doente, Heinz, procurou as pessoas que conhecia para pedir dinheiro emprestado e tentou todos os meios legais, mas só conseguiu juntar aproximadamente R\$2.000,00, o que era metade do preço do remédio. Ele contou ao farmacêutico que sua esposa estava morrendo e pediu-lhe para vender o remédio mais barato ou deixá-lo pagar depois. Mas o farmacêutico disse: “Não, eu descobri o remédio e vou ganhar muito dinheiro com isso”. Então, havendo tentado todos os meios legais, Heinz desespera-se e pensa em assaltar a farmácia do homem para roubar o remédio para sua esposa.

- Heinz deve furtrar o remédio? Por quê?
- Se Heinz não amasse a sua esposa, deveria furtrar o remédio para ela? Faz diferença para a atitude que Heinz deve tomar o fato de ele amar ou não a sua esposa? Por quê?
- Suponha que não fosse a mulher de Heinz que estivesse morrendo de câncer, mas um estranho. Heinz deve furtrar o remédio para o estranho? Por quê?
- É importante para as pessoas, fazer tudo que podem para salvar a vida de outrem? Por quê?
- É contra a lei o fato de Heinz roubar? Isso torna o ato moralmente errado? Ou isto lhe faz mal? Por quê?
- Em geral, as pessoas deveriam tentar fazer todo o possível para obedecer à lei? Por quê?

Dilema 1A

Heinz, efetivamente, assaltou a farmácia. Ele furtou o remédio e deu à sua esposa. Nos jornais do dia seguinte, houve um relato sobre o furto. O sr. Brown, um policial que conhecia Heinz, lê a reportagem. Ele se lembra de ter visto Heinz fugindo da farmácia e compreende que foi Heinz quem furtou o remédio. O sr. Brown pensa se deve ou não informar que foi Heinz quem furtou o remédio.

- O policial Brown deveria dar parte de Heinz por furto?
- Suponha que o policial fosse um amigo íntimo de Heinz, ele, então, deveria dar parte? Por quê?

Dilema 1B

O policial efetivamente, entregou Heinz. Heinz foi preso e levado a julgamento. Um júri foi selecionado. O trabalho do júri é considerar se uma pessoa é inocente ou culpada por cometer um crime. O júri considera Heinz culpado. Cabe ao juiz determinar a sentença.

- O juiz deveria dar alguma sentença a Heinz ou deveria suspender a sentença e libertá-lo? Por que isso é melhor?
- Pensando em termos sociais, as pessoas que violam a lei deveriam ser punidas?
- Heinz estava fazendo o que a sua consciência lhe dizia quando roubou o remédio. Um transgressor da lei deveria ser punido se agisse sem consciência? Por quê?
- Repensando o dilema: qual seria a atitude mais responsável para o juiz tomar? Por quê?

Dilema 2

Judy era uma garota de 12 anos. Sua mãe lhe prometeu que ela poderia ir a um concerto de “rock” em sua cidade, se ela economizasse o dinheiro do almoço e de suas ocupações como babá para comprar um ingresso para o “show”. Ela conseguiu economizar 20 reais para o ingresso e mais 10 reais. Mas, depois, sua mãe mudou de idéia e disse para Judy que ela tinha de gastar o dinheiro com roupas novas para a escola. Judy ficou decepcionada e resolveu ir ao “show” de qualquer maneira. Ela comprou um ingresso e disse para sua mãe que tinha conseguido economizar apenas 5 reais. Naquele sábado, ela foi ao “show” e disse para sua mãe que tinha passado o dia com uma amiga. Uma semana se passou sem que sua mãe descobrisse. Judy, depois, contou para sua irmã mais velha, Louise, que tinha ido ao “show” e tinha mentido para sua mãe. Louise pensa se deve ou não contar para sua mãe.

- Deve, Louise, a irmã mais velha, contar à mãe que Judy mentiu sobre o dinheiro, ou ela deve calar-se? Por quê?
- Imaginando se deve contar, Louise pensa no fato de que Judy é sua irmã. Isto deve fazer diferença na decisão de Louise? Por quê? Contar alguma coisa tem a ver com ser uma “boa filha”? Por quê?
- O fato de Judy ter ganhado seu próprio dinheiro é importante na decisão? Por quê?
- A mãe prometeu a Judy que ela poderia ir ao show, se ela ganhasse o dinheiro. Isso é importante na decisão? Por quê?

- e) É importante manter uma promessa a alguém que você não conhece bem e que provavelmente não verá novamente? Por quê?
- f) Qual a coisa mais importante com que uma filha deve se preocupar no seu relacionamento com a mãe? Por que esta é a coisa mais importante?
- g) Em geral, qual deve ser a autoridade de uma mãe sobre uma filha? Por quê?

Dilema 2A

Joe é um rapaz de 14 anos que deseja muito ir a um acampamento. Seu pai prometeu-lhe que poderia ir se conseguisse juntar o dinheiro por si próprio. Então, Joe trabalhou duro no seu objetivo e economizou os 40 reais necessários e um pouco mais, para ir ao acampamento. Mas, antes de pagar o acampamento, seu pai mudou de idéia. Alguns de seus amigos decidiram ir a uma viagem de pesca especial, e o pai de Joe estava com menos dinheiro do que isso custaria. Então, ele disse a Joe para dar-lhe o dinheiro que ele economizou com o trabalho. Joe não quis desistir do acampamento e pensa em negar o dinheiro para o pai.

- a) Joe deve negar o dinheiro para o pai? Por quê?
- b) O pai tem o direito de dizer a Joe para dar-lhe o dinheiro? Por quê?
- c) O fato de dar dinheiro te algo a ver com ser bom filho? Por quê?
- d) O fato de Joe ter ganhado o dinheiro por si próprio é importante para a situação? Por quê?
- e) O pai prometeu que Joe poderia ir ao acampamento se ele ganhasse o dinheiro. O fato de o pai prometer é a coisa mais importante na situação? Por quê?
- f) Em geral, por que uma promessa deve ser cumprida? É importante cumprir uma promessa a alguém que você não conhece bem e provavelmente não verá mais? Por quê?
- g) O que é mais importante na relação pai e filho? Ou, o que um pai nunca deve esquecer no relacionamento com seu filho? Por que isso é o mais importante?
- h) Em geral, qual deveria ser a autoridade de um pai sobre o filho? Por quê?
- i) Qual a coisa mais importante para um filho preocupar-se no seu relacionamento com o pai? Por quê?

Dilema 3

Havia uma mulher que tinha um câncer terrível e não havia nenhum tratamento conhecido da medicina que a salvaria. Seu médico, Dr. Jefferson, sabia que ela tinha apenas seis meses de vida. Tinha dores fortes, mas estava tão fraca que nem uma boa dose um analgésico, como morfina, faria com que morresse mais depressa. Estava delirante e quase louca de dor, mas nas horas de calma pedia a Dr. Jefferson lhe dar morfina suficiente para matá-la. Dizia que não suportava a dor e que ia morrer dentro de alguns meses. Embora ele saiba que a eutanásia não é legal, o médico pensa em conceder-lhe o pedido.

- a) Deve o Dr. Jefferson dar-lhe a droga que a mataria? Por quê? É, de fato, certo ou errado, para ele, dar à mulher a droga que a mataria? Por que é certo ou errado?
- b) A mulher deve ter o direito de tomar a decisão final? Por quê?
- c) A mulher é casada. Seu marido deve participar da decisão? Por quê?
- d) O que um bom marido deve fazer nesta situação? Por quê?
- e) Uma pessoa tem, de alguma forma, o direito ou a obrigação de viver quando ela não quer viver, quando ela quer cometer o suicídio? Por quê?
- f) Quando um animal de estimação está gravemente ferido e irá morrer, ele é morto para ser livre da dor. A mesma coisa deve acontecer no caso desta mulher? Por quê?
- g) É ilegal o médico dar a droga à mulher. Isto é moralmente errado? Por quê?
- h) Em geral, deve-se tentar fazer tudo o que se pode para obedecer à lei? Por quê?

Dilema 3A

O dr. Jefferson realizou a eutanásia dando a droga à mulher. Passando por ali naquele momento, Dr. Rogers, outro médico que sabia da situação em que se encontrava o Dr. Jefferson, pensou em parar o Dr. Jefferson, mas a droga já tinha sido dada. O Dr. Rogers pensa se ele deve ou não entregar o Dr. Jefferson. O Dr. Rogers deve entregar o Dr. Jefferson? Por quê?

Dilema 3B

O Dr. Rogers entregou o Dr. Jefferson. Ele é levado ao julgamento e um júri é selecionado. O trabalho do júri é descobrir se uma pessoa é inocente ou culpada de cometer um crime. O júri julga o dr. Jefferson culpado. Cabe ao juiz determinar a sentença.

- a) O juiz deve dar ao Dr. Jefferson alguma sentença, ou ele deve suspender a sentença e deixar o Dr. Jefferson livre? Por que esta é a melhor opção?

- b) Pensando em termo de sociedade, as pessoas que infringem a lei devem ser punidas? Por quê?
- c) O júri julga o Dr. Jefferson legalmente culpado de homicídio (assassinato). Seria certo ou errado o juiz lhe dar a sentença de morte (uma punição legalmente possível)? Por quê
- d) É certo dar a sentença de morte? Por quê? Quais são as condições sob as quais a sentença de morte deve ser dada, em sua opinião? Por que estas condições são importantes?
- e) O Dr. Jefferson estava fazendo o que sua consciência lhe dizia quando ele deu a droga à mulher. Deve um fora-da-lei ser punido, se ele está agindo sem consciência?

Anexo 03: Respostas dos sujeitos da classe experimental no pré-teste

Dilema 1

a)

S1 - Sim, porque o farmacêutico queria receber muito dinheiro, mas se for desse jeito, ninguém vai comprar.

S2 - O certo seria não furtar, mas na minha opinião, se é um caso de vida ou morte, eu acho que ele deveria sim furtar, porque ele estaria salvando a vida de quem ele ama.

S3 - Sim, porque ele tentou de todas as maneiras de conseguir o dinheiro e a mulher dele está precisando mesmo. Eu roubaria no lugar dele.

S4 - Na minha opinião, ele deve sim roubar, porque se a mulher está morrendo de câncer, quem não salvaria a sua mulher. Se eu fosse o homem, eu roubaria. Eu concordo com a situação.

S5 -

S6 - Sim, porque sua esposa precisa e o remédio não vai fazer falta para o farmacêutico.

S7 - Sim. Porquê? Ele tem uma mulher que está doente, pra isso ele tem que furtar o remédio.

S8 - Sim, porque ele não quer perder sua esposa. O médico deveria vender mais barato porque ele não liga para ninguém, só liga para si próprio.

S9 - sim. Por que eu acho que ele não agüentaria ver a mulher morrendo, sem poder fazer nada e se ele furtar a mulher irá sobreviver.

S10 - Porque no meio do desespero, ele não sabe o que fazer, então, ele deve assaltar o remédio.

S11 - Sim, porque ele está querendo salvar a vida de uma pessoa que ele gosta muito.

S12 - Sim! Por que ele tentou de todas as formas e não conseguiu então ele deve sim, porque se você acha uma pessoa amada e sabe que não a terá por muito tempo é difícil.

S13 - Eu acho que ele não deve roubar porque na vida tudo tem seu destino. Se o destino da mulher de Heinz for esse, ninguém e nada pode mudar se ela for se curar, vai se curar só, com a consciência limpa.

S14 - Sim, porque a mulher dele está morrendo e o remédio pode salvá-la, e perder alguém é muito triste.

S15 - Sim, porque a mulher está morrendo e ele não quer que isso aconteça, para ela melhorar, ele vai ter que roubar já que ele não tem o total do dinheiro e o farmacêutico não quer vender para ele.

S16 - Bem, eu acho que não, além dele furtar o remédio ele vai tá roubando, mas ele pode também ser preso e ficar alguns tempos na cadeia, ele pode também ficar sem ajudar sua mulher, assim ela até morreria.

S17 - Não, por mais que o dono da farmácia esteja sendo egoísta, ele não deve jogar no mesmo nível ou ser mais baixo do que o dono, pois se ele procurar, com certeza vai achar outro farmacêutico que vai lhe fazer o favor. É ter paciência, por que se você não gostou do que o farmacêutico fez, ele não vai fazer igual. O que não queremos que façam pra gente, não fazemos para os outros.

S18 - Sim. Eu sei que roubar é errado, mas se eu fosse perder uma pessoa querida, como Heinz iria perder a sua mulher, eu roubaria a fórmula.

S19 - Não, porque se ele roubar a farmácia, ele pode ser preso e não terá ninguém para cuidar da esposa e ela pode morrer.

S20 - Não, ele deve tentar conseguir mais dinheiro, pois sua mulher poderá esperar mais um tempo, pedir para parentes próximos emprestar, até conseguir os R\$4.000,00.

S21 - Sim, porque a esposa está morrendo, é por causa ju.

S22 - Sim, porque ele vai roubar o remédio para salvar a vida da mulher dele, e não vai roubar para depois vender o remédio e ganhar dinheiro. E o roubo é por um motivo grande.

S23 - Eu acho que sim porque se ele ama ela, ele faria qualquer coisa para salvar a vida dela e ele iria até furtar porque ele gosta dele, é amor verdadeiro.

S24 - Sim, porque ele tinha que salvar a mulher dele, e também, com o tempo ele podia pagar o remédio, e, também, se eu fosse ele, eu furtaria, porque ele ama a mulher dele e ele não quer ver ela morta.

S25 - Não é legal furtar, mas nesse caso ele deve furtar porque senão sua esposa iria morrer.

S26- Sim, porque a mulher dele estava morrendo e o farmacêutico não fez um preço mais barato, ele precisava salvar a mulher e tinha que roubar.

S27 - Não, porque se ele furtar ele pode ser preso. Ele devia tentar pedir para mais pessoas para ajudar a mulher dele, para ela não morrer.

S28 -

b)

S1 - Não, faz diferença porque se ele não amasse, ele não furtaria o remédio.

S2 - Sim, porque mais alguém a ama. Eu acho que ele amando ou não sua esposa, ele deveria furtar, pois não é certo você ver a pessoa morrer e não ajudar.

S3 - Não, nesse caso, ele deveria conversar direito com o farmacêutico e tentar fazer ele deixar por R\$2.000,00.

S 4 - Olha, no caso, se ele não gosta mesmo, ele roubaria, mais se no caso eu creio que sim, pelo fato que ele gosta. Por que no texto que foi lido ele só arrumou R\$2.000,00 e ele tava lutando pra conseguir o dinheiro pra salvar.

S5 -

S6 - Sim. Não faz diferença porque se ele tivesse no lugar dela, ela faria o mesmo.

S7 - Sim. Não, por quê ele é marido dela mas se ele não gosta dela ele vai compra porque ele ia dechar ela morrer.

S8 - Ele deveria furtar o remédio e não importa se você ama ou não ama, você estava salvando uma vida.

S9 - ele deve roubar o remédio para ela mesmo não a amando por que acho que devemos ajudar as pessoas numa situação difícil.

S10 - Não deveria porque ele não a ama, porque ele mesmo amando ou não amando, deveria assaltar e furtar o remédio.

S11 - Ele deveria roubar porque ele ama ela.

S12 - Sim! Faz! Por que além dele salvar a vida dela ele está tomando uma atitude certa porque se ela se juntou a ele é porque a ama. É o que eu acho.

S13 - Sim, Heinz deveria furtar o remédio para ela porque todos somos seres humanos e todos temos um coração. Não ele deveria só roubar para sua mulher, porque a ela ele tem um carinho especial e aos outros não.

S14 - Sim, sim, porque uma pessoa pode morrer e se eu ajudá-la eu estarei faendo o bem para ela, gostando ou não dela.

S15 - Sim. Não, porque ele deve amar sua mulher e mesmo que ele não a amasse, ele deveria ajuda-la a se salvar do câncer, ou seja, não morrer.

S16 - Sim, porque ele está roubando para uma pessoa que ele ama, e é por isso que eu acho que ele deve roubar.

S17 - Se ele for uma pessoa boa, ele vai fazer isso, amando ou não a pessoa que precisa desse remédio, pois ele gostaria que se ele tivesse de cama alguém roubasse o remédio para ele, mesmo que quem roubasse, fosse o seu pior inimigo.

S18 - Eu acho que se Heinz não ama sua esposa porque ele roubaria a fórmula para ajuda-la. Se ele ama ela, eu acho que faz diferença sim e se ele não ama, porque ele quer roubar.

S19 - Não, ele não precisa amar para roubar.

S20 - Não, porque mesmo que a amasse, ele não deveria fazê-lo. Vai da pessoa fazer ou não a diferença, mas eu acho que não faz.

S21 - sim, sim, porque se ele não amasse ela, ele não furtaria o remédio e se ele amasse ele furtaria.

S22 - Deveria, porque não salvar uma vida só de quem ama. Não faz diferença, porque se o Heinz amasse ou não amasse a esposa dele, se ele é uma pessoa boa, ele roubava o remédio para salvar a vida.

S23 - Se ele não amasse a esposa, ele não teria coragem de roubar o remédio. Faz diferença porque se ele ama, ele iria roubar. E se ele não ama, para que ele iria se sacrificar por ela.

S24 - Sim porque mesmo se ele não amasse ela, ele iria furtar, porque ele foi atrás do dinheiro, se ele não amasse ela , ele não iria nem fazer isso.

S25 - Sim, porque estava salvando uma vida. Não faz diferença porque se ele furtasse amando ela, ele iria salvar uma vida e se ele furtasse não amando, ele também iria salvar uma vida.

S26 - Sim. Não, porque ela é uma pessoa também e tem o direito de viver. Ele deveria furtar o remédio para salvá-la.

S27 - Não. Faz diferença por se ele ama a sua esposa ele deveria pedir para mas pessoa se não ele vai preso e não vai ajudar ela.

S28 -

c)

S1 - Não, por que heinz ia dar a vida dele para a de um estranho?

S2 - Sim, porque essa pessoa com certeza também é amada, então eu acho que ele deveria furtar, pois ele estaria ajudando alguém que precisa.

S3 - Não, mas tentaria ajudar o homem a conseguir dinheiro ou falar com o farmacêutico para deixar o remédio por R\$2.000,00.

S4 - Eu concordo sim, por que se ele viu que a mulher está morrendo de canser e ninguém pra te salvar, se o cara é onesto pra ajudar, pra se salvar daquele perigo, eu concordo.

S5 -

S6 - Não, porque uma pessoa próxima do estranho, tomaria uma atitude melhor.

S7 - Sim, pq ele tem que ajudar a todo que precisar nece momento. Heinz ia ajudar.

S8 - Sim, porque ele tem o direito de viver como qualquer pessoa.

S9 - sim. Eu não conseguiria ver uma pessoa morrendo e não ajudar.

S10 - Não, porque ele ia sair prejudicado por assaltar o remédio para o estranho.

S11 - Se ele fose uma pesoa que ele conhecia e ele confiava, ele poderia ajudar ele.

S12 - Sim! Por que se fosse algum membro da família, ele furtaria e no meu caso, furtaria sim, porque eu sei como é desesperador ver seu parente morrer.

S13 - Não, ele deveria ajudar de outra maneira, mas roubar não.

S14 - Não, porque ele não ia se ferrar por causa de outra pessoa.

S15 - não, porque a pessoa poderia juntar dinheiro e pagar ou se a pessoa tiver

S16 - sim, se fosse o contrário, ele gostaria que o “estranho” roubasse pra ele, se ele não estivesse em condição de fazer isso.

S17 - Sim, porque Heinz deve ajudar as pessoas se ele poder.

S18 - Se ela não fosse a mulher de Heinz e sim uma amiga ou vizinha e ele não quer perder uma pessoa querida, deve sim roubar a fórmula mesmo sabendo que roubar é errado.

S19 - Não, eu ajudava ele com o dinheiro para comprar o remédio.

S20 - não, porque ele não sabe quem é..

S21 - Sim, porque ele deve ajudar essa pessoa para ela não morrer mesmo que não a conheça.

S22 - Devia porque é muito bom ajudar aos outros, porque se fosse o Heinz que estivesse com câncer, com certeza, ia aparecer uma pessoa para ajudá-lo.

S23 - Não, porque ele é estranho e o que ele iria ganhar com essa atitude.

S24 - Sim, porque apesar de ser um estranho, ele podia algum dia precisar desse estranho que está precisando dele agora.

S25 - sim, porque ele iria estar salvando esse estranho.

S26 - não. Porque ele poderia ser preso mas ajudar a pessoa de outra forma.

S27 - Não, pois ele poderia ser preso. Ele seria preso só para ajudar um estranho.

S28 -

d)

S1 - o que puder sim, porque se não dá eu não fasso.

S2 - Sim, pois um dia os também podemos precisar de alguém.

S3 - Sim, porque são seres humanos e uns devem ajudar os outros.

S4 - Sim, por que se por eu sou um estranho, eu passo e vejo uma mulher morrendo de canser eu taria ali para salvar esse mundo que estamos vivendo não é princadeira.

S5 -

S6 - Sim, porque se um dia você estiver doente, poderá contar com essa pessoa.

S7- Sim, porquê ele tem que ajudar o próximo.

S8 - Sim, porque a pessoa que tentou ajudar vai estar com a consciência limpa porque ela sabe que tentou de tudo para ajudar.

S9 - sim. Porque se outrem estivesse em meu lugar eu também ia ajudá-lo quando ele precisasse de mim.

S10 - porque sim, mesmo sendo outra pessoa poderia ajudar em alguma coisa, fazer de tudo para salvar a vida de outra pessoa.

S11 - Sim, se você quiser ajudar a pessoa e um dia se você tiver passando mau, o próximo pode ajudar você.

S12 - Sim! Por que além de fazer o bem, você está aliviando as dores dessas pessoas e se fosse eu, faria o que fosse o possível.

S13 - Sim, solidariedade vai para todas as pessoas. Hoje você ajudar, amanhã é você que vai precisar de ajuda.

S14 - Sim, porque ele está fazendo o bem.

S15 - Sim, porque talvez você pode ajudar muito essa pessoa e ela ficará grata o resto da vida dela, pelo que você fez.

S16 - sim, porque a gente gostaria que as outras pessoas ajudassem o máximo que podem para nos ver bem.

S17 - Sim, porque ele está tentando salvar a vida de uma pessoa que ele não conhece.

S18 - Se eu fosse aquela pessoa que precisasse de ajuda, eu acho que vale a pena fazer isso para ajudar a outra pessoa.

S19 - Sim, porque vai deixar ela morrer eu ajudo ela sim.

S20 - sim, mas não furtar se você não sabe quem é, se for da família sim, mais se não não.

S21 - Sim, porque essa pessoa está precisando da ajuda de alguém para não morrer.

S22 - Sim, porque nós, seres humanos, não temos que ver o nosso lado e sim o dos outros também, porque se um dia essa pessoa que ajudou tiver algum problema, a pessoa que recebeu ajuda vai estar ajudando.

S23 - Se fosse uma amiga de verdade, eu acho que eu arriscaria a minha vida por ela.

S24 - Sim, pois se fosse comigo, eu gostaria que outra pessoa fizesse o que ela pode para me ajudar (menos o que é contra a lei).

S25 - Sim, porque se um dia nós precisarmos de uma pessoa para nos salvar, nós vamos querer que eles nos salvem como eles querem que nós salvemos eles.

S26- sim, porquê se a pessoa está doente de câncer ela vai pedir ajuda. E se você dizer não uma pessoa da sua família a ficar doente você pedir ajuda ela vai falar não.

S27 - Sim, pois um dia se você precisar, você será recompensado. E outra, você está salvando alguém.

S28 -

e)

S1 - não, sim. Sim, se ele roubar, ele vai ficar com a consciência pesada.

S2 - roubar é errado. E isso um dia pode deixar a consciência de Heinz pesada por ter roubado, mas leve de salvar uma vida.

S3 - É sim, isso torna errado o ato dele e isto lhe fará mal porque ele pode acabar indo preso, mas por outro lado, ele perde a esposa.

S4 - É. Isso torna o ato moralmente errado mais porque ele ta ali disposto a salvar a vida de uma mulher ninguém não pensa duas vezes ele vai em frente.

S5 -

S6 - isto pode lhe fazer mal, mas não torna o ato moralmente errado, porque ele está salvando uma pessoa, mas é contra a lei.

S7 - É, sim, sim, pq ele está tomando uma providência.

S8 - Sim, o torna. Vai fazer mal porque a polícia vai atrás dele.

S9 - é contra lei mas nas circunstâncias de sua mulher estava não era errado, porque seria errado ver ela morrer e não fazer nada.

S10 - Se torna o ato errado de Heinz roubar e isso torna o fato moralmente errado e ele faz muito mau, por que o fato é de contra lei roubar.

S11 - Não é para roubar porque se for no caso de ajudar uma pessoa daí ele ta ajudando a pessoa.

S12 - Sim! Não porque ele salvou uma vida. É o mais importante agora. Isso falando julgando perante a Justiça, isso lhe faz mal.

S13 - sim, o fato de Heinz roubar é moralmente errado. Isso faz mal para qualquer pessoa, roubar é feio para si mesmo.

S14 - sim, sim, sim, porque ele pode ser preso e isso lhe prejudica.

S15 - sim, porque ele não quer roubar, mas já que ele não tem o dinheiro e a mulher dele está morrendo, ele vai roubar só por isso.

S16 - sim. Sim. Faz mal porque ele está roubando, não comprando, por isso faz mal a ele.

S17 - não, ele está fazendo por uma causa boa, e não por um simples capricho. Roubar é contra a lei, mas nesse caso se abrem as exceções. Isso o "tornará um herói".

S18 - Se Heinz fez tudo por meios legais, para salvar a vida de sua esposa, mas Heinz sabe que roubar é errado e sabe que isso é contra a lei, mas esse é o único jeito.

S19 - É, sim, faz mal porque você não pode roubar.

S20 - é, isso torna o ato moralmente errado, porque mesmo que seja pela mais grave coisa do mundo, existem leis e elas tem que ser cumpridas.

S21 - sim, não, sim porque se furtou ele vai ficar pensando mais tarde.

S22 - é contra lei sim, mas todos os meios legais não fizeram nada para impedir que Heinz roubasse. Torna o ato errado porque Heinz não vai se sentir mal, pelo contrário, vai ficar bem, porque está fazendo uma boa ação.

S23 - é sim porque roubar é contra a lei, mesmo se fosse para salvar a vida de uma pessoa é errado.

S24 - Sim. Faz mal moralmente mesmo. Heinz está fazendo algo justificativo, porque roubar é errado, mesmo em todas as circunstâncias.

S25 - Sim, é contra a lei roubar e torna o ato moralmente errado, mas ele estava roubando para salvar uma vida.

S26 - Sim, um pouco, acho que não faz mal porque ele sabe que está roubando para salvar uma vida.

S27 - sim, não, sim. Porque ele vai ficar pensando naquilo que ele fez. Aí ele vai ficar mal.

S28 -

f)

S1 - sim, porque senão todo mundo ia sair roubando, matando, etc.

S2 - o certo é cumprir a lei, mas se precisar roubar para salvar alguém, eu acho que é nada mais justo.

S3 - não, porque nesse da doença, eu faria o mesmo, preferiria ir presa do que perder o meu marido.

S4 - Sim. Claro. Porque a lei tem que ter não tivesse a lei agente nem taria vivo, já teria roubado, matado, então, por isso que tem que ter a lei.

S5 -

S6 - sim, porque todos viveriam melhor.

S7 - Sim, pq elas tem que seguir as normas como é o certo.

S8 - sim, porque senão terá prejuízos depois com a lei.

S9 - só no caso de Heinz que devemos desobedecer a lei fora disso devemos obedecela.

S10 - sim, porque na lei deve obedecer como não roubar, como diz a lei. Porque se não tivesse lei todo mundo faria o que pudesse.

S11 -

S12 - Não! Porque é mais que obedecer, é salvar a vida de um ser humano e imagine você, a dor da mãe dessa pessoa perder a filha.

S13 - sim, obedecer a lei é fazer bem a você mesmo e você ajuda o país mudar.

S14 - sim, porque é seguimento de vida nosso.

S15 - sim, porque afinal isso é uma lei e todos nós temos que obedecer.

S16 - sim, porque se não tiver lei, ninguém obedecerá os guardas, por isso eu acho que é bom obedecer as leis.

S17 - sim, porque a lei são regras, e as regras foram feitas para impedir uma consequência ruim, mas se o caso for sério e não um capricho, se abrem exceções.

S18 - sim, porque roubar é contra a lei, andar de carro sem carteira de motorista é contra a lei. Eu acho que se as pessoas seguissem a lei, não iria acontecer mais tragédias no mundo.

S19 - sim, porque na escola a lei vem com o uniforme e quase ninguém vem com o uniforme.

S20 - Sim, e ao mesmo tempo não, porque as leis são coisas que dêem ser obedecidas, mas existem leis que são muito simples, mas são obrigadas a serem cumpridas.

S21 - sim, mais em estado de morte e para ajudar alguém como neste caso.

S22 - sim, porque se uma coisa que é proibida e ninguém obedecer, se transformar essa coisa para lei, todos vão cumprir.

S23 - sim, porque roubar é errado e a lei diz que não pode roubar.

S24 - primeiro porque a lei é justa e nós deveríamos ser justos. Segundo porque a lei é justa e devemos obedecê-la e terceiro, porque Deus quer que sejamos justos.

S25 - porque senão ele pode ser punido, tomar uma multa ou até ser preso.

S26 - porque lei é lei e deve ser seguida.

S27 - Para ter um futuro bom para ser um futuro que todas as queria (menos as pessoas que mata, etc.)

S28 -

Dilema 1A

a)

S1 - Não porquê poderia ter sido qualquer outra pessoa.

S2 - Sim, porque Heinz foi flagrado correndo perto da farmácia, mas isso não quer dizer que Heinz roubou a fórmula, mas justiça seja feita.

S3 - Não, porque ele nem sabe mesmo se foi Heinz.

S4 - Não porque ele só viu seu amigo correndo mais ele soube que o que tava passando mais não significa não todo mundo corre mais o policial não viu ele roubando mais conserteza sabia mais o amigo não pode acusar ou melhor falar coisa que não viu.

S5 -

S6 - Não, porque se não fosse por vida ou morte, daí o policial Brown deveria contar.

S7 - Não, porque ele é um amigo de Heinz.

S8 - Não, porque ele não tem provas para acusalo.

S9 - eu acho que o policial Brown não deve denunciar por que é um caso de vida ou morte.

S10 - deveria porque mesmo sendo amigo ou não é proibido roubar.

S11 - Ele não sabia para ele tava correndo perto da farmácia.

S12 - Não! porque se ele fosse Heinz ele faria o mesmo pela sua mulher (esposa), então, se ele se colocasse no meu lugar (Heinz), ele viria que foi um ato de desespero.

S13 - Não porque ele não tem provas suficientes para acusar Heinz.

S14 - Não, porque Heinz estava ajudando a mulher dele que estava doente.

S15 - não, porque Heinz estava roubando o remédio para ajudar sua mulher e outra que o policial só tinha uma suspeita e não tinha certeza de que foi Heinz que furtou o remédio.

S16 - Sim, porque é o seu dever seguir as leis.

S17 - não, fingiria que não sei de nada, é por uma causa boa, e como acima da lei do homem, vem a lei de Deus, e eu sei que ele não fez isso por mal, com uma intenção boa, não entregaria..

S18 - Antes do policial dar parte de Heinz, eu acho que ele deveria primeiro ter certeza se foi Heinz e depois denunciar (dar parte) de Heinz.

S19 - Não, porque ele não viu o Heinz roubar.

S20 - Não, porque por mais que Heinz tinha roubado a farmácia, o policial não tinha visto, mas, sabia do problema de Heinz, mas mesmo assim, ele não deveria fazer isso.

S21 - não, porque foi por ama, causa justa, mais o policial iria ficar pensativo.

S22 - Não, porque o policial não viu Heinz roubando, mas viu correndo. O policial podia suspeitar e não ter certeza.

S23 - Não porque ele não tem prova então ele não deveria dar queixa à polícia porque ele só viu o Heinz correr mas não sabe que foi Heinz que furtou a farmácia.

S24 - Não, porque ele não tem certeza, ele suspeita, deveria investigar para depois dar parte quando tiver certeza.

S25 - Não porque ele viu Heinz correndo, não furtando, então, ele não deve acusar sem ter certeza.

S26 - Não, porque ele não tinha certeza que foi ele.

S27 - sim. Para ele aprender que não para roubar. Mas falaria que não é para por o nome de quem falou para a polícia.

S28 -

b)

S1 - não, porque eles são amigos íntimos.

S2 - por mais que seja amigo, ele roubou, foi para salvar uma vida, mas isso não justifica ele ter roubado. E não custava o farmacêutico ter vendido pela metade do preço.

S3 - Não, porque ele sabe a necessidade de Heinz e não deveria dar parte na polícia.

S4 - Sim porque é seu amigo sim mais não viu então suponho que ele não fala.

S5 -

S6 - não porque Brown sabe que é vida ou morte.

S7 - Não, pq ele ia estar prejudicando ele.

S8 - não porque ele iria estar traindo Heinz.

S9 - Agora mesmo que ele deveria não dar parte pois ele sabe da situação difícil de Heinz..

S10 - Deveria mesmo assim.

S11 -

S12 - não! Por que como eu já disse se ele fosse Heinz, ele faria o mesmo e se dedasse, seria covardia, é o que eu acho.

S13- Eu acho que o policial não deveria entregar seu amigo porque um bom amigo deve ajudar os segredos de seus amigos.

S14 - não, porque além de ser íntimo, ele ajudou a mulher dele.

S15 - não, porque ele era um amigo íntimo, sabia do caso da mulher de Heinz, ele só tinha visto Heinz correndo perto da farmácia, ou seja, não tinha certeza se foi Heinz que roubou o remédio e também sabia do caso da mulher de Heinz.

S16 - não, sendo um amigo íntimo, ele sabe o que Heinz está passando e como ele pensou e repensou roubar ou não roubar..

S17 - Não, porque o policial não viu Heinz roubando, porisso ele não deve contar por causa que o policial não tem prova.

S18 - se ele não soubesse do rolo de Heinz, eu acho que ele não deveria dar parte de Heinz.

S19 - Se o policial desse parte, ele podia ser preso, mas como que o policial pode prender ele, sendo que ele não viu Heinz roubando.

S20 - sim, porque é o melhor amigo, ele estaria ajudando Heinz.

S21 - Não, além de o policial não ter certeza, era amigo de Heinz.

S22 - não deveria dar parte porque o policial sabia do caso da mulher. E se fosse o policial que tivesse furtado o remédio, também não iria gostar que desse parte dele.

S23 - não porque ele não sabe que foi Heinz que roubou, então, para que dar queixa à polícia, ele não iria ganhar nada com isso.

S24 - também, não, só deveria dar parte se tivesse certeza de que Heinz tivesse roubado.

S25 - não, porque ele não viu Heinz furtar, só viu Heinz correndo.

S26 - não. Porquê ele era o melhor amigo dele e ele sabia o que o amigo dele está passando..

S27 - não, porque ele não tinha provas e, além disso, eles eram amigos íntimos mesmo que soubesse, não deveria falar, pois ele saberia do problema da mulher dele.

S28 -

Dilema 1B

a)

S1 - eu daria liberdade, isso é melhor porque ele ajudou alguém.

S2 - Deveria libertá-lo, tudo bem que ele cometeu um crime, mas não foi tão grave assim. Ele roubou para salvar uma pessoa, uma vida.

S3 - ele deveria dar alguma sentença, como por exemplo, ajudar em alguma comunidade, no bairro, porque ele roubou.

S4 - Sim. Por que isso é melhor sim porque ele ta salvando a vida de uma mulher, eu suponho que sim.

S5 -

S6 - Deveria dar a sentença porque Heinz cometeu um crime e deveria pagar por isso.

S7 - Sim, sugerindo uma sentença de fazer trabalho público.

S8 - Suspendelo, mas fazer trabalhos comunitários porque iria ser uma pena tão grande.

S9 - deveria liberta-lo por que deve levar em consideração a sua mulher

- S10 - é porque isso é melhor, deveria suspender a sentença de Heinz e mandar Heinz pagar aos poucos, porque se ele não pagasse, poderia coloca-lo na cadeia.
- S11 - Sim, porque a mulher estava quase morrendo e ele era muito amor dela.
- S12 - liberta-lo! Mas com uma condição: prestará serviços comunitários durante 3 anos.
- S13 - sim, Heinz deveria tomar alguma punição, por exemplo, ajudando o farmacêutico até ele pagar o que deve.
- S14 - dar a sentença, uma sentença de um ano mais ou menos para ele não roubar mais.
- S15 - deveria dar a sentença, essa sentença dele pagaria em dinheiro o remédio, porque ele ficaria livre dessa acusação, ou seja, já teria pago o remédio que roubou.
- S16 - Eu acho que o juiz deveria libertá-lo porque ele roubou o remédio, mostrando o seu amor à sua mulher.
- S17 - se ele não soubesse da história da esposa dele, certamente, iria pelas evidências. Mas sabendo da história da esposa dele, deveria libertá-lo.
- S18 - Eu acho que o juiz não deveria dar a sentença a Heinz e se ele roubou foi por uma causa nobre.
- S19 - Se eu fosse o juiz, o Heinz seria culpado, se eu libertá-lo, ele pode roubar outra vez.
- S20 - ele deveria dar uma sentença porque lei é lei e devem ser cumpridas mesmo que seja uma coisa muito grave.
- S21 - sim, só por um mês para saber que roubar não é tudo. Justiça é assim.
- S22 - liberta-lo porque ninguém deu prova e outra, ele só roubou porque se as pessoas que ele pediu para ajudá-lo a arranjar o remédio não ajudou, a única solução de ajudar a salvar a vida da mulher foi roubando.
- S23 - o juiz deveria dar uns dois anos de cadeia com regime aberto.
- S24 - Deveria prendê-lo por 5 anos, isso seria melhor porque apesar de ele ter um motivo, isso é errado, porque senão todos só roubariam remédios e pronto.
- S25 - ele deveria dar uma sentença de pagar 4 mil reais porque ele estava pagando pelo que ele furtou.
- S26 - Ele deveria dar uma sentença bem leve, tipo um trabalho comunitário. Isso é melhor porque Heinz não é preso e sua mulher fica bem.
- S27 - liberta-lo. Porque a mulher dele está muito mal. Ele já tinha feito de tudo e o farmacêutico não fez mais parato para ele.
- S28 -
- b)
- S1 - sim, porque imagina um criminoso em seu lado, matando as pessoas.
- S2 - sim, porque se existe lei, é para ser cumprida, se não fosse, não existiria lei.
- S3 - sim, porque senão pode virar mania, como, por exemplo, uma pessoa pega e rouba uma manteiga para comer, se ela não for presa, todo mundo vai fazer a mesma coisa.
- S4 - Sim, porque aquele que não obedesse eu concordo mais no caso dele eu não concordo que ele vá preso, ele estava tentando salvar apenas uma vida de uma mulher.
- S5 -
- S6 - sim, para aprender que não devem violar a lei.
- S7 - Sim pq tem que seguir a lei.
- S8 - Sim porque ele estava infringindo o que a lei manda.
- S9 - sim, deveriam ser punidas, se não cada um faria o que quise-se e isso não é viver em sociedade.
- S10 -
- S11 - Sim, deveria puni-las porque não obedeceram leis, mas como no caso de Heinz, não deveria puni-lo.
- S12 -
- S13 - sim! dependendo do caso sim, como furto, tentativa de assassinato, mas em outro caso, deveria aguardar o julgamento livre.
- S14 - Sim, conserteza pagamos pelos nossos erros.
- S15 - Sim, porque elas infringem à lei.
- S16 - Sim, porque eles desobedeceram, então, devem ser punidas, mas se elas não desobedecem, não devem ser punidas.
- S17 - depende. Toda história tem dois lados e toda regra tem exceção, nesse caso, foi por um caso sério, e não esses adolescentes rebeldes que fazem tudo por um simples capricho..
- S18 - sim, porquê? Ele não está obedecendo o que foi combinado pelos outros.
- S19 - se eles fizeram a lei para não provocar aquilo, como não roubar, eles fizeram a lei não roubar para as pessoas não fazerem aquilo. Eu acho que as pessoas que não obedecem a lei, deveriam ser punidas para não continuar fazendo aquilo.
- S20 - Sim, porque ele pode roubar.
- S21 - sim, porque se não qualquer um vai roubar, matar, etc. e não ser punido.
- S22 - alguns casos sim, em outros não, porque tem gente que viola a lei por uma coisa boa, outras, não.
- S23 - sim, porque se não vai virar mania, todos vão desobedecer a lei, mas que nem no caso de Heinz é outro caso.

S24 - Sim, porque eles já violaram a lei e continuam abusando da lei e eles deveriam ficar presos porque ele desobedeceu a lei.

S25 - sim, porque não obedeceram a lei, e a lei deve ser obedecida.

S26 - deveria ser punido sim, mas ele roubou para salvar a esposa dele.

S27 - sim. Porque se há lei é para ser um mundo melhor e não ser um mundo como a gente está vivendo.

S28 - sim, pois elas tem que sofrer com as conseqüências.

c)

S1 - sim, porquê ele também cometeu um crime.

S2 - sim, porque ninguém faz algo sem pensar, mas se essa pessoa tem problemas mentais, ela deve ficar em um lugar próprio para quem tem problemas mentais.

S3 - Sim, porque ele estaria sabendo que iria violentar a lei, ou seja, roubar.

S4 - não, por que não deveria e nem pelo menos fazer com consciência.

S5 -

S6 - sim, pra aprender a pensar no que fez.

S7 - Não, pq ele estava agindo pensando quando fez isso.

S8 - sim, porque ele não saberia o que estaria fazendo.

S9 - sim, é para isso que inventaram as leis para que as pessoas terem conseqüência de seus atos.

S10 -

S11 - porque sim, se ele agisse com a violência de matar uma pessoa num assalto, deveria ser punido.

S12 - Sim, ele tava sabendo. Pela mulher dele ele ia fazer coquer coiza.

S13 - não, pois se está sem consciência, é porque não sabe o que faz.

S14 - todos somos sã, ninguém faz sem pensar senão, não teria feito aquilo e nem pensado pra fazer.

S15 - sim, porque fazer as coisas à toa, é sem pensar e então, deve ser punido por mais tempo, preso na cadeia.

S16 - sim porque muitas pessoas agem sem consciência se são punidas.

S17 - sim, como tudo tem dois lados, uma pessoa desse tipo deve ser punida, porque se não for continuaria fazendo coisas erradas.

S18 - Sim, porque ele está fazendo uma coisa que não é certo, desrespeitando a lei.

S19 - se a pessoa faz as coisas sem pensar e faz de qualquer jeito, ela deveria ser punida sim, e antes de fazer as coisas, ela deveria ter consciência do que ela está fazendo.

S20 - sim, porque se ele difese bêbado e queria roubar.

S21 - sim porque o ato que qualquer um agiu sem pensar para roubar dá em morte.

S22 - sim, porque mesmo que ele tivesse agido sem pensar, ele cometeu um crime.

S23 - deveria porque se todos agissem sem pensar, iria virar mania, mas um ladrão não rouba sem pensar, rouba porque quer.

S24 - ele agiu com consciência. Se ele não soubesse o que estava fazendo, então, por que ele iria fazer.

S25 - sim porque ele fez, roubou ou coisa assim, e as leis foram feitas para serem obedecidas.

S26 - sim, porque ele roubou, mesmo pensando ou não pensando ele roubou.

S27 - sim, porque se as pessoas não pensarem o que elas estão fazendo, todas as pessoas fariam o que não devem.

S28 - sim, pois quem infringe lei, sofre com as conseqüências.

d)

S1 - eu não daria nenhuma sentença porque ele salvou a vida de sua mulher.

S2 - eu não puniria porque ele salvou uma vida. Mas se fosse algo mais grave, como por exemplo roubar o caixa da farmácia, eu puniria ele, até poderia estar passando necessidade, mas quem é honesto, vai procurar emprego porque roubo é sinal de desonestidade.

S3 - dar a sentença para Heinz porque pode virar mania.

S4 - A atitude é que apenas estava salvando a vida de uma mulher mais o juiz poderia tomar uma atitude mandar ele pagar.

S5 -

S6 - fazer Heinz trabalhar para pagar o que ele cometeu.

S7 - Não daria pq ele estava cuidando da mulher.

S8 - eu o faria fazer trabalhos comunitários para ele se arrepender do que fez.

S9 - eu libertaria o Heinz e mandaria ele cumprir uma sentença de 1 ano de servicos comunitários.

S10 -

S11 - Eu lhe daria uma sentença de pagamento.

S12 - ele roubou, ele tinha que ser preso 1 ano de cadeia.

S13 - marcar novamente o julgamento para tomar uma atitude mais severa possível e certa.

S14 - sim, punino de uma forma certa e justa.

S15 - dar a pena de 1 ano para ele não roubar mais.

S16 - Fazer o Heinz pagar três mil reais porque assim, ele já estaria livre da acusação e já teria pagado o remédio.

S17 - se eu soubesse da história, certamente, iria liberta-lo, mas se o policial que o denunciou comentasse sobre isso com o juiz, daria uma sentença de ajudar os pobres ou a quem precisa.

S18 - A mais responsável é ele seguir a lei.

S19 - eu acho que eu daria sim uma sentença para Heinz se ele sabe que roubar é errado, por que ele roubou? Se bem que ele roubou por uma causa nobre.

S20 - ser preso para abrender não fazer mais isso.

S21 - seria dar um mês de punição para ele. Por que ele furta é errado.

S22 - mesmo que ele roubou, para salvara sua mulher, ele roubou. Ele tem que ser preso, tem que cumprir a lei.

S23 - salvaria a vida da mulher e pagava o farmacêutico. E soltava o Heinz.

S24 - eu daria a sentença para Heinz ir toda quinta-feira ajudar a cuidar de crianças de orfanato e com problemas.

S25 - puni-lo para fazer um serviço muito chato e obriga-lo a pagar o remédio, porque lei é lei.

S26 - seria fazer ele pagar os 4 mil reais porque assim ele pagaria pelo que roubou.

S27 - libertalo. Porque ele está fazendo uma coisa não certa, mas era uma saúde em risco, a da mulher dele

S28 - solta-lo. Porque ele estava tentando salvar a vida da mulher dele, que ele ama.

Dilema 2

a)

1. deve contar porque é muito feio mentir para nossa mãe, e ela mentiu, então a irmã dela deve contar sim.
2. Ela deve contar para sua mãe, pois se Judy aparecesse machucada, ou coisa pior, a mãe da “tal amiga” de Judy ia levar a toda a culpa sem merecer. E mentira tem perna curta.
3. sim, ela deve porque a mãe dela falou que não e ela precisava de uniforme e ela poderia ir ao show outro dia.
4. Ela não deveria contar por que a irmã quis falar pra irmã mais velha e a irmã mais velha deve guardar o segredo deve ser não falado.
5. sim, porque Judy tem que ter consciência que se acontecesse alguma coisa de ruim no show, a mãe dela não ia saber, por isso que ela deveria contar.
6. Sim, ela deve contar a sua mãe. Judy foi ao show e ela deve contar pra sua consciência não ficar pesada.
7. Não, ela tem que conversar com a irmã vê se ela dixa falar para a mãe.
8. Ela não deve contar porque a mãe de Judy prometeu deixa-la ir ao show.
9. ela deveria contar, pois Judy poderia ter se machucado ou até pior.
10. ela deve se calar porque ela é a irmã mais velha e ela entende isso porque ela já passou por isso.
11. Deve sim, porque uma filha mais nova ou mais velha não deve mentir pros seus pais, ou seja, a mãe.
12. vai que acontece uma coisa, ela deve contar sim para a sua mãe.
13. deve calar-se, porque ela deve se pôr no lugar da irmã e ter consciência do que irá acontecer com a sua irmã.
14. eu acho que ela deve ficar quieta, porque um irmão deve guardar segredo do outro irmão.
15. deve contar, porque ela fez coisa errada, desobedeceu a mãe dela.
16. não, porque Judy acreditou em sua irmã mais velha, e agora vai fazer isso.
17. não deve contar, pois se a Judy contou é porque confia nela, e ela não deve contar, pois pode perder a confiança dela, mas se isso ficar freqüente é melhor contar.
18. não, porque a mãe de Judy falou que ela podia ir ao show.
19. sim, eu acho que ela deve contar a sua mãe porque mentir para sua mãe que ela não foi ao show é muito sério e poderia acontecer alguma coisa.
20. sim porque ela mentiu à sua mãe, falando que iria na casa da colega.
21. deveria contar. Porquê a sua irmã é mais nova e poderia acontecer alguma coisa com ela.
22. Deve contar a verdade para sua mãe, porque tem que contar a verdade sempre.
23. deve contar porque sua irmã mentiu e ela tem de falar a verdade, pois com certeza sua mãe não gostaria que elas mentissem.
24. ela não deveria ir ao show. A mãe dela deu uma ordem e ela não devia ir, ordem é ordem.
25. Deve contar, porque em primeiro lugar, é errado mentir, muito menos para os pais. E se acontecer alguma coisa, a mãe vai culpar a Louise de não ter contado.
26. ela não deve contar porque antes sua mãe tinha deixado, mas depois mudou de idéia.
27. ela deve contar. Porque se estivesse acontecido alguma coisa com a irmã mais nova.
28. Deve falar, pois não é certo o que Judy fez. Além de mentir, não deu o dinheiro para comprar as roupas.

b)

1. sim, ela não seria só uma boa filha, ela ajudaria a irmã se ela se preocupasse muito com ela.
2. não porque a verdade sempre aparece, mas se ela contasse seria muito melhor. Seria uma filha melhor sim, porque não devemos mentir.

3. sim porque ela mentiu para a mãe das duas e se fosse uma outra pessoa, não mais a irmã dela, e não porque se acontecesse alguma coisa com ela.
4. Sim, por que deixa a menina contar o que ela fez e tem mais se a menina não quer falar pra mãe, deixa a menina fazer o que bem entender. Por que é a desiação dela.
5. Sim, porque Judy confiou na irmã mais velha para a irmã dar conselho a Judy. Não tem nada a ver.
6. sim, porque faz uma boa filha contar e não ficar guardando segredo de uma filha que foi mentirosa.
7. não porque ela tem a decisão dela. Não tem a ver com ser boa filha porque a mãe dela não vai gostar se ela dedar a irmã.
8. não, porque só do fato de elas serem irmãs isso não muda nada. Eu acho que ela deveria contar porque a culpa não seria de Judy, a mãe dela prometeu.
9. ela deve contar não por ser uma boa filha, mais pela segurança da irmã se a Judy não faz isso de novo pode se machucar.
10. faz diferença. Não, porque você tem seus segredos.
11. sim, Louise deve contar , não por ser uma boa filha, mas porque isso ajudava Judy a não mentir mais. Isto não quer dizer que Judy é má, mas sim que não devia mentir mais.
12. sim, porque ela demorou e tem que ter responsabilidade.
13. Não porque se fosse comigo, gostaria que Louise guardar segredo. Não porque estaria sendo boa filha, mas não estaria sendo uma boa irmã.
14. não, não, nada faria a minha decisão mudar. Nem tudo contamos para nossos pais.
15. sim porque se fosse outra pessoa, ela contaria. Não porque ela contando, ela faz o certo.
16. não, porque Judy mentiu e isso é errado. Não porque todas são iguais, para a mãe delas.
17. não deve contar, pois se ela contou é porque confia na irmã, eu fingiria que não sei de nada, não deve se intrometer na vida dos outros a não ser que isso esteja prejudicando a pessoa.
18. sim porque se deixar, ela vai sempre mentir a mesma coisa e pode piorar.
19. Eu acho que ela deve sim contar. Se ela contar, sua mãe pode ver que Louise é uma boa filha e se Louise não contar poderia ter acontecido alguma coisa de ruim com Judy e a culpa seria de Judy por ela ter mentido à sua mãe.
20. sim porque é sua irmã. Não tem a ver, porque ela é sua irmã e não deve entregar ela.
21. sim, porque é sua irmã. Sim, porque a mãe gostaria que sua filha lhe contasse o que acontece.
22. sim, porque é sua irmã. Sim porque ela estará ajudando sua irmã.
23. não faz diferença, porque se ela não falar, vai ficar com a consciência pesada. Não tem a ver de ser uma boa filha, a questão é que tem que ser sempre sincera.
24. não, ela não devia contar porque e se fosse ela que tivesse desrespeitado a mãe, e ela iria depender de Judy para não contar.
25. não, faz diferença, pois se você deve falar a verdade, não importa se for mãe, irmão, etc. tem, porque nenhum pai quer que seu filho minta, e sua mãe ficará orgulhosa de Louise.
26. faz diferença porque ela é a irmã dela e a deve proteger. Não tem a ver com ser boa filha, mas tem a ver com ser cagüeta.
27. sim. Porque é sua irmã mais nova não. Porque se contar tudo o que a sua irmã faz, a mãe dela vai pensar que não fez nada..
28. não, pois não é pq ela é irmã que vai acobertar os erros da irmã pq você está contando é certo.

c)

1. sim, porque ela batalhou para ter esse dinheiro.
2. foi bom Judy conseguir seu dinheiro trabalhando, e ela gastou com ela mesma, mas foi perigoso, ela ter ido sem que sua mãe soubesse.
3. eu acho que não, apesar de o dinheiro ser dela e está precisando de roupas, ela poderia trabalhar e novo e ir outro dia ao show.
4. é por que se ela ganhou o dinheiro deu pra ela ir no show então ta.
5. sim, porque ela já vai aprendendo a lidar com o que ela ganha, mas ao mesmo tempo ela precisa gastar com o que ela realmente precisa.
6. porque só para uma criança de 12 anos, a decisão ta decidida, ela tem que saber o que está fazendo.
7. é porque ela queria ir comprar o ingresso e comer com o resto.
8. é porque ela batalhou para consegui-lo.
9. sim, porque ela ganhou o dinheiro, não teve de pedir a mãe nem a irmã é dela, ela faz o que quer.
10. sim porque o dinheiro é dela e ela faz o que bem entender.
11. sim, mas ela devia comprar seu uniforme e mais para frente que ficar mais velha, entra num concerto de rock porque assim é certo.
12. sim, porque ela queria ir no show e a mãe deixou ir no show mas ela ia ficar se a camiseta da escola.
13. sim, porque com esse dinheiro, ela pode fazer muitas coisa úteis.
14. sim, o dinheiro é dele e ela faz o que quiser.

15. sim, porque o dinheiro foi ganhado por ela e não foi dado pela mãe.
16. não, porque ela é menor de idade e não pode decidir ainda.
17. sim, ela pode fazer o que ela quiser, foi ela que ganhou como seu próprio suor: mas a irmã podia aconselhar a Judy a não fazer mais isso e não entrega-la para sua mãe.
18. sim, porque ela conquistou o dinheiro por uma coisa que ela queria.
19. Ela ganhou seu próprio dinheiro, não importa o que ela vai fazer com seu dinheiro, mesmo que o dinheiro seja seu, quem manda em você é sua mãe, e eu acho que Judy deveria obedecer a sua mãe.
20. sim, ela faz o que bem entender, ela não pediu a sua mãe.
21. sim, porque ela que suou para ter que ir ao show.
22. sim porque foi ela que trabalhou para ganhar esse dinheiro.
23. é importante porque ela trabalhou, economizou dinheiro e não pode decidir o que ela vai fazer com o dinheiro. Se o dinheiro fosse da mãe, daí ela não podia decidir.
24. ela queria ir muito naquele show porque ela gostaria e a mãe dela tinha deixado e depois a mãe dela falou com esse dinheiro você vai comprar o uniforme.
25. é porque o dinheiro é dela, mas sua mãe deve estar a par da situação para que se ela quiser tomar uma decisão errada, sua mãe ajuda-la.
26. sim, porque ela ganhou com seu próprio suor.
27. sim. Porque ela não pediu dinheiro para a mãe dela e nem para a irmã dela. Ela teve que trabalhar para ter seu dinheiro.
28. não, pois o dinheiro pode ser dela, mas ela não é de maior, então, ela não decide nada, quem decide é seus pais.

d)

1. não, porque ela estava precisando de roupas e não de ir ao show e também ela poderia outro dia no show já que a mãe tinha prometido.
2. foi bom ela ter conseguido seu dinheiro para fazer o que ela tanto queria, mas também não era justo, chegar na hora, e a mãe de Judy não deixar.
3. agora é diferente, então, eu acho eu ela fez o certo em mentir para a mãe, ela prometeu.
4. Não por que se a Judy ela ganhou o dinheiro mais não foi ao show ela mentiu.
5. sim, porque a mãe dela tinha prometido, se prometeu, tem que cumprir.
6. porque a decisão é de não mentir e ter a decisão certa para poder ir ao show.
7. é porque ela queria e a mãe dela tinha prometido. Aí Judy ia e na hora ela não deixou ir.
8. sim, porque a mãe dela havia prometido e não cumpriu com a sua palavra.
9. sim, porque devemos cumprir nossas promessas a mãe de Judy deveria cumprir com a dela.
10. se a mãe de Judy prometeu que ela iria ao show e depois não deixa mais Judy ir e Judy então decide ela mesma que vai ir, Judy está errada, mas a sua mãe também está errada de ter prometido e não cumpriu a promessa.
11. a mãe foi errada. Numa parte, prometeu a Judy que poderia ir com o seu dinheiro, mas Judy mentiu, foi mais errada. Porque não pode mentir.
12. sim, primeiro não pode mentir para a me e de pois ela ficou com a cosiesia pesada e foi falar para a irmã ela ta errada.
13. sim, porque primeiro a mãe falou que ela ia ir no show se ganhasse o dinheiro e depois mudou de idéia. Isso não é justo e então ela deve mentir sim.
14. sim, claro, é uma decisão dela mentir, até eu faria isso.
15. sim, porque a mãe dela prometeu.
16. Sim, porque o dinheiro é dela.
17. sim, se a mãe deixou é porque não haveria nada de errado com o show, e ela não deixou por outro motivo, e não porque o show tinha alguma coisa de errado.
18. sim porque a mãe prometeu para a Judy, daí, depois quando a Judy ta com o dinheiro, ela não deixa.
19. Sim, porque a mãe de Judy falava que ela podia ir ao show.
20. sim, porque sua mãe falou que poderia ir ao show e ela ganhou o seu próprio dinheiro.
21. sim, porque se a mãe autorizou depois quis voutar atrás, já era.
22. sim, porque a mãe tinha prometido que ela podia ir ao show.
23. é importante porque ela queria ir no show, mas não precisava mentir.
24. sim porque a mãe dela promete não cumpriu com a palavra.
25. não, porque apesar de às vezes a verdade ser dolorosa e muitos não dize-la, ela é melhor que a mentira.
26. sim, porque ela não ia pedir a sua mãe o dinheiro e nem mentir a respeito do show.
27. sim. Porque quando uma pessoa promete alguma coisa a pessoa teve que cumprir, mas a mãe dela não queria que fosse messa.
28. não, pois mentir não justifica nada. Ela teria que conversar com a mãe dela primeiro.

e)

1. não, porque eu não vou ver essa pessoa nunca mais e se for a causa de eu ver ela, já deve ter esquecido.
2. não é legal, porque se ela não vai voltar, eu não vejo o porquê de fazer uma promessa.
3. não, porque eu nunca mais vou ver e como ela vai saber se eu cumpri.
4. A eu não por que se eu proter a uma pessoa não parecer eu não prometeria depente se for algum primo, tio aí tudo bem, daí, sim.
5. não, só se eu visse essa pessoa pelo menos uma vez por semana, mas se nunca visse, não.
6. porque se eu promettesse um dinheiro e nunca mais fosse ver, eu não daria.
7. sim porque essa pessoa vai estar em qualquer lugar.
8. sim, porque eu prometi agora eu tenho que cumprir com a minha palvra se não vou ser um mentiroso.
9. sim, porque devemos cumprir tudo que devemos
10. sim porque você prometeu a essa pessoa.
11. manteria a promessa porque promessa, mesmo se não fosse mais vê-la, é promessa, longe ou perto.
12. primeiro você ter confiasa com a pessoa se ela guarda a promessa daí sim eu ia falar um segredo.
13. não, porque se é uma pessoa que eu tenho certeza que eu vou ver até posso, mas se é uma pessoa que ele nunca mis vai ver, não vale a pena.
14. sim, eu guardo a promessa que eu fiz, mas eu fico com vontade de contar.
15. não, porque você nunca mais vai vê-la.
16. provavelmente, é importante você não prometer uma coisa que você não vai poder cumprir.
17. sim, manter sua palavra é tudo, se não a pessoa não confiará em você, você pode não ver a pessoa novamente, mas como o mundo é pequeno e ele dá várias voltas, vocês podem ter amigos em comum, ou outras coisas do tipo.
18. não, porque nunca mais vou ver, daí a pessoa não vai cumprir sua promessa.
19. sim, eu acho que vale prometer alguma coisa a uma pessoa que a gente não vai ver e mesmo que a gente não conheça bem.
20. sim, porque sua mãe falou que poderia ir ao show e ela ganhou o seu próprio dinheiro.
21. sim, porque prometeu, depende da promessa.
22. não, porque como eu vou prometer se eu nunca mais vou ver essa pessoa.
23. não, porque quando você faz a promessa, quer dizer que nunca mais vai fazer a coisa que prometeu, mas já que não vai ver mais a pessoa, pode descumprir a promessa que a pessoa não vai descobrir.
24. não, porque você nem conhece a pessoa direito e vai prometer alguma coisa pra ela.
25. só falaria para meu melhor amigo, porque ele sabe de tudo que me acontece e iria ficar por aí, porque eu confio no meu amigo, mas é importante.
26. sim, porque se não cumprir para ele, não vai cumprir para mais ninguém.
27. sim, porque promessa é promessa, eu prometi..
28. não, porque você nunca mais vai vê-la, então, não vai cumprir a promessa.

f)

1. não mentir, não brigar. O importante é que se você fizer isso, a forma de se conviver não vai ser a mesma.
2. o respeito e a educação. Porque nós não vamos ter eles para sempre. E mesmo que tivéssemos pai, mãe, e todas nós merecemos respeito e educação.
3. talvez não desrespeita-la porque a mãe deve receber todo respeito de nós.
4. não mentir, obedecer, respeito por que se uma filha ou filho não tiver isso não vão dar valor para a vida.
5. não mentir porque quando a mãe descobrir, além de ficar triste, ela vai castigar a filho por ter mentido para ela.
6. porque no relacionamento com a mãe deve existir uma coisa como ter sinceridade de não mentir.
7. não mentir, obedecer porque se não ter esse relacionamento não tem carinho com as duas.
8. não mentir, obedecer e ter respeito.
9. eu acho que o relacionamento bom é não mentir pra mãe.
10. não mentir, duvidar, ter sinceridade e confiar porque sem esses exemplos fica ruim um relacionamento entre mãe e filha.
11. o relacionamento com a mãe e com a filha não haver mentira, mas sim confiança porque a mãe é a coisa mais importante.
- 12.
13. a sinceridade, honestidade e o amor entre ambas. Porque sem essas coisas, não é legal um relacionamento entre mãe e filha.
14. para mim, é o amor e o carinho e, principalmente, o respeito porque isso me completa como pessoa.
15. sinceridade, porque ela sempre vai ter confiança na gente.
16. obedecer porque educação é bom.

17. confiança, respeito e a palavra. Confiança: poder contar tudo e a mãe não brigar, apenas aconselhar, respeito: respeitar a posição e a atitude da mãe. E a “palavra”: pensar bem em uma coisa para depois falar a resposta final.

18. não brigar, você pode estar destruindo a sua vida.

19. não mentir, mas obedecer, contar segredo uma com a outra, não esconder nada e ser muito amiga de sua mãe.

20. porque tem que obedecer sua mãe, não mentir.

21. ser verdadeiro, porque tudo você deve falar para sua mãe, sempre a ver.

22. o respeito porque a gente tem que respeitar a nossa mãe, ela cuidou da gente.

23. eu acho que é importante obedecer fazer o que a mãe pede porque se a mãe manda a filha obedece, sem retrucar com a mãe.

24. não, porque a mãe dela é sincera e a filha tem que ser sincera com a mãe.

25. o amor, porque assim não mentimos, obedecemos, conversamos, entendemos, ajudamos e porque o amor (correspondido) é a melhor coisa no mundo inteiro.

26. respeito, porque se ela não tem respeito com a própria mãe, não vai ter respeito com ninguém.

27. amizade, porque se você não ter amizade com sua mãe, você não pode contar as coisas para ela

28. não mentir, pois assim terá um relacionamento sem mentiras e assim sua mãe sempre confiará em você.

g)

1. não deixar a filha a desobedecer, porque ela é a mãe e a filha tem que respeitar a mãe.

2. a filha tem que respeitar a mãe sempre só se for algo errado. Aí não devemos obedecê-la, e uma mãe deve saber seus limites, até quando ela achar que deve mandar em sua filha.

3. Eu tenho que receber ordem da minha mãe até os 15 porque a minha mãe diz que eu sou muito nova para mandar em mim.

4. a filha tem que obedecer até o ponto que ela achar o melhor por que é autoridade da mãe.

5. em assuntos da família. Porque assunto de família só se resolve quando é com a pessoa.

6. porque numa autoridade a filha tem que obedecer, até obedecer em tudo que a mãe a pede, pelo menos eu obedeço.

7. não sei.

8. sempre devemos obedecer nossos pais até termos idade suficiente.

9. a autoridade é brigar com o filho quando ela faz coisas erradas, ela manda na filha em tudo o que ela faz até os 18 anos.

10. sempre, porque se não a gente sai desrespeitando todo mundo.

11. a palavra da mãe tem que ser sim ou não e a filha tem que obedecer a um certo ponto, porque é importante.

12. primeiro você nasceu da barriga dela. Você tei que respeitar ela por que ela tem medo. Você tei que respeitar ela.

13. até onde ela acha que pode. Porque se a mãe mandar a filha tem que obedcer a mãe

14. a minha mãe tem autoridade de mim até os 18 anos.

15. até os 18 aos, porque daí você já é de maior.

16. em tudo. Eu acho porque sendo pouca coisa.

17. amiga e confidente, aconselhar, mas não brigar. Deixar de castigo, mas não bater. E respeitar a intimidade da filha, e tentar não constrange-la pede.

18. a filha tem que respeitar a mãe porque ela criou você. Respeitar até ela morrer.

19. a mãe manda quando a mãe de Judy falou que ela não ia ao show, Judy deveria obedecer a sua mãe, pois sua mãe tem que ter mais autoridade sobre Judy.

20. até quando sua mãe quiser.

21. em geral, porque é a mãe que manda na filha.

22. ela manda na gente, o respeito é tudo, porque ela tem que ser autoritária.

23. enquanto a filha está embaixo do mesmo teto que a mãe, tem que obedecer.

24. a mãe dela manda nela enquanto ela é menor de idade e se a mãe diz não é não.

25. o filho deve respeito à mãe e o pai, e como eles são nossos pais devemos obedecer. Não só nossos pais, mas a todas as autoridades (pai, mãe, polícia, etc.)

26. até o ponto de respeitar sua mãe, porque respeito é tudo.

27. em geral, porque uma mãe sabe o que é certo e o que não é certo, ela já viveu bastante, mais do que nós.

28. tudo, ela tem que obedecer a mãe em tudo porque as mães só querem o melhor para nós.

Dilema 2A

a)

1. não, porque o pai faz tudo o que ele quer.

2. Não devemos negar algo para pai e mãe, pois nos dão casa, etc., mas não é certo Joe trabalhar duro, ganhar dinheiro e seu pai usar.

3. Sim, porque JOe trabalhou duro e não custa nada o pai dele fazer o mesmo.
4. Não, porque ele soou pra ganhar o dinheiro depois dar ao pai, não ele não deve dar.
5. Sim, porque o pai tinha dito a Joe que podia ir se ele guardace o seu dinehiro.
6. Sim, porque o pai não trabalhou duro para ter seu dinheiro e Joe trabalhou.
7. Sim, porque Joe trabalhou para ganhar o dinheiro.
8. Sim, porque ele se esforçou para conseguir o dinheiro.
9. não, porque outra oportunidade vem e talvez o pai dele quando tiver di novo pode pagar todo até a despesa de comer.
10. Não, porque eu acho assim, deixaria meu pai ir e eu ficar porque ele cuidou de mim desde pequena. Joe deve fazer isso.
11. Por que ele deve negar, por que Judy, foi ele quem conquistou o dinheiro e foi do seu suor.
12. Por que sim ele conomizou para ir no capameto e o pai fala para Judy i no capameto era para dexa ele i.
13. deve, porque ele conquistou o dinheiro com seu esforço, o pai pode muito bem deixar a pesca para outro dia e deixar Joe ir ao acampamento.
14. sim, foi Joe que trabalhou e conquistou, o pai que trabalhasse e ajuntasse como Joe.
15. sim, porque o dinheiro é do Joe e está reservado para o acampamento de Joe.
16. Não porque é o pai dele e o pai dele deve ter pago muitas coisas para ele, então, ele deve emprestar o dinheiro para o pai, sim.
17. sim, ele se esforçou para conseguir isso e conseguiu. O pai não pode simplesmente pegar o dinheiro, pois exemplo é tudo, e isso pode torna-lo um mal exemplo.
18. sim, o pai vai pegar o dinheiro do filho par ir pescar, e o filho não pode ir ao acampamento.
19. O dinheiro é do Joe, ele faz o que quiser com o dinheiro, foi ele que conseguiu e também o pai falou para Joe economizar e ele economizou.
20. sim, poruqe seu pai prometeu deixar ele ir ao acampamento só se juntasse o próprio dinheiro.
21. sim, porque o dinheiro é dele. Se o pai deu alguma coisa em troca sim, se não, não.
22. não, porque o pai dele não pode negar dinheiro.
23. Deve porque o Joe trabalhou duro para ganhar o dinheiro, e o pai que tinha que trabalhar mais para ganhar seu dinheiro, não trabalhou.
24. Ele deve negar o dinheiro para o pai. O pai dele deixou ele ir no acampamento com os colegas, e, então, ele não deve emprestar o dinheiro para o pai.
25. Não, porque com certeza quando seu pai tem dinheiro não deve nega-lo, e ele pode ir no outro ano no acampamento.
26. sim, porque ele, além de não deixar ele ir no acampamento, quer tomar o dinheiro de seu filho.
27. não porque tudo o que ele precisava o pai dele deu para ele.
28. Sim, porque Joe quer ir ao acampamento e seu pai não deixa porque quer o dinheiro para uma pesca com amigos.

b)

1. Sim, porque ele tem o direito mesmo que seu filho não quer dar.
2. Sim, porque ele dá de tudo para Joe (casa, comida, etc), mas ele vai tirar a diversão de seu filho para divertir-se com o dinheiro dele.
3. não, porque Joe trabalhou para ir ao acampamento, então, o pai não tem o direito.
4. Por um lado sim e pelo outro não. Porque o Joe trabalhou para ganhar seu próprio dinheiro, mas com certeza sempre que Joe precisou de dinheiro, o pai dele deu.
5. O direito ele tem, mas não foi ele quem trabalhou para ir no passeio e depois não pode ir porque o pai pediu.
6. Não, porque o pai de Joe não trabalhou e o Joe batalhou por esse dinheiro.
7. Não, porque não foi ele que trabalhou para ganhar.
8. Não porque o pai dele não o ajudou.
9. não, o dinheiro é de Joe, foi economizado, ganhado, ele não pode obrigalo.
10. Ah, dar o dinheiro, não. Joe trabalhou. O pai lhe pedir emprestado é o mais
11. Porque o pai não tem que obrigar nada, porque Joe é que tem que decidir se dá ou não dá. Se o dinheiro fosse meu, eu não daria.
12. Não por que ele trabalho e vei pidi o diero para o Judy que é seu filho e o seu pai não trabalhou ele não tei que pedi nada.
13. Não, porque o pai tem seu trabalho e Joe conseguiu o dinheiro com o seu trabalho, então, se Joe tem o seu dinheiro porque ele trabalhou, então, o pai pode também trabalhar para também conseguir seu dinheiro.
14. Não, porque Joe ajuntou com o seu trabalho e o pai não.
15. Tem, porque o pai dele é autoridade.
16. Sim, porque ele, o pai, já deve ter pago muitas coisas a Joe.
17. direito ele tem, mas Joe também tem sua opinião sobre isso e pode não dar o dinheiro.
18. Não, o filho ganhou o dinheiro como suor dele.

19. Eu acho que o pai não tem o direito de pegar o dinheiro de Joe, pois foi ele mesmo que pedia para Joe consegui-lo e depois Joe consegue e o pai quer o dinheiro.
20. Não, porque o menino juntou o seu próprio dinheiro.
21. sim, porque ele é o pai e ele manda mais mesmo assim o dinheiro é dele (Joe)
22. Não, porque foi Joe que conseguiu o dinheiro.
23. não, porque ele manda no dinheiro dele, ele tem o dinheiro dele e tem direito a tudo que é dele.
24. Não, porque não foi ele que deu o dinheiro para Joe, foi Joe que juntou o dinheiro.
25. Não, porque o dinheiro é de Joe, e com o consentimento do pai, ele resolve como gasta-lo.
26. Não porque Joe conseguiu o dinheiro trabalhando.
27. não. Porque ele falou para ele ir ele tinha que trabalhar. Era só o pai economizar para ele ir.
28. Não, pois o dinheiro é dele e ele batalhou para te-lo.

c)

1. Não, porque ele é um bom filho se ele quer.
2. Mais ou menos, porque não devemos negar, mas o pai de Joe trabalha para ter dinheiro.
3. Não, porque o bom filho, ele deve respeitar e não dar o dinheiro que ele conseguiu.
4. Não, porque cada um tem sua decisão e a decisão que ele tomar não vai mudar de ser um bom filho ou um pior filho.
5. Não, porque para ser um bom filho, tem que respeitar o pai e ter educação.
6. Sim, porque o Joe foi bom de ter dado o dinheiro que ele conseguiu para o pai.
7. Não, porque ele é o dono do dinheiro.
8. Não, porque ele batalhou para conseguir o dinheiro.
9. para o pai, ele seria um bom filho, pois estaria lhe ajudando..
10. Ah, sim, ele seria um filho melhor, porque seu pai iria se orgulhar do filho e ia ficar muito feliz.
11. porque se ele desse o dinheiro, ele seria um filho bom para seu pai.
12. não porque ele probonha e ele ia ser um filho ele ia tava fazeno para a família.
13. O fato de dar o dinheiro não muda nada, porque o pai tem que entender o caso do filho.
14. Não, nada a ver. Ser bom filho é respeitar os pais.
15. não, porque dando ou não ele ia ser o mesmo.
16. Não, porque de qualquer jeito, ele vai ser o filho dando ou não o dinheiro.
17. não, ela não tem o direito de não dar o dinheiro. E isso não é uma coisa ruim, porque ele tinha um objetivo e conseguiu, uma pessoa, mesmo que seja o pai, não tem o direito de pegar o dinheiro.
18. Não, porque ele não é obrigado a dar o dinheiro.
19. Eu acho que não, pois ele dando ou não dando ao pai, se ele é um filho bom que ajuda o pai, e vai ser sempre um bom filho.
20. Sim, porque se ele desse o dinheiro, o pai ficaria orgulhoso.
21. não, mais se dese o dinheiro, o pai ficaria orgulhoso do filho.
22. Não, só porque não deu o dinheiro, ele não é bom filho.
23. Se ele quiser dar é porque ele quis, daí, ele é um cara bom.
24. Ele não deveria ter dado o dinheiro ao pai, ele iria ficar bravo com o filho, mas ele iria tratar o filho como ele era antes.
25. sim, porque ele está sendo generoso e agradecendo porque o que são R\$40,00, perto de tudo o que seus pais deram em sua vida.
26. Não, porque o pai quer o dinheiro para se divertir com os colegas.
27. não porque o pai só queria ir pescar e não para ele ser um bom filho.
28. Não, não muda nada, pois o pai tem que gostar do filho, dando dinheiro ou não.

d)

1. Não, porque tudo o que o filho tem, é o pai dele que deu.
2. Sim, porque ele que conseguiu o dinheiro, trabalhando, suando, e seu pai, também trabalha.
3. Sim, porque se fosse o pai dele que tivesse dado dinheiro, o pai poderia pedir de volta.
4. Sim, porque se ele for um cara bom, ele daria o dinheiro.
5. Sim, porque foi ele que ganhou, se fosse o pai, ele ia tomar a decisão, porque foi ele que ganhou o dinheiro.
6. Sim, porque ele trabalhou duro para ter esse dinheiro.
7. É porque é dele.
8. Sim, porque ninguém o ajudou a conseguir o dinheiro.
9. sim, porque ele economizou não foi o pai que lhe deu.
10. Sim, porque não é só os filhos que precisam do pai, o pai também precisa do filho.
11. Porque numa situação como essa é preciso dar o dinheiro para o pai.
- 12.
13. Sim, porque o pai já não pode decidir por ele, então, se Joe falar uqe não, o pai tem que respeitar.

14. Sim, porque foi ele que conquistou e lutou por esse dinheiro, ele deve decidir.
15. Sim, porque foi Joe que conquistou, não o pai dele.
16. Sim, porque foi ele que conseguiu o dinheiro e não o pai dele.
17. sim, ele tinha um objetivo e conseguiu. O pai deveria ter guardado um pouquinho do dinheiro caso quisesse fazer alguma coisa.
18. É importante porque ele ganhou o dinheiro dele trabalhando.
19. Claro que sim, foi ele que conseguiu, não foi o pai que conseguiu. Joe faz o que ele quiser com o dinheiro dele.
20. Sim, porque ele não pediu dinheiro para o pai.
21. sim, por que o pai falou para ele e agora vai pular para traz, o dinheiro é dele.
22. Sim, porque foi ele que conseguiu o dinheiro.
23. Sim, pois o dinheiro é dele, ele trabalhou para consegui-lo.
24. Sim, é importante porque ele ganhou sozinho o dinheiro, então, ele não devia emprestar o dinheiro para o pai.
25. Sim, porque por mais que ele deva dar o dinheiro, o dinheiro é dele e se ele não quiser dar , será errado, mas é dele.
26. Sim, porque ele ganhou o dinheiro trabalhando.
27. sim, porque o pai deixa ele ir ao acampamento.
28. Sim, pois o dinheiro é dele, ele trabalhou para conseguir.

e)

1. Sim, porque ele não precisa se preocupar.
2. Sim, porque seu pai prometeu e não cumpriu.
3. Sim, porque promessa é importante.
4. sim, porque ele prometeu, não tem mais nada a dizer.
5. Sim, porque ele prometeu, mas mesmo se não tivesse prometido, ele não teria que dar o dinheiro.
6. Sim, porque ia mudar a situação e ia dar o dinheiro para o pai.
7. É porque ele prometeu que Joe ia.
8. Sim, porque o pai dele prometeu.
9. sim, promessa foi feita para ser cumprida.
10. Não é importante, não mudaria nada na situação porque o pai iria pedir do mesmo jeito.
11. Sim, porque ele prometeu e agora não vai cumprir.
12. sim, por que ele prometeu o Judy ele prometeu ele não falase para o Judy.
13. Sim, porque ele não prometeu, então, já que ele não tinha falado nada, Joe tem que dar o dinheiro.
14. Sim, sabe por quê? Promessa deve ser cumprida, depois como podemos confiar um no outro.
15. Sim, porque ele prometeu e depois mudou de idéia.
16. Sim, porque prometer e não cumprir é muito feio.
17. sim, promessa é promessa. Isso pode deixar o filho achando que é fácil pegar dinheiro dos outros e a palavra quando se quebra é difícil de voltar a ser como antes.
18. É, se ele não tivesse prometido, sim, ele podia dar o dinheiro.
19. Sim, é importante, pois se ele promete, ele tem que cumprir.
20. Sim, porque seu pai prometeu que ele iria, e ficou chato, ele prometer e depois dizer a Joe que ele não iria mais ao acampamento.
21. sim, se prometeu está prometido..
22. Sim, porque se ele não tivesse prometido, podia dar o dinheiro ao pai.
23. Sim, porque quando se promete uma coisa, é porque tem certeza e tem que cumprir a promessa.
24. Sim, porque ele deu a sua palavra e não cumpriu com ela, então, eu não emprestaria para ele.
25. Também, mas como seu pai prometeu, deve cumpri-lo, pois promessa é dívida, e se seu pai não tivesse prometido, não iria interferir.
26. Sim, ia mudar porque ele não ia ter com que gastar.
27. sim, porque é o pai que manda nele..
28. Sim, porque promessa tem que ser cumprida.

f)

1. Uma promessa deve ser cumprida e não é importante prometer uma promessa a quem você não conhece.
2. Porque promessa é promessa, prometeu tem que cumprir. Não, se a gente promete, é porque a gente confia na pessoa.
3. Sim, mas se eu promettesse e nunca mais vou ver a pessoa, eu não cumpriria.
4. Não, porque eu não vou prometer uma pessoa que não vou ver mais. Eu não.
5. sim, não. Por que você não conhece a pessoa e não sabe o que ela é capas de fazer.
6. Porque sim.

7. É, é porque tem que ser cumprida.
8. Sim, porque senão, vão te chamar de mentiroso.
9. sim, é importante pois se não vamos cumprir não devemos prometer.
10. Porque promessa é uma coisa que a gente faz e tem que cumprir. Sim, porque é uma promessa e porque é importante.
11. Porque prometeu, não porque você não vai ver mais ele. Daí ele não vai ver se você
12. sim, porque você prometeu para essa pessoa e você prometeu tei que cupri.
13. Se você prometeu, você deve cumprir, porque a pessoa está esperando que você cumpra sua promessa. Não, porque se provavelmente você não verá mais, não vai ter como você cumprir essa promessa.
14. Sim, promessa deve ser cumprida. Sim, claro, eu guardo porque eu respeito a opinião das pessoas.
- 15.. Para não ficar feio para a pessoa, não, porque você nunca mais vai vê-la.
16. porque é muito importante. Não porque eu nunca mais verei essa pessoa e se ver ele já vai ter esquecido.
17. sim, você gostaria que uma pessoa que você não conhece, cumprisse a promessa s.
18. Porque é uma jura. Sim, porque você jurou que não ia contar.
19. claro que sim, vale a pena prometer uma promessa a alguém que você nunca mais vai ver.
20. Sim, porque você prometeu e promessa tem que ser cumprida.
21. porque prometeu. Porque você prometeu mais depende da situação.
22. Porque se prometeu, tem que cumprir. Não, porque a gente não vai ver mais a pessoa.
23. Porque quando se faz uma promessa é certeza do que você está falando. Não é importante cumprir uma promessa para uma pessoa que nunca mais vai ver e pode descumprir.
24. Não, porque você nem sabe quem que é a pessoa e vai prometer alguma coisa a ela.
25. Porque a pessoa está confiando em você e não deve voltar atrás. É porque você prometeu e promessa é dívida.
26. Sim, porque se você não cumpre uma promessa dessa, não cumpre nenhuma.
27. sim, porque promessa é uma coisa que a gente promete e tem que ser cumprida.
28. Sim, porque é uma coisa que você falou que vai fazer. Se você prometeu, tem que cumprir mesmo que não veja a pessoa porque você falou que iria fazer.

g)

- 1.
2. respeito e educação. Que o filho também merece respeito como ele também merece.
3. paz e respeito, nunca esquecer de uma promessa e de amá-lo
4. ah, eu acho que o amor é importante e também a família unida porque a união é mais importante.
5. a amizade, o amor para se conviver melhor.
6. obedecer o pai, e confiar no filho.
7. muitas coisas é importante, porque tem que se educar bem.
8. nunca mentir e se tiver precisando de ajuda, fale com o seu pai.
9. é importante cumprir com o que prometemos tanto o pai como o filho.
10. o respeito, o caráter, educação entre pai e filho, o pai não deve esquecer que não deve mentir pro filho. Isso é muito importante.
11. é importante fazer coisas juntos, e um pai nunca deve esquecer a promessa , isso é importante, porque se não se cumpre, o filho fica chateado.
12. Por que ele que te fez você crece
13. Ser sincero, porque você sendo sincero, você poderá confiar no seu pai.
14. o que é mais importante é o amor e o carinho porque isso faz um filho feliz.
15. amor, confiança, porque senão ninguém confia em ninguém.
16. Nunca esquecer que tem um filho que o ama muito, que o filho o ama, porque ele é o pai, então, o filho ama ele.
17. respeitar o limite de cada um, porque tem um coisa que o pai não gosta e o filho não deve fazer, isso só para irritá-lo, ou contrário.
18. a amizade, nunca falar uma coisa e fazer outra, porque senão eles sempre esquecem.
19. honestidade, respeito, sem mentira, confiança, etc.
20. que ele ama, isso nunca pode esquecer.
21. o carinho. O que promete. Porque os pais prometem e esquecem e o filho não.
22. o respeito, o amor, porque a gente nunca deve esquecer de dar amor e ter respeito.
23. sinceridade, porque uma pessoa que não é sincera não é nada. Não pode esquecer do carinho e da atenção, senão o filho cresce rebelde, sem amor e revoltado.
24. os dois podem ser sinceros, um com o outro, e ter muita amizade e paz um com o outro.
25. o amor, porque o amor é tudo.
26. respeito e o pai não deve esquecer o amor porque quem não gosta de um carinho.
27. o respeito. Porque se o pai não tem respeito para o filho, o filho não vai ter respeito ou fica “aquela” relação.

28. manter a verdade, porque sempre os dois terão confiança um no outro.

h)

1. até aonde o pai achar possível. Porque o filho deve respeitar o pai perante todas as situações.
2. exigir respeito, mas não devemos obedecer nossos pais quando eles nos ensinam coisa errada, porque do contrário devemos respeitar.
3. em geral, na educação, porque se não ele cresce mal educado e rebelde.
4. até onde ele pode mandar até quando ele sair da casa, casar e morar com a esposa e ser dono de seu nariz.
5. até a educação, porque não é em tudo que o filho vai obedecer o pai.
6. em tudo para ajudar o pai também.
7. todas porque ele manda.
8. a autoridade deve ser máxima porque ele deve ter respeito porque são as únicas pessoas que vão poder te ajudar, o pai e a mãe.
9. cumprir com as suas promessas.
10. ah, eu acho que o pai deve mandar num filho até um certo ponto, porque isso é o certo no meu ponto de vista.
11. porque o filho sempre tem que obedecer o pai e nunca deixar de obedecer.
12. o filho tem que obedecer o pai seu o pai tem que ter educação com o filho.
13. até aonde o pai achar possível, porque o filho deve respeitar o pai perante todas as situações.
14. o filho sempre deve obedecer o pai.
15. até os 18 anos, porque já é maior de idade.
16. o filho não o desobedece, porque ele é o pai e manda nele até que o filho complete 19 anos, que daí será maior de idade.
17. respeitar a autoridade e saber aceitar um não sem brigas..
18. o filho sempre tem que obedecer o pai, senão ele vai ficar sem educação.
19. eu acho que o filho deve sempre obedecer o pai, pois o pai tem toda a autoridade sobre o filho.
20. não, porque depende também do que o pai mandar o filho fazer.
21. o pai sempre tem autoridade sobre o filho.
22. obedecer o pai sempre, porque é o pai dele.
23. enquanto o filho está no mesmo teto que o pai, o pai manda o seu filho. Porque o filho está nas custas do pai que o está criando.
24. se o pai falasse “você não vai”, ele não deveria ir e se o pai falou que o filho podia ir, ele deveria ir com os colegas.
25. ele deve reconhecer seus limites porque não dá pra deixa-lo fazer algo errado, vou limita-lo quando não precisa.
26. até o ponto do respeito porque respeito é tudo.
27. a obediência se o pai fala não, porque o pai sabe o que é certo e que é errado.
28. deve mandar nas responsabilidades para o filho ser uma pessoa boa.

i)

1. Porque sim, o seu filho tem preocupação com seu pai.
2. Não mentir, porque a verdade sempre aparece. E devemos amar nossos pais como eles nos amam.
3. o respeito e o amor, porque são as principais coisas que deve ter num relacionamento entre pai e filho.
4. o carinho porque sempre tem que ter o carinho e fica guardado no coração. Essa é a lembrança do pai.
5. a convivência porque sem convivência você não vai lidar bem com o seu pai.
6. a confiança porque o pai tem que confiar no filho, seja o que acontecer.
7. muitas pq eles tem um ligamento entre si.
8. respeitá-lo porque se não o filho pode se ferrar depois.
9. é importante nunca desobedece-lo.
10. tratar o pai bem porque todos merecem sendo ruim ou mau, porque isso é a coisa mais importante.
11. porque é importante saber com o relacionamento que o filho vai saber que o pai vai cumprir uma promessa.
12. se o pai tiver com uma coisa o filho vai conversar com o pai e aí vai dar para o pai.
13. a sinceridade e o amor porque juntando essas duas coisas, o relacionamento entre ambos será mais prazeroso.
14. eu acho que é o respeito porque se tiver respeito, há confiança, carinho, amor, etc.
15. o amor, porque a gente não pode odiar nossos pais, temos que amá-los.
16. que um dia o pai vai morrer porque ninguém vive mais de 120 anos.
17. respeitar os limites e as atitudes dos pais. Para uma convivência melhor. Não fazer as coisas apenas para irritar os outros e vice-versa.
18. a educação, senão o filho pode virar bandido.
19. confiança sobre seu pai, respeito, honestidade, não mentir.

20. se o pai dele ama ele.
21. a verdade, porque tudo tem que falar pro pai.
22. o amor porque sempre tem que ter amor em um relacionamento.
23. confiança, porque o pai tem que confiar no filho e o filho no pai. Se não ter confiança, o relacionamento entre o pai e o filho não tem graça.
24. ele deveria respeitar o pai e ser sincero um com o outro.
25. a confiança, porque depois do amor e respeito, ela é a chave de tudo, até mesmo do amor, pois não convivemos com quem não confiamos.
26. o carinho, porque pai e filho tem que ter carinho.
27. a obediência porque um filho não sabe o que ser, mas o pai sabe o que é certo.
28. ser honesto e falar sempre a verdade. Para relacionar-se bem com as pessoas é bom ser sempre honesto.

Dilema 3

a)

1. deve, porque se não a mulher ia sofrer mais. Certo, se não a mulher vai sofrer mais.
2. Não, porque ele estaria cometendo um crime. Seria certo, porque ele estaria tirando o sofrimento dela, mas é errado, porque ele estaria matando uma paciente.
3. Sim, acho porque é ela que está implorando para ele lhe dar a droga, não é certo lhe dar essa droga, porque é contra a lei e isso é um assassinato.
4. se ela pediu ela mata por que ela pede por ta sofrendo sim por se ela pediu pra não sofrer depois morrer então ela prefere assim.
- 5.
6. Não, porque o seu dever é salvar a vida da mulher, de fato, é muito errado porque não precisa matá-la, é só dar o remédio para aliviar a dor.
7. não, porque ela poderia sobreviver ao câncer. Não porque é ilegal.
8. Não, porque ele vai estar cometendo um crime. É errado porque se a polícia descobrir, ele irá preso.
9. Jefferson deve lhe dar pois é certo que a mulher quer morrer por causa do seu sofrimento e é errado porque não podemos tirar a vida de ninguém
10. Sim, porque para a mulher não sofrer, para o Dr. Jefferson é errado, porque em vez de ele ajudar a matar, ele tem que ajudar a mulher a ficar viva, porque ele pode ser preso por isso.
11. Não, porque ele sendo um médico, não deve matá-la porque isso é crime, não é certo dar a droga, porque é errado perante a lei.
12. Sim, porque ele tava sofrendo e ela queria morrer e não foi o médico que matou por que ela tava morre.
13. Não, porque ele tava fazendo um crime. Errado, primeiro porque é contra a lei, e segundo, tem que se conscientizar pelos familiares.
14. sim, ela deve tomar a sua decisão a de morrer ou a de sentir a dor.
15. não, porque ele estaria matando. Errado, porque perante a lei, isso é errado.
16. não, porque a mulher pode melhorar esmo que os médicos estejam falando que não tem mais salvação. Errado, porque a mulher pode se recuperar.
17. não, porque se a mulher tem mais seis meses de vida e ela deve aproveitar, mesmo com muita dor, deve ver o lado bom e aceitar que tem câncer e aproveitar o máximo
18. Não, porque isso é ilegal, mesmo a moça querendo, é errado, porque não tem nem uma autorização.
19. Eu acho que não é certo de dar a droga que mataria a mulher, porque o médico não tem o direito de tirar a vida e sim de salvar a vida de quem precisa, mesmo que essa mulher não tem mais como viver.
20. não, é contra a lei. Errado, porque é contra a lei dar esse remédio, e o doutor deve salvar a vida e não tirar a vida das pessoas.
21. não. Porque é contra lei. Não. Porque é contra lei.
22. Sim, porque ela não precisa ficar sofrendo. É errado, porque ele não deveria dar uma injeção pra ela morrer, isso é ilegal.
23. Ele deveria dar o remédio. Porque mesmo ele cometendo um crime, ele está ajudando a mulher. É errado porque é contra a lei, mas mesmo assim, ele deveria dar o remédio, mesmo ele sendo preso, ela saberá que ele está preso por uma boa causa.
24. Sim, porque o caso da mulher está perdido, não, porque ele iria matar, mas se fosse para ela descansar, ele devia dar a morfina.
25. 7. Sim, porque ela não tem cura, está sofrendo e não quer mais sofrer. Não, porque el estava assassinando-a, e isso não é legal.
26. 25. o Dr. Jefferson tem que mata-la. Porque ela pediu. Não, porque o médico não pode mata-la porque pode ser preso. É errado, porque ele vai matar ela que pode sobreviver.
27. sim, porque aí a mulher não ficaria sofrendo. Errado, porque é contra a lei.
- 28.

b)

1. Sim, a vida é dela e ela deve decidir o que fazer.
2. A vida é dela, e ela está com muita dor, à beira da morte, mas como o médico que está dando a droga, ele está matando a sua própria paciente, isso é crime, matar.
3. Sim porque ela está sentindo muita dor, é a vida dela e ela está à beira da morte.
4. sim por que se ela ta com dor desespero ela não quer sofrer para morrer ela que da adeus pra vida porque é melhor pra ela do que ficar sofrendo.
- 5.
6. sim, porque a decisão é dela, ela tem que decidir se toma o remédio para morrer.
7. Não, porque está com dor, está fora de si.
8. Sim, porque ela tem consciência do que está fazendo.
9. sim, porque é ela em que sofre com as dores
10. claro que não acho que ele não quer que sua mulher morra porque é errado. Se eu fosse ele ficaria com ela nas horas difíceis da vida.
11. Não, porque a decisão é errada. Ela deve suportar a dor. Garanto que ela fala isso no desespero da dor porque eu acho que ninguém quer morrer.
12. sim, por que ele tava casado com ela e ele tei que dar com selho para ela.
13. Não, porque as pessoas que geralmente sofrem esse tipo de processo (de dor), fica fora de si e pode pedir coisas absurdas de se fazer, como provocar a própria morte para aliviar a dor.
- 14.
15. Deve, porque a vida é dela e é ela quem está sofrendo.
16. sim, porque ela é que está com muita dor, e não agüenta mais essa dor, então, ela deve tomar a decisão final.
17. sim, mas lembrando que são seis meses de vida jogados fora. Mesmo sendo seis meses difíceis, tudo tem um lado bom. Ela deve aproveitar.
18. Sim, porque ela tem o direito de fazer o que ela quer porque a vida é dela.
19. Mesmo que a vida seja dela, eu acho eu ela não tem o direito de tomar o remédio que a mataria e ela não deve tomar a decisão.
20. sim ela vê que está morrendo de dor e vê que vai morrer.
21. sim, porque é vida dela, mais o médico não pode lhe dar..
22. sim, porque a vida é dela, se ela quiser tomar a morfina, ela toma, mas se ela não quiser, aí não.
23. deveria tomar essa decisão, porque quanto menos ela sofrer, é melhor para ela, mas se ela não tivesse com dor, ela não deveria tomar uma decisão dessas.
24. sim, porque ela não agüenta mais de dor, então, ela deveria tomar a morfina e morrer.
25. Sim porque é a vida dela que está em risco, se ela quiser, ela pode, se não quiser não tomar, é a vida dela.
26. Sim, porque ela está com dor e ela tem que tomar a decisão para o seu alívio.
27. sim, porque é o último pedido dela, e porque ela não quer sentir mais dor.
- 28.

c)

1. Sim, porque ele a ama, então, ele tem que fazer o melhor para ela.
2. não, porque o marido poderia até pedir para o médico aplicar, mas o médico é quem levaria a culpa. E a mulher poderia até se curar, mas o melhor seria acontecer a morte natural, assim, ninguém leva a culpa.
3. não acho, porque se ele ama deve deixar que ela faça sua própria decisão, já que ela está sofrendo.
4. não sei a eu acho que sim por que ela quer morrer já depressa do que ficar sofrendo pra depois morrer o marido concordar ele topa mais sabendo que ela vai morrer então é melhor pra ela.
- 5.
6. Deve porque ele vai ajudar na decisão da mulher porque ele não vai querer que a sua mulher morra sem uma decisão dele.
7. Sim porque ela precisa da opinião do marido.
8. sim porque a mulher não deve esconder dele e também para ajuda-la na escolha.
9. sim, pois a vida do marido vai mudar com a morte da esposa
10. Sim, porque ela está com muita dor e não quer mais sofrer na vida.
11. Sim porque se ele ama ela, ele tem que ajudar ela na decisão, porque ele vai entender o lado da mulher, porque ele sabe o quanto ela está sofrendo.
12. sim, por que a vida é dela e ela tava sofrendo eu tomaria sim você vai fica sofrendo eu já tava para morrer de ves.
13. Sim porque ele é um dos familiares dele, ele deve saber o que faz por conhecer bem a esposa.
14. sim, ele deve participar porque o marido sempre tem uma esperança.
15. Sim porque quando se casa, falam que o homem e a mulher são um só, ou seja, são o mesmo corpo.
- 16.

17. sim, “na saúde e na doença”, ele se casou com ela porque gostava e com certeza ele não quer ficar sem ela. E ele pode sofrer muito com isso.
18. Sim, porque ele está participando da vida dela também, desde que ele casou.
19. eu acho que não, porque se o marido conceder o pedido da mulher, ele e o médico estarão cometendo um crime de assassinato, porque morfina demais é ilegal. Deixa ela morrer naturalmente porque a vida dele já está quase acabando.
20. sim, ele é o marido dela e deve ajudala a pensar se deve ou não deve tomar o remédio.
21. sim, ele iria ajudar ela tomar a decisão certa.
22. sim porque é o marido dela, ele gosta dela e ela deve pensar nele também.
23. sim, porque o marido não vai querer que a mulher sofra, então, é melhor ela tomar o remédio.
24. Sim porque ele quer que ela morra sem tomar o remédio mortal, ele quer aproveitar que está vivo para dar apoio a ela.
25. Também deve, porque ele a ama, e ele é marido dela, então, tem o direito de opinar, mas ela toma a decisão.
- 26.
27. sim porque ele passou a vida inteira com ela e sempre deu a sua opinião
- 28.

d)

1. nessa situação ele deve fazer alguma coisa porque ele deve falar para pesquisar um remédio.
2. Ele deve tentar acalmar a mulher, mas dizendo a verdade, que o médico não pode mata-la, porque ele estaria cometendo um crime.
3. deixar que ela faça sua própria escolha já que ele a ama.
4. ele deve topar por que sabendo que ela vai morrer, então é melhor ela já morrer do que gastando dinheiro com remédio com coisa que vai jogar então eu acho que ela morresse já do que ficar sofrendo com a educação.
- 5.
- 6.
7. ajudar na decisão porque ela precisa muito dele nesse momento ruim.
8. ele deve tentar de tudo para salva-la porque ela é sua esposa.
9. deve apoiá-la em sua decisão, porque ela precisa de uma pessoa que a apóie e não que a critique em sua decisão
10. bom se eu fosse o marido dela, ficaria junto com ela nas horas más da vida porque não é só quando ela está feliz que está bom, mas sim na dor e na tristeza também.
11. ajudar ela em tudo que ela precisar porque ele sabe o quanto ela está sofrendo.
12. a eu ia dar com selho para se ela tava sofrendo muda ela morre ela tava sofrendo muito.
13. mandava aliviar a dor dela com a eutanásia, porque ela estava louca de dor, nada mais justo alivia-la.
14. ele deve ter uma esperança porque nós não vivemos sem esperança.
15. eu pediria a Deus que a salvasse porque eles são um só.
16. não deixar aplicar essa dose na mulher porque talvez ele não quer perder a mulher.
17. respeitar a decisão da mulher, porque ele gostaria que ela respeitasse a dele. Mesmo a decisão sendo muito difícil e podendo arruinar vidas..
18. nada, porque ela está numa situação que não tem mais cura.
19. 8. não deixaria o médico dar a droga para ele e pediria por favor para ele tentar salva-la.
20. eu deixaria ela escolher o que ela quer, mas eu ajudaria ela pensar bastante.
21. dizer que não é para ela tomar o remédio. Porque é errado e também ficaria mal para a família e para o médico..
22. ele deve aceitar a decisão dela porque ela está quase morrendo.
23. primeiro de tudo, procuraria algum remédio para salva-la, mas se não existir esse remédio, falaria para minha mulher tomar o remédio porque não quero ver a minha mulher sofrer.
24. Eu iria dar muito apoio a ela, para que ela se anime um pouco.
25. ele deve não deixar ela se matar, mas se fosse sua decisão final, ele deve apoiá-la em todas as circunstâncias, mas eu iria morrer junto, ficaria muito triste.
26. ele deve falar para ela tomar a injeção porque só assim ele vai acabar com o sofrimento dela.
27. fazer o último pedido dela. E é matá-la. Porque ela não quer da mais trabalho.

e)

1. sim porque senão ela vai sofrer.
2. sim, a vida e a decisão é dela, mas seria bem melhor a pessoa esperar a morte natural, porque existem outras pessoas que a amam.
3. não acho, porque a vida é dela e ela tem todo o direito, mas ela tem que saber que ela via deixar pessoas sofrendo.

4. ela tem o direito de cometer o suicídio por ela ta vendo o que ta passando o marido mesmo assim qualquer forma ela vai morrer.
- 5.
6. Ela tem esse direito porque ela que decide se vai viver até morrer, mas a decisão é dela.
7. sim, porque ela sabe o que está fazendo.
8. sim, porque a vida é dela.
9. no caso dessa mulher, ela tem, porque temos que pensar em quanta dor a mulher passa se ela achar que morrer é melhor, devemos concordar com sua decisão
10. Não, ela não pode cometer o suicídio de forma alguma, poderia até deixar piores as pessoas que gostam dela.
11. não porque é ela que não está agüentando mais viver com ela.
12. não sei.
13. tem, mas deve refletir. Primeiro, a vida é dela, segundo, seus familiares, colegas, amigos irão sofrer, e terceiro, ela não tem essa obrigação.
14. ela não pode morrer, ela tem que viver e enfrentar seus problemas.
15. tem, porque a vida é dela.
16. não, porque a obrigação dela é viver e não se suicidar.
17. ela tem o direito de cometer o suicídio, mas ela tem que ter na consciência que jogará a vida dela fora e poderá machucar várias pessoas que amam ela com isso.
18. não, porque ela está fazendo uma coisa que ela não tem o direito de fazer, mas o médico não pode fazer nada.
19. eu acho que ela não tem o direito de cometer o suicídio, mas tem o direito de viver o resto de sua vida que sobra a ela.
20. porque a vida é dela e a escolha de viver ou não é dela.
21. sim, porque a vida é dela. Se ela quiser morrer, morra só não coloque ninguém no meio.
22. sim, porque a vida é dela, ela faz o que quiser com a vida dela.
23. tem o direito, porque ela tem que ver o que é melhor para ela, a vida é dela.
24. ela tem o direito sim, porque é ela quem dá a palavra final.
25. ela tem o direito de escolher, mas deve pensar muito bem antes de comete-lo.
26. sim, ela pode, porque se ela quer viver, ela tem o direito, e se quer morrer, a vida é dela.
27. sim. Porque ela está cansada de viver, não quer saber de mais nada do que está acontecendo.
- 28.

f)

1. sim, senão, cada vez, ela vai ficar com muita dor.
2. não, porque matar o animal nesse caso, não é crime. Mas matar a mulher é crime. Mas se ela está sofrendo muito, e ela pede, e assina um documento deveria ser certo, ela está sofrendo.
3. sim porque ela está com muita dor, apesar de ser crime, que se foda a lei, ela tem o direito de morrer.
4. sim, por que ela ta naquela situação e não quer sofrer então ela quer suicidar. O marido tem que aceitar mesmo assim.
- 5.
6. porque na dor do cachorro, ninguém vai ficar vendo a morte do cachorro.
7. sim, para não sofrer mais.
8. não, porque ela tem o direito de escolher.
9. sim, para que ela fique livre da dor
10. não, eu não aceito que os animais morram. Prefiro que ele sinta dor e morra naturalmente, a mulher também porque é o certo neste caso.
11. sim, porque se ela não livrar-se dessa dor, ela vai sofrer mais ainda.
12. se o animal tiver sofrido ele tei que morrer.
13. não, porque simplesmente é crime.
14. não, nós temos que lutar até o fim.
15. não, porque o animal é um ser irracional e o ser humano é um ser racional.
16. não, porque no caso da mulher é crime e ela toma a decisão, e no caso dos animais não é crime.
17. não, animal é animal, mulher é mulher. Animal não tem sentimentos, ou não sabe diferencia-los, não raciocina e age por impulso, a mulher sabe o que ela quer e tem opções..
18. não porque a lei da mulher é diferente da do cachorro. O cachorro não é crime, mas a da mulher é, mesmo que ela queira.
19. Se matar a mulher com aquela droga é crime, porque que se matar um animal não pode ser crime também? Eu acho que é a mesma coisa.
20. não, porque se matar um cachorro, não é crime, mas se matar a mulher é crime.

21. não. Porque isto é errado do mesmo modo se você quiser levar o animal para ser morto é sua opção, mesma coisa neste caso.
22. não, porque ela tem que viver até os últimos dias de sua vida, e além disso é crime.
23. não, porque um animal não é igual um ser humano. Mas se a mulher for morrer de qualquer jeito, porque não poderia mata-la antes para ela não sofrer.
24. não, porque se você gosta do cachorro, você não deveria matar ele. Isso deveria acontecer no caso da mulher também.
25. Se ela quiser, sim, porque o animal vai da nossa escolha, agora, a mulher tem livre-arbítrio, então, ela pode escolher.
26. sim, porque ela está sofrendo demais.
27. sim porque a mulher já está muito doente e ela está sentindo muita dor, ela já está ficando louca.
- 28.

g)

1. não, se não a pessoa está sempre reclamando de dor e não pode ajudar.
2. na minha opinião, é certo porque ele estaria tirando o sofrimento dela, mas para quem a ama, é errado. Mas eu acho que ele não deveria dar a droga para ela, isso é assassinato.
3. sim, é ilegal, mas moralmente não é errado, é uma decisão da paciente e não do médico.
4. é errado perante a lei mais a mulher ta disposta a morrer então ela morre com a droga porque a mulher ela quer morrer ela morre mais se o médico aceitar ela da droga e ela morre, mas é contra a lei.
- 5.
6. porque contra a lei matar uma pessoa, tem que deixar ela viver até morrer.
7. não, porque a mulher está sofrendo muito.
8. sim, porque ela está cometendo um crime.
9. é ilegal mas é a única coisa a se fazer então não é moralmente errado
10. é ilegal. Isso é uma decisão dela. Se ela quer não podemos fazer nada porque é uma decisão dela prejudicar-se.
11. não, porque se ela quiser morrer e não sentir mais dor, ela pode se matar.
12. não por que ela que morrer se ela quiser morrer ela morre.
13. não, porque ele estará aliviando a dor dela e outra, se fosse um familiar próximo seu, você não ia querer aliviar a dor dela? É isso que eu acho.
14. sim, é muito errado. Isso é falta de respeito, não só com um ser humano, mas com o mundo.
15. não, porque a pessoa está sofrendo e você vê aquela pessoa agoniada de dor, mas eu não mataria.
16. não, porque nesse caso, não tem a lei envolvida no meio, então não é errado.
17. é contra a lei, mas moralmente errado não, se a mulher tiver consciência disso, a vida é dela, mas eu, se fosse o médico não daria, e se fosse a mulher, jamais pediria.
18. é moralmente errado porque ele está cometendo um crime que é ilegal na lei dos médicos.
19. 5. Sim, perante a lei é errado. Para mim, também, porque acabar com a vida da mulher, mesmo que ela esteja sofrendo, é errado.
20. sim, porque a droga é ilegal e se o médico dar o remédio ele estaria cometendo um crime.
21. sim, sim porque é mesma coisa que um suicídio. É errado totalmente.
22. sim, porque ele vai estar matando uma pessoa e isso é moralmente errado.
23. não é errado, porque o Dr. Jefferson é um médico e sabe o que está fazendo. E se a mulher é que está pedindo para mata-la, não é culpa dele. Ele é um médico, ele tem que fazer o que é melhor para ela.
24. é errado sim, porque eu não teria coragem de fazer isso com a mulher mesmo que ela quer.
25. é, mas é pra ajudar a pessoa. Aí, não é. É errado porque perante a lei é errado, é homicídio.
26. sim, porque ele vai matar ela. Deixa que ela sobrevive, apesar de sentir muita dor.
27. sim, porque a lei está dizendo que a pessoa em que morrer sem tomar nada, medicamentos e outras coisas
- 28.

h)

1. sim, porque as pessoas podem ter suicídio por qualquer coisa.
2. Sim, porque desse jeito, ninguém sofre porque um conhecido ou nosso parente está preso ou foi morto porque cometeu um crime.
3. sim, mas não tudo como por exemplo o caso da mulher. Ela quer morrer, pede para o médico mata-la. Isso é errado, mas ela está sofrendo.
4. eu acho que ninguém nunca falhou claro por que a pessoa era só uma vez ela sabe o que ta fazendo o médico sabe que é contra a lei e ta disposto a fazer.
- 5.
6. sim, porque a lei não permite matar uma pessoa só porque ela está doente.
7. sim porque se não obedecer a lei, pode levar uma multa ou ser preso.

8. sim porque é nosso dever porque nós temos direitos e temos deveres a cumprir.
9. sim, para que possamos viver em sociedade com um mundo melhor
10. sim, porque a lei está acima da gente. Porque é quase o caso da mulher, é crime o médico fazer isso, mesmo que ela sinta dor.
11. sim, porque a lei é justa e nós devemos ser justos.
12. não sei
13. não, porque os corruptos estão soltos por aí, eles não fazem nada pra nos ajudar, então, a gente não deve.
14. sim, claro, é a lei que prevalece.
15. deve, porque dependendo do caso, se não obedecemos a lei, a gente é preso.
16. não, porque geralmente nem todas as leis são corretas, mas as que são corretas sim.
17. sim, a lei é regra, a regra é para evitar conseqüências ruins, mas toda regra tem exceção e dependendo do caso.
18. não, porque tem coisa que a gente obedece e a lei falha.
19. sim, porque se a gente desobedece a lei, é crime, então, eu acho que a gente deve obedecer a lei e não cometer um ato de assassinato, matando a mulher
20. sim, se não tivesse a lei, tudo isso que acontece não estaria em ordem.
21. sim, mais neste caso tem que obedecer. Em todos mais neste concerteza.
22. sim porque a gente precisa obedecer a lei, mas as vezes a gente em que desobedece a lei.
23. lógico que é sempre obedecer a lei, mas tem coisas que é impossível obedecer.
24. sim porque é errado querer dar morfina para a pessoa, então ele deveria respeitar a lei sim.
25. sim, porque a lei deve ser justa e nós também. Ela é certa, por isso foi feita, para ser justa e para obedecermos-lha.
26. sim, porque se você não obedece você vai tomar alguma punição.
27. sim, porque a lei é para ter um mundo bom.

Dilema 3A

1. não, porque ele fez o que a mulher pediu.
2. Sim, tudo bem que ele aliviou a mulher de problema gravíssimo, mas não importa, o Dr. Jefferson matou a mulher do mesmo jeito.
3. não, porque a mulher pediu, é o remédio para parar a dor, ela estava sofrendo.
4. No caso, já que ele matou é ele entrar entregar ele é perso por que é contra lei e ele é um médico além de matar ele é pressso e eu acho que não deveria entregar.
- 5.
6. sim, ele deve entregar o Dr. Jefferson porque ele cometeu um erro contra a lei.
7. Sim, porque ele fez algo errado.
8. Não, porque ele ajudou a mulher da maneira que ele pôde.
9. não, pois Dr. Jefferson só queria o melhor para a sua pasiente. Acho que ele a matou porque era sua única alternativa.
10. deve sim, eu no lugar de Dr. Rogers entregaria o Dr. Jefferson, porque ele tirou uma vida.
11. não, porque se não fosse por vida ou morte, daí eu podia contar para a polícia.
12. não, por que a mulher quis que ela morresse por que ela tava sofreno.
13. não, se eu fosse o Dr. Rogers, eu não entregaria porque o Dr. Jefferson aliviou a dor da moça.
14. sim, sabe por que se todos pidirem para morrer ele vai matar.
15. não, porque ela estava sofrendo.
16. sim, porque isso é crime, e a mulher não tinha o direito de tomar essa decisão, porque ela podia ficar boa.
17. não, deve fingir que não sabe de nada. Porque cada um sabe o que faz..
18. sim, porque ele fez uma coisa que não perguntou a ninguém e ele está fazendo uma coisa que não deveria ter feito.
19. claro que sim, se ele sabe que aquilo é crime, porque ele fez. Eu acho que o Dr. Rogers deve entregar sim, porque o que ele fez é um ato de assassinato.
20. não, foi a paciente que pediu que ele colocasse a morfina.
21. sim porque ele fez a coisa errada, não é certo.
22. sim, porque se ele não a entregar, quanto mais demorar, pior para o Dr. Jefferson.
23. não, porque o Dr. Rogers também sabia que a mulher estava sofrendo e que dando ou não a droga, ela iria morrer de qualquer jeito.
24. sim, porque o que o Dr. Jefferson fez é muito errado, ele deveria entregar o Dr. Jefferson.
25. Sim, porque será legalmente, mas a paciente deve pagar (antes de morrer), ou os seus familiares, um advogado para Dr. Jefferson.
26. se o Dr. Rogers cotar para o juiz ele vai ser preso. Porque você nã pode matar ninguém mesmo se ela pedir.
27. não. Porque a mulher pediu para dar para ela morrer. Era ela que queria tomar o remédio

28.

Dilema 3B

a)

1. não é a melhor opção, o negócio é prender Dr. Jefferson na cadeia, porque ele cometeu um grande erro.
2. deixa-lo livre. Porque ele cometeu um crime, mas ele não deve ser culpado porque foi sua paciente que decidiu morrer. Ele deve ficar livre.
3. o juiz deve dar a sentença, apesar de ter feito isso por causa nobre, ele cometeu um crime.
4. não deve. Porque a mulher pediu pra que ele fizesse isso então ele cometeu o crime mais ela pediu e ele não deveria entregalo.
- 5.
6. cinco anos de cadeia, porque ele tem que pensar no que ele fez e não fazer mais.
7. deve dar uma sentença pra ele pagar pelo que fez.
8. o juiz deve suspender a sentença porque ele ajudou a mulher.
9. dr. Jefferson deve ficar livre porque ele não fez nada de errado
10. Sim, ele não deve suspender a sentença. Não pode deixar o Dr. Jefferson livre porque ele é criminoso, tem que ficar na cadeia.
11. Deve deixar o Dr. Jefferson livre, porque ele não matou porque quis.
12. deixa o Jefferson livre por que ela que tava pedindo pra ela morrer dexa ele livre.
13. ele deve dar-lhe alguma sentença. Porque nos olhos da lei, ele cometeu um crime e deve pagá-lo de alguma forma.
14. o juiz deve dar a sentença porque ele cometeu um crime.
15. suspender a sentença e deixa-lo livre, porque ele só ajudou uma pessoa.
16. Dar a sentença que será ele ficar preso por 3 anos e depois ser liberado, porque até lá todos já devem ter esquecido esse caso, mas ele não voltará mais a ser médico.
17. depende. A mulher queria, e não é justo ele ser acusado por culpa de outra pessoa, mas também o médico errou em dar a droga, eu daria uma pena pequenina e deixaria ele continuar sendo médico.
18. o juiz deve dar ao Dr. Jefferson uma sentença por aquilo que ele cometeu, mesmo que a moça quisesse.
19. eu acho que o juiz deve sim dar a sentença ao dr. Jefferson pois ele sabe que aquilo era um crime e cometeu aquele crime de assassinato da mulher.
20. não, porque ele matou a mulher. Mesmo que ela pedisse pra morrer, ele não pode matar a mulher porque ele vai preso.
21. não. Porque cometeu um crime, é culpado. Justiça foi feita.
22. ele deve ter uma sentença, porque ele é culpado, e tem que pagar pelo que ele fez.
23. Deixar o Dr. Jefferson livre. Tudo bem que isso que ele fez é ilegal, mas pelo outro lado, ele não é culpado. Ele só deu a droga porque a mulher pediu.
24. Ele deve sim pagar pena porque ele a matou com morfina isso é crime, ele deveria catar uns dois anos de prisão.
25. o juiz deve deixá-lo livre, com trabalho comunitário, porque apesar de fazer algo errado, a culpa é da mulher.
26. ele deve suspender porque a mulher pediu para o médico para fazer isso para aliviar a sua dor.
27. ele deve dar uma sentença de 3 anos a fazer serviços públicos
- 28.

b)

1. porque sim, elas tem que ser punidas porque violaram a lei.
2. sim porque se existe lei, ela deve ser cumprida, mas não deve ser punida a pessoa que infringe para salvar. No caso do Dr., ele matou para melhorar.
3. sim, porque se não forem punidas, pode acabar virando moda.
4. depende do caso que nem disse não precisava porque tem vários tipo de crime tem que matar então não da certo.
- 5.
6. sim, porque para pensar no que ele fez e se arrepender e não fazer mais essa coisa.
7. sim, para pagarem pelo que fez.
8. deve e sabe que ele não pode e ele fez, ele tem que ser punido.
9. sim, eles devem ser julgados e punidos sem fiança
10. Devem sim, porque essas más pessoas não merecem ficar soltas, mas sim na cadeia porque é o certo.
11. sim, porque pensa se eu for na casa do meu vizinho e mato ele.
12. não por que ela quis morrer ela a te pediu pra ser morta.
13. sim porque se for alguém que rouba, que comete abusos sexuais, aí sim, mas se for para salvar a vida de uma pessoa, não.
14. sim pagamos pelos nossos erros, o que fazemos, pagamos.

15. sim, porque elas infringem uma lei e a lei é feita para se viver melhor.
16. sim, porque elas não obedecem a lei, então devem ser punidas.
17. depende da situação e do motivo. Ser for por uma causa boa, e não por capricho.
18. porque ele está fazendo uma coisa que está prejudicando a lei.
19. claro que sim, porque se as pessoas sabem que aquilo é proibido, que é contra a lei, porque elas cometem crime, como um assassinato.
20. sim, porque ele pode matar mais pessoas.
21. sim porque um rouba, um mata e etc. ninguém é punido. O brasil fica do jeito que ta.
22. sim, porque eles desobedecem a lei e ficam impunes, isso não pode.
23. deve. Mas no caso do Dr. Jefferson ele cometeu um crime por uma causa, para a mulher não sofrer.
24. sim porque elas infringiram a lei, elas devem cumprir pena pelo que fez de grave.
25. sim porque senão todos cometeriam crime com justificativa, e ninguém seria punido.
26. sim, porque ela infringio a lei mais nesse caso ele não deve porque foi a mulher que pediu.
27. sim, porque se não ser punidos essas pessoas que fazem coisa que não deve, todas essas pessoas fariam.
- 28.

c)

1. porque sim, o júri tem que lhe dar a punição por ter matado a mulher.
2. ele poderia até dar uma punição porque ele matou, mas eu acho que poderia ser uma punição um pouco menor.
3. Não, porque ele pode até ter feito uma coisa errada, mas a pessoa pediu para ele fazer isso.
4. não. Porque no caso ele matou tudo bem mais ela pediu quando uma pessoa pedi não precisa matar ela.
- 5.
6. não, porque na verdade não foi ele quem quis matar a mulher.
7. Não, porque a pessoa nunca ia aprender o que é certo e o que é errado.
8. sim, porque ele matou a mulher.
9. seria errado, porque ele só fez o melhor a sua paciente
10. sim ,porque ele matou a outra pessoa que estava à beira da morte.
11. não, porque ele fez o que a mulher falou, pediu.
12. não ele féis ele não deve morrer ela que quis morrer por que ela tava sofreno.
13. não, porque tudo bem ele matou, mas foi para aliviar a dor da mulher.
14. isso também não, mas deve ser punido de outra forma.
15. não porque ele não queria matar, mas sim ajudar.
16. não, porque apesar dele ter matado uma pessoa, ele matou por que ela pediu, então, não deve dar a sentença de morte.
17. errado, se o juiz não gostou que o homem matou a mulher, mesmo porque ela quis, eu não vai fazer igual. Eu jamais daria sentença de morte a ninguém.
18. sim, porque ele desobedeceu a lei.
19. eu acho que ele deveria dar uma punição e não uma sentença de morte, mesmo que ele matou a mulher.
20. se fosse eu no lugar daquele juiz, daria sim uma sentença de morte, porque ele é culpado porque ele foi errado.
21. errado. Só porque isto não é certo se ele já matou uma pessoa agora o juiz vai matar outra..
22. não, porque ele matou, mas foi porque a pessoa pediu.
23. não, porque quantas pessoas matam e não são punidas (de morte).
24. não, porque ele matou, mas ele não tinha culpa, ele matou tentando ajudar.
25. não porque foi homicídio doloso, e não foi dele a culpa, foi da mulher.
26. não porque foi a mulher que escolheu isso.
27. não. Porque sou a mulher que lhe pediu para matar ela.
- 28.

d)

1. por causa da morte da mulher e também na minha opinião, eu mandaria punir um homem se ele tivesse cometido um crime.
2. sim, quando a pessoa mata porque quer (roubo de carro, por exemplo). É importante dar a pena de morte quando alguém assassina o outro por dinheiro.
3. não. Para os traficantes que matam pessoas, esses sim devem ter sentença de morte.
4. não, porque ele matou sim não deve ser preso porque ela que pediu pra ser morta. Eu não acho porque o cara não é criminoso só por causa disso.
- 5.
6. não porque é crime e é contra a lei.
7. não, porque nada justifica o homicídio.

8. sim porque ele matou a mulher, porque ele cometeu um crime.
9. sim, porque tem pessoas que merecem, pessoas que matam outras pessoas atoa. As condições são importantes para diferenciarmos um assassino como o Dr. Jefferson de um assassino que mata outras pessoas em assaltos, etc.
10. sim porque ele matou a mulher com injeção, daí ele não mata mais ninguém.
11. não porque se a pessoa não fez nada e ela é culpada, atentado terrorista, porque se não, você está andando e encontra um terrorista.
12. pena de morte pra estupro.
13. sim, porque dependendo do caso é necessário: estupro, assassinato, porque essa pessoa pode fazer muito mal para a sociedade.
14. Sim, eu acho que ele tem que ter pena de morte para os crimes de estupro.
15. sim, porque a pessoa matou alguém quando essa pessoa mata alguém que não tem nada a ver com a história (inocente) para ajudar a resolver um problema.
16. talvez, porque pode ser ou não culpado. Se a pessoa cometer um crime muito grande porque assim a gente se vê livre de uma vez por todas dessa pessoa e ela não vai cometer mais crimes.
17. não, em nenhuma situação, porque se ele morrer ele não vai sofrer com esse erro, ele tem que ficar vivo para pagar pelos seus erros e aprender a ser uma pessoa melhor.
18. porque o cara matou a mulher e outro veio e mata ele, isso não é certo.
19. Se você matar o Dr. Jefferson, você também está matando e cometendo um assassinato. E se ele matou a mulher, foi errado, mas se você matar ele, você também será um assassino.
20. sim, porque é o correto, pena de morte nessas condições são importantes para o Dr. Jefferson ver que ele tirou a vida de uma pessoa.
21. não porque não é certo matar alguém. Nenhum porque é errado uma pessoa matar alguém
22. não porque não podemos matar. Quando essa pessoa mata alguém, ela deve pagar pelo que fez, mas não morrendo.
23. tem coisas que devem dar a sentença de morte, como estupro, mas no caso de Jefferson, tem que dar a sentença de morte pra ele aprender.
24. a pena de morte de ele ser apedrejado porque ele matou uma pessoa, não deveria dar pena para quem roubou porque estava com fome.
25. não, porque é crime. Quando matam crianças, pessoas inocentes, idosos, porque dependendo da forma de homicídio, a pessoa não pode se defender, e porque é errado.
26. em um caso que um cara mata alguém. Porque se ele tirou a vida de alguém, alguém tem que tirar a vida dele também.
27. não, porque não é todas as pessoa que deve ser morta. Quando uma pessoa.
- 28.

e)

1. não, porque ela está fora de si, ela não pensa no que está fazendo.
2. sim, quando a pessoa mata porque quer (roubo de carro, por exemplo). É importante dar a pena de morte quando alguém assassina o outro por dinheiro.
3. sim, porque ela estará agindo sem pensar e acabar com vidas.
4. não deve ser porque ele vai a mulher que tava daquele jeito e a consciência tava errata pra fazer aquilo.
- 5.
6. não porque ela não sabia.
7. sim, porque ele pode fazer de novo se não for punido.
8. deveria porque ele estava agindo pior ainda.
9. sim, pois todos precisam de limites
10. ele matou porque ela estava com muita dor e daí ele deu a injeção nela e ela morreu.
11. sim, deve ser punido um fora da lei, porque ele violou essa lei.
12. não sei
13. não, porque simplesmente tava fazendo sem consciência, sem saber o que estava fazendo.
14. ninguém faz uma coisa sem pensar.
15. sim, porque uma pessoa que age sem consciência não tem idéia se vai ser bom ou ruim para outra pessoa.
16. sim porque além dele não obedecer as leis, ele age sem consciência.
17. lógico. Com consciência é uma coisa, sem consciência, por apenas capricho, tem que ser punido..
18. ele está fazendo o melhor para a mulher, mas sem consciência do que ia acontecer com ele.
19. se ele fez aquele crime sem consciência ele deve ser punido e se ele fez achando que aquilo era melhor, não.
20. bom, antes ele deveria pensar duas vezes antes, só que ele deve ser punido sim.
21. sim porque ele está agindo sem consciência.
22. sim, porque mesmo que ele agiu sem pensar, ele cometeu um crime.
23. depende do que essa pessoa cometeu.

24. ele com consciência porque ele sabia o que ele estava fazendo.
25. não porque ela não sabia se estava fazendo o certo ou o errado, mas deve aprender.
26. sim porque ele matou alguém, mas nesse caso a mulher pediu para ele matar.
27. ele não está agindo sem consciência atou.
- 28.

Anexo 04: As respostas dos sujeitos da sala de controle, no pré-teste

Dilema 1

a)

- S1 - Para salvar sua esposa.
 S2 - não, porque assim ele estaria usando um meio ilegal, e além disso poderia ser preso, e acabar piorando sua situação.
 S3 - Sim, porque qualquer um faria isso no lugar dele.
 S4 - não, porque não é roubando que nós conseguimos nada.
 S5 - porquê a mulher dele está morrendo de câncer e ele foi buscar o remédio na farmacia e a moça não vendeu.
 S6 - Eu acho que não deve assaltar porque por causa de um remédio ele pode ficar anos da vida na cadeia.
 S7 - não, porque se ele roubar e pegarem ele daí que a mulher morre.
 S8 - Acho que não deveria furtar. Porquê depois pode complicar a situação acho que ele deveria falar com o farmacêutico de novo.
 S9 - sim, eu sei que é errado, mais ele só queria o remédio para salvar sua esposa.
 S10 - sim, porque ele está salvando uma pessoa e não sacaniando.
 S11 - sim, porque a esposa dele está morrendo.
 S12 - é errado furtar o remédio, mas também é um caso de vida ou morte, e se ele não pegar o remédio, a mulher morre.
 S13 - não, eu acho que ele não deve furtar e sim dar os 2.000,00 reais para o farmacêutico e em troca trabalhar na farmácia lá uns tempos até que consegui pagar o remédio na farmácia.
 S14 - Sim, porque ele ama a mulher dele e ele quer fazer de tudo para salva-la e só consegui metade do preço mas ele depois vai ter que resolver com o farmacêutico e com a polícia.
 S15 - Eu acho que sim. Pra salvar uma vida ainda mais da mulher vale apena.
 S16 - ele não deve furtar o remédio porque ele pode ser preso.
 S17 - sim, porque ele não quer per a mulher,
 S18 - ele deve porque a mulher dele está morrendo e ele já tentou de todo jeito e não coseguiu.
 S19 - Não. Pra ele tentar falar mais vezez com o farmacêutico pra tentar fazer parcelado ou mais barato.
 S20 - furtar não é serto fazer isso poque isso é um crime e se ele furtar ele vai na cadeia e ele num vai pode se a mulher de morrer porque ela ta quase morreno sem o remédio.
 S21 - deve porque sua mulher esta quase morendo e ele que saúva a vida dela.
 S22 - Eu acho que sim porque a mulher dele esta morendo e se ele não roupar o remédio ela vai morrer.
 S23 - sim, se ele ama a esposa dele.
 S24 - sim, para a esposa que ele ama não morrer.
 S25 -

b)

- S1 - Sim. 1º roubar não é bom. 2º que o farmarcêutico poderia vender o remédio para Heinz. 3º faz toda diferença pois ele poderia estar ajudando-a a não perder sua vida.
 S2 - não deveria furtar o remédio. Não, porque se ele a ama não deveria tentar um meio ilegal, provando assim que seu amor é maior que a enfermidade de sua mulher.
 S3 - não, porque não ia fazer diferença nem uma para ele.
 S4 - sim, pois o fato de ser esposa dele já diz tudo. Não por que é uma vida de uma pessoa importante para ele.
 S5 - Ele deve amar a esposa dele então porque ele está junto com ela então precisa ser amada.
 S6 - Acho que não porque ninguém faz nada de bom para a pessoa que não gosta de verdade ainda mais ele roubar tem chance de ficar preso.
 S7 - Sim, se ele fosse uma pessoa generosa. Sim, porque ele deve amar muito ela pra pensar em roubar.
 S8 - Eu acho que ele amando ou não amando ela ele deveria ajuda-lá.
 S9 - Não, não ia fazer diferença na atitude de Heinz; por ele só quer é ajudar a esposa.
 S10 - sim. Faz pois é uma pessoa que está morrendo e não um bichinho.
 S11 - sim, sim, porque ele amando ela, ou não, ele deveria furtar o remédio para ela, além de que ela é sua esposa.

- S12 - Faz diferença, eu acho que ele amando ou não a esposa dele, ele ia ajudar ela.
 S13 - eu acho que dos dois modo ele deveria por que estaria salvando a vida de uma pessoa.
 S14 - sim, independentemente dele amar ou não ele devia robar sim porque é uma atitude que poucos iriam fazer e se fizesse não seria para salvar uma vida, seria pegar o dinheiro no caso o ladrão por exemplo mas eu acho que tem sim..
 S15 - se ele fosse um homem bom ele deveria sim roubar a formula.
 S16 - faz diferença por quê ele ia roubar o remédio porque ele amava a mulher dele.
 S17 - não, porque quando uma pessoa não ama não robaria.
 S18 - eu acho que não faz diferença se ele não a ama, mas ele está sarando uma vida.
 S19 - não, sim faz, porquê ele pode ser preso.
 S20 - se ele amase ele furtava o remedio mas se ele num amase ele num tava nem aí.
 S21 - sim, porque ele não ia se arisca para furtar o remédio se ele não amase a mulher.
 S22 - sim, não, não pourqu esse ele não amasse ou amase é a esposa dele que ele ta salvando mais sim uma vida.
 S23 - sim, porque quem ama faz sacrifício por um amor.
 S24 - não, não, porque senão ele não lutava por os 2.000,00 reais para ela.
 S25 -

c)

- S1 - Pode pois um dia se Heinz estiver precisando de ajuda esse estranho concerteza poderá ajudar.
 S2 - não, porque é estranho, mas porque é um ato ilegal.
 S3 - não, porque ele não a conhece.
 S4 - Não, pois ele iria se prejudicar.
 S5 - porque não, ele está vendo que a mulher dele está morrendo de câncer e tem que salvar ela.
 S6 - Vai muito dele, porque se ele ajudou um estranho um dia um estranho pode ajudar ele.
 S7 - sim porque não importa quem está morrendo, a gente deve ajudar.
 S8 - Se fosse um estranho acho que deveria ajudar mas não furtando o remédio.
 S9 - não; porque ele não o conhece.
 S10 - não, porque ele ia pagar por uma pessoa que ele nunca tinha visto.
 S11 - não, porque chega um estranho derrepente, e fala que está com câncer, é duvidoso.
 S12 - não, porque ele ia se prejudicar, por causa de uma estranha.
 S13 - deveria por salvar uma vida.
 S14 - não. Porque será que homem tem câncer ou queria te enrolar então não
 S15 - eu acho que sim porque poderia ser a filha dele e se ele não tivesse dinheiro ele irá pedir ajuda a alguém.
 S16 - Heinz não deve furtar o remédio para o estranho por que ele não conhece o estranho.
 S17 - sim, porque é uma vida de uma pessoa que está em jogo.
 S18 - não, porque ele ia furtar porque ele não tinha condição de comprar, só que para sua mulher para um estranho não.
 S19 - não, vai ser o cara um ladrão.
 S20 - o depende se ele conhecer for um amigo de confiança ele furtava sim.
 S21 - sim. Porque sempre é bom ajudar o prosimo.
 S22 - eu acho que ele deveria sim, porque essa pessoa precisa muito e ele não deveria deixar essa pessoa morrer.
 S23 - não, ele iria furtar o remédio só para sua mulher que ele ama.
 S24 - não, porque ele não conhece e nem ama por isso ele está cometendo um crime.
 S25 - não, porque é contra lei.

d)

- S1 - Sim, porque um dia iremos precisar delas, do mesmo que precisou de nós.
 S2 - sim, é um ato de amor a outra pessoa, mesmo que seja um estranho, mas nunca cometendo atos ilegais.
 S3 - sim, porque está ajudando uma pessoa mesmo que seja maldosa.
 S4 - sim, pois uma vida principalmente se for importante nós devemos
 S5 - Porque é importante salva a vida de outra pessoa porquê salva a vida de qualquer pessoa.
 S6 - eu acho que sim, porque amanhã pode ser as pessoas que lhe ajudem.
 S7 - sim, porque um dia ela pode precisar dessa pessoa que salvo.
 S8 - sim, porque que se fosse outra pessoa iria salvar a vida também dessa pessoa.
 S9 - é importante porque ela está com câncer uma doença dificilmente é curada.
 S10 - sim, depende se for uma pessoa legal mas se for chata não.
 S11 - sim, não sei explicar.
 S12 - sim, porque se é uma pessoa que agente ama, nós fazemos de tudo para ajudalo.
 S13 - bom eu acho que tipo se ele roubar a formula para ajudar outra pessoa seria bom pois ele taria fazendo uma caridade ótima.

S14 - sim porque você está salvando uma pessoa a pessoa se cura e você se sente melhor enquanto outras tiram então acho que sim

S15 - porque como qualquer pessoa tem o direito de viver.

S16 - é importante mas ele tem que tentar fazer tudo dentro da lei.

S17 - sim, porque é um ser humano.

S18 - sim para ajudar o próximo.

S19 - mais ou menos porque tem uns que é bom elemento e outros mal elementos.

S20 - sim, ele que o remédio pra salvar outra pessoa que é a sua mulher.

S21 - sim porque quem ajuda os outros sempre é ajudado.

S22 - sim, porque esta no alcance dele ele deve fazer tudo que está no alcance dele para salvar uma vida.

S23 - sim, porque todos somos irmãos.

S24 - sim, porque está fazendo uma boa ação.

S25 -

e)

S1 - Sim. O ato não se torna moralmente errado, pois Heinz estava precisando do remédio.

S2 - Sim, não importa o que Heinz furtou, é contra lei.

S3 - é, não. Porque quando você quer ajudar uma pessoa você pensa em mais nada só em ajudar.

S4 - sim, não. Não, porque ele está roubando para salvar uma vida.

S5 - porque o fato de robar isso se chama ladrão isso não se faz para o marido mas.

S6 - sim, a lei é contra sim, porque ele está pegando uma coisa que não é dele sem permissão. Aço que também lhe faz mal, mas é vida de sua esposa que está em risco.

S7 - sim, não é legal roubar, nem quando outra pessoa estiver morrendo.

S8 - é contra a lei, sim. Porque roubar não vai resolver em nada as vezes até piora a situação.

S9 - sim. Lhe faz mal porque ele não queria furtar e eu acho que é contra lei, porque tudo o que se contra é contra a lei.

S10 - é contra lei mas foi por uma justa causa.

S11 - sim, não, isso lhe faz bem, porque ele está ajudando a sua esposa.

S12 - é contra lei sim, mas ele roubou para ajudar a esposa e isso não si faz, mas...

S13 - eu acho que tipo se a mulher vai morrer por causa de apenas um remédio eu acho que o marido deveria roubar mas também acho que não.

S14 - sim, mas se ele quer salvar uma pessoa não pode até fazer mal para mas e a esposa dele é saber que sua mulher está morrendo aos poucos.

S15 - sim, não porque ele roubou para ajudar a mulher.

S16 - é contra a lei, mas ele não está moralmente errado.

S17 - não, porque ele ama a mulher.

S18 - é errado mas ele está moralmente certo por que é para salvar uma vida.

S19 - sim, é contra lei, sim é moralmente errado. Não faz mal porque ele ia roubar para uma pessoa do coração.

S20 - é furtar não é certo isso é crime num é moralmente errado porque ele que salva uma outra vida.

S21 - sim, é contra lei. Mas o fato era tam grande pois o que ele furtol a formula porque se não sua mulher ia morrer.

S22 - não, não, também não. Porque ele está roubando o remédio para salvar a esposa dele.

S23 - isso lhe faz mal roubar é uma coisa muito feia.

S24 - sim, não, sim porque ele ama muito a esposa dele.

S25 -

f)

S1 - Sim. Para não acontecer o que está acontecendo nesse mundo hoje, roubando, matando, etc.

S2 - Porque poderia te ruma vida que nunca desejou na cadeia.

S3 - não, porque se aquela hora ele não tinha que se preocupar com mais nada.

S4 - sim, porque as leis foram feitas para serem obedecidas.

S5 - Obedecer a lei é obrigatório para todo mundo que tem doença isso não se faz.

S6 - Acho que sim, porque a lei também tem os seus direitos, como prender quem furta.

S7 - sim, porque se não você pode ir preso.

S8 - sim, porque você já ta falando que é uma lei então acho que não deve desobedecer a ordem.

S9 - porque Heinz roubou.

S10 - sim, aí evitaria muitas coisas, acidentes, roubo, etc.

S11 - não, porque se for caso de vida ou morte, eu acho certo desobedecer a lei.

S12 - alguma coisa sim, outras não, porque se roubar algo que não precisa é errado, mas se roubar algo que precisa para ajudar alguém não é errado.

S13 - sim, deveria mas nem todos obedesse a lei.

S14 - sim, porque se todo mundo obedecer o nosso Brasil não estaria vivendo o que estamos hoje é uma violência total então é bom obedecer sim, mas nesses casos a gente pode fazer o bem, entende.

S15 - sim. Mais nesse caso ele teve que desobedecer a lei.

S16 - sim, as pessoas tem que fazer todo o possível para obedecer a lei.

S17 - sim, porque sinão não tem que respeitar ninguém.

S18 - sim, deve obedecer a lei mas se for por uma situação que precisa como a do texto.

S19 - sim, porquê si não pode i para a cadeira.

S20 - sim porque quanto mais voce tenta mais voce consegue.

S21 - sim, mais se ele não furtase o remédio a sua mulher ia morrer.

S22 - sim, porque se a pessoa obedecer a lei ela não vai viver com medo e também ele pode ir preso.

S23 - sim, porque a lei é certa.

S24 - não, se você ama tal pessoa você deve fazer o possível para ajudala.

S25 -

Dilema 1A

a)

S1 - Sim.

S2 - Sim.

S3 - Sim, se ele sabsesse do assunto deveria.

S4 - sim pois ele está fazendo o seu trabalho.

S5 - o policial tinha que da parte do próprio amigo dele porque não pode robar.

S6 - Sim, porque se alguém descobrisse que ele vio o roubo o prejudicado seria ele.

S7 - Não, porque a mulher estava morrendo.

S8 - sim, já que ele é um policial mesmo sendo amigo tem que denuncia-lo.

S9 - sim, porque é lei.

S10 - não.

S11 - deveria, mas não, porque Heinz só quiz salvar sua esposa.

S12 - não, porque ele só roubou, o remédio para ajudar a sua esposa.

S13 - acho que não deveria por ser amigo de heinz e saber a situação que Heinz passava com sua esposa.

S14 - sim, se eu estivesse no lugar do policial e não conhecesse a história o porque que ele roubou sim.

S15 - sim. Porque se não quem tomaria era Brown se a policia descobrice.

S16 - o policial deveria dar parte sim.

S17 - sim, porque ele está erado.

S18 - não.

S19 - sim.

S20 - naum porque ele era amigão e o remédio era pra mulher dele.

S21 - não porque ele não robo por safadesa ele roubou por que ele presisava mesmo eu acho que ele não devia contar.

S22 - não.

S23 - não, porque ele fez bem para sua mulher.

S24 - sim.

S25 -

b)

S1 - Sim, pois ele não sabia porque Heinz estava roubando.

S2 - Sim, porque poderia perder o seu emprego.

S3 - sim, por gesto de onestidade.

S4 - sim porque amizade é uma coisa fazer o seu dever é outra.

S5 - tinha sim que da parte de porquê ele robo uma farmácia de remédio.

S6 - não, porque eu acho que amigos devem manter seguros a não ser que ele seja um amigo fofoqueiro.

S7 - não, porque se fosse a mulher dele Heinz não ia dar.

S8 - deveria. Porque como policia deveria fazer a sua parte que seria denuncia-lo

S9 - sim, porque ele viu o Heinz fugindo da farmácia; ele não ia gostar mais lei é lei.

S10 - saía de perto e falava que não viu nada.

S11 - não, porque Heinz só queria salvar sua esposa.

S12 - não, porque se o policial fosse amigo, iria saber o motivo, e não ia dar parte.

S13 - se ele fosse amigo mesmo ele não falaria.

S14 - não. Ao contrário, deveria ajudar a se livrar dos policiais e farmacêutico para ajudar a sua esposa

S15 - não. Porque são muitos amigos.

S16 - ele deveria dar parte mesmo sendo um amigo dele por que é a função dele.

S17 - não. Porque é o seu melhor amigo.

S18 - não, mas não porque era amiga mas sim porque ele ajudou sua esposa, e ele tentou de todo modo onesto mas não deu certo.

S19 - não. Porque suponha que seria traição.

S20 - não. Porque amigo mesmo seno intimo num deveria dar parte.

S21 - não. Porque se fosse amigo mesmo ele não contaria nada.

S22 - não, porque ele roubou para salvar a esposa dele e esse amigo iria emtemder.

S23 - não, além dele ser amigo íntimo de Heinz ele fez isso pela sua mulher.

S24 - sim, porque lei é lei e não pode ser desrespeitada.

S25 -

Dilema 1B

a)

S1 - sim, para ele aprender a não roubar mais.

S2 - Dar sentença a Heinz para ele consentizar do que ele fez.

S3 - Não, porque isso é contra lei.

S4 - deveria liberá-lo pois foi um ato de sobrevivência.

S5 - Não era para dar sentença do Heinz porque ele precisa pensar os erros que ele fez.

S6 - sim, porque ele pegou uma coisa que não era dele e ainda tem provas contra ele.

S7 - liberta-lo porque se fosse a mulher dele, ele teria feito o mesmo.

S8 - poderia até liberta-lo mais o que ele fez não estava certo. De roubar.

S9 - Ele deve dar a sentença sim; mais de poucos meses.

S10 - deveria liberta-lo porque ele salvou sua esposa.

S11 - everia dar uma sentença boa, porque ele roubou isso é errado, mas pelo outro lado, ele só queria salvar sua Mulher.

S12 - ele deveria suspender a sentença, porque ele deve ter contado ao juiz o motivo então, ele não deveria jogar Heinz.

S13 - colocar Heinz trabalhando na farmácia 4 anos seguidos sem horário de almoço ou se tivesse horário de almoço fosse de 30 minutos.

S14 - eu deveria libertalo porque ele não fez de propósito, ele fez para salvar a vida da mulher dele.

S15 - deveria solta-lo mas poderia dar uma pena pra ele prestar serviço público.

S16 - o juiz deveria dar uma sentensa de serviso comunitário.

S17 - sim, ele merece ser preso porque ele fez muito erado.

S18 - se eu fosse juiz eu falaria ele fazer trabalhos públicos.

S19 - o juiz deveria deixar o Heinz i pra cadeia porque ele roubou e isso é cadeia.

S20 - porque ele tava presicando do remédio pra mulher dee se não ela inha morre ele que salva a mulher dele.

S21 - ele deveria dar algum trabalho comunitario não leva preso.

S22 - o juiz deveria libertalo, porque eu acho que o juiz iria emtemder a situação.

S23 - sim, porque isso é melhor ele poderia trabalhar na farmácia até pagar o remédio.

S24 - não, porque a esposa já tomou o remédio.

S25 -

b)

S1 - sim.

S2 - sim e prudentemente para que esta, não volte a cometer crimes ou furtos.

S3 - sim, é claro senão como que o mundo não ia ficar.

S4 - sim porque as leis tem que ser seguidas corretamente.

S5 - porque isso se chama robar por causa de um remédio não podia pedi.

S6 - Se fazer algo contra lei, sim.

S7 - depende do caso.

S8 - sim, porque desobedecer a ordem deve ser punido.

S9 - sim.

S10 - sim.

S11 - Deveriam, porque violar a lei é crime.

S12 - depende do motivo sim, depende do outro não.

S13 - deveriam sim mas só se os casos do crime foi muito forte.

S14 - os ladrões sim. Porque eles matam, roubam e não são punidos. Aliás estão soltos comprado casa, carro, no caso de Heinz não, ele salvou a mulher dele

S15 - sim, mais depende do que a pessoa fez.

S16 - sim, elas devem ser punidas.

S17 - sim.

S18 - sim.

S19 - sim.

S20 - depende do crime. Ex: mata, assaltar, etc, mas no caso do Heinz ele não devia ser preso.

S21 - sim.

S22 - sim.

S23 - sim.

S24 - sim.

S25 -

c)

S1 - Sim. Pois ele não teria a porque ele está roubando o remédio.

S2 - Sim, porque não pensou antes de cometer o ocorrido.

S3 - não porque ele estava tentando ajudar sua esposa.

S4 - sim, se agisse sem pensar.

S5 - porquê isso está esquisito na lei de policial.

S6 - no caso de Heinz, já tem um policial que o viu roubando, entaum acho que não age com consciência.

S7 - Não, porque ele está fora do comum porque sua mulher estava morrendo.

S8 - acho que deveria ser punido porquê roubar não acho certo. E nem desobedecer a lei.

S9 - sim, porque agiu sem consciência.

S10 - deveria porque ele estava roubando só para ganhar dinheiro.

S11 - sim, porque roubar por roubar, ou por ganancia é errado, agora se for para salvar a vida de alguém, eu acho certo.

S12 - não, porque foi por um motivo justo.

S13 - não eu acho que ele deveria ter pensado seria injustiça.

S14 - não, ele deveria ser punido se roubasse consciente porque tem ladrão que arma para roubar então não.

S15 - sim, mas deveria ser punido severamente.

S16 - sim, por que ele estava desrespeitando a lei.

S17 - não, porque é a sua mulher.

S18 - sim, porque o Heinz roubou um remédio para sua esposa e o transgressor por exemplo roubou uma jóia então é diferente.

S19 - não, porque ele fez isso por quem que está no coração.

S20 - sim porque ele num mato niguem, num bateu, ele apenas queria o remédio dele.

S21 - sim. Porque quem rouba temque ser punido.

S22 - se fosse o mesmo caso de Heinz para salvar a esposa sim, mais se fosse para ele assaltar alguma coisa que ele quiser, sim.

S23 - porque cada um cumpre com os seus motivos de agir com a consciência limpa.

S24 - sim, pelo pecado da ganância.

S25 -

d)

S1 - Dar alguma sentença para ele pagar pelo erro que fez.

S2 - Dar serviços comunitários para ele aprender que “nem todo remédio que tomamos terá um bom efeito”.

S3 - que liberaria ele por jesto de amor.

S4 - ou libera-lo ou dar uma pena livre.

S5 - porquê primeiro tem que pensar se ele vai preso ou não.

S6 - em umas partes eu axo que o juiz deveria entender que era a vida da esposa dele, mas eu não sei se ela bebeu o remédio e sobreviveu ou se morreu.

S7 - dar um trabalho para ele cumprir a pena e pagar o remédio.

S8 - dar a sentença para ele. Porque roubar não é certo.

S9 - deixar Heinz, na prisão por pouco tempo.

S10 - liberta-lo por que ele quis ajudar sua mulher.

S11 - dar uma punição boa para ele, porque ele estava pensando no próximo (sua esposa), e ele só fez isso para salvar a vida dela.

S12 - não jogar ele. Porque, ele roubou para ajudar a esposa.

S13 - deixar ele trabalhando na farmácia.

S14 - eu ia dar um serviço para ele como por exemplo dois anos de serviço público como por exemplo limpar ruas e calçadas. Porque ele tem que pagar pelos teus atos.

S15 - não prender ele porque ele precisa cuidar da mulher dele.

S16 - dar a sentença de serviso comunitário.

S17 - colar e limpar coisas públicas.

S18 - fazer ele trabalhar em trabalho público assim ele trabalha e ajuda na recuperação de sua esposa.

S19 - sim, ele deveria por ele fazer trabalhos como varrer rua.

S20 - deixar normal. Porque ele tava salvando a vida da mulher dele.

S21 - dar algum serviço comunitário para ele.

S22 - a atitude do juiz era dar algum serviço comunitário para não passar em branco isso.

S23 - pagar pelo remédio.

S24 - dar de ser preso pouco tempo porque ele só queria salvar uma vida porque fez errado para fazer o certo.

S25 -

Dilema 2

a)

1. Contar, ela estaria fazendo coisa errado, por exemplo mentindo.
2. Deve contar, pois provaria para sua mãe que era uma boa filha.
3. não, porque a sua irmã estava mentindo.
4. Deve contar a mãe, pois Judy a desobedeceu.
5. ela tem que conta para sua mãe. Porquê ela mentiu para a irmã que ia na casa da colega dela e não foi no "show".
6. Não, porque quem deve contar isso a mãe dela é a Judy não ela, não tem nada vê com ela.
7. calar-se, porque a Judy confiou nela e ela não deve contar.
8. ela deve contar. Porquê mentir para a mãe não é certo.
9. ela deve calar-se porque sua melhor amiga é sua irmã, claro.
10. deve contar, porque e se acontecesse alguma coisa.
11. deve contar, porque é perigoso sair (num show) sem avisar ninguém.
12. eu acho que ela deve contar por causa de segurança de Judy.
13. acho que a irmã mas velha deve contar pelo fato de Judy só ter apenas 12 anos.
14. sim, porque é feio mentir para a mãe.
15. não, porque se ela contasse algo para Judy ela iria quer que sua irmã contando.
16. ela deve entregar a irmã porque a irmã mentiu para a mãe.
17. não por ela não respeito a sua mãe.
18. calar-se porque se judy contou a ela é porque ela confia na irmã.
19. não, eu fazia santagem.
20. sim deveria conta porque mentir a mãe.
21. ela não deveria contar para sua irmã porque um irmão ajuda o outro.
22. ela deve contar porque se não ela também estaria mentindo para a sua mãe.
23. sim, porque isso não se deve fazer escondido da mãe.
24. calar-se porque a irmã mais velha está nem aí.
25. sim, porque ela fez coisa errada

b)

1. Não, não é só porque é irmã que ela não poderá contar. Não. Ela poderia continuar sendo uma boa filha, era só ela se abrir com a mãe.
2. sim, porque uma boa filha faz de tudo para agradar sua mãe.
3. sim, porque ela tinha que contar sobre o que aconteceu.
4. não, se a mãe dela mandou ela comprar o uniforme, ela terá que obedecer sim.
5. Porquê a Louise tem que contar para sua mãe que Judy aceito o dinheiro da filha mais nova.
6. sim. Porque ela pode guardar segredo dele e um dia Judy de Louise. Sim. Porque isso vai ser uma mentira.
7. não, porque ela não é só irmã, é uma amiga, também. Sim, porque uma boa filha não mente para seus pais.
8. sim. Porque contar para a mãe dela é o certo. Aí acho que a mãe vai pensar que Louise é uma boa filha.
9. sim, faz diferença porque ela confia na irmã Judy; não tem nada ver com boa filha.
10. sim, porque um dia ela vai aprontar e sua irmã vai contar. Não porque não é fofocando que vira uma boa pessoa.
11. sim porque ela é a irmã mais velha. Sim, porque mostra que a filha tem educação, etc.
12. eu acho que faz diferença porque Judy vai ficar chateada com a irmã e contar a verdade não faz dela uma boa filha.
13. não, eu acho se ela é uma boa irmã ela conta.
14. ela tem que contar mesmo sendo irmã e nunca esconder nada a mãe porque ela é a melhor amiga que se tem.
15. sim. Porque as duas são irmãs. Não, porque ser boa filha é obedecer.
16. não faz diferença porque Judy mentiu a mãe.
17. sim por que uma boa filha não faz isso.
18. sim, porque é sua irmã, sim só que uma péssima irmã.
19. sim, sim porque ela foi ao show sem que a mãe soubese.
20. sim tem que conta porque mentiu a sua mãe e num tem nada a ve se é irmã.
21. tem sim porque ela estava endesiza se contaria ou não.
22. sim, porque ela é irmã de Judy, sim, porque ela estaria sendo verdadeira com sua mãe.
23. ela deve contar sim, porque se é irmã não significa nada, pois ela fez um fato feio.

24. sim porque amizade pela irmã não porque se deve usar seu dinheiro como quisé.
25. sim, porque é mais camarada. Sim, a mãe fica sabendo das coisas erradas e previne da outra vez

c)

1. Sim. Pois sua mãe não precisava dar a mais o dinheiro para ela.
2. o dinheiro ela poderia gastar do jeito que quizesse menos indo ao show.
3. o dinheiro não era importante mas sim a filha dela.
4. não, quem manda nela é a mãe dela e a Judy não poder te feito isso.
5. o fato de ganhar dinheiro não é uma decisão nada boa para todo mundo menos para sua mãe.
6. sim, porque ela não roubou e não pediu para ninguém ela trabalhou e comprou o ingresso.
7. sim, porque ela economizou o seu próprio dinheiro.
8. sim. Porque foi com o dinheiro dela que ela comprou o convite.
9. é importante porque ela compra o que ela quiser.
10. sim, porque a mãe dela tinha prometido que iria deixar ela ir ao show.
11. sim, porque ela conseguiu juntar seu próprio dinheiro.
12. sim, mesmo sendo errado o que ela fez, ela comprou o ingresso com o dinheiro dela.
13. claro, o fato dela ter ganhado seu próprio dinheiro é o importante.
14. sim, ela tem o dinheiro dela então ela pelo menos ela tem que pedir uma dica para saber como gastar.
15. sim, porque ela trabalhou para conseguir o dinheiro para ir no show.
16. sim é importante por que o dinheiro é dele e ela gasta como ela quiser.
17. sim porque ela que ir no show mais a mãe dela queria que complase ropa e ela não queria.
18. sim, porque ela que trabalhou.
19. não, cada um com o seu.
20. não porque ela féis a mãe dela fazer de tudo para conseguir o dinheiro.
21. sim, por que ela foi lá e conseguiu o seu próprio dinheiro.
22. sim, porque ela gamhou com suor dela.
23. sim, mas não para ela ir ao show de rock escondida da sua mãe.
24. sim, o dinheiro veio do esforço dela e só isso faz a diferença.
25. sim. Porque ela ganhou com seu próprio esforço, mas faz a coisa errada indo escondida, “mentindo”.

d)

1. Sim. Ela ganhou o seu próprio dinheiro.
2. eu acho isso estranho.
3. eu acho isso estranho.
4. não sei.
5. porque a mãe prometeu que poderia ir ao show de “rock” com Judy com seu próprio dinheiro.
6. sim. Porque ela disse para a menina que ia deixar ela ir, e ela se esforçou para ganhar o dinheiro.
7. sim, porque ela conseguiu ganhar o dinheiro.
8. sim, já que ela prometeu e a Judy comprou com dinheiro dela então ta certo mais ir sem avisar a mãe não ta certo.
9. é porque a mãe prometeu e Judy ganhou seu próprio dinheiro.
10. sim, porque foi ela que ganhou o dinheiro.
11. sim, porque a mãe dela fez uma promessa, só que não cumpriu.
12. sim porque Judy comprou o ingresso com o dinheiro dela não com o dinheiro da mãe.
13. sim, sim, pois ela ganhou seu próprio dinheiro.
14. sim, a mãe prometeu então ela via e também o dinheiro era dela.
15. sim, porque ela prometeu e não pode desprometer.
16. é importante porque Judy ganhou o dinheiro.
17. sim, porque ela não sabe se vai gasta o dinheiro em bebida.
18. sim, porque ela prometeu se conseguise o dinheiro ela conseguiu então.
19. não, a mãe prometeu.
20. não, porque é perigoso.
21. sim, porque ela prometeu a Judy isso é muito importante.
22. sim, mais a mãe dela precisou do dinheiro para um coisa mais importante.
23. sim se for decisivo para sua mãe deixar ela ir.
24. sim, porque é esse o caso da história.
25. sim, porque prometeu e não cumpril, mas ela tinha que obedecer

e)

1. não. Porque eu não tenho confiança.
2. sim, é muito importante.
3. sim, é muito importante.

4. sim, pois promessa é promessa.
5. porque prometer tem que cumprir a promessa que você faz para os outros e para alguém.
6. sim, porque promessa é dívida.
7. sim, porque promessa é dívida.
8. não, por isso eu acho que não é bom ficar fazendo promessa.
9. não. Porque nunca mais você o verá.
10. não, porque agente não vai ver mais a pessoa então precisamos manter a promessa.
11. sim, porque você deu sua palavra.
12. não, porque nós vamos prometer algo para quem não conhecemos.
13. depende, nesse caso se a pessoa foi confiante, tá bom.
14. não, e nem deve porque se você não conhece e não prometa
15. não, porque você nem sabe se vai ver a pessoa de novo.
16. não, porque você não conhece a pessoa.
17. não, porque ela não sabe se vai contar ou não.
18. não, se eu não conheço e eu não vou mais vê-la.
19. sim, porque promessa é promessa.
20. não porque você promete alguma coisa aí você compra e é caro aí a pessoa some nunca mais ve.
21. daí não né porque você nem conhece pessoa.
22. sim, porque é uma promessa e ela tem que cumprir.
23. palavra é palavra mas a mãe pensou que o melhor ela comprar roupa para sua escola.
24. não, porque você não sabe se a pessoa é confiável ou não.
25. sim, é errado com qualquer pessoa se não cumprir

f)

1. Respeita-la, pois esta é a autoridade da mãe.
2. Com a preocupação de se estar tudo bem.
3. com a preocupação de se estar tudo bem.
4. em obedecela, para manter uma relação saudavel com a mãe.
5. a coisa mais importante com a mãe tem que amar dar carinho para ela e não deobedecer.
6. a mentira. Por que se a mãe mente para a filha, a filha pode mentir para a mãe.
7. com a confiança e a promessa, porque isso é o mais importante e a maioria das mães não cumpre a promessa.
8. Porque deve avisar onde vai e não sair escondido.
9. obedecer fazer o que a mãe gosta, o mais importante é a educação.
10. Sim, porque é mãe que dá a comida, casa, roupas, etc.
11. Não mentir, se ela mentira mãe nunca mais acredita nela.
12. A coisa que eu acho mais importante é que ela deveria contar a verdade para a mãe.
13. bom, eu acho que ela mesmo tem que conversar com sua mãe.
14. sinceridade e contar toda a verdade, porque pode mentir e fazer coisa errada.
15. com o respeito com a mãe. Porque é sua mãe.
16. com a renda da casa.
17. é se não a mãe fica muito preocupada com ela.
18. não mentir por que é feio mentir para sua mãe.
19. ser sempre fiel com a mãe. Sim é importante.
20. ajuda-la ficar sempre ao seu lado.
21. que ela não priga com a mãe.
22. não sei.
23. o carinho e o amor isso é importante porque não tem sempre um amor enorme.
24. sim, porque é a mãe dela e ela se importa muito com a mãe.
25. porque é minha mãe

g)

1. Estar sempre de olho nela. Pois assim saberá tudo o que ela faz ou deixa de fazer.
2. ser rígido e não descomprir.
3. ser rígido o que você falar vai cumprir.
4. em deixala de castigo, por não obedecela.
5. porquê a mãe tem do de uma filha e a mais nova tem muito amor pela sua mãe.
6. a autoridade é ensinar coisas certas. Porque depois a filha vai para o mau caminhos aí não sabe porque.
7. a filha deve obedecer a mãe sempre só quando a mãe promete e não cumprir.
8. não. Deixar a filha ir em show sem ela saber.
9. acho que educar mandar na filha ensinar o que presta e o que não presta.
10. respeito, obediência. Para evitar brigas.

11. cumprir o que fala, porque se ela não cumprir a filha vai acabar desobedecendo a mãe.
12. a mãe dela não precisa brigar com ela, devia simplesmente conversar.
13. que sua filha obedeça suas regras.
14. total, a mãe tem que mandar mesmo.
15. a autoridade. Porque ela é mãe ela tem que saber o que é melhor.
16. deve ser autoritária por que a mãe tem que ter autoridade.
17. muito cupado por que é uma mulher.
18. a mãe não ser chata e a filha não desobedecer.
19. mandar na filha e não deixar ela fazer coisa de errado.
20. muito legal a mãe da carinho, atenção, etc.
21. ficar muito pravo porque ela esconde uma coisa.
22. não sei.
23. cuidar dela para que nada lhe aconteça porque mãe é sua melhor amiga.
24. deixar de castigo pelo que ela fez.
25. total, a mãe tem que mandar mesmo

Dilema 2A

a)

1. Sim, isso foi o seu esforço.
2. sim, pois Joe foi quem trabalhou muito duro.
3. eu não daria o dinheiro porque foi eu que trabalhei.
4. sim, pois se o Joe economizou o dinheiro para ele ir ao acampamento, não é justo o pai le pedir o dinheiro para se divertir.
5. joe não deve negar dinheiro par ao seu próprio pai porquê que colocou ele no mundo foi seu pai.
6. sim, porque o dinheiro que ele economizou foi o dinheiro que ele trabalhou que era do acampamento.
7. lógico, ele trabalhou duro por esse dinheiro, ele fique sem ir na pesca.
8. acho que sim. Porque se o pai dele já tinha deixado ele ir pra que ele quer o dinheiro do filho ele que economiza-se também.
9. deve, porque o sonho dele é acampar e trabalhou duro no trabalho para conseguir o dinheiro.
10. não. Porque o pai dele deu tudo roupas, etc.
11. sim, porque foi Joe que conseguiu o dinheiro.
12. sim, porque se o pai dele presisasse do dinheiro para comprar algo que presisa, daí tudo bem, mas ele quer o dinheiro para viajar.
13. acho que se ele quer ir no acampamento ele deveria falar com seu pai e dizer que ele quer mas ir no acampamento.
14. o pai deve se colocar no lugar do filho que trabalhou, conseguiu porque o pai está sendo forgado pegando dinheiro do filho.
15. não, porque quando pedimos coisas pros nossos eles nos dão.
16. não, porque o pai presisa do dinheiro.
17. não por que ela bode compra outras coisas.
18. sim por que ele que trabalho mais por outro lado é o pai de Joe que da comida a ele e sustenta a casa.
19. sim o dinheiro é com o suor dele.
20. sim porque Joe trabalha duro.
21. sim porque seu pai prometeu que a leva ele mais depois ele mudou de idéia.
- 22.
23. não, porque quando o Joe não tinha o dinheiro dele, o pai dele compra tudo pra ele.
24. sim, porque foi Joe que trabalhou.
25. não, porque quando Joe precisar o pai pode ajudar

b)

1. Não, o dinheiro é dele.
2. tem, pois acima de tudo ele não deixa de ser pai.
3. tem só que eu não daria.
4. não, porquê foi o Joe que trabalhou duro e economizou o dinheiro.
5. tem sim porquê o Joe é o filho dele e ele não tem que negar dinheiro. Para o seu próprio pai.
6. não. Porque o dinheiro não é dele, se Joe estiver pegando o dinheiro do pai dele tudo bem.
7. não, se foi o Joe que o conseguiu sem ajuda de ninguém.
8. tem direito. Porque se o pai não quizer o dinheiro ele não da por causa que esse dinheiro é dele e não do pai.
9. porque o pai mudou de idéia. E queria ir a pesca e o Joe ao acampamento.
10. sim porque o pai de Joe alguma vez deu dinheiro para ele.
11. não, porque foi Joe que conseguiu o dinheiro trabalhando.

12. não, porque ele não consegue o dinheiro sozinho.
13. ele não tem pois foi Joe que conseguiu com esforço esse dinheiro.
14. tem porque é pai e ele manda no filho, ele pode pegar e devolver.
15. sim, mais só se for emprestado. Porque o dinheiro é do filho dele.
16. não, tem direito por que ele trabalhou.
17. não, porque é dele.
18. não, porque o dinheiro é de Joe.
19. sim, mas se o Joe não quer não insista.
20. não. Porque Joe trabalha e o dinheiro fica com Joe.
21. não, porque ele le prometeu que ia leva.
- 22.
23. porque o pai tinha menos do que Joe.
24. não, porque não foi o pai que trabalhou e sim o Joe.
25. não, porque Joe que trabalhou para ganhar o dinheiro

c)

1. Não.
2. não, porque nessa ocasião o pai está aproveitando do filho.
3. não, porque isso não tem nada aver.
4. sim, pois ele está sendo generoso.
5. porque o seu próprio filho tem que fazer tudo o que seu pai falou.
6. depende muito para que que era o dinheiro, se for para alguma coisa de urgencia sim.
7. não, porque o pai dele foi muito cara-de-pau de pedir o dinheiro para o filho.
8. acho que não. Porque pra ele ser um filho bom precisa dar dinheiro ao pai.
9. sim, tem bom coração não miséria, “os ricos não podem viver em uma ilha de mar de miséria”.
10. não.
11. não, porque foi Joe que conseguiu o dinheiro.
12. não, porque aquele dinheiro ele consegue trabalhando sozinho.
13. não, nem por isso tem de ser bom filho.
14. Ele não pode dar o dinheiro para ver o pai pescar ou negar para ele se divertir.
15. não, só se for uma necessidade de não ter o que comer. Porque o filho não vai querer ver o pai e a mãe sem comer.
16. não por que o dinheiro é dele.
17. não sei.
18. não.
19. não, você é um bom filho se você é fiel e ama os seus pais.
20. não porque pra gente conseguir alguma coisa tem que ir atras.
21. sim, mais nesse caso não.
- 22.
23. sim, porque isso significa que o pai é o seu melhor amigo.
24. não, é sim folgado.
25. sim, porque está fazendo uma boa ação

d)

1. Sim, pois ele podia ir ao acampamento.
2. sim, é um direito dele.
3. sim porque é um direito seu.
4. sim, pois ele pode provar como ele trabalhou duro para arranjar o dinheiro para o acampamento.
5. porquê a sua situação com o seu próprio pai tem que repartir o dinheiro com o seu pai.
6. sim. Assim tudo o que ele quizer ele consegue por si próprio.
7. sim, porque ele conseguiu ganhar o dinheiro sozinho sem ajuda do pai.
8. sim, porque Joe ganhou com seu próprio suor então acho que o pai dele esta sendo muito folgado.
9. sim, ele ganhou porque juntou, e queria ir acampar.
10. sim porque ele faz o que quer com o dinheiro dele.
11. sim, porque foi ele que conseguiu o dinheiro.
12. sim, porque tudo foi ele que conseguiu.
13. claro pois ele deve fazer o que ele quer com o dinheiro.
14. sim, ele quer muito ir então vá porque o dinheiro é dele.
15. não. Porque os pais trabalham e dam dinheiro para nós.
16. sim porque ele ganhou o dinheiro não foi o pai que deu.
17. não sei.

18. sim, porque o seu pai disse que ele ia se conseguisse juntar dinheiro.
19. sim, porque o pai não deu pra ele, foi o Joe que ganhou.
20. sim porque Joe queria ir no acampamento de qualquer jeito e ele queria o dinheiro.
21. sim porque ele porque ele conseguiu o seu dinheiro sosinho.
- 22.
23. sim, ela a prende a se valorizar mais por si própria.
24. sim, porque é ele.
25. sim, porque o pai não ajudou Joe a ganhar o dinheiro, mas mesmo assim eu emprestaria.

e)

1. Sim. Pois ele cumpriu, e se cumpriu, promete.
2. sim, uma pessoa que “volta atrás” é inconfiável.
3. sim, se ele falou. Ele tem que cumprir.
4. sim, pois promessa é promessa.
5. prometer alguma coisa é muito importante para o seu filho.
6. sim, por que ele se esforçou para ganhar o dinheiro, para o pai dele pedir o dinheiro que ele ganhou.
7. claro, ele prometeu, e promessa é dívida.
8. sim, por que promessa é dívida então quando o pai promete ele deveria estar siente disso.
9. sim, porque ele promete; e promessa é promessa.
10. sim, porque quando promete alguma coisa deve ser cumprida.
11. sim, porque ele deu a sua palavra.
12. se ele prometeu deveria deixar o menino ir.
13. sim, se o pai prometeu tem que cumprir.
14. o pai prometeu então ele tem que ir porque promessa é dívida.
15. não, porque muitas vezes nós prometemos e não cumprimos.
16. não, por que o pai não pode quebrar a promessa.
17. não sei.
18. sim, porque ele prometeu eu Joe já tem 14 anos.
19. sim porque prometeu tem que cumprir.
20. sim, porque ele prometeu ao filho e tem que cumprir.
21. sim, porque ele deu uma certeza que ia levar ele.
- 22.
23. sim, pois ele promete e não deixa ele ir.
24. sim, porque promessa não pode ser quebrada.
25. sim, porque o pai não está pensando na promessa que fez

f)

1. Porque a pesso prometeu. Não, pois não tenha confiança em uma pessoa que eu nunca verei mais.
2. sim, se este falou terá que cumprir.
3. porque você está falando a sua palavra.
4. para provar a sua confiança, sim porque você mostra o seu lado bom.
5. cumprida a promessa do seu pai de Joe ele inpresta o dinheiro para o seu pai, etc.
6. sim. Eu não prometo as coisas a ninguém acho que não. Porque você deve ajudar quem você conhece e pode te ajudar.
7. sim, promessa é dívida, e todo mundo deve cumprir.
8. não. Por isso que antes de você prometer deve pensar bem.
9. porque a promessa é juramento; não porque não conhece.
10. sim. Sim porque é preciso manter a promessa.
11. porque foi dada a palavra, sim, porque foi dada a palavra.
12. sim, é importante porque ele prometeu.
13. sim promessa tem que se cumprida.
14. sim, não, o melhor é não prometer nada ainda mais pra um desconhecido porque não é o certo..
15. não, se você não vai ver a pessoa não a porque cumprir.
16. não, porque você não verá mais essa pessoa.
17. não sei.
18. não, porque não vai mas ver a pessoa.
19. porque é pecado. Sim, porque você prometeu.
20. não pra você prometer alguma coisa você tem que prometer a irmã pessoa que você conhece.
21. não daí é diferente porque você nem vai ve mais a pessoa.
- 22.
23. mas o pai dele conhece seu filho muito bem.

24. sim, não porque a pessoa não é confiável.
25. porque ele falou que ia deixar, não mais é errado, eu nem conheço vou ficar prometendo as coisas

g)

1. A união. Pois os seus relacionamento fica mais importante.
2. a sua palavra, para que haja uma ligação: pai e filho.
3. sim, tem razão porque tem que pensar no lado do filho também.
4. o respeito, de pensar que é um filho e não outra coisa, para manter uma relação boa entre os dois.
5. para a família dele o para o seu pai que ama no fundo do coração dele.
6. a confiança. Que ele ama muito ele. Por que isso é essencial na vida.
7. de uma promessa.
8. que o pai dele quando prometeu estava siente que o filho ia ir ao acampamento.
9. a amizade; a conversa a perseverança.
10. amizade. De levar seu filho em algum lugar que é prometido.
11. não mentir, porque o filho se magoa.
12. cumprir o que promete.
13. eu acho que se o pai prometeu tem que cumprir.
14. confiança e parceirismo para manter a amizade, a confiança.
15. a convivência. O amor entre pai e filho. porque sem isso não a amor.
16. o que ele promete para seu filho.
17. não sei.
18. não, pode esquecer a amizade.
19. o amor, as brigas.
20. ficar sempre ao seu lado.
21. não, porque pai deve ser muito bom com o seu filho.
- 22.
23. da amizade deles.
24. ficar bem, sim, porque é uma família.
25. se dar bem, fazer o que promete, por que é a palavra do pai que está em jogo

h)

1. O filho obedecer a autoridade do pai.
2. ser um pai que tenha palavra.
3. ser uma pessoa com uma palavra só.
4. ser correto e rígido, para manter a disciplina nos filhos.
5. colocar o filho para trabalhar de quato papelão na rua de carroçinha.
6. não pegar o dinheiro dele, assim o filho não pegar do pai.
7. o filho sempre deve obedecer o filho menos quando faz uma promessa e não cumpri.
8. deixar o filho ir já que ele tinha prometido.
9. porque os dois são os amigos um para o outro.
10. respeito e amizade porque assim evita brigas.
11. cumprir a palavra porque se ele não cumprir o filho vai se magoar e vai desobedecer.
12. deveria deixar o menino ir.
13. pai deve respeitar o filho e o filho ao pai e se o dinheiro é dele tem que gastar com ele.
14. tudo, até ele virar adulto e ter sua independência porque é pai.
15. de mandar e desmandar. Porque ele é pai.
16. o pai deveria mandar no filho porque ele tem autoridade.
17. não sei.
18. mandar no filho porque foi ele que jerou o filho dele.
19. o filho tem que obedecer o pai sempre que ele mandar.
20. não pedir o dinheiro e num crompti a promessa.
21. sim porque o pai de ter atoridade no filho.
- 22.
23. amor e carinho entre os dois.
24. deixar pra lá, porque está tudo bem.
25. total, pai é pai, manda mesmo

i)

1. Obedecer. Isso é a melhor coisa de um filho com o pai.
2. a confiança.
3. para ele ir com o dinheiro dele.
4. o respeito, porque se um filho não respeita o pai o pai não vai respeitar o filho.

5. na hora que o pai está doente e na hora que estava sem dinheiro para o seu pai.
6. a confiança. Assim um pode ajudar o outro.
7. promessa, porque é dívida.
8. deixar sempre o pai dele sabendo do que ele faz ou deixa de fazer.
9. o filho nunca quer fazer brigar com o pai.
10. a amizade porque assim é melhor para todos.
11. não mentir, se ele mentir o pai nunca mais acredita nele.
12. contar tudo o que ele acha para o pai.
13. respeitar seu pai.
14. a amizade porque é sempre bom ter um pai do lado.
15. o relacionamento. Porque são pai e filho.
16. com que o pai está pressisando.
17. não sei.
18. a amizade porque tem que ter a amizade com o pai.
19. a conversar e etc... isso é o mais importante.
20. ajudar ele.
21. sim porque o pai é que da tudo para ele.
- 22.
23. os amores entre eles.
24. sim, porque o pai e filho é muito importante.
- 25.

Dilema 3

a)

1. Sim. Pois é o que ela lhe pedira, errado pois embora ele sabe que a eutanásia não é legal.
2. não, porque ele poderia sentir muita culpa, depois de algum tempo.
3. não, porque iso é contra a lei não é muito errado porque ele vai estar tira uma vida.
4. sim, pois ninguém merece sofrer. Não é errado para ele pois foi ela que pediu. Porque um médico não pode desligar os aparelhos de ninguém.
5. é muito errando isso não é certo dar remédio para sua cliente que esta com câncer é isso não si faz.
6. sim. Porque ele não está matando ela, ela quem está pedindo é ela, ele não está te mandando. É fato certo. Porque ela já vai mesmo morrer.
7. sim, como é ela que está pedindo. É errado, mas como foi a própria mulher que pediu.
8. porque se ele não der ela vai sofrer cada dia mais e se eu der será bem melhor para ela.
9. não porque eu sei que ela estava sofrendo mas a vida mesmo faz isso. É errado o doutor matar ela.
10. sim para que a mulher pare de sofrer. Errado porquê isso é um crime.
11. não porque ele não pode matar um passiente.
12. não é certo, porque mesmo ela querendo morrer, o médico ao pode dar a droga que a manteria viva.
13. bom, eu acho que não deveria ao fato dela estar muito ruim não deveria ser crime.
14. não porque é contra a lei, errado porque não pode.
15. sim, porque ela ia morrer ela já não agüentava de dor.
- 16.
17. sim porque ela está com dor. Sim assim ela não sofreria com a morte.
18. sim, se ela pediu, para o médico é errado mas ela pediu.
- 19.
20. não, porque ela tinha que guentar a dor porque se ele fiser isso é crime.
21. dar esse remédio porque se ela altorizou a desligar o aparelho para ela morrer e não sofrer mais.
22. sim, porque ele está sofrendo, não se ela pedir, sim, mais se ela não pedir aí não.
23. porque a mulher estava sofrendo demais pelo menos descansaria em paz.
24. não, porque a obrigação do médico é salvar vidas, sim consumir drogas é crime.
25. sim, ela ta sofrendo, errado porque ele seria preso e certo porque ela pediu

b)

1. Sim, porque ela estava com fortes dores e então ela queria morrer logo.
2. não, porque ela pode ter uma decisão precipitada e acabar ficando pior sua situação.
3. sim, é claro, porque deve estar cansada de ficar sofrendo.
4. sim, pois ela está sofrendo e já sabe que vai morrer.
5. a mulher tem toda a decisão dela ou se ela vai tomar o remédio ou si não vai tomar o remédio.
6. sim, porque é a vida dela que está em risco, e ela já sabe que vai morrer mesmo.
7. sim. Porque a vida é dela.
8. sim, por causa que essa dor deve ser orrível pra caramba.
9. sim. Porque ela vai tentar várias vezes falar ao dr.

10. deve pois é ela que está sofrendo e não outras pessoas.
11. sim porque é ela que está sofrendo.
12. sim, porque é a vontade dela, e mais de ninguém.
13. eu acho que tem só que no caso seria proibido e depois sobraria pro médico.
14. sim, porque é ela que está sentindo dores então é ela que tem que decidir.
15. sim. Porque é o que ela quer para não sofrer tanto.
16. sim porque é ela que vai morrer.
17. sim porque é a vida dela e de mais ninguém.
18. porque ela que tava com dor.
- 19.
20. sim porque ela num que mais sofrer.
21. sim porque é que manda na vida dela então se ela queria que desligace o aparelho para ele não sofre mais ele deveria desligar.
22. sim, porque é ela que manda na própria vida dela então se ela quiser morrer aí o doutor tem que obedecer a decisão dela.
23. sim. As vezes ela não quer morrer mas se ela sofre.
24. não, porque ela não é médica.
25. sim, ela é maior de idade e sabe o que faz, mas é perigoso, ela ta doente, ela não tomaria uma decisão dessa se não estivesse doente

c)

1. sim, porque ele sabe o que é melhor para ele.
2. sim, porque duas cabeças pensam mais que uma.
3. no meu caso eu não deixaria iso acontecer, porque pode acontecer de inventar uma outra forma.
4. sim, porque ele ira sofrer se a mulher dele tomar essa decisão sozinha.
5. o marido dela não tem nada ver com essa decisão de calmante porquê esta com câncer.
6. sim, porque ele também faz parte da vida dela.
7. não, ela está morrendo de dor o marido tem que entender que se ela morresse seria melhor.
8. não é casado. Acho que se ela fosse casada ele deveria deixar dar o remédio para mata-lá.
9. sim porque eu acho que o marido não ia deixar sua mulher nunca.
10. sim, porque ele vai perder sua mulher.
11. não, porque é ela que está doente, então é ela que decide, apesar de que a família dela ia sofrer se ela morresse.
12. sim, porque ele faz parte da vida dela.
13. acho que não ele pode se marido mas não é dono da vida dela.
14. sim, pois ele vai sofrer mais quando ela morrer
15. sim. Porque ele deve saber de tudo para ajuda-lo e saber o que é melhor para ela.
16. se ela for casada o marido deve participar da decisão porque ele tem o direito de saber.
17. sim, porque não teria amor um ao outro.
18. eu acho que não porque ele ia se sentir culpado.
- 19.
20. sim, porque o marido tem que saber.
21. sim ,ela e o marido deviam tomar a desisao junto.
22. sim, porque ele é companheiro dela.
23. não porque só a mulher sabe o quanto ela mesma está sofrendo.
24. não, porque ele deveria ficar muito chateado com a decisão dela.
25. sim, ele pode ficar sem a mulher

d)

1. Ajudá-la, pois ela está prestes a perder sua vida.
2. estar todos os dias junto de sua esposa, para que ela veja que mesmo na dor seu marido a ama.
3. ficar ao lado dela. Dando um apoio para ela.
4. compreender, pois foi uma escolha dela.
5. o que ele tem que fazer nesta situação obrigada o que não tome esses remédio porquê ela vai morrer.
6. compreender a mulher. Porque ele sabe que ela já vai morrer, diante de uns meses.
7. respeitar a opinião da esposa, porque é ela que esta morrendo ele dor.
8. deve ir pela escolha dela. Se ela quer tomar o remédio se ela acha que é melhor.
9. ficar sempre apoiando a esposa ficar sempre no hospital fazendo companhia.
10. deixar que a mulher tome a dose do remédio, para parar de sofrer.
11. apoiar a sua esposa, porque ela precisa de apoio.
12. ele deve fazer o que é melhor para ela, para ela parar de sofrer.

13. acho que ele deveria conversar com o médico e ver o que é certo pra ela.
14. ficar do lado dela. Porque antes dela morrer eles são casados ainda
15. deve apoiar ela. Porque ele tem que entender que não agüentava mais as dores.
16. ficar do lado dela porque ela está pensando em fazer a eutanazia.
17. nada porque ele não é médico.
18. pedir para a mulher agüentar e para o médico não dar o remédio.
- 19.
20. ficar perto dela, porque se ela morre ele vai estar do lado.
21. não deixar desligar. Mas se era essa a desisão dela ele devia escutar.
22. eu que deveria ver o que é melhor para ela e concordar em qualquer decisão que ele tomar.
23. deveria ficar perto dela nas horas mais difíceis da vida dela.
24. falar para o médico não obedecer, porque mataria ela.
25. concede-la o pedido porque ela está sofrendo

e)

1. Não, pois ela sabe o que se passa e o que é melhor para ela.
2. todos podem vivem ou não, mas o suicídio é uma decisão precipitada.
3. por que para ela já chega não da mais para ficar sofrendo.
4. ela tem o direito de não querer viver principalmente se estiver muito doente e sem cura.
5. porquê ela não esta mais suportando a dor do câncer e ela quem morrer porque não esta mais boa.
6. não. Cada um vive se quer, mas no caso dela é de doença já.
7. direito, porque se ela sabe que vai morrer daqui a alguns meses, ela só quer adiantar a sua morte.
8. isso aí é ela que vai ver por causa se ela quer continuar viva ela continua agora se ela quer morrer não podemos fazer nada.
9. não, porque a decisão é da pessoa se quer viver ou se suicidar.
10. ela tem o direito, porquê ela está sofrendo.
11. não, porque ela está sofrendo.
12. é um direito dela, querer morrer ou viver, se ela quer morrer se suisida caso contrário não.
13. depende no caso dela seria bom ela descidi mas como o médico não pode.
14. sim, porque se ela não agüenta mais viver porque que ela não poderia se matar
15. ela tem o direito de viver. Porque como qualquer outra pessoa tem o direito de viver mais se ela não quer.
16. ela tem o direito de morrer por que a vida é dela.
17. não, porque cadau cuida a sua vida.
18. no caso dessa mulher ela queria que o médico desse o remédio a ela porque ela já ia morrer e ela tinha muita dor.
- 19.
20. direito ela tem mais num tem o direito de obrigar.
21. tem obrigação de viver. Mais no caso dela ela sovrendo ele tomou a decisão certa.
22. não a pessoa não tem a obrigação de viver porque ela ta sofreno e ela quer acabar com a vida dela.
23. se ela está sofrendo é o direito ela não viver mais.
24. só se ela for uma pessoa importante porque ele merece viver do lado do marido.
25. sim, ela faz o que quer.

f)

1. Sim, sim, para ela ser livre desta dor.
2. não, porque o Dr. Jefferson, provavelmente, iria se arrepender.
3. sim, a dor some. Porque já está morto, mas eu não tenho.
4. sim, porque uma pessoa ou até mesmo o gato não merece ficar sentindo dor.
5. porquê o animal de estimação para o bichinho e para mulher também igual a esse tema do bicho.
6. sim, porque ela também iria sentir a dor, do mesmo jeito que o animal sentiu.
7. sim, porque a decisão é dela.
8. sim. Assim se livra da dor porquê a dor não deve ser fácil. Deve de doer bastante.
9. não porque a vida faz isso.
10. deve para evitar de sofrer mais do que já ta.
11. não, porque os médicos devem continuar procurando cura, ou, remédio para dor. Se fosse o animal eu o levaria no veterinário, se fosse preciso todo os dias.
12. acho que sim, por que se ela morrer, ela não vai sofrer, e se ela viver ela vai sofrer.
13. eu acho que sim, mas será prejudicado para o médico mesmo.
14. se ela quer ser morta, mas com o cachorro, mataram ele, não sei se ele quer
15. se ela preferir ficar sentindo dores. Porque a decisão é dela.
16. porque a mulher estava com muita dor e foi morta para se ver livre da dor.

17. sim por que ela vai morrer augus meses.
18. sim porque ela está com muita dor e foi ela que pediu.
- 19.
20. morrer ela pode morrer mas não obriga o Dr. Jefferson a desligar as máquinas.
21. sim ela devia se matar de vez para parar de sofrer.
22. sim porque ela está sofrendo muito e também muita dor.
23. sim, ela está sofrendo e uma hora mesmo doente ela tem que morrer.
24. mesma coisa da mulher porque os animais são tão importantes como os humanos.
25. sim, porque ela via morrer e está sofrendo a toa

g)

1. sim, pois ele estaria mandando-a.
2. sim, porque é ilegal e tudo o que é ilegal não pega bem em ninguém, principalmente um médico, que muitas vezes ajuda a trazer a vida.
3. sim, é porque é contra a lei.
4. não é legal porque ela pediu e não é moralmente errado, pois ela já sabia que iria morrer.
5. porquê não era para o médico dar a droga para ele porquê isso da na prisão.
6. não. Porque no caso dela ela está pedindo, mas pode ter médicos que em outro caso tire a vida de alguém sem ela pedir.
7. não. Porque foi ela que pediu.
8. sim. É completamente errado mais ela deve estar sofrendo de mais.
9. sim porque ele está violando a lei e isso é muito errado.
10. não. Porque é ela que está pedindo.
11. não, porque ela tem o direito de escolher se quer viver ou morrer.
12. sim, é errado por que se ela quer mesmo morrer ela espera dar os 6 meses de vida, não precisa tomar droga.
13. sim, seria sim totalmente errado.
14. sim, mais é errado porque não é o certo se ela quer é uma coisa se ele (o médico) resolve é outra , então é errado
15. é ilegal. Sim. Porque matar é crime.
16. é ilegal o médico dar drogar a mulher é moralmente erado porque ele vai estar matando a mulher.
17. sim por que ele esta mantado uma pessoa.
18. sim é errado e é crime, e ele vai ficar com culpa.
- 19.
20. sim, é ilegal porque isso é crime matar a mulher com a droga.
21. sim é errado. Mais no caso de ela pedia para dar o remédio daí ele pensou bem e deu o remédio.
22. não, não porque foi a mulher que pediu para morrer então ele que tomou a decisão por ela.
23. sim mas se ela quer morrer é o direito dela querer tomar o remédio.
24. sim, porque droga é crime.
25. não, ela está pedindo a droga

h)

1. Não. Pois algumas das coisas podemos tomar decisões em nossa vida.
2. sim, porque devemos obedecer a lei para não ficar uma pior.
3. sim, mas as vezes não porque nem tudo o que agente faz está dentro da lei.
4. sim, as leis existem para serem seguidas, mas as vezes isso não acontece.
5. porquê tem que obedecer a lei sim porque isso faz muito bem para todo e para ela.
6. sim. Porque por causa de um nada, você pode ficar uns bons anos na cadeia.
7. o possível, mas quando uma pessoa não aguenta mais de dor é que acabar com o sofrimento, eu acho certo.
8. sim. O médico concerteza faiz de tudo. Porquê dar remédio para a mulher não é certo.
9. sim porque não só para ficar livre mas sim é o certo.
10. é claro mas nessa situação deve-se desobedecer a lei.
11. não, porque se for caso de vida ou morte, eu desobedeceria a lei.
12. sim, porque se nós desobedecemos da lei, nós vamos ser prejudicados.
13. depende do caso da paciente.
14. sim, mais é errado porque não é o certo se ela quer é uma coisa se ele (o médico) resolve é outra , então é errado
15. sim. Mais neste caso quem gostaria de ficar sentindo dor.
16. sim
17. sim porque é mais uma pessoa que morre. Sim se não respeitam.
18. sim, se não você vai preso.
- 19.
20. sim tenta fazer de tudo pra não desobedecer a lei porque ele pode ser preso.

21. sim e deve porque senão e vai preso.
22. sim porque a lei é feita para ser obedecida não para ser quebrada.
23. sim, a lei ela é justa e digna.
24. sim, para ser uma pessoa de respeito.
25. mais ou menos, às vezes não dá para cumprir

Dilema 3A

1. Não, pois a decisão era dela e não dele o Dr. Jefferson.
2. sim, porque se ele não entregasse, poderia correr o risco de emprego.
3. não, porque ela que pediu para fazer isso, mas não deve entregar ele não.
4. não, porque ele não teve culpa e ele só fez o que a mulher desejou.
5. porquê sim tem que entregar sim o doutor para o policial sim é um assassino.
6. não. Porque ele sabia o caso da mulher, que uma hora ela iria morrer.
7. não, porque a mulher estava sofrendo de dor, e ele só quis acabar com o sofrimento dela.
8. acho que não por causa que até chegar 6 meses ela ia sofrer mais. Eu acho que não está certo mai não tinha outra opção.
9. sim, porque ele fez algo errado, e algo errado não dá para esconder.
10. não. Porquê foi a mulher que pediu-lhe que aplicasse a eutanasia nela.
11. não, porque a mulher estava sofrendo, ela só pediu um favor.
12. sim, por que mesmo a mulher pedindo para morrer, o doutor não tinha o direito de dar a droga a ela.
13. eu acho que não deveria a ele saber o fato dela que estava pedindo muito e estava muito ruim.
14. sim porque se é contra a lei dar esse remédio, no sentido de matar é para entregar ele.
15. não. Porque ele fez o pedido de uma paciente.
16. sim porque o dottor Jefferson cometeu um crime.
17. não, porque não seria um melhor amigo.
18. não, por que ela pediu e ele viu que ela estava sofrendo e deu o remédio.
- 19.
20. num porque ele mata uma mulher que estava sentindo muita dor.
21. não devia porque amigo que é amigo não deda.
22. não, porque ele fez o que a mulher pediu
23. não porque ele fez o melhor pra ele e pra mulher.
24. não, porque não foi a decisão do doutor Jefferson foi da paciente.
25. não porque o dr. Jefferson realizou o pedido que a própria mulher pediu

Dilema 3B

a)

1. Não. Porque ele não queria matar a mulher ela era quem queria morrer.
2. dar uma sentença, para que ele reveja seus conceitos.
3. sim, porque ele estava tentando fazer a cabeça dela para que não tomaçe esta decisão.
4. o juiz deve responder a sentença, porque o Dr. Jefferson é inocente.
5. isso não está certo suspender a sentença da cadeia tem que deixar ele preso.
6. deve deixar ele livre. Ou seja deve chamar o outro médico e explicar o que aconteceu. Ele matou a mulher? Matou, mas foi ela quem pediu.
7. deixar ele livre porque ele fez o certo.
8. claro deve dar uma sentença mais ele não deveria dar uma sentença muito pesada.
9. deve haver sim uma sentença para ele aprender que isso é errado.
10. deve dar uma sentença, mas não prende-lo é sim trabalhos públicos.
11. deve deixar ele livre, porque a passiente dele estava sofrendo de mais, ele só féis um favor a ela.
12. o juis deve deixar o doutor livre, por que mesmo ele tendo errado, ele fez uma coisa, que a mulher pediu.
13. acho que ele devia deixar livre porque, não foi a culpa dele, ela que pediu.
14. deve deixar ele livre porque foi a mulher que pediu então ele tem que continuar a profição
15. o resto da vida prestando serviços públicos. Porque não é justo prender um homem por fazer o que uma mulher queria.
16. o juis deve pender o doutor Jefferson.
17. sim porque era uma vida de uma pessoa.
18. suspender a sentença porque é a melhor opção.
- 19.
20. deixa o Dr. Jefferson livre porque foi a mulher que pediu pra matar ela.

21. ele devia tirar ele do posto dele mais prender não.
22. eu acho que o juiz deve deixar ele livre porque na minha opinião ele não foi culpado.
23. ele devia deixar o Dr. Jefferson livre porque ele fez o bem para a mulher ela estava sofrendo.
24. Jefferson livre porque ele não fez nada de errado, só o que a mulher disse para ele fazer.
25. deixar livre porque ele fez o que a mulher pediu e não matou por conta própria

b)

1. Sim. Pois fizeram o que era errado.
2. sim, para elas se conscientizarem do que fizeram.
3. sim, mas no caso dele eu não faria isso eu liberaria.
4. sim, dependendo de sua situação.
5. tem eu ser punidos para lei da cadeia porque sim isso não se faz.
6. em termo de sociedade sim. Porque eles são obrigados a obedecer isso.
7. depende do que elas fizeram.
8. devem porque desobedecer a lei é crime mais a mulher também estava morrendo.
9. sim, porque violam a lei.
10. é claro que deve. Porquê não esta fazendo uma coisa que precisa com urgência.
11. depende do que fizerem, se for caso de vida ou morte eu não acho que devem ser punidas.
12. de pende o motivo sim, por que certas coisas a pessoa erra sem querer, e depende a outra a pessoa erra por querer.
13. alguns caso, deve, mas pelo o que ele fez não taria certo ele punir.
14. não só devem fazer o melhor possível porque não tem uma pessoa eu faz tudo certinho
15. sim, porque desobedeceram a lei.
16. devem ser punidas porque elas infringiram a lei.
17. sim, porque ele não respeita a lei.
18. sim, porque sabem da lei e vão fazer coisa errada.
- 19.
20. sim porque é uma lei num pode desobedecer.
21. sim, mas ele não matou por matar ela pediu.
22. sim, porque elas pensarão antes de cometer o crime.
23. sim, menos em caso de suicídio.
24. sim, lei é lei.
25. sim, fizeram coisas erradas, mas o Dr. Jefferson não

c)

1. Não. Pois ele fazia o que sua consciência lhe pedia.
2. não, porque o júri deve dar uma sentença mais leve.
3. sim isso é possível de ter alguma punidade.
4. seria errado pois ele estava fazendo o seu trabalho.
5. porquê esta situação tem que ser importante para a sua lei para o médico Jefferson.
6. não. No máximo o prender. Porque ele não matou a mulher porque ele quis.
7. errado, foi a própria mulher que pediu para ser morta.
8. acho que não deveria. Porque a mulher fica ensistindo para ele dar a droga que ela não agüentava mais de dor.
9. certo para ele sentir o que aquela mulher sentiu.
10. errado porque ele só atendeu o pedido da mulher.
11. errado, porque ele só queria tirar a dor de seu passiente.
12. eu acho que o juiz deveria deixar ele livre, mas ele fez o que achou melhor.
13. eu acho que ele pelo menos deveria deixar ele livre só que tira a profissão dele de médico.
- 14.
15. não. Porque ele aliviou a dor de uma pessoa que não agüentava mais.
16. nesse caso é errado porque a mulher pediu que a matase.
17. sim porque ele fez um assassinato.
18. sim quando um ladrão mata uma pessoa inocente.
- 19.
20. sim seria muito errado porque do mesmo jeito ela inha morrer e inha sofrer.
21. não porque a moça pediu para e dar o remédio ele não deu porque ele quis.
22. não, porque ele não é culpado ele só ajudou a mulher a não sentir mais dor.
23. não, ele fez o bem pra ele e pra ela.
24. não. Jefferson é inossente.
25. não, ele não cometeu um crime, ele fez o que a mulher pediu

d)

1. Pena de morte. Para cumprir o que ele fez.
2. não, porque provavelmente a muitos, e os que merecem ficam soltos. Estupro, assassinato para a sociedade rever seus conceitos.
3. não, por isso no é certo.
4. sim, se for muito grave sim da pessoa morrer sem sentir dor para que ninguém sofra.
5. porquê estas situações tem que ser importantes para a sua lei para o médico Jefferson.
6. não, nenhuma. Porque não é preciso levar a vida de ninguém. É só deixar preso, para ir o que é bom.
7. sim, se o crime foi muito grave.
8. acho que deve dar outra sentença não o matá-lo não acho muito certo.
9. eu dava sentença de morte para muitos assassinos, maconheiros, etc...
10. não. Porque ele desobedeceu a lei uma vez só. Em estupro em assalto e tráfico. Para acabar com os bandidos.
11. depende do crime, roubo, morte, etc.
12. são importante por que cometer crime é contra lei.
13. eu acho que quando alguém mata a tiro ou facada aí sim, só que o caso dela foi que ela pediu pra morrer, pra não sentir mais dores.
14. para os bandido sim pq eles merecem. Em roubo e morte para se livrar desses ladrões que fica matando e roubando
15. deve ser dada a alguém que já matou umas mil pessoas.
16. sim porque ele cometeu um crime. Se cometeu mais de um crime.
17. não sei.
18. não, trabalhar de lixeiro.
- 19.
20. num pode ele tava agudando uma mulher a não sofrer.
21. para matar só por quem assato os outros.
22. não, porque é a pessoa que decide pela vida dela, a sentença deve ser dada a um estuprador porque ele é muito perigoso e não merece viver.
23. não, se ele não quer morrer é um direito dele.
24. não, porque ele não fez nada de errado porque o júri decidiu.
25. não, porque depende do crime, omicídio, porque é um assassino

e)

1. Sim.
2. sim.
3. não. Porque ele deve ter pensado muito e estava fazendo a vontade dela.
4. sim dependendo do que a pessoa fez.
5. para mim, ele estava agindo sem consciência porque ele lhe aprico a droga dela.
6. ele agiu com consciência, mas no fundo no fundo mesmo, ele pensou na dor em que ela iria sentir.
7. não porque se ele está fora do comum.
8. não. A mulher também estava pedindo para ele dar a droga. Então não foi só ele.
9. sim, daí ele deve porque agiu sem consciência.
10. deve porque ele fez sem pensar e não era preciso.
11. não.
12. não.
13. sei lá ele sabia que ia ser punido não deveria.
14. não, não deve ser ponido só porque agiu sem consciência
15. ele está fazendo o que a consciencia dele mandava.
16. não estava agindo sem consciencia porque ele sabia o que ele estava fazendo.
17. sim porque ele não está agindo sem consciência.
18. não porque ele tinha consciencia e ela lhe pediu.
- 19.
20. sim, ele estava nervoso porque se ele desse a droga ele ia ser punido.
21. sim e agiu com osiesia ele fes o que sua consciencia mando.
22. sim.
23. não, ser punido é só para caso de ladrão.
24. consciencia livre, sim.
25. sim

Anexo 05: As fábulas utilizadas no trabalho de discussão moral na íntegra

Fábula 01: A velha da horta

Era uma vez uma horta de couves. Era um ano de carestia e duas mulheres saíram em busca de alguma coisa para comer.

- Comadre – disse uma -, vamos àquela horta colher couves.

E a outra:

- Mas haverá alguém!

A primeira foi ver:

- Não há ninguém! Vamos!

Entraram na horta e colheram duas grandes braçadas de couves. Levaram tudo para casa, fizeram um bom jantar e, no dia seguinte, voltaram para pegar outras duas braçadas.

A horta era de uma velha. A velha regressou e viu que lhe tinham roubado couves. “Já cuido disso”, disse consigo. “Pego um cão e o amarro na porta.”

As comadres, quando viram o cão:

- Não, desta vez não vou lá colher couves – disse uma.

E a outra:

- Deixe disso, pegamos um pedaço de pão duro, jogamos para o cão e assim podemos fazer o que quisermos.

Compraram o pão e, antes que o cão fizesse “Au!”, atiraram-lhe o pão. O cão se lançou sobre o pão e ficou quieto. As comadres roubaram as couves e se foram.

Apareceu a velha e viu aquele estrago.

- Ah! Então você deixou que colhessem as couves debaixo do seu nariz! Não é bom para ficar de guarda! Fora! – E pôs um gato de guarda. – Quando fizer “Miau! Miau!” darei um salto e surpreenderei os ladrões!

As comadres chegaram para pegar couves e viram o gato. Pegaram um pedaço de pulmão e, antes que o gato tivesse feito “Miau!”, atiraram-lhe o pulmão e o gato ficou quieto. Colheram as couves, foram embora e só quando terminou de comer o pulmão é que o gato fez “Miau!”. A velha apareceu, não viu mais nem couves nem ladrões. E brigou com o gato.

- Agora, quem ponho lá? O galo! Desta vez os ladrões não me escapam.

As duas comadres. Uma:

- Nossa Senhora, desta vez não vou lá! É o galo!

E a outra:

- Vamos jogar comida para ele, e não cantará.

Enquanto o galo bicava a comida, fizeram uma limpeza na horta. O galo terminou a comida e então cantou: “Cocorocó!”. A velha aparece, vê as couves arrancadas, pega o galo e torce o pescoço dele. Depois diz a um aldeão:

- Cave uma cova do meu tamanho! – Deitou-se na cova e mandou que a enterrassem, deixando só uma orelha para fora da terra.

- Ó comadre, veja que lindo cogumelo! – Inclinou-se e se pôs a puxar o cogumelo. Puxa, puxa, puxa; mais um puxão e a velha pulou para fora.

- Ah! – berrou a velha. – Foram vocês que me colheram as couves? Esperem que já lhes mostro. – E agarrou a comadre que a puxara pela orelha. A outra, pernas para que te quero, e fugiu.

A velha segurava a comadre entre suas garras:

- Agora vou comê-la viva de uma vez só!

E a comadre lhe disse:

- Espere: estou para ter um filho; se me salvar a vida, prometo que, homem ou mulher, quando ele fizer dezesseis anos eu o darei para você. Aceita?

- Aceito! – disse a velha – Colha todas as couves que quiser e suma; mas não se esqueça da promessa.

Mais morta que viva, a comadre voltou para casa.

- Ah, comadre, você teve a sorte de fugir, mas eu fiquei em maus lençóis e prometi à velha que o filho ou a filha que eu tiver, darei a ela aos dezesseis anos!

Passados dois meses, a comadre deu à luz uma menininha.

- Ah, pobre da minha filha! – dizia-lhe a mãe. – Eu a amamento, eu a crio, e vai acabar sendo devorada! – E chorava.

Quando a moça estava para completar dezesseis anos, indo comprar óleo para a mãe, encontrou a velha.

- E você, mocinha, é filha de quem?

- De dona Sabeda.

- Ficou grande e bonita... deve ser saborosa... – E a acariciava. – Pegue este figo, leve-o para a sua mãe e lhe diga isto: “E a promessa?”

A moça foi até sua mãe e lhe contou tudo.

- ... E me falou pra lhe dizer “E a promessa?”

- A promessa? – disse a mãe e rompeu em pranto.

- Por que está chorando, Vossa Senhoria minha mãe?

Porém, a mãe não lhe respondia: depois de ter chorado por um bom tempo, disse:

- Se encontrar a velha, diga-lhe: “Ainda sou criança”.

Mas a mocinha já tinha dezesseis anos e se envergonhava de dizer que era criança. Assim, quando a velha tornou a encontrá-la e perguntou: “O que disse sua mãe?”, ela respondeu:

- Já sou grandinha...

- Então a venha com sua avó que lhe dará de presente tantas coisas lindas – disse a velha e agarrou a moça.

Levou-a para sua casa e a encerrou numa capoeira de frangos, e lhe dava de comer para engordá-la.

Passado algum tempo, queria ver se estava gorda e lhe disse:

- Venha, mostre-me seu dedinho.

A moça pegou um ratinho que fizera seu ninho na capoeira e, em vez de lhe mostrar o dedo, mostrou o rabo do rato.

- Eh, está magra, ainda está magra, minha pequena. Coma, coma.

Porém, passado mais um tempo, não resistia à vontade de comê-la e a fez sair da capoeira.

- Ah, agora sim está bem gorda! Vamos esquentar o forno, pois quero fazer o pão.

Fizeram o pão. A moça esquentou o forno, varreu-o e o preparou para poder assar.

- Agora, enforne o pão.

- Não sei enfornar o pão, vovó. Sei fazer tudo, menos enfornar o pão.

- Já lhe mostro. Passe-me o pão.

A moça lhe passava o pão e a velha o enfornava.

- Agora, pegue a laje para fechar o forno.

- E como faço para levantar a laje, vovó?

- Eu a levanto! – disse a velha.

Assim que a velha se inclinou, a moça a pegou pelas pernas e a jogou dentro do forno. Depois pegou a laje e fechou o forno com a velha lá dentro.

Correu imediatamente para chamar a mãe e se tornaram donas da horta e das couves.

Fábula 02: Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro!

Era uma vez a mãe de um filho. Essa mãe mandou esse filho para estudar com um monge, que lhe ensinaria as coisas de Deus, porém o filho não tinha vontade de aprender nada. As vizinhas a aconselhavam a mandá-lo para o colégio, pois havia o mestre Brisa que o instruiria na doutrina como tantos outros cabeças-de-vento. Mestre Brisa fez o máximo, mas não conseguiu enfiar na cabeça dele nem o á-bê-ce. Acabou por expulsá-lo do colégio; e ele voltou para casa dando cambalhotas de felicidade. Quando sua mãe o viu de novo pela frente, pegou na vassoura e cobriu-o de pancadas.

- Fora da minha casa, malandro! Não me apareça mais diante dos olhos!

Saiu de casa e se pôs na estrada. Caminha que caminha, encontrou um jardim sem muros. Como tinha fome, trepou numa pereira e se pôs a comer pêras.

Enquanto estava saboreando as frutas, ouviu:

- Hum, hum! Aqui tem cheiro de carne humana! – E sob a pereira vinha cheirar o Nani-Ogro, que era o dono do jardim.

- Claro que sou carne humana – disse o moço do alto da pereira. – Sou um pobre moço expulso de casa pela mãe.

- Bem, desça – disse Nani-Ogro – que o levo para minha casa.

Levou-o para casa, deu-lhe roupas e ficou com ele.

- Agora você está comigo e ninguém mais baterá em você.

Todas as manhãs, Nani ia trabalhar e carregava o moço com ele. Durante dois anos levou essa vida. Certo dia o encontrou muito abatido.

- Por que está tão abatido? – perguntou-lhe Nani.

- Quero ver minha mãe, quem sabe quanto terá chorado por não me ver mais.

Nani disse:

- Está realmente sofrendo por sua mãe? Então vou deixá-lo ir vê-la. Vou lhe dar um burro como presente. Quando chegar em casa, leve-o para dentro e diga-lhe: “Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro!”. E o burro há de obrar dinheiro. Mas esteja atento para que não o carreguem para a rua!

O moço partiu com o burro. Após meia milha, disse consigo mesmo: “Quero verificar se é verdade que este burro produz mesmo dinheiro!”. Observou ao redor para se assegurar de que não havia ninguém, desceu do cavalo e disse:

- Eiro, eiro, burro meu, faça dinheiro!

E ele, trrr!, levantou o rabo e fez jorrar muitas moedas.

Nani-Ogro, que subira à torre de sua casa para espionar os movimentos do moço, disse para si mesmo: “Ai, aprontou!”.

O moço encheu os bolsos de moedas e voltou a montar no burro. Chegou a uma estalagem e pediu o melhor quarto para instalar o burro. O estalajadeiro lhe perguntou o porquê.

- Por que meu burro faz dinheiro.

- E como é que ele faz dinheiro?

- Basta dizer-lhe: “Eiro-eiro, faça dinheiro!”.

- Deixe disso, filho – disse o estalajadeiro –, vamos colocá-lo na estrebaria: depois o cobrimos com um saco para não suar, e fique tranqüilo que ninguém toca nele.

O moço, com todas as moedas que tinha, pediu comida e bebida até não poder mais e depois foi dormir. O estalajadeiro desceu à estrebaria, pôs no lugar do burro outro parecido com ele e levou embora o do moço. Ele se levantou de manhã e perguntou:

- Não disse nada ao meu burro?

- Não, e o que havia de dizer?

- Muito bem – disse ele, montou e foi ao encontro da mãe. – Abra, minha mãe, é o seu Toni!

- Ah, luz da minha vida! Está de volta, finalmente. Já imaginava que estivesse perdido no mundo!

O filho entrou.

- Minha mãe, como está?

- Morta de cansaço, pois lavei uma bacia de roupa e recebi duas ervilhas!

- Deixe estar! Comer isso? – Pegou a panela e a jogou porta afora.

Imaginem o choro e os gritos daquela pobre mulher ao ver as ervilhas serem jogadas fora.

- Minha mãe, não grite, pois vou fazê-la ficar rica! – Puxou a colcha da cama e a estendeu no chão; fez o burro entrar e disse: – Eiro, eiro, faça dinheiro!

Sim, podia esperar sentado que o burro fizesse dinheiro!

- Eiro-eiro, faça dinheiro! – ele continuava a repetir e nada.

Então, pegou um bastão e, vapt-vupt, deu-lhe tantas pancadas que o burro acabou pondo para fora tudo o que tinha no corpo. A mãe, quando viu que lhe cobrira a colcha de estrume, arrancou o bastão da mão do filho e começou a espancá-lo até os ossos.

Muito abatido, o filho pegou a estrada e voltou para a casa de Nani-Ogro. Quando Nani o viu:

- Ah! Voltou! Bom, agora vai ficar comigo, e que não lhe venha mais à cabeça ir visitar sua mãe.

Passado algum tempo, o moço se pôs a choramingar que queria ver sua mãe. Nani lhe deu um guardanapo.

- Trate de não fazer bobagens – disse-lhe – quando estiver com sua mãe, diga: “Guardanapo meu, ponha a mesa!”.

O moço partiu. Tendo chegado ao mesmo lugar da outra vez, puxou o guardanapo e disse:

- Guardanapo meu, ponha a mesa!

E apareceram todos os manjares divinos: macarrão, almôndegas, salsichas, morcela, vinho do bom.

- Ah – exclamou ele. – Barriga minha, abra caminho! Doravante minha mãe não precisará mais chorar pelas ervilhas jogadas!

Encheu-se o mais que pôde, depois disse:

- Guardanapo meu, tire a mesa! – E continuou a viagem.

Chegou à estalagem conhecida. Assim que o viram:

- Ah, Toni, como vai?

- Bem. O que há para comer?

- Dois nabos e feijão napolitano, filho, pois esta é uma estalagem de carreteiros!

- Eca! Essas porcarias eu não como. Já lhes mostro o que é um jantar. – Puxou o guardanapo e disse: - Guardanapo meu, ponha a mesa!

E surgiu peixe ao molho, peixe assado, costeleta à milanesa, vinho, e todos os manjares divinos.

Quando estava bem farto, enfiou o guardanapo no bolso que tinha no peito e disse:

- Quero ver se me levam este como fizeram com o burro! Vejam onde guardei!

Mas exatamente naquele instante, de tanto que bebera e comera, caiu no sono e tiveram de carregá-lo no colo e levá-lo para dormir. Arrancaram-lhe o guardanapo do bolso e puseram em seu lugar outro parecido com ele. Na manhã seguinte, levantou-se e disse:

- Ah! Este não conseguiram me roubar! – E ganhou a estrada.

Chegou à casa da mãe. Bateu.

– Quem é?
 – Sou eu, mamãe.
 – Maldição, de novo aqui? Rua, saia da minha casa!
 – Não, minha mãe, abra: desta vez vou saciá-la para toda a vida.
 Quando a mãe abriu, perguntou-lhe:
 – O que vai comer esta noite, minha mãe?
 – O que vou comer? Dois pés de mostarda que colhi atrás de Nossa Senhora das Dores, no jardim do patrão.
 O filho pegou a frigideira e a jogou pela janela com toda a mostarda.
 – Ah, assassino! Ah, infame! Deixa-me em jejum outra vez! Sabe Deus quantos gritos deu Vito Borgia atrás de mim, ao me surpreender quando colhia a verdura, e você, assassino, joga-a fora!
 – Não, não, minha mãe! – ele falou – Pegue este pedaço de pano e verá o que acontece. Guardanapo meu, ponha a mesa! Guardanapo meu, ponha a mesa!
 Mas embora ele repetisse: “Guardanapo meu, ponha a mesa”, não acontecia nada. Puxa daqui, puxa dali, o guardanapo se reduziu a fios, não servindo mais nem para trapo. A mulher deu uma sova nele e o expulsou de casa.
 Mais uma vez retornou à casa de Nani.
 – O que lhe aconteceu, tonto? Não lhe disse que ia fazer asneira de novo? – E recomeçaram a mesma vida de antes, lavrando no campo.
 Passado algum tempo, voltou-lhe a vontade de ir ver a mãe. Nani disse:
 – Bom, filho, esta é a última vez. Segure esta clava e, quando estiver com sua mãe, diga: “Clava minha, me dá, me dá!”
 Chorando, o moço se despediu de Nani e se foi.
 Curioso como era, tendo chegado ao lugar de costume, quis experimentar e disse:
 – Clava minha, me dá, me dá.
 Quem conseguia segurar a clava? Começou a dar bordoadas a torto e a direito, girando feito um torno.
 Lá do alto da torre, Nani morri de rir.
 – Agora, sim, vai ter juízo!
 O moço gritava:
 – Minha clava, fique quieta! Minha clava, me arreventou!
 – Dá-lhe, dá-lhe! – gritava Nani do alto da torre; e, quando viu que o moço não agüentava mais, disse: – Bem, fique quieta. – E a clava parou.
 Todo machucado, foi até a estalagem.
 – De novo por aqui, Toni? E como vai, caro amigo? O que lhe fizeram que está todo enfaixado?
 – Nada, já vou dormir. Guarde este bastão, mas cuidado para não dizer: “Clava minha, me dá, me dá!”
 À noite, o estalajadeiro pegou a clava e fez a experiência:
 – Clava minha, me dá, me dá!
 A clava começou a bater nele e em sua família com toda a força, girando como uma dobradura.
 – Socorro! Socorro! Cristãos, estão nos matando!
 O moço acorreu.
 – Entreguem-me o burro e o guardanapo, caso contrário não mando a clava parar.
 Deram-lhe o burro e o guardanapo. Quando teve a certeza de que eram mesmo os seus, recuperou a clava e foi embora. Chegou à casa de sua mãe com a clava, o burro e o guardanapo.
 Quando ouviu bater, sua mãe abriu uma portinhola e viu que ela ele com outro burro.
 – Ah, patife! Ah, bandido! Fora, fora, que lhe arranquem o couro! Ele ordenou:
 – Bem, clava, dê-lhe duas, mas de leve.
 A clava entrou pela portinhola e, vapt-vupt, aplicou-lhe duas.
 – Ah, infame! Ah, Judas! Batendo na mãe?
 – Abra por bem, se não quiser que a clava lhe bata.
 A mãe abriu e ele entrou com o burro.
 – Não, o burro não! Vai querer me sujar a casa inteira de novo? – começou a berrar a mãe.
 – Bem – decidiu ele – minha clava, dê-lhe mais duas.
 E assim, a mãe parou logo de gritar. O filho tirou a colcha da cama e fez o burro obrar um monte de moedas. Em seguida, puxou o guardanapo e o mandou pôr a mesa: sentaram-se, comeram, beberam e ficaram satisfeitos e contentes, enquanto nós continuamos aqui sedentos.

Fábula 03: Corcunda, manca e de pescoço torto (texto na íntegra)

Era uma vez um rei que saía a passeio. Observava as pessoas, as andorinhas, as casas, e estava contente. Passou uma velhinha, que ia cuidar de seus negócios, uma velhinha simpática, só que mancava um

pouco de uma perna e era também meio corcunda, e, além disso, tinha o pescoço torto. O rei a observou e debochou:

– Corcunda, manca e de pescoço torto! Ah, ah, ah! – E explodiu numa risada a casa dela.

A velhinha era uma fada. Fixou o rei nos olhos e disse:

– Ria, ria, voltaremos a conversar amanhã.

E o rei explodiu noutra risada:

– Ah, ah, ah!

Esse rei tinha três filhas, três lindas moças. No dia seguinte, chamou-as para um passeio. Apresentou-se a filha maior e tinha corcunda.

O rei começou a passear de um lado para outro pela sala; estava nervoso.

Mandou chamar a segunda filha, e esta se apresentou com o pescoço torto.

– Que história é esta? – disse o rei –, como se explica esse pescoço torto?

– Sabe – respondeu a segunda filha –, a camareira, ao me pentear, puxou um fio de cabelo... E eu fiquei assim, com o pescoço torto.

– E esta? – espantou-se o rei vendo a terceira filha que avançava mancando –, e esta, porque deu para mancar?

– Havia ido ao jardim – disse a terceira filha –, e a camareira colheu um jasmim e me deu. Caiu sobre um dos meus pés e fiquei manca.

– Mas quem é essa camareira? – gritou o rei. – Tragam-na à minha presença!

A camareira foi chamada: foi levada até o rei algemada e arrastada pelos guardas, pois – dizia – envergonhava-se de se mostrar: era corcunda, manca e de pescoço torto. Era a velhinha do dia anterior! O rei a reconheceu logo e gritou:

– Preparem-lhe uma camisola de piche!

A velhinha encolheu, encolheu, sua cabeça se tornou fina como um prego. Havia um buraco na parede e a velha se enfiou lá dentro, passou para o outro lado e desapareceu, deixando atrás de si apenas a corcunda, o pescoço torto e o pé manco.

Corcunda, manca e de pescoço torto (Adaptado) 1

Era uma vez um rei que saía a passeio. Observava as pessoas, as andorinhas, as casas, e estava contente. Passou uma velhinha, que ia cuidar de seus negócios, uma velhinha simpática, só que mancava um pouco de uma perna e era também meio corcunda, e, além disso, tinha o pescoço torto. O rei a observou e debochou:

– Corcunda, manca e de pescoço torto! Ah, ah, ah! – E explodiu numa risada a casa dela.

E a velha lhe disse:

– Ria, ria, voltaremos a conversar amanhã.

E o rei explodiu noutra risada:

– Ah, ah, ah!

Esse rei tinha três filhas, três lindas moças. No dia seguinte, chamou-as para um passeio. Apresentou-se a filha maior e tinha corcunda. O rei começou a passear de um lado para outro pela sala; estava nervoso. Mandou chamar a segunda filha, e esta se apresentou com o pescoço torto. Ao olhar para a terceira filha, viu que estava manca.

Ao perguntar às meninas o que tinha acontecido, a primeira, a corcunda, respondeu:

– Acontece que – disse a filha – a camareira não arrumou direito minha cama e assim, esta noite, apareceu-me esta corcunda.

Ao olhar para a segunda filha, esta o respondeu:

– Sabe – respondeu a segunda filha –, a camareira, ao me pentear, puxou um fio de cabelo... E eu fiquei assim, com o pescoço torto.

A terceira, ao ser indagada pelo pai, respondeu:

– Havia ido ao jardim – disse a terceira filha –, e a camareira colheu um jasmim e me deu. Caiu sobre um dos meus pés e fiquei manca.

Mas quem é essa camareira? – gritou o rei. – Tragam-na à minha presença!

A camareira foi chamada: foi levada até o rei algemada e arrastada pelos guardas.

A camareira envergonhava-se de se mostrar, pois era corcunda, manca e de pescoço torto. Era a velhinha do dia anterior! O rei a reconheceu logo e gritou:

– Preparem-lhe uma camisola de piche!

Fábula 04: Yufá e a estátua de gesso

Era uma vez uma mãe que tinha um filho tonto, preguiçoso e malandro. Chamava-se Yufá. A mãe, que era pobre, tinha um pedaço de tecido e disse a Yufá:

– Pegue este tecido e vá vendê-lo; contudo, se aparecer um tagarela, não o dê a ele: dê a alguém que fale pouco.

Yufá pega o tecido e começa a gritar pela aldeia:

– Quem quer comprar o tecido? Quem quer comprar o tecido?

Uma mulher o pára e lhe diz:

– Deixe-me vê-lo. – Examina o tecido e depois pergunta: – Quanto quer por ele?

– Você fala demais – diz Yufá –, e minha mãe não quer vendê-lo aos tagarelas. – E vai embora.

Encontrou um camponês:

– Quanto custa?

– Dez escudos.

– Não: é demais!

– Fala, fala: não lhe dou.

Assim, todos aqueles que o chamavam ou se aproximavam dele lhe pareciam falar demais e não quis vendê-lo a ninguém. Anda daqui, anda de lá, entrou num pátio. No meio do pátio, havia uma estátua de gesso, e Yufá lhe disse:

– Quer comprar o tecido? – Esperou um pouco, depois repetiu: – Quer comprar o tecido? – Visto que não recebia nenhuma resposta:

– Ah, finalmente achei alguém que fala pouco! Agora, sim, venderei o tecido para você.

E cobriu a estátua com o tecido. – São dez escudos. Certo? Então amanhã venho pegar o dinheiro. – E se foi.

Assim que o viu, a mãe perguntou pelo tecido.

– Eu o vendi.

– E as moedas?

– Vou pegá-las amanhã.

– Mas é gente de confiança?

– É uma mulher exatamente como você queria: imagine que não me disse nem uma palavra.

De manhã, foi atrás das moedas. Encontrou a estátua, mas o tecido desaparecera. Yufá disse:

– Pague-o. – E, menos resposta recebia, mais se enfurecia. – Você pegou o tecido, não? E não quer me dar as moedas? Então vou lhe mostrar! – Pegou uma enxada e deu uma pancada na estátua que a reduziu a um monte de cacos.

Dentro da estátua havia uma panela cheia de moedas de ouro. Colocou-a no saco e foi até sua mãe.

– Mamãe, ela não queria me dar o dinheiro, dei-lhe uma surra e ela me deu isto.

A mãe, que era esperta, disse-lhe:

– Dê-me aqui, e não conte isso para ninguém!

Anexo 06: Transcrição da Plenária de Discussão

Fábula 1: A velha da horta

S25 – Havia uma velha que tinha uma horta e duas comadres que estavam passando fome, foram lá e roubaram a horta.

T - Isso, então, havia uma velha que tinha uma horta e era um ano de carestia. O que é um ano de carestia? Um ano de seca, onde era muito difícil arrumar comida. E duas comadres estavam extremamente famintas porque não tinham o que comer, não é isso? E aí, o que elas foram fazer? Viram a horta toda bonita, foram lá, pegaram, sem pedir pra dona, as couves, né? E depois, o que aconteceu?

S18 - A velha se enterrou pra pegar as comadres.

T - Isso, só que primeiro, a velha da horta ficou com muita raiva na hora que ela viu que haviam roubado a horta dela, não foi isso? E ela decidiu se vingar. Mas pra ela se vingar, primeiro ela tinha que saber quem foi que roubou a horta, quais foram as tentativas pra descobrir?

Todos - O cachorro.

T - Deu certo o cachorro?

Todos - Não.

T - Por quê?

S25 - Porque as comadres jogaram um pedaço de pão pro cachorro e enquanto os cachorros comiam, eles foram lá e roubaram a couve.

- T - Depois elas voltaram lá e o que tinha lá esperando elas?
 Todos - O gato.
 T - Isso, o gato. O que elas fizeram? Elas jogaram um pedaço de...
 Todos - Pulmão.
 T - Pulmão pro gato comer. Enquanto o gato comia, elas foram lá e roubaram. Por fim, a velha colocou um...
 Todos - Galo.
 T - Adiantou?
 Todos - Não.
 T - Por quê?
 S14 - O galo foi cantar só depois que ele tava de barriga cheia.
 T - Qual foi a saída que ela arrumou?
 S25 - Ela pediu pra ser enterrada e deixou só uma orelha pra fora.
 T - Isso, ela pediu pra um aldeão enterrá-la e deixar só a orelha pra fora. Aí, a comadre, o que aconteceu, na hora que foi lá roubar a couve? Achou que a orelha fosse um...
 Todos - Cogumelo.
 T - Cogumelo, e pegou e queria arrancar o cogumelo. No que ela puxou o cogumelo que era a orelha da velha, o que aconteceu?
 S25 - A velha agarrou a mulher.
 T - A velha agarrou uma delas. Enquanto isso, a outra aproveitou e fugiu e o que a velha queria fazer com a comadre que ela agarrou?
 Todos - Comer.
 T - Isso. Agora vamos imaginar, pessoal, era um ano de seca, um ano de carestia, essas duas comadres saíram à procura de algo para comer, elas não tinham nada pra comer, e, de repente, viram uma horta toda bonita, cheia de couves e pensaram nos pratos mais gostosos que elas podiam fazer com as couves, tá. Foram lá, entraram e roubaram. Quem daqui faria a mesma coisa que as comadres?
 S26 - A S25.
 T - Você faria, por que, S25?
 S25 - Ah, eu tava com fome.
 T - Existia algum outro meio pra se conseguir o alimento?
 S25 - Ah, dá pra pedir, mas se não tivesse ninguém em casa, tipo, se elas não soubessem que morava a velha, que ninguém ia notar, daí eu pegava.
 T - Por quê?
 S25 - Porque ninguém ia saber que eu roubei.
 T - Então, se não tivesse ninguém na propriedade e você estivesse com fome, você acharia justo roubar, você entrar e pegar, se ninguém a visse?
 S25 - Não, não é justo, mas, assim, a gente tá passando necessidade, então a gente rouba e ninguém quer pegar alguma coisa por necessidade e ser visto pra ser chamado de ladrão.
 T - Então, quem rouba por necessidade não deve ser chamado de ladrão. É isso?
 S25 - É.
 T - Então você acha justo?
 S25 - É, então, ninguém aqui levantou a mão, mas todo mundo faria a mesma coisa, a gente não ia esperar morrer de fome quando tem uma horta cheia de coisas pra você pegar.
 S14 - Mas se fosse você no lugar da velha, você gostaria que alguém fosse lá, pegar, o que você daria pros seus filhos?
 S25 - E se você fosse comer?
 S14 - Ah, eu preferia morrer de fome.
 S25 - Só que mesmo assim, todo mundo que tivesse com fome ia pegar, não ia esperar morrer de fome, esperando a mulher dar a couve.
 S15 - Eu ia pedir.
 T - Tá, mas e se não tivesse ninguém lá?
 S14 - Mas ela ia ter que aparecer.
 T - Mas na hora que você tava com fome ela não tava lá. É justo pegar?
 S27 - Lógico que não. Já que era época de seca, a velha também sofreu pra prantá.
 T - Olha o que a S27 falou, que como era época de seca, não foi fácil pra velha plantar as couves. Tem que levar isso em conta nessa situação?
 S25 - Se você tivesse passando fome, você não ia roubar?
 S27 - Lógico que não, é errado. Se já não chove, é difícil. Ela ia ter que chegar.
 S25 - E se demorasse um monte de dias, você ia tá esperando até esse dia?

- S27 - Lógico, que eu saiba, não pode roubar.
T - Não pode roubar, por quê?
S27 - É contra a lei e a mulher sofreu pra prantá.
S26 - Ah, ela não teve dinheiro pra comprar pão, o pulmão.
S1 - É verdade, ela não teve dinheiro pra comprar o pão, o fígado pro gato?
T - Então vocês acham que as comadres agiram de má fé e não porque precisavam da comida?
S25 - É, nesse caso, sim.
T - E você pegaria, S25?
S25 - Pegaria, eu tava com fome.
T - E seria justo?
S25 - Seria, eu tava com fome.
S26 - Mas você não acabou de falar que ela teve má fé.
S25 - Ah, eu pegaria do mesmo jeito.
T - Mas vamos pensar na situação da fábula, até então vocês não sabem que elas deram pão, não deram nada, elas estão famintas. É justo entrar na propriedade de uma outra pessoa?
S14 - É, pensando assim, justo não é, mas naquele momento ela tava com muita fome, não tava pensando.
T - Você entraria, Larissa?
S14 - Ah, T, pensando...
T - O quê?
S14 - Eu entraria, mas sabendo que justo não é. Naquele momento eu entraria sabendo que não é certo.
T - Por quê?
S14 - Porque eu tava com fome.
S26 - Simplesmente porque você tava com fome. Então, pessoal, vamos imaginar que você não tem nada pra comer. Vocês têm 20 irmãos em casa, o pai de tá desempregado, a mãe nem consegue cuidar dos filhos porque é um monte de filhos, vocês vai lá num supermercado, você vê a possibilidade de pegar uma coisinha do supermercado e ninguém te ver. Quem daqui pega?
S25 - Eu.
T - Você pega, S25, por quê?
S25 - É lógico, to passando necessidade, to falando sinceramente, qualquer um aqui pegaria. Não é provável que ninguém daqui tenha passado fome alguma vez e se a gente passa isso, todo mundo vai ver que é muito horrível, a gente não sabe, mas nossa, deve ser muito horrível, então, nossa, se a gente tiver passando fome, qualquer um vai pegar.
S27 - Mas deixa eu falar uma coisa.
T - Fala, S27.
S27 - O meu pai passou fome, mas ele nunca foi roubar, eles eram 7 irmãos, eles ia na feira, tinha uma feira perto da casa deles, ainda eles morava lá no “Inferninho”, lá na Vila Resende, ele ia lá no Bom Peixe, eles enfrentava uma fila e pedia e o homem dava pra eles, o homem guardava porque sabia da necessidade, mas nunca roubaram.
S1 - Mas a velha sabia da necessidade das duas? Não.
S27 - Mas falava.
S25 - Só que não é qualquer pessoa que tem bom coração assim que vai dar pra pessoa.
S1 - Não, sabe porquê, professora, assim, oh, se eu tiver com fome, tipo assim, porque o dono do mercado deve ser rico e não ta passando necessidade.
T - Mas ele não depende da venda daqueles alimentos pra sustentar a família dele? Ele não conta com aquele dinheiro?
S1 - Ah, mas uma bolacha não vai fazer falta!
S15 - Professora, vamos supor, eu posso morar num sítio longe, algum lugar. Que nem a S27 falou que o pai dela saía e ia num lugar bem longe pra pedir pra pessoa, eu não acho certo roubar, tem que pedir pra pessoa.
T - Você acha que isso é mais justo do que entrar no mercado e pegar?
S15 - A gente pode ir pra cadeia, alguém que a gente conhece pode ver, isso é muito chato, por coisa tão pequena, que não vai adiantar muito, não é uma bolacha que ia resolver o meu problema.
T - E se esse roubo resolvesse todos os seus problemas?
S15 - Ah, aí, não sei, acho que não ia pegar também. Agora, assim, não é qualquer um, S25, que pegaria, sabe! Não dá pra falar, ah, qualquer um pegaria.
T - Mas você acha mais justo pedir, então, S15? Por quê?
S15 - É, acho que sim, se tem um monte de gente no mundo pra mim pedir alguma pessoa não vai dar pra mim?

- T - Então, a gente tem que procurar alguma alternativa pra não roubar?
 S15 - É, eu acho.
 T - E, por quê?
 S15 - Mesmo pra matar a fome é errado porque tem outras maneiras pra gente não roubar.
 S26 - Ah, professora, e se na hora que ele ta roubando ele for preso!
 T - E se não for preso, S26, vale a pena roubar?
 S26 - Ah, se ele rouba uma vez e não dá nada, vale, mas uma coisa pequena, sem prejudicar uma pessoa e sem a pessoa ver.
 S14 - Não, ele vai ter consciência pesada.
 T - O que é ter consciência pesada?
 S14 - Ah, é se sentir mal, arrependido.
 S21 - Se ele roubou alguma coisa, se ele pedisse pra alguém, alguém poderia ter dado pra ele, não ele ter roubado.
 T - Então, mas o que é ter consciência pesada?
 S27 - É a pessoa que roubou sabendo que não é certo.
 T - Ah, então é fazer alguma coisa sabendo que não é certo. E quando você faz uma coisa sabendo que não é certo, como você se sente?
 S27 - Me sinto muito mal, ué.
 T - Então é fazer alguma coisa, sabendo que é errado e se sentir muito mal com isso?
 S25 - Então, T, só que se não sobrasse nenhuma alternativa, a gente ia porque você não vai morrer de fome, se, tipo, você passa, ninguém vai dar nada, você não tem outra opção a não ser roubar, você não vai morrer de fome.
 S27 - Ai, as pessoa não é assim. Elas têm sentimento também. Não é assim tão ruim, ninguém vai dar nada. Alguém tem que dar.
 S25 - Só que se não tiver?
 T - Vamos supor, então, que ela bateu lá, uma nova situação para a fábula. Suponhamos, então, que ela tenha batido lá, a velha atendeu, elas explicaram que elas estavam passando fome e a velha falou assim: “não, não quero dar!”. E aí? Seria certo elas roubarem?
 S14 - Pensando, agora, eu acho errado, mas a consciência pesada, mas na hora até ela não vai pensar na consciência, ela vai lá e rouba, mas depois ela vai se arrependendo.
 T - Então, e a pergunta que eu fiz, S14, a velha não deu, elas pediram e a velha não deu, e agora?
 S26 - Mas só tem uma casa no lugar?
 T - Só, só tem essa casa.
 S26 - Justo só aquela plantação?
 T - É, justo só aquela plantação.
 S26 - Eu roubaria.
 T - E seria justo?
 S14 - Não seria justo, mas...
 T - Por que não seria justo, S15?
 S15 - Porque eu to roubando, ué, é um ato errado, eu posso ir preso.
 T - Mas é um ato errado só porque eu posso ir preso? Se eu não fosse preso, tudo bem?
 S25 - É, a gente sabe que uma coisa é errada porque a gente vai preso.
 S14 - Não, porque a mulher batalhou, foi ela que plantou, ela vai colher, então não é justo, não fui eu que batalhei pra ter a horta.
 T - Não foi você que batalhou pra ter a horta, por isso não é justo?
 T - Se você não fosse preso, S15, seria justo?
 S15 - Não, daí não é uma lei, eu não to desrespeitando uma lei.
 T - E toda lei é sempre justa?
 S18 - Não.
 T - Por quê?
 S18 - Porque você ta necessitando que nem, aí, eu vou pedir pra mulher, e a mulher não quer dar, aí você rouba ela.
 T - Viu, S15, se existe lei que não é justa, eu tenho que respeitar essa lei mesmo não sendo justa?
 S15 - Lógico, vou ser preso.
 T - Eu tenho que respeitar só pelo fato de ser preso?
 S15 - É.
 T - Por medo de alguma punição?
 S15 - É, só por isso.
 S26 - Também, em vez de você pegar a couve da horta, porque não mata um galo pra fazer franguinho assado, é muito mais gostoso. (risos)

- T - Eu também acho que um franguinho assado é bem mais gostoso do que uma couve.
S25 - Só que eu acho que nisso foi sem-vergonhice delas, porque a gente não vai viver só comendo couve, tipo, na hora que ela vai roubar, ele pega e joga o pão pro cachorro. Se ela tem dinheiro pra comprar o pão, quer dizer que ela roubou a couve e vendeu a couve.
- T - Pessoal, ela deve ter jogado um pedacinho de pão duro que tava lá jogado na casa dela. Ela não foi na padaria comprar pão.
- S14 - T, ela não roubou uma vez, elas roubaram duas, três.
T - Olha o que a S14 falou, elas não roubaram uma vez, elas roubaram duas, três. Isso agrava o fato de elas terem roubado?
- S25 - É lógico.
T - É?
S14 - Isso vira tipo um vício.
S20 - Nossa, elas tava com bastante fome, dona, por que roubar tudo isso?
T - A S14 falou que virou um vício. Por que roubar mais de uma vez é mais grave do que roubar uma vez só?
- S14 - Porque foi mais de uma vez que elas praticaram um ato errado.
T - E por que você acha que elas roubaram as outras duas vezes?
S14 - Por que elas não foram punidas da primeira vez.
T - Ah, há a necessidade da punição para que não aconteça mais vezes, se não punir, vai acontecer mais vezes? É necessário, sempre, punir?
- S14 - Eu acho que sim.
T - Por quê?
S14 - Porque senão a pessoa não vai sentir que fez uma coisa mal.
T - Mas, S14, você não me falou que você não roubaria pra não ficar com a consciência pesada?
S14 - É.
T - Então, você precisaria de uma punição pra ficar com a consciência pesada?
S14 - É, T, você me pegou!
T - Não, responde, S14?
S14 - É, se a pessoa for do bem, acho que não precisa punir, ela sabe que, tipo, fez alguma coisa errada.
- S15 - Assim, que nem o S27 falou, ela devia ter plantado e não roubado.
S26 - Mas não cresce de um dia pro outro.
S15 - Eu sei, mas elas podiam ter na casa delas e não roubar.
S14 - Mas é seca, S15, não é toda horta que dá certo.
S15 - Mas elas tem que tentar, né.
T - E se elas tentaram e não deu certo, se nada cresceu, porque choveu só na horta da velha, e não choveu na horta delas?
- S25 - Ela podia falar pra velha ceder um pouco da horta dela pra ela plantar lá, tipo, depois ela planta bastante, vende e ela pode pagar um aluguel.
T - Você tá falando que existem outras oportunidades de se conseguir, mas você falou no começo da nossa conversa que também é justo ela roubar.
- S25 - É, só na primeira vez, porque na segunda vez, não foi tão justo porque ela tava passando necessidade. Elas deviam ter separado um pouco das couves pra vender.
T - Mas elas iam vender a couve que era da velha?
S27 - Não, não é justo, não é justo roubar e não é justo vender o que não é seu.
T - Então, além de roubar as couves, elas iriam vender as couves e ganhar dinheiro. Isso é justo?
S15 - Ah, pra pagar o que elas roubou.
T - Mas elas vão pagar com o dinheiro da velha, dá na mesma não dá.
S15 - É verdade.
S26 - Não, você não deve fazer coisas pras pessoas porque elas podem fazer pra você.
T - O quê, explica melhor, S26?
S26 - A gente não deve fazer pros outros o que a gente não quer que os outros faz pra gente.
T - Ah, o que você não quer pra você, você não deve fazer pros outros. Por quê?
S26 - Porque pode acontecer com a gente, dona.
S15 - É, porque e se um dia, vamos supor, depois que acabar a carestia, e você consegue plantar uma coisa pra vender e alguém começa a roubar de mim, porque eu roubei mais pra frente.
- T - Então, eu não devo fazer algo de ruim pra uma pessoa, só porque alguém pode fazer a mesma coisa pra mim?
S15 - Pode ser a mesma pessoa ou outra pessoa. Deus tá vendo.
T - Então, eu tenho que pensar nisso antes de cometer um ato, tanto bom quanto ruim?

- S15 - É.
T - Por quê?
S15 - Porque as pessoas sempre pagam, pode demorar, mas pagam.
T - Por que você afirma isso, S15?
S15 - Porque é verdade, uma pessoa má sempre paga.
T - Por que, S15?
S15 - Porque Deus ta vendo e Ele faz as pessoas más pagarem.
T - Como Deus castiga, S15?
S15 - Ah, ele manda as coisas acontecerem.
T - Como?
S15 - Ah, T, não sei, ninguém sabe.
T - E se ninguém sabe, como você acredita que Deus é quem castiga?
S15 - Porque isso acontece, você nunca ouviu falar nisso?
T - Já, claro, mas ninguém me explicou como isso acontece.
S15 - É porque não tem explicação.
S23 - Ah, dona, trabalhar ninguém quer, né.
S26 - Mas só tinha aquela casa.
T - É, vocês me apresentaram várias alternativas pra não roubar, né. Mas agora o que eu quero saber, algumas pessoas falaram que existem outras alternativas, que não precisa roubar, que deveriam ser tentadas. Imaginem que as comadres tentaram todas as alternativas possíveis e imagináveis, e não conseguiram. É justo roubar?
S27 - Não, de qualquer jeito, nunca vai ser justo.
S14 - É, nunca vai ser justo, mas naquela hora, todo mundo roubaria. Às vezes, tem que ir contra a lei.
S27 - Eu não acho, eu prefiro morrer do que roubar.
T - Por quê? Por que é contra lei?
S27 - Também, mas mais porque eu vou me sentir culpada, mal.
S26 - Acha, eu prefiro roubar do que morrer.
T - Então, você privilegia a vida do que o roubo, Vítor? Você prefere a vida do que fazer uma coisa que é contra a lei?
S26 - Isso.
T - E você, S27?
S27 - Eu prefiro morrer do que roubar. Eu não ia suportar viver sabendo que eu fiz uma coisa tão errada.
T - Por que é tão errado?
S27 - Porque sim.
S26 - Não, dona, nesse caso é melhor a vida do que não roubar.
S14 - É, nem toda lei é tão justa assim.
T - Nem toda lei é justa?
S25 - Mas, T, só que, assim, que nem aquela história lá que a gente leu do homem que roubou o remédio pra mulher dele. Ele também deu prioridade pra vida. Lógico, todo mundo ia fazer isso. A vida é muito mais importante do que as posses de uma pessoa. A gente não ia ver uma pessoa morrer assim.
T - Nem todo mundo. Muita gente respondeu que Heinz estava errado em roubar. Tem gente que não descumpra uma regra, uma lei de jeito nenhum. Pra você, é justo descumprir uma regra?
S25 - Pra privilegiar a vida, sim, vou deixar ver a pessoa morrer!
S15 - Tem gente que vive do lixo pra não roubar. Que nem, ela falou da história do homem do remédio, mas se eu roubar da velha, eu posso privilegiar a minha vida, mas eu posso matar a velha que depende da couve pra comer.
T - Então não é a vida que a gente privilegia?
S15 - Não, é a nossa vida pra S25.
S25 - Ah, todo mundo é assim.
T - E agora, é justo ou não é justo ter roubado?
Todos - (silêncio)
T - Na situação da fábula, foi justo ou não ter roubado?
Alguns - Foi justo.
Alguns - Não foi justo.
T - Aí, o que aconteceu, a velha ficou furiosa de ver que elas roubaram e decidiu se vingar. Agora, coloquem-se no lugar da velha, ta, imaginem que vocês foram lá, plantaram, regaram, deu a sorte de chover só na horta de vocês e vocês dependem daquilo pra comer durante toda uma

- seca inteira, né, e aí, vem as comadres e passam a mão. Vocês vão sentir vontade de se vingar das comadres?
- Todos - (silêncio)
- S25 - T, não foi difícil pra velha plantar, porque elas não roubaram só uma vez.
- T - S25, imagina que a horta da velha é enorme, foram lá, roubaram um pouco, depois foram lá e roubaram outro pouco, porque a velha fez sua horta pra que ela conseguisse sobreviver durante toda a seca, não é? Quem aqui, no lugar da velha, ia querer se vingar?
- S14 - Ah, eu ia querer punição.
- T - Você iria dar uma punição.
- S11 - Eu não.
- T - Por que, não?
- S11 - Porque eu só consigo ver o lado delas, que elas estavam passando fome.
- T - Se você não soubesse que elas estavam passando fome?
- S11 - Aí, sim, mas antes de punir tem que saber o que ta acontecendo, não é ir se vingando assim.
- S25 - Ai, eu daria uma punição dela ficar presa por pouco tempo, mesmo sabendo da situação dela. E tem também aquela opção que você deu no questionário individual, de pena de morte, de trabalhar com a velha ou de ser presa. Podia trabalhar com a velha pra ajudar, né.
- T - Então, quem aqui se vingaria, quem teria vontade de se vingar se fosse a velha? Vamos ser sinceros, ta.
- S20 - Eu me vingaria, tipo, não maltratando elas.
- T - Sol, então, você teria vontade de se vingar?
- S20 - Ah, na hora, sim.
- T - Por que, S20?
- S20 - Ah, que, tipo, vamos supor, já tava na época da seca. Cê lutou pra plantar tudo lá, e vem uma pessoa e rouba tudo de você, dá raiva.
- T - Mesmo você sabendo que essas pessoas estavam com fome, você sentiria vontade de se vingar?
- S20 - É, teria, vingar acho que é muito, tipo, é forte falar, mas elas mereciam uma punição.
- S14 - O S20 bate em mim, eu vou lá e conto pra diretora, isso é uma atitude de vingança, não é?
- S1 - Oh, professora, é que assim, oh, se elas roubou as couve, é só ela pegar pra trabalhar pra velha.
- T - Vamos pensar o seguinte, presta atenção na pergunta que eu to fazendo, ta. Eu não perguntei qual seria a melhor forma de punir, eu perguntei se vocês, no lugar da velha, iam querer se vingar, sabendo que as duas comadres estavam com fome, pegaram couves da horta que vocês, provavelmente, demoraram um tempão pra plantar, da horta que vocês iam precisar pra comer, você teria vontade de se vingar?
- S26 - Se não se vingar, daí você deixa quieto, daí outro dia, ela vai lá e rouba de novo, daí vai deixando quieto, já viu.
- T - Então, você se vingaria pelo fato de achar que a falta da punição faria ela fazer de novo?
- S26 - É.
- S15 - Se fosse uma vez, eu deixava passar.
- PP - Imagina um monte de gente roubar da velha e ela não se vingar, daí ia acabar com a horta.
- T - Então, a vingança, a punição é necessária?
- S25 - T, eu ia sentir vontade de me vingar, mas, assim, sabendo da necessidade delas, eu ia só ficar muito brava, mas eu não ia me vingar se eu soubesse da necessidade delas.
- T - Então, você acha que por causa da necessidade delas, você não ia se vingar.
- S25 - É, a intenção dela quando ela roubou era comer as couves, T.
- S27 - Ai, eu acho assim, dá vontade de se vingar, mas só se a gente se pôr no lugar dela, ver alguém passando fome, no meu caso, eu sentiria que não é certo. Eu acho que eu deveria ajudar, eu ajudaria, mas se eu não soubesse da história, eu não ajudaria, eu se vingaria.
- T - Por quê?
- S27 - Ah, porque não é certo, se eu sofri pra prantá, porque ela também antes ia saber que ia ter seca porque antes ela não prantou.
- T - Mas e se elas tentaram plantar e não deu certo?
- S27 - ah, mas elas que tentasse fazer outra coisa, pedir, mas não precisava roubar, já que não deu certo, ela ia em outro lugar, assim, dava um jeito, dá vontade de se vingar, mas na história, não.
- T - Mas vamos pensar na situação da fábula, gente, ela viu as comadres roubarem e foi lá querendo se vingar, porque ela não sabia do resto também, né. E aí, S12, você ia sentir vontade de se vingar ou não?
- S12 - Ia, claro.

- T - Mesmo sabendo que a comadre tava com fome?
- S12 - Ia.
- T - Por quê?
- S12 - Ah, por exemplo, se ela tem uns 5 filhos pra criar, só depende daquilo lá, tem que alimentar o teu filho e vai lá e a mulher vem e rouba.
- T - Então não é certo roubar?
- S12 - É.
- T - Mas, antes, vocês me falaram que é certo roubar porque ela tava com fome.
- S26 - Ah, dona, tipo assim, eu vou lá e roubo 10 reais da bolsinha dela, ela vai deixar quieto? Ela não vai me fazer nada?
- T - Mas e se você tivesse roubado os 10 reais porque você tava com muita fome, na sua casa não tinha nada pra comer, na escola não tinha merenda.
- S26 - Ela não deveria se vingar nesse caso.
- T - Por quê?
- S26 - Ela tem que ter piedade, não ia fazer falta pra ela e ia me ajudar a matar a minha fome, mas acho que ela tinha que conversar comigo que não é certo.
- T - Então, um grupo falou que se vingaria porque a velha teve um trabalho de plantar, colher a couve, outro grupo falou que não se vingaria porque elas estavam com fome, só que esse grupo falou que se vingaria porque ela tinha plantado a couve, etc. percebam que vocês mesmo falaram que era justo as comadres roubarem porque elas estavam com fome. E aí, como que fica? É justo roubar porque estava com fome e é justo a velha se vingar também?
- S15 - Não.
- S14 - Justo não é, mas no momento da fome, vale.
- T - Então, justo não é, mas você roubaria se estivesse com fome, e também acharia justo a velha se vingar?
- S14 - É.
- T - E vocês no lugar das comadres, achariam justo a velha se vingar?
- S25 - Não, porque eu tava com fome.
- T - E no lugar da velha?
- S25 - Não, porque já seria comigo e eu não gostaria disso, mas elas estavam com fome.
- S27 - Mas a velha não sabia da história.
- S25 - Mesmo assim.
- S21 - Ah, S25, se fosse no seu caso, você não acharia certo, eu te conheço!
- S25 - Lógico que não. Só que você não ta precisando da coisa e você vai lá e rouba. Ainda mais comida. Ninguém rouba pra não comer.
- S15 - S25, você tem uma horta, só que você não ta passando fome, eu to morrendo de fome, você acharia justo eu roubar a sua horta?
- S25 - Não, mas você poderia pedir. Se você roubasse eu teria motivo pra me vingar.
- T - E se você negasse, seria justo ele roubar?
- S25 - Não.
- S15 - Mas presta atenção, S25, você viu o que você falou, você falou duas coisas diferentes, na hora que eu perguntei pra você, você tem que pensar na comadre e na velha.
- T - Explica melhor, S15.
- S15 - Primeiro, ela falou que é justo ficar roubando, no começo da plenária, agora, chega na hora ela fala que não é.
- S25 - Não, é justo se eu neguei. Só que assim, seria justo ela roubar porque ela ta passando necessidade. Só que na hora, você nunca pensa, você vai lá e faz uma coisa e nunca pensa.
- S25 - E outra coisa, T, a gente não pode mudar de opinião?
- T - Claro que pode. Nós estamos aqui pra pensar e se for preciso pra mudar a nossa opinião ou não.
- S21 - Ah, não, pensa sim, você vai pensar antes de roubar, qual que é o medo de roubar? Ser preso. Todo mundo vai pensar que pode ser preso. Quando você fala na horta da velha seria justo, quando você fala de sua horta não seria justo. Você ta pensando em você e não na velha. Se você se colocar no lugar das comadres, ta certo roubar, se você se coloca no lugar da velha, não é justo roubar.
- S25 - É lógico.
- S21 - Você ta sendo egoísta, todo mundo ta percebendo.
- T - A gente não pode ser egoísta, o que é ser egoísta?
- S21 - Ser egoísta é ver só o nosso lado, não é bom ser egoísta porque a gente sempre precisa de alguém, ninguém é feliz e consegue as coisas sozinho.

- T - E se um dia a gente tivesse certeza de que não ia precisar de mais ninguém, aí podia ser egoísta?
- S21 - Mesmo assim, eu não sou egoísta pra eu me sentir feliz.
- T - Bom, vamos pra próxima questão? (leitura da questão)
- T - Vocês, no lugar dessa pessoa que fugiu, fariam a mesma coisa?
- Todos - Não.
- T - Quem não faria? Por que não?
- S27 - Ah, se as duas roubou junto, não é certo, eu roubei junto com ela. Não é certo eu tomar e ela não, ela entrou pra roubar junto comigo.
- T - Imagina a situação, S27, você tava lá roubando couve, e aí, na hora de escapar, ela foi lá e agarrou no pé de sua companheira e você conseguiu escapar, você volta?
- S27 - Eu volto, se eu tava sabendo que, se eu fui junto com ela roubar, eu também tenho que ajudar ela.
- S18 - Eu voltaria por causa que se ela roubou junto, ela tem que ir até o final.
- T - E quem não voltaria, gente?
- SNPP - Ah, professora, tipo assim, se ela não voltasse ela não ia ser comida, só uma ia ser comida, se ela voltasse as duas ia ser comida também.
- S15 - Nada a ver, a velha ta sozinha, a comadre tava em duas.
- S26 - É, eu dava um tapa na velha.
- T - Mas é justo a velha tomar uns tapas, sendo que as comadres roubaram?
- S26 - Ah, ela falou que ia matar eu, que ia comer, é sim.
- T - Então, pra se salvar vale agredir?
- Todos - Vale.
- S15 - Só que depois que acaba a carestia eu posso voltar lá e ajudar a velha.
- T - Então, você ficaria arrependido por ter roubado e por ter agredido a velha?
- S15 - É, eu acho que sim.
- S18 - Ah, dona, esse povo só fala. Esses dias, eu tava dando uma volta de bicicleta, eu, o S20, o S12, o SNPP e uns 7 pessoal vieram roubar nós, eu tava sozinho, o S12 e o SNPP voltaram, o S20 e o SNPP saíram correndo. (risos) Tipo, se vamos sair, fazer alguma coisa junto, tem que ficar até o final. Que nem meu pai fala. Se você veio comigo, ele não vai voltar com uma outra pessoa.
- S15 - É, eu também não vou deixar meu parceiro na mão.
- S20 - Ah, dona, eu deixei ele, na hora, a gente não pensa, é um impulso, se eu fosse pensar, eu não faria isso!
- T - Por que você não faria isso se pensasse, S20?
- S20 - Porque não é justo, mas eu fiquei com medo dos cara roubar a minha bicicleta, se rouba o Lucas, o pai dele vai lá e dá outra, a minha não, meu pai não tem dinheiro pra me dar outra.
- S25 - Então, tipo, eles tavam juntos, eu não ia deixar meu parceiro na mão porque eu sei que eu vou precisar dele, entendeu?
- T - Se você não fosse precisar dele uma outra vez. Então, deixa eu ver se eu entendo o que você ta querendo dizer.
- S25 - Não, porque é assim, você tem sempre que ajudar o que você puder pra você também ser ajudado quando você precisar. Você pode pensar, tipo, não, eu não vou fazer isso, deixar ele na mão porque eu não vou precisar dele. Vai um dia lá na frente, o mundo dá voltas, você pode precisar daquela pessoa e daí aquela pessoa pode não te ajudar.
- T - E se você tivesse certeza que nunca fosse precisar dessa pessoa pra nada, se você tivesse certeza disso?
- S14 - Nossa, S25, que egoísta, pra você as pessoas são descartável, quando você precisa dela...
- S25 - É isso que eu to tentando explicar, que não é certo eles fugirem e deixar o S18 na mão.
- S14 - Por que você fica falando que o mundo dá voltas?
- S25 - O que eu to tentando explicar é que não foi certo eles fugirem e deixarem o S18 sozinho, porque eles não ajudaram o S18 quando ele precisou, sendo que eles poderiam precisar do S18 um dia.
- T - Então, mas eles deveriam voltar pra ajudar o S18 porque um dia eles podem precisar do S18?
- S5 - Ai, dona, eles deixaram o Lucas, vai saber se os cara tava armado e atira neles quando eles sai correndo.
- T - S25, você não me respondeu!
- S25 - É, T, a gente tem que ajudar as pessoas porque um dia a gente pode precisar deles.
- T - Agora, SNPP, vamos pensar na situação da fábula, você falou que os caras poderiam estar armados, e na fábula, a velha ia comer a comadre, ia matar também. No caso do Lucas, vocês

- disseram que tava certo não voltar e no caso das comadres, vocês disseram que se elas fizeram juntas, elas tem que pagar juntas. Eu não to entendendo qual é a diferença entre esses dois momentos.
- S21 - Mas duas é mais forte, entendeu.
- T - Gente, o que eu quero saber é se vocês agiriam como a comadre e sairiam correndo ou se vocês, é, teriam uma outra atitude.
- S14 - T, por exemplo, ta, eu e a S23, nós somos amigas, eu vou salvar a Raphaela só porque amanhã eu posso precisar dela ou eu vou salvar ela porque minha consciência vai ficar limpa?
- T - O que é ter consciência limpa, S14?
- S14 - Consciência limpa, eu não sei explicar, mas eu ter feito uma coisa digna, certa, pra eu não me arrepender amanhã.
- T - Agora, e se a S23 não fosse sua amiga, S14?
- S14 - Mesmo assim, eu ficaria com ela porque eu também errei. Não vou deixar ela pagar por uma coisa que eu também fiz errado.
- S15 - Ah, mas vamos supor, você ta passando lá e vê a velhinha segurando ela...
- S14 - Mas nesse caso, S15, as duas roubaram, não foi uma.
- S26 - Claro que não, você vê alguém sendo assaltado, você vai entrar no meio?
- S14 - Claro que não, vou chamar a polícia, mas eu não vou lá, entrar no meio.
- S26 - E se você não tivesse telefone, nada, você não ia sair correndo?
- T - Então você acha justo, S26, a outra sair correndo?
- S26 - Não, porque ela é minha amiga.
- T - E se ela não fosse sua amiga?
- S26 - Ai, eu nunca vi?
- T - Nunca viu.
- S26 - É, nunca vi.
- T - Você entrou lá pra roubar couves, a outra pessoa entrou também.
- S26 - É, mas tava junto, acho que ia voltar e conversar com a velha.
- S14 - T, imagine que um homem ta batendo num cachorro, você fala “não faça isso”, você ta entrando no meio, mesmo se você não conhece o cachorro, você ta entrando no meio.
- T - S26, volto a te perguntar, então imagina que você foi lá, roubou a couve e uma outra pessoa que tava passando pela estrada aproveitou que você tava roubando, foi lá roubar também. Seria justo você deixar essa pessoa e sair correndo?
- S26 - Ah, eu já ia devolver a couve pra velhinha, sabe, não fazia nada, a gente devolve e você deixa a gente ir.
- T - Você ia tentar negociar, você não ia deixar essa pessoa sozinha?
- S26 - É.
- S15 - Uma conversa vale mais do que uma.
- T - Vale mais do que o quê?
- S15 - Que uma morte.
- T - Uma morte?
- S15 - Ela ia comer a mulher e conversar, quem sabe ela desistia de comer ela.
- T - Então a velha resolveu se vingar, ela viu que nenhuma justificativa valeria pra que justificasse essas comadres terem roubado, né? Aí, ela pensou em três punições: primeiro, ela achou que as comadres iam ter que ficar na cadeia por três anos pra pensar no que fizeram, depois ela pensou que as comadres deveriam ajudar a velha a plantar as couves, novamente, colher e vender as couves por uns 2 anos sem receber nada e ela pensou em comer as comadres, ou seja, em pena de morte pras comadres. Qual dessas três alternativas seria a mais justa?
- S25 - Eu acho que seria trabalhar na horta com a velha porque pena de morte seria muita coisa, só por eles terem roubado porque elas tavam passando fome. E entre a cadeia e ajudar ela na horta eu acho que o que mais se encaixaria seria ela trabalhar com a velha.
- T - Por que você acha?
- S25 - Por que pena de morte é muito sério.
- T - Por que essa de trabalhar com a couve seria a mais justa?
- S25 - Ah, porque daí, você lembra da fábula que o menino roubou a carne? Ela ia lembrar, ela ia se arrepender e ela ia poder ajudar a velha no estrago que ela fez, porque se ela tivesse na cadeia, a velha ia ter que plantar tudo de novo sozinha, pra conseguir sobreviver, agora, se as duas comadres ajudarem, não, vai ser bem mais fácil pra velha também.
- T - Então, você ta querendo me dizer que a punição serve pra pessoa pensar no que ela fez e tentar mudar? É isso?

- S25 - É, e ajudar a velha porque se ela tivesse na cadeia, também poderia ser a mesma coisa, porque ela ia pensar, ela ia acordar todo dia e ia falar assim: “meu, to aqui porque eu roubei”. Só que elas plantando lá, elas vão ver o quanto que é duro sofrer pra plantar e a velha não vai ter tanto trabalho pra plantar, ela não vai sofrer tanto.
- S14 - Eu posso ta errada com a minha opinião, mas eu acho que ela devia ficar 3 anos na cadeia, sabe por quê?
- T - Por quê?
- S14 - Ah, tem tantas histórias aí de mãe que rouba porque os filhos tão passando fome e vai pra cadeia, porque que é errado só porque a velha vai plantar, a velha plantou tudo sozinha, a velha pode plantar tudo outra vez, mas ela tando na cadeia, ela vai refletir: “nossa, eu to aqui, eu podia ta lá fora”, ela vai pensar no que ela fez e fica olhando: “nossa, eu to aqui no meio dessas pessoas que roubaram”.
- T - S14, então você concorda que essa mãe que rouba deve ir pra cadeia?
- S14 - Acho que sim, pra ela pensar.
- S15 - Mas, S14, mas se elas ficarem na cadeia, elas vão achar melhor ficar na cadeia porque na cadeia elas têm comida de graça.
- S18 - Eu acho que devia ajudar a velha, dona, por causa que se desse 3 anos de cadeia pras comadres, a velha também deveria ser presa porque assassinou a outra.
- S26 - Ah, hoje as pessoas que vão pra cadeia se revoltam mais ainda.
- T - Isso, vamos pensar no sistema carcerário de hoje. A cadeia serve pra gente repensar no ato cometido?
- Todos - Não.
- S25 - Não, serve só pra tirar a pessoa do meio da população, só que isso não é suficiente!
- T - Por que isso não é suficiente?
- S25 - Porque a pessoa não sente que fez alguma coisa errada. Enquanto ela não sentir, ela vai ficar fazendo a mesma coisa. Por isso que um monte de bandido volta a cometer crimes.
- S26 - E além disso, ela não podia fugir e ir lá e matar a velha também?
- T - Se ela fosse presa, ela podia fugir e matar a velha, é isso, porque ela foi presa?
- S26 - É, por causa do sentimento de vingança.
- T - Então, as pessoas que ficam na cadeia, ao invés de pensarem e não fazerem mais os atos errados, elas ficam alimentando sentimento de vingança? É isso que você quis dizer?
- S26 - É, porque elas não sentiram o ato, não viram como é duro plantar. Só vão lembrar que a velha colocou elas na cadeia.
- T - Então, qual a punição mais justa pra você?
- S26 - Plantar, ajudar a velha.
- S14 - Todo mundo aqui falou que cuidaria da horta, mas ela merece punição.
- T - Mas trabalhar na horta não serve como punição?
- S14 - Não, é muito pouco, elas têm que sofrer, elas roubaram.
- S25 - Não, só que se ela trabalhar na horta seria uma punição porque daí, se ela fosse presa, a velha ia ficar mais irritada ainda porque a velha ia ter que plantar tudo o que as comadres roubaram.
- T - Mas a punição seria pra velha não ficar mais irritada ainda, então? Ou seria pras comadres pensarem?
- S25 - As duas coisas, T.
- S14 - Ai, as comadres não vão querer fazer isso.
- S15 - Mas, viu, se o juiz mandar ela fazer ela vai ter que fazer, ué.
- S26 - Hoje em dia, certeza que ela não ia presa, ela ia fazer algum trabalho voluntário.
- T - O que é trabalho voluntário, S26?
- S26 - É fazer alguma coisa, algum trabalha pra ajudar as pessoa.
- S21 - Ah, eu acho que ela tinha que ser presa porque saiu no jornal que o moço roubou uma manteiga e foi preso.
- T - E você achou justo ele ir preso por roubar uma manteiga?
- S21 - Não, não achei, mas se ele foi preso, elas também têm que ser presas.
- T - Mas a lei foi justa com o moço?
- S21 - Não.
- T - E a gente vai ser injusto também com as comadres?
- S21 - Mas é a lei, se vale pra um, vale pra todos.
- T - Você mudaria a lei?
- S21 - Não, a lei foi feita pra ser seguida.
- T - Mas você não falou que a lei não foi justa com o moço?
- S21 - É.

- T - E mesmo assim você acataria essa lei e aplicaria a mesma ordem pra outras pessoas?
- S21 - É, é a lei.
- T - Gente, e vocês, o que vocês fariam se fossem juízes no caso das comadres?
- S27 - Ah, eu mandaria prantá, ajuda vender, pra ela aprender como que faz pra elas não precisar roubar mais.
- T - E você acha que na cadeia elas não iam aprender?
- S27 - Lógico que não. A velha ia ficar feliz porque ela não ia ter que roubar mais, mas um dia elas ia sair de lá.
- T - Então, a cadeia como punição pra esse tipo de crime não se aplica?
- S27 - Servir, serve, mas elas tinha que fazer a horta delas pra aprender.
- T - Essa é a melhor forma de pagar pelo que elas fizeram?
- S21 - Tipo assim, se ela fosse presa, a velha que ia se vingar dela e quando ela fosse sair da prisão ela que ia querer se vingar da velha.
- T - Então, a cadeia não serve pra punir ninguém? Por que a gente pune alguém?
- S21 - Pra pessoa pensar e não fazer de novo.
- T - Então, se a gente punisse com a cadeia ela não ia pensar que ela fez uma coisa errada, não é, ela ia até querer se vingar da velha!
- S21 - Ah, já não sei mais nada.
- T - Quando a gente vai punir alguém, segundo a S25, você tem que pensar na melhor forma pra essa pessoa conseguir interiorizar e se vai conseguir se arrepender. É por causa disso que a gente pune alguém?
- S25 - É.
- T - Ou por algum outro motivo?
- S25 - É por isso.
- T - Outra coisa que você falou também é que a pena de morte seria muito porque elas só roubaram umas couves. Então, a pena de morte serviria para punir em algum outro caso?
- (Silêncio)
- T - Você puniria alguém com pena de morte em algum outro caso?
- S25 - Eu puniria, se uma pessoa matasse alguém, uma pessoa inocente.
- T - Mas, uma colega da 7ª B, eu fiz esse mesmo exercício com eles e ela falou assim, foi a mesma coisa, uma aluna falou que puniria alguém com pena de morte pelo falta de essa pessoa ter matado alguém, ta, só que vamos parar pra pensar no que essa menina falou: “mas, professora, eu não to punindo essa pessoa por ela ter matado? Não é isso? E agora eu vou lá e mato essa pessoa? Eu não to cometendo o mesmo ato que essa pessoa cometeu?
- S26 - É melhor deixar ela na cadeia até a velhice dela.
- T - Por quê?
- S26 - Por que é mais justo, é muito grave o que ele fez.
- T - Por que é mais justo?
- S26 - Ah, não sei.
- S14 - Ai, que legal, ele vai pra cadeia, vai poder comer, dormir de graça, todo esse tempo. E quando saem comem o mesmo
- T - Mas na pena de morte eles matam, cometem o mesmo ato do culpado. Não é? Por quê?
- S14 - Porque ninguém pensou que fez alguma coisa errada.
- T - Você criticou a cadeia quando o S26 defendeu. Mas você não tinha falado que daria como punição pras comadres a cadeia?
- S14 - Falei, mas eu posso mudar, né.
- T - Pode.
- S14 - Ai, que bom! Porque a cadeia não é justo.
- S15 - É que nem na “A vida de David Gale”, aquele filme que você passou pra gente. Nem sempre a pena de morte funciona pra quem cometeu crime.
- T - Mas, vamos supor que no filme, o David tinha, realmente, cometido todos aqueles crimes. Você estaria punindo ele porque ele matou, não é?
- S15 - É.
- T - E você vai matar ele, vai fazer a mesma coisa, o mesmo ato pelo qual você o julgou culpado?
- S15 - É, não sei. Também a pessoa tem que ter a chance de pensar no ato que ela fez, né, T.
- T - Você acha isso?
- S15 - Acho que sim.
- T - Se ele tirou a vida de uma pessoa, a vida dele também tem que ser tirada? É isso?
- S25 - É.

- T - Mas olha que incoerência, S25, você disse que a punição serve pra uma pessoa sentir, se arrepender e não fazer mais, não foi isso que você me falou no caso das comadres?
- S25 - Foi.
- T - E como que alguém vai sentir sendo morto. Será que uma pessoa que mata alguém não deve ter a chance de se arrepender? Qual é a sua opinião?
- S25 - É, eu acho que sim.
- S26 - É, e se essa pessoa na cadeia, se arrepender e virar do bem.
- S1 - Ah, professora, pensa, você, se tivesse matado uma pessoa da tua família, teu pai ou tua mãe, você não ia ter vontade de matar ele, você não ia matar ele?
- T - Mas seria justo, seria a melhor maneira de ele pagar pelo que fez, de ele sentir o que ele fez?
- S1 - Ah, não sei.
- S15 - Você não vai deixar alguém triste também. Você vai deixar quem gosta dele triste, Vai ser mais uma pessoa triste, também.
- T - Gente, mas vamos voltar pra fábula. Pra horta de couves, pro roubo da horta de couves, qual seria a punição mais justa?
- S15 - Ajudar a velha.
- S21 - Ajudar a velha, dona, porque ainda ia ter duas pessoa ajudando ela ainda.
- S14 - Eu mudei de opinião, eu também acho essa punição melhor.
- T - Vamos ler o resto da fábula agora, pessoal? (LEITURA)
- T - Aí, eu pergunto pra vocês, se vocês estivessem no lugar dessa comadre, o que vocês fariam?
- S14 - T, nesse caso aí, a velha não demonstrou que ia precisar das couves.
- T - É, ela não demonstrou?
- S25 - É, aí ia dar pra esperar, né.
- T - O quê?
- S15 - É, mas a velha já tava velha, nesses 16 anos, ela podia morrer.
- T - Então, nesse caso, a comadre tava certa de prometer o filho pra velha? Foi nisso que ela pensou?
- S25 - É, a velha não precisa da couve senão não ia mandar a mulher colher todas as couves que quisesse e ia esperar 16 anos só pra comer a carne.
- T - Gente, vamos pensar na atitude da comadre. Vocês dariam o filho?
- Todos - Não.
- T - Por que não?
- S28 - É errado, pra se salvar vai dar o filho dela.
- S14 - E outra, meu filho ta pagando pelo meu erro.
- SNPP - É, dona, o filho nem nasceu e já vai pagar pelo ato da mãe!
- S27 - Não tem nada a ver isso que ela fez!
- T - Por que não tem?
- S27 - Quem roubou foi a mãe dele, não foi ele.
- T - Foi a mãe dele que roubou, mas e se ela falasse que ela daria uma pessoa no lugar do filho, seria justo?
- Todos - Não.
- S25 - Não, não foi ela que roubou, não foi essa pessoa.
- T - Agora, vocês falaram pra mim que não é justo a velha comer o filho, mas quem fez a promessa?
- Todos - A mãe.
- T - Então, será que a velha ia querer comer o filho se a mãe não tivesse prometido?
- S23 - A mãe não tem coração.
- T - Por quê?
- S23 - Ah, porque é filho dela.
- S15 - Mas de qualquer jeito, eu acho que a mãe falou aquilo pra escapar, depois ela podia ir pra outro país, ir embora.
- T - Então, eu posso prometer e não cumprir?
- S26 - Ah, S15, se ela não tinha dinheiro nem pra comprar comida, ia ter dinheiro pra viajar.
- T - Gente, mas e a promessa? Vale prometer e não cumprir?
- S15 - Nesse caso, vale, pra me salvar e salvar meu filho, vale.
- S14 - Sem contar que eu não falaria isso nem de brincadeira!
- T - Por quê?
- S14 - Ai, T, o meu filho ta pagando, sendo que ele nem sabe o que eu fiz!
- S26 - Eu prefiro que coma eu do que meu filho.
- S1 - Mas na hora da promessa, o filho não vai ta sentindo.

- S14 - Imagina a vergonha de ter prometido, das pessoa saber que eu prometi um filho! Imagina teu filho crescer e saber que você prometeu ele!
- S15 - Isso tudo bem, mas você não ia fazer isso pra você escapar? Você ia escapar!
- T - Mas uma promessa não tem que ser cumprida, Leo, se você promete alguma coisa pra alguém, você não tem que cumprir?
- S15 - Ah, mas a velha nem me conhece.
- T - Olha só o que o Leo falou, então, eu só posso prometer pra alguém que eu conheço?
- S15 - Prometer pode prometer pra qualquer um, mas...
- T - E cumprir só pra quem eu conheço?
- S20 - Não.
- S27 - Você prometeu, você tem cumprir pra qualquer pessoa. Promessa é promessa!
- S21 - É, mas essa promessa foi pra fugir da velha!
- T - Independente do porquê de uma promessa, ela tem que ser cumprida? Ou não tenho que levar isso em conta?
- S27 - Sim, mas eu acho que tem casos que ela não precisa ser cumprida.
- T - Por quê?
- S21 - Por causa que assim, ela roubou a couve por causa de fome, isso eu sei, mas assim, vai colocar o filho, que não tem nada a ver, se ele não roubou, não fez nada, vai colocar o filho assim. Essa promessa, pra mim, não deveria ser cumprida.
- S27 - Ai, dona, a criança ta com 16 anos, você cria a pessoa, pega amor por ela, você não tem coragem.
- T - E se ela não gostasse da filha dela?
- S27 - Ah, aí, ela não é boa mãe.
- T - Ser boa mãe tem a ver com gostar do filho?
- S27 - Lógico, não tem nenhuma mãe que não gosta do filho.
- S15 - O certo seria o filho fugir também, não foi ele que prometeu.
- T - Mas a filha não sabia da promessa!
- S27 - Mas a mãe tem que contar, né.
- S21 - A mãe faria isso!
- T - E aí, Stephanie, por que ta tão quietinha?
- S25 - Então, professora, só que assim não é certo ela dar a filha dela porque ela que cometeu o erro e também não seria certo ela dar outra pessoa, ela não sabe se a pessoa não é pai ou mãe de família, como ela vai dar a pessoa? Ela cometeu o erro!
- T - Gente, vamos supor que não fosse o filho dela, fosse outra pessoa, que a velha pegasse e falasse assim “oh, tudo bem, você não quer dar a tua filha, não precisa, mas eu quero outra pessoa”, aí você pega algum menino de 16 anos que rouba, que já matou, que usa drogas, seria certo dar esse menino no lugar do filho?
- Todos - Não.
- T - Por quê?
- S14 - Esse menino tem que pagar pelos erros dele. Ele tem que pagar pelos erros dele, não pelos erros da comadre.
- T - Cada um deve pagar pelo seu próprio erro?
- S25 - Porque, tipo, daí no caso ela poderia ter contado pra polícia que o rapaz rouba, daí ele poderia ser preso pelos crimes que ele cometeu e não pelos que ela cometeu.
- S27 - Assim, se ele rouba, ninguém tem nada a ver com isso. Quem tem a ver é ele!
- T - Imaginem que vocês nunca viram uma pessoa, não sabem nada da vida dela, é certo vocês entregarem essa pessoa pra pagar um erro de vocês?
- Todos - Não.
- T - Gente, vamos pensar, imagina a velha ia comer o filho de vocês!
- S23 - Todo mundo só fala, dona, mas na hora todo mundo ia dar outra pessoa, sim.
- T - Ia comer o filho, aí, o que acontece, surge uma oportunidade de eu dar uma outra pessoa e meu filho sair ileso dessa história!
- S14 - Ah, eu dou sim.
- T - Por que você dá, S14?
- S14 - Ai, não é, é que eu não sei explicar.
- S15 - Mas, T, ela falou que ela daria outra pessoa, mas e se fosse outra pessoa que pegasse o filho dela pra entregar? Ela não ia querer!
- S14 - Ah, mas na hora você só quer se defender!
- T - Como, S14?
- S14 - Na hora, você só pensa em escapar, quem quer dar um filho pra uma velha!

- T- Imagina, lá, chegou o dia da velha pegar o filho de vocês, porque vocês prometeram, entendeu, vocês prometeram a filha, chegou o dia da velha pegar essa filha. Aí, a velha pega e fala: “oh, pode ser outra pessoa, desde que tenha 16 anos”!
- S27 - Ela vai entregar essa pessoa, mas essa pessoa não tem nada a ver com isso!
- T - Mas você não entregaria essa outra pessoa pra salvar tua filha?
- S25 - Eu entregaria.
- S15 - Eu também entregaria.
- S26 - Eu também.
- S15 - Só que eu acho mais certo eu ir no lugar.
- T - Você não entregaria, você ia no lugar?
- S15 - Eu me entregaria no lugar, a outra pessoa não tem nada a ver com a história, que nem o meu filho!
- T - Mas e se a velha não aceitasse porque a comadre já deveria estar velha, né, pressupõe-se que o filho de 16 anos esteja com a carne mais macia do que a da comadre, a velha não ia querer trocar a comadre pelo filho de 16 anos!
- S15 - Então eu ia falar assim pra velha “ou você me escolhe, ou nada feito”.
- T - Mas você prometeu!
- S14 - Imagina, S15 que a sua mãe promete dar o seu irmão, aí, depois, seu irmão tem 16 anos, tipo, você já pegou carinho pelo seu irmão, você vai deixar sua mãe dar o seu irmão, S15? Ou você vai querer perder a sua mãe?
- S15 - Não, claro que não.
- S14 - Então, você não vai dar outra pessoa? Tem você e seu vizinho, você tem raiva dele, quem você vai escolher, o seu irmão ou o seu vizinho?
- S15 - O meu vizinho.
- S14 - Então!
- S15 - Mas daí, o que que tem eu ter raiva do meu vizinho, ele é uma pessoa!
- S14 - É uma pessoa, mas você não vai querer ficar sem seu irmão ou sem sua mãe, como você tinha falado!
- Alguns - Toda promessa tem que ser cumprida!
- T - Quem falou que toda promessa tem que ser cumprida?
- S27 - Eu, mas se a pessoa promete, tem que cumprir.
- T - Então, você falou que toda promessa tem que ser cumprida, né, S27. Imagine essa situação, você tá com seu filho de 16 anos, tá prontinho pra entregar pra velha, e você vê uma possibilidade de entregar uma outra pessoa de 16 anos e ficar com teu filho, você entregaria?
- S27 - Ah, eu tenho que pensar, mas mesmo assim se eu entregasse, lógico, se eu entregasse outra pessoa, se ele tem mãe, a mãe dele vai sofrer, não vai?
- T - E aí?
- S27 - Eu não entregava por isso.
- S23 - Eu preferia que meu filho morresse. Eu ia esperar ele nascer, daria pra uma mãe e pra um pai e eu ia no lugar dele.
- T - Mas a velha queria carne nova, gente!
- S12 - Ah, T, eu matava a velha!
- T - Matava a velha?
- S12 - Sim, ela não teve piedade quando eu tava com fome, ela me fez prometer uma coisa muito difícil.
- S20 - Nossa, ela foi roubada, não foi ela que prometeu e ainda você ia matar ela!
- T - Mas matar a velha seria justo?
- S27 - Mas aí, você ia cometer um crime!
- S15 - Se eu matasse a velha seria melhor, porque ela não devia ser uma pessoa normal pra comer as pessoas vivas!
- T - Então, as pessoas que não são tidas como normais merecem morrer? As pessoas com deficiências mentais, deficiências físicas?
- S15 - Não é bem assim!
- T - Mas não foi isso que você quis dizer?
- S15 - Foi, mas acho que não.
- S14 - Mas que bruto! Matar a velha!
- S26 - Mas ela ia comer o seu filho, menina!
- S28 - Ela prometeu que ia dar o filho, e se ela perdesse o filho?
- T - Não entendi, o que você quis dizer?
- S28 - Que eu matava meu filho!

- S14 - Nossa! Que injustiça! Vai tirar a vida dele. Você ta louca, você não ia ter coragem, eu te conheço!
- S28 - É, acho que não mesmo, mas pode ser uma saída!
- S14 - Nossa, é só o que me faltava, matar a velha e ainda ficar com a horta. Que justiça é essa, gente?
- T - Então, pra alguns de vocês, matar a velha seria a solução. Mas quem foi roubar as couves?
- Todos - A comadre.
- T - Quem fez a promessa?
- Todos - A comadre.
- T - E é justo a velha morrer, ser morta pela comadre?
- S14 - Não, não foi a velha que pediu a criança, foi a comadre que sugeriu dar o filho!
- S27 - É, porque ela não fez outra promessa, fizesse outra promessa.
- T - Então, ela vai ter que dar o filho? Se ela prometeu dar o filho, ela via ter que dar o filho?
- S27 - Ah, mas ela que promettesse outra coisa.
- T - Mas ela não prometeu, ela prometeu dar o filho! Então, ela via ter que dar o filho?
- S27 - Ah, eu já não sei.
- T - Mas ela não prometeu?
- S27 - Prometer ela prometeu, mas ela não tem que cumprir!
- T - Por quê?
- S27 - Porque ela se arrependeu da promessa!
- T - Então, pode descumprir uma promessa?
- S27 - Nesse caso, pode.
- S1 - Mas a velha não tem direito de matar ninguém!
- T - E a comadre tem o direito de matar a velha?
- S1 - Não.
- S14 - E a comadre tem direito de fazer o filho pagar pelos erros dela?
- S15 - Também não.
- S14 - Olha, T, eu acho assim, quando a gente promete dinheiro, alguma coisa assim, não pode ser descumprida, mas quando promete gente, é vida ou morte, aí a gente pode descumprir, não pode matar ninguém!
- T - Ah, então quando a promessa envolve a vida de alguém ela pode ser descumprida?
- S14 - É, eu acho, todo mundo fala que não pode não cumprir a promessa, mas é isso que todo mundo pensa, ninguém ia cumprir a promessa!
- S15 - É.
- T - E a questão do estranho, quem entregaria um estranho?
- S26 - Ai, vai que essa pessoa é boa, faz coisa boa.
- T - Independente se uma pessoa faz coisa boa, e você tem teu filho pra entregar. Você não entregaria essa pessoa que faz coisa boa, Vítor? Importa se essa pessoa é boa ou ruim?
- S26 - Acho que não.
- T - Você vai pensar nisso na hora de entregar uma pessoa no lugar do seu filho?
- S26 - Não.
- S20 - Ah, sei lá.
- S26 - Fala a verdade!
- T - Agora, é justo entregar essa pessoa no lugar do filho?
- S14 - Não.
- S26 - Mas na hora H, você esquece de tudo e entrega.
- S15 - Cada hora um fala uma coisa, que não mata, não é justo, então, porque que é justo eu dar o meu filho ou outra pessoa pra velha matar! Eu descumpriria a promessa, a velha que ia ter que ver o que ela queria fazer depois.
- T - Eles falaram que não dá pra matar a velha porque a velha não tem culpa de nada, não foi ela quem prometeu, foi a mãe, não foi ela que pediu o filho, foi a mãe que sugeriu!
- S14 - É, o filho não tem culpa de nada!
- S21 - Porque não dá uma pessoa de 16 anos que quer se matar! Já que essa pessoa quer morrer, eu daria ela.
- S27 - E se na hora ela se arrepender!
- S21 - Mas eu já tinha entregado, já entreguei mesmo, não tem jeito.
- S13 - Nossa, uma pessoa que quer se matar não pode se arrepender? Tem gente que vai se jogar de um prédio e se arrepende!
- S21 - Ah, mas se ela se arrepender na hora, problema dela, já era.

- T - Olha só, a comadre podia desfazer a promessa dela e dar uma pessoa que quer morrer ou não dar ninguém, não foi isso que vocês me disseram nessa discussão? E essa pessoa não pode se arrepender do trato que fez com você?
- S21 - Ah, eu não daria meu filho de jeito nenhum.

Fábula 02: Eiro-eiro, burro meu, faça dinheiro

Momento 1

Os alunos recontaram o momento 1 da fábula antes da intervenção.

- T - Vamos, então, pra nossa discussão, pessoal! O garoto merece ser punido pelo que fez no colégio? Por quê?
- S25 - Claro, dona, vai bagunçar na escola, claro que não.
- T - Por que você não deve bagunçar na escola, S25?
- S25 - Porque escola é pra você aprender, entender as coisas que você não sabe, não pra ficar bagunçando, se comportando mal.
- S26 - É lógico, esse moleque é folgado, dona.
- T - Por que você acha isso, S26?
- S26 - PP, ele vai pra escola, fica dando febre em todo mundo, nos professor, até que ele se ferra, tem que ser punido.
- T - Por quê?
- S26 - Porque ele não se comportou como deve.
- T - Como ele devia ter se comportado, então?
- S26 - Fazendo lição e não dando febre nos professor.
- T - O que é dar febre nos professores, S26?
- S26 - É não respeitar, fazer o que eles pedem.
- S14 - Sem contar, dona, que a mãe dele tava passando dificuldade, devia ta, ela deixa ele estudar e ele apronta.
- T - Como assim, S14, explica melhor!
- S14 - É, PP, às vezes, ela deixou de fazer alguma coisa, ou ela podia botar ele pra trabalhar e ajudar na casa, mas ela quis que ele estudasse e ele apronta, não ta certo.
- S25 - Tem que ser punido, sim.
- T - Se vocês fossem a mãe, o que vocês sentiriam ao ver o filho voltando do colégio, depois de saber que ele foi expulso.
- S25 - Nossa, eu ia bater.
- T - Por quê?
- S25 - Claro, tem que apanhar pra aprender.
- T - Pra aprender o quê, S25?
- S25 - Pra aprender a dar valor nas coisas, na escola, sem estudo ninguém é nada.
- T - Por que, S25?
- S25 - PP, pega as pessoas que são ricas, que tem dinheiro, que se deram bem, todas estudaram muito.
- T - Você acha isso?
- S25 - Acho.
- T - Por quê?
- S25 - Ai, é que, nossa, é difícil, é que na escola a gente aprende a não ser bobo, a ler o que a gente assina, a entender das coisas.
- T - E por que você acha que bater seria a melhor forma de puni-lo?
- S25 - Não, eu não acho que é a melhor forma, mas eu ia ficar com vontade de fazer isso, eu ia sim.
- S14 - Não tem que bater de jeito nenhum.
- T - Por que, S14?
- S14 - PP, ninguém aprende apanhando.
- T - Por que, explica melhor!
- S14 - Porque se eu faço uma coisa, a minha mãe vem e me bate, às vezes, dependendo da idade, eu não sei porque eu to apanhando, não adianta.
- T - Por que não adianta?
- S14 - Ai, PP, eu acho assim, eu acho que se eu apanhar eu não vou melhorar.
- T - Por quê?
- S14 - Porque eu vou ficar revoltada, é assim com a minha mãe, se ela me bate, eu fico com raiva e faço de novo.
- T - Por quê?

- S14 - Por que não é certo bater.
- S23 - Ele fez também, pode ser, dona, pra chamar atenção da mãe dele, não é?
- T - Você acha isso?
- S23 - Acho sim.
- T - Por que, S23?
- S23 - Porque assim, aí, meu Deus, às vezes, a mãe trabalha muito, às vezes gosta mais de outros filhos, ou parece que gosta, não sei, aí o filho quer chamar atenção.
- T - Como assim, chamar atenção?
- S23 - Ai, dona, é difícil explicar, ele quer que a mãe converse com ele.
- T - Ah, chamar atenção para que a mãe converse com ele! Você acha que esse foi o caso do garoto?
- S23 - Não sei, não ta escrito nada, mas pode ser, né.
- S14 - Por isso que tem que conversar.
- S15 - Ah, mas aí também vai acostumar mal.
- T - Por que, S15, não entendi.
- S15 - Acostumar mal, dona, se ele não apanha, vai querer fazer de novo.
- S26 - Claro que não, se ele entender não vai querer fazer de novo.
- S21 - Assim, acho que da primeira vez ela bater não é certo, mas se ele voltasse pra escola, e fosse expulso de novo aí tinha que dar um coro, nele.
- T - Por que você acha isso, S21?
- S21 - Por que não adianta conversar com quem não entende, tem que bater.
- T - Por que tem que bater?
- S21 - Por que ele vai ficar com medo de apanhar de novo e não vai fazer mais.
- S27 - Não só por isso, pra ensinar que o que ele fez foi errado. Se a gente conversa com uma criança, bem pititica, ela não vai entender.
- S15 - Tem que deixar ela se ferrar também.
- T - Por que, S27, que se nós conversarmos com uma criança muito pequena ela não vai entender?
- S27 - Por que não vai, dona, ela não tem imaginação pra entender tudo que acontece, conhecimento, sei lá, aí, se a minha mãe bate na mão da minha irmã pra ela não mexer no fogo, ela vai aprender.
- S15 - Não, é deixa ela queimar a mão pra ver se ela vai fazer de novo.
- T - O que, S15?
- S15 - É, PP, tem que deixar entender as coisa sozinha.
- T - Por que você acha isso?
- S15 - É que só assim aprende.
- T - Explica melhor, S15.
- S15 - Tipo assim, PP, se eu faço uma coisa e eu me ferro, não vou fazer de novo.
- S25 - Ai, você não sabe como é criança, S15, você vai deixar uma criança queimar a mão pra ela saber que fogo queima, você ta louco?
- S15 - É minha opinião, ué, não posso falar?
- T - Claro que pode, nós estamos aqui para ouvir a opinião de todo mundo.
- S25 - Você não tem irmão pequeno, por isso que você fala isso, criancinha tem que apanhar porque ela só obedece se fica com medo. É assim com meus irmãos.
- S15 - Os seus irmãos não é tão criancinha assim, já tão na primeira série.
- S25 - Mas tem que bater pra aprender que não ta certo.
- S23 - Pode até ser, mas só se for com criança muito pequena, que não fala.
- T - Pessoal, mas e o garoto da fábula, merece ser punido?
- Todos - Merece.
- T - Por quê?
- S26 - Porque escola é lugar de estudar não de bagunçar.
- S18 - É, dona, porque ele não ficou dormindo em casa, é bem melhor.
- T - S28, você que interpretou a mãe do menino, o que sentiu vontade de fazer com ele, quando ele chegou do colégio, depois de ter sido expulso?
- S28 - Ah, eu tive vontade de bater nele, mas eu acho que isso não é o mais justo.
- T - Por que você teve vontade de bater nele?
- S28 - Porque na hora você não pensa.
- T - E por que não seria justo bater nele?
- S28 - Porque bater não leva a nada, dona, eu não gosto de apanhar quando eu faço uma coisa errada.
- T - Por que você não gosta?
- S28 - Ah, parece que me dá mais raiva, dá vontade até de bater na minha mãe.
- T - Por quê?

- S28 - Porque não é assim que tem que educar, tem que conversar, ela não sabia porque ele foi expulso. Tem que chamar atenção, mas não bater.
- T - E você, S15, que interpretou o garoto, o que você sentiu quando foi expulso do colégio?
- S15 - Eu senti feliz.
- T - Por quê?
- S15 - Eu achava o colégio muito chato.
- S15 - Mas não é certo fazer bagunça pra ser expulso.
- S18 - Ah, então, por que você faz bagunça com a professora de Arte? (risos)
- T - S15, você, que interpretou o garoto, o que você achou que a Paola, que interpretou sua mãe, ia fazer quando você chegasse da escola?
- S18 - Ai, eu achei que ela ia conversar comigo e que ia me bater mesmo.
- T - E foi justa a atitude da mãe dele?
- S15 - Qual? De bater?
- T - É.
- S15 - De bater até que foi, mas de expulsar de casa não.
- T - Por que não?
- S15 - É muito fácil quando seu filho apronta você manda ele pra fora, fez, tem que cuidar.
- S26 - Sem contar que ele pode conhecer um monte de gente má, traficante, ladrão e pode se influenciar, pode virar um.
- S15 - É verdade.
- T - E por que bater é justo?
- S15 - Pra eu aprender e não fazer de novo.
- T - Por que você não faria de novo se apanhasse?
- S15 - Por que eu ia ficar com medo.
- T - Por que nós punimos alguém, S15? Por que a mãe do garoto decidiu punir ele?
- S15 - Pra ele não aprender a fazer mais.
- T - Ou pra ele ficar com medo?
- S15 - Não, pra ele não fazer mais.
- T - Mas você não falou que você iria deixar de fazer as coisas porque você ia ficar com medo?
- S15 - É, mas eu ia aprender também.
- T - Não ia fazer mais porque você aprendeu que o que você fez foi errado ou não ia fazer mais porque ia ficar com medo de apanhar de novo?
- S15 - Acho que de apanhar.
- S14 - Então, sua punição não resolve, menino.
- T - Agora, você, S26, que interpretou o Ogro na nossa dramatização, você sentiu vontade de punir o garoto quando o viu comendo as suas pêras?
- S26 - Ai, dona, não, eu achei ele um coitado.
- T - Por que, S26?
- S26 - Ele tava comendo, não tava zuando com a pêra.
- T - O que é “zoar com a pêra”?
- S26 - Ah, é jogar fora, estragar.
- T - Tem alguém que acha que Nani tem que punir o garoto?
- S22 - Eu acho, ele tava roubando, ele podia pedir.
- S27 - Eu também acho que ele tinha que pedir, não chegar catando tudo que ele vê.
- S8 - Mas também não tinha cerca em volta da árvore.
- T - E aí, pessoal, não tinha cerca em volta!
- S27 - Mesmo assim, deve ser de alguém, tem que procurar de quem é.
- S26 - Eu acho que eu fiz certo, dona, de conversar, senão eu não ia saber o que tinha acontecido com ele.
- T - Explica melhor!
- S26 - Se eu tivesse batido nele, ou sei lá, expulsado, eu não ia saber que ele tava com fome, que a mãe dele tinha expulsado ele.
- S15 - É, mas você não pode abrir o seu portão pra todo mundo.
- S26 - É verdade.
- S14 - Mas se você ficar com preconceito, você não vai ajudar as pessoas por causa disso?
- S15 - É, e se você for assaltado?
- S14 - Pelo menos, tenta conversar de longe, né.
- S15 - Ai, S14.
- T - S15, então você não acha justa a atitude da Nani?
- S15 - Não, não é isso, foi legal, mas eu não faria isso, ele podia ter um revólver, me atacar.
- T - Mas foi justa ou não a atitude dela?

- S15 - Foi, mas eu não faria por medo.
 T - Alguém aqui não acha justa a atitude do garoto?
 T - Um aluno da outra sala me disse que não era justo porque ele já aprontou com a mãe dele, o que vocês acham?
 S26 - Mas ela deixou ele na rua, PP, ele pode se influenciar com as coisas da rua, drogas, não foi certo.
 S22 - Eu acho que ele tinha que sofrer mais ou pouco, sim.
 T - Por que, S23?
 S22 - Porque ele vai sempre achar que vai ter alguém pra ajudar e vai continuar aprontando.

Momento 2

- T - S17, você que interpretou o menino no momento da dramatização, você teve vontade de desobedecer? Por que você desobedeceu a Nani-Ogro?
 S17 - Ah, dona, um lado por curiosidade, o outro por desobediência mesmo, por querer.
 T - Você sentiu vontade de desobedecer Nani-Ogro quando você estava interpretando o papel do garoto?
 S17 - Olha, eu não senti vontade, mas eu acho que ele sentiu, assim porque ele vivia desobedecendo ela, a mãe.
 T - E por que ele vivia desobedecendo à mãe e a Nani?
 S17 - Ah, por costume, por hábito.
 T - E por que ele tinha esse hábito?
 S17 - Ah, sei lá, porque desde criança, ele desobedeceu à mãe dele.
 T - E por que será que ele desobedecia à mãe desde criança?
 S17 - Porque ninguém explicava pra ele o que era certo e o que era errado.
 T - E você, no lugar do menino, teve essa vontade?
 S17 - Não.
 T - Por que, Camila?
 S17 - Ah, porque ela deu abrigo, deu comida, por dois anos, não seria justo, né?
 T - Não seria justo desobedecer a Nani por gratidão a tudo que ela já fez por ele, é isso?
 S17 - É.
 T - S27, você que interpretou o papel da Nani, por que você subiu para espionar o garoto?
 S27 - Ah, eu sabia que ele ia me desobedecer, se ele já desobedeceu à mãe, tudo.
 T - Ah, você sabia que ele ia te desobedecer porque ela já desobedecia à mãe. Então você não acha que com você ele pudesse ter outro comportamento, que ele pudesse te obedecer?
 S27 - Ah, eu acho que não, né, porque se a pessoa faz um monte de vezes, com a própria mãe, com certeza vai fazer comigo.
 T - Você, no lugar da Nani, sentiu vontade de espionar o menino?
 S27 - Senti, por causa que eu fiquei com medo, né, dele fazer alguma coisa errada, fiquei mesmo espionando ele.
 T - E por que você acha que ele te desobedeceu?
 S27 - Ah, por causa que ele tava com curiosidade de saber se era verdade o que eu falei.
 T - E o que você sentiu quando viu ele te desobedecendo?
 S27 - Raiva, muita raiva.
 T - E você ficou com raiva dele, então, porque ele foi curioso?
 S27 - É, e me desobedeceu.
 T - Por quê?
 S27 - Porque eu mandei ele fazer, faça só quando ele tivesse chegando na casa da mãe dele e ele foi lá no meio da estrada e fez.
 T - E o que te deu vontade de fazer por ele ter te desobedecido?
 S27 - Ah, não dar mais nada pra ele sair.
 T - Por que, S27, isso seria justo?
 S27 - Porque ele ia aprender a não me desobedecer mais.
 T - E vocês, pessoal, por que o menino não obedeceu às ordens da Nani?
 S15 - Porque ele tava curioso.
 S26 - É, pra saber se era verdade.
 T - Pra saber se era verdade o que a Nani tava falando, que o burro fazia dinheiro?
 S26 - É.
 T - Mas você não confiava na Nani?
 S26 - Confiar eu confiava, mas é duro de imaginar um burro que caga dinheiro, eu queria ver.
 T - Quem aqui, se tivesse no lugar do garoto, desobedeceria também?
 S22 - Eu.
 T - Por que, S23?

- S22 - Eu queria saber se era verdade.
 S3 - Ah, eu queria saber se ia dar certo pra eu não apanhar da minha mãe.
 S15 - Ah, mas você não podia fazer isso bem mais perto da sua casa? Se fez antes, é porque é curioso mesmo!
 T - Então, S3, você faria pra ter certeza que o burro fazia dinheiro para que a mãe não te batesse caso não desse certo, é isso?
 S3 - É.
 T - Por que, S3, você acha que sua mãe te bateria, caso o burro não fizesse dinheiro?
 S3 - Porque todas as vezes que eu fazia coisa errada, ela me espancava, não ia ser diferente agora.
 T - E quem daqui não desobedeceria?
 S15 - Eu.
 T - Por que, S15?
 S15 - Por causa disso, ele podia desobedecer a Nani perto da casa da mãe dele, porque se ele fizesse, ele podia chamar a mãe dele pra pegar o dinheiro perto, né.
 T - E foi justo desobedecer a Nani nesse caso?
 S26 - Não.
 T - Por que não?
 S23 - Ah, ela colocou ele dentro da casa dela, deu comida, deu tudo. Daí ela ainda tentou ajudar ele e ele pisou na bola.
 T - Você no lugar do menino, desobedeceria, S23?
 S23 - Ah, eu falo não, mas na hora, acho que a curiosidade é mais que a obediência, mas eu acho injusto.
 T - Por quê?
 S23 - Porque pra ele agradecer ela de tudo que ela fez, ele tem que obedecer, mas a curiosidade falou mais alto.
 S21 - Eu não acho justo desobedecer.
 S17 - Ah, dona, se ela falou que não era pra fazer lá na rua, é que ela tinha motivo, ela não ia falar à toa.
 T - Mas você desobedeceria, S17?
 S17 - Não, de jeito nenhum, nem por curiosidade, a Nani é autoridade, ela sabe o que é bom.
 S21 - Eu não acho justo, mas eu desobedeceria.
 T - Por quê?
 S21 - Assim, justo, justo não é mas que sempre tem uma curiosidade, e se fosse mentira, na hora que eu chegasse lá pra minha mãe e não acontecesse nada.
 S17 - Mas, pensa, ele fez isso lá na rua, mas chegou na hora, ele se ferrou do mesmo jeito, não tem que desobedecer. O único jeito dele se dar bem era não desobedecendo. Ela falou pra ele não fazer antes, ele fez, falou pra não falar pra ninguém, ele falou. Ah, eu acho que pra dar certo tem que obedecer, ela sabe de tudo.
 S21 - Ta, mas eu desobedeceria.
 T - E por que você acha que pra dar certo tem que obedecer, S17?
 S9 - Porque a Nani é autoridade dele, ela sempre vai ter razão.
 T - Pessoal, o que eu tenho que levar em conta pra obedecer ou desobedecer uma ordem de uma autoridade?
 S26 - Ele não tem que desobedecer porque ela ajudou ele.
 T - Mas se você tivesse no lugar do menino, na situação da fábula, você não desobedeceria, S26?
 S26 - Não, porque ela deu abrigo, as coisas pra mim, fez tudo pra mim.
 T - Nem por curiosidade?
 S26 - Não, se eu acreditei nele nesses dois anos, por que eu não ia acreditar agora?
 T - Quem discorda?
 T - Agora, por que a Nani decidiu espionar o garoto?
 S15 - Porque ela sabe que ele ia desobedecer, porque além de desobedecer a mãe dele, ela já tinha vivido com ele dois anos, então, ela já devia saber alguma coisa sobre o comportamento dele, então ele foi conferir só pra saber se ele tava desobedecendo.
 T - Ah, pra conferir! Isso é certo?
 S15 - É, porque é o dever dela. Se ela cuidou dele, esse tempo todo, e deu o burro e ele achou que era mentira.
 S23 - Ah, mas ela tinha que acreditar na educação que ela deu pro menino.
 T - E ela espionando, ela não tava acreditando, S23?
 S23 - Não.
 T - Por que você acha isso?
 S23 - Não foi justo, ela tava tentando ajudar ele nesses dois anos, ela tinha que acreditar que ela tinha mudado ele.
 S21 - Mas dois anos não muda uma pessoa!
 S26 - Ah, se muda, lógico.

- S21 - Ai, alguém que ficou dois anos na cadeia, quando saí, vai sair mudado?
- S15 - Depende do cara.
- S26 - Eu acho que não, nada a ver. E se ele faz é porque o problema tá na cadeia que não serve pra recuperar. Agora, se você educar uma criança, dar carinho, conversar é lógico que você educa.
- S23 - Ai, S21, por que a tua mãe te educa, então?
- S21 - Porque ela quer que eu tenha um futuro melhor.
- T - E seria justo a tua mãe te espionar?
- S21 - Eu acho que sim.
- T - Então, você acha justa a atitude da Nani?
- S21 - Concorde, sim.
- S15 - PP, que nem, no caso que a Rafaela perguntou dela, acho que não seria certo, que nem, vamos supor, nossa mãe ficar vendo tudo que a gente faz, mas no caso da Nani, ela foi conferir se o caráter do menino tinha mudado, que ela ficou dois anos com ele, então, eu acho que ele assim, eu acho que ela não ia fazer nada de mal se ele desobedecesse ou obedecesse, porque eu acho assim, foi só pra conferir só.
- T - Então, você acha que foi justo a Nani espionar o menino para conferir se ele havia aprendido as coisas enquanto ele esteve com ela? É isso?
- S15 - É, ela é autoridade, ela tem esse direito.
- S23 - Eu não acho.
- T - Por que, S23?
- S23 - Ah, dona, se não tiver confiança, pode parar.
- T - Confiança? Explica melhor, S23!
- S23 - Assim, a Nani tá no papel da mãe, a mãe tem que confiar no filho.
- S26 - Mas se ela subiu pra ver, ela não tinha confiança, ela tinha dúvida que ele ia fazer isso.
- S15 - Ah, ela podia ter confiança, mas conferir não vai ofender uma pessoa.
- S26 - É.
- T - Você não se sentiria ofendido se tua mãe te vigiasse?
- S15 - Assim, o tempo todo é ruim, mas, vamos supor, que eu sou o menino da fábula. Se eu soubesse que a Nani tava fazendo isso, eu não ia fazer por causa da questão da obediência, mas como eu acho que eu não iria saber se ela tá espionando ou não, eu acho que, assim, ele foi conferir, assim, se eu tivesse no lugar do menino, eu tinha ficado com ela dois anos, então esses dois anos, eu acho que é um tempo suficiente pro menino pensar um pouco e mudar o caráter dele porque se ele gostava de fugir da escola, de ser expulso, desobedecia a mãe, eu não ia me sentir chateado, se a Nani me espionasse.
- S23 - Não, na autoridade tem que ter confiança também. Tua mãe não vai estar sempre do teu lado, você tem que andar sozinho.
- S26 - Ah, S23, se tua mãe der um pouco de dinheiro pra você, você acha que ela não vai especionar você, você tá com dinheiro.
- S15 - E não é no sentido mal, ela vai conferir!
- S23 - Ah, mas tipo, ela não vai confiar em mim. Eu sinto assim. Eu vou fazer coisa certa com esse dinheiro porque minha mãe confia em mim.
- S26 - Ah, ela vai dar um carro na sua mão, você acha que ela não vai conferir se você tá dirigindo bem ou não?
- S15 - Tudo bem, não precisa falar pra pessoa, “ah, se você não obedecer, você vai ver, vou pegar o burro de volta”.
- T - E se o garoto soubesse que a Nani o estava espionando? Ele desobedeceria? Camila, você que interpretou o menino, desobedeceria?
- S17 - Não, porque ele tinha respeito por ela.
- T - O que é respeito, S17?
- S17 - É não fazer alguma coisa que chateia as pessoas.
- T - E ele ia chatear a Nani só se ela estivesse vendo?
- S17 - É.
- T - Desobedecer à ordem dela sem ela ver, não é desrespeito, então?
- S17 - É também, mas...
- T - Mas o quê?
- S17 - Ele não queria magoar ela de um certo modo.
- T - Então ele não a desobedeceria para não magoá-la porque se ela visse ela iria ficar magoada e se ela não visse ela não se magoaria?
- S17 - É, mas ele tinha vontade de desobedecer, por isso que eu falei, se ela não tivesse vendo tudo bem.
- S21 - Eu também acho que se ela tivesse olhando, ela não faria por causa de tudo que ela fez por ele, e ela ia ficar chateada.
- T - Ela ia ficar chateada só se ela visse ele desobedecendo?

- S21 - É, se ela não visse, ela não ia ficar chateada. Por causa de tudo que ela fez, e ele ia desobedecer ela na frente dela, ela ia ficar muito chateada.
- T - Mas ela não ia se chatear se ela ficasse sabendo depois?
- S21 - Ia, ela só não ia ficar chateada se ela não ficasse sabendo.
- S25 - Ele ia ficar meio envergonhado na frente dela.
- T - S15, se ela não estivesse vendo, ele também estaria desobedecendo ela?
- S15 - No caso dele, sim.
- S23 - É, dona, mas se ela visse, ele ia ter medo de magoar ela.
- S12 - Eu não também porque ela ia ficar meio triste.
- T - E se ela não tivesse espionando, e ele tivesse desobedecido, ela? Isso não é desrespeitoso?
- S12 - Não.
- S23 - Eu acho que é também.
- T - Por quê?
- S23 - Porque o ato dele é o mesmo.
- T - Como assim?
- S23 - Assim, dona, ele ia estar desobedecendo do mesmo jeito, ela vendo ou não.
- S15 - Ah, dona, se ela ta olhando a gente pensa duas vezes antes de agir, vamos supor, minha mãe dá um carro pra mim, eu não vou fazer certa coisa, correr, na frente dela, mas quando eu tiver com meus amigo, eu vou.
- T - E você não estará desrespeitando ela do mesmo jeito?
- S15 - Não. É mais grave quando ela ta vendo.
- T - Então, se ela não descobrir que você ta desobedecendo às ordens dela, tudo bem?
- S15 - Não, se ela descobrir, eu até to, mas ela ia ficar mais triste se ela visse eu desobedecendo.
- T - Mas ela vendo ou não, o seu ato não seria o mesmo?
- S15 - Seria, mas...
- S23 - Por exemplo, que nem o Nani-Ogro falou pra eu fazer só na casa da minha mãe, por exemplo, se fosse eu, desobedeceria, eu ia chegar pra ela e falar que eu fiz isso e o porquê, porque eu acho que é melhor ela ouvir da minha boca do que da boca dos outros que eu fiz uma coisa errada.
- T - Gente, vamos pra pergunta: é pior desrespeitar a Nani se ela estiver olhando? Por quê?
- S26 - Não, Taciana, se você faz uma coisa na frente da sua mãe e uma coisa escondido você vai ta desobedecendo a mesma coisa, o ato é igual.
- T - Quem discorda do S26?
- S13 - Não, ele ta olhando é mais grave porque parece que ele ta desafiando. É mais falta de respeito.
- S26 - Não, mas o ato é o mesmo.
- T - (Releitura do momento 2A)
- T - S9, você que fez o papel do estalajadeiro na dramatização, o que você sentiu na hora que o menino chegou lá e falou que o burro fazia dinheiro?
- S9 - Ah, eu senti uma desconfiança, né, é meio estranho um burro fazer dinheiro.
- T - Por que você sentiu isso?
- S9 - Porque eu nunca tinha visto um burro fazer dinheiro.
- T - E o que te deu vontade de fazer?
- S9 - Deu vontade de ver se era verdade, claro, eu queria ver se era verdade.
- T - Por quê?
- S9 - Porque eu queria o dinheiro do burro.
- T - Por que você queria o dinheiro do burro?
- S9 - Pra eu ter dinheiro, não ter vida dura, comprar as coisas que eu quiser.
- T - Você faria o mesmo se estivesse no lugar do estalajadeiro?
- S9 - Faria.
- T - Por que, S9?
- S9 - Ai, dona, quem não faria, imagina toda vez que você quisesse um dinheiro, você ia lá e falava pro burro.
- T - E o que você sentiu quando fez o mesmo que o estalajadeiro no momento da dramatização, pegando o burro que faz dinheiro pra você, e colocando um outro burro no lugar?
- S9 - Não foi muito certo o que ele fez, mas eu queria um burro que faz dinheiro.
- T - E por que você acha que não foi muito certo?
- S9 - Por que não é certo roubar do menino, coitado.
- T - Por que não é certo roubar do menino?
- S9 - Porque ele ganhou o burro, o burro era dele.

- T - E você faria o mesmo que o estalajadeiro?
- S9 - Faria, mesmo achando que não era certo porque eu queria ter o burro só pra mim, pra minha família.
- T - E isso é justo?
- S9 - Não.
- T - Por quê?
- S9 - Porque não é justo roubar.
- T - E por que você roubaria?
- S9 - Eu não posso pegar uma coisa que não é minha, mas eu pegaria, não sei, a vontade de ter dinheiro é maior.
- T - E o resto da sala, por que vocês acham que o garoto teve o burro trocado?
- S15 - Porque ele contou pros outros que o burro fazia dinheiro.
- S13 - Pela inocência também, né.
- T - Isso foi uma punição pro garoto?
- S26 - Ah, foi burrice, você tem um cofre de dinheiro, você vai lá e vai falar “oh, tá atrás do armário, a senha é um, dois, três, é só você abrir e catar”.
- S15 - É a mesma coisa.
- T - Então você acha que ele teve o burro trocado porque ele foi inocente de contar que o burro fazia dinheiro, é isso?
- S26 - É isso mesmo.
- S6 - Porque ele não pensou o que ele fez, porque ele podia pensar assim, se eu falar que o meu burro tinha dinheiro, ele vai pegar meu burro, né, e ele não devia falar nada, devia só falar pra guardar o burro e no outro dia vir embora.
- T - Gente, e foi justo acontecer isso com o menino?
- S15 - Foi. É pra ele aprender a guardar os segredos dele. É a mesma coisa, eu falo, assim, olha o tênis da Nike que eu comprei, e o Vítor fala, ah, tá, onde que tá, e eu falo, ah, tá em tal lugar, o cara vai lá, catar, põe um falso lá e você vai lá e vê que não é o mesmo. Por isso, pra aprender a guardar segredo.
- S23 - Dona, eu acho que é castigo por ele desobedecer a Nani-Ogro.
- T - Um castigo por ele ter obedecido a Nani-Ogro? E castigo de quem, S23?
- S23 - Ah, de Deus, sei lá.
- T - Por que você acha que foi castigo de Deus, S23?
- S23 - Ai, não sei.
- S17 - Eu acho que foi consequência dele, não é nada a ver com Deus. Você tem em troca se você é bom ou mau.
- S21 - É, se você fizer uma coisa boa, vai ser retribuído, se for má, vai pagar.
- T - Mas quem vai retribuir e quem vai pagar, S21?
- S21 - Ah, por Deus, sei lá.
- S17 - Eu não acho, acho que é consequência dele.
- T - Como assim, S27?
- S17 - Olha, ele falou que o burro fazia dinheiro pra um cara que era mau caráter, foi por isso que ele foi roubado.
- T - Então, nós temos duas hipóteses, é isso, a primeira foi a de que o burro foi trocado por “consequência”, usando as palavras da Camila, do ato dele, que foi contar pro estalajadeiro e a outra hipótese foi a de que foi castigo de Deus, como a S23 e a S21 disseram.
- S17 - Eu acho que foi uma consequência dele.
- T - Consequência dele, explica melhor, S17.
- S17 - Ah, ele quis se achar, falou que tinha um burro, daí o cara que já não era dos melhores, assim, pegou o burro dele.
- S15 - PP, mas a gente pode falar que não é inocência porque no texto a gente não tem a idade dele.
- T - Pra ser inocente tem idade, S15?
- S15 - Tem, uma criancinha tudo bem ser inocente a esse ponto, mas um menino de treze anos é tonto.
- T - Então, mas será que a gente não conhece nenhum adulto inocente, S15?
- S15 - É, mas...
- S26 - Mas não foi inocência, ele quis se gabar porque ele tem um burro que faz dinheiro.
- T - S23, e por que você acha, então, que foi castigo de Deus?
- S23 - Ah, porque todo mundo fala, sabe, tem que, se você faz alguma coisa, Deus vai saber, vai castigar e o que você fez pra outra pessoa vai voltar pra você e isso sempre acontece.
- T - Ah, isso sempre acontece, Deus vê tudo que nós fazemos?
- S23 - Deus tá vendo tudo, dona.
- S17 - Imagina, não é, é consequência.
- T - Consequência do quê?

- S17 - Do ato dele.
T - E por que, Camila, não pode ser por castigo divino?
S17 - Porque não é Deus, são as pessoas que escolhem se vão fazer uma coisa ruim ou não.
T - E nesse caso, S23, o que você acha? Como que Deus faz a justiça se as pessoas podem escolher, como a Camila disse?
S23 - Ah, não sei.
S15 - É que nem ela falou, é a consequência, mas a consequência vem de Deus também.
S17 - Não é não.
S21 - É como eu disse, você plantou, você colhe.
T - Espera um pouco, S15, o que você quis dizer quando você falou que a consequência vem de Deus?
S15 - Ai, PP, é difícil de explicar.
T - Tenta!
S15 - Não sei.
S21 - Não tem explicação.
T - Por que, S21?
S21 - Porque é consequência do ato dele.
T - Mas você não tinha falado que o castigo vem de Deus?
S21 - É, mas eu mudei.
S17 - Mas também tem o destino, né, tipo, você quer uma coisa, tipo, você vai escolher que caminho tomar.
T - Como assim, Camila, explique melhor.
S17 - Assim, Deus pode até pôr coisa no caminho da gente, coisas ruins, mas é o ser humano que escolhe, se ele rouba e fica rico ou se ele rouba e vai pra cadeia.
S26 - Ah, tem tanto ladrão que rouba e não ta preso, você acha que Deus quer que ele fique solto?
S21 - Mas você não tem que pensar só em ir pra cadeia, tem que pensar na consciência, se eu roubar um real do estojo dela, eu não vou preso, mas não vou me sentir bem.
T - Por que, S21?
S21 - Porque eu vou fazer uma coisa que não é legal pra uma outra pessoa.
S17 - Eu continuo achando que foi por consequência da boca grande dele.
S15 - Eu acho que se juntar os dois dá a mesma coisa.
T - Por que, S15?
S15 - Porque, pela ingenuidade dele, ele teve castigo divino.
T - Por que, castigo divino?
S15 - Deus fez o burro sair das mãos dele porque ele desobedeceu e porque ele falou pro estalajadeiro.
T - Não entendi, Deus fez o burro sair das mãos dele, ou ele teve o burro trocado porque falou que o burro fazia dinheiro para uma pessoa de má índole, que lhe roubou o burro?
S15 - Ai, PP, assim eu fico confuso, eu saio dessa aula com a cabeça doendo.
T - É, S15, por que?
S15 - Porque eu fico pensando, aí eu to com a resposta na ponta da língua, mas você me deixa confuso, aí eu fico sem saber o que é a resposta certa.
T - Por que você acha que sente isso nessa aula?
S15 - Porque cada um fala a sua opinião.
S26 - Mas, PP, foi castigo de ele desobedecer a Nani-Ogro.
T - Por que você acha isso, Vítor, explica melhor.
S26 - É, ela falou pra ele não falar, ele falou.
S21 - Olha, PP, eu to achando que as três tem o mesmo sentido.
T - Como assim Janaina? Vocês falaram que era castigo de Deus, vocês falaram que foi uma consequência do ato dele e vocês falaram que foi porque ele desobedeceu a Nani, e ele desobedeceu a Nani, fazendo o burro obrar dinheiro. Cada uma das alternativas tem um porquê diferente.
S21 - É.
S17 - Ele vivia desobedecendo, nunca fez nada na escola, até que foi expulso, então vocês vem me falar que ele é ingênuo. Ele não tem nada de ingênuo.
S23 - Dona, não sei, mas eu acho que foi porque ele falou.
S15 - Ai, fala uma coisa e depois fala outra.
S23 - Eu to pensando, moleque, não posso mudar?
T - Lógico que pode mudar! Nós estamos aqui pra fazer reflexão, né.
T - Porque você mudou, S23.
S23 - Porque é mais lógico.
T - O que é mais lógico?
S23 - Ter o burro roubado por causa que ele falou pro estalajadeiro que o burro fazia dinheiro.
T - Por que você acha isso?

- S23 - Porque eu fico pensando, é mais fácil de explicar, de imaginar.
T - Por que é mais fácil de explicar?
S23 - Porque dá pra gente imaginar e não dá pra imaginar, sei lá, que Deus fez as coisas, mas pode ser também porque Deus fez as coisas.
T - Mas e aí, o que você decide?
S23 - Ai, eu ainda não sei, dona, tenho que pensar melhor.
T - Pessoal, e se vocês estivessem no lugar do estalajadeiro, fariam o mesmo?
S26 - Faria.
T - Por que, S26?
S26 - Ah, quem mandou ele falar e não é sempre que se vê um burro que faz dinheiro.
T - Mas você faria isso porque o menino te falou?
S15 - É, veio, se eu te falo a senha do meu cartão do banco, você vai lá e pega o meu dinheiro, só porque eu te falei a senha?
S26 - Não, mas pra dar um castigo no menino.
T - Então, não foi castigo de Deus, como já foi falado?
S26 - Claro que não. Além de ficar rico, eu queria fazer dinheiro toda hora, não precisava mais trabalhar.
S15 - Então, eu acho que é a mesma coisa que o S26 falou, só que eu podia pegar, colocar o burro pra fazer dinheiro e colocava o dinheiro perto do burro que não faz dinheiro. Aí ele ia levar o burro que não faz dinheiro e um pouco de dinheiro. Pelo menos, ele ficava com dinheiro.
T - Espera aí, deixa eu ver se eu entendi o que você faria, S15, o que você acharia mais justo fazer, você ia fazer o burro fazer dinheiro, ia colocar o dinheiro ao lado do burro falso, e o menino ia levar o burro falso com o dinheiro e você ia ficar com o burro verdadeiro. É isso?
S15 - É, eu ia ficar com a consciência não muito pesada.
T - O que é consciência pesada?
S15 - Me sentir mal porque eu roubei, fiz uma pessoa sofrer.
T - Por que você iria ficar com a consciência não muito pesada?
S15 - Porque eu ia deixar um pouco pra ele também.
T - E isso seria justo? Você se sentiria bem ficando com o burro e deixando um pouco do dinheiro do burro com o falso pro menino?
S15 - Ia ficar pensando só um pouco, não como se eu tivesse pegado o burro e trocado, né.
T - Pensando?
S15 - É, PP, me sentindo culpado.
T - Mas você se sentiria culpado, então.
S15 - É, mas só um pouco.
S6 - Eu não roubaria.
T - Por que, S6?
S6 - Oh, ia ser excesso de roubo isso aí. Porque eu ia pegar uma coisa que não ia ser minha de qualquer jeito. Mas eu podia pegar o balde, encher de dinheiro, levar para minha casa, e poderia deixar o burro.
T - Deixar o burro pro menino?
S6 - É.
T - E isso ia ser justo? Você não ia pegar o que não é seu?
S6 - Ia, mas..
T - O que, S6?
S6 - Não ia ser tão grave porque eu não ia prejudicar ele.
S26 - Mas o seu dinheiro não vai acabar?
S15 - Ah, mas você podia catar uns cinco baldes e encher?
T - É justo fazer isso, S15?
S15 - É porque nem eu e nem ele vamos ficar sem nada, não é certo ficar com o burro só pra mim, porque coitado do menino.
T - E por que é certo ficar com cinco baldes de dinheiro pra você?
S15 - Ah, porque ele falou que o burro fazia dinheiro.
S17 - Mas se foi consequência, você concordou, não foi merecido, por que você, agora, quer devolver o burro pra ele?
S15 - Ah, mas tem que pensar no menino também. Eu acho que assim, na hora, a gente não vai pensar na história da vida dele, então a gente vai pegar um pouco de dinheiro e sair fora.
T - O que você faria, S17?
S17 - Pegaria o burro pra mim.
T - Por quê?
S17 - Porque é mais justo pro menino pagar pelo ato dele de ter desobedecido o Nani e ter contado pro estalajadeiro.

- T - E é justo ele pagar ficando sem o burro, você acha isso?
- S17 - Ai, tudo é errado, mas a melhor, pensando assim, a melhor pode ser pegar só um pouquinho de dinheiro e devolver o burro, sim.
- T - Por que, S17?
- S17 - Pensando bem, eu acho mais justo.
- T - Por que você acha mais justo?
- S17 - Ai, o justo, acho que é não pegar mesmo.
- S15 - Ai, decide, menina.
- S17 - Calma, to pensando num monte de coisa, e não pegaria o burro e o justo é não pegar nem o dinheiro. Eu acho que eu não ia fazer coisa errada só porque o menino tava fazendo coisa errada, contando. E a personalidade?
- S15 - Você não falou que é consequência?
- S17 - Então, se ele colhe o que ele planta, uma hora, ele vai se dar mal, mas não vou ser eu que vou ferrar com ele.
- T - O que é plantar pra colher e o que é ferrar com ele, S17?
- S15 - Vamos supor, você vai lá e rouba alguém, um dia alguém vai lá e rouba você porque você plantou isso.
- T - É isso, S17, o que ele disse?
- S17 - É isso.
- S21 - É, você plantou hoje e vai colher amanhã.
- T - Explica com outras palavras, S21.
- S21 - É que nem o S15 disse, rouba hoje, amanhã você pode ser roubado.
- T - E você só vai ser roubado se alguém rouba de você?
- S21 - É.
- T - Você não pode ser roubado se você nunca roubou de ninguém?
- S21 - É, posso.
- S13 - Quando você faz um mal pra pessoa, alguém pode fazer o mal pra você.
- T - Mesmo que esse alguém seja eu mesmo?
- S15 - Se a gente for pensar, só que o estalajadeiro pegou por causa que é consequência, a gente acha justo, mas se for pensar no menino, não.
- T - Explica melhor, S15!
- S15 - Se a gente se colocar no lugar do estalajadeiro só, só do estalajadeiro, a gente vai achar justo, mas se a gente pensar no lugar do menino, não é legal. Se a gente fosse o estalajadeiro, a gente não ia conhecer o menino. Se a gente conhecer o menino, a gente não pega. Vamos supor, a Camila é o menino, eu não sei nada da vida dela, eu vou lá e pego dela, agora, no meu caso, que já sei da história é certo dar o burro e pegar o dinheiro.
- S17 - Se você fosse o menino você ia gostar?
- S15 - Eu não.
- T - Por que não?
- S26 - Gente, mas quem mandou ele desobedecer, quem mandou ele falar pro estalajadeiro?
- S17 - Mas quem vai fazer coisa errada vai ser o estalajadeiro, não o menino.
- S23 - No caso, o menino ia aprender, por exemplo, ele nunca mais ia abrir o bico e falar o que não deve. Daí ele ia aprender, com esse fato que aconteceu a não desobedecer mais a Nani-Ogro e não falar as coisas.
- T - Como assim, ele ia aprender a não desobedecer mais a Nani-Ogro?
- S23 - Porque ia ser uma lição pra ele, se a gente desobedece à mãe, a gente se ferra.
- T - Por quê?
- S23 - Porque a mãe descobre.
- T - Ela sempre descobre?
- S23 - Pode demorar um pouco, mas ela sempre descobre.
- T - Como ela descobre?
- S23 - Alguém conta, não sei.
- T - E se ela não descobrir?
- S23 - Aí, pode ser até que a gente não se ferre.
- T - Então não é sempre que a gente se ferra quando desobedece à mãe?
- S23 - É, pensando assim.
- T - Por que não deu certo, gente?
- S26 - Ai, dona, porque o cara trocou o burro.
- T - Por que o estalajadeiro trocou o burro? Por que não deu certo, Rafaela?
- S23 - Porque o burro que dava dinheiro tava com o estalajadeiro.
- S15 - Ta vendo não foi Deus, foi consequência dele.
- T - Foi justo isso acontecer?

- S17 - Olha, uma vez que ele “coisou” lá na rua, fez o burro fazer dinheiro, foi porque ele queria impressionar a mãe, né, ficou com medo de chegar lá e não ter dinheiro. Só que, do mesmo jeito, ele chegou lá e não tinha dinheiro. Ele não tinha que desobedecer.
- T - E aí, S15?
- S15 - Sei lá, eu fico muito confuso nessa aula.
- T - Por quê?
- S15 - Porque as pessoas vão falando, parece que vai dando cheque-mate na gente, eu fico confuso, parece que tudo que eu achava antes agora não ta certo.
- T - Por quê?
- S15 - Às vezes a gente não pensa em todos os pontos.
- T - E aí, gente, foi justo acontecer isso com o Toni?
- T - Camila, você que interpretou o garoto na dramatização, achou justo o que aconteceu com ele?
- S17 - Achei bem feito, quem mandou ele contar.
- S23 - Foi justo porque ninguém mandou ele falar que tinha o burro.
- T - E o que vocês fariam se estivessem no lugar da mãe do Toni? Você, Janaina, o que você sentiu quando viu o Toni chegar com o burro?
- S21 - Senti vontade de abraçar ele, porque eu tava com saudade.
- T - E depois que ele jogou toda a sua comida fora e sujou a sua colcha com estrume do burro?
- S21 - Eu bateria nele.
- T - Você sentiu vontade de bater?
- S21 - Senti.
- T - Você achou justo fazer isso com o menino?
- S21 - Achei.
- T - O que você sentiu quando você tava batendo no seu filho?
- S21 - Eu senti que ele tava fazendo uma coisa errada, ele chegou lá, disse que o burro fazia dinheiro e sujou tudo.
- T - E você achou justo fazer isso com ele?
- S21 - Achei sim, ele jogou a minha comida fora, sujou, me deu muita raiva, eu bateria nele sim.
- S23 - Ah, mas ela bateu nele porque ela não sabia da situação. Você poderia conversar com ele e descobrir qual era a intenção dele com o burro, o que tinha acontecido, escutar ele.
- S21 - É.
- T - Mas te deu vontade de conversar com ele depois do burro ter feito sujeira na colcha?
- S21 - Não, deu raiva e vontade de bater nele, ele sempre aprontava.
- S26 - É, só que ele podia ir embora de novo e você não podia ver mais ele.
- S21 - É verdade, não ta certo.
- T - Mas na hora você não sentiu nada disso, S21?
- S21 - Não.
- T - Por que você acha que não sentiu nada disso?
- S21 - Porque eu só fiquei observando que o burro não fez dinheiro, na hora, a gente age com a emoção, eu fiquei achando que ele ia fazer, mas na hora, não fez nada. Eu nem pensei em ir conversar com ele pra ver o que tinha acontecido.
- T - Você acha que a melhor coisa a se fazer naquela hora era bater?
- S21 - Era.
- S15 - Mas você não ficou feliz de ver ele de volta?
- T - E aí, Jana, por que você bateu nele novamente?
- S21 - Porque ele fez coisa errada de novo.
- S15 - Ah, e não tem que pensar duas vezes antes de agir, não.
- S21 - Eu poderia ter pensado, mas na hora, assim, você não pensaria, tenho certeza, eu dramatizei, eu sei, na minha opinião.
- T - Você ta dizendo que você que representou a mãe do menino, que dramatizou a ação dela, que viu o burro fazer tudo aquilo na sua colcha, você não teria pensado, você já teria batido?
- S21 - É.
- T - Mas você acha isso justo?
- S21 - Não.
- T - Por quê?
- S21 - Puxa, porque ela já bateu nele uma vez, ele foi embora, ela sentiu falta, ele voltou, e agora ela bate de novo, não é justo. Tinha que ver o que tinha acontecido primeiro.
- T - Então, o que seria justo fazer?
- S21 - Conversar.

- S15 - Mas também ele tinha que apanhar, tudo bem, ele foi enganado, mas tinha que jogar a comida dela fora?
- S3 - Eu não acho que tem que bater, eu ia falar para limpar o que ele fez, a sujeira, é o melhor, e perguntar pra ele o que tinha acontecido, porque ele também tem o direito de se explicar.
- T - Você acha que nem na hora você teria vontade de bater nele?
- S3 - Teria sim, mas eu não acharia certo, justo.
- S6 - Eu faria assim, do jeito que ele jogou a comida fora, eu falaria assim: “olha, filho, você jogou minha comida fora, agora você vai ter que comprar outra”.
- T - Por que isso seria mais justo, S6?
- S6 - Porque, assim, além dele voltar pra casa, ela ficou contente, tudo, ela deveria ter perguntado, não devia ter jogado fora, né.
- T - Por que você acha que a opção que você deu é a mais justa, Bruno?
- S6 - Porque assim eu vou ajudar ele a melhorar.
- S3 - É, o menino tava tentando ajudar.
- T - Ou seja, a intenção dele foi boa, é isso?
- S3 - É.
- S26 - Eu acho que todo mundo teria vontade de bater, dona, mas eu não faria.
- S21 - Lógico que teria, eu dramatizei, eu sei.
- T - Você acha que porque você dramatizou você pode afirmar com mais certeza isso, Janaina?
- S21 - É, eu senti na pele.
- T - E quem acha que seria justo o menino apanhar?
- S15 - Eu ia mandar ele lavar a colcha e vender o burro pra dar o dinheiro pra mãe.
- T - Por que isso seria justo?
- S15 - Porque ia dar dinheiro pra matar a fome da mãe e ia lavar a colcha e deixar a colcha limpa pra mãe dormir.
- T - Por que, S26, não é justo bater?
- S26 - Bater não leva a nada.
- T - Por que bater não leva a nada?
- S26 - Bater ele vai ficar com raiva, vai embora de casa.
- T - Um menino de outra sala disse pra mim que vale bater sim, porque se ela batesse, ele ia ficar com medo e não ia fazer de novo.
- S26 - Não, ele ia ficar com mais raiva, mais revoltado.
- S13 - Dependendo da pessoa não entende porque ta apanhando.
- T - Como assim, S14?
- S13 - Ela não sabia que o burro foi trocado, ela não sabia da intenção dele, tem que conversar.
- S17 - Você ia ficar revoltada porque você tava tentando fazer a coisa certa.
- S12 - E tentando ajudar, ué.
- S26 - O menino também não sabia que o burro tava trocado. Ele devia trabalhar pra ajudar.
- S15 - Mas tem alguma coisa que vale bater.
- T - Quando?
- S15 - Uma criança pequena que dá um tapa na cara da mãe.
- S26 - Bater pra mim não é certo.
- S21 - Não é bater, é dar uns tapas, ela é pequena, ele não vai entender se você não der um tapa que ele fez coisa errada.
- S15 - É, criança precisa apanhar pra aprender.
- T - O que é ser criança, S15?
- S15 - Ai, criança, bem pequenininha, que faz as coisas sem pensar.
- S26 - Não, não tem que bater, tira o vídeo-game.
- S23 - Dona, mas tirar o vídeo-game, bater, não funciona.
- T - Por que, S23?
- S23 - A minha irmã deixa de fazer as coisas mas ela não entende que é errado o que ela fez. Tem que conversar e ela é pequena. Aí, ela pode até não fazer, mas porque ela vai ficar com medo da minha mãe.
- T - E por que ela tem que deixar de fazer o que a sua mãe pediu? Você disse que não pode ser por medo.
- S23 - É assim, ela não vai entender que ela fez alguma coisa, tipo, alguma coisa errada.
- T - E você não quer que ela faça a mesma coisa errada e não que ela fique com medo de você? É isso?
- S23 - É, não adianta tirar o vídeo-game.
- S26 - Ela vai aprender que se ela fizer de novo, ela vai perder o vídeo-game.
- T - Ela não vai fazer mais o que ela havia feito de errado porque ela vai ficar com medo de ficar sem vídeo-game, é isso?
- S26 - É.

- S23 - Mas ela vai aprender que bater na cara da mãe tá errado?
 S26 - Vai, sim, senão ela não apanhava.
 S23 - Eu não acho, não vai.

Momento 3

- S14 - Ah, ele ficou com uma inveja do pano dele, aí, ele foi lá e pegou.
 S26 - Mas também ele quer se mostrar pela segunda vez.
 T - Mas o que é inveja, S14?
 S14 - É vontade de ter as coisas e não ter, aí você sente uma coisa ruim porque você quer ter essa coisa.
 T - E por que há essa inveja, esse sentimento que a S14 descreveu?
 S15 - Ah, é difícil encontrar um burro que fazia dinheiro e um guardanapo que colocava a mesa.
 S15 - Então, ele queria se mostrar pela segunda vez.
 S25 - Ele já tinha pegado o burro, não tinha porque ele pegou o guardanapo, ele já tava rico, ele podia comprar a refeição que ele quisesse.
 T - O dono da estalagem?
 S26 - É, ele era ganancioso mesmo.
 S15 - Depende, e se a comida do guardanapo era mais gostosa que a que ele comprava.
 T - Lembra da fábula, era uma estalagem de carreteiros, uma estalagem humilde, onde a comida era, provavelmente, simples, né, não era uma comida sofisticada.
 T - E você, Amanda, que interpretou o menino durante a dramatização, por que você acha que você teve o guardanapo roubado?
 S4 - Porque ele foi muito burro de chegar e de falar pros outros.
 S26 - É, dona, se ele tava com fome, no caso, se ele não queria comer a comida da estalagem, ele que entrasse no quarto e fizesse dentro do quarto.
 S4 - É, e ainda guarda no bolso.
 T - E você, no papel do menino, acha que ele mereceu ter o guardanapo roubado?
 S4 - Acho, porque assim, se eu fosse no lugar dele, eu não ia falar “olha, eu tenho um guardanapo”, mas ele mereceu, sim.
 T - Por quê?
 S4 - Porque ele falou e ele provou e no que que ele falou e ele provou, os caras podia até deixar numa boa, mas ele guardou o guardanapo no bolso e foi dormir.
 T - Lá na outra sala, eu fiz esta mesma pergunta e me falaram assim que Deus quis assim, foi bem merecido, porque Deus quis. O que vocês acham a respeito dessa afirmação?
 S25 - Eu acho que assim, não tem nada a ver com Deus querer porque Deus, ele gosta de todo mundo igual. Deus não ia querer que uma pessoa morresse, por exemplo, chega a pessoa ao extremo e diz “oh, morreu porque Deus quis”, Deus não quer que aconteça coisas de ruim com as pessoas, então não foi pela vontade dele. Porque assim cada ato gera uma reação. Então, assim, não tem nada a ver.
 T - Fala, S15.
 S15 - Ele mereceu porque ele já tinha perdido o burro, ele desobedeceu pela segunda vez.
 T - E vocês que fizeram o estalajadeiro na dramatização, a S16 e a S22, vocês teriam feito a mesma coisa? O que vocês sentiram na hora que vocês viram que ele falou para vocês que o guardanapo colocava a mesa com os melhores manjares, que vocês viram que ele fez isso, o que vocês sentiram?
 S22 - Eu queria o guardanapo pra mim.
 T - Por que, S22?
 S22 - Porque aquele guardanapo fazia comida, já pensou, tipo, se um dia eu falisse, por exemplo, eu podia ter aquele guardanapo, eu não ia passar fome!
 T - E você, Letícia?
 S16 - Ah, eu também.
 T - Você também teve vontade de pegar o guardanapo?
 S16 - É, tive, podia me ajudar bastante, eu não ia mais fazer comida, já tava tudo prontinho.
 T - Tá, agora, se vocês estivessem no lugar do estalajadeiro, vocês pegariam também?
 S22 - Eu pegaria.
 T - E isso seria justo?
 S22 - Não, justo não.
 T - E por que não?
 S22 - Porque eu taria roubando.
 T - Mas você sentiu vontade de pegar?
 S22 - Senti.
 T - Por quê?

- S22 - Porque eu vi aquele guardanapo fazendo um banquete.
T - Mas então você faria uma coisa que não é justa?
S22 - Ai, dona.
T - O quê?
S22 - Eu faria, mas não era justo.
T - E você, S16, acha justo?
S16 - Acho porque ele se achava, ficava mostrando.
T - Você acha justo porque, na sua opinião, ele se exibiu com o guardanapo?
S16 - É isso.
S21 - Mas é justo você roubar?
S16 - É, quem mandou ele se achar.
S15 - Assim, se a gente se colocasse no lugar do estalajadeiro, a gente podia ajudar ele como uma fora de ele aprender, a gente podia pegar, esconder o guardanapo, e ele ia acordar e ia ver “nossa, cadê o meu guardanapo?”, daí, ele vai lembrar que ele contou. Então, ele vai falar “não, vocês não viram, vocês não viram?”, daí vão falar “não”, daí ele vai ficar meio triste, daí, você fala “olha, tá aqui o seu guardanapo, só que você tem que aprender a não se achar”.
- S14 - Ai, S15, mas o guardanapo é dele. Você vai esconder uma coisa que não é sua, só porque ele falou pro guardanapo servir ele? Você não tem nada a ver com isso, o guardanapo é dele.
S15 - Eu posso ensinar ele porque ele vem se mostrar de novo. Ele podia simplesmente esconder e depois dar pra ele de volta.
S25 - É que nem o S15 falou seria bem mais justo do que roubar o guardanapo, né, tipo se o estalajadeiro tivesse passado necessidade, quisesse pegar comida, era só ele pedir, tipo, ele dava lição e falava assim “oh, agora, eu to devolvendo o guardanapo, só que eu queria te pedir pra você deixar um banquete pra mim porque eu queria ter comida não só para pôr aqui na estalagem, mas pra eu comer mesmo na minha casa e, como você falou, era uma estalagem humilde, provavelmente, ele passava necessidade, daí ele podia pedir também em troca da lição que ele deu e ele devolve o guardanapo.”
- S15 - Que nem a S14 falou que nenhuma das opiniões é justa, eu acho que não tem nada a ver, porque assim, aprender vai ser lucro pra ele.
T - Por que você acha que ele vai aprender tendo o guardanapo trocado?
S15 - Eu não sei se ele vai aprender, mas ele pode aprender com isso, daí ele vai ver que ele podia ter sido roubado, ele vai começar a lembrar.
S14 - Mas ele vai aprender com uma pessoa que roubou o próprio burro dele?
S15 - Mas e daí, ele não sabe que o homem roubou o burro.
S14 - Ah, não, ele descobriu na casa da mãe dele quando o burro não fez dinheiro.
S25 - Mas só tinha ele de estalajadeiro lá?
S27 - Ah, lá não tinha também negócio de quem viaja? Que larga o caminhão lá e se foi alguém que pára lá com o caminhão que viu e roubou, ninguém sabe quem foi.
S21 - Mas ninguém sabia do burro.
T - Só o estalajadeiro que sabia.
S27 - E se alguém parou lá e viu?
S25 - É, eu acho que há uma probabilidade.
S15 - Ah, mas eu acho que não.
T - Vítor, você acha que ele mereceu ter o guardanapo trocado?
S26 - Não é justo roubar, mas nesse caso sim.
T - Se você tivesse no lugar do estalajadeiro, você teria pegado?
S26 - Eu não teria porque eu não acho justo roubar, mas ele foi burro de ter feito pela segunda vez.
T - Mas você sentiria vontade?
S26 - Vontade eu ia ter, mas não ia roubar.
T - Por que você ia sentir vontade?
S26 - Ah, porque não é todo dia que se vê um guardanapo que põe a mesa.
S 25 - Na maioria das vezes é assim, quando você não tem, você quer ter e quando você tem, às vezes, você nem liga, nem dá bola, eu acho que foi isso que aconteceu. Quando você vê uma pessoa com uma coisa que você não tem, legal, que você gosta, você vai querer na mesma hora, porque você gostou daquilo.
T - E é justo eu pegar essa coisa pra mim?
S14 - Você vai roubar?
S25 - Não, mas eu não to falando que eu roubaria, só to falando na hora que a PP perguntou pra ele, porque que ele sentiu vontade.
T - Você acha então que todo mundo sentiria vontade?
S25 - Ah, a maioria das vezes, quando tem uma coisa assim, legal, nova, assim, você vai querer pra você, porque você nunca viu, você acha legal.

- S14 - Ai, eu vou querer o meu, não o dos outros.
- S15 - Então.
- S25 - Ela não perguntou porque que ele queria ter, é isso que eu to tentando falar, não to falando que eu ia pegar dos outros só pra eu ter.
- S15 - É um sentimento do ser humano.
- T - O que você falou, S15, é um sentimento do ser humano? Explica melhor sua idéia.
- S15 - Porque assim, eu acho que assim, se você ver, você ta com vontade de ter um tênis da Nike, você fala, “nossa, quero ter aquele tênis, né”, daí, você vê, vamos supor, seu amigo passando, você vai falar “nossa, vou querer um igual aquele”, daí, você não vai querer batalhar pra pegar.
- T - Como assim, batalhar pra pegar, não entendi!
- S15 - É, pra conseguir o seu, sentimento do ser humano, ele vai querer sempre as coisas, ele tem inveja.
- T - Mas de que forma você batalharia para ter o tênis?
- S15 - Ah, não sei, pedindo pra minha mãe, trabalhando ou roubando mas eu não faria isso por inveja.
- T - Por que, S15?
- S15 - Porque não é justo, quem tem o tênis também batalhou para ter esse tênis.
- T - S15, o fato de você querer muito uma coisa justifica o ato do roubo?
- S15 - Não, eu justifiquei, assim, no caso da vontade, assim.
- T - Mas deixa justo o roubo?
- S15 - (Silêncio)
- T - E aí, S15, não ouvi, é justo eu pegar alguma coisa de alguém pelo fato de eu não ter e de eu querer muito?
- S15 - Acho que não.
- T - Por quê?
- S15 - Porque eu vou estar roubando.
- T - E por que não é justo roubar nesse caso?
- S15 - Porque eu vou pegar uma coisa que não é meu, eu posso ser punido.
- T - Por que você pode ser punido?
- S15 - É.
- T - E se você não fosse punido?
- S7 - É, aquela pessoa também deve ter batalhado pra conseguir aquilo, né.
- T - Você, S15, e se você não fosse punido? Estaria certo?
- S15 - Ah, não sei, acho que sim.
- S23 - Mas o Toni não batalhou pra ter o guardanapo.
- S25 - Mas é assim, ele conseguiu, é dele. O estalajadeiro pode até pensar assim, ele vai e pega, só que ele não ia gostar que alguém tirasse uma coisa dele.
- T - Vamos lá, agora, o guardanapo não pôs a mesa, porque isso aconteceu?
- S25 - Porque ele foi trocado.
- T - S4, você que interpretou o Toni, o que sentiu nesse momento? Por que você acha que o guardanapo foi trocado?
- S4 - Uma pro ter falado e mostrado pro estalajadeiro, eu se arrependi.
- T - Você se arrependeu?
- S4 - Eu se arrependi.
- T - Por que você acha que você se arrependeu, S4?
- S4 - Porque ele roubou o guardanapo e eu fui muito burro de ter mostrado e eu devia ter pensado lá atrás, puxa, oh, eu falei pra ele e ainda mostrei onde que eu guardei quando fui dormir, devia pensar antes.
- S21 - Ai, medo de apanhar da mãe de novo.
- T - Por que, S21?
- S21 - Porque se o burro foi trocado da outra vez, e ele apanhou por causa disso, que ele jogou fora também a comida da mãe dele e agora ele jogou fora a comida novamente.
- S25 - Como assim, ele chegou no meio do caminho, depois que a Nani deu o guardanapo pra ele, ele pegou, colocou no meio do caminho e fez aparecer aquele monte de comida, ele mostrou lá pro estalajadeiro, ele podia muito bem, no meio do caminho ver se era mesmo o guardanapo depois de trocarem o urro, pra não chegar na casa da mãe dele e passar por tudo aquilo.
- T - Mas ele não queria comer a comida da estalagem, imagine você, S25, com um guardanapo que colocasse a mesa, com a comida que você mais gosta!
- S25 - Então, só que depois que ele fosse embora, do mesmo jeito que ele quis comprovar se a Nani falava a verdade, ele podia ver se era mesmo o guardanapo, eu ia pensar “o estalajadeiro trocou o meu burro, quero ver se ele trocou o meu guardanapo também, ele podia ir lá e conferir, daí ele não ia precisar ir pra casa da mãe dele, jogar a comida dela fora.
- T - Se vocês estivessem no lugar da mãe, o que vocês fariam?

- S25 - Conversava. Assim, ele fez uma coisa errada, só que ele tem que ver que ele fez uma coisa errada, se ela já bateu da outra vez e não adiantou, tem que pensar em outra alternativa, ele tinha que arrumar outra comida pra mim, pra ta tudo bem. Ela podia conversar com ele e falar pra ele arranjar um trabalho para ele pagar a comida que ele jogou fora.
- T - S23, você que fez a mãe do Toni durante a dramatização, o que você sentiu vontade de fazer com ele?
- S23 - É o que todo mundo ta falando, vamos conversar, vamos conversar, só que na hora, não dá vontade de conversar, dá vontade de bater.
- T - Por que, S23?
- S23 - Ah, porque eu passei o dia inteiro atrás da minha comida e quando chega lá, ele joga toda minha comida fora. Na hora, eu senti vontade de bater, só que depois que passasse isso, eu ia pensar duas vezes, ia chamar ele e ia conversar.
- T - E você acha que seria justo bater nele?
- S23 - Justo não é, só que...
- T - E por que não é?
- S23 - Ah, porque ninguém gosta de apanhar e ele não ia aprender que o que ele fez foi errado.
- S25 - E bater não funciona, ele já tinha idade suficiente pra entender.
- T - Mas com quanto anos, qual é essa idade suficiente?
- S25 - Criança, criança que depois começa a falar, ela já entende quando você fala não, então ela já entende que aquilo não é pra fazer. Por quê? Porque você falou não.
- T - Ah, e antes de a criança começar a falar?
- S25 - Daí, dava uns tapinhas, porque senão ela tem que apanhar porque ainda ela não entendeu o significado da palavra “não”.
- S23 - Meu primo tem um ano, não fala, mas se você fala não, ele entende.
- S14 - Ai, eu sentiria pena quando eu visse o Toni chegar.
- T - Por que pena, S14?
- S14 - Pena, sei lá, não sei explicar.
- T - O que é sentir pena?
- S14 - Dó, piedade, achar ele coitado.
- T - E por que você ia sentir isso?
- S14 - Não sei.
- T - E o que você teria vontade de fazer com o Toni?
- S14 - Bater nele.
- T - Por quê?
- S14 - Ah, porque na hora, assim, ninguém sabe, eu não pensaria duas vezes, mas depois assim, na hora da raiva, na hora do ódio, você perde um pouco o controle da situação.
- T - Mas isso seria justo?
- S14 - Não, mas...
- T - Quem acha que seria justo bater nele?
- S11 - Eu acho que deveria.
- T - Por que, S11?
- S11 - Ah, porque ele já tinha feito cagada de novo, jogado a comida, eu ia arrebentar ele.
- T - Você ia arrebentar ele? Por que, Jennifer? Isso seria justo?
- S11 - Se ele fez de novo, eh, que nem o burro cagou na cama dela, ela bateu, não resolveu, arrebenta de novo.
- T - Você acha que isso ia resolver?
- S11 - Ai, eu acho.
- T - Por quê?
- S11 - Ah, porque aí ele fala, ai, eu não vou fazer isso porque ela vai bater em mim.
- S14 - Ai, ele não vai fazer por medo. Mas aí, você não explicou porque ele ta errado.
- S15 - Você não conversou com ele.
- T - Você acha que ele vai deixar de fazer porque ele ficou com medo de apanhar ou porque ele aprendeu a lição?
- S11 - Por medo.
- T - Você acha isso justo?
- S11 - Não.
- T - Por quê?
- S11 - Ai, conversando que a gente aprende, né.
- S15 - É, então não seria melhor você conversar com ele?
- S11 - Mas ele merecia apanhar.
- S21 - Assim, do jeito que eu falei, pra conversar com ele, mas assim, na hora que ele chegou, se eu tivesse assim, no lugar da mãe, também sentiria raiva, sabe.

- S27 - Saudade também, né, porque faz quanto tempo que ela não vê ele.
 T - Você ia sentir saudade?
 S27 - É, saudade.
 T - Mas você não ia sentir o que a mãe dele sentiu então?
 S27 - Sentia um pouco, mas se ele voltou de novo, com uma idéia nova, tinha que ouvir ele, né, sinal que podia dar certo, né?
 T - Apanhar é justo?
 S25 - Ela bateu nele, é que nem falaram, a gente, na hora da raiva, ninguém pensa, só que na hora da raiva, na hora do ódio, quem que vai pensar duas vezes antes de agir.
 T - Você acha que você consegue ensinar o que é certo para alguém batendo?
 S21 - Claro que consegue.
 T - Por que, S21?
 S25 - Ninguém gosta de apanhar.
 S21 - Ninguém gosta de apanhar, mas na hora que você apanha você vai sentir.
 T - O que é corrigir alguém?
 S25 - É falar que não é certo e o que é errado.
 T - Batendo, a gente consegue corrigir?
 S14 - Eu vou corrigir a base do medo, é o que eu to falando.
 S25 - Mas é a base do medo que a gente pára de fazer coisa errada.
 S14 - Claro que não.
 T - Por que, S14?
 S14 - Tem uma hora que a gente já sabe que é certo, tipo, eu não vou roubar porque é errado, não é justo, não porque eu posso ir preso.
 S25 - Mas não é só na base do medo, você pode pensar também, ai, eu apanhei porque eu fiz aquilo de errado, se eu fizer, vou apanhar de novo, até que você fica com medo e você entende que você apanhou por causa daquilo.
 T - Um menino da outra sala falou assim pra mim, ontem, durante a aula, “eu tenho medo da minha mãe, então eu não vou fazer nada de errado pra ela, mas pra uma pessoa que eu não tenho medo, eu faço”. O que vocês pensam sobre a fala do menino?
 S14 - Eu concordo com o menino, por isso que eu falei que apanhar não resolve.
 S27 - Mas ta, você não fez com a sua mãe, mas e se a pessoa chega e conta pra sua mãe, você vai apanhar do mesmo jeito.
 T - Mas e se não houver a possibilidade de a mãe ficar sabendo?
 S27 - Ah, mas ela vai ficar sabendo, mãe sabe quando o filho faz coisa errada.
 T - Sabe como, se ninguém conta?
 S27 - Ah, sabe, não sei explicar, mas sabe.
 S25 - Ai, PP, quando uma pessoa faz muita coisa errada, vai chegar uma chegar uma hora que vai querer bater.
 T - Você acha que independente se for a mãe ou outra pessoa, essa pessoa vai querer bater nele?
 S14 - Poderia bater nele, mas não tem autoridade, não é nada dele, não é da família, não tem autoridade igual o pai e a mãe.
 S15 - PP, naquela hora que você falou assim, que ele pode não fazer pra mãe dele, mas fazer pra outra pessoa, eu falei, “ah, mas se é uma pessoa brava que bate nele”.
 T - E se a pessoa não bater, S15, ele vai fazer do mesmo jeito? Seria certo?
 S15 - Vai.
 T - Por que ela vai fazer?
 S15 - Porque ela não vai apanhar.
 T - Então ele aprendeu a lição?
 S15 - Aprender, não aprendeu, mas nem toda criança, ela não vai aprender.
 S14 - Assim, uma coisa acontecia quando eu apanhava da minha mãe, quando ela me batia, ela virava as costas, assim, eu sentia tanta raiva, tanta raiva que eu tinha vontade de xingar ela, mas pra mim mesma.
 T - Amanda, você que dramatizou o Toni, o que você sentiu quando você apanhou da S23 que fez o papel da sua mãe na dramatização?

Momento 4

- T - S23, você que interpretou a Nani, o que você sentiu quando você viu o Toni vindo, depois do episódio do burro, do guardanapo, né?
 S23 - Ai, eu vi assim, que ele tava fracassando, né, que tudo que ele fazia não dava certo, fiquei com dó.
 T - E você sentiu vontade de fazer o quê?
 S23 - Bater, não.

- T - Fazer o quê, então?
- S23 - Acolher ele de novo.
- T - E por que você acha que sentiu essa vontade?
- S23 - Porque fiquei com dó dele.
- T - Se você estivesse no lugar da Nani, você o acolheria?
- S23 - Acolheria.
- T - Agora, por que você deu uma clava para ele?
- S23 - Ah, porque assim ele ia aprender com os próprios atos dele. Não eu batendo nele, mas ele ia ver que desobedecendo não leva a nada.
- T - Mas o que iria ter que acontecer com ele para ele perceber que desobedecer não leva a nada?
- S23 - Ele ia aprender.
- T - Mas como?
- S23 - Ai, apanhando, só que eu, no meu lugar, eu não queria bater. Só que de um lado, assim, a Nani conversou com ele, só que ele não aprendeu da forma conversando, então tinha que ser da forma batendo mesmo.
- T - Na opinião de vocês, pessoal, por que a Nani deu a clava pra ele?
- S25 - Ai, pra ele aprender a não desobedecer mais.
- T - Por quê?
- S21 - Pra ele aprender que tudo que ela tava dando é tudo bom, tudo certo. Chegou uma hora que pode ser ruim também, né, no caso e daí precisaria apanhar pra ele ver essas coisas que ela falou.
- T - S14, você que fez o menino, porque você desobedeceu ela três vezes e mais essa vez você desobedeceu também?
- S14 - Por ansiedade, curiosidade, eu acho que um pouco de desobedecer mesmo.
- T - E você acha que o Toni deveria desobedecer ela mesmo?
- S14 - Não, porque quando a gente tem que confiar se a Nani falou pra ele agir so na casa da mãe dele, é porque tinha que agir na casa da mãe dele. E como a Nani já tinha acolhido ele, a Nani não queria o mal dele.
- T - E por que você acha que ele sentiu curiosidade e desobedeceu ela, então?
- S14 - Ah, porque ele queria saber o que é que a clava fazia, se fazia a mesma coisa do guardanapo.
- T - O que é mais forte, o respeito que a gente tem pela autoridade, no caso, a Nani, né, ou o direito que ele tinha de desobedecer, pelo fato de ele estar curioso?
- S14 - O respeito e a autoridade da Nani.
- T - Então, nesse caso, eu tinha que desconsiderar a minha autoridade e obedecer a Nani?
- S14 - É.
- T - E vocês, pessoal, o que vocês acham, o que deve imperar, o que deve sobressair, o respeito pela autoridade ou a vontade que a gente tem de fazer as coisas?
- S12 - A autoridade.
- T - Mas, você, Juan, não faria o que o menino fez?
- S12 - Na primeira vez até que sim.
- T - Só na primeira?
- S12 - Depois, eu já ia ver que ela tava falando a verdade.
- T - E vocês acham justo o que a clava fez com o Toni?
- S25 - Ai, eu acho que foi porque assim, a Nani avisou, falou, desde a primeira e da segunda vez, a Nani tinha falado que era só pra experimentar quando ele tava na casa da mãe dele e ele desobedeceu e assim, apesar dele saber que ele tava fazendo coisa errada, não, ele parou, ele fez de novo, então, eu acho que ele mereceu.
- T - Foi justo?
- S25 - Eu acho que sim.
- T - E por que a Nani resolveu fazer isso com ele?
- S25 - Ah, eu acho que assim, não adianta ela tentar explicar pra ele se ele já era grande, ele já tinha consciência de que o que ele faz é tão errado. Ele sabia, já. Ai, eu acho que nem ela queria mostrar que também não era pra brincar com ela, porque assim, na maioria das vezes quando a gente vê que uma pessoa não faz nada, a gente acaba aproveitando.
- T - Fala, S14!
- S14 - Eu acho assim, igual ela tava falando, que a gente tem que mostrar o outro lado da coisa, né, ai, quando ele desobedeceu uma vez, a Nani quis mostrar pra ele, dar uma lição nele, por exemplo, se a gente for mexer numa coisa, de ser xereta, a gente pode ver o lado ruim daquela coisa também, não pode tão assim. A Nani quis mostrar o outro lado da coisa. Porque você ser xereta pode também levar a uma coisa ruim.
- S25 - E então, que nem uma criança. Se você fala assim “viu, não mexe ali que vai machucar, ela não sabe, ela vai lá e mexe, daí na hora que machuca”, ela aprende, e ela vai mexer lá de novo.
- T - E por que será que a Nani ria? S23, você que interpretou a Nani, por que você ria ao ver o Toni apanhar da clava?

- S23 - Ah, porque era engraçado.
T - E por que era engraçado?
S23 - Porque eu senti que eu tava me vingando e que agora ele ia aprender.
T - Vocês acham que o sentimento que ela teve foi vingança?
S26 - Como ela iria se vingar se ela acolheu ele?
S25 - Ai, que nem naquele poema que a PP deu lá, “a mão que afaga também apedreja”, ela pode ter agradado ele pra depois se vingar.
S14 - É, mas ela ajudou ele com o guardanapo e com o burro, até parece que ela queria vingança, claro que não.
S15 - Contente ela não tava, mas contente ou descontente não é sentimento de vingança.
T - O que é sentimento de vingança?
S25 - É assim quando alguma pessoa faz uma coisa pra você, você consegue retribuir pra ela a mesma coisa, uma coisa ruim.
T - Vocês acham também que a Nani teve um sentimento de vingança?
S21 - Não, acho que não.
T - Por que você acha que não?
S14 - Assim, se eu desobedecei a minha mãe duas vezes, assim, depois, ela vai dar uma bronca e ela vai me ensinar um sentimento de ódio, de raiva, ela tava me repreendendo pra me educar.
S26 - Se ela quisesse se vingar, ela não teria mais acolhido ele, depois que ele fez com o guardanapo.
S14 - Eu acho que a pessoa que crê em Deus, nossos pais, uma pessoa que a gente gosta, da um sentimento de raiva, mas é um sentimento de amor, porque se aquela pessoa se preocupou em ensinar o outro lado, ela se preocupou em mostrar o outro lado da coisa é porque a Nani gosta dele.
T - E você que interpretou o Toni, o que você sentiu quando você tava apanhando da clava, Larissa? Que você viu que a Nani te pregou uma peça, o que você sentiu?
S14 - Ai, eu me senti assim, humilhada, assim, traída.
S15 - Vergonha.
S14 - É, com vergonha também, né, traído por causa que eu confiava naquela pessoa e ela me traiu.
T - E o que você fez com esta pessoa?
S14 - Traí ela também.
T - E aí?
S14 - Eu acho que, nesse caso, a gente tem que pensar considerando que a gente vai mudar. Mas eu acho que o que eu mais senti foi vergonha.
T - Você não sentiu raiva, vontade de se vingar, de descontar na Nani?
S14 - Eu acho que não.
T - Por que, S14?
S14 - Porque eu acho que naquele momento, assim, eu senti, mas eu acho que a Nani queria o meu bem. Ela queria que eu aprendesse com os meus próprios atos.
T - E vocês? Vocês falaram que não acham que a Nani teve vontade de se vingar, né, por quê?
S7 - Ah, se eu acho que, eu acho que, se ela quisesse se vingar, ela tinha se vingado na primeira vez já que roubaram o burro, ela não se vingou, ela acolheu ele, todas as vezes que ele errou.
S25 - Só que assim, pode ser que ela tenha falado assim: “não, esse foi o primeiro erro dele, eu acho que agora, com isso, ele...”
S21 - Mas olha que ela não conhecia ele, se você não conhecesse uma pessoa, acolhesse ela, ela faz uma coisa errada, você não ia se vingar?
T - Já fazia dois anos que ela tava com ele.
S21 - Então, mas só que no começo ela não conhecia ele, ela tinha mais motivo pra se vingar e não se vingou, por que ela ia se vingar agora?
S25 - Então, mas assim, quando uma pessoa faz alguma coisa de mal pra você, lógico, você pode até esperar que ela faça de novo, só que assim, você não vai ficar falando que a pessoa vai fazer aquilo.
S15 - Mas você vai pensar.
S25 - Ah, mas mesmo assim, ela pode ter tentado reconquistar ele, porque do mesmo jeito que ela acolheu ele, sabendo dos erros do passado que ele tinha feito com a mãe dele, ela pode ter tentado fazer tudo de novo pra tentar ensinar ele porque ele não tava mais sabendo.
S14 - Ela vai se vingar de uma coisa de muito tempo, não tem nada a ver!
S21 - Nossa, mas será que depois de dois anos junto, ela vai querer se vingar dele.
S25 - Ah, eu acho que foi da última vez.
S21 - Da última vez, por quê?
S25 - Ai, viu, o moleque apronta com você, duas vezes, você não vai ficar “p” da vida com ele?
S21 - Ele aprontou com a mãe dele, não com a Nani, ele só foi curioso com a Nani.
S15 - Cada um tem um jeito de pensar.

- S15 - Mas e se fosse seu filho, você ia querer se vingar dele?
- S25 - Mas ele não é filho dela.
- S26 - Mas é como se fosse?
- S25 - Não sei.
- (muito tumulto)
- T - Gente, um de cada vez, cada um tem uma opinião, a gente tem que ouvir e respeitar, não é?
- S21 - A mãe dele tudo bem se vingar.
- T - Por que você acha que a mãe tudo bem em se vingar?
- S21 - Não, tudo bem se vingar, por causa que no caso assim, quem ele mais prejudicou foi a mãe dele, ela não perdeu nada.
- S7 - Ah, ela não perdeu o burro.
- S21 - Ah, ela não deu pra ele, era dele, ela não tinha mais nada em comum com ele.
- S7 - Não é assim, não.
- S21 - Ela não tinha mais nada com ele.
- T - Fala, Lucas.
- S18 - Assim, ela deve ter falado “nossa, o que eu posso fazer pra ele pegar o burro e o guardanapo”, ela deve ter pensado um jeito porque ela sabia que ele era curioso também, então ele resolveu fazer ele aprender com a curiosidade dele.
- T - Então, ao mesmo tempo que você acha que ela resolveu dar uma lição nele, ela pensou em recuperar o burro, é isso?
- S18 - É isso mesmo.
- S16 - Mas a Nani sabia que o burro tava lá?
- S6 - É.
- S25 - Mas você acha que se ele voltou sem o burro, você acha que ele contou que ele apanhou da mãe dele, você acha que a mãe dele ia roubar o burro.
- S15 - E se alguém roubou no caminho?
- S15 - Ela já tinha visto que também, do alto da torre, que com o burro ele já tinha feito a desobediência de ver se o burro fazia dinheiro, então, ele deve ter pensado “ah”, por isso que na história fala, que ele falou assim “ah, fez cagada” porque ele podia perder o burro, alguém podia roubar ele ou podiam trocar o burro.
- T - Gente, agora, vamos pensar, foi justo o que a Nani fez com o garoto?
- S26 - Ah, por um lado foi porque ele conseguiu o burro e o guardanapo de novo.
- T - A melhor forma de punir o garoto foi fazer o que a Nani fez?
- Todos- Foi.
- S14 - Ele aprendeu, assim, com os próprios erros.
- T - Como foi que a Nani puniu o garoto mesmo?
- S14 - Com a clava.
- S26 - Batendo nele, né, dona.
- T - Isso, pensa, depois de ter perdido o burro, ter perdido o guardanapo, depois de ela tê-lo acolhido todas as vezes, vocês acham que foi a melhor forma de punição?
- Todos- Foi.
- S15 - Eu acho também que ele vai aprender, porque se ele daí, daí, ele ia aprender a não ser curioso, porque daí, como já disseram aqui, ele ia pensar, vamos supor, ah, alguma coisa, não pode ter só o lado bom, pode ter o lado mal também.
- S25 - Bom, depois que ele apanhou de uma clava, depois que ele perdeu o burro, depois que ele perdeu o guardanapo pela idiotice dele, da curiosidade, ele aprendeu a lição, ele vai saber que nunca mais ele vai fazer isso, porque senão ele pode falar assim: “não, pode não acontecer”, mas também, e se...”, entendeu, então, assim, eu acho que ele aprendeu, sim.
- T - Vocês acham então que foi justo a clava ter batido nele?
- S28 - Eu não acho justo bater, mas ele aprendeu com o ato da curiosidade dele.
- T - Explica melhor!
- S28 - Por exemplo, eu não acho justo bater, eu não gosto de apanhar.
- T - Você não acha justo bater porque você não gosta de apanhar?
- S28 - Daí, como que a S14 falou, ele tava aprendendo com o ato dele, de curiosidade. Ele foi curioso uma vez, perdeu o burro, foi curioso a segunda vez, perdeu o guardanapo, foi curioso a terceira vez, tomou uma surra da clava, acho que agora ele aprendeu, né.
- S25 - Ele teve também inteligência suficiente pra conseguir pegar de novo tudo de volta e até e assim, ele não raciocinou bem porque ele tentou bater na mãe dele, então assim, ele não era tão tonto assim pra não entender que aquilo que ele fez era errado e que ele tinha que aprender uma lição.

- T - Agora, gente, por que que quando ele chegou lá na estalagem, ele não contou pro estalajadeiro o que a clava fazia? Na hora que ele chegou com o burro, ele falou que o burro fazia dinheiro, com o guardanapo, ele falou que o guardanapo colocava a mesa e por que ele não falou da clava?
- S15 - Eu acho que assim, agora sim eu acho que ele queria se vingar porque eu acho que ele pensou, como que ele perdeu o burro e perdeu o guardanapo, o estalajadeiro já tinha trocado, então, acho que ele pensou assim “ah, vou me vingar pro estalajadeiro aprender uma lição também”.
- T - Qual que é a diferença então de ele querer dar uma lição no estalajadeiro e da Nani querer dar uma lição nele? Vocês falaram que a Nani não queria se vingar, mas, agora, vocês falam que o menino queria se vingar do estalajadeiro. Os dois não queriam dar uma lição? Por que em um momento foi vingança e em outro não?
- S15 - Ah, porque ele já tinha desobedecido várias vezes e ele tinha que aprender o que ele tinha que fazer e o que ele não tinha que fazer.
- S25 - Então, aconteceu a mesma coisa com o estalajadeiro.
- S15 - Só que o estalajadeiro sabia o que era certo e errado e ele foi lá e roubou.
- S25 - O estalajadeiro não sabia que era certo roubar? Ele foi lá e roubou.
- T - E aí, S15, qual é a diferença do ato da Nani e do ato do menino com o estalajadeiro?
- S25 - É, você falou pra gente que não era vingança que a Nani tinha sentido! E agora o menino sentiu vingança com o estalajadeiro?
- S15 - Eu acho que sim, porque, como o estalajadeiro já tinha roubado dele, na Nani, ele não tinha roubado. Então, acho que na hora ele pensou assim...
- S25 - Ele não tinha roubado, mas ele tinha desobedecido a Nani.
- S15 - Então.
- T - Você acha menos pior ele ter desobedecido a Nani?
- S15 - Acho que não.
- S21 - Nesse caso, acho que a diferença de um pro outro, eu acho, assim, que ele roubou, ele sabia que era do menino e foi roubar, foi uma coisa meio injusta, assim.
- T - Então, o que você ta querendo me dizer é que o sentimento dele era um sentimento de vingança porque o estalajadeiro havia roubado dele e o da Nani não era de vingança porque o menino havia apenas desobedecido. Então o fato de roubar é mais grave que o fato de desobedecer, é isso?
- S21 - Não, é a mesma coisa.
- T - Então, por que que o sentimento é diferente?
- S21 - Por causa que assim, o estalajadeiro era só um moço que ele passava pra dormir, a Nani era a mãe dele, ela tinha sentimento por ele.
- T - Ah, ta, a Nani então tinha sentimento para com ele e ele não tinha afeto para com o estalajadeiro, é isso que vocês estão querendo me dizer?
- Todos- É.
- S18 - Ah, eu acho que, a mesma coisa que a Janaina, a Nani era como uma mãe pra ele.
- T - Larissa, você, o que você sentiu quando você deu a clava pro estalajadeiro e não contou nada, por que você não contou nada?
- S14 - Pra dar uma lição nele.
- T - O que você sentiu, vontade de quê?
- S14 - De dar risada na hora.
- T - E você, S20, que interpretou o estalajadeiro, o que você sentiu quando você tava apanhando?
- S20 - Ah, eu senti que, assim, que nem, eu roubei o burro e o guardanapo, né, eu senti que, vamos supor, dor porque apanhei, e pensei também na coisa errada que eu fiz, porque eu roubei o burro e o guardanapo, né.
- T - Na hora, você pensou nas coisas erradas que você já tinha feito?
- S20 - Pensei.
- T - E você achou justo você ter apanhado da clava na hora da dramatização?
- S20 - Achei, né, porque eu roubei e quis roubar de novo, aí eu acabei tomando.
- T - Mas esse foi o sentimento que você teve na hora que você tava apanhando.
- S20 - Foi, eu pensei que eu tinha feito coisa errada.
- S25 - Assim, eu acho que se eu fosse o estalajadeiro eu não ia gostar de apanhar, mas eu ia ta pensando assim “ah, eu fiz um monte de coisa errada”.
- T - Foi justo?
- S25 - Eu acho que foi, porque do mesmo jeito que a Nani tentou dar uma lição nele, ele fez a mesma coisa com o estalajadeiro, só que assim, ele já tentou mais pela vingança, pelo prazer.
- T - Então a vingança é diferente do sentimento de querer punir? É diferente eu querer me vingar de eu querer punir?
- S25 - É, porque você quer punir pra você tentar fazer a pessoa entender, agora, só que quando você quer punir essa pessoa, você vai ta com raiva dessa pessoa, você vai querer que aconteça uma coisa de mal com essa pessoa,

you vê acontecendo alguma coisa de mal com ela, você vai ter o prazer de ver aquilo, porque, porque ela fez alguma coisa de mal com você.

S14 - Ai, eu não acho.

T - Por que você não concorda?

S14 - Porque eu acho que quando eu vou punir uma pessoa, eu vou punir essa pessoa pra ela saber que ela errou, não por prazer.

T - Olha só, a S14 disse que pune as pessoas pras pessoas saberem que elas erraram e não por prazer!

S25 - Só que assim, eu só to falando do sentimento de vingança, não tem nada a ver com punir pra ensinar, punir pra ensinar já é outra coisa.

S15 - Mas mesmo vingança assim, eu acho que a pessoa não vai ter prazer de fazer isso...

S25 - Lógico que vai, uma pessoa faz alguma coisa de mal pra você, você não vai querer fazer uma coisa de mal pra ela?

T - Você acha que na vingança não tem esse sentimento de prazer, S15?

S15 - Eu acho que não. Prazer é você ver uma pessoa fazer uma coisa, tomar e não aprender, esse que seria o prazer, você está sentindo orgulho de fazer uma coisa que não vai servir pra nada.

S14 - Olha, eu posso até ta errada, mas prazer eu acho que é um sentimento além de maldade, parece que você quer ver a pessoa sofrer, quer ver a pessoa ali, no sofrimento.

T - E o que é a vingança?

S14 - Vingança, ai...

T - Você não tem esse sentimento de prazer que você mesma descreveu na vingança?

S14 - Não, na vingança, eu sinto raiva, ódio.

T - Ah, você sente raiva, ódio, antes de você fazer. E depois que você se vinga, o que você sente?

S25 - Viu, mas você não vai gostar de ver a pessoa, de ver acontecer alguma coisa de mal com ela, se você ta tentando se vingar dela, você não vai se vingar só pela raiva, vai se vingar pelo prazer também, você vai gostar de ver ela sofrer.

S14 - Tudo bem.

T - Larissa, você, que interpretou o menino, o que você sentiu quando viu o estalajadeiro apanhando?

S14 - Ah, sentimento de missão cumprida.

T - E esse sentimento de "missão cumprida" tem a ver com prazer?

S14 - Não. Não sei, acho que eu sentiria assim, que eu dei uma lição nele.

T - Mas o que que você sentiu quando viu ele apanhando, você gostou? Você fez com que a clava batesse nele porque você queria que ele aprendesse a não fazer mais isso, ou porque você queria se vingar dele?

S14 - Ai, acho que pra ele... é um sentimento tudo misturado. Mas não sei explicar!

T - Ta tudo misturado?

S25 - Como assim?

S14 - Como assim? Ah, eu to batendo nele, aí vem um sentimento de eu estar fazendo uma outra coisa ruim.

S27 - Eu acho assim, que ela sente prazer, mas só que olha, pensando num outro ponto, se você não quer que faça pra você, você não vai querer fazer pros outros.

S25 - É, mas, viu, você ta com ódio de uma pessoa, lógico que você vai gostar de ver ela se ferrando.

(Tumulto)

S25 - Beleza, não falo mais, vocês pensam uma coisa e falam outra só pra não concordar comigo.

T - Calma, cada um tem uma opinião, a gente ta discutindo, não é verdade, ninguém ta aqui pra brigar com o colega que pensa diferente!

T - Agora, na vingança, pessoal, será que eu quero mesmo que a outra pessoa aprenda com o erro dela, ou eu quero simplesmente, que ela se "ferre", que ela pague pelo que ela fez comigo?

S15 - Eu acho que assim, como que cada um tem sua opinião, eu acho que, na minha opinião, eu não sentiria só vontade, assim só o prazer por a pessoa tomar por aquilo que ela fez, eu acho que se ela aprendesse a lição que eu desse pra ela que aquilo era errado fazer, eu acho que com outras pessoas ela não ia fazer, então, podia, assim, simplesmente só ensinar ela...

S23 - Assim, professora, eu acho que o certo não é se vingar, por exemplo, minha vó foi acusada de roubar na casa de uma mulher que ela trabalhava. Aí, a mulher descobriu que era o filho dela que roubou pra comprar droga, minha vó não quis se vingar, porque ela não gostaria que fizessem isso com ela. Daí, hoje, minha vó tem o emprego dela, é super feliz, ganha até mais que nessa casa.

S14 - É, eu acho que a vida também, ela ensina, a vida também dá muita lição em nós.

T - A vida dá uma lição na gente, como, o que você quer dizer com isso, Larissa?

S14 - Eu acho assim, que, eu posso ta errada, mas vai fazer o mal pras outras pessoas, a gente não sabe o que a vida reserva pra gente.

T - Como a vida reserva coisas boas ou ruins pra gente?

S14 - Assim, se uma pessoa faz só coisas boas, só vai acontecer coisas boas com ela.

T - Você nunca viu acontecer coisas ruins com uma pessoa boa?

- S14 - Ah, já, mas, acho que nem sempre, mas eu acho que a gente pode ir acreditando nisso. O que a gente plantou a gente vai colher, mas...
- S15 - É, consequência. Se a gente fizer alguma coisa de bem, qualquer dia vai acontecer com a gente.
- T - E o que faz com que aconteça algo de ruim com a gente?
- S14 - Eu acho que os nossos atos. Eu acho que os nossos atos sempre traz alguma consequência.
- T - Vem cá, gente, e foi justo o estalajadeiro devolver o burro? Você, que fez o estalajadeiro, você devolveu o burro porque você entendeu que devia devolver ou porque você queria parar de apanhar?
- S20 - Ah, porque se eu não devolvesse eu ia continuar apanhando.
- T - Só porque você queria parar de apanhar?
- S20 - Só.
- T - É, foi isso que você sentiu?
- S20 - Foi.
- T - Então, o menino não puniu pra ele aprender a não roubar mais.
- S20 - Puniu.
- T - Mas ele entendeu que ele não deveria roubar mais?
- S20 - Entendeu, se ele roubasse, ele ia correr o risco de apanhar. Depois que eu apanhei eu senti arrependido, sim.
- T - Agora, você que interpretou a mãe dele, o que você sentiu quando você viu o menino chegando com o burro e com o guardanapo?
- S28 - Assim, como ele já tinha jogado a minha comida já duas vezes, eu fiquei com um pouco de receio de abrir a porta pra ele, porque, ainda ela viu aquilo lá, ela viu que ele tava com o burro, pensou “ele vai jogar tudo a minha comida fora de novo”.
- T - Então, você ficou receosa! O que é ficar receosa?
- S28 - Ficar com medo dele aprontar de novo, ficar em dúvida se ela devia abrir a porta, isso.
- T - E você, Larissa, que interpretou o menino, qual foi teu sentimento ao chegar na casa com o burro e o guardanapo?
- S14 - Agora eu vou provar pra minha mãe que eu só queria ajudar ela e não atrapalhar ela, de alegria.
- T - Então, você ficou feliz? E por que que você teve a idéia de mandar a clava dar umas lambadas na sua mãe?
- S14 - Ah, pra ela calar a boca e deixar eu explicar porque que eu vim aqui de novo na casa dela, era o único jeito. Eu fiquei assim um pouco chateado porque ela foi me xingando sem saber o que eu tava fazendo ali.
- T - E você achou justo a clava dar umas bordoadas nela?
- S14 - Não.
- T - Por quê?
- S14 - Porque nada justifica a gente bater na nossa mãe.
- T - Você sentiu vontade, interpretando o menino, de bater na sua mãe?
- S14 - Ai, vou contar é que eu tenho, né, na maioria das vezes, quando minha mãe chama a minha atenção, mas não justifica eu bater nela, eu não tenho coragem.
- T - Foi justo pessoal, ele mandar a clava bater na mãe?
- S21 - Não.
- T - Por que, S21?
- S21 - Ah, não sei explicar.
- S25 - Apesar de ela ter batido nele e ele ta com muito ódio dela, ela é mãe dele. apesar de ela ter jogado ele pra fora, ela cuidou dele até aquele momento.
- S14 - O respeito, eu acho, que prevalece com a mãe.
- T - Então, não pode bater na mãe, mas no estalajadeiro podia?
- S26 - É.
- T - Por quê?
- S26 - Porque o estalajadeiro já tinha roubado o que ele tinha.
- T - E a mãe já tinha batido nele.
- S25 - Assim, na maioria das vezes, a gente tem um vínculo, tipo, se você gosta muito de uma pessoa, eu acho que é mais fácil, é que nem no caso da outra fábula, se você entregaria um estranho pra ficar no lugar da pessoa, do filho, assim, pra gente, eu acho que é mais fácil a gente querer alguma coisa de mal de uma pessoa que a gente não conhece do que de uma pessoa da nossa família.
- S26 - PP, também, é, a mãe tinha já um amor por ele. O estalajadeiro não.
- S14 - E outra, ela bateu nele porque ele jogou a única comida que ela tinha pra comer, que foi um sacrifício dela pegar.
- T - Mas foi a melhor maneira, o que o menino fez?
- S18 - Foi, senão ela não ia deixar ele entrar.
- S18 - E também ele falou assim “abre essa porta senão eu te dou mais duas”.

- T - Mas foi justa essa atitude dele?
- S25 - Eu acho que não, porque ele podia, assim, ele tava na porta, tinha uma portinhola aberta, dava pra ela ver ele, ele podia muito bem falar assim “olha, mãe, deixa eu provar pra você”, não provar com o burro, porque ele podia ser cobiçado pelas outras pessoas que vissem ele, mas ele podia falar assim, ai, podia mostrar o guardanapo, daí a mãe dele ia acreditar.
- S15 - Mas como que ia pôr comida pra dentro da casa? Pois foi justo, ela bateu porque ele não queria estudar.
- S23 - Não é justo bater.
- S15 - Eu também não acho justo bater, mas nesse caso foi justo.
- S14 - Não justifica a gente bater na nossa mãe.
- S23 - Dona, que nem a gente tava discutindo no grupo, daí o Juan falou assim que se fosse ele, ele bateria na mãe dele porque ela teria que sentir o que ele sentiu, daí eu falei que se não fosse a mãe, ele não estaria vivo, assim, independente de ele ta certo e a mãe ta errada, nunca se bate na mãe, por isso.
- S25 - O primeiro sacrifício dela foi agüentar a gente nove meses na barriga porque muita mulher sente enjoô, dor, a contração, minha mãe falou que dói muito a contração, então, assim, isso já é um sacrifício que a mãe faz pelo filho.
- S14 - Tudo bem, é um sacrifício, mas eu tenho um negócio assim, mãe não é quem faz, que não agüenta a gente, mãe é quem cuida e quem ama a gente.
- S25 - Só que assim ela já agüentar a gente dentro da barriga, já é muito sofrido pra ela, depois ainda ela cuidou dele até aquele ponto que ela mandou ele pra fora.
- S15 - Então, bater vale só pro estalajadeiro porque eu não tenho intimidade com ele, com a mãe não vale porque eu tenho intimidade.
- S25 - Mas assim, se fosse uma mãe adotiva, ele ia ter vínculo, mas só que assim, ele ia ter vínculo, mas só que não é da família dele.
- S15 - Mas ela é que nem uma mãe.
- S25 - Ela é que nem uma mãe, só que assim, o estalajadeiro ele já roubou!
- S15 - Eu não concordo com isso, eu acho que assim, vamos supor, ele falou, bater bem de leve, pode bater bem de leve, então, porque ele ia ajudar do mesmo jeito.
- T - Então bater de leve na mãe, tudo bem?
- S15 - É, depois ele pode pedir desculpa.
- S14 - Mas desculpa não justifica o ato.
- S26 - É, bate pra depois pedir desculpa, assim é fácil, né.
- S15 - Ah, você prefere ajudar a sua mãe ou deixar ela sofrendo?
- S26 - Não precisava bater nela, já que era uma clava que batia, era só ele mandar a clava bater na porta até arrombar!
- S23 - Nesse caso que o S15 falou, acho que a melhor solução era bater mesmo.
- T - Será que o garoto teve vontade de se vingar da mãe?
- S14 - Não.
- S23 - Claro que não.
- S26 - Senão ele não ia voltar lá.
- T - Será que o sentimento que ele teve para com a mãe foi vingança?
- S25 - Não, porque assim, ele voltou lá, ele tava tentando dar o burro pra mãe dele fazer dinheiro, tava tentando dar o guardanapo, então assim desde a primeira vez que ela mandou ele pra fora de casa, acho que isso foi pior do que ela bater nele, porque ela expulsou ele da casa, e mesmo assim ele quis voltar lá pra ajudar ela, então, ele não tinha esse sentimento.
- S15 - Eu acho que assim, ele bateu nela, não assim pra machucar ela ou se vingar dela, mas assim, pra ajudar ela porque senão...
- T - Então foi justo ele bater nela? Se você tivesse no lugar do menino, o que você faria, você também bateria?
- S15 - Não.
- T - Por quê?
- S15 - Porque não, ué, bater na mãe.
- S26 - Mas por que que você acha que foi justo, então, o menino bater?
- S15 - Porque ele é ele e não eu.
- S26 - Ah, mas tem que supor que você fosse o menino pra falar o que você acha, Leo, falar dos outros é fácil.
- S14 - PP, vamos supor uma coisa, a minha mãe expulsa eu de casa, vamos supor assim, aí eu começo trabalhar, eu to vendo que minha mãe ta passando necessidade, eu vou lá, levo dinheiro pra ela e ela não quer me receber por algumas coisas que eu fiz quando eu tava morando com ela, eu vou chegar e vou dar um soco na cara dela pra ela abrir a porta pra mim?
- T - E aí, S15?
- S15 - Ai, PP, to confuso.

- S26 - Você falou que não bateria na sua mãe, mas por que você acha justo o menino bater na mãe dele?
 S15 - Porque senão ela não ia escutar.
 T - Se você tivesse no lugar do menino e fosse a sua mãe, que outro meio você iria arrumar para fazer com que ela abrisse a porta?
 S15 - Sei lá, eu ia falar pra ela ir lá no quintal, depois ela podia bater em mim se não desse certo.
 S14 - Eu acho que a conversa nesse caso é tudo.
 S14 - Não é justo eu bater na minha mãe.

Fábula 03: Corcunda, manca e de pescoço torto

- T - S1, você que interpretou o rei, o que você sentiu quando você viu uma velhinha manca, corcunda e de pescoço torto?
 S1 - Vontade de dar risada.
 T - Por quê?
 S1 - Porque é estranho ver uma pessoa assim.
 T - E quando você acha as pessoas estranhas?
 S1 - Quando elas não são normais, né.
 T - E quando você vê uma pessoa estranha, você tem vontade de rir?
 S1 - Tenho.
 T - O que é uma “pessoa estranha”?
 S1 - Ah, pessoas com algum problema.
 T - E por que essas pessoas têm esses problemas?
 S1 - Porque nasceram ou ficaram assim por algum motivo.
 T - E é justo eu dar risada de uma pessoa assim?
 S1 - Justo não é, mas é engraçado.
 T - Se você, Adilson, estivesse no lugar do rei, você teria feito o mesmo?
 S1 - Só teria dado risada, só, sem ser na frente da velhinha.
 T - Por que sem ser na frente da velhinha?
 S1 - Porque ela ia ficar chateada se eu fizesse como o rei, coitada, ela não tem culpa de ser assim.
 T - Você iria dar risada ou ia ter pena dela?
 S1 - Ai, acho que os dois, primeiro eu ia dar risada, depois eu ia sentir dó.
 T - E isto é certo.
 S1 - Não.
 T - Mas é isso que você faria?
 S1 - Não só eu mas qualquer pessoa.
 T - E vocês, pessoal?
 S26 - Eu também ia dar risada.
 T - Por que, S26?
 S26 - Ah, porque uma velha assim deve ser engraçada, né, de ver.
 S6 - Eu teria dó dela, né, você vê uma pessoa deficiente, dá dó dela, vontade de ajudar.
 S18 - Assim, posso até dar risada, mas não vou dar risada por causa que ela tem esse problema, vou dar risada porque é meio estranho você ver.
 T - Mas é meio estranho por quê?
 S15 - Porque não é toda pessoa que tem.
 T - Então é por causa do problema da pessoa que você dá risada, não é?
 S18 - É, então.
 S14 - Sentiria dó de ver ela naquele estado, me colocaria um minuto no lugar dela, sentiria o que ela sentiu.
 T - Em nenhum momento você sentiria dó, S1?
 S1 - Ah, um pouco, mas mesmo assim, eu ia rir, eu to sendo sincero.
 T - E vocês que sentiriam dó, não ririam?
 S25 - PP, eu não riria, porque assim, uma deficiência da pessoa, quando você vê uma pessoa deficiente, a gente não ri dela, por mais que essa deficiência seja engraçada, porque ninguém gostaria de ta no lugar dela.
 T - E você, S25, que interpretou o papel da velhinha na dramatização da fábula, o que você sentiu?
 S25 - Muito ódio, fiquei P da vida.
 T - Por quê?
 S25 - Porque assim, quando uma pessoa ri de você, você nunca vai gostar. você vai ficar super bravo, vai se sentir magoado porque ela não queria ser assim, ela tava com uma deficiência.
 T - E você, S1, se você estivesse no lugar da velhinha, ao invés de estar no lugar do rei, o que você acha que você ia sentir?

- S1 - Ah, eu ia sentir raiva porque deram risada da minha cara.
T - E mesmo assim você, no lugar do rei, teria rido?
S1 - Teria.
T - E você acha isso justo?
S1 - Não, não é, mas eu faria.
T - Justo não é, mas você faria, por quê?
S1 - Ah, porque é engraçado, assim, é uma coisa que você não vê todo dia. A gente não faz só o que a gente acha justo porque a gente não pensa pra fazer.
T - Se a gente pensasse, a gente agiria com justiça sempre?
S1 - É, acho que sim.
S15 - Eu não acho isso. Eu não acho justo porque se eu tivesse no lugar da velhinha, não queria que dessem risada de mim.
S25 - Só que dependendo das vezes, quando é coisa mínima, todo mundo ri, todo mundo tira sarro, só que assim, às vezes, deficiência eu acho que as pessoas tem o cuidado, porque assim, não é uma coisa, eh a pessoa que nasceu com aquilo, ninguém ia gostar de ta no lugar, então as deficiências provocam uma coisa psicologicamente, a pessoa não gosta de si mesma, e assim, a gente até nem comenta, quando a gente vê, nem fala.
T - Por que você não ria na frente dela?
S26 - Pra ela não ficar magoada, pra não sentir raiva de mim depois.
T - Então você está preocupado com o que ela vai pensar sobre você?
S26 - É, o que ela vai sentir também.
T - E isso vai te fazer uma pessoa melhor?
S26 - Não, não vai fazer eu uma pessoa melhor porque eu vou rir do mesmo jeito. Eu vou ta errado a mesma coisa, mas, pelo menos, ela não sofre, e se ele tivesse feito isso as filhas dele não estariam assim.
T - Então, você não faria na frente dela não só pra não deixar ela chateada, mas também porque você não quer que ela desconte o que você fez nas suas filhas, é isso?
S26 - Isso.
T - Vítor, o que muda no seu modo de ver a outra pessoa se você ri na frente ou não dessa pessoa?
S26 - Não muda nada, né. Vou gozar do mesmo jeito dela, né, coitada.
S18 - Eu acho, dona, que pela nossa idade, assim, ninguém ia ficar sem dar risada, todo mundo ia dar risada.
T - Ah, então o fato de dar risada da velhinha tem a ver com a idade?
S18 - Eu acho que sim.
S23 - Ah, na nossa idade a gente zoa com a cara dos outros.
T - E isso é justo?
S23 - Ah, não né.
T - E por que vocês fazem isso? O ato torna menos grave se for cometido por alguém na idade de vocês?
S23 - Ai, não sei, dona.
T - Vocês acham que a velhinha iria ficar menos chateada se ela fosse “zoada” por alguém da idade de vocês?
S23 - Acho que não.
T - E você, S18, o que acha?
S18 - Acho que não, mas a gente, na nossa idade, leva tudo na brincadeira, dona.
T - É isso ta certo, no caso da velhinha, será que ela não iria se sentir magoada se fosse caçoada por alguém da idade de vocês?
S18 - É, acho que ela iria sim, né.
T - Agora, gente, imagina a situação da fábula. No outro dia, uma filha do rei aparece manca, a outra corcunda e a outra de pescoço torto. Por que aconteceu isso?
S25 - Ah, vai saber se a velhinha não fez nenhuma macumba.
T - Macumba, o que é isso?
S26 - Foi praga dela.
T - O que é praga?
S26 - Assim, é ela jogar uma praga, ela joga algum mal, ela quer o mal, não sei.
T - E o que é macumba, S25?
S25 - Macumba, ai, sei lá, é quando você chega pra uma pessoa que é macumbeira, que faz essas coisas, aí você chega e fala assim: “viu, eu quero que você faça isso, isso pra certa pessoa”.
T - E aí acontece o que você pede?
S25 - É, aí, acontece.
T - Como?
S25 - Por feitiço, por magia.
T - É justo isso?

- S23 - Bom, eu acho que todas as coisas de Deus existe aqui, eu acho que quando o rei foi e deu risada da velhinha, acho que Deus deu um castigo pra ele, usando as filhas dele e não com ele.
- S14 - Eu posso ta errada mas eu quis mostrar pro rei o outro lado.
- S25 - Eu acho que eu não faria isso.
- S21 - Não, que ele falou assim que Deus não castiga, Deus tem que fazer justiça.
- T - É Deus quem faz justiça, então?
- S25 - Mas só que assim, se a gente ta falando na fábula, eu acho que Deus não faz isso com a velha, e não acontece nada nem com ele, nem a família.
- T - Então, como é a justiça de Deus?
- S27 - Eu acho que é porque se você faz o bem, você vai receber o bem, se você faz o mal, você vai receber o mal.
- T - Você vai receber o mal e vai receber o bem de quem? Quem vai punir?
- S27 - Ah, se você deu o bem pra uma pessoa, de algum modo você vai receber o bem.
- T - De quem jeito?
- S27 - Sei lá, ué, não sei explicar, essas coisas, a gente não explica, mas é assim que acontece.
- S14 - Na sua vida.
- S26 - Tem tanta gente que mata, rouba.
- S27 - Pode ter a certeza que essas pessoas que mata, rouba, que um dia elas têm. Igual um colega do meu pai tava contando pra mim, ele falou que o filho dele tava roubando, ele foi roubar uma casa, tomou um tiro e morreu.
- T - E por que você acha que aconteceu isso com o filho do amigo de seu pai?
- S27 - Porque ele tava fazendo o mal.
- T - E quem castigou ele?
- S27 - Ele mesmo, fazendo o mal, quem faz o mal, recebe o mal também.
- T - Meninas, vocês que interpretaram as filhas, o que vocês sentiram ao amanhecer manca, corcunda e de pescoço torto?
- S2 - Ah, dá raiva, né, porque, tipo assim, se foi uma praga da velha, por exemplo, foi o rei que deu risada, não foram as filhas dele, acho que ele que tinha que pagar, não foi justo.
- T - Então, não foi justo acontecer isso com as meninas? E o que seria justo então?
- S2 - Acontecer com o rei.
- T - E o que ou quem deixou as meninas daquele jeito?
- S2 - Deus.
- T - Deus é sempre justo?
- S2 - Claro, é Deus, ué.
- T - E dessa vez, ele foi injusto?
- S23 - Deus é sempre justo, quem fez isso não foi Deus, foi a velha.
- T - A velha? Como ela fez isso?
- S25 - Ah, sei lá, vai saber se ela não era uma feiticeira.
- S18 - Dona, o mundo é feito de trocas, ou você dá, ou você recebe.
- T - Como ela fez o feitiço, S25? Existe feitiçaria?
- S25 - Ai, não sei, eu acho que não, eu acho que não existe isso, só que vai saber se tem uma pessoa que mexe com isso, se existe, ninguém pode provar que existe e que não existe.
- T - E mesmo assim a gente acredita, mesmo sem saber se existe ou não?
- S25 - É.
- S14 - Da mesma forma, existe céu e existe inferno.
- T - Agora, voltando ao assunto que as meninas levantaram, foi justo acontecer isso com as filhas?
- Todos: Não.
- S6 - Não foi justo acontecer com as filhas porque o rei tava zombando da velhinha, então, como foi injusto acontecer com as filhas, deveria ter acontecido com ele, não com elas, ainda por cima, ele ta errado porque ele quer julgar a camareira.
- T - Será que ele lembrou da velhinha que ele zombou quando ele viu as filhas dele do mesmo jeito?
- S25 - Lógico que lembrou.
- T - Vocês acham que ele sofreu vendo as filhas daquele jeito?
- S26 - Ele sofreu vendo as filhas daquele jeito, mas a velhinha também sofreu quando ele caçoou dela.
- S25 - O engraçado é que depois que aconteceu com as filhas dele, ele não riu delas.
- T - Por quê?
- S25 - Às vezes, era porque eram filhas dele, viu elas crescerem, ele gostava delas.
- T - Será que não foi porque ele percebeu que caçoando ele ia deixar as filhas chateadas?
- S14 - Mas é sim, ele não queria chatear as filhas, mas chatear o outro, que não é da minha família, que eu não tenho afeto, aí, eu posso.

- S25 - Não é que pode, mas a maioria faz isso.
- S2 - Aí machuca né, porque, tipo, a maioria das pessoas, né, não todos, mas a maioria vê que o rei tipo riu da velha porque ela não tinha nada a ver com ele, mas as filhas dele, tipo, quando mexe com a gente, aí é complicado.
- T - E você, S1, quando interpretou o rei e viu as suas filhas daquele jeito, o que você sentiu?
- S1 - Raiva e remorso. Raiva de acontecer isso com as minhas filhas e remorso por ter caçoado da velha e ter acontecido com as minhas filhas.
- T - O remorso você só sentiu porque viu as suas filhas daquele jeito?
- S1 - Acho que não.
- S25 - É mais fácil a gente magoar um estranho do que um familiar.
- T - Por quê?
- S25 - Porque assim, a gente não tem laço com a pessoa então se a gente vai magoar ela, assim, pode ser que a gente nem volte a ver mais ela.
- S8 - É mais fácil.
- T - E se voltar a ver esse estranho?
- S8 - Não é porque não é nada se que você não vai sentir.
- S25 - Então, foi isso que o rei fez, ele achou que se ele magoasse um estranho ele achou que não ia ter importância.
- T - Aí, o que aconteceu na fábula? Ele indagou as filhas e as filhas justificaram o porquê de elas estarem daquele jeito!
- S25 - Só que eu acho que não foi só aquilo que elas disseram que aconteceu. Eu acho que teve coisa a mais porque como que uma cama mal arrumada vai deixar uma pessoa corcunda da noite pro dia.
- T - Uma cama desconfortável não pode prejudicar a coluna?
- S25 - Pode, mas não da noite pro dia.
- T - E aí, elas estavam manca, corcunda e de pescoço torto por causa dos descuidos da camareira ou foi por outra coisa?
- S15 - Eu acho que foi a camareira que fez isso com elas.
- S14 - Eu acho que foi a camareira, ela se vingou dela.
- S14 - Mas as filhas iam ficar pra sempre daquele jeito?
- S25 - Claro que ia.
- S14 - Então, não foi porque ela dormiu de mal jeito.
- S25 - Se um jasmim cai no seu pé, você não vai ficar manca pra sempre.
- T - Então, se as filhas ficarem pra sempre assim, foi justiça divina, se elas não ficarem, aí não foi. É isso?
- S21 - Eu acho que foi o destino que deixou elas assim, mas eu não sei como ocorreu, por causa que foi uma coisa que o rei falou que teve que voltar pra filha dele, não pra ele ver e entender que não era pra ter feito.
- S14 - Mas, assim, quem escreveu o destino?
- T - Boa pergunta, quem determina o destino?
- S25 - Eu acho que nós mesmos.
- S21 - Aí, você já quer que eu saiba muito, né.
- S25 - A gente tem livre arbítrio, então cada ato, se eu faço uma coisa, outra pessoa pode fazer outra coisa, depende da escolha.
- T - Então, aí o rei mandou chamar a camareira. Você, que interpretou o rei, o que teve vontade de fazer com a camareira?
- S1 - Eu ia querer pensar em alguma coisa pra punir ela, coitada das minhas filhas.
- T - Ah, você acha que a camareira merece uma punição.
- S1 - Não. Depende. Se foi ela que fez, ela merece uma punição, mas não muito pesada.
- T - Você, S25, que fez a camareira na dramatização, sentiu vontade de fazer o quê, de se vingar das filhas dele?
- S25 - Não das filhas dele. Eu senti vontade de me vingar dele, só que daí, como ele gosta das filhas, só que assim, eu como pessoa, faria ele ficar manco, corcunda e de pescoço torto e ainda faria mais uma coisa pra ele.
- T - Mais uma coisa?
- S25 - É, ele merece.
- T - O que você faria?
- S25 - Merece passar fome, ficar pobre.
- T - E você, S1, que interpretou o rei, o que pensou em fazer com a camareira? Você pensou em punir? Como?
- S1 - Ah, sei lá, mandar ela trabalhar pra mim pra sempre.
- T - Isso seria justo?

- S1 - Nem tanto.
T - Por quê?
S1 - Porque ela fez sem querer.
T - A camareira fez sem querer? Então não foi culpa da camareira que as filhas ficaram daquele jeito?
S1 - Ai, não sei, é confuso.
S8 - Mas a camareira falou que ela ia se vingar.
S25 - Ah, vai saber que quando ela falou “nos vemos amanhã” ela não quis dizer que ela ia conversar com o rei?
S3 - Eu não teria vontade de fazer nada com a camareira, eu dei risada dela.
T - Você não acha justo se vingar dela?
S3 - De jeito nenhum.
S28 - Assim, justo eu não acho, mas vontade eu teria.
T - E o que você faria com ela?
S28 - Ai, ela já era torta, corcunda, coitada.
S8 - Eu ia bater nela até desentortar (risos).
T - Você ia bater nela até ela desentortar. E isso ia ser justo?
S8 - Não, mas você tá com raiva.
S23 - Mas se a gente for pensar nesse lado, a velhinha tinha que bater nele antes.
S14 - Claro, imagine a dor que ela sentiu quando tiraram sarro dela, ela encontrou uma maneira de se vingar, de se vingar todo aquele ódio que ela tinha do rei.
T - E ela tinha esse direito?
S14 - Direito, não, mas na hora que eu to com raiva assim de uma pessoa eu não penso no mal que eu vou fazer pra ela.
S9 - Eu teria vontade de mandar ela embora.
S8 - Se ela já não fosse manca, corcunda e de pescoço torto, eu ia deixar ela daquele jeito. Eu faria a mesma coisa que ela fez com as filhas.
T - Muito bem, vamos lá. O rei decidiu punir a camareira. E pensou em três tipos de punição. A primeira punição era
S25 - Eu acho que ajudar as pessoas. Eu acho que não é a mais justa, mas eu acho que seria a menos cruel porque espancar ela, deixar ela presa já é demais.
S7 - Eu também acho que devia colocar ela pra ajudar as pessoas com problemas. Ah, ela ia fazer uma coisa que ia ajudar a sociedade que ela ia ficar mais alegre, sei lá, de ver as pessoas se recuperando.
S21 - Também, só que como ela, velha corcunda, vai ajudar as outras pessoas. Pode até ajudar, mas não muito.
T - Por quê?
S21 - Porque ela vai cansar.
S27 - Ela vai ajudar normalmente, como qualquer pessoa, ela só vai ter mais dificuldade.
S15 - Nenhuma das opções pra mim.
T - Por quê?
S15 - Porque foi culpa do rei, ninguém mandou ele dar risada.
T - Você acha então que ela não tem que ser punida?
S15 - Não.
S26 - Se a gente fosse pensar em punição, então o rei também merecia uma punição.
S15 - É.
S14 - Mas o rei já não foi punido com a filha daquele jeito?
S26 - É, mas...
S25 - PP, eles falaram assim que não é justo ela ser punida, eu também acho que não, porque apesar dela ter feito aquilo com as filhas do rei, ela já foi punida antes daquilo, foi caçoada pelo jeito dela.
T - S25, você que fez a camareira, depois que o rei mandou te buscar, o que você sentiu?
S25 - Eu senti orgulho, porque eu consegui fazer com que ele visse o meu lado, porque assim, foram as filhas dele que ficaram no meu lugar, entre aspas, mas assim, ele sentiu porque eram filhas dele. Todo mundo falou que sentiria medo perante o rei, mas eu não sentiria medo.
S14 - Deus me livre, orgulho de fazer uma maldade, que horror, S25!
S8 - Eu ia ter um sentimento de missão cumprida.
S14 - Nossa, olhando essas respostas eu fico imaginando o criminoso que estrupa, ah, que orgulho de ter estrupado, que absurdo!
S25 - Mas no caso da velha, eu senti orgulho, porque, porque ele fez uma coisa pra mim e ele ia sentir na pele com as filhas dele.
S14 - Que absurdo, você tem muita maldade no coração!
S15 - É a opinião dela, Larissa, a gente tá aqui pra discutir!

- S15 - É diferente o que a Larissa falou. No que ela falou, a velha só revidou só, no caso da Larissa, não.
- S14 - Então, vamos supor assim, eu posso estar errada, mas assim, tem tantas brigas que acontecem, com você, o Lucas, o Lucas vai lá, briga com você, e você chega com uma arma, baleia ele e mata ele. Que que é isso, ta revidando, onde a gente vai parar! Você fez isso por causa do seu orgulho? Você vai ter orgulho de matar uma pessoa, eu acho isso um absurdo! Pra mim é tudo igual!
- S25 - Pra você é tudo igual, pra mim, não.
- S14 - Não importa o porquê de um crime. Acontece que é crime, eu não cometo um crime. Tem outras maneiras de se resolver as coisas do que revidando.
- S26 - É, mas o que a pessoa que foi estuprada fez no estuprador. Na maioria das vezes, nada. É diferente da velha.
- S8 - Acontece que revidar é certo, mas não é justo.

Fábula 04: Yufá e a estátua de gesso

- T - Então, o que aconteceu na fábula? Vamos só recapitular!
- S25 - Eles eram muito pobres. A mãe dele tinha um filho.
- T - E como era o filho dela?
- S25 - Tonto, folgado, preguiçoso, bobo.
- T - Isso!
- S25 - Aí, ela mandou ele vender o tecido pra uma pessoa que falasse pouco.
- T - E o que ele entendeu?
- S25 - Que era uma pessoa que não falasse nada, que uma pessoa que chegasse falando não era pra ele vender.
- T - E aí, o que aconteceu mais?
- S26 - Apareceu uma mulher.
- S25 - É, que perguntou o preço do tecido.
- S26 - E ele falou que não ia vender porque ela falava demais.
- T - Isso, por fim, ele encontrou alguém que não falava nada, mas esse alguém era uma...
- Todos- Estátua.
- T - Isso, e o que ele fez?
- S15 - Colocou o tecido em cima da estátua e disse que ia pegar o dinheiro amanhã.
- T - Muito bem! Aí, ele chegou em casa e a mãe pediu o dinheiro. O que ele falou?
- S26 - Que ele vendeu a uma pessoa que falava pouco e que ele ia pegar o dinheiro amanhã.
- T - A mãe perguntou o quê, se era uma pessoa de?
- Todos- Confiança.
- T - E ele disse que...
- S25 - Que era, que ela não falava nada.
- T - Isso, e o que acontece, quando ele volta no outro dia pra buscar o dinheiro?
- S25 - Ele pede, pede, pede o dinheiro e ela não dá.
- S15 - Aí, ele dá um enxadada, quebra a estátua e dentro dela tem uma panela cheia de moeda de ouro.
- T - O que ele faz com essa moeda?
- S3 - Dá pra mãe.
- T - E o que a mãe dele fala pra ele?
- S14 - A mãe pegou e ainda falou pra ele não falar pra ninguém.
- T - Então vamos lá, eu vou ler a primeira parte novamente, para que não haja dúvida na compreensão do texto e vamos começar a nossa plenária.
- T - Yufá agiu certo ou errado?
- Todos- Errado.
- T - E o que vocês teriam feito no lugar dele?
- S25 - Eu teria vendido pra primeira mulher, porque, assim, ela olhou, ela só perguntou o preço, já que ela não sabe o preço, a única coisa que ela devia ter perguntado é o preço.
- T - Leo, você que interpretou o Yufá na dramatização, o que você sentiu quando a mãe te falou isso e você fez o mesmo que Yufá, o que você tinha entendido?
- S15 - Ah, no meu pensamento assim, na minha opinião, eu tinha entendido que era pra vender assim, pra uma pessoa que não ficasse assim muito falando, ah, que não sei que tem, pedindo pra vender mais barato, mas não que não falasse.
- T - Ah, não que não falasse nada.
- S15 - É, não que fosse muda.
- T - Alguém interpretou diferente do S15? Alguém aqui, quando leu o texto pela primeira vez, interpretou como o Yufá?
- Todos- (Silêncio).

- T - E depois, Yufá agiu certo ou errado ao destruir a estátua?
- S25 - A estátua é um patrimônio, não pode ser destruído, pixado.
- T - O que é um patrimônio?
- S25 - É uma coisa que é do governo, que pertence a todo mundo, que todo mundo pode visitar, entrar, tipo a escola.
- T - Todo mundo pode entrar na escola, explica melhor!
- S25 - Não é que todo mundo pode entrar, mas qualquer pessoa que quiser estudar aqui pode, porque o governo paga a escola pra gente estudar.
- T - E por que não se pode destruir um patrimônio público?
- S25 - Porque tem leis que não permitem.
- T - E se não existissem essas leis, seria certo destruir o patrimônio público?
- S25 - Claro que não.
- T - Mas o Yufá agiu certo, de acordo com o contexto da fábula, ou não?
- Todos- Errado.
- T - Por quê?
- S25 - Porque não pode destruir um patrimônio histórico.
- T - E se não fosse um patrimônio histórico?
- S14- Mesmo assim, não é dele, ele tem que respeitar.
- S26 - Isso é vandalismo!
- T - E o que é vandalismo?
- S26 - Assim, uma pessoa que destrói, né, que quebra, né.
- S15 - Pixar as coisas.
- S21 - Ah, mas foi certo?
- T - Você acha que foi certo ele quebrar a estátua, você faria a mesma coisa?
- S21- Eu não, mas eu acho que foi certo por causa que ele vendeu o tecido e tinha que ter o dinheiro de volta, já que ele era burro, era um jeito de pegar o dinheiro de volta.
- T - Mas ele sabia que tinha dinheiro lá dentro?
- S21 - Não, ele não sabia, mas a pessoa não tinha dado o dinheiro pra ele, ele tinha que vingar na pessoa.
- S15 - Mas se ela fosse uma pessoa de verdade, ele podia ter matado uma pessoa de verdade, ele achava que era.
- S1 - É, ele achava que era uma pessoa de verdade.
- T - Olha o que o Adilson falou, ele achava que a estátua era uma pessoa de verdade.
- S15 - Então, mas se fosse mesmo de verdade, ele achou, mas se fosse mesmo de verdade, ele matava.
- T - É, se fosse de verdade, ele teria matado!
- S26 - E ainda poderia ser preso pelo que ele fez.
- T - Mas o que é mais grave, ele poderia ter matado uma pessoa, caso a estátua fosse de verdade, ou o fato de ele poder ir preso?
- S26 - Matar, né, dona.
- T - Vamos supor, então, que a estátua fosse alguém realmente verdadeiro, uma pessoa comum, ta, seria certo o Yufá se vingar batendo nessa pessoa, chegando a matá-la porque ela lhe comprou um tecido e não pagou e ele precisava do dinheiro?
- Todos- Não.
- T - Por quê?
- S25 - E se a pessoa não tem dinheiro pra pagar ele?
- T - E se ela não tem o dinheiro, seria certo matá-la ou bater nela?
- S25- Matar, matar, não, mas dar uns tapas na cara, eu daria, viu.
- S1 - Ah, não é certo, o certo é conversar, falar que vai pagar depois.
- T - Mas e se vocês, no lugar dele, se vendessem o tecido pra uma pessoa realmente, uma pessoa de verdade, e essa pessoa não pagasse.
- S1 - Na primeira reação, ninguém chamaria a polícia.
- S26 - Ah, eh, se o homem já é maior, dá um pau em você e boa.
- S21 - Mas na primeira reação todo mundo ia querer bater, não ia chamar a polícia.
- S1 - Mas tem processo pra alguém que fala que não vai pagar.
- T - Leo, o que você sentiu quando você viu que o tecido não estava lá e que a estátua não estava te pagando? Imagine se a estátua fosse uma pessoa de verdade, qual ia ser a sua reação?
- S15 - Que ela roubou eu.
- T - E você ia ter vontade de fazer o quê?
- S15 - Ah, de dar uma sova nela.
- T - Por quê?
- S15 - Ah, porque ela roubou, não quer pagar!

- T- E isso seria justo?
S15 - Não.
T- Por quê?
S15 - Porque não é certo bater nos outros.
S26 - Ai, se não é justo porque você faz?
S1 - Mas às vezes a gente acaba não agindo com justiça.
T- Quando a gente acaba não agindo com justiça?
S1 - Ah, sei lá, na hora que você vai cobrar, aí você bate nele, você não pensa duas vezes, você bateu.
T - Quando a gente não pensa, a gente não age com justiça? É isso?
S1 - É isso.
T - Agora, vamos imaginar que não é um tecido, vamos imaginar que a gente trabalhou a vida inteira para construir uma casa para morar. A gente vende a casa e a pessoa que a comprou não nos paga.
S25 - Mas aí, a gente pode recorrer na justiça, porque, assim...
T - Imagina que você precisa desse dinheiro pra agora, pra uma coisa urgente, e a justiça demora 10 anos pra resolver o caso.
S27- A única chance é ir lá bater nele, né, pra ver se ele dá o dinheiro ou não.
S25 - A S14 falou lá atrás que mesmo batendo não ia devolver o dinheiro, na outra fábula, o cara bateu nele e ele devolveu tudo as coisas, porque a pessoa se apanha, não ia devolver o dinheiro.
S21 - Eu também bateria.
T - Por que você bateria, S21?
S21- Eu bateria por causa que, oh, fez sacrifício, demorei pra construir, eu queria vender porque eu precisava do dinheiro na hora, por isso que eu vendi.
T - E o resto, como vocês agiriam, pessoal?
S26 - Ah, nesse caso, se fosse uma casa ou alguma coisa de muito valor...
S15 - Eu partiria pra briga.
T - Partiriam pra briga?
S15 - Não, não a ponto de morrer, deixe ele na sarjeta.
S1 - Ele ta devendo, não quer pagar, você vai lá, bate nele e fala, se você não pagar sei lá, até a semana que vem, eu vou bater em você de novo. Aí, ele vai ter que pagar.
T - E se ele não pagar?
S1 - Apanha mais.
T- E isso é justo?
S14 - Aí, você recebe o dinheiro na cadeia, tonto.
S25 - A turma que vende, então, maconha, às vezes sai no telejornal que a turma fez e eles também não são punidos.
T - Você acha isso justo?
S25 - Não, mas é isso que acontece.
T - Mas seria justo matar ou bater em alguém que tenha comprado uma coisa sua, que lhe custasse muito dinheiro, que você tivesse dependendo desse dinheiro, e essa pessoa não te pagasse?
S25 - Matar, não, mas bater, sim.
T - Por quê?
S25 - Pra aprender a não fazer as pessoas de idiota.
T - De que forma essa pessoa ia deixar de fazer as outras de idiota?
S25 - Por medo de apanhar.
T - Mas ela ia entender que o que ela fez, enganando as pessoas, foi errado?
S25 - Ia, porque ela ia ficar com medo de apanhar.
T - E ia entender que o que ela fez foi errado?
S25 - Ia.
S14 - Muitos até fazem gangue pra pegar uma pessoa que não paga. Isso é um ato de vandalismo. Acho que violência não leva a nada.
S15 - Eu acho que depende do motivo.
T- Explica melhor, S15.
S15 - Eu acho que depende do motivo, porque, vamos supor que a pessoa não tem dinheiro pra pagar, tudo bem que eu preciso, mas se ela for bem de vida e não tiver dinheiro, ela pode vender as coisas dela, né.
S21 - Mas por que ela comprou se ela não tem dinheiro pra pagar?
T - E se ela não tiver o que vender, não tiver bens?
S15 - Se eu vejo que ela não tem posses, não tem condições de vida, eu não vendo pra ela.
S1 - Pega a casa de volta.
S21 - É, mas pra pegar a casa de volta também pode ser um processo que dura anos.
S27 - Ah, mas pra passar a escritura no nome da outra pessoa, tem que ter o dinheiro antes, né.

- S21 - É isso mesmo.
- S25 - Só que também até passar as coisas pro nome da outra pessoa vai demorar também.
- T - Imaginem então, que não existisse nada disso que vocês falaram e que o contrato de compra e venda fosse verbal
- S1 - Ah, aí, o que vale é a palavra, né.
- T- Nesse caso, o que seria justo fazer com essa pessoa que deve e não paga?
- S1 - Eu falava, ah, você não vai pagar, então devolve a minha casa.
- S25 - E se a pessoa não quiser devolver.
- S1 - Aí, apanha.
- T - Apanha, o que mais?
- S1 - Não, se você matasse ela, você não ia receber o dinheiro e ainda ia pra cadeia.
- T - Então, não compensa matar a pessoa porque dessa forma, a gente não iria receber o dinheiro e não ia pra cadeia? É por isso?
- S1- É, mas também, eu não teria coragem de matar a pessoa.
- T- Ta, e o Yufá agiu certo ou errado ao pegar o ouro que estava dentro da estátua?
- S1 - Certo.
- S25 - Certo.
- T - Por quê?
- S25 - Ele vendeu o tecido pra estátua, ela tinha que ter o dinheiro pra pagar o tecido.
- T - Então quando ele vendeu pra uma estátua, quem errou? Ele, por ter vendido pra estátua, ou a estátua por ter comprado?
- S25 - Ele, né.
- T- Aí, ele acha uma panela de ouro dentro da estátua. Ele tem o direito de pegar essa panela?
- S26 - Não.
- S25 - Ah, eu acho que tem porque ele precisava do dinheiro da venda, ele precisava daquele dinheiro pra dar pra mãe dele, daí ele vai lá, ele soca a estátua e consegue o dinheiro.
- S21 - Eu também pegaria.
- T - Por quê?
- S21 - Eu achei o dinheiro, eu não vou pegar?
- T- Você, S15, que interpretou o Yufá, você teve vontade de pegar?
- S15 - Pegaria porque, vamos supor, eu acho 100 reais no chão, eu vou pegar pra mim, agora, vamos supor, eu não pegaria, vamos supor, tem uma carteira com 100 reais, eu não pegaria se eu sei de quem é o dinheiro.
- S26 - Então, mas se você procurasse algum lugar público, algum lugar de movimento, que provavelmente quem perdeu iria dar falta, você podia deixar seu telefone, alguma coisa sua.
- T - Então, se a panela foi encontrada dentro da estátua, e a estátua era propriedade pública, com certeza, o dinheiro também era do domínio público, né? O dinheiro não é seu.
- S25 - Oh, PP, mas daquele jeito, ele precisava do dinheiro, se ele entregasse, ele não ia ter dinheiro nenhum.
- S26 - Então, se acontecesse como aconteceu lá, que o cara achou uma maleta cheia de dinheiro no aeroporto, o cara era gari, você não devolveria?
- S25 - Devolveria uma parte.
- S14 - Nossa, que horror, ele poderia te dar um pouco se você quisesse.
- S25 - Viu, mas eu achei, quem ia provar que fui eu que peguei a outra parte?
- T- Então, faz diferença se alguém te ver pegando?
- S25 - Claro, podem me dedar.
- S21 - E se você se colocar no lugar da pessoa que perdeu a mala?
- S25 - E se você achasse uma nota de 100, o que você faria?
- S21 - Eu ia pegar, mas eu ia me colocar no lugar dessa pessoa.
- S25 - Ah, mas na hora, quem se coloca?
- S15 - Dona, eu já ouvi uma história de um homem que era faxineiro e trabalhava no aeroporto. Daí, ele achou e devolver tudo, ele não tava pensando em recompensa, nada, o homem deu metade do dinheiro pra ele, não é certo pegar.
- S25 - Então, só que e se a pessoa não desse o dinheiro pra ele?
- S25 - E se, melhor ainda, o dinheiro fosse propriedade pública, aí que não iam dar nada pra ele mesmo!
- T - Então, quando o dinheiro é de propriedade pública, ele pode ser extraviado? É menos injusto?
- S25 - Eu acho.
- T- E esse dinheiro de propriedade pública, como você diz, vem de onde?
- S25 - Dos políticos.
- T- Será? Quem sabe de onde vem o dinheiro do governo, que paga o meu salário pra que vocês estudem, que paga o médico que atende lá no posto de saúde, que paga o conserto do asfalto da rua?

- S26 - É de imposto.
T- Muito bem, Vítor, tudo que pagamos, pagamos a mais, porque há uma taxa de imposto que é remetida ao governo, S25, não vem “do bolso dos políticos”, o dinheiro público é o nosso dinheiro, dinheiro de todo mundo que paga as contas, sabia?
- S25 - É. (risos)
S15 - Tem outra coisa, né, dona, é melhor fazer o bem do que fazer o mal.
T - Por quê?
S15 - Porque se você fizer o mal, vão fazer o mal pra você também.
T- O dinheiro que ele achou dentro da estátua era dele, Stefanie?
S25 - Não, mas ele precisa.
T - Então ele precisa, mas não era dele. É justo ficar com o dinheiro que não é dele?
S25 - Não.
T - Mas você pegaria?
S25 - Pegaria, lógico.
T - E aí, pessoal, quem não concorda com a colega?
S16 - Mas tinha o nome de quem era o dinheiro?
S26- Mas não precisa ter nome, só o fato de o dinheiro ta dentro da estátua, já sabe que o dinheiro não é dele.
S24 - Ah, fala, devo pra prefeitura, mas como a PP disse, eles roubaram o dinheiro de todo mundo.
T- Será que todos fariam isso?
S14 - Elas podem ajudar a melhorar a cidade se devolver, além disso, você pode exigir, saber o que foi feito com o dinheiro. Meu pai disse que tem um site que dá pra ver tudo isso, passou até na televisão. E isso é um benefício pra mim.
T- Você não pegaria?
S14 - Não, não pegaria, eu to roubando uma coisa que não é só minha, é de todo mundo.
S14 - Eu não to roubando uma coisa só minha, é de todos vocês aqui, eu tava roubando uma coisa de vocês todos não é só meu.
S25 - Mas você vai se ferrar com sua mãe!
S23 - Nossa, mas se a gente for pensar assim!
S15 - Sem contar que a gente tava discutindo e o Vítor falou que, vamos supor, uma pessoa que fez uma economia, guardou um monte de dinheiro e guardou dentro da estátua.
S21 - Ah, mas vai colocar o dinheiro dentro da estátua?
S25 - É, pra que que vai colocar dentro da estátua.
S15 - Ai, e se alguém vai roubar dele, tem um monte de jeito de esconder dinheiro, antigamente, escondia até no colchão.
S25 - E se de repente a estátua se torna um patrimônio público, todo o dinheiro dela, que ela guardou, ela vai perder, igual na novela, a mulher vendeu a casa e na casa tinha moedas portuguesas escondida, ela vendeu a casa pra prefeitura, ela não conseguiu ficar com o dinheiro.
S1 - E achado não é roubado.
T - Então é assim que a gente deve pensar, “achado não é roubado”?
S15 - É, o homem achou uma mala no aeroporto! Achado não é roubado, claro que não, mas...
S1 - Às vezes ele não precisava do dinheiro igual o Yufá.
S26 - Ai, o cara era gari, você acha que ele não precisava de dinheiro!
S14 - Eu acho que dinheiro nenhum compra honestidade e nem a consciência, dinheiro não compra tudo, a gente não sabe do dia de amanhã.
S25 - Só que pra você é fácil, você estudou na escola particular, veio pra escola pública não porque você não tem dinheiro, mas porque você não gosta de estudar.
S25 - Só que se você acha assim, dependendo do caso a gente devolve, que nem ele devolveu a maleta, só que se você acha uma nota de 100, vai saber quem perdeu, vai ficar procurando que nem louca a dona da nota de 100.
S14 - Meu pai tem dinheiro porque ele lutou.
S25 - A minha mãe também luta e não tem dinheiro, nada a ver.
S14 - Só que a gente não ta falando de uma nota, tipo 100 reais, a gente ta falando de uma maleta cheia, uma panela.
T - E qual é a diferença entre achar uma maleta cheia de dinheiro e não devolver e achar 100 reais e não devolver, qual é a diferença no ato?
S14 - Ah, nenhuma, é, é verdade, ah, se eu achar no pátio 100 reais, eu vou sair gritando “de quem é 100 reais”, claro que não.
S26 - Mas você poderia ir na direção e falar que você achou 100 reais, de certo quem perdeu não vai falar pra diretora. Você vai pelo ato, é igual, é ato de roubar.
S6 - A pessoa que perdeu esse dinheiro pode perguntar por exemplo, em todas as classes da escola.

- S21 - E se todo mundo falasse que perdeu?
 S26 - Mas aí, o problema já é de cada um que não é honesto, eu não quero ter consciência pesada.
 S21 - Um dia, eu tava no mercado, vi uma nota de 10 reais cair do bolso da mulher, eu peguei a bolsa e devolvi porque eu vi cair.
 S23 - Gente, nós não estamos falando de uma nota, mas sim de uma quantidade grande de dinheiro!
 S5 - Então, a quantidade grande, a gente até devolveria porque é muito.
 (Silêncio)
 S25 - Deixa eu pensar, dá um tempinho.
 S26 - Eu esperava o cara dar pra mim.
 T - E se ele não desse?
 S26 - Eu não pegava.
 T - E ficaria tudo bem?
 S26 - É, ia, não era meu.
 S25 - E se a gente devolve esse dinheiro pensando na recompensa e a pessoa não dá a recompensa pra gente?
 (Silêncio)
 S1 - Ah, sei lá, também, se eu acordo de bom humor, vou lá e devolvo, mas também se acordo mal não devolvo, sei lá.
 T - Ah, então depende do humor do dia? E isso é justo?
 S1 - Não, acho que não.
 S14 - Coitada da pessoa que vai depender do seu humor! Que egoísta, o mundo não gira na sua volta.

Anexo 07: Respostas dos sujeitos no pós-teste

Classe Experimental

Dilema 1

a)

1. Sim, pq ele ia salvar auguém.
2. sim, porque ele está salvando uma vida, de quem ele ama.
3. sim, porque a mulher dele está precisando e não custa nada ele roubar ou ganhar o remédio.
4. não, porque não é justo isso e furtar o remédio, não custava nada pedir.
- 5.
6. deve porque se ele precisa salvar a vida de sua esposa ele deve roubar esse remédio.
- 7.
8. sim, porque a sua esposa necessitava do remédio.
9. sim, porque a mulher dele precisa
- 10.
- 11.
12. sim, porque o cara ia pagar o remédio depois.
- 13.
14. eu acho que não porque nada justifica sua consciencia nunca você nunca recuperava, mais sua imaginação você pode aos poucos.
15. sim, porque sua esposa está necessitando desse remédio.
16. não, porque o remédio não é dele e não foi ele quem fez.
17. sim, porque é uma causa de vida ou morte, que o dinheiro ou quem descobriu, naquele momento não importa.
18. não, porque se todo mundo que precisar irá roubar, então não é certo.
19. Heinz deve saber que furtar é errado, mas se ele está fazendo um bem a uma pessoa acho que ele deveria ir livre.
20. Sim, porque a mulher dele está morrendo e ele precisa do remédio.
21. sim, porque ele queria salvar sua mulher.
22. sim, porque a mulher dele tava morrendo.
23. sim, porque é uma vida que está em jogo.
24. não, porque não é certo roubar uma coisa que não é sua.
25. sim, porque é uma questão de vida ou morte.
26. sim, porque ele não vai deixar a mulher dele morrer.
27. não. Porque se o homem descobriu, ele levou um tempo para descobrir, mas o farmacêutico deveria fazer mais barato.
28. sim, porque ele não queria vender. Então, não tinha outro jeito.

b)

1. Sim, não, pq ele a conhecia então vale a pena roubar.
2. não, mas ele poderia falar para outra pessoa comprar, mas ele não gosta dela, pedisse para um parente.
3. eu acho que não pq ele não ama ela então, para que ele vai se arriscar ser preso.
4. sim, nem se ele não amasse vai deixara mulher morrer.
- 5.
6. se ele não amasse sua esposa ele não furtaria e ele não deve tomar o fato de amar sua esposa porque de um modo ou de outro ele furtaria.
- 7.
8. sim, porque ele estaria salvando e quem sabe no futuro ele poderá retribuir.
9. não, ele deve roubar mesmo que não a ame.
- 10.
11. sim, porque se não a mulher dele more, eu roubaria para ajudar ela.
12. sim, porque não ia deixar a esposa morrer.
- 13.
14. eu caho que não faz diferença nenhuma porque roubo é roubo, nada justifica o ato.
15. sim, não, porque a gente tem que pesar em amar as pessoas.
16. não, não porque coitado do cara que foi assaltado e pode estar precisando do dinheiro e roubar é errado.
17. sim, não, porque é uma pessoa como qualquer outra que está morrendo e precisa de ajuda.
18. mesmo se ele amar não é justo porque ele está cometendo um crime.
19. sim, porque ele está fazendo bem a uma pessoa não interessa se ele ama ou não.
20. não, porque ele não taria roubando para a pessoa que ele ama.
21. sim, não, porque ele estava salvando uma vida.
22. não, faz diferença porque se a gente não ama a pessoa, não gosta dela, não deve roubar.
23. sim, deveria roubar. Não, porque nós não podemos ajudar só quem amamos.
24. sim, porque ele ama a sua esposa, então ele deve furtar a farmácia.
25. deveria, porque ela iria morrer, mas se ele não amasse-a talvez ele não roubasse, ele deixaria-na morrer.
26. sim, porque se fosse um desconhecido, ele não iria furtar.
27. sim, não. Porque você não precisa amar uma pessoa para salvar a vida dela.
28. sim, faz toda diferença, porque se ele não amasse tnato ela não se preocuparia.

c)

1. Não, pq ele nem conhecia.
2. sim, desde que se conheça a pessoa, porque se não conhece, não sabe o que essa pessoa pode querer.
3. não, mas eu acho que ele deve ajudar a conseguir o dinheiro, mas não roubar pra ele.
4. sim, porque ele ta salvando uma vida entende, se fosse no meu caso, eu faseria furtaria sim o remédio.
- 5.
6. não deveria furtar o remédio para o estranho porque se a polícia soubesse era Heinz que iria se ferrar por causa do homem estranho.
- 7.
8. não, mas deveria ajuda-lo de qualquer maneira.
9. não, ele não o conhece.
- 10.
11. sim, não faz diferença porque você tem que ajudar, não importa se ele gosta ou não, tem que ajudar o próximo.
12. sim, poque a aquele pesoa tava meaçada de morte, ele deve sim.
- 13.
14. não, porque Heinz não conhecia, ia furtar para uma pessoa que ele nem conhece.
15. sim, porque temos que amar as pessoas como amamos a nós mesmos.
16. sim, por que assim você vai ficar de bem com você mesma, pensando que salvou uma vida e essa pessoa será eternamente grata a você.
17. sim, porque é uma vida, uma pessoa que gostaria de viver, mas só ajudaria se não tivesse mais ninguém para fazer isso.
18. não porque é errado isso.
19. sim, pois não interessa se é da família dele ou não ele está fazendo bem a outra pessoa.
20. não porque ele não conhece essa pessoa.
21. sim, mais a família dessa pessoa que deveria fazer isso.
22. não, porque ele não tem que se prejudicar por causa dos outros.
23. não, porque ele não conhecia a pessoa, mas ele poderia ajudar de outra forma e não roubando.
24. não, porque não é nada dele, então não é justo roubar o farmacêutico para uma pessoa estranha.

25. não, porque a família do estranho deve ir atrás do remédio e não Heinz.
26. não, porque a família do estranho que deveria furtar.
27. sim, porque esse estranho é um ser humano igual a ele.
28. não, pois não é da família dele, nem amigo, você vai sujar seu nome por um estranho.

d)

1. depende, se eu conhecer, sim, pq se eu conheço eu sei ela é uma pessoa boa.
2. sim, desde que se conheça a pessoa, porque se não conhece, não sabe o que essa pessoa pode querer.
3. é importante é , mas você acabar se dando mal para ajudar essa pessoa.
4. é sim por que a pessoa ta morrendo e você olhando você não teria coragem de deixar uma pessoa morrer porque se fosse no meu caso eu faseria.
- 5.
6. sim, porque se você ajudar no futuro ela também pode ajudar você.
- 7.
8. sim, porque ele estava fazendo uma boa ação.
9. às vezes sim, mas nem tudo.
- 10.
11. sim, por todo mundo tem que ajudar o próximo.
12. deve sim ele vai dexa a mulher dele morer, ele tinha que roubar.
- 13.
14. na medida do possível tem coisas que dá, mais coisas que não às vezes está escrito que nós passamos por aquela prova difícil, não tem como mudar o destino.
15. é, porque torna moralmente errado, porque é diferente você roubar por roubar ou ajudar alguém.
16. sim, não isto lhe faz mal porque você roubando você vai ficar talvez com a consciencia pesada.
17. sim, porque é uma pessoa e toda pessoa quer viver, e porque qualquer um deve ajudar o próximo se estiver em condições.
18. tudo que podem ,comprando, porque assim é certo.
19. roubar é errado mais ele não está roubando para roubar um remédio que salvaria a mulher de vida ele está roubando para salvar sua esposa.
20. sim, roubar é um crime.
21. sim, porque um dia você pode precisar.
22. sim, porque a gente tem que ajudar o próximo.
23. sim, porque quanto mais fizermos o bem, recebemos também.
24. sim porque é uma pessoa necessitada você pode ajudar ela sim.
25. sim, mas não algo que a prejudicaria, porque se você estivesse no lugar dessa pessoa talvez alguém te ajudasse.
26. sim, mas o possível não roubar uma farmácia para um estranho.
27. sim, porque se você salvar ela, quando você precisar, ela pode ajudar você como ela foi ajudada.
28. sim, porque você estará salvando uma vida. A vida é a coisa mais importante.

e)

1. é, sim, sim, pq é errado roubar mais o governo não fornece as necessidades.
2. sim, mas se for para salvar uma vida não. Não, pois ele está salvando. Isso pode lhe trazer problemas no futuro, pois roubou (por uma boa causa).
3. é, mas a mulher dele que ele ama e precisa então eu acho que o ato não se torna moralmente errado
4. eu sei que é contra lei mais e o Heinz não roubar, furtar o remédio daí ele vê a pessoa morrendo ele ficaria com a consciência pesada.
- 5.
6. não, se for necessário tornar até torna errado, não lhe faz mal porque é necessário pegar aquele remédio.
- 7.
8. sim, sim, e roubar lhe fará se sentir mal porq eu é errado, mas se é para ajudar uma pessoa, eu acho que não é.
9. é contra a lei, isso torna o fato errado pois não devemos roubar por roubar.
- 10.
11. sim, não é um ato errado, mais se você está roubando, porque precisa para vida ou morte.
12. sim porque você pode presisa da ajuda dela.
- 13.
14. eu tenho certeza que roubar se torna um ato grave. E me faz mal porque minha moral depois não voltaria a ser a mesma.
15. é, porque se estivéssemos no lugar da necessitada, íamos querer que alguém nos ajudasse.

16. não, porque essa pessoa pode dar um jeito de conseguir o dinheiro, e ele não vai precisar roubar e ser tornar um criminoso.
17. sim, não. Ele deve fazer porque é a vida de uma pessoa que está nas mãos dele.
18. roubar é errado, porque é uma ajuda que é crime. É errado.
19. se eu tivesse no lugar dele também faria isso, mesmo sabendo que roubar é errado, eu faria isso de consciência limpa.
20. sim, porque se você sente que tá salvando a vida de uma pessoa.
21. sim, não, faz, porque ele pode ser preso.
22. é contra a lei. Talvez se não fosse pra salvar a vida. Não faz ele ia roubar pra ajudar a mulher.
23. é contra lei sim, mas o Heinz não está roubando por roubar e sim roubando para salvar uma vida.
24. sim, porque roubar é errado mas se for pra salvar alguém eu roubaria.
25. sim, pois é roubo. Mas não torna o ato moralmente errado, porque é para salvar uma vida. Isso não lhe faz mal, porque ele está salvando alguém.
26. sim é errado e o ato é moralmente errado e roubar faz mal para todo mundo.
27. sim, torna porque ele está roubando só que de outra forma. Sim, porque se você roubar por roubar sua consciência vai ficar pesada.
28. sim, não, não, porque ele está roubando para salvar a vida de sua mulher.

f)

1. o que der, sim, pq ele pode estar dando a vida para alguém.
2. sim, porque se pudéssemos fazer de tudo, não existiria lei.
3. sim, mas então nesse caso as leis devem ser esquecidas, pq se ele cumpre as leis uma pessoa pode morrer.
4. sim, por que deveria ser assim se não como que o nosso país vai ser.
- 5.
6. sim, porque não teria tanta criminalidade.
- 7.
8. sim, porque roubar é errado.
9. sim, porque a lei é feita para ser obedecida.
10. sim, mas se uma pessoa está quase morrendo você tem que sair um pouco da lei.
11. não por que é pra salvar vida.
- 12.
- 13.
14. não, mais sempre segilo quando é possível.
15. sim, porque aí o mundo ficaria melhor.
16. não, porque nem todas as leis são corretas.
17. sim, ns não se fosse um caso de emergência, que as pessoas correm riscos de vida.
18. sim, porque a lei é feita para as pessoas não fazer nada de errado.
19. sim, mais ele está roubando por uma causa nobre e justa, não roubar por roubar mesmo.
20. sim, não é serto desobedecer as leis.
21. sim, mas nesse fato, não, porque se é contra a lei é um ato errado.
22. sim, porque a gente não pode desobedecer a lie, mas era caso de vida ou morte.
23. sim. Mas algumas horas não deveríamos segui-la, porque tem lei muito justa.
24. sim porque roubar é crime.
25. sim, quando a lei é justa, mas ninguém o faz. Por que se é uma coisa tola, você não deve desobedecer, mas se é risco de vida você deve desobedecer.
26. sim, porque se não obedecer ele pode ser preso.
27. sim, porque se tem lei é para ser um mundo melhor.
28. depende do ponto de vista, pois às vezes é preciso.

Dilema 1A

a)

1. não, pq ele não tem certeza.
2. não, porque Heinz estava salvando sua mulher, e Brown não pode dar parte sem ter certeza de quem foi.
3. não, porque é um amigo dele, ele sabe que a mulher dele está muito precisando do remédio.
4. se ele não porque mesmo assim se eu fosse o amigo ou se fosse meu amigo eu faria sim, deixaria não prenderia.
- 5.
6. não deveria porque se fosse eu e ele seria o meu amigo e saberia que ele estaria passando por essa fase, eu não prenderia.
- 7.

8. não, por que Heinz estava salvando a vida de sua esposa.
9. não, ele sabe que a mulher de Heinz está doente.
- 10.
11. não, por ele esta roubando por boa causa eu sei que justiça é justiça mas ele fez isso para salvar a vida.
12. não , poque ele era amigo dele.
- 13.
14. eu acho que sim porque quando a gente exerci uam profisão nós temos que cumpri ela exatamente como se deve.
15. sim, porque é o dever de um policial obedecer à lei.
16. não, porque afinal é o amigo dele que roubou e se ele for amigo não entregaria Heinz a polícia.
17. não, porque foi um ato necessário, se ele soubesse da história não deveria contar.
18. sim, porque é trabalho do policial.
19. mesmo que ele deve obedecer a lei, um amigo mesmo de verdade nunca entregaria o seu amigo para se ferrar se eu fosse esse amigo, não faria isso não.
20. não, porque ele é seu amigo.
21. sim, porque ele é um policial e teve que cumprir a lei, não porque ele é um amigo.
22. não, porque ele roubou pra salvar a mulher dele que estava morrendo.
23. não, porque ele sabia do caso de Heinz e outra como ele irai dar parte de uma coisa que não tem provas.
24. não, porque ele conhecia a família e ele sabia o que a família estava passando.
25. não, porque ele sabe que Heinz roubou para salvar uma vida.
26. não, porque é um amigo dele e ele furtou para salvar uma vida.
27. não, porque se ele fez aquilo é por a causa que não tem outra forma de salvar a vida da esposa de Heinz.
28. sim, porque esse é o trabalho dele.

b)

1. não, pq eles são muito amigos.
2. não, porque ele sabe de tudo que está acontecendo com a mulher, e sabe que Heinz está desesperado.
3. não, porque é um grande amigo, ele sabe do caso.
4. sim, porque se fosse amigo, parseirão, deveria.
- 5.
6. não, porque se fosse amigos tão íntimos e quase irmãos eu não prenderia.
- 7.
8. não, porque ele estava salvando uma vida, ele tentou de todo jeito.
9. mesmo sendo amigo íntimo eu acho que ele não deveria.
- 10.
11. não, porque ele está roubando para a mulher dele que está quase morrendo.
12. não ele era amigo dele então ele não fasia.
- 13.
14. mesmo assim eu denunciaria ele porque temos que pagar pelos nossos atos seja ele bom ou ruim.
15. não, porque os amigos nunca magoam um ao outro.
16. não, porque ele sendo um super amigo ele não deveria dar parte de Heinz.
17. não, porque ele sabia das dificuldades de Heinz.
18. sim, porque é a lei do policial.
19. se eu fosse a polícia seria um amigo e não entregaria ele.
20. não, porque eu não teria coragem de entregar ele.
21. não, pois era um amigo íntimo. Sim, porque ele era um policial
22. não, porque um super amigo vai dar parte do outro, isso não seria amigo de verdade.
23. não, porque o policial devia se colocar no lugar de Heinz e ver como é difícil a situação.
24. se fosse amigo íntimo eu acho que ele deveria entregar Heinz para a polícia.
25. não, porque Heinz tinha razão em roubar o remédio para salvar a vida de sua mulher.
26. não, porque era amigo.
27. não. Porque se você é amigo de uma pessoa você só quer o bem dela e não o mal.
28. não, porque daí, ele saberia o que Heinz só furtou para salvar sua mulher.

Dilema 1B

a)

1. deveria libera-lo, pq é para salvar sua esposa.
2. suspender a sentença, pois Heinz roubou o remédio.
3. suspender a sentença e liberta-lo, porque o que Heinz fez foi errado, mas roubando ele salvou a vida de uma pessoa.
4. é melhor porque ele tava ajudando um parceiro.

- 5.
6. o juiz deveria libertalo porque ele não roubou por roubar, ele roubou por necessidade.
- 7.
8. deveria dar uma sentença para ele refletir o que ele fez, eu acho que a sentença deveria trabalhar com o médico.
9. não deveria dar sentença nenhuma, pois ele roubou só para salvar a vida da mulher.
- 10.
11. deveria suspender a sentença e o Heinz ir embora porque ele roubou porque a mulher tava precisando.
12. juiz devia terminar a sentença porque ele tava salvando uma vida.
- 13.
14. o juiz deveria dar uma posição a Heinz porque ele desobedeceu a uma lei, nada justifica o ato de roubar.
15. suspender, porque ele só estava ajudando sua esposa.
16. deveria dar uma sentença não muito brava, porque assim ele pagaria o crime e ficaria livre.
17. liberta-lo, para ele poder continuar cuidando da esposa, e que o motivo do roubo foi para salvar uma vida.
18. deveria suspender a sentença por que na lei do júri vai ficar com dó.
19. suspender a sentença e libertalo isso é melhor porque ninguém se coloca no lugar de Heinz e se fosse uns do júri que fosse Heinz eles fariam o mesmo que Heinz.
20. deveria dar uma sentença para ele pelo menos para ele aprender que não pode roubar.
21. suspenderia a sentença, porque ele salvou uma vida, a sua mulher.
22. deveria dar uma sentença, não ir preso, porque ele ia aprender a não roubar mais.
23. sentença a liberta-lo porque ninguém ajudou ele a salvar a mulher dele então a única coisa que sobrou era furtar.
24. ele deveria dar sentença de um ano de cadeia, porque o crime dele não é pesado.
25. deveria suspender a sentença e liberta-lo, pois ele estava fazendo isso (roubando) para o bem de sua mulher, para ela não morrer.
26. deveria fazer ele pagar o remédio, pois ele roubou para salvar uma vida.
27. liberta-lo. Porque ele não fez isso por fazer era para salvar uma vida, principalmente da esposa dele.
28. deveria dar uma sentença, porque ele descumpriu com a lei.

b)

1. depende de que ele fez, pq ele não fez as coisas sem nós.
2. somente as que cometem crimes muito graves, que não é o caso de Heinz.
3. sim, mas nesse caso, não, porque a maioria das pessoas que roubam não roubam para salvar a vida de pessoas e sim para se tornar rico.
4. sim, mais no caso dele não por que ele ajudou uma pessoa.
- 5.
6. sim, deveria ser preso se fosse sem consciência, mas como foi com consciência não deve ser preso.
- 7.
8. sim, porque é lei.
9. sim, se não fosse se cumprir a lei não deveria existir policiais.
- 10.
11. sim, mais no caso do Heinz não.
12. dependendo só o que você cometeu.
- 13.
14. sim, porque estamos desobedecendo uma lei que foi colocada ali para nós cumprir, não desobedecer.
15. sim, porque elas estão desrespeitando à lei.
16. talvez, porque ele também pode não ter cometido um crime tão grave.
17. sim, mas não se fossem um caso estritamente necessário.
18. sim, porque está descumprindo a lei.
19. sim, mas eu não pois ele roubou para fazer uma coisa justa, salvar a sua esposa mesmo ele sabendo que roubar é errado.
20. sim porque não pode violar a lei.
21. sim, se a pessoa viola uma lei, mais tem casos e casos.
22. sim, porque nós não podemos violar a lei.
23. sim, mais no caso de Heinz eu acho uma injustiça
24. sim, porque eles violaram a lei.
25. muitas sim, as que roubam só para ter aquilo, mas quem rouba porque senão iria perder a vida, ou algo assim não deve ser punida, porque ela precisa disso.
26. sim porque roubar é contra a lei.
27. sim, porque se nenhuma pessoa ser punida, a comunidade vai ser só ladrão, não vai dar para morar lá.

28. sim porque se existem leis, são para ser cumpridas.

c)

1. não, pq ele ia salvar a sua esposa.
2. sim, porque uma pessoa que não tem consciência do que faz, não pode ficar “solta na rua”.
3. sim, porque assim ele não taria pensando para algo bom e sim para algo ruim.
4. não ele não deveria apanhar nem ser preso por que ele apenas tava ajudando.
- 5.
6. sim, deveria ser preso se fosse sem consciência mas como foi com consciência não deve ser preso.
- 7.
8. sim, de qualquer forma porque roubar é errado, mesmo que você fique com a consciência tranqüila você estava agindo errado.
9. sim, porque quem rouba tem que ser punido.
- 10.
11. sim, porque daí ele não estava roubando porque precisa.
12. a sua consciencia ia ficar pesada.
- 13.
14. sim, nada fazemos sem pensar, agimos porque queremos fazer aqui, ou seja, para uma causa boa ou ruim.
15. sim, porque ele não obedeceu à lei.
16. sim, porque ele não pensou para agir sem consciencia.
17. sim, porque ele iria roubar apenas por prazer e não porque alguém está precisando daquilo urgentemente.
18. fizece o certo porque é um crime de qualquer jeito com a consciencia limpa ou suja.
19. sim, se ele roubasse mesmo por roubar, aí sim ele deveria ser punido mas ele não fez isso, ele salvou uma vida e isso é justo.
20. sim, para ele pensar duas vezes antes de fazer.
21. sim, porque ele está fazendo por que quer não por uma causa importante.
22. não, porque ele não estava pensando no que estava fazendo.
23. sim, mais cada caso é uma história, e o caso de Heinz era uma coisa diferente.
24. sim, porque ele precisava do remédio.
25. sim, porque nossa consciência geralmente nos diz o que é certo, e ele não estaria fazendo o certo.
26. sim porque ele deveria ser conciente.
27. sim, porque você vai sair então roubando tudo o que vê pela frente, vai ficar com a consciência pesada
28. sim, porque ele estaria roubando por roubar, sem pensar em nada.

d)

1. ele devia libertar o cara para salvar sua mulher, para salvar sua mulher.
2. se fosse para dar uma sentença, então que fizesse Heinz trabalhar para a sociedade e pagar o remédio.
3. solta-lo porque ele não roubou para se enriquecer mas sim para ele salvar a vida de uma pessoa.
4. a não, daria uma punição por que ele tava fazendo o que era certo, ajudando uma pessoa.
- 5.
6. a justiça deveria não prendelo porque foi por necessidade pelo que fez.
- 7.
8. prendelo em regime semi-aberto, por que ele roubou para salvar a esposa.
9. seria não dar nenhuma punição para o homem, pois ele não fez nada de tão grave, só queria salvar a vida da mulher.
- 10.
11. deixar ele ir embora. Ou fazer ele pagar o remédio.
12. terminar de pagar o cara.
- 13.
14. seria colocar Heinz na cadeia, porque ele cometeu um crime e os criminosos devem ir pra cadeia.
15. prendê-lo, porque ele não obedeceu à lei.
16. dar uma sentença não muito grave porque assim eu não estaria com a consequência pesada e não decharia a pessoa mais brava ainda.
17. libera-lo, pois ele não fez aquilo só por diversão, e sim para salvar alguém.
18. ir pra cadeia porque ele roubou, ele cometeu um crime muito grande.
19. fazer ele trabalhar um serviço comunitário e o que ele recebia pagasse o remédio que ele roubou.
20. deixar ele três meses na cadeia.
21. suspender a sentença.
22. heinz trabalhar na farmácia, porque ele tem que aprender de algum jeito.

23. ficaria só alguns dias na cadeia, para não cometer injustiça. E davam o remédio para a mulher.
24. eu deixaria Heinz solto porque tem pessoa que mata e o heinz só roubou um remédio então não é justo.
25. libertar Heinz, porque ele só roubou para salvar sua mulher.
26. fazer heinz pagar o remédio pois ele furtou para salvar uma vida.
27. não daria nada. Porque era para salvar uma vida.
28. dar a sentença de que Heinz deveria ajudar o dono da farmácia produzir remédios.

Dilema 2

a)

1. não, porque a Judy confiou em sua irmã.
- 2.
3. sim, porque ela mentiu para sua mãe que é uma coisa muito feia.
4. no caso, se fosse minha irmão eu não falaria porque é segredo da minha irmã, agora, no caso delas eu não falaria se ela descobre eu não ia mais falar com ela.
- 5.
6. sim, deve porque não é certo ficar escondendo nada de sua mãe.
- 7.
8. ela deve calar-se porque a Judy se esforçou para ganhar o dinheiro.
9. ela não deve contar porque é um segredo da irmã, ela tem que guardar.
10. não deve contar porque se fosse Louise não queria que Judy contasse devemos pensar assim.
11. eu acho que ela não deveria contar porque a irmã confiou nela.
12. não, porque ela era sua irmão, tem que confiar.
- 13.
14. eu acho que louise não deve contar para sua mãe porque quando nós contamos algo para alguém é para ela guardar segredo.
15. calar-se, porque é chato ser dedo duro
16. deve calar-se porque Judy não estava agindo tão errado, e sim a mãe que voltou para trás.
17. calar-se porque se ela não fez nada de errado no show, não tem porque a mãe ficar sabendo.
18. não, porque a menina pode prejudicar as duas
19. não, porque se ela contou a sua irmã era porque confiava nela acho que ela não deve contar.
20. eu falaria porque ela mentiu para a mãe.
21. ela deve calar-se porque quem deve falar é Judy.
22. eu falaria porque não foi certo ela mentir pra sua mãe.
23. sim, porque, primeiro não pode mentir, segundo a Judy estava errada e terceiro, com certeza, se fosse a Louise a Judy iria contar.
24. ela deve ficar quieta porque ela sabe e a mãe não, então não é justo a irmã mais velha falar que Judy foi ao show.
25. deve porque ela mentiu para a mãe e isto é errado.
26. não deve contar porque ela podia estar na pela da irmã mais nova.
27. não deve contar porque se judy contou para a irmã é porque ela confiava na irmã dela.
- 28.

b)

1. não, pq louise não pode fazer uma melhor amiga. Não, se ela contar a mãe nem vai se tocar.
- 2.
3. não, porque ela mentiu e não faz diferença. Sim, porque ela não mente.
4. é o seguinte, se contar, não sei que fala que é, não sei, é segredo, se menina foi junto também não tem que falar nada.
- 5.
6. não vai ser só uma filha boa, porque só vai contar uma coisa errada do que ela fez e nada mais.
- 7.
8. não, porque se ele estivesse fazendo coisas fora da lei ela contaria, não porque nem tudo que eu contar eu sou parabenizado.
9. mesmo sendo ou não sendo irmã ela não deve contar se ela contar ela pode até ser uma boa filha, mais será uma péssima irmã.
10. sim, pela deve fazer diferença porque uma precisa ajudar outra, não, porque cada um com sua vida.
11. sim porque ela fez tudo para ganhar o dinheiro.
12. não porque ela batalho pra conseguir o dinheiro.
- 13.

14. eu acho que não porque você é uma filha boa com seus atos.
15. sim, porque é diferente a irmã de parentes ou de pessoas, não, porque ser bom é uma atitude de obediência e a mãe não falou nada, agora se ela perguntasse alguma coisa, eu teria que falar.
16. não porque se ela fosse irmã legal não contaria não porque não faria diferença.
17. sim porque quando você conhece a pessoa melhor, principalmente da família, não quer que ela sofra. Não, porque você estaria sendo apenas infantil.
18. não, porque ela só está ajudando a sua mãe.
19. sim, faz diferença, mas isso não vai mudar.
20. sim, sua mãe passa a ter confiança em você.
21. sim, com irmã é diferente, sim, porque se ela contar a mãe vai ficar feliz.
22. faz, porque tem que ajudar a irmã, não tem a ver ser uma boa filha, porque você conta ou não é o certo.
23. não tem nada a ver com negócio de ser boa filha e sim ser honesta e falar a verdade.
24. sim porque uma deve guardar, o que uma faz, a outra também pode fazer um dia.
25. não faz diferença, porque ela estará fazendo o certo. Ela seria uma boa filha, porque ela mostra a mãe eu pode confiar nela.
26. tem diferença, não devemos ferrar o outro irmão.
27. sim porque se ela contar para sua mãe, quando ela contar alguma coisa para Judy, ela também vai contar para sua mãe.
- 28.

c)

1. é, pq o dinheiro é dela não é da mãe.
- 2.
3. não, porque ela tem que obedecer sua mãe.
4. eu acho importante porque ele que ganhou, ele tem seu próprio dinheiro então não tem que falar nada.
- 5.
6. sim, porque sua mãe falou que quando ela conseguise o dinheiro ela poderia ir.
- 7.
8. sim, porque o dinheiro é de Judy ela conseguiu sozinha.
9. sim, porque ela não pediu o dinheiro à irmã mais velha e nem à mãe.
10. sim, porque se estiver pedido pra sua mãe deveria contar.
11. sim porque ela fez de tudo para ganhar o dinheiro
12. sim porque ela trabalhou.
- 13.
14. eu acho que não porque primeira mente temos que obedecer nossa mãe.
15. sim porque foi ela que conseguiu o dinheiro e não a mãe.
16. sim porque ela tirou do próprio bolso e não foi a mãe que pagou.
17. sim porque você aprende a dar valor nas coisas, principalmente, quando você tem que trabalhar para isso.
18. sim porque se a mãe estava precisando daquele dinheiro.
19. sim, ela conseguiu o dinheiro sozinha e isso é importante.
20. sim, a mãe dela não deu o dinheiro para ela ir no show.
21. sim, prque se ela que ganhou com seu próprio trabalho.
22. sim porque eu consegui sozinha.
23. sim porque ela conseguiu aquele dinheiro com suas próprias mãos e não era dinheiro da mãe.
24. sim, porque ela economizou o seu dinheiro.
25. não, porque a mãe já tinha deixado e foi errado ela dizer que ia e depois não deixar.
26. sim, porque se prometeu ta prometido.
27. sim porque ela trabalhou para ganhar esse dinheiro.
- 28.

d)

1. é pq a mãe fala que ela ia ir ao show com o dinheiro dela.
- 2.
3. não, porque depois a mãe disse que não.
4. sim, porque se ela ganhasse tudo bem o dinheiro dela.
- 5.
6. sim, porque sua mãe havia prometido.
- 7.
8. sim, porque promessa é dívida.
9. sim, porque a mãe deveria cumprir com a promessa.

10. se a mãe prometeu deveria cumprir. Isso é importante porque é o certo.
11. sim porque a mãe tinha deixado ela ir para o show e depois que conseguiu o dinheiro não deixou.
12. sim, porque ela falou que ia no show, ela não tinha que contar.
- 13.
14. eu acho que quando nós fazemos uma promessa temos que cumprila.
15. sim, porque a mãe prometeu se o dinheiro fosse de judy.
16. sim porque a mãe falou que ela podia.
17. sim, porque mãe é uma pessoa que você confia muito, e a cada mentira essa imagem de exemplo vai se destruindo.
18. sim porque ela fala que vai mais não prometeu.
19. se sua mãe deixou e Judy conseguiu seu próprio dinheiro, eu acho que não seria justo a sua mãe mudar de idéia.
20. sim, ela me prometeu se eu conseguisse ganhar o dinheiro ela deixava.
21. sim, se a mãe autorizou ela deveria ir.
22. sim porque ela conseguiu o dinheiro sozinha.
23. sim porque quando prometemos algo é porque vamos cumprir mas a mãe de Judy não cumpriu.
24. sim, ela economizou e sua mãe não queria deixar ela ir ao show.
25. sim porque é uma promessa, e se você estivesse no lugar da pessoa, você não iria querer que ela contasse a alguém.
26. sim, porque a mãe não precisou gastar o dinheiro com ela.
27. sim, porque ela fez de tudo para ganhar seu dinheiro.
- 28.

e)

1. não, pq eu não vou mais vela.
- 2.
3. não, porque eu nunca mais vou ver ela
4. não, se fosse nesse caso ou é não eu não falaria a promessa por uma pessoa que eu não conheço.
- 5.
6. não é importante porque uma pessoa desconhecida não é bom fazer um bom trato com ela.
- 7.
8. sim, porque quando você promete você tem que cumprir.
9. sim, porque promessa foi feita para ser cumprida.
10. não mentir e ser sincera porque não devemos mentir, mas no caso dela, não teve jeito.
11. sim, é quem promete que tem que cumprir.
12. não, porque não é uma pessoa de confiança
- 13.
14. eu acho que sim porque se alguém confia em você, para guardar um segredo temos que cumprir.
15. não, porque nunca mais verá essa pessoa.
16. sim porque promessa é promessa e a gente não pode voltar atrás.
17. sim, é uma questão de honra e uma obrigação com a própria consciência, pois você não gostaria que fizessem isso com você.
18. sim porque você fez essa promessa é porque dava pra cumprir.
19. sim, se a pessoa contou para você é porque ela confia em você.
20. sim, promessa é dívida.
21. sim, porque se você prometeu você tem que cumprir.
22. não, porque eu não iria mais ver como eu iria cumprir a promessa.
23. não, porque promessa é uma coisa séria e não é uma coisa qualquer.
24. não, porque você não conhece e nem vai ver essa pessoa novamente então não é justo prometer a um estranho.
25. a confiança porque sem confiança não há relacionamento e a obediência, porque se sua mãe diz não você deve fazer.
26. sim, para você mostrar que é um homem de palavra.
27. sim, porque se você promete para qualquer pessoa, deve ser cumprido.
- 28.

f)

1. amor a mãe, para não ter confusão no futuro.
- 2.
3. falar a verdade, não mentir, honestidade e confiança.

4. a não falar mentira. Porque você está vendo que nesse caso ela mentiu então por isso que tou falando.
- 5.
6. ela deve compreender as coisas com sua mãe pra receber tudo o que ela mandar.
- 7.
8. nunca mentir porque se não ela perderá a confiança em você.
9. a filha deve obedecer a mãe, mais a mãe deve cumprir com suas promessas.
10. não mentir, e ser sincera porque não devemos mentir, mas no caso dela não teve jeito.
11. a obedecer por que daí ela começa a deixar você ir em qualquer lugar, ela tem que ter confiança.
12. ela tinha que contar para sua mãe.
- 13.
14. eu acho que é a confiança porque sua mãe confia em você.
15. ser sincero, porque se não tiver isto o relacionamento não é bom.
16. tentar não magoar ela porque assim eu ficaria feliz em saber que ela também está feliz agora se ela tiver triste eu não vou gostar.
17. a confiança porque quando você tem confiança, você vive muito melhor com a outra pessoa e se sente bem com ela.
18. respeito porque é o que não pode faltar, e carinho e amor.
19. falar a verdade, sempre obedecer aos pais em tudo.
20. a não mentir.
21. falar tudo, porque se você contar tudo ela pode te ajudar.
22. em obedecer, porque a gente sempre tem que obedecer nossos pais.
23. confiança e honestidade. Porque viver com uma pessoa sem ter confiança não dá, e honestidade é tudo na vida.
24. ela deve obedecer a sua mãe para que a mãe continue as duas uma companheira da outra.
25. a confiança, porque sem confiança, não há relacionamento e a obediência.
26. o amor, porque se você não tiver amor pela sua mãe não vai amar mais ninguém.
27. ajudar ela. Porque se você não ajudar sua mãe, como ela vai deixar fazer alguma coisa se não ajudar.
- 28.

g)

1. até os 18 a filha tem que confiar na mãe, pq se não nunca vai ter confiança.
- 2.
3. eu acho que em tudo pq a mãe colocou ela no mundo.
4. no dia do show sabe que a filha não tinha dinheiro, deixasse em casa e falava que hoje não vai sair.
- 5.
6. a autoridade deve ser tomada com a segurança de sua filha e de suas atitudes com suas filha, respeito, amor.
- 7.
8. não, porque um filho não nasceu para ser escravo.
9. ela deve mandar até ela ter idade o suficiente para saber o que fazer.
10. sim, eu não, porque devemos obedecer.
11. em tudo, mais também se ela merecer deixa ela ir onde ela quiser.
12. ela não tinha que fazer isso com a filha.
- 13.
14. eu acho que total até ela ser maior de idade.
15. deve ser completamente tudo o que a mãe falar, porque a mãe é autoridade.
16. deixar ela fazer quase tudo porque tem algumas coisas que as mães deixam a gente não quer agora o que a gente quer, ela não deixa.
17. tem que entender a filha e respeitar suas opiniões e deixa-la viver sua vida, dando conselhos, e só quando precisar um castigo.
18. tratar bem e dar respeito, ficar de olho porque essas é uma das coisas mais importantes.
19. eu acho que toda mãe tem autoridade sobre seu filho e seus filhos devem obedecer os pais em qualquer situação.
20. não mandar muito na sua filha.
21. em todos os meios. Porque ela que te deu a sua vida.
22. a mãe sempre manda praticamente em geral porque a gente sempre tem que fazer o que os pais mandam.
23. a vida inteira, mas lógico não podemos fazer tudo que a mãe pede, por exemplo, a mãe pede pra filha roubar ou fazer outra coisa parecida, aí não deve fazer.
24. ela falar que a Judy não iria ao show.
25. total, porque é uma filha e deve respeito à mãe, mas quando a mãe está errada não se deve obedecer.
26. até que não invada a privacidade da filha

27. tudo o que a mãe pede. Porque se não a filha não vai querer fazer nada na vida dela.
- 28.

Dilema 2A

a)

1. não, pq um dia quando Joe precisou o pai dele deu o dinheiro para ele.
- 2.
3. sim, pq ele conseguiu o dinheiro com muito suor trabalhando e não é justo o pai querer pegar.
4. se o dinheiro era pro acampamento sim, eu faria porque é o dinheiro e ele trabalhou duro então sim
- 5.
6. sim, porque Joe camelo para conseguir o dinheiro e trabalha muito pra isso.
- 7.
8. sim, porque ele economizou o pai deve deveria ter feito o mesmo.
9. sim, porque o dinheiro é dele.
10. não, porque o pai já cuidou muito dele.
11. não, porque o pai de Joe sempre cuidou dele então eu acho que ele deveria dar o dinheiro sim.
12. sim porque foi o filho que trabalho.
- 13.
14. eu acho que sim porque eu trabalhei para ir eu também quero me divertir.
15. sim, porque ele deve obedecer à seu pai, seu pai é autoridade.
16. não, porque é o pai dele que compra as coisas pra ele então ele não deve negar o dinheiro.
17. sim, porque já estava planejado que quem iria sair era ele, e não é justo o pai querer pegar o dinheiro do filho.
18. sim porque foi o pai que mandou o filho arranjar o dinheiro.
19. sim pois o Joe é que conseguiu o dinheiro para o seu acampamento e o pai que quer usar para si próprio.
20. sim, o pai dele falou pra ele juntar o dinheiro e agora quer emprestado.
21. sim porque o pai lhe prometeu. Não porque quando você precisa seu pai lhe dá.
22. sim porque foi ele quem conseguiu.
23. sim porque o pai dele foi muito folgado, se ele não tinha dinheiro, ele não deveria ir.
24. ele deve negar sim o dinheiro porque o pai dele prometeu que ele iria ao acampamento.
25. sim, porque o dinheiro é dele e o pai já tinha deixado e não é certo ele voltar atrás só porque ele quer sair e pegar o dinheiro de seu filho.
26. sim porque foi ele que economizou.
27. não, porque se ele negar para seu pai, quando ele precisar de alguma coisa, o pai vai falar daquela vez.
- 28.

b)

1. tem, pq o pai de Joe já deu dinheiro a ele quando precisou.
- 2.
3. sim, porque o pai criou ele apesar de não ser justo.
4. não, porque ele trabalhou duro só pra ganhar uns trocadinhos, pra ir no acampamento.
- 5.
6. não, porque não foi o pai que trabalhou muito para conseguir 40 reais.
- 7.
8. sim, porque tudo que Joe pede o pai dele dá, mas como não foi o pai dele que o dinheiro não.
9. não, pois o filho economizou.
10. sim, porque ele já cuidou dele até 14 anos e continuará cuidando, ele deve ajudar o pai.
11. tem porque o pai sempre pagou tudo pra ele.
12. não porque ele trabalhou.
- 13.
14. não porque qdo você conquista algo é seu de mais.
15. sim porque ele é autoridade.
16. não, porque o dinheiro foi Joe que conseguiu não o pai.
17. não, porque ele deveria ter trabalhado igual ao filho, para conseguir seu objetivo.
18. tem porque o pai é responsável, mas é errado o que o pai está fazendo.
19. não, porque foi Joe que conseguiu e não o seu pai.
20. não, Joe conseguiu o dinheiro sozinho.
21. não, ele prometeu.
22. não, porque não foi ele que conseguiu o dinheiro.
23. ter o direito até que tem, mas não é justo. Porque ele tem que pensar o lado do filho também.

24. não, porque não foi ele que comentou para juntar o dinheiro.
25. não, porque o dinheiro é de Joe.
26. não, porque não foi o pai que trabalhou duro lá.
27. sim porque quando o filho pedia dinheiro o pai dava, quando tinha.
- 28.

c)

1. não, pq ele só tava ajudando o pai.
- 2.
3. não, porque o bom filho é ser obediente e trabalhador e educado.
4. não, porque então eu trabalho, dou o dinheiro pro pai e diz que é bom filho, nada a ver.
- 5.
6. sim, porque o pai vai ficar surpreso ao ver a bondade do filho.
- 7.
8. não, porque o dinheiro só ajuda.
9. não, ele pode ser bom filho sem dar o dinheiro.
10. sim, porque um bom filho não nega pro pai.
11. não, mas de ajudar de fazer um fato bom.
12. não, por que ele tem a cara de pau de pedir.
- 13.
14. eu acho que não, dinheiro nenhum compra um bom filho.
15. não, porque se não todos os filhos iriam dar dinheiro aos pais e seriam bons filhos.
16. não, porque para ele ser um bom filho ele não precisaria dar o dinheiro ao pai.
17. não, porque ser bom filho não é fazer tudo que o pai manda.
18. não, porque o filho está errado de dar o dinheiro.
19. não, isso não mudaria nada.
20. sim, seu pai sente firmeza em você.
21. sim, se você der um dinheiro para seu pai, ele vai ficar orgulhoso.
22. não, porque não é porque você não vai dar o dinheiro que você é um mal filho.
23. não, porque o filho lutou para ter aquele dinheiro mas o pai quer emprestado agora.
24. não porque você não deixa de ser filho.
25. não, porque o dinheiro é dele, se o pai precisasse do dinheiro para algo muito importante, Joe deveria dá-lo, mas Joe não deve dar o dinheiro.
26. não, porque ser bom filho é obedecer e não dar dinheiro.
27. não, porque dar dinheiro é uma coisa e ser um bom filho é outra.
- 28.

d)

1. é, porque o dinheiro é do Joe.
- 2.
3. sim, mas quem manda é o pai.
4. sim, a situação sim, não tem que ter nem o porque.
- 5.
6. sim.
- 7.
8. sim, porque ele batalhou para ter o dinheiro.
9. sim, ele deve de economizar se o pai economizar ou fazer hora extra no trabalho ele pode conseguir o dinheiro.
10. sim, porque conseguiu sem pedir pro seu pai.
11. é porque ele ganhou o dinheiro trabalhando e o pai deveria ter feito isso.
12. não, porque o pai tem que ter responsabilidade.
- 13.
14. eu acho que tem a ver porque eu que conquistei, é meu, eu lutei pra conseguir.
15. sim porque foi ele que conseguiu e não o pai.
16. sim porque foi ele que conseguiu e não o pai.
17. sim, porque ele se esforçou para ter o que ele queria, e não deveria dar o dinheiro a ninguém, só em caso de emergência.
18. sim porque ele trabalhou pra ter o dinheiro.
19. sim, ele que conseguiu o dinheiro com seu esforço, ele que deve usar e não seu pai.
20. sim, ele guardou o dinheiro sem ajuda do pai.
21. sim, ele ganhou por si próprio.

22. sim porque ele que trabalhou pra conseguir o dinheiro.
23. sim, e não. Porque pensando de um lado, o pai trabalha e ganha seu dinheiro e nunca negou dinheiro para o Joe.
24. sim, porque o dinheiro que ele ganhou foi por si próprio.
25. é porque o dinheiro é dele e ele e seu pai já tinham decidido que ele ia.
26. sim, porque se fosse o pai que tivesse dado o dinheiro, ele tinha o direito de pedir de volta.
27. sim porque ele fez de tudo para ganhar o dinheiro para ele ir no acampamento.

d)

1. não, pq quase sempre ninguém cumpre o que diz.
- 2.
3. sim, porque ele tem que cumprir com a sua promessa.
4. sim, porque ele falou se você ganhou você vai pagar agora ele ganha e depois o pai pede pra ir, ele ta errado.
- 5.
6. sim, para o filho ir com o dinheiro do acampamento.
- 7.
8. sim, porque promessa é dívida.
9. sim, pois ele prometeu e promessa deve ser cumprida.
10. não, ele não deveria prometer porque foi errado nesse caso concordo com o filho.
11. é importante por ele prometer e a palavra prometida é cumprida.
12. sim.
- 13.
14. eu acho que quando prometemos temos que cumprir.
15. sim, porque se ele prometeu tem que cumprir.
16. porque você falou então tem que fazer. Sim porque promessa é dívida.
17. sim porque a promessa conta muito para o desenvolvimento da pessoa e com sua relação com o pai.
- 18.
19. sim, se ele prometeu, ele deve cumprir
20. sim, promessa é dívida.
21. sim, porque se ele prometeu, está prometido.
22. talvez, porque quando a gente faz uma promessa tem que cumprir.
23. sim porque quando prometemos temos que cumprir.
24. sim, o pai prometeu que ele ia no acampamento.
25. sim, porque eles tinham um acordo e já tinham decidido e o pai não poderia voltar atrás.
26. sim porque aí mostra se o pai é um homem de palavra.
27. sim, porque o pai prometeu para o filho.
- 28.

e)

1. porque você prometeu com todas as palavras, não pq eu nunca mais vou vela.
- 2.
3. sim, não, porque nunca mais verá essa pessoa.
4. porque sim eu não prometo pra ninguém que eu não vejo nunca mais.
- 5.
6. uma promessa deve ser cumprida por quem a cumpriu, não é importante cumprir pra pessoa estranha.
- 7.
8. para você ganhar a confiança da pessoa sim por que se você prometeu você deve cumprir.
9. porque promessa deve ser cumprida porque se não vamos cumprir então é melhor não prometer devemos cumprir, não importa pra quem seja.
10. sim, para um estranho nem devemos cumprir porque eu penso assim.
11. porque é um juramento. E você está prometendo do meu jeito.
12. não porque você sabe que ela não é seu amigo.
- 13.
14. eu acho que é importante porque aquela pessoa confiou em você.
15. porque é uma promessa não tem porque, não, porque você nunca mais verá ela.
16. respeito que ele tem que ter com o filho, porque se não tiver respeito vai virar uma discussão.
17. sim porque você não gostaria que alguém lhe promettesse algo e não cumprisse.
18. sim porque o pai deu a ordem de o filho ir, agora não pode falar nada.
19. sim porque você nunca mais vai ver essa pessoa.
20. sim, se você prometeu você tem que cumprir.

21. foi uma promessa. Sim porque se alguém prometece para você, você não queria que a pessoa não cumprisse.
22. por honra, não porque você não vai mais ver a pessoa.
23. porque você está prometendo, jurando para a pessoa, não é importante porque você nunca mais vai ver essa pessoa.
24. não, porque você não conhece e não irá ver novamente.
25. uma promessa deve ser cumprida porque é um acordo, um juramento e não deve ser quebrado. E não importa pra quem.
26. porque ele prometeu e tem que mostrar que é um homem de palavra.
27. é porque você prometeu para a pessoa, sim, porque quando uma promete pra você, quer que ela cumpra.
- 28.

f)

1. que o pai sempre ajudou o filho um dia, pq um dia o pai vai precisar do filho.
- 2.
3. confiança, honestidade e amor.
4. a confiança, e cumprir o que fala.
- 5.
6. a promessa com o filho para não deixar o filho chateado a promessa é a mais importante.
- 7.
- 8.
9. é importante respeitar e cumprir promessas, pois assim eles viverão em paz.
10. amizade, de amar e dar carinho, porque se os pais não for amigo não dá pra ser feliz.
11. em compreender o jeito do outro e dar amor.
12. se marca uma coisa e não faz.
- 13.
14. o mais importante é a confiança o que os pais nunca deve esquecer do amor entre pais e filhos isso é importante porque a confiança é a base de tudo.
15. o respeito, de cumprir as coisas que promete, porque é dever dos dois fazer isso.
16. falar para ele não fazer coisa errada porque se ele fizer ele vai se prejudicar muito.
17. confiança e autoridade mas sem interferir na vida do filho.
18. eu não gosto de fazer promessa.
19. que quando se faz uma promessa, tem que comprila porque é a coisa mais importante.
20. a verdade.
21. amizade. Que ele é um adolescente. Por que uma conversa é melhor que apanhar.
22. o respeito, porque a gente deve respeitar, tanto o pai como o filho.
23. entre pai e filho ia confiança e honestidade porque sem honestidade e confiança fica difícil viver.
24. eles serem companheiros um do outro.
25. confiança, porque sem ela nada é feito e respeito não só do filho, mas do pai também, porque respeito é tudo em qualquer relação.
26. respeito.
27. a educação. Que ele é tudo na vida dele. Porque é as coisas melhor da vida.
- 28.

j)

1. até um certo ponto que agüentar, pq o filho sempre vai precisar dele.
- 2.
3. toda porque foi o pai que criou ele.
4. deixar ir, calar a boca porque eu prometi e tenho que cumprir.
- 5.
6. a autoridade de se preocupar com o filho nas suas conseqüências.
- 7.
8. comandar, porque ele que manda no filho.
9. ele deve por limites no filho mais só até uma certa idade.
10. sim, ou não, porque tem que ter autoridade.
11. todo desde que eu obedeça daí pode sair só quando ele tiver 18 anos.
12. ele falou para o filho ia pro acampamento.
- 13.
14. eu acho até ele ser maior de idade.
15. deve ser completamente como o pai falar, porque ele é autoridade.
- 16.

17. normal, até onde você não interferisse na vida dele, mas estando sempre por perto para ajudar.
18. o pai se dar autoridade para o filho.
19. tudo mais Joe conseguiu seu próprio dinheiro com seu esforço.
20. não desobedecer.
21. em todos os meios, porque ele é seu pai.
22. não mentir, porque nós não devemos mentir para os nossos pais.
23. a vida inteira porque o pai que colocou ele no mundo, não interessa se ele cresceu.
24. falar que ele não iria ao acampamento.
25. total, mas sem exageros, porque o pai manda no filho e o filho tem de obedecer.
26. a autoridade de saber conversar porque não se pode bater.
27. normal. Porque é o mais importante.
- 28.

h)

1. o amor, pq ele sempre vai lembrar do que ele fez.
- 2.
3. honestidade, caráter, porque sem essas duas coisas não há relacionamento.
4. a confiança e o que o pai cumprir as coisas que prometer.
- 5.
6. a obediência porque para poder ganhar tudo de seu pai.
- 7.
8. respeito e amor, para não aver brigas entre os dois.
9. ele deve respeitar o pai e obedecelo pois é o menino a se fazer depois tudo o que o nosso pai fez pra gente.
10. não negar e não mentir, porque não teremos eles para sempre.
11. de tudo que o pai já fez para o filho.
12. compri o que promete.
- 13.
14. eu acho que é tudo em girar como base o amor e a confiança.
15. obedece-lo porque seu pai é autoridade, e obedecendo será um bom filho.
16. que ele não deve desrespeitar o pai porque se desrespeitar o pai ele pode apanhar e ficar de castigo.
17. amor, confiança e que o pai entenda, porque se você vive com uma pessoa que não tem isso você não vive bem, principalmente, família.
18. sim porque ele está agradando o pai.
19. obedecer o pai, respeitar, muita conversa.
20. amor.
21. nunca desobedecer. Porque obedecer é sempre bom.
- 22.
23. ter amor, carinho, respeito, sinceridade.
24. ele deve respeitar e fazer o que mandar.
25. o respeito, porque ele deve respeitar, não só seu pai, mas qualquer outra pessoa.
26. o amor, porque sem amor ele é uma pessoa solitária.
27. quando ele pede alguma coisa. Porque se ele pede é porque ele precisa.
- 28.

Dilema 3

a)

1. Sim, pq ela ta pedindo, certo, pq ela ta morrendo aos poucos.
- 2.
3. sim, porque a vida deve estar insuportável, coitada e é errado dá pq ele estava cometendo um crime.
4. se eu tivesse no lugar dele mandaria ele fazer porque eu não falaria. Ele não deve porque é crime.
- 5.
6. sim, é certo ele dar a droga a ela para não ficar sofrendo tanto.
- 7.
8. não, porque poderiam culpa-lo e errado porque é crime.
9. sim, ele deve dar a droga, pois ela quer. É certo quando a pessoa está sofrendo muito como ela e vai morrer depois.
- 10.
11. não, porque deixa ela viver e médico não devia dar a morfina pra ela.
12. sim porque que ela ia ficar sofrendo tava de uma vez para ela morrer.
- 13.

14. não, o doutor não deve dar a droga porque nós temos que cumprir nosso destino como Deus quer. É errado o médico dar a droga e eles está para curar e não para matar.
15. não, porque é contra lei; errado, porque se não ela estará desobedecendo às leis e as leis de Deus.
16. sim porque ela está sofrendo muito. Certo porque ela está sofrendo demais então é certo dar a droga a ela.
17. não, errado, porque é uma vida e ela deve ter feito alguma coisa ruim no passado que está retornando pra ela agora.
18. é errado porque ele tem que ter autorização de alguém responsável pra fazer isso.
19. é errado, mais se é isso mesmo que ela quer, acho que ele deveria dar sim.
20. é certo, ela ta sofrendo, não agüenta sofrer mais.
21. não, porque ele taria matando a mulher. Errado pois ele taria matando-a.
22. não, porque não é certo ele fazer isso. Errado, porque ele é um médico, tem que salvar vidas, não matar.
23. sim, porque ela está sofrendo muito. Certo, porque ela estava sofrendo muito e seria melhor. Por que ela tem direito de querer morrer porque estava sofrendo.
24. ele deve dar porque ela que pediu, e ela não estava agüentando de dor.
25. sim porque ela está sofrendo muito. Certo porque ela estava sofrendo muito e seria melhor. Porque ela tem direito de querer morrer porque estava sofrendo.
26. ele deve dar porque ela que pediu e ela não estava agüentando de dor.
27. não, porque ele vai estar matando a mulher e ele poderá ficar com a consciência pesada. Errado porque ele vai tirar a vida dela.
- 28.

b)

1. sim, porque ele a ama.
- 2.
3. não, pq a vida é dela e é ela quem está sofrendo.
4. sim porque é o marido dela ele tem o todo direito de fazer para não matar.
- 5.
6. sim, porque para ele poder ver a situação de sua esposa.
- 7.
8. sim, porque se ela morrer e ele não saber o porque ele irá culpar o médico.
9. não, é a mulher que está sentindo a dor, ela deve decidir.
- 10.
11. não, por que se ela quer morrer ele não pode fazer nada, a decisão é dela.
12. sim porque ele é o marido da mulher ele tinha que falar pra ela.
- 13.
14. sim porque quando eu fasso um laço nos temos que dezamarrar juntos.
15. sim, porque quando se casam, formam uma pessoa só.
16. sim porque faz parte da família dela.
17. sim, porque foi ele quem sempre esteve ao seu lado e merece continuar fazendo parte de sua vida.
18. sim porque ele faz parte da família.
19. sim porque é marido dessa mulher ele deveria saber e ajudar nessa decisão.
20. sim, ele e seu marido.
21. sim, ele ajudaria ela.
22. sim, porque ela tem que saber a opinião do marido.
23. não deve é errado porque um médico não pode fazer isso sem autoridade é contra lei.
24. sim porque ela não agüenta mais ter dor, é errado porque isso é crime.
25. não, porque a vida é dela e apesar de ele ser o marido, ela estava quase morrendo de dor.
26. sim, porque quando ela casou seu marido já começou a fazer parte da vida dela.
27. sim, porque ele passou um bom tempo da vida dele com ela.
- 28.

c)

1. não fazer o que ela pediu, pq ele a ama mais que tudo.
- 2.
3. ficar quieta e não falar nada e deixar que ela tome a decisão.
4. olha se ela quer tem que calar o bico.
- 5.
6. nesta situação, ele deve procurar um hospital particular e pagar todos os exames que for preciso.
- 7.
8. deve agir com sua inteligência por que s ele ao agir certo para não se prejudicar.

9. ele deve ficar junto com ela na decisão dela, para que ela se sinta segura.
- 10.
11. ficar do lado dela porque para ela ter mais força.
12. fala para que o médico dar o remédio para ela morrer.
- 13.
14. refletir muito mais nunca dar droga para uma pessoa que ama para ela morrer.
15. dar carinho, ampara-la, porque é a melhor coisa que ele pode fazer.
16. deixar dar a droga porque assim acaba o sofrimento dela e ela descansa em paz.
17. dar todo o carinho possível, e tentar faze-la entender que a vida não se joga fora.
18. tentar ajudar de toda a forma a mulher não morrer porque ele não quer ver ela morrer.
19. pensar bem, se responder alguma coisa, deve sempre pensar que isso não tem volta.
20. ajudala ele é o seu marido.
21. dizer que não é pro médico lhe dar a droga.
22. ajudar ela porque ela está numa fase difícil da vida dela.
23. sim, porque ele é marido dela, uma parte da vida dele ele viveu com ela.
24. sim, porque ele tem o direito de saber o que está acontecendo.
25. apóia-la mesmo que fosse errado. Porque ela está num momento difícil, ele deve ajuda-la.
26. acho que ele deve pensar bem porque se ela morrer ela não irá mais voltar.
27. conversar com ela, para ver se é isso o que ela quer da vida dela.
- 28.

d)

1. não, ela não escolhe se vai morrer.
- 2.
3. não, eu acho que ela tinha o direito de morrer ou de viver.
4. daí sim porque se a mulher sabe o que ta fazendo.
- 5.
6. bom ela tem sua própria decisão de cometer suicídio.
- 7.
8. não, porque a vida é dela.
9. quando ela quer morrer, ela pode, pois ela está sofrendo muito.
- 10.
11. tem porque se ela quer morrer ela tem direito.
12. sim, porque ela tava sofrendo e ela tei sim o direito de morrer.
- 13.
14. não, porque quem decide isso é Deus.
15. tem, a vida é dela.
16. sim, porque a vida é dela e ninguém tem nada a ver com isso.
17. ela pode escolher, mas tem que ter a consciência de que isso não será o melhor para ela.
18. não, porque é a vida dela que está em jogo.
19. não, eu acho que ela deveria usar o seu restante de vida mesmo que isso doa.
20. sim, a vida é dela.
21. sim, mais na mão de um médico.
22. ela tem o direito de escolher porque a pessoa não pode viver se não quer.
23. sim, porque a vida é da pessoa e ela faz o que quer.
24. ele deve falar para o médico aliviar a dor que ela sente.
25. não, somente se ela estiver muito mal, sofrendo muito, porque ninguém gosta de sofrer.
26. se a vida for dela sim porque a decisão de morrer ou não é dela.
27. sim, porque é ela que sabe o que ela quer da vida dela.
- 28.

e)

1. sim, pq ela está morrendo aos poucos.
- 2.
3. sim, pq ela está com muita dor.
4. daí sim porque se a mulher sabe o que ta fazendo.
- 5.
6. sim, porque ela não deve ficar sofrendo tanto.
- 7.
8. se ela quiser sim, porque é ela que quer morrer.

9. sim, ela não deve ficar viva se está com muita dor, pois ela está sofrendo e ela não merece ficar sofrendo.
- 10.
11. não porque se ela tem chance de viver mais alguns meses, ela deve viver mais alguns meses.
12. sim, porque ela tava sofrendo e sim, ela deve sim morrer e um cavalo, se ele quebra a pata, ele tem que sim, morrer.
- 13.
14. eu acho que apesar de ser um cachorro eu deixaria morrer com seu destino.
15. não, porque o cachorro é igual gente.
16. sim porque assim acaba a dor dela e ela descansa em paz.
17. não, porque ela é uma pessoa racional e não deve pensar em morte nenhum segundo, pois o pensamento positivo, a paciência e a calma são fundamentais para a cura da doença.
18. não, porque o fato do animal é errado também.
19. sim, mais ou menos, mais eu acho que isso não seria certo, não, mais ela quer.
20. não, mais ela não agüenta mais sofrer seria melhor.
21. não, ela é um ser humano mais da mesma forma não deveria fazer isso com os animais.
22. não, porque a gente não pode comparar o humano com o animal.
23. acho que sim porque se não tem cura a doença é melhor ela morrer antes para não sofrer mais.
24. ela tem o direito de escolher se ela quer viver ou morrer.
25. sim, porque ela está sofrendo demais, ela irá morrer logo, então, o médico só irá acelerar o processo e acabar com a dor.
26. sim porque foi ela que pediu para o médico.
27. se ela e a família dela desisti que pode dar o remédio, então sim.
- 28.

f)

1. não, pq ele vai matar alguém para a pessoa não sentir dor.
- 2.
3. sim, mas nesse caso não, pq essa mulher deseja morrer.
4. olha não sei se tá errado eu acho que não ele tá salvando uma vida.
- 5.
6. ilegal pode ser, mas se tiver autorização para esse suicídio ele deve dar a droga.
- 7.
8. sim, não porque ele está ajudando ela a se livrar da dor.
9. é ilegal, mas não é moralmente errado, pois é a vontade da mulher.
- 10.
11. não, porque ela quer morrer é errado, mais se ela quer não tem nada pra fazer.
12. não porque ela que tá pedindo pra ele dar o remédio.
- 13.
14. sim porque quando nós exercemos uma profissão e essa profissão exerce o poder para salvar vidas e não matar.
15. não, porque está tentando ajudar.
16. não, porque ela está sofrendo demais. Então não é moralmente errado.
17. sim, porque não se deve tirar uma vida, mesmo que a pessoa tivesse pedido.
18. é moralmente errado porque o médico está matando uma pessoa.
19. é ilegal é como se ele matasse alguém.
20. sim, para matar uma pessoa.
21. sim, sim, pode estar certo perante a lei, mas na minha não.
22. sim, porque ela vai tá tirando a vida de uma pessoa.
23. ilegal é, mas não deveria ser, porque o médico só irá fazer isso se a pessoa pedir pra ele.
24. sim, porque eles sentem a mesma dor eles são um ser vivo.
25. não, porque ele está livrando-a da dor mas matar é errado.
26. é ilegal, mas é sertã para livrar a moça do sofrimento.
27. não, porque ela que quer isso da vida dela.
- 28.

g)

1. não, às vezes você pode salvar a vida de alguém.
- 2.
3. sim, pq você pode acabar ir preso, mas em alguns casos não.
4. olha, nesse caso ele fez isso pra salvar uma vida.

- 5.
6. sim, porque para poder se livrar de qualquer besteira para que não possa ser cometido.
- 7.
8. sim, porque depois você pode ser punido pelo seu ato.
9. não, tem casos como esse que não deve obedecer a lei.
- 10.
11. sim, mais nesse caso eu acho que não porque ela quer morrer.
- 12.
- 13.
14. não, porque tem umas leis que não é justa.
15. sim, porque se todo mundo desobedecer muito, vai ter muita gente na cadeia e com muita gente na cadeia tem que construir mais cadeias.
16. não, porque nem todas as leis são corretas, algumas são erradas.
17. sim, mas quando o caso for de emergência, não se deve pensar em lei.
18. sim porque ele vai tentar fazer da melhor forma possível.
19. sim, deve, mais não tem jeito a mulher está sofrendo muito, acho que mesmo que seria errado eu faria o mesmo.
20. sim, senão não teria leis.
21. sim, porque se as pessoas não obedecessem as leis, a sociedade não iria pra frente.
22. sim, porque a gente não pode desobedecer a lei.
23. sim, porque é importante tentar andar na lei, mesmo a lei sendo muito chata.
24. sim, porque é a lei é que manda, mas mesmo assim tem gente que desobedece a lei.
25. sim, porque a lei (na maioria das vezes) é justa, então, devemos, mas nem sempre conseguimos.
26. a não, porque a lei deve enquanto está errada.
27. as vezes, porque se você precisar robar alguma coisa para salvar a via de outra pessoa.
- 28.

Dilema 3A

1. não, pq eu me colocaria no lugar do paciente.
- 2.
3. não, pq a mulher está sofrendo e ela queria morrer.
4. olha não sei porque se eu entregaria sim.
- 5.
6. sim, ele deve entregar porque para a mulher não ficar sofrendo de dor.
- 7.
8. não, porque ela pediu para o dr. Jefferson mata-la então ele não é culpado.
9. não, porque ele sabia da situação da mulher e sabia que o dr. Jefferson não fez aquilo porque quis, ele só fez a pedido da mulher.
- 10.
11. eu acho que não porque foi a mulher que quis morrer e mandou o Dr. Jefferson aplicar.
12. não, porque ele não tinha nada ver com aquilo ele não podia entregar ele.
- 13.
14. quando é estipulado uma regra e você não cumpre, está sujeito a uma punição. O doutro Rogers deve entregar o dr. Jefferson.
15. não, porque ele ajudou a moça.
16. não, porque o dr. Jefferson fez aquilo para parar as dores da mulher e ela descansar em paz.
17. não, ele deve fingir que não viu nada. Porque por um lado é certo e por outro é errado, então, em todo caso, deve-se fingir que não viu.
18. sim, porque dr. Jefferson está moralmente errado.
19. não acho que se fosse Dr. Rogers que tivesse no lugar Dr. Jefferson ele também faria o mesmo, acho que não seria certo.
20. não, a passiente quis morrer.
21. sim, pois ele é um médico e os médicos não são pagos para fazer isso (matar).
22. não, porque ele fez isso porque a mulher insistiu.
23. não, porque eu iria entender o caso e outra a mulher que havia pedido para o Dr. Jefferson.
24. eu não entregaria porque ele estava acabando com a dor da mulher.
25. não, porque o Dr. Jefferson fez o certo, pois ele matou-a para ajuda-la.
26. não, porque a mulher que pediu.
27. não, porque é a mulher que quer isso da vida dela.

28.

Dilema 3B

a)

1. deixar ele livre, pq ele fez o que a mulher pediu.
- 2.
3. deve suspender a sentença pq ele não fez por mau mas fez o bem para sua paciente.
4. tem que deixar livre porque ela pediu pra ele fizese pra ela não sofrer.
- 5.
6. a melhor opção é deixar o doutor livre, porque ele não tem culpa foi a mulher que pediu o suicídio.
- 7.
8. deve suspender a sentença por que foi a mulher que pediu para ele matar ela.
9. ele deve ficar livre pois é inocente.
- 10.
11. ele deve deixar o dr Jefferson ir embora, porque não foi culpa dele.
12. suspender a sentença e deixar o Dr Jefferson livre porque ela que pedio pra ele matar.
- 13.
14. eu acho que ele não deve ser punido mais sim pensar no seu ato.
15. suspender, porque ele matou “ajudando” uma outra pessoa, e não porque ele quis.
16. deve suspender a sentença porque o dr. Jefferson fez tudo aquilo para a mulher descansar em paz.
17. suspender a sentença. Porque ele só quis fazer o melhor para a paciente.
18. se ele não cumprir a lei, deve ser punido.
19. eu acho que ele deve suspender a sentença e deixar o dr. Jefferson livre. Isso é certo porque ele fez uma pessoa feliz, mesmo sabendo que isso é errado, eu também faria isso.
20. deixa-lo livre, ele só matou ela porque ela não agüenta mais sofrer.
21. lhe dar a sentença. Se ele não ir para prisão ele não estaria obedecendo a lei.
22. deixar ele livre porque ele fes isso pra mulher não sofrer mais.
23. deixar o dr. Jefferson livre porque ele não teve culpa, ele só quis que ela não sofresse.
24. ele deve deixar o Dr. Jefferson solto porque o que ele fez é errado, mas tem gente que mata pessoa por querer e ele matou ela para aliviar a sua dor.
25. deve deixa-lo livre porque ele a ajudou.
26. deve deixar ele livre porque a mulher que insistio que ele dasse a droga.
27. suspender a sentença. Porque ele não tem culpa de nada.
- 28.

b)

1. depende o que ela fez pq tem gente que roba uma bala e é preso e os que roba banco, não.
- 2.
3. sim, pq se não a sociedade fica pior do que já está.
4. depende o caso porque esse caso é diferente não é que ele matou, entendeu.
- 5.
6. sim porque se for um caso muito grave elas devem ser punidas.
- 7.
8. sim porque tem que respeitar a lei.
9. sim, quem infringe a lei tem que ser punido, mas o Dr. Jefferson não.
- 10.
11. deve mais nesse caso não por que não foi culpa dele.
12. não, porque ela tava pedindo pra ele matar porque ela tava soffreno.
- 13.
14. eu acho que sim porque temos que receber uma punição.
15. sim, porque já diz é lei, não tem por quê.
16. não, porque muitas vezes as leis é que são erradas e não as pessoas.
17. sim, porque deve-se seguir a lei, mas nesse cso ele não deveria ser punido.
18. sim porque a lei foi feita para ser cumprida, tem punição
19. depende do caso se as pessos fazem por mal e sim deve mais se não como dr. Jefferson, não.
20. algumas sim, porque faz coisas muito erradas.
21. sim. Pois a sociedade já é uma bosta, não vai cumprir lei.
22. sim, porque como que a gente vai viver bem assim cheio de bandidos no mundo.
23. sim, mas tem caso que não deve, como o do Dr. Jefferson.

- 24. sim porque ele cometeu um crime.
- 25. sim porque ela infringiu a lei.
- 26. sim mais nesse caso como dizer “a mulher pediu”.
- 27. em alguns casos. Porque se puni todas as pessoas que não obedecem a lei, na comunidade não haverá mais pessoas.
- 28.

c)

- 1. errado, pq ele apenas fez o que pediram.
- 2.
- 3. errado pq ele fez para o próprio bem da paciente.
- 4. errado, eu não daria uma sentença de morte.
- 5.
- 6. se eu fosse o juiz eu não daria sentença de morte ao doutor porque não foi culpa dele, ele só estava cumprindo o que a mulher falou que queria tomar a droga para cometer suicídio.
- 7.
- 8. é errado por que ela pediu para que ele a matasse.
- 9. ele não deve morrer, porque ele só fez o que a mulher lhe pediu.
- 10.
- 11. errado porque ele não teve culpa de nada, uma outra coisa, não sentença de morte.
- 12. não, porque ele não era culpado, não deve matar ele.
- 13.
- 14. eu acho errado porque a paciente quem pediu para morrer.
- 15. errado, porque ele só ajudou a mulher.
- 16. errado, porque ele fez tudo aquilo para a mulher descansar em paz e não para mata-la.
- 17. errado, porque ele não fez nada, mas se tivesse feito, não é morrendo que ele vai sofrer o suficiente para pagar os seus erros.
- 18. depende porque se a lei for esta sim, se não for, não.
- 19. é errado, acho que não seria certo ele ser culpado de matar a mulher pois ele fez um bem a ela e não um mal, ele parou com o seu sofrimento dando uma dose a mais de morfina.
- 20. errado, porque foi ela que pediu para morrer.
- 21. não, teria mais uma morte, já tem uma só sua sentença está bom.
- 22. não, porque a gente não pode matar as pessoas assim.
- 23. não porque foi a mulher que pediu e tipo é difícil você ver a pessoa morrendo de dor e não ajuda-la.
- 24. eu não daria a sentença de morte porque ele matou uma pessoa só que foi em justa causa ele não matou porque ele queria.
- 25. errado, porque ele ajudou-a e não mata-la.
- 26. não, porque não foi um crime porque a mulher pediu para morrer.
- 27. não. Porque a mulher que pediu para o médico matar ela.
- 28.

Anexo 08: Respostas do sujeito no pós-teste: Classe de Controle

Dilema 1

a)

1. por um lado, ele poderia, pois sua esposa estava quase morrendo, e por outro ele não poderia pois roubar é errado.
2. não, porque estaria fazendo algo ilegal
3. não, porque é contra lei roubar.
4. sim, porque é para salvar uma vida.
5. sim, porque a mulher dele está morrendo e ele não quer perder ela da vida dele.
6. não, porque se ele roubar e for descoberto, ele será preso, e a sua esposa ficará sem remédio e sem ele.
7. sim, se ele ama mesmo a mulher dele, ele tem que fazer sacrifício por ela.
8. não, porque acho que se ele se esforçasse mais poderia agüentar o restante do dinheiro.
9. sim, pois sua esposa está a beira da morte.
10. sim, porque é para salvar uma vida. E é de sua mulher, a pessoa que ele ama.
11. sim, porque é para salvar a vida de sua esposa, além disso não custava o farmacêutico vender o remédio por 2.000,00 ele ganharia dinheiro do mesmo jeito.
12. não, porque mesmo a mulher dele estando morrendo, ele deveria achar, mais uma forma para conseguir o remédio.
13. não, ele deveria pedir para o homem da loja falando que ele daria o dinheiro que faltasse trabalhando depois.
14. sim, o remédio foi feito para curar as pessoas não para guardar ou ganhar dinheiro
15. sim porque a mulher dele precisa se não ela vai morrer.
16. Heinz não deve furtar o remédio porque furto é crime.
17. sim, porque é um sinal que ele gosta da mulher dele.
18. deve, pois sua mulher ta morrendo e já tentou todos os meios legais.
19. sim, porque a mulher dele está em risco de morrer.
20. sim, porque a mulher dele está em risco de morrer.
21. sim, porque a sua mulher está à beira da morte.
22. sim, porque a mulher dele está morrendo.
23. sim, porque é a vida da mulher dele em risco, se ele a ama deve fazer um sacrifício por ela.
24. sim, porque se ele ama a esposa de verdade.
25. deve porque o caso é de vida ou morte e se ele ama sua esposa ele deve roubar mesmo.

b)

1. sim, pois ele estava salvando uma única vida, que era a vida da pessoa de sua família.
2. não, amando ou não a sua esposa, Heinz não deve fazer atos ilegais.
3. não, porque ela está a beira da morte.
4. ele deve furtar sim o remédio porque mesmo não gostando da esposa, ela faz parte da vida dele.
5. sim, porque mesmo que ele não amasse, ele ia comprar o remédio sim.
6. sim, porque não é qualquer um que corre riscos para fazer as coisas para quem não gosta.
7. não, porque as pessoas não são tão bondosas de fazer um sacrifício de ser preso por alguém que não ama.
8. se ele ama ou não ela não devia furtar. Porque você não precisa amar uma pessoa para ajuda-lo.
9. sim, também. Não faz diferença porque ele pode ajudar uma outra pessoa.
10. sim, faz porque ele não vai estar ajudando só ele mas ela e mais pessoas que a amam.
11. sim, não, pois ele irá salvar a vida de alguém que é a sua esposa.
12. não faz diferença, porque ele amando ou não ela vai querer ajudala.
13. sim, mesmo ele não amando mais iria salvar a vida de uma pessoa.
14. não, ele não gosta mais da pessoa, ele não ia fazer aquilo.
15. faz, porque se ele não amasse ela ele não tinha porque roubar e ir preso por alguém que ele não ama.
16. não mais ele não deve furtar o remédio e não faz diferença se ele ama ou não ama a esposa.
17. sim, porque ele não amaria a sua mulher. E não faria isso.
18. não deveria roubar se ele não ama, ele não deve, porque faz diferença sim se ele ama.
- 19.
20. sim, não importa se ele ou não ela, foi uma parte da vida dele. Ele deveria furtar.
21. sim, porque ele deve ajudar a sua esposa mesmo que não amasse.
22. sim, não, porque é uma vida independe se ele a ama ou não.
23. não, porque ele não ama mas ele, ele não deve furtar o remédio para ela. O amor é uma coisa que ninguém reparou.

24. não, sim, porque o amor para ela carregado por ele deve fazer de tudo para ajudar ela.
25. deveria se ele ama ela, ele precisava de ajuda desse estranho.

c)

1. não, pois seria um ato ilegal.
2. não, porque seria um ato ilegal, o único meio é fazer tudo possível para salvar a vida de outros em meio a atos legais.
3. não, porque ele não tem nada a ver com essa pessoa.
4. não, porque ele não conhece e ele iria se prejudicar por isso.
5. não, porque ele compraria. Para a esposa dele porque ela está morrendo de muita dor.
6. não, porque ele vai se prejudicar para fazer algum para alguém que ele não conhece e nem sabe como é.
7. não, porque o homem ou mulher da pessoa que deve fazer isso, ou então ele de doar o dinheiro.
8. não, porque do mesmo jeito ele corre perigo depois de surpreso por roubar um remédio.
9. não, porque ele não conhece.
10. não, porque se fosse ele que estivesse com a doença ninguém iria roubar o remédio.
11. sim, porque ele estaria fazendo um bem para aquela pessoa.
12. não, porque ele não iria querer se prejudicar por causa de um estranho.
13. sim mesmo ele não amando mais iria salvar a vida de uma pessoa.
14. não, ele não ia virar criminoso por causa de um estranho.
15. não, porque ele pode ir preso por uma pessoa que ele nem conhece e outra ele não é supere rói para salvar todos.
16. é importante porque caso você ver uma pessoa morrendo ele vai te ajudar também.
17. sim porque se ele vai a uma igreja vai furtar o remédio para outra pessoa.
18. não, porque ele vai ser por em risco de ser preso.
- 19.
20. não, porque ele não sabe se a pessoa é sertã, não deveria furtar porque é um estranho.
21. sim, porque um ajuda o outro sempre ajuda o próximo
22. sim, porque caso foi você essa pessoa precisando de ajuda, alguma pessoa pode salvar você.
23. sim, pois uma mão lava a outra, se fosse Heinz que a visse precisando do remédio e outra pessoa consegue foi ele que tinha salvado aquela pessoa.
24. não, ele não é médico e fora da lei e ele não conhece , por outro lado está praticando uma boa ação.
25. sim, porque se ele ajuda quando precisar vão ajudar ele.

d)

1. sim. Pois uma hora ou outra aquela pessoa que nós estamos ajudando, poderá nos ajudar também.
2. sim, em meio a atos legais, porque devemos amar ao próximo.
3. sim, é importantíssimo ajudar, só que nesse caso ele não pode fazer nada.
4. sim, pois a pessoa podemos dizer ficaria como um herói.
5. sim porque se fosse tivesse morrendo o seu outro amigo ia ter ajudar da morte.
6. sim, porque um dia se você precisar outro pessoa pode te salvar.
7. sim porque nunca se sabe quando nós vamos precisar dela.
8. e sim, porque aquela pessoa concerteza necessita muito daquela vida.
9. sim, pois está ajudando seu próximo.
10. não, porque ele está salvando sua mulher.
11. sim, porque vale a pena tentar e se puder fazer.
12. é importante porque sempre quando alguém vê uma pessoa doente quer fazer de tudo para poder salvar.
13. sim, é importante bastante isso.
14. sim, se ele é bom ele faz.
15. não. Porque por exemplo uma pessoa está prestes a cair de um barranco você da a mão para ela puxar.
16. é contra lei e torna um ato errado e isso vai fazer mal a ele porque ele vai se sentir mal de ter roubado.
17. não, porque não é parente nada.
18. sim, mas dentro da lei porque pode até ser você um dia que precise dessa ajuda.
- 19.
20. sim, porque um dia você vai precisar dele.
21. sim, porque sempre ajudar o próximo.
22. sim, porque caso foi você essa pessoa precisando de ajuda, alguma pessoa pode salvar você.
23. sim, porque tem que amar o próximo.
24. ssim, se a pessoa for importante.
25. deve, porque tudo tem uma coisa errada e a lei não é nós que faz é o governo.

e)

1. sim, porque vai deixar sua consciência pesada mais cedo ou mais tarde.
2. sim, sim, sim, porque ele iria preso.
3. porque se ele roubar ele pode ser preso, então, tem que ter outros meios.
4. sim, não porque ele fez isso para ajudar outra pessoa a sobreviver.
5. porque robar vai fazer mal para ele mesmo só que ele que ajuda a esposa.
6. sim, roubar é fora de lei. Sim. Porque ele vai ser preso e os policiais não ouviram explicações.
7. sim, não, porque ele roubou só para salvar a vida de sua esposa, mas para justiça é lei, errado.
8. sim, é isso vai fazer mal para ele porque depois ele está correndo o risco de ser preso.
9. é contra lei sim furto. Isso no caso de heinz não torna um ato errado mais faz mal.
10. sim, não, porque ele está salvando sua mulher.
11. sim, não, isto lhe faz bem, porque ele ama a sua esposa e irá a salvar.
12. é contra lei roubar e torna o fato moralmente errado vai fazer mal porque mesmo fazendo isso para salvar as pessoas é contra lei roubar.
13. sim, contra a lei é, mas Heinz precisava muito desse remédio.
14. sim, em qualquer outra causa é errado pra ele sempre vai ter um pouco de ajuda.
15. é errado e pode prejudicar ele porque se a polícia descobre ele vai preso.
16. é contra lei e torna um ato errado e isso vai fazer mal a ele por que ele vai se sentir mal de ter roubado.
17. sim, porque o Heinz pode ser preso.
18. sim, nesse caso não, vai fazer mal porque ele vai ficar com a consciência pesada.
- 19.
20. errado é né, furto é um crime, mas fazer o que Heinz quer salvar a mulher.
21. sim, errado mais ele não roubou porque ele queria ele roubou para dar a sua esposa doente.
22. sim, não porque a pessoa ta precisando muito deste remédio.
23. sim, é contra a lei, mas como é para a mulher que ele ama ele deve furto o remédio sim.
24. sim, não, porque no momento ele só pensa na esposa.
25. deveria, é a obrigação deve é dar parte, ele é um policial e ele ta ganhando pra isso.

f)

1. sim, para não acontecer uma coisa mais grave.
2. sim, porque por amor a outrem devemos fazer tudo seguindo as leis.
3. sim porque se você quiser a segurança você tem que seguir a lei.
4. sim, porque sem a lei não haveria ordem.
5. sim, porque não é todos os casos que todo mundo pode assaltar uma farmácia.
6. sim, porque se não obedecer as leis, a pessoa é presa, e possa ser um bom tempo na cadeia.
7. sim, para não ser preso.
8. sim porque desobedecer a lei não é muito bom, corre vários riscos depois.
9. sim, porque as pessoas devem obedecer a lei, é o direito dela.
10. sim, para evitar coisas erradas como, acidentes, etc.
11. não, porque depende do caso vale a pena desobedecer ou praticamente dever desobedecer.
12. sim, porque todo mundo tem que obedecer a lei seja ela qual for.
13. sim, mas num caso desse a mulher iria morrer só por causa de um dinheiro.
14. sim, se não vai preso.
15. sim porque a lei foi feita pra ser cumprida, mas se é um caso de vida ou morte.
16. sim, porque a lei está assim de tudo.
17. sim, porque pode ser presa.
18. sim, porque a lei é uma coisa pra ser cumprida.
- 19.
20. sim, para não sofrer conseqüências depois.
21. sim, porque se não você vai ser preso
22. sim, porque a lei é feita para ser seguida e quem desobedece ela é punido.
23. sim, porque lei é lei.
24. não porque o nosso mundo não teria muita violência.
25. deveria porque Heinz desobedeceu a lei e ele é um homem da lei.

Dilema 1A

a)

1. sim.

2. sim, pois é sua obrigação seguir a lei. Não importa de quem ser, ele deveria cumprir a lei.
3. sim, porque é o serviço dele.
4. sim, porque ele deve seguir a lei.
5. sim porque o policial Brow queria dar parte de Heinz, porque ele estava assaltando uma farmácia.
6. não. Deve deixar que aconteça o que ia acontecer, e fazer de conta que não sabe de nada.
7. não, porque se ele conhecia a história de Heinz.
8. ele deveria cumprir a lei mesmo sendo amigo dele porque não certo roubar a farmácia.
9. não, porque ele sabe da história de Heinz e os dois são amigos.
10. sim, porque Heinz estava errado em roubar.
11. não, porque o Heinz só estava tentando salvar sua esposa, se ele não fizesse isso ela iria morrer.
12. sim, porque mesmo Heinz sendo amigo dele, o policial tem que cumprir as leis deles.
13. não, porque se o policial viu que a mulher de Heinz tava precisando não deveria contar.
14. sim, ele pode perder o cargo dele.
15. falar mais tentar convencer que ele só roubou porque a mulher de Heinz iria morrer.
16. ele deve dar parte por que Heinz furtou e furto é crime.
17. sim, porque o Heinz roubou um remédio.
18. não, porque o Heinz furou para sua mulher e ele tentou os jeitos possíveis e não conseguiu.
- 19.
20. não, porque o policial sabe da vida da mulher dele.
21. sim, porque se não ele mesmo ia ficar com a consciência pesada.
22. não, ele deveria ajudar Heinz.
23. ele deve fazer de tudo para cumprir a lei, mas o policial sabe que aquela família está passando por uma história difícil.
24. sim é dever dele.
25. deveria libetalo porque isso é um caso de falsidade o que ele fez.

b)

1. sim, porque Heinz estava fazendo uma coisa errada, é contra lei.
2. sim, pois é seu trabalho, a mentira o proporcionaria maus destinos.
3. não, porque é o serviço dele.
4. não, porque foi por uma causa nobre.
5. se a polícia fosse a amiga de heinz não precisava dar parte de Heinz.
6. não, por ele saber o que está acontecendo com ele e sendo a situação que a esposa dele está.
7. não, porque amigo de verdade não trai o outro, principalmente se a esposa está morrendo.
8. deveria sim, porque um policial deve cumprir as suas ordens.
9. não, também porque são amigos do peito, não deveria na minha opinião.
10. sim porque um policial deve fazer de tudo para respeitar a lei.
11. não, porque Heinz só queria salvar a vida de sua esposa.
12. não, porque o policial iria saber da história dele e não ia fazer nada para poder prejudicar ele.
13. não porque quem é amigo acho que não conta ele não deveria contar.
14. não, se ele é amigo de verdade ele não faz isso.
15. sim porque ele tem que cumprir a lei, mas fazer de tudo para Heinz não ser preso.
16. não, ele não deve dar parte por que ele é amigo.
17. não porque ele é um amigo de Heinz não deve ser preso.
18. não, porque ele deve conhecer a história de Heinz.
- 19.
20. não, porque se ele é amigo de infância, nunca entregaria.
21. não, porque amigo que é amigo ao é dedo duro ele devia fazer de conta que ele não viu nada.
22. não, porque a mulher dele estava morrendo e ele deveria ajudar Heinz não dando parte.
23. não, além de ser amigo, se fosse o policial que estivesse na situação que Heinz está, Heinz não daria parte.
24. não, porque estragaria a amizade bela entre eles.
- 25.

Dilema 1B

a)

1. o juiz deveria sim dar a sentença, não é só porque sua esposa estava doente que ele deveria roubar o remédio, conversasse mais um pouco com o farmacêutico.
2. dar a sentença, pois assim, Heinz aprenderia com seus próprios erros e não torna-los a cometer.
3. se ele foi jogado e foi preso há mais nada para fazer.

4. deveria suspender e libera-lo porque essas coisas, nós não vemos todos os dias.
5. porque heinz queria salvar a mulher do câncer e da morte que está fazendo mal para ele.
6. deveria liberta-lo. Porque ele fez tudo isso para ajudar a esposa dele, e foi ele quem se prejudicou.
7. suspender porque ele roubou para salvar a vida de outra pessoa.
8. o juiz deveria dar uma sentença para Heinz. Porque assim ele aprende a não roubar mais.
9. devia somente dar uma sentença de 4 meses para ele aprender que é errado.
10. deveria dar uma sentença mais leve porque ele estava ajudando a pessoa amada.
11. liberta-lo, pois não é crime tentar salvar a vida de alguém
12. dele deveria suspender porque o Heinz fez tudo aquilo para poder salvar a mulher dele.
13. deveria liberalo contanto que Heinz pagasse o remédio.
14. tinha que libertar ele. Ele só fez isso pra salvar a mulher dele.
15. poderia deixar ele uns dois anos fazendo serviço comunitário. Porque ele roubar por uma boa casua e para não diserem que ele não teve punição.
16. deveria dar uma sentensa isso é melhor para Heinz refletir.
17. sim porque ele é um ladrão deve ser preso.
18. deveria dar uma sentença.
- 19.
20. sim, porque o Heinz não tava furtando para vender e comprar drogas, ele furtava pra mulher dele.
21. ele deveria dar uma sentença para ele fazer serviso de graça.
22. libertar, porque ele fez isso por uma boa causa.
23. o júri deve liberta-lo porque ele precisa cuidar da mulher dele.
24. sim porque é só quer que a esposa sobreviva.
25. deveria libertalo porque isso é um caso de falsidade o que ele fez.

b)

1. sim, pois eles cometeram um erro fatal.
2. sim, porque é a lei que manda isso.
3. sim, comcerteza, porque é a lei.
4. sim, porque as leis existem para manter um mundo melhor, mas geralmente isso não acontece.
5. sim, porque todo mundo que rouba tem que ser punido na cadeia.
6. sim, porque eles são obrigados a cumprir as leis, e se não cumprem são prejudicados.
7. não, porque as pessoas roubam, não porque passam fome e passam a vida inteira na cadeia e os políticos que roubam dinheiro do povo tem casas, carros, cartões e outras coisas de luxo.
8. tem, porque viola uma coisa que não está certa, deve sempre cumprir as leis.
9. sim porque se um assaltante está preso e é libertado ele volta a ser o mesmo.
10. sim, porque assim aprendem a respeitar a lei.
11. depende do crime que ele cometer, porque assim se for crime grave deve ser punido, agora se for com o caso de Heinz a pessoa deve ser libertada.
12. depende a lei sim, mas no caso de Heinz não.
13. dependendo do que essa pessoa fez sim, mas se for esse caso não.
14. não, nem todos os casos é ruim.
15. sim, porque a lei foi feita para ser cumprida.
16. tem por que ficaram impune se cometeram um crime.
17. sim porque o povo não está siguro.
18. sim, porque é para a gente viver bem em sociedade.
- 19.
20. sim, porque para não acontecer furtos todo dia.
21. sim, mais que Heinz só violo a lei porque ele teve que sauvar sua mulher.
22. sim, porque se as pessoas não serem punidas todo o mundo vai fazer o que quiser.
23. desde que for de forma onesta. Sim, porque nãoé todos que cometem os erros pecadores.
24. sim, porque haverá segurança para o povo do mundo.
25. deveria porque lei é uma coisa que foi colocada para ser cumprida.

c)

1. sim, pois agiu sem consciência no que iria fazer.
2. sim,não, só ele como também Heinz que deve ser punido, pois ninguém age sem pensar.
3. sim, porque é contra a lei, nem para salvar uma vida ele tem que roubar.
4. tem, pois uma pessoa que age dessa forma não é totalmente consiente do que faz.
5. sim, porque o transgressor tem que ser punido porque ele não tem que roubar.

6. sim, porque ele sabe os riscos que ele corre e sabe que vai ser preso o que não importa se tem consciência ou não.
7. sim, se ele matou uma pessoa.
8. teria que ser punido sim porque não é bom ficar desobedecendo a lei.
9. sim pois agiu sem noção, sem determinação, sem consciência ao furto.
10. sim, porque ele não estava fazendo para ajudar alguém, só pelo simples fato de roubar.
11. depende do crime que ele cometeu.
12. sim, porque Heinz roubou para salvar alguém e as outras pessoas roubam para fazer mal pras outras.
13. sim, se a pessoa faz sem pensar.
14. sim, porque é errado.
15. sim, porque ele roubou mesmo ajudando uma pessoa mais uma punição sem ser preso.
16. ele tem que ser punido porque ele roubou por roubar.
17. sim.
18. sim, porque Heinz roubou para sua mulher, um ladrão rouba para se enriquecer.
- 19.
20. não, porque ele tava robando para salvar a vida de uma pessoa que é a mulher dele.
21. sim, porque ele não roubou para ajudar a quem ele roubou por safadeza.
22. sim, porque ele quer isso não para ajudar alguém, mas para o interesse dele próprio.
23. sim, porque ele salvou a vida da mulher dele.
24. sim, porque ele roubou por direito dele.
25. tem que ser punido porque a partir do momento que a pessoa rouba é um fora da lei.

Dilema 2

a)

1. contaria para a mãe, porque ela cometeu um erro escondido.
2. sim, porque a mentira sempre um dia ou outro é descoberta.
3. sim, tem que contar porque é para o bem dela.
4. ela deve calar-se porque o que aconteceu com a irmã dela foi injusto.
5. porque a Judy tinha que comprar o uniforme para sua escola, porque ela estava bem.
6. não contaria. Porque um dia uma guarda segredo da outra.
7. se calar-se, porque a mãe de Louise foi injusta com ela.
8. ela deveria contar porque ela era muito nova e fica mentindo a mãe dela isso não pode.
9. contar, pois ela mentir para a própria mãe.
10. deve calar-se porque um dia ela vai fazer alguma coisa que sua irmã pode contar aos seus pais.
11. não, porque se fosse eu, eu ajudaria a minha irmã a escapar. Mas da próxima vez que ela for, eu iria junto para proteger.
- 12.
13. bom, eu acho que Louise não deve contar pelo fato que Judy confiou em Louise.
14. ela não devia contar porque Judy confiou nela.
15. calarse. Porque a mãe tinha dito que ela poderia ir depois falou que não é a minha fois sem a mãe saber.
16. não deve contar porque ela trairia a confiança da mãe.
17. não deve porque ela deve ter um segredo.
18. calarse porque ela economizou
19. deve contar, sinceridade é tudo.
20. deve contar porque a gente não pode esconder nada dos pais, principalmente mentir.
21. não, porque irmã que é irmã não conta nada pra mãe.
- 22.
23. ela deve contar pois Judy fez uma coisa muito errada ao mentir para a sua mãe.
- 24.
- 25.

b)

1. não, não importa a posição que sua irmã esteja.
2. não, só estaria cooperando em falar a verdade.
3. não. Porque se ela errou agora ela erra para sempre.
4. não, porque mesmo sendo irmã ela tem que cumprir a promessa, não porque agente mostra que é boa filho no dia a dia.
5. não, porque a Louise também queria ir no show que sua irmã queria ir.
6. sim, porque ela tem que se a vida da irmão.

7. irmãs tem que ser amigas uma da outra e ela vai ter que escolher se vai ser amiga ou uma boa filha.
8. se ela contasse ela ia ser a mesma filha de sempre se deveria contar sim.
9. faz diferença porque Judy e sua irmã é boa filha sim, proque não está escondendo nada da mãe.
- 10.
11. sim, porque vai ajudar a irmã dela, sim, porque a mãe dela iria gostar.
- 12.
13. não, eu acho que por ser irmã dela, devia ser amiga da irmã dela.
14. se ela contasse Judy não ia confiar. Nem puriso ia tomar uma filha boa.
15. não, porque o errado foi a mãe que não queria mais deixar.
16. não, porque luise deside sosinha e contra faz uma boa filha.
17. não, porque senão ela ia tomar um corretivo.
18. não, porque filho é filho.
19. não faz diferença.
20. sim, se a louise contar ela vai ter a atenção da mãe.
21. não, porque ela só ia contar por nada.
- 22.
23. Louise deve contar porque ela tem que ser uma boa filha.
- 24.
- 25.

c)

1. não, pois ela não deveria ter escondido o quanto conseguiu guardar.
2. não, pois a mãe é a quem tem autoridade para mudar suas decisões a hora que quiser.
3. é porque ela já está conseguindo o dinheiro.
4. sim, pois ela cumpre o que sua mãe havia falado e se sua irmã contar será um descompromisso.
5. sim, porque ela conseguiu ganhar o dinheiro para ir no show.
6. sim, porque ela não pegou dinheiro da mãe dela e sim o dela.
7. sim, porque ela economizou.
8. sim, porque com a o dinheiro dela ela comprou então a irmã não tinha que falar nada.
9. sim, porque é o dinheiro que conseguiu com o suor.
10. sim, porque foi ela que ganhou o dinheiro e ela faz o que quiser com o dinheiro dela.
11. sim, porque ela conseguiu juntar o dinheiro do show, porque sua mãe dissera que ela poderia ir se juntasse o dinheiro.
- 12.
13. sim, porque foi ela que conseguiu com o esforço dela e sua mãe antes já tinha falado que ela poderia ir.
14. e ela não foi com o dinheiro de ninguém.
15. sim, porque o dinheiro é dela ela faiz o que ela quiser.
16. faz porque foi Judy que ganhou não a mãe que deu.
17. sim, porque o dinheiro é dela.
18. sim, porque ela não dependeu de sua mãe.
19. não tem diferença que ela tem ganhado o seu próprio dinheiro porque ela mentio.
20. sim, porque ela fica sem comer pra ajuntar o dinheiro.
21. sim, porque ela trabalhou e conseguiu o dinheiro.
- 22.
23. o fato dela ter ganhado sem, mas ela ter mentido pois sua mãe não.
- 24.
- 25.

d)

1. sim porque ela conseguiu uma certa quantidade e dise a mãe que conseguiu outra quantidade.
2. não, pois ela poderia não conquistar o dinheiro se não fosse para o show.
3. sim, porque quando você fala, tem que cumprir.
4. sim, porque promessa é promessa.
5. sim, porque a mãe dela falou se ela ganhasse o seu dinheiro ela ia pro show.
6. sim, porque a menina se esforçou para ganhar o seu dinheiro e ir ao show.
7. sim, porque não cumprir promessa é a mesma coisa que mentir.
8. sim, porque antes a mãe dela tinha deixado e depois mudou de idéia porque promessa é dívida.
9. sim, porque ela já tem o dinheiro.
10. sim, porque ela já tinha prometido, e palavra dada deve ser respeitada.
11. sim, porque ela prometeu a Judy e depois falou que Judy não poderia ir.

- 12.
13. eu acho que não, isso seria feio porque promessa é promessa.
14. e a mãe dela deixou que ela ia se ela ganhasse o dinheiro.
15. sim, porque se a mãe prometeu está prometido não tem como voutar atrás.
16. é porque foi a Judy que trabalhou e ganhou o dinheiro. Isso é importante.
17. sim, porque a mãe deixou ela ir mais tarde não deixou mais.
18. sim, porque ela conseguiu o dinheiro.
19. é isso importante porque a mãe prometeu.
20. sim, proque a Judy ta dependendo dela pra conseguir o emprego.
21. não, porque ela sabe que sua mãe não dechou Judy sair.
- 22.
23. a mãe dela também errou, mas na decisão da mãe, não.
- 24.
- 25.

e)

1. não, pois não sei se vou ter confiança nela.
2. sim, pois nunca mais eu voltaria a vela.
3. sim, porque é a sua onestidade.
4. não, porque provavelmente você não cumprirá sua promessa.
5. não, porque se alguém prometeu alguma coisa elenão vai vir te procurar novamente.
6. sim, porque isso é coisa da pessoa, e se ela está fazendo promessa, alguma coisa ela quer.
7. sim, porque promessa é dfrvida.
8. a coisa mais importante é que a filha não minta para sua mãe. Porque mentir não é bom sempre acarreta muitas coisas.
9. seja assim já prometeu se achar a pessoa a coisa é cumprir.
10. não, porque já que você não verá ele novamente pra que cumprir esta promessa.
11. depende da promessa porque você não vai vela novamente, e também depende do que a pessoa te fez prometer.
- 12.
13. tem que respeitar sua mãe, pois ela deu tudo quando era pequeno e mãe eu acho que é uma coisa muito importante.
14. não, ela nunca mais vai ver a menina.
15. sim, porque se você não cumprir você não tem palavra.
16. não porque você não verá mais essa pessoa não tem necessidade de manter a promessa.
17. não, porque você não vai ver mais a pessoa.
18. não, se você não vai ver essa pessoa.
19. não, porque você nem conhece ela direito.
20. sim, se ele for seu amigo.
21. não, porque você nunca mais vai ver essa pessoa.
- 22.
23. não, porque se a gente não conhece a pessoa bem, e vai falando isso é uma importância bem clara.
- 24.
- 25.

f)

1. confiança, porque mais tarde a mãe pode começar a ter desconfiança dela em algum lugar que foi.
2. obediência, pois a desobediência traz castigo e a obediência gera uma pessoa melhor no futuro.
3. que o respeito é muito grande com a mãe.
4. o respeito, poruqe respeito você só ganha com respeito e nesse caso a mãe deve ser respeitada de qualquer maneira.
5. porque ela nunca tinha ido no show de seu próprio cantor era isso que ela queria?
6. a sinceridade porque assim uma poderá desabafar os problemas com a outra.
7. não mentir, mas se a mãe também é uma mentirosa que não cumpri as promessas, ela também pode mentir.
8. nunca mentir e apoiar a mãe sempre, porque sua mãe tem uma relação íntima com a pessoa.
9. de respeitar, ajudar. Porque assim não ocorre brigas.
- 10.
11. nunca mentir, porque assim sua mãe sempre vai confiar em você, pois você nunca mentirá pra ela.
- 12.
13. o respeito.

14. ela devia ter mais confiança com a mãe isso é muito importante.
15. o relacionamento. Porque vejo se a mãe tivesse um bom relacionamento com o filho ela teria cumprido o que ela prometeu.
16. a coisa mais importante é o diálogo porque sem diálogo a mãe não tem autoridade.
17. porque é a mãe.
18. a sinceridade porque a mãe deve ser sincera.
19. a sinceridade e o amor, porque sem isso não dá.
20. o respeito é a primeira coisa.
21. sim, porque a sua mãe dá tudo e se ela dá mancada é mal.
- 22.
23. porque mãe é tudo, e mais um pouco, mãe se preocupa com a gente.
- 24.
- 25.

g)

1. tudo, a não ser depois de tomar conta de si própria. Para a filha ter respeito aos pais que ela tem.
2. em tudo, pois a mãe é quem gera a vida e tem a autoridade sobre a filha.
3. rígido de algumas coisas porque é a privacidade.
4. a autoridade deve ser rígida mais com algumas exceções.
5. sim, porque a mãe tem que ser autoridade.
6. em tudo, para a sua filha não ser qualquer uma, e ser respeitada.
7. mandar a filha fazer coisas certas, não fazer promessas e não cumprir.
8. em tudo, porque a filha dela ainda era de menor e sua mãe fica responsável por ela.
9. observar as maneiras da filha porque a mãe tem direito de proibir certas coisas.
10. em algumas coisas como a escola, as festas... porque ela deve cuidar de sua filha.
11. em algumas coisas, porque se a filha quiser ir na casa de uma amiga, e ela não deixar, seria injusto.
- 12.
13. ajuda de sua filha, educala bem e não deixar faltar respeito.
14. em algumas coisas.
15. ele tem autoridade para orientar. Porque ela não pode simplesmente mandar numa adolescente.
16. em geral em algumas coisas a mãe não pode mandar ela comprar uma camisa com o seu dinheiro.
17. tudo, porque ela pode ser drogada.
18. em tudo porque a mãe que é sertã.
19. em tudo que ela deve achar que tem que ter autoridade.
20. com tudo em seu jeito e organização.
21. ela deve ter toda otoridade.
- 22.
23. de tudo, porque ela é mãe.
- 24.
- 25.

Dilema 2A

a)

1. por um lado não deve negar o dinheiro, porque quando o filho precisa também o pai, ou a mãe dá o dinheiro ao filho na hora que precisa.
2. não, pois o pai pode um tempo depois ter muito mais a oferecer ao filho.
3. não, porque a consciência é dele ele sabe o que ele fala e fez.
4. sim, porque mesmo sendo pai, ele não deve deixar de se divertir para que o pai se divirta.
5. não, porque o pai é que sustenta sua família e que trabalha para conseguir o dinheiro.
6. sim, porque ele economizou o dinheiro com a intenção já de ir ao acampamento.
7. não, porque ele trabalhou para conseguir.
8. acho que ele não deveria negar, porque o pai dele faz de tudo para ele então deveria dar o dinheiro para o pai.
9. não, porque é seu próprio pai, ele pode conseguir outro dinheiro.
10. sim, porque o pai dele negou o dinheiro para ele primeiro, e porque que o pai pode se divertir e Joe não.
11. eu acho que não, porque seu pai já o dá tudo que pode e o que não pode. Ele deve sim dar o dinheiro para seu pai mesmo ele ficando chateado.
- 12.
13. eu acho que não, pois sendo o pai depois ele pagaria isso a Joe.

14. deve, porque eleteve que ralar muito para conseguir esse dinheiro.
15. sim, porque ele também quer ir para um acampamento e foi Joe que guardou o dinheiro.
16. Joe deve porque o dinheiro é dele, ele trabalhou para conseguir o dinheiro.
17. não, porque o pai pode dar o dinheiro para ele ir ao acampamento.
18. não, porque pai é pai e foi ele que criou desde pequeno.
19. não, eu não daria porque eu economizei o meu dinheiro e ele não.
20. sim, porque o pai antes falou pra se que se ele arrumasse o dinheiro ele ia.
21. sim, porque ele trabalhou duro para conseguir o dinheiro.
- 22.
23. não, porque tudo que Joe precisa, os pais dão.
- 24.
- 25.

b)

1. por um lado não porque ele conseguiu através do seu trabalho e, outro sim porque é como eu disse acima.
2. sim, pois o pai é a autoridade máxima em casa e deve ser honrado e respeitado.
3. tem, porque pai é pai.
4. tem, pois ele é quem manda em Joe.
5. não, porque foi o Joe que conseguiu o dinheiro para sua viagem e para o lanche.
6. não, porque o dinheiro não é dele, e sim do bolso do menino.
7. não, porque ele mandou o Joe para ganhar dinheiro para o Joe ir ao passeio, não o pai.
8. não tem muito o direito, mais. Poruqe o pai deveria pensar também né, porque ele tinha deixado o filho ir ao acampamento agora não deixa mais.
9. sim, porque o pai quer ir a pesca especial
10. não, porque o dinheiro é de Joe e foi Joe que trabalhou.
11. + ou – porque o pai já o dá oque pede, mas pelo outro lado, Joe trabalhou duro pelo dinheiro.
- 12.
13. direito ele tem mais Joe da se ele quiser.
14. não, o dinheiro é dele ele faz o que quiser.
15. não, porque JOe conquistou seu próprio dinheiro para fazer oq eu ele queria.
16. não, o pai tem o direito de pedir, mas de falar para el dar não porque o dinheiro é de Joe.
17. não, porque o dinheiro é do Joe não dele.
18. sim, porque é o pai de Joe.
19. sim, mas eu não daria nem se apanhasse.
20. direito não tem só se Joe quiser dar, porque ele é pai que manda também.
21. não, porque joe trabalhou para conseguir.
- 22.
23. sim, porque ele é pai.
- 24.
- 25.

c)

1. sim, porque ele está ajudando o seu pai na hora que ele estava precisando.
2. não, Joe só estaria sendo obediente o que traria benefícios mais tarde.
3. não, porque isso não muda em nada.
4. não, ele continuaria sendo o mesmo, Joe só que sem o dinheiro e sem o passeio.
5. não, porque só por causa que o filho ganhou dinheiro ele tem que ser o melhor filho?
6. não, porque não está fazendo nada que seja um bom filho, e sim um menino normal que quer viajar.
7. não, ele já é um bom filho trabalhando para se divertir.
8. não, ele ia ser o mesmo filho mas também já estar ajudando seu pai porque o paid ele quer muito ir nessa pesca.
9. sim, porque o coração de Joe ia ficar mole e seu pai ia amar o empenho do filho.
10. não, porque o pai dele nem ia ligar para Joe depois da viagem.
11. sim, porque ele ajudaria seu pai.
- 12.
13. não isso depende do comportamento dele, não do dinheiro.
14. não eu só to ajudando o pai.
15. não, porque o pai dele conserteza trabalha e poderia ter guardado dinheiro pra ir.
16. aos olhos do pai, sim, para Joe não porque o dinheiro é de Joe.
17. não, porque ele será o mesmo.

18. sim, porque Joe ajudou em uma coisa que o pai dele não iria conseguir.
19. não tem nada a ver em dar o dinheiro.
20. sim, porque foi gosto do pai dele.
21. nos olhos de seu pai, sim, mas aí ele não vai no acampamento.
- 22.
23. sim, pois ele estaria sendo obediente e bem sucedido.
- 24.
- 25.

d)

1. não.
2. não, pois ele não conquistaria se não fosse pelo passeio.
3. não, porque é já palavra do pai.
4. sim, porque se o pai tentar ficar com o dinheiro ele terá um argumento.
5. se o pai quiser ir na festa, ele tem que conseguir o seu próprio dinheiro, porque foi o filho que conseguiu.
6. sim, porque ele se esforçou para ganhar o dinheiro e o pai dele sabia muito bem disso.
7. sim, porque JOe lutou pelo dinheiro.
8. sim, porque ele conseguiu o dinheiro para ir ao acampamento então o dinheiro é dele ele sabe bem o que ele deve fazer.
9. não, certo que ele conseguiu o próprio dinheiro, mas o seu pai que emprestado.
10. sim, porque ele pediu para o pai e ele não deu, aí ele trabalha para ganhar o dinheiro e o pai vem pedir para ele.
11. sim, porque ele trabalhou para conseguir o dinheiro, pois seu pai o deixará ir, se conseguisse o dinheiro.
- 12.
13. sim, porque ele conseguiu esse dinheiro ralando do suor dele.
14. sim, se o pai queria ter tanto nessa pescaria ele que trabalhasse.
15. sim, porque ele teve que se esforçar para conseguir esse dinheiro, não foi um dinheiro ganhado, mas foi suado.
16. é importante porque não foi o pai que deu o dinheiro.
17. sim, porque ele pode dar o dinheiro ao pai e o pai não devolver.
18. não, porque ele tem que aprender fazer alguma coisa.
19. sim, porque o dinheiro é dele e ele decide, não o pai.
20. sim, porque assim ele já vai aprender a se virar.
21. sim, porque não foi seu pai que deu o dinheiro, ele trabalhou para conseguir.
- 22.
23. sim, pois ele aprende a ganhar pra depois gastar.
- 24.
- 25.

e)

1. sim, porque se ele prometeu ao que disse ao filho dele deveria cumprir.
2. não, pois o pai pode mudar de opinião a hora que quiser.
3. sim, porque ela está falando.
4. sim, porque promessa é promessa.
5. sim, porque o pai prometeu que Joe iria ao passeio se ele conseguisse o dinheiro.
6. sim, porque se ele não tivesse prometido que se ele juntasse o dinheiro ele ia, e se ele não tivesse falado não eu não tinha juntado o dinheiro.
7. sim, porque o pai prometeu, e promessa é dívida.
8. sim, porque promessa é dívida, então eu acho que ele deveria dar o dinheiro pelo fato dele ser pai.
9. Joe pode dar o dinheiro ao pai e ganhar outro e seu pai ia deixar ele ir.
10. sim, porque ele prometeu para seu próprio filho.
11. sim, porque se ele não promettesse Joe não teria trabalhado para conseguir o dinheiro.
- 12.
13. sim, porque promessa é promessa.
14. sim, porque ele não vai deixar de se divertir pro pai sair.
15. sim, porque prometeu ta prometido.
16. porque o pai fez uma promessa ao filho e isso é importante.
17. sim, porque o pai não deixou ele ir ao acampamento.
18. sim, porque promessa é dívida.
19. sim, porque se o pai prometeu, ele não deve prometer.

20. sim, porque o pai acredita no filho.
21. sim, porque ele prometeu, não falou da boca pra fora.
- 22.
23. sim, pois ele prometeu e não cumpriu.
- 24.
- 25.

f)

1. não, porque se eu prometo e não vejo aquela pessoa depois de um tempo ela me vê ela pode me cobrar da promessa.
2. sim, se tratando de um caso que nunca mais voltara a vela, sim.
3. sim, para isso não quer achar que você não é onesto.
4. sim, para manter sua dignidade e que outra pessoa deve confiar em você.
5. porque se alguém promete que daria alguma coisa ele não daria novamente.
6. sim.
7. porque promessa é dívida e é importante porque se você não cumprir, as pessoas vão achar que você é um mentiroso.
8. não, porque promessa é dívida e se você prometeu você tem que cumprir ainda que para pessoas estranhas.
9. sim, pois uma promessa deve ser sempre cumprida.
10. não, porque você não verá a pessoa.
11. sim, porque você deu sua palavra. Depende da promessa porque você não verá a pessoa novamente.
- 12.
13. não, porque se você não conhece, não sabe como essa pessoa é.
14. não, porque você não conhece a pessoa.
15. sim, porque você deu sua palavra ao prometer.
16. não é importante porque você nunca a verá mais.
17. não, porque você não vai ver esta pessoa mais.
18. sim, porque promessa tem que ser cumprida.
19. sim, sim, porque se prometeu tem que cumprir.
20. sim, porque tudo que se fala tem que ser cumprido.
21. não, porque você não vai ver essa pessoa.
- 22.
23. não, pois o fato da pessoa não conhecer, o outro direito já é um fato.
- 24.
- 25.

g)

1. a confiança.
2. a confiança, mas além disso a obediência do filho para com o pai.
3. porque pai é pai e nunca vai deixar de amar.
4. respeito, amor e carinho, porque sem isso, não haveria uma família unida.
5. porque se o relacionamento com o filho foi importante para o pai ele cumpriria sua promessa.
6. o que ela prometeu para seu filho, para que não cobre o que ele permitiu. Isso é mais importante.
7. não mentir, cumprir todas as promessas que faz a seu filho.
8. nunca deve esquecer da responsabilidade, porque o filho dele era de menor tem que ser responsável.
9. amar, os dois devem se amar.
10. respeito porque assim os pais e os filhos se dão melhor.
11. não mentir, a sua palavra dada. Porque se ele prometeu, ele deve cumprir.
- 12.
13. porque prometer uma coisa é ter de cumprir isso.
14. a sinceridade com o filho.
15. a promessa, porque se ele promete e não cumpri o filho vai ficar muito triste.
16. as promessas o pai nunca deve esquecer que o filho ganhou o dinheiro.
17. porque o pai não cumpriu sua promessa.
- 18.
19. a sinceridade e o amor, a sinceridade, o amar o pai.
20. porque o filho é uma parte da vida dele.
21. seu pai nunca deve mentir para o velho e prometeu depois dá pra trás.
- 22.
23. do que ele promete para os filhos, isso é o essencial na relação.

24.
25.

h)

1. a responsabilidade porque deveremos estar de olho pois não sabemos com quem está andando no seu dia a dia.
2. em tudo, porque o pai é quem me deu a vida.
3. tudo.
4. a autoridade máxima com algumas exceções, porque o pai é a autoridade máxima.
5. porque o pai tem autoridade de mandar no filho desde pequeno, de grande não.
6. deveria sim mandar em um filho até dezesseis anos, só porque um filho que começa só dar desgostos ao pai.
7. total, porque pai é pai menos quando o pai nunca esteve presente a vida do filho e quer chegar mandando.
8. em tudo, porque você ser de maior quem manda em você é seu pai, por você ser de menor.
9. nas coisas do filho para ver se não esconde nada.
10. deve ser rígido porque assim o filho não vira malandro.
11. seria o impedir de fazer coisas erradas porque assim o relacionamento seria melhor.
- 12.
13. um ter respeito ao outro. O pai deve mandar e o filho tem de obedecer.
14. a confiança do pai.
15. até ele virar adolescente. Porque quando viramos adolescentes nós não queremos ordem, nós queremos mandar.
16. até quando o pai der o dinheiro para o filho.
17. o pai manda até os 18 anos.
18. tudo porque eles tem que se entender.
19. até quando ele tiver 18 anos.
20. de dar educação é sempre que o Joe pede ajuda.
21. autoridade máxima até os 18 anos.
- 22.
23. comanda o que o filho faz, e o deixa de fazer ele pode comandar até que o filho more junto.
- 24.
- 25.

i)

1. o respeito, a confiança, e a responsabilidade, a obediência.
2. a obediência, pois o filho deve sempre se preocupar em obedecer o pai.
3. porque o pai só quer o bem.
4. o de respeito, pois sem isso não há união dos dois.
5. se um pai tem que se preocupar como filho e o filho vai ter que preocupar com o pai.
6. a sinceridade. Proque um ajuda o outro.
7. fidelidade porque é a coisa mais importante.
8. a coisa mais importante é o filho respeitar o pai.
9. não, nunca perder um verdadeiro amigo.
10. respeito também.
11. não mentir porque seu pai confiaria e acreditaria nele.
- 12.
13. ao respeito dos dois.
14. até onde o filho deve estar errado.
15. o carinho, porque um filho sem carinho é revoltado.
16. a coisa mais importante é nunca mentir.
17. porque ele é um adolescente.
18. a sinceridade.
19. a sinceridade, o amor e o carinho.
20. porque o pai fez de tudo para Joe e com isso JOe foi feliz.
21. sempre ajudar seu pai.
- 22.
23. a importância e a felicidade dos pais.
- 24.
- 25.

Dilema 3

a)

1. não, porque é ilegal os médicos darem qualquer tipo de remédio que não é o que ela esteja precisando no momento.
2. não, é ilegal, errado, porque é um ato ilegal.
3. sim, porque de qualquer jeito ela vai morrer.
4. sim, porque ela está sofrendo, certo, porque ela pediu e ninguém merece sofrer.
5. porque o certo é da a morfina pra ela morrer porque ela não estava aguetando a dor.
6. certo. Porque ele não está matando ninguém por querer, se ele o matar ele está atendendo um pedido dela mesmo.
- 7.
8. deveria dar a droga, porque ela vai ficar sentindo dor até 6 meses.
- 9.
10. sim, para ela parar de sofrer, é certo porque ela pediu a ele.
11. sim, porque ela está sofrendo e ela pediu a ele. É errado porque ele iria estar dando uma droga para ela morrer.
12. é certo porque se ele dar a droga para ela, ela vai parar de sofrer, eu acho que ele deve dar a droga para ela.
- 13.
- 14.
15. sim, porque a mulher só não agüentava mais as dores e ela iria morrer de qualquer jeito.
16. ele deve dar a droga é errado pior que é ilegal e é certo porque ela irá morrer.
17. certo porque ela está morrendo de dor.
18. deve, é errado, mas a mulher está sofrendo e ela pediu.
19. não, porque não é certo matar alguém, é errado porque ela vai morrer do mesmo jeito.
20. sim, para ela parar com a dor. O certo não é dar mais melhor do que vê uma mulher sofrendo de dor.
21. sim, porque ela já ta de maior então ela decide se quer morrer ou não.
22. sim, porque é ele que está pedindo, certo porque ela está sofrendo.
23. é certo ele dar a droga a mulher pois a mulher está sofrendo.
- 24.
- 25.

b)

1. sim, ele deve dar sugestões no que ela deve ou não fazer.
2. sim, porque as decisões sempre devem ser tomadas em conjunto.
3. não, porque quem está sofrendo é ela não ele.
4. sim, porque ele vive com ela.
5. sim, porque é o marido que vai dizer se vai aplicar o remédio ou não para ela morrer.
6. sim, porque se ele gosta dela de verdade, ele há de ter uma opinião para a sua esposa.
- 7.
8. sim, porque ela é casada então o marido dela tem que ver se é certo dar ou não a droga para ela.
- 9.
10. deve, porque ele vai sofrer se ela morrer.
11. sim, porque ele é o marido dela, mas ele tem que entender que ela está sofrendo.
12. sim, porque se ele realmente a ama, ele vai querer que ela pare de sofrer.
- 13.
- 14.
15. não, porque é ela que estava sofrendo e concerteza ele iria querer que ela vivesse mais.
16. deve porque o marido gosta dela e não quer que ela morra.
17. sim, porque ele vai ficar vivo e não vai ter sua mulher do seu lado.
18. sim, porque é esposa dele e ele tem um certo controle por ela.
19. sim, porque se ela que morre mais ele quer ficar mais tempo com ela.
20. não, porque o homem ia sofrer vendo ela morrer.
21. sim, porque seu marido também dá as decisões.
22. sim, porque ele é companheiro dela ela deve também participar dessa decisão.
23. sim, porque a tem um compromisso com a lei.
- 24.
- 25.

c)

1. ajudar, dar proteção a ele, porque é na hora em que ela está precisando de ajuda.
2. acalmar a mulher e dar-lhe uma esperança que ainda há uma saída.

3. apoiar ela e conversar bastante com ela.
4. acatar a decisão da esposa, porque se ele ama ela de verdade, ele irá respeitar a decisão dela.
5. falar para o médico não aplicar se ele não quiser ficar sozinho dela.
6. conversar bem com a esposa e se o que é melhor para ela, porque não adianta ele não apoiá-la e ela sofrer.
- 7.
8. deve se decidir bem, porque esta em jogo a vida de sua mulher e não que qualquer pessoa.
- 9.
10. tem o direito de cometer o suicídio porque é ela que vai morrer e não matar outra pessoa.
11. entendê-la, porque assim ela iria se sentir mais calma.
12. antes que ela tome a droga eu acho que ele deve conversar com ela, para que ela possa sofrer tranquila.
- 13.
- 14.
15. deve deixar ela se decidir. Porque a vida é dela e é ela que está sofrendo.
16. deve por que o marido gosta dela e não quer que ela morra.
17. deve matar porque ela não vai voltar mais.
18. dar a droga a mulher, porque ela está sofrendo muito.
19. não é má-lá porque não é certo matar alguém.
20. rezar muito e ficar sempre do lado dela.
21. ele deve fazer o que sua mulher pediu.
22. ajudar ela a decidir o que é bom para ele.
23. dar uma boa opinião porque marido é como um 2º pai. O marido deve participar de tudo o que acontece com sua mulher.
- 24.
- 25.

d)

1. a decisão é da pessoa nesse caso, porque ninguém é obrigado a viver, mas numa hora ou outra iremos morrer.
2. o direito de viver, pois o único que tem autoridade e poder para dar é retirar a vida é Deus.
3. ela tem o direito dela. Porque ela não agüenta mais sofrer.
4. ela tem direito de cometer o suicídio, porque é simplesmente a vida dela.
5. sim, porque se ela quiser se matar tem que deixar que ela morra e que viva.
6. sim, porque cada um tem a sua vida, mais no caso dela, ela está sofrendo demais e de qualquer jeito irá morrer.
- 7.
8. a pessoa tem todo direito de escolher porque a vida é dela.
- 9.
10. sim, porque ela está sofrendo.
11. sim, porque a vida é dela, e ela decide o que quer.
12. eu acho que ela deve fazer o que pensa, porque seria uma decisão dela.
- 13.
- 14.
15. nesse caso, eu acho que ela deveria acolher. Porque se com uma dorzinha de cabeça agente fica de cama, imagina a dor que ela sente.
16. deve ficar do lado dela a apoiando.
17. ela quer morrer porque ela não quer ver seu marido sofrendo.
18. a uma pessoa sabe o que é melhor pra ela.
19. não, porque ela não é obrigada a querer viver a vida dela.
20. porque quando uma pessoa quer morrer é porque ela não agüenta mais de dor ou outras coisas.
21. ela tem o direito sim de se suicidar porque a vida é dela, ela manda nela.
22. sim, porque a vida é dela, ela decide.
23. se ele quiser morrer, ela pode cometer um suicídio, sim, é ela que está sofrendo, só ela sabia da dor que estava passando.
- 24.
- 25.

e)

1. não, porque talvez existem remédios ou tratamentos que pode salvar.
2. não, porque há várias saídas se ela conhecesse Deus, como por exemplo, a cura de doenças.
3. si ele preferiu morrer é uma opção dela.

4. sim, pois ela é um ser humano que sente dor da mesma forma que o cachorro.
5. porque a mulher está com muita dor de câncer que não agüenta mais e quer morrer.
6. sim, porque eles fazem isso pra evitar o sofrimento de quem está doente.
- 7.
8. sim, porque a mulher pode escolher se ela quer ou não morrer já o cachorro não pode escolher.
- 9.
- 10.
11. sim, porque ela está sofrendo muito e não há cura para seu câncer.
12. sim, porque ela irá parar de sofrer e de sentir a dor.
- 13.
- 14.
15. sim, se é isso que ela quer, porque não somos nós que estamos sentindo a dor que ela sente.
16. sim, se isso é o que ela quer. Porque não somos nós que estamos sentindo a dor que ela sente.
17. sim, porque ela quer morrer para não sofrer de dor.
18. sim, porque ele está sofrendo e ela tem o direito de querer morrer.
- 19.
20. não, porque o animal não fala por isso ele não consegue falar se quer viver ou não.
21. sim pra ela não sofrer de dor.
22. sim porque ela decidiu isso a vida é dela é ela que tá com dor.
23. sim, porque ela sente muita dor e se ele morrer, vai amenizar a dor dela.
- 24.
- 25.

f)

1. sim, pois a lei justifica que médicos não podem dar qualquer substancia a deixar a pessoa a morrer, e sim ajudar a ter uma nova vida.
2. sim, a ninguém ter essa autoridade de retirar a vida e a dar, senão à Deus.
3. não porque se ela pediu assim.
4. não, porque foi para parar com a dor da outra pessoa, que está conciente do que está fazendo.
5. sim, porque se a mulher mandar aplicar a morfina, o médico tem que aplicar na mulher.
6. sim, porque isso é fora da lei para ele, mas no caso, a mulher quem está pedindo.
- 7.
8. é errado, lógico. Porque é contra lei mais se a mulher está com muita dor não custa nada ele dar a droga por mais que seja contra lei.
- 9.
10. sim, não, porque ele vai estar polpando a mulher de sofrer mais.
11. não, porque ele está ajudando a mulher que suplica até a morte que a aplique a droga que a matará.
12. sim, porque se a mulher quer morrer, deveria dar a droga a ela para poder parar ou sofrer.
- 13.
- 14.
15. não se é isso que ela pede ao médico, tem que fazer, porque ela vai morrer mesmo sem tomar o remédio só que vai demorar.
16. isso é moralmente certo porque a mulher quer morrer e ele matou para aliviar a dor.
17. sim, porque o médico pode ser preso.
18. não, sim, porque vai pesar na consciencia dele depois.
19. sim, porque ele tá matando alguém.
20. errado é mas fazer o que ela tá sofrendo.
21. não, isso é moralmente certo porque ela tá sofrendo de dor.
22. não, porque o médico está atendendo um pedido de uma paciente.
23. errado, mais se a mulher quer tomar, para se livrar da dor, é uma escolha dela.
- 24.
- 25.

g)

1. sim, para termos uma sociedade, um país melhor do que esse.
2. a lei humana é fraca e incorreta, mas a lei de Deus é justa e eficaz, mas o correto é obedecer as leis humanas.
3. sim, mas ela quer morrer.
4. sim, porque as leis existem para serem seguidas e se isso não acontecer não haverá ordem.
5. sim, porque a maioria dos médicos obedece a lei se esse médico não quiser ficar preso dê morfina.

6. sim, porque se não você é preso, e às vezes é acusado das coisas que nem aconteceu.
- 7.
8. sim, porque a lei é tudo mais porque obedecer a lei é bom.
- 9.
10. sim, porque estamos muito errados.
11. não, porque as vezes a lei é injusta.
12. sim, mas no caso dela eu acho que não porque não vai matar para cometer algum crime, vai matar para ajudar ela.
- 13.
- 14.
15. não, porque ele fez o que a mulher queria e só ela sabia a dor que ela estava sentindo.
16. sim, porque o eu vem em primeiro lugar.
17. sim, porque o mundo vai ficando mais pior.
18. sim, porque a lei é uma consequência e que deve ser obedecido.
19. sim, porque se você não obedecer a lei pode ir preso ou pagar uma multa.
20. sim, para não ir preso e respeitar.
21. sim, porque se não você vai preso.
22. sim, porque se não obedecer a lei pode vir sérias consequências.
23. sim, mas a vida que está em jogo é a da mulher.
- 24.
- 25.

Dilema 3A

1. sim, porque ele desobedeceu a lei e matou a paciente.
2. sim, pois é o que ele viu e deveria contar.
3. não, ele tem que ficar quieto. Porque se aconteceu com ele não ia contar.
4. não, porque ele mesmo matando a outra pessoa ele estava ajudando a se livrar da dor.
5. sim, porque o dr Rogers tem que entregar o médico porque ele aplicou a droga na mulher.
6. não, porque ele não tem nada a ver com isso mesmo ele sabendo que foi o outro médico quem operou, ele tem que saber que foi pedido da vítima.
- 7.
8. não. Porque o Dr. Rogers sabia da situação então ele deveria ajudar o Dr. Jefferson e não entregar ele.
9. não, porque a mulher que pediu a droga para ela parar de sofrer.
- 10.
11. não, porque o Dr. Jefferson só estava ajudando a mulher, e além disso se fosse o Dr. Rogers ele também faria a mesma coisa.
12. não, porque ele deu a droga para ajudar a mulher.
- 13.
- 14.
15. não deve dar a sentença. Porque ele fez o que a mulher pediu.
16. não deve porque ele só aliviou a dor da mulher.
17. não porque foi a mulher que pediu para ele aplicar a dose.
18. sim, porque é contra a lei dar essa droga.
19. sim, porque ele não devia ter feito isso.
20. não, porque ele também sabia do caso ele sabia que ela pediu eu não entregaria.
21. não, porque ele só finge que não viu nada ele sabia do caso que a mulher se encontrava.
22. ele não deve entregar o doutor Jefferson porque ele fez o que foi melhor para mulher.
23. eu não iria entregar porque qualquer um que estivesse com a dor da mulher iria querer morrer.
- 24.
- 25.

Dilema 3B

a)

1. ele deve dar a sentença, porque desobedeceu a lei, matou a mulher e ainda por cima cometeu um erro fatal.
2. dar a sentença, para ele aprender com seus próprios erros e não voltar a cometelos.
3. deixar o dr. Jefferson livre porque a moça que pediu para mata-la.
4. deixar o doutor livre, porque o que ele fez não foi totalmente errado.
5. não, porque o juiz tem que dar a sentença que o Dr. Jefferson é culpado de aplicar a droga.
6. deixar ele livre. Porque foi o pedido da mulher se ela não tivesse feito esse pedido para ele, ela estaria viva.

- 7.
8. ele deve deixar livre porque ele fez isso daí por uma moça que não agüentava mais de dor.
- 9.
10. deve suspender, pois já que a mulher estava morrendo que mate ela de vez para polpa-la da dor.
11. ele deve suspender a sentença, porque a mulher já não agüentava mais a dor, ela estava quase louca de dor.
12. deve deixar livre porque o que ele fez foi uma forma de ajuda.
- 13.
- 14.
15. não deve dar sentença. Porque ele fez o que a mulher pediu.
16. o juiz deveria dar a sentença porque o dotor Jéferson cometeu um crime.
17. ele não pode ser preso porque ele ajudou a mulher.
18. deve responder porque Dr. Jefferson é um homem cumpridor da lei só deu a droga porque a mulher pediu.
19. ele deve pagar multa.
20. sim, porque ela não féis porque que pediu poruqe não tava mais agüentando de dor.
21. ele deve suspender a sentença porque Dr. Jefferson não fez nada de errado ele só fez o que a mulher pediu.
22. o juiz deve deixar ele livre porque ele ajudou a mulher e não sofrer mais.
23. ele deve deixar o dr Jefferson livre porque ele não cometeu um crime como roubar coisas não apropriadas.
- 24.
- 25.

b)

1. sim, porque não obedeceram a lei e se desobedecerem como iremos ter uma sociedade melhor. Com pessoas que fazem tudo errado.
2. sim, para rever os erros.
3. sim, porque cometeu algum crime.
4. sim, pois elas são um perigo para a sociedade com algumas exceções.
5. sim, porque se um médico aplicar alguma coisa na cliente que está com câncer, tem que ser punido.
6. em temo de sociedade sim, porque se não as pessoas já começam a fazer as coisas erradas.
- 7.
8. eles devem, mais ele só quis ajudar. Por que desobedecer a lei não é bom, mais ele só quis ajudar.
- 9.
10. sim, porque não estão fazendo para ajudar só pelo simples fato de roubar.
11. depende, porque se for que nem o caso dessa mulher, a pessoa não deve ser punida.
12. depende do caso sim, porque tem pessoa que comete crime para fazer o mal e tem gente que é para fazer o bem.
- 13.
- 14.
15. em alguns casos sim, outros não. Porque algumas pessoas infringem a lei para ajudar outras pessoas.
16. devem porque todos infringiram a lei.
17. sim, porque que ele pode estar matando uma paciente no hospital.
18. depende do caso, se infringir a lei para roubar, sim.
19. sim, mas depende do que ela fez, se ela matou alguém por acaso deve ser culpado.
20. depende da infringencia da lei como no caso do dotor não deveria ser punido.
21. sim, porque aquelas que infringem pra fazer o mal sim, devem ser punidas, mas aquelas que infringem a lei para o bem, não.
22. sim, poque se ninguém fose punido todo o mundo ia fazer o que quiser.
23. só aqueles que cometeram um crime, porque é justo e onesto.
- 24.
- 25.

c)

1. deveria sim, pois ele não deveria ter feito o que a mulher pediu e sim a ajuda-la naquele momento.
2. errado, pois a justiça vem somente de Deus, o certo seria, depois de algum tempo, absolvelo.
3. não, não foi tão forte o crime que ele fez.
4. errado, porque o caso dele não foi tão grave.
5. seria certo porque ele matou a moça que tava com câncer.
6. errado. Porque ele não teve a intenção de assassinar a mulher, e sim de aliviar a dor dela.
- 7.
8. seria errado. Porque ele só quis ajudar então ao invés de matar desse a sentença de alguns anos na cadeia.
- 9.

10. errado porque a mulher que pediu-lhe que aplicasse a droga.
11. errado, porque não se deve matar uma pessoa, sabendo que ele só estava ajudando outra.
12. errado, porque tudo que ele fez foi porque ele queria ver a mulher bem.
- 13.
- 14.
15. errado. Porque foi um pedido de uma mulher que está com muita dor e ela queria isso.
16. seria certo porque ele cometeu um crime.
17. não dar peã de morte porque ele fez a opinião do marido da mulher.
18. não, porque ele matou a mulher.
19. seria errado porque não é uma pessoa tão ruim assim.
20. errado, porque foi um caso grave, ela a mulher pediu porque não agüentava mais de dor.
21. seria errado porque ele não fez por mau ele fez porque a mulher pediu.
22. errado, porque foi a mulher que pediu que a matasse.
23. é totalmente errado, porque ele não cometeu um crime.
- 24.
- 25.